

LIARS.
LOVERS.
SOUL MATES.

Addicted after all

NEW YORK TIMES BESTSELLING AUTHORS

KRISTA & BECCA

RITCHIE

ADDICTED AFTER ALL

KRISTA & BECCA RITCHIE

www.kbritchie.com

Dois viciados. Uma história de amor épica.

Prepare-se para o pior.

É o que Lily e Lo tentam fazer quando Jonathan Hale agenda uma reunião

"importante". O problema: depois de serem empurrados aos olhos do público e lutarem contra seus vícios, eles não têm mais certeza do que é *o pior*.

Em um mar de muitas mudanças - incluindo Ryke e Daisy morando com eles - Lily percebe que a melhor parte de seus hormônios flutuantes pode ser o pior.

Seu desejo sexual está fora de controle.

Loren sabe que ela é insaciável, mas ele não está desistindo dela. Ela é uma parte muito grande dele. E enquanto ele carrega mais e mais responsabilidade, algumas das pessoas que ele ama duvidam de sua determinação.

Na conclusão de sua história de amor, Lily & Lo ficam lado a lado para lutar, uma última vez, pelo felizes para sempre deles.

ADDICTED SERIES

ORDEM DE LEITURA RECOMENDADA

Addicted to You (Addicted #1)

Ricochet (Addicted #1.5)

Addicted for Now (Addicted #2)

Kiss the Sky (Spin-Off: Calloway Sisters #1) **Hothouse Flower** (Calloway Sisters #2)

Thrive (Addicted #2.5)

Addicted After All (Addicted #3)

Fuel the Fire (Calloway Sisters #3)

Long Way Down (Calloway Sisters #4)

TRADUÇÃO:

@BOOKSUNFLOWERS

LOREN HALE

No breu da noite, corro tão rápido quanto à raiva me carrega. Cascalho da estrada suburbana escava em meus pés descalços, o frio de fevereiro mordendo minha carne. Eu não tive tempo para calçar sapatos, uma camisa ou até mesmo pegar um casaco.

— *Filhos da puta*, — Ryke rosna com os dentes cerrados, usando todo o seu poder e resistência - tudo o que fez dele uma estrela do colegial - para perseguir figuras vestidas de preto que correm pela rua. Eu nunca pensei que seria capaz de igualar a velocidade do meu irmão. Sem o peso da autopiedade e ódio, posso ir mais longe do que sonhei.

E eu vou.

Minhas pernas avançam em sincronia com as dele, nossos músculos se aguçam da mesma maneira. Nossas veias estourando e aquecendo com fúria vermelho-sangue. Porque nós pensamos que esses idiotas estúpidos atiraram em uma das garotas através da janela.

Um minuto atrás, Ryke e eu estávamos no andar de cima e ouvimos alguns estrondos altos, seguidos pelos gritos de pânico de Lily e Daisy. Quando corremos para o andar principal, Daisy estava pálida como um fantasma. Lily estava segurando a mão de sua irmãzinha, e meu olhar caiu para o estômago de Lil, um aumento perceptível nas dezoito semanas de gravidez.

Eu fodidamente corri no instinto. Só que desta vez, não sou eu quem está sendo perseguido.

Ryke estava ao meu lado, sem hesitação, sem perguntas. Ele deu uma olhada no rosto horrorizado de Daisy, e ele simplesmente enlouqueceu.

Nossa fama e notoriedade não deveria colocar *nenhuma* das garotas em perigo. É uma besteira completa.

Todos os seis de nós - Ryke, Daisy, Connor, Rose, Lily e eu - agora moramos em um rico bairro fechado da Filadélfia. Só que esses “portões”

cercam o bairro, não nossa casa de oito quartos. Às vezes, as verdadeiras merdas são as que estão na mesma rua e, nas últimas duas semanas, elas incitam nossa porta, usaram papel higiênico no quintal e bifurcaram a grama.

Essa é a primeira vez que os ouvimos fugir, e essa é a primeira vez que tentamos pegá-los.

Nós nos aproximamos deles, e sua maldição abafada se torna mais alta, seu pânico mais claro em seus passos apressados, e metade dos caras se dispersam em direção a uma mansão de tijolos com holofotes iluminando uma porta maciça. Cerca de três caras continuam correndo.

Então eles giram e apontam suas armas de paintball para nós. Uma série de *estalos* cortam o ar antes de alguns tiros se conectarem com o meu ombro e costelas, como um soco de dois segundos.

Jesus. Eu quero gritar até minha garganta sangrar e sacudi-los até que eles entendam. Até eles perceberem que não estamos em um jogo de tabuleiro com quem eles podem brincar - quando estão sentados em seus quartos sem nada para fazer.

Nós somos pessoas. Reais. Coisas reais que respiram que têm pontos de ruptura. Eu quero gritar tudo, mas eu não posso pronunciar uma única maldita palavra. Tudo está preso em meus pulmões.

Os caras param de atirar em nós quando percebem que estamos muito mais próximos. — Vai, vai, vai! — Eles gritam um para o outro. Um rapaz de capuz olha por cima do ombro e depois tropeça nos próprios pés. Assim que ele tropeça, prestes a comer o asfalto, eu agarro a parte de trás de seu moletom preto. Meu pulso dispara foguetes com minha adrenalina.

Ryke diminui a velocidade comigo.

— Me solta porra! — O cara grita, se debatendo em minhas mãos. Eu sinto meu coração bater contra o meu peito, minhas sobrancelhas franzem com seu corpo magro. *Ele é jovem.*

Em questão de segundos, seus amigos o abandonaram, avançando ainda mais

na escuridão. Ele percebe seus amigos correndo, e ele redireciona sua raiva. — EI! MULHERZINHAS! VOCÊS VÃO ME DEIXAR AQUI?!

Eu tiro a arma de paintball de sua mão e a jogo para Ryke, e então o cara se vira para mim, balançando o punho ao acaso no meu rosto. Eu evito facilmente, mas ele está se contorcendo tanto que é difícil segurá-lo na posição vertical sem que ele escorregue em minhas mãos.

— Se controla, — Ryke rosna para ele.

Ele tenta me dar uma cotovelada nas minhas costelas e eu agarro seu braço, adicionando com um sorriso de escárnio: — Você é quem está fodendo com a *gente*.

— E você é o idiota que chamou os policiais como uma cadela, — o cara

rosnou de volta. É quando o capuz caiu de sua cabeça e eu olho diretamente para o seu olhar venenoso. Cabelo castanho desgrenhado e um rosto jovem e suave. Ele não pode ter mais de dezessete anos.

Meu sangue esfria. E eu estico meu pescoço para Ryke. — Você vê algum policial? — Eu pergunto a ele com um tom de zombaria.

— Não, — Ryke diz, sua voz áspera.

Eu volto para o cara que estou segurando. — Veja, é só você e nós...

— Isso é ótimo, — ele me interrompe com uma risada curta, — vamos dar a porra de uma festa de chá e celebrar o ano novo. E então, quando eu sair, vocês dois podem *foder* a mesma garota e engravidá-la novamente.

Eu tremo, meu coração batendo em minhas costelas. Um milhão de insultos diferentes queimam meu cérebro, os maldosos tentando se firmar.

Então Ryke avança, com os punhos cerrados. — Seu filho da puta...

— Pare, — digo a Ryke, me certificando de colocar meu corpo entre ele e o adolescente. Ele não pode *bater* nele. Nem mesmo se esse cara der mil rumores que circulam nos tabloides. Não se ele souber mais sobre nós do que

nós jamais saberemos sobre ele. Ele é um adolescente entediado, lutando suas próprias batalhas que nunca veremos.

Eu entendo.

Eu costumava fazer essa merda o tempo todo. Fui preso por vandalismo com mais frequência do que por beber com menores de idade.

— O quê? — O cara finge confusão, provocando Ryke. — Você está chateado que não teve mais tempo com a vadia...

— Você quer jogar esse maldito jogo comigo, — eu interponho, minha voz tão aguda que fisicamente me dói. — Eu posso fazer você chorar tanto, você sangrar pelo seus olhos, então vamos voltar - *você* fodeu com a gente primeiro, e tudo o que estamos pedindo é que você pare. Não somos seus amigos da escola preparatória. — Estou tentando não ser condescendente. Eu poderia facilmente dizer "nós não somos seus amigos da escola preparatória, *criança*." Mas se alguém dissesse isso para mim aos dezesseis, dezessete ou dezoito anos, eu cuspiria na cara deles e diria para eles comerem merda.

Ele respira pesadamente com um lábio enrolado, ódio se espalhando por suas feições, como se ele não pudesse suportar ficar aqui por mais de um segundo a mais. Eu olho diretamente para ele, não dando a ele uma saída fácil. E ele finalmente diz: — Estávamos apenas brincando.

Ryke se aproxima e levanta a arma de paintball no rosto do cara. — Isso não é a merda de uma brincadeira!

O cara bufa e diz para mim: — Seu irmão é um idiota? É só uma arma de *paintball*.

Ryke joga a arma na estrada, e o estojo se quebra.

— Ei! — O cara grita.

— Minha namorada tem TEPT*****, seu idiota do *caralho,* — Ryke rosna. —

Você aponta algo que se parece com uma arma em uma janela, e a pessoas pensarão que é uma.

Minhas costelas se apertam. Daisy já passou por mais do que a Lily e eu imaginamos, e são esses fatos - os que eu precisava desesperadamente - que tornam mais fácil ver a felicidade dele com ela. Eu nunca pensei que iria orar a cada maldito Deus para garantir que o relacionamento deles durasse. Não é nem um desejo egoísta.

Eu estudo o rosto do cara, e qualquer remorso é afogado pela raiva, sua voz tremendo com isso. — Que namorada é essa? — Ele zomba de Ryke. —

Aquela que você *estuprou* quando tinha quinze anos ou a noiva do seu irmão?

— Você está brincando comigo, porra?! — Ryke grita, seu nariz se inflando. É uma merda. As pessoas sempre saberão detalhes sobre nossas vidas antes mesmo de sabermos seus nomes. Mas eu não posso *culpá-lo* por isso. É do jeito que é.

Eu vejo esse adolescente furioso olhar para o chão como se quisesse dizer *me deixe ir, me deixe ir embora, porra*.

Ainda não.

Eu aperto sua mandíbula e forço seu rosto para o meu. — Ótimo, — eu digo, — você pode acreditar nessas malditas mentiras, você pode espalhá-las, o que for, mas nós vemos você em nossa casa, assustando nossas meninas, faremos pior do que chamar a polícia. — ameaço, deixando sua própria imaginação assustá-lo. — Eu conheci merdinhas piores do que você, então não pense que você é algo especial.

Seu peito desmorona enquanto ele respira pesadamente, me lançando um olhar que não pode ser igual ao meu. E então ele gira de costas para nós e corre pela estrada, tropeçando por um segundo antes de recuperar a velocidade.

Ele grita de volta: — Vá chupar um pau, sua bicha! — E ele acena com os dedos do meio para nós.

Ryke solta um gemido frustrado. — Eu *odeio* esses caras.

— Eles estão apenas entediados. — O bairro ouviu que "pessoas famosas"

se mudaram para o quarteirão, e então esses adolescentes foram atraídos para

a nossa casa desde então. — Nós não podemos chamar a polícia, — eu digo para ele. — Espero que você perceba isso. — Por um lado, aquele cara no capuz poderia ter sido eu aos dezessete anos. E toda vez que fui jogado na cadeia, isso não fazia nada além de me irritar ainda mais. Por outro lado, só lhes dá razão para retaliar contra nós. Para voltar com mais ovos, mais bolas de tinta e talvez algo pior na estrada.

Agora sou inteligente o suficiente para reconhecer a falta de sentido desse tipo de disputa e vingança.

Connor Cobalt me ensinou isso.

Meus lábios se levantam lentamente.

Ryke geme de novo, perfurando meus pensamentos. — Eu gostaria que houvesse uma fodida solução para isso.

— Sim, — eu aceno. — Eu também. — Começamos a andar de volta pela rua escura até a nossa casa. Eu tento soltar meus ombros tensos, girando-os.

— Talvez as meninas não devam comparecer à reunião amanhã. — Me lembrar do telefonema do meu pai essa noite tensiona os meus músculos novamente. Eu esfrego a parte de trás do meu pescoço, essa agitação familiar inflamada. Depois dessa noite, eu gostaria de cancelar com o meu pai. — Eu só não quero que ele deixe cair mais merda em cima de nós, não enquanto estamos lidando com isso.

— Eu não quero Daisy lá de qualquer maneira. — Ele estende os braços, e eu posso ver respingos de tinta azul em seu ombro e peito com vergões avermelhados. — Por que diabos ele está arrastando as meninas para seus problemas, para começo de conversa? Deveria ser só você e eu. — Ele gesticula de seu corpo para o meu.

— Nós não sabemos do que se trata, — lembro Ryke. — Tudo o que ele

disse foi que ele queria falar com nós quatro. — Eu lambo meus lábios, minha respiração fumando o ar. Eu tento não tremer no frio, especialmente com o pensamento de como ele deixou Connor e Rose de fora. O que quer que nosso pai esteja fazendo, envolve apenas Ryke, Daisy, Lily e eu. Eu espero que não seja sobre os rumores no *Celebrity Crush*- que Lily pode estar carregando o filho de Ryke, não o meu. Eu odeio até mesmo entreter essas mentiras.

Eu tento soltar outro suspiro longo, mas sinto meu rosto se contorcer em uma expressão irritada.

— Com Jonathan, essa porra poderia significar qualquer coisa, — retruca Ryke.

— Sim, e pegue de alguém que já foi a essas 'reuniões improvisadas' - você tem que estar *preparado* para qualquer coisa. — Eu me lembro daquela em que ele basicamente me forçou a pedir a Lily em casamento, em seu escritório.

Eu me recuso a acreditar que isso é pior do que aquilo. Então talvez seja por isso que eu não estou tão assustado quanto Ryke. Meu irmão reviveu seu relacionamento com nosso pai - e é isso que vem com ele. Eu entro na toca do leão toda vez que entro na mansão de Jonathan Hale, e eu simplesmente rezo para que eu saia sem uma ferida profunda. Eu rezo para que eu seja forte o suficiente para suportar tudo o que ele joga em mim. E pela primeira vez, acredito que alguém lá fora, alguma coisa esquecida por Deus ou espírito ou louco, está ouvindo um fodido como eu.

Eu diminuo meu ritmo assim que faróis apontam em nossa direção. Eu levanto minha mão para proteger meu olhar da luz. Ryke pega meu bíceps e me guia para o meio-fio, então não somos atingidos no escuro. Eu não estou surpreso quando o Escalade para ao nosso lado. A janela escurecida desce, revelando o motorista.

Connor Cobalt, de 26 anos, tem uma mão no volante, vestido com uma camisa social branca. Seu cabelo castanho ondulado está perfeitamente estilizado como se ele acabasse de voltar de uma reunião de negócios.

Ele não voltou, a propósito. Eu sei que ele estava em um escritório no terceiro andar com a Rose, lendo ou folheando um dicionário - o que quer que eles façam em seu tempo livre.

Ele não consegue esconder seu sorriso ofuscante, o humor palpável em seu olhar enquanto ele examina nossa falta de roupas no inverno frio. Então seus profundos olhos azuis encontram meus âmbar.

— Solicitando de novo? — Ele brinca com uma sobrancelha arqueada. —

Quanto por um boquete, querido?

— Tanto quanto você vale a pena, — eu respondo, abrindo a porta do passageiro.

— E você, Ryke? — Connor pergunta enquanto meu irmão sobe no banco de trás.

— Eu não estou a venda, porra, — Ryke diz bruscamente, batendo a porta fechada.

Eu dou a Connor uma olhada. — Tem sido uma longa noite. O que você estava - lendo?

— Gozando, na verdade, — diz Connor, colocando o carro em marcha e

dirigindo de volta para a nossa casa.

— Fodidamente fantástico, — Ryke geme. — Enquanto estávamos congelando nossas bundas, perseguindo esses idiotas, você estava transando.

Connor nem sequer tenta conter o sorriso dele. — Eu sou o vencedor por aqui. Não deveria ser surpresa para ninguém agora. — Nem sua arrogância.

Eu realmente sorrio e aponto os ar-condicionado para o meu corpo, o calor expelindo.

Os olhos de Connor voam para os respingos laranja e azul nas minhas costelas e ombros. Como Ryke, vergões vermelhos estão sob a pintura. Seu

sorriso desaparece. — Eu não vejo como persegui-los enquanto eles ainda tinham armas de paintball nas mãos foi eficaz.

— É chamado de *intimidação*, — digo a ele.

— Você quer dizer estupidez.

— É? Qual a melhor opção? Chamar a polícia? Nós não estamos fazendo isso, Connor, — eu lembro a ele.

— Eu nunca disse que deveríamos. A imprensa pegaria a história e colocaria mais atenção em todos. — Ele faz uma pausa. — Vocês dois percebem que eles poderiam ter acidentalmente atirado em vocês nos olhos?

— Valeu a pena, porra, — diz Ryke, cruzando os braços sobre o peito.

Eu acrescento: — Se você visse as garotas, teria querido que corrêssemos atrás deles, com armas de paintball ou não.

Connor treina seu olhar de volta na estrada. — Eu vi as meninas.

Eu franzo a testa enquanto examino suas feições. Ele está se fechando de novo, o que me deixa nervoso. — Lily está bem? — Eu aperto os dentes com medo da possibilidade de que ela não esteja. Minhas costas retas e meus músculos tensos. — Connor...

— Ela está bem. — De repente, ele tranca as portas do carro, e seus olhos piscam para o espelho retrovisor, para o meu irmão mais velho no banco de trás, que fica mais angustiado. Se a Lily está bem, então isso significa... —

Por favor, não pule do carro, — diz Connor. — Eu nunca machuquei ninguém enquanto dirigia e gostaria de manter o meu registro limpo.

Seu nariz se inflama. — O que há de errado com a Daisy?

— Ela teve um pequeno ataque de pânico.

Cristo. Eu faço uma careta, como facas cortando meu estômago, e é principalmente por sentir meu irmão atrás de mim. Eu giro para olhar para

Ryke. Ele aperta a ponte do nariz, com os olhos bem fechados. Eu posso dizer que ele está engolindo um grito e se impedindo de socar o encosto do

banco.

— Pelo menos ela não está grávida, — eu digo. Um lado bom.

Ryke deixa cair a mão e se encolhe. Seus olhos castanhos se levantam para os meus. — Eu odeio pra caralho quando as pessoas a atormentam.

Eu sei disso agora. — Mas se nos mudarmos para outro bairro, será a mesma coisa em um cenário diferente. — Trazemos atenção para nós mesmos onde quer que estejamos e isso não mudará, não depois que o vício sexual de Lily foi divulgado, não depois de *Princesas da Filadélfia*, E

definitivamente não depois dos boatos de abuso sexual do meu pai.

A realidade é essa: Lily está grávida. Rose está grávida. Daisy está se segurando em sua sanidade. E a mídia é tão cáustica quanto sempre -

espalhando rumores, tentando tirar fotos dos corpos de Lily e Rose, e assediando Daisy sobre seu relacionamento com Ryke e sobre o relacionamento dele com a *minha* namorada.

Eu não sou o mais inteligente de nós. Ou o mais forte. Mas eu sei que todo mundo tem um ponto de ruptura. E às vezes me pergunto se nossos limites serão testados agora que Ryke está com Daisy, agora que estou prestes a ser pai, e Connor terá um filho com Rose. Essas coisas nos esticam mais do que antes.

Um passo em falso parecerá fatal. Porque não sou só eu que estou sofrendo. É Lil. É o nosso filho. Não há mais espaço para erros.

Eu gostaria de poder estar cheio de otimismo, mas para ser honesto, tudo só me assusta pra caramba.

***** *Transtorno do estresse pós-traumático*

LILY CALLOWAY

Eu me ajoelho no azulejo frio do banheiro bagunçado de Ryke e Daisy, esfregando as costas da minha irmãzinha enquanto ela vomita na privado. —

Nós deveríamos jogar papel higiênico no quintal da frente deles, — eu digo com um aceno de cabeça. Eles merecem, por toda a merda estúpida que fizeram na nossa casa na semana passada e depois pulando do nada e nos assustando com armas de paintball.

— Ou devemos rasgar as bolas deles. Lentamente, — Rose diz com uma voz fria e ameaçadora. Ela anda de um lado para o banheiro com um leque de papel japonês, jogando ar fresco em si mesma metade do tempo e em Daisy a outra metade. Ela para de vez em quando para dobrar uma toalha amarrotada no chão ou reajustar o tapete verde de banho. Ela já reorganizou as garrafas de xampu e guardou os absorventes e a escova de cabelo de Daisy.

É muito estranho, mas acho que sou a mais composta de nós três agora. O

sexo ainda não está no cérebro. Eu sorrio internamente. Eu me certifico de registrar a rara conquista com algumas outras.

— Eu não estou tocando na... coisa deles, — digo a Rose, e simples assim, meu rosto aquece.

— *Bolas*, — Rose enfatiza a palavra, me lançando um olhar de morte em uma escala épica. Eu culpo seus hormônios pela intensidade daqueles olhos verde-amarelados. Eles estão muito mais assustadores agora. — Ou *testículos*, se isso os torna melhores para você.

Eu balanço minha cabeça repetidamente, meu rosto corando. Eu já fiquei tonta a noite toda, um sintoma da gravidez, e a erupção vermelha não está ajudando minha cabeça girando. — Isso é pior. E eu não tenho problema com eles. Eu gosto de bolas. — Eu me encolho. Isso parece tão ruim. — Quero dizer, eu gosto *delas*.— Uma imagem do pau de Lo, duro e muito ereto, aparece na minha cabeça, e minha pele esquenta. *Não. Não. Não.* Pressiono minhas coxas mais apertadas juntas.

Através do olhar intenso de Rose, vejo vislumbres de preocupação fraternal.

Eu sou como uma tartaruga, lenta e firme. Eu não sou cem por cento capaz de falar sobre sexo sem corar. Não tenho certeza se algum dia eu ficarei *tão* confortável sem sentir que alguém vai arremessar um vibrador na minha cara.

Isso aconteceu há duas semanas fora do restaurante do Lucky. Não tem graça. E eu pensei que estar grávida me daria uma espécie de indulto como: *não jogue brinquedos sexuais em mim e no meu feto.* Nem tanto.

— Independentemente de você gostar delas ou não, as bolas deles precisam ir, — diz Rose. Ela está tão chateada com esses caras que ficam nos perseguindo. Eu também estou, mas eu não tenho mapas de guerra e armações planejadas na minha cabeça.

Daisy se levanta da privada, finalmente acabou de vomitar. Eu lavo o vaso sanitário e, em seguida, pressiono uma toalha fria em sua testa enquanto ela respira fundo.

Estamos todas em silêncio por um minuto, exceto pelo barulho do ventilador de papel de Rose enquanto ela joga o ar em Daisy. Eu tenho esses dolorosos flashbacks do que aconteceu, e estou mais abalada com a reação da minha irmã às armas de paintball do que com os caras de verdade.

Ela estava pintando minhas unhas com uma garrafa de Lucky Lavender enquanto eu lia histórias de gravidez em voz alta de uma revista de “futura mamãe". Minhas costas estavam para a janela, mas ela olhou para cima, com um puro pânico em seus olhos, do tamanho de pires.

E foi aí que começou os barulhos. Eu vi a tinta azul e laranja na vidraça como coco neon de pássaro, e nós duas nos levantamos juntas, o esmalte se derramando no tapete.

Quando Ryke e Lo correram para nós e saíram pela porta, Daisy murmurou alguma coisa e depois subiu a escada aos tropeções. Ela era um fantasma, sua respiração afiada enquanto ela sufocava por ar. Como se ela estivesse ofegando em terra seca. Eu a ajudei a ir ao banheiro dela no segundo andar e tentei acalmá-la para que ela respirasse normalmente.

Tudo isso durou cerca de vinte minutos, e só depois que ela vomitou que começou a se acalmar, a ficar mais à vontade. Sua regata branca com as palavras - *kapow, baby* - está encharcada de suor. Ela não está usando sutiã, o que eu entendo. Nem eu estou. Seios livres é o melhor. Além disso, somos ambas muito pequenas na parte de cima.

— Você pode falar? — Eu pergunto a ela, puxando uma mecha de cabelo loiro do seu rosto. Quando ela voltou da Costa Rica com Ryke, ela tingiu os fios multicoloridos de volta para o loiro e depois mudou as pontas dos

cabelos para tons de verde menta. Ela é legal demais para mim e é minha *irmãzinha*. Eu nem acho que ela percebe o efeito que ela tem em muitas pessoas. Quando ela sorri, geralmente todo mundo sorri também.

Talvez seja por isso que a tristeza de Daisy dói tanto. É como assistir a um Ursinho Carioso chorar.

— Eu exagerei, — diz ela com uma voz sombria, lágrimas se acumulando.

Meu estômago dá um nó. — Eu estava lá, Daisy, foi assustador. — Eu a puxo para mais perto de mim para que ela não esteja agarrada ao vaso sanitário, e eu envolvo meu braço em volta da sua cintura. Ela está usando o boné azul e vermelho de Ryke para trás, e ela descansa a cabeça cansadamente no meu ombro.

— Eu sinto muito, — ela murmurou, enxugando os olhos rapidamente. —

Eu só estou decepcionada... comigo mesma. — Sua voz treme.

Eu dou a Rose um olhar para *não* interpor. Ela não é o ser humano mais reconfortante do mundo. E ela sabe disso. Então ela gesticula, *tá,* para mim e fica fora disso.

— Eu quase fiz xixi nas calças, — digo a Daisy.

Ela ri baixinho e olha para mim.

— Estou falando sério. Eu sei que eu fiz xixi pelo menos um pouco.

— É porque você está grávida, — diz Daisy com um sorriso fraco. —

Você não pode segurar sua bexiga.

— Não, definitivamente foi de medo. Eu não estou *tão* ainda. — Dezoito semanas e a barriga de grávida é apenas perceptível. Eu ganhei talvez cinco quilos ou menos, e meu médico quer que eu coma mais, já que estou "abaixo do peso". Acho que desengonçada é uma palavra mais legal do que abaixo do peso.

Rose está com vinte semanas e muito mais grávida do que eu. Ela tem um solavanco redondo no vestido preto da Calloway Couture que molda seu corpo. Ela está desenhando mais roupas de maternidade - só para si mesma.

Lo a chamou de vaidosa na semana passada, e ela o golpeou com seu caderno de desenhos.

Eu gosto que ela esteja se certificando de que ela se sinta confortável. Isso é importante, especialmente quando muitas coisas estão mudando.

Daisy limpa a última lágrima com a manga da blusa, o outro antebraço embrulhado em um gesso amarelo brilhante. Ninguém ficou surpreso com o fato de a Costa Rica ter causado a Daisy uma fratura exposta e um ombro deslocado. Quando ela fica livre na natureza, ela se esforça.

Eu retiro o pano da testa dela.

— Obrigada, Lily, — ela sussurra para mim.

Meu coração incha. Eu reconheço que meu vício (e toda a atenção desagradável da mídia que ele trouxe) é a origem de sua dor. Mas não é culpa que me faz querer estar aqui para Daisy. É puramente por amor a minha irmã.

— Lily, seu pé, — diz Rose com uma careta.

Eu olho para baixo. Lucky Lavender está derramado em todos os meus dedos e minhas unhas esquerdas estão metades pintadas.

Daisy diz: — Eu vou refazê-las.

Rose se ventila. — Você não terá tempo. No minuto em que Ryke aparecer aqui, ele vai querer te abraçar. — Ela revira os olhos, mas acrescenta: — É

meio fofo.

Eu imagino esse abraço levando a outros atos sensuais. Mas eu não penso *muito* sobre isso. Eu me contorço um pouco, apertando minhas coxas. — Pelo menos você provavelmente vai transar hoje à noite, — eu digo para Daisy e cutuco seu quadril. Isso seria definitivamente uma vantagem no meu livro.

Mas não *com* Ryke Meadows. Com Lo. Separadamente. Eu aceno resolutamente em minha mente e evito um rubor vermelho escuro.

— Eu estou menstruada, — diz Daisy, suas bochechas ainda pálidas. —

Então, isso está fora de questão.

Estamos todas em silêncio por um segundo, e eu não consigo segurar. —

Apenas faça sexo no chuveiro. — Estou me surpreendendo, mais aberta do que o habitual. Talvez todas as conversas sobre sexo que tenho com Ryke estejam subconscientemente ajudando um pouco. Posso compartilhar algumas dicas sem precisar de uma mesa para me esconder.

— Nós nunca fizemos assim. Seria estranho, — diz ela.

Minhas sobrancelhas franzem. — Vocês nunca transaram no chuveiro? —

Espere. Eu levanto minhas mãos. — Ryke diz que ele transou na *floresta* antes. Mas ele nunca transou lá dentro? — Eu aponto para as portas de vidro do seu chuveiro gigante com três bocais e torneiras diferentes, além de azulejos de parede de paralelepípedos chiques.

Rose parece fascinada por essa conversa, as costas retas e os olhos alertas.

— Nós transamos lá, mas não enquanto eu estava menstruada. — Daisy não é tímida sobre sua vida amorosa com Ryke, o que eu realmente gosto.

Isso torna mais fácil falar com ela sobre Lo. — Não é nojento? — Ela

pergunta.

— Vale a pena ... — Eu paro. — Embora eu possa não ser a melhor fonte.

Eu sou conhecida por classificar o sexo acima da comida.

Daisy ri baixinho. Ainda bem que posso brincar com meu vício agora. Eu até sorrio.

— Que tal uma festa de pijama no quarto de hóspedes? — Rose pergunta a Daisy. — Vamos refazer as unhas dos pés de Lily e dormir na cama king size.

— Eu vou chutar vocês, — Daisy diz de repente. — Se dormirmos na mesma cama, quero dizer. Eu me movo muito e posso te chutar no útero ou algo assim e vocês duas teriam um aborto por causa de mim. — Ela inala bruscamente.

— Então você estaria me fazendo um favor.

— Rose! — Eu grito.

Ela revira os olhos novamente, arrependimento piscando neles. Ela não está filtrando *nada* ultimamente. — Está quente aqui. — Ela se abana mais um pouco, suando na testa.

— Talvez você devesse se sentar, — sugere Daisy.

— Vou me sentar depois de tramarmos nossa retaliação e nossos planos hoje à noite. Eles são mais importantes. — Ela gosta de fingir que a gravidez *não* tem efeitos colaterais nela, mesmo que ela tenha sido atingida por um enjoo matinal ruim. Eu felizmente contornei isso.

— Eu voto na festa do pijama e em jogar papel higiênico na casa deles. —

Eu levanto a minha mão no ar, assim que passos apressados soam e a porta se abre com tudo.

LILY CALLOWAY

Ryke entra no banheiro primeiro, seguido rapidamente por Lo e depois Connor. Enquanto eles se erguem acima de nós, uma nova tensão aparece no ar, e acho que todos sentimos a dinâmica mudando um pouco. Costumava ser Daisy e Ryke do lado de fora do círculo interno.

Agora são os caras contra garotas.

Nós os examinamos enquanto eles fazem o mesmo conosco, medindo nosso bem-estar de longe. Percebo as marcas vermelhas no ombro e nas costelas de Lo, salpicadas de tinta azul e laranja. Ryke tem impressões de paintball semelhantes. É seguro assumir que eles foram baleados. Meu estômago se revira. *Eles foram baleados.* Essa frase - não. Eu não quero imaginar algo assim acontecendo.

— Espero que esses caras estejam *dez milhões* de vezes piores do que vocês dois, — diz Rose, cortando a tensão.

— Eles são adolescentes, — diz Lo categoricamente. Eles devem ter os deixado ir.

— Perfeito, vamos ligar para os pais deles.

Os caras estão quietos, e Ryke não tira os olhos de Daisy. Eu posso dizer que ela está envergonhada pelo que aconteceu e pela atenção extra que tem sobre ela. Ela levanta as pernas até o peito, protegendo os peitos (e a camiseta transparente) dos caras. Eu a vejo mexer no branco dentro de seu gesso, e então ela coloca sua bochecha de volta no meu ombro.

— Olá? — Rose estala os dedos para eles e, em seguida, se concentra em Connor, que está com as mãos nos bolsos de sua calça preta. — *Você*.

— Nós não estamos dedurando, Rose.

Ela o encara com raiva. — Por favor. Não é dedurar. É *justiça*.

— É ambos. Embora dedurar, sem dúvida, supera a justiça.

Ryke e Lo se aproximam de nós enquanto Connor caminha até Rose na pia.

— Dais… — Ryke sussurra, se agachando, no nível dos olhos com ela. A preocupação em seu rosto aperta meu coração de maneiras diferentes. Eu

sempre quis que minha irmã encontrasse alguém que se importasse com ela, tão profundamente, mas nunca pensei que esse alguém fosse parente de Loren Hale. Eu sempre amarei esse vínculo extra que compartilho com Daisy, por quanto tempo ele durar.

Eu estou torcendo para que eles durem para sempre.

Ela levanta a cabeça e finalmente encontra seus olhos. Lágrimas derramam de seus cílios, cascateando pela longa cicatriz em sua bochecha. — Eu… —

Seu queixo treme, e eu tenho uma suspeita de que ela estava prestes a dizer que *exagerou* mas se conteve.

Ryke se senta na frente de Daisy e abre as pernas ao redor dela, então quando ele a puxa para perto, ela se encaixa bem contra o peito dele. É um abraço terno e gentil que eu nunca esperaria de um cara agressivo como Ryke. Mas ele tem um lado gentil quando se trata da minha irmãzinha.

Ela vira o boné de beisebol e o abaixa, bloqueando os olhos dele e de todos os outros. Seu corpo vibra com lágrimas mais pesadas e não sei como consolá-la. Ela se sente como se tivesse falhado, chateada que ela teve um ataque de pânico sobre armas de paintball e causou uma cena.

Ryke a segura com força, e seus braços magros envolvem seu peito nu.

Uma pedra impenetrável em uma tempestade violenta. É isso que Ryke Meadows sempre foi.

— Lily. — A voz aguda captura minha atenção. Lo está acima de mim. O

foco de olhos âmbar é todo meu. Suas feições são maravilhosas, as maçãs do rosto bem cortadas e a pele irlandesa suave. Eu penso: *o bebê dele está em*

mim. É um pensamento tão estranho.

Mas isso me varre em uma corrente elétrica, provocando cada nervo e adicionando uma batida extra ao meu coração.

— Oi, — eu respiro superficialmente, como se essa fosse a primeira vez que eu o vejo. Meu pescoço aquece, sem dúvidas com um tom vermelho vibrante.

Seus lábios se levantam em um lindo sorriso. — Lily, — ele diz meu nome novamente, roucamente em uma voz profunda e *sexual*.

Meu corpo se arrepia. — Não faça isso, — sussurro, ruborizando mais.

— Lily, — ele repete, sutilmente lambendo o lábio inferior. Oh meu Deus.

Eu me levanto do chão para beliscá-lo ou socá-lo nas costelas por me provocar com o meu *nome*. Quem faz isso? Ele nem me tocou ainda. Assim que me ponho de pé, o mundo gira cento e oitenta graus. Eu me inclino para trás quando a minha visão se enche com manchas pretas e brancas.

— *Lily*.— A preocupação rompe sua voz, mas eu sinto suas mãos em volta dos meus quadris antes que eu caia. Ele penteia meu cabelo castanho curto para fora do meu rosto, e eu pisco algumas vezes, suas feições limpando a névoa tonta.

— Esse é... meu *Lily* menos favorito, — eu digo em voz baixa.

Ele exala em voz alta. — Não fique de pé tão rápido da próxima vez. Sua pressão...

— ...está baixa, — eu termino. — Eu sei. — Tomei muitas medidas adicionais para garantir uma gravidez saudável: vitaminas, comer menos besteira e ler livros. Mas quanto mais eu tento, menos eu consigo. Rose deixa sua médica com uma nota 10 e um tapinha nas costas. Eu deixo a minha com uma lista de coisas para trabalhar.

Lo disse que eles provavelmente subornam a médica para dizer coisas legais, apenas para nos fazer trabalhar mais. Eu duvido. Embora, talvez a médica esteja com medo da ira de Rose. Essa é uma possibilidade provável,

especialmente desde que ela passou por quatro ginecologistas antes de escolher a Dra. Freida Dhar.

Meu dedo roça a tinta azul em suas costelas, o lugar tão vermelho embaixo que eu me pergunto se isso vai doer. E eu apenas abraço Lo, meus braços voando ao redor de sua cintura. A ideia de uma bala real cortando sua pele quase sufoca a respiração dos meus pulmões. Perder Loren Hale é perder a minha vida. São esses momentos - de mudança catastrófica e de fatalidade brutal e feia - que reconheço o quanto eu o amo profundamente.

Ele inclina meu queixo para cima com os dedos, lendo bem minhas feições doloridas, e ele sussurra, — Estamos bem.

Eu concordo. *E então ele beija meus lábios, cheios de pressão e força que entorpecem meu cérebro. Sim. Fecho os olhos e flutuo com as sensações arrebatadoras, sua mão caindo para o cós das minhas leggings. Sim. Eu me sinto tão molhada e pronta para aquela imagem de seu pau se tornar realidade. Mas talvez não seja um bom momento?*

Não tenho certeza.

E então ele se afasta, meus lábios ainda quentes de seu toque. Ele sussurra, *mais tarde.*

Mais tarde. Eu posso aceitar mais tarde. — O que tem mais tarde? — Eu pergunto.

Ele apenas sorri.

Sua provocação está me matando. De um jeito bom-ruim. Eu cruzo meus

tornozelos, me viro para as minhas irmãs, e me inclino contra o peito de Lo.

Suas mãos se fixam em meus quadris, alguns de seus dedos mergulhando abaixo do cós das minhas leggings. Ele é sorrateiro.

Eu me pego esfregando minha bunda contra sua virilha, e paro quando as pontas dos dedos dele cavam na minha pele como se ele estivesse tentando não ficar *tão* excitado.

Mais tarde.

Eu posso ouvir Ryke sussurrando baixinho para Daisy, mas eu não consigo entender nenhuma das palavras.

Na minha frente, Rose puxa seu cabelo castanho e sedoso em um rabo de cavalo enquanto fala com Connor em francês. E então seu olhar se dirige para o meu e ela fica quieta.

— Falando sobre nós? — Lo pergunta a ela, e eu posso sentir seu meio sorriso amargo atrás de mim.

Os olhos de Rose se estreitam. — Você está passando muito tempo com meu marido, — diz ela. Connor mal se inclina, sabendo exatamente para onde ela está indo. Minhas sobrancelhas apertam em confusão com Lo.

— Por que isso? — Pergunta Lo.

— Você adquiriu o narcisismo dele. *Não*, nós não estávamos falando sobre *você*. — Ela coloca o amarrador de cabelo no lugar. — Supere isso.

O rosto de Lo se aguça. — Ei, Rose, — diz ele. *Ah não.* — Você quer saber como é a justiça cármica? Seu bebê, *rasgando* lentamente sua vagina ao sair. — Ele dá outro sorriso seco, e eu lhe dou um soco no braço. Ele mal reconhece o ataque. O comentário sobre *se superar* deve ter realmente atingido ele.

Rose endireita a atenção e mostra dois dedos do meio para ele. — Vai. Se.

Foder. Duas vezes.

— Eu posso contar, obrigado, — diz Lo.

Connor está encostado no balcão da pia com o braço preso na cintura de Rose. Seu sorriso cresce e cresce quanto mais tempo eles continuam com isso. Isso é ótimo para ele, mas eu estou começando a suar excessivamente, com medo de que a luta verbal entre eles seja ruim. Eles já estiveram lá antes e isso pode acontecer facilmente novamente.

— Eles ensinam álgebra na detenção? — Ela diz com uma inclinação da cabeça.

— Fraco, — ele responde de volta.

Ela franze os lábios.

Eu olho para Daisy, que ainda está sentada no chão com Ryke. Ele gira o boné de beisebol azul para trás em sua cabeça novamente, suas lágrimas secas. Ela raramente usa maquiagem como eu, então ela não tem rastros de rímel. Ryke se inclina para beijá-la e ela vira a cabeça rapidamente.

A parte inferior do meu estômago cai com a rejeição.

Ryke está rígido e imóvel. E então Daisy diz: — Eu vomitei mais cedo…

— *Oh… Daisy.* Eu me encolho em quantos momentos ela provavelmente desejaria poder alterar e rebobinar. Ela se levanta e se dirige para a pia.

Connor desliza para o lado para que ela tenha espaço para escovar os dentes.

Ryke se levanta e esfrega os lábios em pensamentos enquanto vagueia até nós. E então ele sussurra para mim, — Ela vomitou?

Eu concordo. — Ela estava enjoada. Ela está melhor agora, eu acho.

— Pelo menos ela te deu um aviso, — diz Lo ao Ryke. — Lily teria simplesmente me beijado.

Eu fico boquiaberta e depois penso por um segundo. — É... talvez. — Eu provavelmente teria esquecido que vomitei. Eu enrugo meu nariz. — Eu sou tão nojenta assim?

— Não, amor, — diz Lo e, em seguida, beija o exterior dos meus lábios como o maior provocador. Eu só percebi agora que Ryke já saiu do nosso lado e foi para o lado da Daisy.

Rose limpa a garganta para controlar a atenção de todos.

— Bola de pelo? — Lo pergunta.

Rose o ignora batendo as mãos uma vez bem alto. — Estávamos realizando uma votação antes de vocês três aparecerem. Queremos nos vingar desses caras...

— *Não*, — diz Lo imediatamente, me surpreendendo tanto que minha boca cai.

Rose cruza os braços, chamando mais atenção para os seios, que cresceram consideravelmente desde a primeira semana de gravidez. — Eu desprezo os eleitores desinformados.

— Eu entendo, — reforça Lo, dando um passo em frente e se soltando de mim. — Você quer assustá-los tanto quanto eles assustaram sua irmãzinha.

Mas você retalia, e você está os provocando ainda mais.

Eu respiro profundamente. Esse é um novo Loren Hale. Aquele que aprendeu com todos os seus erros. Aquele que entende o certo e o errado e todas as partes cinzentas e confusas no meio.

É um Loren melhor, a versão de si mesmo que ele tem lutado o tempo

todo. Estou tão impressionada com sua proclamação que preciso enxugar rapidamente as lágrimas antes que elas apareçam.

— Isso não é uma autocracia. — Rose aponta seu leque de papel dobrado para ele. — Você não pode decidir o que a casa vai fazer.

— Se é uma democracia, — Connor interrompe, — então por que você estava votando sem nós, Rose? — Bom ponto.

— Vocês não estavam *aqui*, Richard. — Ela gira para ele. — Agora que vocês estão, vocês podem votar.

— Um voto de pena, — diz Connor com facilidade. — Você está me dando algo que você odeia.

Os olhos estreitos de Rose realmente se suavizam com esse golpe. Seus ombros relaxam por um segundo.

Daisy desliga a torneira e percebo que ela já lavou a pasta de dente da boca. Ryke está segurando a mão dela, o que é realmente fofo. Eu tento conter um sorriso que quer brotar. Um segundo, estou quase chorando e agora estou quase sorrindo. Meus hormônios precisam dar uma pausa e me deixar em uma estase de contentamento, de uma vez.

— Eu não acho que devemos brigar sobre isso, — diz Daisy suavemente.

— Não estamos, — quase todo mundo diz em uníssono - todos, menos Ryke, que apenas revira os olhos para nós.

— É papel higiênico, — de repente eu falo. — Estamos recuperando nosso...

— Poder, — Rose proclama, levantando o queixo.

Ryke balança a cabeça. — Há maneiras melhores de se sentir seguro do que retaliando. — Seus olhos voam de mim, para Rose, para Daisy, e depois de volta para mim.

Hesito em ficar do lado de Lo, que acredito estar certo em não provocar nossos vizinhos ou do lado das minhas irmãs, que precisam do meu apoio. —

Daisy deve decidir, — percebo. Eu quero fazer o que Daisy acha que é melhor. Ela é quem está mais assustada.

Daisy oscila desconfortavelmente, todos os olhos fixos nela. Ryke está atrás dela, seus braços ao redor de seu peito para que ninguém possa ver seus mamilos. Isso é ainda mais fofo do que segurar as mãos. Eu vejo minha expressão no espelho. Oh meu Deus, meu sorriso é tão apaixonado.

— Eu... não quero incomodar ninguém. — ela finalmente diz.

— Você não vai, — diz Connor. — Todo mundo tem suas próprias opiniões e nós respeitamos a sua. Embora haja uma resposta certa e uma

resposta errada aqui.

Rose bate no peito com as costas da mão. Ele pega e beija a palma da mão dela.

— Posso ter algum tempo para pensar sobre isso? — Daisy pergunta.

— Sim, — eu digo antes de Rose negar isso a ela. — É provavelmente melhor se você pensar sobre isso primeiro.

Surpreendentemente, Rose concorda com a cabeça, embora eu aposto que ela ainda está planejando cenários de vingança em sua mente. Eu gostaria de ter um boneco de vodu ou magia onde eu poderia decretar castigos não letais de longe. Como *Sabrina, Aprendiz de Feiticeira.* Embora seus feitiços geralmente saem pela culatra.

Enfio o dedo na barra da calça de moletom de Lo e fixo os olhos em Daisy.

— Festa do pijama?

— Do que você está falando? — Ryke pergunta.

Os dedos de Rose estão entrelaçados com os de Connor. — Estávamos pensando em passar a noite em um dos quartos de hóspedes, apenas nós, meninas.

As feições de Ryke escurecem como uma tempestade chegando. Ele obviamente preferia que ela dormisse com ele, mas talvez ele também esteja com medo de que ela nos chute. E eu me pergunto o que ele faz à noite para fazê-la se sentir segura e se ela vai adormecer com a gente.

— Fala, — Rose estala para ele.

— Se a Daisy quer ter uma festa do pijama com vocês duas, está tudo bem, porra, — declara Ryke. — Eu não vou dizer a ela o que fazer. Tudo que eu quero é o que *ela* quer.

Os cantos dos lábios de Rose se curvam para cima. — Você é muito melhor do que o Julian.

Lo solta uma risada seca. — Mais da metade da população masculina é

melhor do que o ex-namorado da Daisy.

— Porra, não me lembre dele. — diz Ryke.

Daisy limpa a garganta. — Eu sei o que eu quero fazer, sobre dormir essa noite. — Todo mundo se concentra nela. Ela inala com força e diz, — Acho que devo dormir na minha própria cama. Eu realmente não quero rolar em cima de uma de vocês, e tenho medo de ficar tão preocupada com isso... e com outras coisas, que eu não vou conseguir dormir.

Eu aceno de maneira compreensiva, assim como Rose.

— Obrigada por nos dizer seus sentimentos, — eu digo para Daisy com

um sorriso.

Ela sorrir de volta.

Eu teria gostado de qualquer coisa que ela tivesse escolhido, mas essa é uma ótima opção. Estou ficando Loren Hale essa noite.

Minha coisa favorita no mundo.

{ 4 }

LILY CALLOWAY

O edredom cor de champanhe se agrupa no fundo da cama king-size, e nenhum de nós desperdiça energia para puxá-lo para cima. Uma fina camada de suor reveste meu corpo e, apesar do leve cansaço que me rodeia, anseio por uma repetição.

Meus hormônios flutuantes não ajudam minha causa. Em nada.

Lo inclina a cabeça no travesseiro vermelho escuro ao meu lado, deitado de costas enquanto seu peito sobe e cai em um ritmo pesado. De todos os lugares que vivemos juntos, esse quarto é o mais espaçoso e se adapta melhor às nossas personalidades. Um candelabro preto com velas (em vez de diamantes chamativos) paira sobre a nossa cama. Dois armários pretos estão ao lado de um confortável sofá de camurça e cadeiras roxas, almofadas vermelhas e um tapete de champanhe. Na verdade, parece uma casa.

Eu me contorço, apertando minhas coxas juntas, enquanto observo a respiração de Lo, e eu sinto vontade de tocar seu abdômen.

Ele lambe os lábios e diz, — Não foi bom o suficiente, eu aceito.

O quê? — Eu grito, meus olhos arregalados. Foi *muito* bom. Stellar. Digno de foguetes e viagens para a lua.

Covinhas pontilham suas bochechas enquanto ele tenta não sorrir. — Você está com esse olhar.

— Que olhar? — Eu me viro para encará-lo completamente, meu quadril no colchão macio.

— Aquele que diz que você quer que eu te foda de novo, — ele me diz, tão casualmente. Mas tem um jeito de iluminar meu núcleo com nova vontade e desejo.

— Oh... *esse* olhar. — Eu tento limpar meu rosto. Isso mal funciona. Eu estou olhando muito forte em seus lábios, os rosas suaves que imploram para

serem beijados. — Você sabe que só porque eu *posso* querer fazer isso de novo, isso não significa que a outra vez não foi boa o suficiente.

— Eu sei, — ele respira. — Eu só estou brincando com você, Lil. — Ele me puxa para mais perto de sua cintura, e acho que, talvez, sua mão vai

descer para o ponto muito úmido entre as minhas pernas. Em vez disso, a palma da mão desliza do meu colarinho para o meu estômago.

Eu estou parcialmente grata por não ser tão grande e redonda ainda.

Algumas posições serão mais difíceis durante o sexo, e sim, é um pensamento egoísta, que eu tenho tentado superar. Porque em cerca de cinco meses, precisarei ser completamente altruísta - ou pelo menos ter uma vida sexual um pouco controlada.

— Você já sentiu alguma coisa? — Ele pergunta suavemente, seus dedos circulando minha barriga.

Não sei se ele está tentando me distrair do sexo ou se essa é uma pergunta legítima. Quando ele agarra o lençol amassado perto dos tornozelos e o puxa pela cintura, escondendo o pau de vista, acho que provavelmente é o primeiro. Mas eu respondo de qualquer maneira.

— Não, — eu sussurro. — Não que eu esteja ansiosa por isso. Vai ser estranho. — Eu vou gostar de saber que meu bebê está vivo e ativo, mas apenas a ideia de algo vivo e se movendo dentro de *mim* tem um certo fator de estranheza. Lembrar que o bebê é uma parte de Lo diminui um pouco disso.

— Você me diria, certo? — Pergunta ele, seus olhos voando para os meus.

— Eu quero saber quando isso acontecer pela primeira vez.

É a minha vez de tentar conter meu sorriso. Lo tem me apoiado desde que ele descobriu que eu estava grávida. O fato de que ele *nunca* quis filhos - que esse bebê foi uma surpresa indesejável, em vez de uma alegria - foi arquivado em outro lugar. Em algum lugar longe demais para nunca aparecer

novamente.

— Eu te conto tudo, — eu lembro a ele. — Como eu joguei bolachas de água e sal em uma tigela de sorvete de menta com gotas de chocolate. Que foi tão bom, mas tão nojento. — É o meu lanche favorito.

— Foi nojento, — confirma Lo. Ele apoia o cotovelo na cama, seus dedos roçando levemente meu quadril.

Eu fecho meus olhos, praticamente derretendo, e sua mão volta para o meu colarinho. *Tão malvado.* Quando os abro novamente, vejo o envelope branco na mesa de cabeceira. — Talvez não devêssemos esperar.

Lo segue meu olhar e balança a cabeça. — Rose vai te matar.

Ele tem razão. Algumas semanas atrás, ela estava obsessivamente comendo laranja enquanto eu mergulhava bolachas em um oceano de sorvete.

Quando ela arrancou a casca, ela disse que queria estar presente quando eu

descobrisse o sexo do meu bebê.

Ela foi intimidamente assustadora, mas eu teria dito sim, mesmo que ela fosse toda sorrisos. Então, depois do meu ultrassom, nós dissemos ao médico para selar a notícia em um envelope. Ali repousa. Eu acho que posso esperar até de manhã.

— O que você quer? — Eu faço a pergunta que nós dois evitamos há algum tempo. — Um menino ou uma menina? — No fundo, eu sei a minha resposta, mesmo que eu desejasse ser neutra e querer um menino e uma menina igualmente.

— Não deveria importar, — ele se esquiva, seus olhos âmbar procurando os meus, procurando minha resposta para a mesma pergunta. Está bem. Eu posso admitir isso primeiro.

Abro a boca para dizer as palavras, e elas se alojam na minha garganta, impedidas de sair por medos internos.

— Lily?— Ele murmura, se inclinando sobre a minha pequena estrutura e penteando o cabelo do meu rosto. Ele está no quase em cima do meu corpo, semi-camuflado em Loren Hale.

Eu enlaço minhas pernas com as dele. *Melhor*.

— Você não precisa dizer nada, — ele me diz.

Eu acho que preciso, embora. Prefiro deixar essas coisas saírem. — Se tivermos uma garota… — eu respiro suavemente.— ...há uma boa chance de que ela seja ridicularizada. — Sua mãe será a viciada em sexo. Será como Daisy, atrelada como uma só por ser minha irmã. Eu posso imaginar minha filha tendo uma estrada mais instável, dura. E a de Daisy já é horrível o suficiente.

Lo encontra minhas mãos e entrelaça nossos dedos juntos. Minha perna roça sua coxa, se aproximando de sua virilha, e meu pulso acelera uma fração. Sua mão desce de volta para o meu quadril, me segurando no lugar. E

eu relaxo nessa posição, o calor do seu corpo me aquecendo. É sem esforço.

Nosso normal.

— Talvez no futuro as pessoas não julguem as meninas de maneira diferente dos meninos, — diz ele.

— O que você quer dizer? — Eu estou olhando para seus lábios novamente, mas eu me concentro em suas palavras.

Ele enfia um pedaço de cabelo esvoaçante atrás da minha orelha. —

Quando as garotas transarem por aí, talvez não sejam chamadas de vadias e putas. Talvez elas sejam tratadas como os homens. Então ninguém vai se

importar com seu vício, não o suficiente para assediar Luna.

Luna. Meu coração palpita no nome que escolhemos se tivermos uma menina.

O mundo que ele descreve parece imaginário. Um feito de ficção. Não um futuro.

— Duvidoso, — eu sussurro.

Ele olha para mim e diz, — Eu vou manter ela segura.

Meus olhos se enchem de lágrimas enquanto meus lábios se levantam. —

Contra o mundo, Loren Hale?

— Sim, — ele balança a cabeça. — Contra o mundo, Lily Calloway. Eu estou familiarizado com essa batalha.

Eu o beijo, levantando a cabeça do travesseiro para encontrar aqueles lábios rosados.

Ele aprofunda o beijo, sua língua deslizando sensualmente contra a minha antes de se afastar. — Então você quer um menino? — Ele pergunta, descobrindo. Eu acho que poderia criar um menino melhor que uma menina.

Eu acho que ele irá gostar de mim como mãe. Pelo menos eu espero que sim.

— Sim, — eu digo em um sussurro, procurando os olhos de Lo agora por sua resposta. — Você quer um menino?

— Se você quer um, então sim, — ele acena com a cabeça.

Eu soco ele levemente no braço. — Isso não é uma resposta, — refuto. —

Pare de me apaziguar.

Seus olhos âmbar se estreitam e ele pisca algumas vezes como se eu não fosse mais Lily, mas uma garota alienígena. — Desde quando você usa a palavra *apaziguar?*

— Desde que Connor me deu um dicionário de Natal. — Rose disse que era um presente rude, mas ele tomou o tempo para rabiscar notas nas margens. Como na palavra *bastardo*, ele escreveu: *o mais bonito está em seus braços.*

Uma verdade literal. Eu corro minhas mãos ao longo dos músculos do ombro de Lo. — Ele destacou todas as palavras legais para mim.

Lo solta uma risada curta. — A definição de legal de Connor não é a mesma que você e eu seguimos.

— Oh. — Isso provavelmente é verdade também.

Ele sorri, e então ele pega meu rosto em suas mãos e me beija antes que eu perceba o que está acontecendo. Um beijo surpresa. Um que amolece meus ossos e desperta minha alma. Seus lábios sugam suavemente meu lábio inferior e sua mão emaranha no meu cabelo castanho. Eu gemo no próximo

beijo, especialmente quando seu polegar esfrega o ponto macio no meu pescoço.

Ele sorri um pouco antes de sua língua entrar na minha boca.

Minha pélvis bate na dele e minhas pernas se espalham em ambos os lados dele. *Sim.*

Sem fôlego, ele diz, — É assim que apaziguar você se parece.

Oh.

Eu coro. — Você pode fazer isso de novo? — Eu pergunto.

— Você me disse para parar, — ele brinca. — Meu desejo é o seu comando.

Eu bato meu punho em seu ombro mais uma vez, mas o seu sorriso só se intensifica, realmente ofuscando suas bochechas desta vez. E então ele de repente diz, — Eu quero uma garota. — Seu sorriso desaparece com suas palavras. Eu quero de volta.

— Por quê? — Eu sussurro. Eu acho que sei.

— Eu não quero que nosso filho seja como eu, — ele diz, os ângulos de seu rosto mais torturados do que antes. — Rancoroso e amargo - um *babaca* completo.— Ele balança a cabeça, seu olhar caindo. — Eu quero que ele seja

como você.

— Um viciado em sexo? — Eu franzo a testa.

— Não, Lil, — ele murmura. — Com bom coração, amoroso...

introspectivo.

— Eu não sou introspectiva.

Ele beija o lado de fora dos meus lábios. — Sim, você é, amor. — Ele está apenas a um sopro de distância quando acrescenta, — Eu não posso cometer os mesmos erros que meu pai fez comigo.

— Você não é ele, — eu digo baixinho. Jonathan alienou um filho e levou o outro para um caminho muito escuro. Lo nunca faria isso.

Ele beija minha testa e depois desliza para fora do lençol. — Eu vou tomar um banho. — Quando ele sai da cama, pelado, ele me dá um olhar que diz *se junte a mim.*

Meu rosto se ilumina e estou correndo para seus braços quando meu telefone toca. O telefone de Lo também vibra na mesa de cabeceira. Ele verifica sua tela enquanto eu verifico a minha.

19h30 na minha casa na quarta-feira. Isso é obrigatório, por isso, se você estiver pensando em cancelar, pense novamente. – Jonathan Eu olho para quem mais ele mandou: Daisy, Ryke, Lo e eu. Ele está nos lembrando sobre a

"reunião" que ele nos chamou. — Parece apenas um jantar, — eu digo, embora meu estômago se revira.

— Sim. — A voz de Lo não é tão otimista.

Estou tentando me preparar para o pior, mas, nesse momento, eu nem sei mais o que é o pior.

LOREN HALE

Neve e granizo pesado nos confinam dentro de casa pela manhã, mas mesmo que não possamos sair correndo, parei no quarto do meu irmão para ver se ele vai malhar com Connor e eu. Meus músculos se esticam, meu peito está tensionado, e preciso liberar essa tensão antes de abrir o envelope e especialmente antes de nos encontrarmos com nosso pai.

Quando tento virar a maçaneta, ela clica trancada. Eu suspiro agitadamente. Eu já tentei mandar mensagens para ele e ele não respondeu.

Foda-se, eu estou acordando ele. Eu bato meu punho na madeira branca e espero por uma resposta.

Depois de alguns segundos de ruídos e passos silenciosos, a porta se abre.

Ryke segura o batente com um braço rígido enquanto eu pego Daisy indo para seu banheiro atrás dele.

— O quê? — Ryke pergunta secamente, apenas usando calças de moletão.

Não é a falta de roupas dele ou até mesmo Daisy dormindo com ele que eu acho um problema. Esses fatos eu já aceitei, não importa o quão estranho seja às vezes.

É a sua exaustão aparente que me incomoda. Mesmo sob seu olhar escuro e endurecido, posso ver como ele está cansado por seus olhos. — Você dormiu na noite passada?

O chuveiro range através da parede. Ryke balança a cabeça e fala baixinho.

— Ela estava apavorada e nada que eu fizesse ajudava... — Ele corre os dedos pelos cabelos grossos.

Meu irmão mais velho gosta de se inserir em qualquer situação, para consertá-la, então isso provavelmente está o matando. — Ela tem que ir à reunião na quarta-feira, — eu lembro a ele. — Eu sei que isso é uma merda,

mas precisamos seguir as regras dele. — Eu não quero descobrir o que acontece se um de nós cancelar com o nosso pai. E também tenho medo de empurrá-lo para beber. Ele está sóbrio há tanto tempo - e ele está diferente agora. Claro que ele ainda é um idiota, não exatamente suave, mas filtra muitos de seus comentários.

É mais fácil estar perto dele.

Ryke aperta os olhos e depois os esfrega com cansaço. — Vou ligar para a terapeuta de Daisy e espero que ela a veja antes da reunião Eu escuto o barulho da água do chuveiro contra os azulejos, e um pensamento entra em mim, um que torce meu rosto em uma fricção. Mas eu coloquei para fora de qualquer maneira. — Você já tentou fazer sexo? — Pergunto.

Ryke estreira os olhos e sua mão aperta o batente da porta como se ele fosse bater na minha cara.

Eu elaboro com uma voz afiada. — Eu não estou dizendo que é uma solução, mas ela estará exausta se você fizer por muito tempo e, em seguida, ela irá adormecer.

— É isso que você faz com a Lily? — Ele pergunta tensamente.

Eu cerro meus dentes. Ele não está virando isso contra mim. — É uma fodida vez, seu idiota, — digo a ele, — Daisy não ficará viciada nisso. Então vá foder ela, para ela poder desligar o cérebro e dormir.

Os ombros de Ryke diminuem. — Ela está menstruada, e ela não está animada com a ideia de ser fodida agora.

Jesus Cristo. Eu esfrego minha boca e tento não pensar muito sobre quem estamos discutindo. — Ela está na porra do chuveiro. Pare de falar comigo e vá fazer sexo. E quando você terminar, eu vou estar na academia com o Connor. — Eu começo a andar para trás enquanto falo. — Malhe com ela, não malhe conosco, e eu te vejo mais tarde.

Ele me mostra o dedo do meio, mas eu vejo ele acenando enquanto ele fecha a porta.

Os caros eletrodomésticos de prata, bancadas de granito, paredes cinzentas e bancos de bar de couro são todos graças a uma designer de interiores contratada por Rose. Toda vez que eu noto a decoração da mansão, moderna e clássica e mais adulta do que eu, percebo que devo pôr minhas coisas em ordem.

Que eu não estou mais nos meus anos de faculdade.

Eu tenho vinte e quatro anos. *Hora de crescer.*

Estou tentando.

Deus, estou tentando.

Na pia de mármore, Connor pega uma caneca azul de um armário de vidro.

— Bom dia, querido, — ele diz. Ele está vestindo uma calça esportiva da Nike e uma camiseta azul-marinho, então eu não tenho que perguntar se ele ainda vai pra academia.

Eu aceno para ele e descanso meus antebraços no balcão frio. — Menino ou menina? — Eu pergunto, a questão já prendendo meus músculos em um vício desconfortável. Eu decido fazer abdominais na cozinha enquanto espero por ele. Eu ando para a frente da ilha e deito no chão.

— Isso é o que eu quero ou o que acho que Rose vai ter? — Ele questiona.

— O que você quer. — Eu o vejo colocar café na caneca, e então eu descanso minhas mãos atrás da minha cabeça e uso o meu núcleo para subir até as minhas pernas dobradas.

Connor se aproxima e pisa no topo dos meus sapatos, me mantendo parado. Ele segura sua caneca. — Eu quero muitos filhos, então eu realmente não me importo qual é primeiro, contanto que haja um segundo.

Isso me surpreende e eu congelo no meio do caminho até meus joelhos. —

Por quê? — Ele é arrogante, vaidoso - realmente auto-absorvido, não de um jeito ruim. É apenas um fato. E nenhuma dessas coisas dizem *eu quero uma*

família grande e barulhenta.

Ele sorri em seu gole de café, se elevando acima de mim em um metro e noventa e três. — O desafio vale a recompensa e estou pronto para um novo desafio.

Pelo menos um de nós está confiante. Eu faço uma careta, minhas costas tocando o chão novamente.

— Você vai se sair bem, Lo. — garante Connor.

Eu quero acreditar nele, mas se alguém é bom em *apaziguar* as pessoas, esse alguém é Connor. Eu não posso colocar fé em cada palavra que ele diz quando sei que ele foi feito para me acalmar. Eu amo isso. Eu preciso disso.

Mas minha história passada diz que tenho mais chances de falhar do que de ter sucesso. Então eu digo a ele: — Vamos ver.

Pés tamborilam contra as tábuas do assoalho e eu viro minha cabeça, primeiro notando uma pulseira de tornozelo. Pernas longas escondidas debaixo de calça de moletom - *a calça de moletom do Ryke* - e um top amarelo com as palavras: *flower power*.

Que diabos. — Onde está seu namorado? — Pergunto a Daisy quando ela abre a geladeira. De jeito nenhum que eles fizeram sexo. Ele duraria mais de um minuto com ela. Eu sufoco uma encolhida pior. *Não pense nisso.*

— Hm? — Ela se faz de boba, pegando uma bebida energética *Lightning Bolt!*

Eu descanso meus antebraços nos meus joelhos, e Connor a observa de perto, ainda tomando seu café. Ela tem anéis escuros debaixo dos olhos

vermelhos.

— Você parece uma merda, — lhe digo categoricamente. — Onde está seu *namorado?*

Ela afunda o boné de beisebol, encobrindo o olhar. Isso é irritante. — Seu pai

não vai se importar com minha aparência, certo?

Eu não sei. — Se você está preocupada com isso, você pode colocar maquiagem, — eu digo, meu tom afiado cortando meus tímpanos. — Lily não vai usar, então você não precisa. — Eu exalo, e Connor sai dos meus sapatos para encher sua caneca de café. Algo me diz que não vamos para a academia hoje.

— Ryke está bem aqui. — Ela passa por mim e toma um gole de sua bebida energética.

É quando meu irmão contorna a esquina da ilha e entra na cozinha. Ele se dirige diretamente para Daisy e tira o boné de beisebol da cabeça dela, seu cabelo loiro e úmido encharcando sua camisa.

— Ei, mano, — eu digo, sem acrescentar mais nada já que Daisy está aqui.

É normal que nós três falamos sobre as meninas e sexo, mas não quando elas estão por perto. E tenho uma boa impressão de que elas fazem o mesmo conosco.

Ryke vira a cabeça e eu lhe dou uma olhada como *que porra aconteceu?*

Eu pensei que ele tinha um plano em movimento.

— Ela não é a Lily, — ele de repente me diz.

Meus olhos se estreitam, meu sangue aquecendo. — O que isso quer dizer?

— É? — Daisy pergunta a Ryke com uma careta.

Ryke solta um gemido frustrado. — Apenas esqueça isso.

— Não, — eu digo. Agora minha mente está girando. — Você começou isso. Você termina.

— Palavras para viver, — Connor sorri. Ele está completamente à vontade sem informações sobre esse argumento, mas talvez ele tenha tudo de que precisa ao nos observar.

— Tudo o que eu quis dizer, — Ryke diz, estendendo os braços, — é que Lily fará quase *qualquer* coisa na cama. — O fato de ele falar com Lily sobre sexo muitas *vezes* ainda me enerva. — Daisy não vai, e eu não vou forçá-la a fazer sexo quando ela não quer.

A boca de Daisy caiu, seu rosto avermelhado de vergonha. Ela olha rapidamente para Connor e fica ainda mais vermelha. — Isso não está acontecendo, — ela murmura.

— Está acontecendo, — digo a ela com um sorriso sarcástico.

— Não seja um fodido idiota, — Ryke diz, tentando acabar com o assunto agora.

Eu poderia esperar para perguntar a Lily se Daisy já usou ou não sexo para adormecer - e então, não ser um idiota do caralho. Ou eu poderia esperar para perguntar a Ryke depois que Daisy fosse embora. Mas, francamente, isso parece muito trabalho. Além disso, Ryke fala frequentemente com a *minha* namorada sobre sexo, então adivinhe só? É assim que me sinto. — Daisy, —

eu chamo ela, esticando minha perna enquanto eu me sento no chão.

Ryke me lança um olhar. — *Lo*, vai se foder.

Eu o ignoro enquanto Daisy me reconhece. E eu pergunto à toa: — Você já tentou dormir depois de fazer sexo? — É preciso mais esforço para manter uma cara séria, sem me encolher, do que dizer as palavras.

— Você não precisa responder, — Ryke diz a ela. E ele olha para mim, *cale a porra da boca.* Tarde demais para isso.

Seu rosto fica vermelho. — Não de propósito, não… — Ela abre a boca para acrescentar mais, mas ela hesita.

— Não tenha medo de ferir meus sentimentos, — digo a ela. — Eu posso aguentar. — É por isso que ela sempre se retém - porque todos andam em ovos em volta de Lily e eu. Com medo de nos quebrarem como se fossemos bonecos de vidro. Eu já passei por isso. Todo o dano já foi feito. Você não

pode quebrar algo que já está quebrado.

— ...Eu não queria usar sexo assim. — Ela acrescenta rapidamente, — Não quer dizer que o que você faz com a Lily está errado, eu só… — Ela solta um suspiro. — Talvez eu devesse tentar...

— Não, você não quer, — Ryke interrompe.

— Mas o Lo diz...

— Lo, eu vou te matar, porra, — Ryke rosna para mim, seu olhar assassino. — Você não tem todas as fodidas respostas.

Eu levanto minhas mãos. — Se acalme, Chewbacca, foi apenas uma sugestão. — Eu aceno para Daisy. — Ele tem razão. Você obviamente não quer fazer isso, então não faça.

— Não faça o que? — Lily de repente cai na minha virilha, escarranchada no meu colo. Suas mãos estão no meu peito. Ela coloca seu rosto muito perto do meu e sussurra, — Por que você está no chão? — Suas bochechas estão brilhando com essa felicidade eufórica que me faz sorrir quase imediatamente.

Ela está usando johns longos e seu chapéu felpudo branco do Wampa, e eu sou arrebatado em um flashback: ela tinha dezessete anos, do lado de fora da minha casa de infância, na mesma roupa íntima de acampamento. Tão adorável quanto ela é agora.

Meu nariz roça o dela em um leve toque de pena, e eu ouço sua respiração falhar. Com meus lábios no ouvido dela, murmuro, — Eu estava preparado para você me montar.

Ela empurra meu peito de brincadeira e eu dou risada, agarrando seus quadris para que ela perceba que eu a quero bem aqui, não mais longe. Não a um metro ou um quilômetro. Ela subconscientemente afunda sua pélvis em mim e eu engulo um gemido quando a pressão aumenta em meu pau. Estou acostumado com isso.

Estou até mesmo acostumado com o rubor vermelho que cresce do pescoço dela até a testa. Ela pega a si mesma no meio do ato e congela. Eu puxo suas abas de orelha do Wampa enquanto ela percebe todo mundo olhando.

— Oi, — diz ela. — ...o que eu interrompi?

— Nada, — diz Daisy rapidamente.

— Isso não é suspeito, — Connor anuncia como se ele esperasse algo melhor dela. Como se ela fosse um maldito mestre do engano. Quer dizer, ela escondeu muito de nós, mas ela não é *tão* boa assim.

O olhar da Lily vai do Ryke para o Connor para mim. — Vocês não estão se unindo em cima dela, não é? — Ela faz uma pausa com uma inspiração aguda. — Eu não quero dizer desse jeito!

Eu estremeço, de repente percebendo que ela levou "unindo em cima dela"

para um nível sexual.

— Lily, — Ryke geme, suas mãos na cabeça em aflição. Ele parece como eu me sinto. Connor ainda é complacente. Eu gostaria de poder ser assim, mas minha mente precisa ser limpa.

— Desculpe, — ela grita, cobrindo os olhos. — Eu pensei que todo mundo estava pensando nisso. — Ela olha entre os dedos para mim. — Você estava pensando, certo?

— Claro, — eu minto.

Ela geme em suas mãos, pegando meu tom seco facilmente.

— Lily, tudo bem, — diz Daisy. — Não é nada demais.

Lily solta um longo suspiro e massageio seus ombros. Então, um par de saltos cruza as tábuas do assoalho. Aqui vamos nós.

— Está todo mundo pronto? — Rose pergunta, um envelope entre os

dedos.

— Eu pensei que estávamos esperando até a tarde? — Eu digo.

— Todo mundo está junto agora. — Ela realmente detém uma réplica rancorosa. E está claro o quanto ela está nervosa, o medo cintilando em seus olhos verde-amarelados. Connor também deve sentir isso porque ele instantaneamente a puxa para seu peito e agarra sua cintura com firmeza. Seu vestido preto mostra sua barriga, que é muito maior do que a pequena da Lily.

Isso me assusta.

Eu sei que o corpo de cada garota é diferente - mas às vezes me pergunto se Lily pode perder nosso bebê, apenas em comparação com o tamanho da barriga da Rose. E isso me assusta ainda mais... que eu tenha medo de perder algo que eu nunca quis.

Esses sentimentos são loucos. Eu tenho a experiência de cada emoção fodida sem uma muleta. Nenhum Marker's Mark. Nem Macallan ou Jameson.

Eu acho que estou bem com isso. Mesmo quando dói.

Lily desenrola seu envelope amassado, e minhas costas se endireitam, inclinando-se contra os armários inferiores, Lil ainda no meu colo.

— Você vai primeiro? — Lily pergunta a irmã, esticando o pescoço por cima do ombro.

Rose sacode a cabeça, as clavículas salientes enquanto segura a respiração.

— Não, você vai. — Connor fala em francês, não se importando que Ryke possa escutar, e Rose responde em voz baixa.

— Devo pegar minha câmera? — Daisy pergunta com um sorriso brilhante. Isso quase me distrai dos círculos escuros sob os olhos dela.

— Use o seu telefone, — diz Lily, com as mãos tremendo de nervosismo.

— Mas não poste nada no Instagram.

Daisy suspira zombateiramente. — Eu já postei.

— Ha ha, — eu digo secamente.

Ryke parece que poderia transar com ela contra os armários, uma expressão que eu não gosto de pegar nele. E então Daisy se esforça para pular no balcão alto com uma mão boa, a outra em um gesso.

Sem hesitar, Ryke facilmente a levanta. Ela balança as pernas e estende seu telefone. Em vez de uma foto, ela começa a nos gravar. Até narra: — É

sábado, 7 de fevereiro. Lily Calloway está prestes a descobrir o sexo de seu bebê. Será um menino ou uma menina? Previsões? — Seu telefone chicoteia para Ryke.

— Menina, — ele diz secamente.

— Um sorriso, — diz Daisy.

Seus lábios mal se levantam.

— Patético, — digo a ele. — Você não pode nem sorrir para a minha futura criança.

— É, tio Ryke, — brinca Daisy.

Ryke lhe dá um olhar duro. — Não diga isso de novo. — E então ele realmente sorri, não um completo com dentes, mas é bom o suficiente. Essa gravação de vídeo realmente diminui a tensão nos meus músculos.

Lily até se anima com mais emoção, suas preocupações se agitando em outro lugar. *Obrigado, Daisy.*

— Quais são as suas previsões, Connor e Rose? — Ela aponta o telefone da câmera para o casal perto da cafeteira.

Rose endurece, — Menina.

— Menino, — diz Connor, colocando sua caneca no balcão Rose gira para encará-lo. — Você *tem* que discordar de mim?

— Eu não *tenho*. — Ele faz uma pausa para sorrir. — Embora eu goste.

Rose de repente fica quieta, e as mãos dele deslizam sob os cabelos dela e ele beija sua testa.

Então Daisy vira a lente do celular para nós. — Lily e Lo, previsões?

Os olhos verdes de Lily piscam para os meus e eles estão com tantos medos e hesitações que eu gostaria que estivéssemos sozinhos. Nesse momento solitário. Então eu poderia segurá-la. Esquecer o resto do mundo.

Só nós.

Sem nenhum outro barulho.

— Uma menina, — Lily respira. Não é o que ela quer. É o que eu quero, mas vai doer de qualquer forma.

— Menino, — eu sussurro.

Seu peito desmorona, e ela balança a cabeça para mim como se não fosse um menino. Pode ser. Metade de mim ficará feliz por Lily. A outra metade ficará assustada novamente. As partes de mim que mais amo são as partes que pertencem a ela.

— Se apresse, — diz Rose, sua voz anormalmente aguda. Eu me encolho.

Ela não está nada menos que petrificada porque ela está indo em seguida. E

não importa o quanto Rose me irrite diariamente, eu não gosto de vê-la assim.

Connor sussurra rapidamente em seu ouvido e percebo como ela esfrega as mãos ansiosamente. Ele agarra uma para que ela pare de deixar sua pele crua.

— Você abre, — Lily sussurra para mim, redirecionando minha atenção.

Ela empurra o envelope em minhas mãos.

Meu estômago se contrai, mas, de alguma forma, forço minhas articulações a trabalhar. Eu rasgo o selo e desdobro o papel branco. Meu pulso dispara como se eu estivesse prestes a pular de um prédio e fazer um discurso em frente a um estádio lotado. Eu mal posso ler as letras digitadas no começo.

Eles se misturam e leva alguns segundos para separá-los.

Ela estuda minha expressão por um longo momento e diz, — É um menino.

Estou inundado de temperaturas abaixo de zero, e passo o papel para ela, para que ela possa verificar o que ela já sabe ser real.

Seus olhos viajam avidamente sobre as palavras e depois ela dobra delicadamente o papel.

— Você pode sorrir, Lil. — *Por favor, sorria.*

Uma lágrima desce pela bochecha dela.

Não. Eu me inclino para a frente e seguro seu rosto em minhas mãos. —

Lily. *Estou feliz.* — Em algum lugar. Em todos os bons lugares que pertencem a ela. Lá eu sei que estou.

Seus lábios estão rachados enquanto ela os lambe, e ela olha para o papel para reafirmar que estamos realmente tendo um menino.

Eu enxugo suas lágrimas que caem. — Diga alguma coisa, — eu respiro.

Sorria, Lil.

— Estou... muito, muito feliz. — Sua voz treme. E então ela ri em um sorriso, um que é meio dolorido. Por mim. No precipício de duas emoções opostas.

— É melhor assim, com um menino, — eu sussurro, seus olhos vidrados voando entre mim e o papel. — Você tem que acreditar que eu acredito nisso.

— Tudo que eu quero é sentir sua alegria e livrar do breu que está vazando de mim para ela. Eu estrago a maioria das coisas que toco, e ela é a melhor coisa que me resta.

Ela acena repetidamente, tentando aceitar isso como verdade, e então eu a beijo, o desespero afogando minhas veias, meus ossos, minha alma muito quebrada. Um barulho se agita em sua garganta. Ela se agarra a mim do jeito que eu faço com ela - nossos corpos prometendo coisas que nossas palavras não podem.

Eu inalo nitidamente em um abraço mais profundo, minha língua emaranhada com a dela. Seu peito se funde com o meu, minhas mãos

desaparecendo em seu cabelo curto sob a toca.

Há momentos com Lily, onde eu sinto que somos uma pessoa. Onde compartilhamos toda sensação que morde nossa pele.

Ninguém está na cozinha além de nós.

E, no entanto, eles estão. Eu me dou conta desse fato no momento em que Rose grita algo alto em francês.

Lily e eu abruptamente nos separamos.

Rose está apontando para nós enquanto ela grita, e Connor é rápido para gritar de volta, a seriedade da conversa iluminada no momento em que Connor agarra seus pulsos, apertando para que ela pare de se debater.

Lily e eu nos levantamos rapidamente. — O que está acontecendo? — Lily pergunta a única pessoa que saberia além do casal brigando.

Ryke tem uma mão na coxa de Daisy enquanto ele assiste Rose, suas sobrancelhas franzidas. — Ela está dizendo que ela não pode fazer isso, —

ele traduz. Daisy clica no celular e coloca a câmera de lado.

— Fazer o quê? — Eu franzo a testa. Ela não pode ter tanto medo de ter um menino.

— Ver o sexo, — esclarece Ryke. — Connor está dizendo a ela que ela precisa parar de agir como se isso não estivesse acontecendo.

A boca de Lily cai e sua cabeça vira entre sua irmã e Ryke. — E? — Ela pressiona. Ter um tradutor é bom, o que levanta a questão…

— Por que você não fez isso antes? — Eu estalo.

A mão dele sobe na coxa de Daisy, que balança as pernas para fora do balcão. — Porque não tinha sido importante antes dessa porra . Você não quer ouvir as coisas que eles dizem um ao outro diariamente. Confie em mim nessa merda.

É, eu confio.

Lily balança para frente em seus pés. — O que Rose disse?

Ryke ouve por um segundo. — Que não importa se eles descobrirem o gênero agora ou quando o bebê nascer.

Connor respira pesadamente, mais emoções percorrendo seus traços: raiva, preocupação, determinação - coisas que ele geralmente esconde. Ele fala novamente. Em francês. Eles estão em seu próprio mundo. Tipo como o que Lily e eu acabamos de fazer. Bloqueando nosso ambiente por um momento sério.

Ryke continua a traduzir: — Ele diz, *você não quer se preparar da melhor maneira que você pode?*

Rose tenta se desvencilhar do seu aperto e grita com ele.

— Ela diz, *eu não posso me preparar para um bebê, não importa o quanto eu leia e estude. Eu nunca estarei pronta.* — Um peso cai na cozinha com essa verdade. É um medo que eu acho que todos nós compartilhamos, mas Rose nunca gostou de crianças, então é diferente para ela, talvez. Eu não sei.

Eu sacudo minha cabeça. Vai além de ter um menino, ter uma menina - é só ter um filho.

Ryke suspira como essa coisa de traduzir está frustrando ele. — Eu não consigo ouvir Connor. — Porque ele está sussurrando no ouvido de Rose.

E então Rose tenta se desvencilhar do forte aperto do marido novamente.

— Me deixe ir, Richard, — diz ela, finalmente mudando para o inglês.

— *Rose*, — ele força o nome dela, sua voz tão fria que os cabelos dos meus braços se elevam.

— Connor, — diz ela tão friamente quanto ele. — *Para.* — Seus olhos verde-amarelo o atacam.

Ele solta os braços dela e percebo o envelope branco apertado no punho dela.

— Estamos tendo uma menina, — ela afirma como se fosse um fato.

Definitivamente não é um. E então ela começa a abrir e fechar as gavetas da cozinha, procurando por algo.

— Rose, — diz Connor novamente, seu tom mais uniforme e moderado.

— Tudo bem. Basta parar e respirar por um segundo. — Ela está deixando ele de fora — *Rose.*

Eu balanço minha cabeça enquanto observo Rose fechar a quarta gaveta.

— Ela perdeu a cabeça.

— Cala a boca, Loren! — Rose grita.

Eu recuo. Eu honestamente não achava que ela estivesse me ouvindo também. E então, na quinta gaveta, ela encontra um pacote de fósforos.

— Rose! — Daisy e Lily gritam em uníssono, mas Connor está ao lado de sua esposa antes que suas irmãs possam ir até ela. Ela já acendeu um fósforo e o segura próximo do papel.

A chama come o documento rapidamente, e Connor rouba da mão dela e o

joga na pia. Ele a segura por trás, com os braços bem apertados em volta da cintura dela, e quando ele murmura em seu ouvido, seu corpo rígido começa a relaxar, como se ele estivesse expelindo todas as emoções voláteis e tóxicas dela e a deixando nua.

Meu rosto está preso em uma permanente careta novamente. Seus colapsos

acontecem com mais frequência desde a gravidez.

Connor a vira e, em seguida, pressiona a cabeça dela no ombro dele. Seus olhos voam até os meus e eu os leio bem o suficiente. Ele precisa de privacidade.

Daisy sai do balcão e sai para a sala de estar com Ryke. Lily e eu seguimos logo atrás, minha mão na dela. Não há como alguém descobrir o sexo do bebê de Rose. Nós não vamos saber até o dia em que ele ou ela nascer.

Quando estamos fora do alcance da cozinha, Daisy anda para traz e ela diz,

— Maximoff Hale. Ele vai ter os pais mais legais vivos. — Ela ergue seu punho para Lily, que realmente sorri brilhantemente agora. Ela hesita um pouco quando ela olha para mim - para ter certeza de que está tudo bem.

Eu odeio que ela se preocupe em me perturbar. Por *sorrir.* Eu aceno para ela e tento relaxar.

Lily bate o punho com a irmã.

Então Daisy ergue o punho para mim com uma expressão ensolarada que faz minha vida parecer melhor do que é. Eu olho para o meu irmão que encontra meus olhos. Eu entendo. Por que ele a ama.

Ela é a luz em um lugar escuro. Mesmo quando ela está passando por uma merda profunda também. Daisy e Ryke são a definição de altruístas. Em comparação, eu sou o monstro, o idiota, o vilão. Mas nos olhos de Lily Calloway eu sou o herói.

Isso tem que contar para alguma coisa.

LOREN HALE

Minha melhor amiga, minha namorada, minha futura esposa é insaciável.

Estou encharcado de suor, meu cabelo liso enquanto empurro dentro de Lily, minhas mãos segurando seus pulsos acima de sua cabeça em nosso colchão. Eu a beijo profundamente e balanço minha pélvis com mais força.

Ela se separa dos meus lábios para gemer, sua boca permanentemente aberta, ofegante. Eu vejo seus olhos fechados, seus membros tremendo pela liberação, e meu corpo se ilumina em chamas. Meu pau grita para gozar.

Agora mesmo.

Eu ignoro a demanda dele. Com respirações superficiais e um gemido dolorido na minha garganta, eu empurro ritmicamente contra Lil e tento fazer isso bem o suficiente para ela. Eu solto seu pulso para alcançar entre os nossos corpos, meus dedos escovando seu clitóris inchado.

Ela enlouquece, suas costas arqueando, sua pélvis cavando direto na minha. — Lo! — Ela grita.

Não goza, forço na minha cabeça. Mesmo quando eu sinto seu pulso em volta do meu pau quando ela atinge um clímax. Eu não quero gozar. Ainda não.

Ainda duro e cheio dentro da Lil, eu continuo me movendo, e sua mão livre massageia seu peito macio, seu peito muito maior desde o começo da sua gravidez. Eu levemente empurro sua mão para o lado e aperto seu mamilo ereto com meus dedos. Ela enterra a bochecha no travesseiro. — *Sim,*

— eu a ouço respirar.

Cristo. Eu vou gozar em breve. Eu pressiono meus lábios em sua testa. Eu bato em um ponto que me cega por um segundo, e eu grunho — Lil.

Ela choraminga, suas pernas vibrando em volta da minha cintura.

Meu corpo está soldado contra o dela. Nenhuma separação entre nós. Aos quatorze anos, fizemos sexo juntos e parecia errado, mesmo que eu implorasse para que estivesse certo.

Dez anos depois, eu me encaixo dentro dela como se nunca tivéssemos nos separado. E talvez ainda não seja o "certo" que todos os outros casais têm,

mas isso não é um tipo errado de amor. É o tipo que nos pertence.

Eu empurro com força e eu gozo, meus nervos disparando e minha pele ardendo. Eu a mantenho cheia enquanto meu peito desce e sobe por ar. Ela estica os braços sobre os meus ombros e aperta as coxas mais apertadas em volta da minha cintura. Eu estou quase duro novamente. Eu sufoco um gemido e estudo sua expressão. O único esgotamento está em suas pálpebras que cedem. Apenas ligeiramente.

— Mais uma vez, — ela sussurra, tentando empurrar contra mim com a energia que ela ainda tem.

Lily grávida é a Lily mais excitada que já encontrei. Ela era difícil de agradar antes. Mas eu sempre consegui. Agora é literalmente impossível.

Eu rolo para o meu lado enquanto ela ainda está agarrada em mim. Eu não saio de dentro dela. Eu penteio o cabelo úmido do rosto dela, e ela olha meus lábios como se estivessem chamando por ela. E então ela me beija faminta, balançando os quadris enquanto nos deitamos de lado. Os lençóis estão amontoados ao pé da cama, o edredom pendurado. As luzes fracas iluminam perfeitamente suas características para mim, e cada centímetro de sua pele está inundada com uma excitação que eu não posso conter.

— Lil, — eu respiro, quebrando o beijo para sussurrar em seu ouvido. —

Shhh.

— Só mais uma… — ela diz, uma de suas mãos se abaixa como se ela fosse se tocar se eu não ajudar.

Eu agarro seu pulso de novo e puxo seu braço para o meu ombro, forçando a

sua mão para lá. — Olhe para mim, amor.

Ela inclina a cabeça, mas seus olhos se fixam nos meus lábios.

— Mais alto, — eu digo. Eu reconheço que meu corpo para Lily é o equivalente a eu estar na cama com uma garrafa de bourbon.

Suas íris verdes finalmente voam para as minhas âmbar, seus lábios entreabertos em necessidade. Ela subconscientemente balança para frente, especialmente quando ela passa o dedo no meu maxilar.

Eu coloco uma mão firme em seu quadril, e tenho que fechar meus olhos para não endurecer. Quando eu os abro, ela está olhando para *mim*, não para meus lábios ou corpo. *Bom trabalho, Lil.* Eu me inclino mais perto para que meu braço esteja atrás de sua cabeça, a aninhando para mim.

— Mais uma vez, — diz ela com os olhos arregalados. — Eu prometo que será a última vez. Juro.

Eu odeio rejeitá-la, especialmente quando seus hormônios estão fodendo

com seu corpo. — Meu pau pertence a você, mas você não pode foder a noite toda, Lil. — Eu poderia muito bem ser seu brinquedo sexual pessoal, que honestamente, eu não teria nenhum problema se ela não fosse viciada em *sexo*.

Ela cora e sua respiração falha. Eu assisto seu olhar descer ao meu eixo, o resto de mim que desaparece entre as pernas dela, uma coxa cobrindo minha cintura.

Ela começa: — Eu posso chupar...

— Não, me escute, Lil, — eu digo com força. — Nós vamos dormir, e depois… — Eu vejo o relógio. 3:00 da manhã — ...de manhã, faremos sexo novamente. Mas você tem que esperar. — Eu nem vou fantasiar que ela pode durar vinte e quatro horas sem outro orgasmo.

— Ok, — ela respira, e eu vou tirar de dentro dela. Mas ela agarra meu bíceps, seus dedos cavando fundo. — Esperaesperaespera.

Eu hesito e depois volto para dentro dela.

Seus grandes olhos verdes olham para mim. — Eu só quero você dentro de mim.

Minha pele esquenta com suas palavras. Eu adoraria ficar dentro dela, mas... — Você não pode se mover.

— Eu não vou! — Ela diz, seu peito levantando em ansiedade. — Eu vou ficar parada, eu prometo.

Todas as promessas que ela faz durante o sexo são adoráveis - mas completamente não confiáveis. Eu roço o comprimento de seu corpo por um segundo, sua pele coberta de suor, seu corpo magro e quadris ossudos estão mais saudáveis, femininos e delicados.

— Me deixe tentar, — ela pede.

E é o suficiente para eu aceitar. Eu não vou roubar uma conquista dela, mesmo que eu ache que vai acabar em derrota. — Você pode tentar, amor. —

Eu beijo bem de fora de seus lábios, como um pequeno teste. Ela se contém de me beijar mais, mas eu sinto seu pulso em volta do meu pau, uma sensação que quase me faz crescer dentro dela.

Eu solto uma respiração profunda e treino meu corpo para cooperar comigo. Com ela. Eu não posso ficar duro, senão ela vai começar a empurrar e eu não vou conseguir controlar meus desejos também.

— Feche os olhos, — eu a lembro. — Durma.

Com a bochecha no travesseiro, ela finalmente fecha os olhos. — Eu ainda vejo você em meus sonhos, — diz ela, seus lábios se levantando em um

sorriso.

Estou sorrindo também. — Tente imaginar uma versão mais feia minha.

— Não, — ela diz com esse beicinho adorável.

Eu a beijo rapidamente nos lábios, minha palma pressionada na parte inferior das suas costas, acima de sua bunda. Eu estou familiarizado com cada centímetro de seu corpo, e esse conhecimento gosta de segurar meu pau com mais força do que a melhor punheta da Lily. Eu sussurro em seu ouvido,

— Sonhe com uma guerra mutante com dezenas de superpoderes na ativa e ainda mais mortes. — É a coisa menos sexy que eu posso pensar agora.

Seus ombros relaxam e ela exala fortemente.

A exaustão começa a descontrair os meus músculos. Mas a preocupação por ela os contrai novamente. Eu quero ter certeza que ela adormeça antes de eu dormir.

Meros minutos se passam antes que ela se empurra em mim. *Merda.* A pressão me faz endurecer e ela solta o grito mais ofegante e prazeroso. Eu quase gozo em segundos.

— Lil, — eu a censuro enquanto seus olhos se abrem. — O que aconteceu?

Ela segura meu ombro. — Eu imaginei… — Suas bochechas quentes. —

…Hellion transando com X-23. Nãoéminhaculpa! — Ela diz rapidamente. —

Eles faziam parte da guerra mutante que você disse que eu deveria imaginar.

— Sem mutantes para você, amor.

— *Nãonãonão,* — diz ela rapidamente. — Eu posso lidar com eles. E com você. E com o seu... — Seus olhos caem para nossas pélvis. Suas pernas e braços tremem, desejando não se mexer. Agora eu só quero esfregar profundamente contra ela até a encher com o meu esperma.

Mas estamos em uma linha ruim.

— Você vai se mexer, certo? — Ela sussurra. — Por favor, Lo. Você está duro e parece... — ela empurra de novo.

Jesus Cristo. Meus nervos se iluminam. — Devagar... Devagar, — eu sussurro. Eu descanso minha testa na dela e respiro fundo. — O que você imagina? — Eu corro minha mão da sua barriga até seu peito, e eu esfrego o mamilo dela com o polegar.

— Hmm?

— Com Hellion e Laura? — Eu pergunto, falando sobre meu par favorito de *X-Men*.

— A dureza dele... entre as minhas pernas ... quero dizer, entre as pernas *dela*, — ela diz suavemente. — *Por favor*…

Eu mergulho minha cabeça para baixo e giro a minha língua em seu mamilo, e ela atinge outro clímax que revira seus olhos, sua boca congelada aberta. Eu agarro sua bunda e a empurro para cima, bem mais forte em mim enquanto ela contrai em torno do meu pau.

Puta.

Merda.

Mesmo que minha mente exploda com minhas veias, de alguma forma eu não gozo com ela. Força do hábito. Eu me seguro.

— *Mais uma vez,* — ela respira.

Insaciável.

Não importa quantas vezes a gente foda, ela vai continuar dizendo *mais uma vez.*

— Mais tarde, — digo a ela.

— Você está duro, — ela observa, seus olhos nos meus lábios pela milésima vez.

— Ignore meu pau, Lily Calloway.

Ela fica boquiaberta. — Nunca.

Eu não deveria sorrir, mas eu sorrio. — Adivinha só, Lil?

— O que? — Seus olhos brilham.

— Eu vou te foder devagar, e então eu vou ficar bem dentro de você. Se você gozar de novo depois disso, eu vou tirar. — Eu literalmente não posso lidar com Lily contraindo e pulsando e se apertando contra o meu pau. A intensidade e a pressão são demais para mim.

Suas sobrancelhas se franzem. — Isso não é muito legal.

Eu me inclino perto, meus lábios uma respiração dos dela. — Você deve ser a última a ouvir isso então... eu sou muito... muito ... *malvado*. — Eu a beijo tão forte que sua cabeça se ergue do travesseiro quando eu recuo, inalando seu corpo.

Então eu me esfrego bem contra ela. Ela está tão apertada em volta de mim que eu mal posso puxar meu pau para trás e empurrar para dentro. Eu apenas cavo para frente, agora em cima dela em vez de lado a lado, e eu sinto o gosto dela com minha língua, meus lábios ardendo e inchando em cima dos dela. A cama toda balança com o meu movimento, os postes de madeira batendo na parede.

Ela é pequena embaixo de mim, como uma garotinha voraz, ansiosa por coisas carnais. Estou ciente de que ela está carregando nosso filho, e isso só aumenta as sensações que me aquecem.

Mais duas estocadas e Lily geme no travesseiro novamente.

Eu descanso meu antebraço na cama, um ruído afiado cortando minha garganta. Eu me seguro em seu calor, reunindo minha mente com exaustão.

Nós dois estamos cheios de suor, nossos cabelos molhados como se estivéssemos correndo uma maratona.

Estamos de novo de lado e inspeciono suas feições.

Mesmo que ela não diga isso, seus olhos dizem. *Mais uma vez.*

Não.

Isso tem que ser a última vez. Eu beijo seus lábios levemente. — Não vai ter mais.

Ela acena com a cabeça, entendendo, mas seus membros tremem como se eles quisessem outra rodada. — Eu vou dormir dessa vez. Eu *prometo*.— Ela acena com determinação.

Meus lábios escovam sua testa e acaricio seu cabelo úmido.

Vai ser uma noite longa.

{ 7 }

LILY CALLOWAY

Meus orgasmos são fora desse mundo de tão incríveis.

O que é a melhor e pior coisa. Eu só quero mais e mais. — Eu acho que é como se você estivesse provando o mais delicioso uísque de todos os tempos,

— digo a Lo enquanto ele me levanta, na manhã depois de termos transado por muito, muito tempo, com sonecas alternadas.

Estou toda dolorida e mal posso me arrastar para a frente sem sentir dor nas articulações e no meu ponto ideal.

Eu não deixo minha mente acreditar que isso é uma regressão, não quando é um sintoma da gravidez: grandes orgasmos e uma libido maior. O que não é normal: a besta incontrolável e compulsiva dentro de mim. Mas a besta da Lily está na baía, hibernando em uma caverna aconchegante. Estou certa disso. Ela nunca deve sair de novo. Ela está *muito* ciente disso.

De cueca boxer preta, os olhos âmbar de Lo descem da minha cabeça aos pés. Eu estou parada completamente nua, minha pele avermelhando quando mais ele me olha. — Você está bêbada de mim, amor? — Ele pergunta, aqueles olhos inebriantes voando de volta para os meus.

Talvez. — Só não estou viciada. — Minha metáfora foi uma ruim, eu percebo.

— Bom. — Ele me puxa para ele e, brincando, morde meu pescoço. —

Você toma banho na banheira. Eu tomo banho no chuveiro. — E então ele beija meu nariz.

Eu franzo a testa. — Por que não podemos tomar banho na banheira ou no chuveiro juntos?

De repente, ele me levanta em seus braços, um berço. — Porque, — diz ele com um tom brincalhão enquanto caminha, — meninos e meninas não

tomam banho juntos. Todo mundo sabe disso, Lil.

— Nós quebramos essa regra há muito tempo, — eu menciono. Ele coloca minha bunda na borda fria da banheira branca de mármore, e ele vira as torneiras de prata da banheira.

Ele testa a temperatura. — Quebramos? — Ele finge confusão e olha para

o teto. — Eu não me lembro de tomar banho com uma Lily Calloway. — Ele olha de volta para mim. — Como ela é?

Como faço para descrever minhas características? — Cabelo castanho…

— Eu tenho dificuldade em me concentrar quando o olhar de Lo cai para os meus seios que cresceram muito nas últimas semanas. — Peitos realmente minúsculos, uma bunda ossuda...

— Você quer dizer a bunda mais *adorável*, os peitos mais bonitos e o cabelo castanho mais bonito? — Ele ofega de brincadeira e diz, — Eu conheço ela. — Ele estala os dedos. — Ela faz essa coisa... — Ele solta uma risada brincalhona.

Eu sorrio. — Que coisa?

— Você não entenderia. É entre eu e ela, uma piada inter... — Ele se afasta enquanto olha para mim, seu rosto ficando um pouco afiado. — Coloque seus pés na banheira, amor.

Eu percebo que estou com as pernas abertas na beirada da banheira. Oh meu Deus. Estou me esfregando? Eu lambo meus lábios secos e coloco meus pés na água morna. Para apagar esse horrível constrangimento que causei, simplesmente digo, — Eu entendo as coisas internas, — digo. — Não de um jeito pervertido. — Oh meu Deus.

Eu entro na banheira cheia até a metade para poder me afogar embaixo da água e nunca mais emergir. Assim que eu me encosto, Lo deve sentir o meu plano porque ele coloca os dedos nos meus, me segurando na vertical. Eu alcanço uma bola de espuma de banho em uma cesta de produtos de beleza

que Rose colocou para mim.

— Ela faz essa coisa… — Lo continua, sua voz mais leve. — ...com o nariz.

Eu franzo a testa. — O que?

— Aí está. — Lo sorri. E então ele finge estar chocado. — Jesus Cristo, você é ela!

Eu espirro água nele, mas atinge o lado da banheira pateticamente, não alto o suficiente. — O que eu faço?

— Você enruga o nariz, — ele me diz, — quando você está pensando muito ou quando está confusa.

Minha boca cai. Não. — Eu tenho a cara de ‘quem peidou?’ o tempo todo?

— Eu gemo e me afundo na água. Ela me traiu, mal alta o suficiente para cobrir meus seios. Torneira, trabalhe mais rápido! Eu preciso de um escudo de água para me esconder.

— É dolorosamente adorável, — Lo me assegura. Ele se levanta e depois tira sua cueca boxer. — Olhos aqui em cima, Lil.

Certo. Eu concentro meu olhar em seu rosto e não em seu lindo pacote abaixo. Espero que ele vá tomar um banho comigo, mas em vez disso, ele vai para o chuveiro. — Não se esqueça de lavar o seu bonito cabelo.

— Você ainda não vai tomar um banho comigo?

— Não essa manhã.

— Eu prometo que não vou tocar em você, — eu digo, me sentindo bem com essa proclamação. Eu posso resistir a Loren Hale. Eu sei que posso.

— É mais que tentador. Confie em mim, Lil. — Ele abre a porta de vidro e desaparece dentro do chuveiro de azulejos. Quando a água jorra, não consigo mais ouvi-lo.

Estou tão ruim assim que ele não pode tomar banho comigo?

Eu deixo cair minhas mãos na água e aperto minhas coxas juntas, a dor ainda está presente. Eu desejo toque, eu desejo. Uma parte de mim se pergunta se eu posso limpar com uma esponja lá embaixo sem esfregar meu clitóris.

Eu posso. Eu encontro uma esponja roxa e faço uma pequena fricção rápida e depois a jogo de lado, não me permitindo ir mais longe. Veja, eu não estou tão ruim assim.

Me inclino para dentro da água à medida que sobe e, depois de enterrar a cabeça e esfregar um pouco de xampu, relaxo um pouco e a sonolência toma conta.

Muito gentilmente, começo a adormecer.

{ 8 }

LILY CALLOWAY

Hoje é um grande dia. Não é dia do nascimento. Estou a muitos meses longe disso. Mas é o dia em que descobrimos o que Jonathan Hale quer.

Eu mando a gerente da loja Superheroes & Scones, Maya, um texto rápido sobre a compra das novas edições de *Deadpool* enquanto espero que todos me encontrem no balcão da cozinha. Suponho que estou adiantada, o relógio do forno mostra às 18h30. Lo deve voltar da Halway Comics em poucos minutos, passando pela porta.

— Você não tem que vir, Dais, — Ryke diz com firmeza, sua voz áspera ecoando da sala de estar. Eu estico meu pescoço para tentar localizá-los, mas eles estão sendo bloqueados pela parede.

— Seu pai disse que é obrigatório, — ela diz a ele, — e eu quero estar lá.

— *Eu* não quero que você esteja lá porque você está sentindo uma fodida dor agora.

O que? Eu pulo do banquinho e corro para a sala de estar.

— Eu me sinto *incrível*, — ela diz a palavra como ela pudesse correr dez quilômetros.

Eu entro na sala quando Ryke diz a ela, — Eu acreditaria mais em você se você não estivesse curvada, Calloway.

Daisy está curvada, a mão nas costas do sofá como um suporte. Seu gesso está ao seu lado e sua cabeça abaixada. — Eu estou de pé, — diz ela. — Eu estou mais do que bem. — E então eu noto seu pulso engessado se curvando para seu estômago como se seu abdômen doesse.

— Foda-se isso. — Ryke a pega e a segura facilmente em seus braços.

— O que há de errado? — Eu pergunto.

Ryke gira em minha direção, e Daisy vira a cabeça em seu peito, claramente estremecendo de dor agora. — Cólicas, — responde Ryke.

Eu franzo a testa e me sinto enrugando o meu nariz como Lo mencionou.

Eu tento afastar esse olhar.

— Você está prestes a espirrar ou algo assim? — Ele pergunta de maneira tão grosseira e direta.

— Não. — Eu coro. — Eu estou apenas confusa… — Eu olho para Daisy, que segura a camiseta branca de Ryke, seu desconforto claro.

— Eu não vejo como essa porra é confusa, — diz Ryke seriamente.

Com medo de envergonhar Daisy, hesito em investigar o assunto, mas ele começou isso... talvez ele já saiba de tudo. Ela parece ser aberta com ele já que eles estão namorando, de qualquer maneira. — Daisy? — Eu digo baixinho.

— Hum? — Ela não vai tirar o rosto do ombro dele. Se recusando a me deixar vê-la com dor.

— Isso é meio longo para uma menstruação, não é? — Eu tento contar os dias desde que ela disse que começou. Tem que ser cerca de nove dias.

Ryke endurece, mas ele olha para Daisy, não falando por ela.

— Já faz algum tempo, — diz ela lentamente. — Mas eu já fiquei dez dias antes... você sabe, eu tenho essa teoria… — Ela faz uma careta. — ... é o jeito do meu corpo dizer que me ama. — Ela quase sobe mais alto no corpo de Ryke assim que as cólicas provavelmente retornam com uma vingança.

Ryke usa essa preocupação dura que é nada menos do que masculina e meio que assustadora e fofa ao mesmo tempo.

Para ela, não para mim. Apenas para ficar claro.

E então clica. — Você ainda tem menstruações irregulares? — Ela costumava

tê-las durante suas fases extremas de dieta. Eu culpo a modelagem.

— Elas não são tão ruins quanto eram. — diz Daisy.

Ryke não parece tão otimista. — Quatro meses de nada e então isso? —

Ele diz a ela. — Eu não posso imaginar como elas eram antes de você me conhecer.

— O paraíso, — ela diz sarcasticamente.

— E agora você está no inferno, fodendo comigo.

Ela ri, mas morre depressa.

— Você precisa de Midol? — Eu pergunto.

— Eu já tomei alguns. Vai passar se eu não pensar nisso. É o que Rose sempre diz sobre cólicas.

Poder mental. Esse é um traço de pessoa inteligente que não tenho tanta certeza se tenho. Com cólicas ruins, eu apenas me enrolo de lado, me agarro a Lo e faço uma maratona de filmes da Marvel. Eu normalmente não consigo me concentrar nos filmes, apenas me concentro no aperto no meu abdômen.

Eu tenho fé que Daisy pode fazer isso. Ela é forte.

De repente, sapatos batem na madeira, e Lo aparece na cozinha, entrando pela porta dos fundos. — Ei, — ele diz para nós, primeiro examinando meu bem-estar, depois seu irmão e Daisy. — Devemos sair agora, caso haja trânsito.

Eu vejo sua ansiedade nervosa de seus ombros e queixo travados. Sua mão ainda treme um pouco, mas ele a coloca em um punho quando ele me pega observando.

Lo se aproxima de mim enquanto Ryke carrega Daisy pela porta da frente, ainda a embalando. — Estou bem, Lil, — Lo me assegura. — Vamos. — Ele envolve seu braço em volta dos meus ombros.

— Como foi o trabalho? — Eu pergunto.

— Chato, — diz ele, esfregando os lábios, outra dica que ele está ansioso.

Eu estico minha mão e seguro a sua. Seus ombros afrouxam por uma fração.

Ele fecha a porta da frente atrás dele. — O que há com Daisy?

— Cólicas, — eu digo.

Seu rosto se contorce como, *o que?*

— Eu questionei isso também, mas a menstruação dela ainda está desregulada. — O que é estranho é que discutir a menstruação de Daisy tem sido normal por algum tempo. Eu me pergunto se ela percebe que Rose espalha essa notícia como um incêndio, e isso se torna um tópico entre os caras também. Espero que ela não esteja tão envergonhada por isso.

Descemos as escadas e caminhamos até o Audi preto fosco de Lo, estacionado perto do pinheiro. Crescendo, Lo sempre andou de carona comigo, mas quando ele começou a Halway Comics, Jonathan removeu o limite mensal do fundo de fiança de Lo, então ele teve o suficiente para comprar um carro.

Ryke sempre tenta dirigir o Audi quando ele está com Lo. Realmente, seu amor e obsessão com o carro de duas portas é motivo para trair seu Infinity prateado.

Desta vez, em vez de pedir a Lo para dirigir, Ryke sobe no banco de trás com Daisy, primeiro que nós. Ele prefere cuidar de sua namorada do que dirigir um carro legal. Se eu pudesse mexer nas redes sociais, eu documentária esse momento e postava na internet, uma *prova* literal e fofa que Raisy estão destinados a ficarem juntos.

Digamos que era eu na posição de Daisy, Ryke não iria se arrastar para o banco de trás por minha causa. Na verdade, ele *imploraria* a Lo para dirigir, então ele não teria que suportar meus gemidos e reclamações. Os

publicitários de nossas famílias não podem ver como essa evidência é útil

contra os rumores de sexo a tres.

Lo solta uma risada curta e divertida — Ryke deve estar morrendo.

Eu tenho a sensação de que isso não é sobre o carro. Já que Daisy está menstruada, Ryke provavelmente não teve nenhuma ação por um tempo. —

Ele passou *quatro meses* sem sexo, — lembro Lo. — Isso deve ser fácil.

— Tão fácil que ele provavelmente está se masturbando, contando os dias até que ele possa transar de novo.

Eu não sei.

Ryke é um cara, mas por alguma razão, eu tenho a impressão de que ele prefere Daisy menstruar do que não.

— Você sabe que eu não vou poder fazer sexo por semanas depois de dar à luz, certo? — De repente eu deixo sair. Eu nunca pensei que seria um problema pra ele, mas esqueci que ele tem necessidades - as que construí em níveis extremos. Ryke até disse: Lo é o que mais fode de todos os caras.

E eu vou tirar isso dele.

Lo diz rapidamente, — Eu sei, Lil. — Ele descansa as mãos nos meus ombros e me guia em direção ao Audi. E então seus lábios se aninham no meu pescoço e ele geme, um gemido não tão bom. — Seu cabelo cheira como a Rose.

— Eu acho que é as coisas na cesta que ela me deu.

Ele beija minha testa. — Estou queimando essa merda.

— Foi um presente.

Ele faz uma careta. — Tudo bem. Pode ficar como decoração.

Eu viro meu pescoço sobre meu ombro para vislumbrá-lo, e noto que seus músculos estão muito mais soltos.

— Lily.

— Sim?

— Anda mais rápido. — Ele dá um tapinha na minha bunda e minha respiração engatou. Eu parei a uns três metros do carro dele. Com esse incentivo, eu acelero o meu ritmo. E a realidade de onde estamos indo se estabelece.

Para Jonathan Hale, nós vamos.

*

— Ele mudou a localização para o clube de campo, — Lo nos diz enquanto

ele dirige para fora do nosso bairro fechado. Oh. Então, não é para a casa de Jonathan Hale que vamos?

Lo me passa o seu iPod que está ligado ao sistema de som. Essa é a melhor parte de ser o passageiro. Eu tenho controle total sobre a música. Isso e eu estou a distância de um toque de Loren Hale.

Eu cruzo minhas pernas no assento de couro preto e olho de volta para Daisy, com a cabeça no colo de Ryke enquanto ela se enrola em uma bola. —

Teorias? — Ela pergunta a todos sobre o que vai acontecer com Jonathan.

Eu passo pelas músicas no iPod. — Eu acho que ele está apenas solitário.

Lo bate com os dedos no volante. — Ele diz que é importante.

— Ele acha que a merda do brunch e do golfe são importantes, — diz Ryke rudemente, com o braço esticado ao longo do assento de couro preto.

Parece que ele está dando um pequeno abraço no Audi. Seus olhos de repente pousam em mim. — Por que você está sorrindo para mim assim?

— Uma pessoa não pode sorrir para você? — Eu digo.

— Não, — ele diz inexpressivo.

Eu jogo meu cabelo para ele quando me viro, me sentindo mais legal do que eu pareço, e encontro minha música favorita em todo o vasto universo de melodias brilhantes. No momento em que as batidas eletrônicas começam a soar nos alto-falantes, eu aumento o volume. É a única maneira de ouvir

"Bangarang" do Skrillex.

Os lábios de Lo se levantam no momento em que ele ouve a música, como se lembranças e sentimentos o inundasse. Nós tivemos boas festas de dança com essa música. E sexo épico contra a parede.

Ryke geme enquanto eu começo a balançar a cabeça e dançar no ombro.

Se eu não estivesse em um carro, estaria me esfregando em Lo. Essa música merece algum contato corporal.

— Essa música é ruim pra caralho, — declara Ryke.

Eu imediatamente congelo e meu queixo cai.

Com uma mão no volante, Lo usa a mão livre para mostrar o dedo médio para Ryke. Ha! Eu mostro minha língua para ele, levemente imatura, mas me sinto mais jovem novamente com Lo. Como quando éramos adolescentes, abafando todo o resto.

Daisy está rindo tanto, o remédio dela provavelmente entrando em ação.

Ryke diz, — Se seu filho herdar seu gosto musical, eu vou arrancar a porra do meu cabelo fora.

Eu sorrio. Eu meio que espero que Maximoff herde.

— Merda, — Lo amaldiçoa, seus músculos do maxilar se contraindo.

Através da sua janela, noto uma minivan na próxima faixa, combinando com a velocidade do Audi. Eu duvido que que seja uma van cheia de pré-

adolescentes e uma mãe levando eles a algum jogo.

Os paparazzi devem ter nos visto sair do bairro ou foram avisados do nosso paradeiro. Eu lutei muito com minhas fobias de “sair em público”, mas ter uma van perto demais de Lo me deixa nervosa.

Eu mordo minhas unhas e me movo de forma que meu calcanhar esteja pressionado no ponto entre as minhas pernas.

— Tente acelerar, — Ryke sugere enquanto Daisy levanta a cabeça do colo dele para espiar os paparazzi. A janela da van desce e um paparazzi aponta a lente para o vidro escuro do Audi. Duvido que ele tenha tirado boas fotos, mas ele tira de qualquer maneira, flashes piscando.

Lo desloca o carro manual para outra marcha, indo cerca de vinte km acima do limite de velocidade em uma estrada de duas pistas não congestionada.

Eu diminuo o volume da música para que ele possa se concentrar.

— Aumente, — diz Lo, sua voz apenas ligeiramente afiada. Ele não parece em pânico e nem Ryke, então eu aumento o volume mais uma vez. Ele muda para a faixa da esquerda e verifica o espelho retrovisor.

Minha teoria, — diz Daisy para diminuir a tensão, — é que Jonathan quer que nós tenhamos algum tipo de função de caridade para ele. Como coisas para publicidade.

— Essa é uma teoria muito boa, — eu aceno. Eu consigo ver isso acontecendo. Meu dedo lateja... mordisquei a unha até o talo. Merda.

— Lil, coloque os pés no chão, — diz Lo. Ele deve ter notado a posição do meu calcanhar.

— Você deveria estar observando a estrada, — eu digo enquanto abaixo meus pés para o tapete, mas eu aperto minhas coxas juntas, meio que esperando por uma pressão mais forte, só para tirar essa ansiedade. Um clímax parece bom agora.

Pare, Lily.

— Eu posso ser multitarefa, — diz ele, verificando o retrovisor novamente.

— Connor Cobalt não patenteou essa habilidade - droga.

A

van

estúpida

alcançou

nosso

carro

e

eu

me

contorço

desconfortavelmente no banco. Lo olha para mim por um segundo, — *Lil*.

Eu recuo em seu tom de repreensão. Minha mão está se arrastando como

um criminoso entre minhas pernas. *Nãonãonão*. Eu levanto minhas palmas no ar, me rendendo. — Estou bem. Eu prometo.

Sua preocupação se elevou a proporções extremas. — Talvez não devêssemos ir a essa reunião...

— Nãonãonão. Eu posso fazer isso. Lo, por favor. — Meus olhos se arregalaram como se dissessem *acredite em mim.*

Ele estuda meu estado, seu olhar voando da estrada para mim. E então ele

concorda. — Ei, mano, — ele fala de volta para Ryke. — Eu vou encostar no lado da estrada. Lil e eu vamos trocar com você e Daisy.

— Tudo bem por mim, — diz Ryke, realmente parecendo feliz em dirigir.

Lo está *tão* preocupado assim com minha ansiedade. — Eu estou bem, —

eu tento convencê-lo.

— Eu menti, — diz Lo, diminuindo a velocidade na pista de emergência.

Ele estaciona o Audi e tira seu cinto. — Eu não posso ser multitarefa.

Oh. Eu lambo meus lábios secos. — OK.

Eu solto meu cinto de segurança. A van estaciona à nossa frente, as portas já se abrindo. Estamos em propriedade pública, então eles têm todo o direito de tirar fotos. Quando todos saímos do Audi, dois paparazzis deixam sua van para tirar fotos.

— Lily, olha aqui, — um deles chama.

Aprendi a não pegar a isca da câmera, me concentrando no carro de Lo e nada mais.

Quando Ryke passa pelo irmão, ele mostra o dedo para os dois caras da câmera e os flashes piscam repetidamente.

— Lily está grávida com o seu bebê? — Um pergunta a Ryke.

— Daisy, como você se sente sobre Ryke dormindo com sua irmã?

Meu estômago dá uma cambalhota. Eu odeio que ela ainda esteja sendo afetada pelos meus erros.

Exceto pelos dedos do meio de Ryke, nenhum de nós responde aos paparazzi. Nós entramos em nossos novos lugares, e Lo imediatamente envolve seu braço em volta da minha cintura, suas mãos nas minhas. É

carinho e toque que acalma meus nervos em alguns graus.

Ryke e Daisy colocam seus cintos de segurança, e então Daisy coloca a mão bem no *fundo* do bolso da *frente* do Ryke...

Uhhh… eu cresço inesperadamente quente, e eu não posso dizer se é de vergonha ou algo pior. Eu tento me convencer de que é o primeiro.

Eu olho em volta para ver se alguém percebe o que ela está fazendo, mas

Lo está mandando mensagens, provavelmente para o pai dele. E Ryke está ajustando seu assento e espelhos.

Daisy pega o smartphone de Ryke e o conecta ao aparelho de som. Eu relaxo um pouco. Minha mente é um lugar muito, muito sujo.

— Vocês dois...— Ryke gira para olhar para mim e seu irmão mais novo.

— Coloquem a porra dos cintos de segurança.

— Só não me mate, — diz Lo quando nós dois os colocamos. — Eu sou jovem demais para morrer. — Ele pisca seu meio sorriso de assinatura.

Ryke da ré no o carro, mesmo com uma mão no volante. Ele dirige com muito mais precisão do que Lo, mas Ryke sucumbe à raiva na estrada muito mais rápido de todos. Na minha opinião, não é uma troca muito boa.

Daisy escolhe uma música que eu me lembro vagamente e vejo o título na tela do painel: “Dark Center of the Universe” o Modest Mouse. Eu aposto que é mais uma música do Ryke, já que ela geralmente gosta de músicas animadas e menos angustiantes.

No momento em que Ryke muda a marcha do carro, nós vamos de zero para eu-vou-morrer. Eu envolvo meu braço em volta da minha barriga e, em seguida, agarro a perna de Lo.

— Ele vai nos matar, — eu sussurro para Lo.

Ele está muito ocupado assistindo os paparazzi voltarem para a van para

responder.

— Não há policiais por perto por dez quilômetros, — Daisy diz a Ryke.

Eu franzo a testa. — Como você sabe disso?

Ela balança seu celular. — Um aplicativo.

Minha audaciosa irmãzinha *teria* quer ter um aplicativo a alertando sobre policiais por perto.

— Bonnie e Clyde, — Lo diz secamente, — nós não estamos roubando um banco. E sério, eu não quero saber o que deixa vocês excitados. Tá, obrigado.

Ryke se inclina para frente para olhar pela janela. — Filhos da puta.

Sim, eles nos alcançaram.

Ele pisa no acelerador e meus pulmões de repente voam para minha garganta. — AimeudeusAimeudeus. — Isso é como uma daquelas montanha russas de parques de diversões - aquelas em que eu acabo me mijando um pouquinho porque tenho pavor de altura.

Só que isso é pior porque Ryke está operando a maquinaria.

Ele pisa nos *freios*. — Se segurem, — ele nos diz, o aviso chegando muito tarde.

Eu acho que acabei de fazer xixi. Eu verifico minha virilha. Nem tanto.

Graças a Deus.

Lo aperta minha mão enquanto a van acelera à frente e Ryke desliza através da grama mediana entre as pistas indo para o *outro* lado. Agora estamos indo na direção oposta da van. E do clube de campo.

Daisy não está apenas sorrindo como se essa fosse a melhor experiência que teve toda a semana, mas ela também abaixa a janela e estende a mão para fora.

Eles são realmente feitos um para o outro.

— Vocês dois são loucos, — diz Lo com naturalidade. — Vocês não deveriam se preocupar com crianças, porque eu não acho que algum dos dois viverá o suficiente para ter alguma.

Daisy zomba ofegante. — Tarde demais. Eu já estou grávida.

— Fofa, Calloway, — Ryke diz, acelerando e pegando a saída mais próxima para que ele possa seguir um novo caminho. Ele ainda está acelerando.

— Devemos começar a rezar? — Eu sussurro para Lo. — Ou talvez, se nos concentrarmos o suficiente, nossos poderes de teletransporte entrem em ação e podemos ir para longe. — Eu paro. Isso é muito egoísta, deixando Ryke e Daisy para se defenderem sozinhos. — Ou talvez podemos parar o tempo.

E é quando um Trailblazer branco gigante se funde em nossa pista e atinge nosso Audi, batendo na porta do motorista e na mais próxima do Lo.

Os airbags laterais estouram e pequenos pedaços de vidro chovem tanto em Ryke quanto em Loren, crocantes como cascalho.

— *Porra*, — Ryke amaldiçoa. Nós devemos estar no ponto cego deles.

O cinto de segurança cavou com força na minha barriga e sinto mais umidade entre as pernas. Eu me solidifico, imaginando se é algo pior do que apenas xixi. Ryke tem que parar em um posto de gasolina nas proximidades com o Trailblazer, especialmente porque o Audi está estranho.

— Eu acho que as rodas estão tortas, — diz Ryke. Daisy desliga o som e tira um pouco do vidro do cabelo de Ryke.

Eu deveria fazer o mesmo com Lo, mas meus olhos estão muito arregalados, paralisados em um problema. Eu abro minhas pernas e olho para baixo, mas não consigo ver muito, já que minhas leggings são pretas.

— Lil? — Lo diz, preocupação em sua voz. Eu não posso me mexer.

Ryke tenta abrir a porta do carro, mas está entupido. Daisy sobe primeiro no

Audi, então Ryke rasteja pelo console do meio e sai. Eu sou a próxima.

Eu não posso me mexer.

— *Lily*, — Lo força meu nome e cobre meu rosto, o virando para ele. — O

que há de errado?

— Ou eu fiz xixi ou… — Meus olhos queimam.

Lo olha para o meu colo. — Você está sangrando?

— Eu não sei, — eu digo em um suspiro apertado.

Ele levanta meu suéter e puxa a barra das minhas leggings para olhar para baixo. Depois de puxar minha calcinha, nós dois vemos algumas gotas de sangue.

— Lo… — Eu digo, lágrimas enchendo meus olhos.

— Provavelmente não é nada… — Mas ele já está com o celular pra fora, discando um número. Eu estou supondo que o 911. Ele beija minha testa e então sussurra, — Vá para fora. Estou bem atrás de você.

Eu engulo um caroço e saio do carro. As sirenes da polícia tocam à distância, e o vidro polvilha o chão. O Trailblazer não está tão ruim quanto o nosso carro menor, mas o motorista ainda inspeciona seu pára-choque.

— Daisy, — diz Ryke, sua voz cheia de preocupação.

Minha cabeça vira para o lado e vejo minha irmãzinha encostada no capô do Audi. Ela olha para longe, parece perdida em sua mente. Ryke continua acenando com a mão para ela, mas ela nem está respondendo.

— *Daisy*, porra, olhe para mim.

— O que… — Ela pisca em transe e seus braços tremem. É como se ela estivesse em outro lugar inteiramente, talvez de volta a Paris, no tumulto, onde seu rosto foi machucado. As sirenes e os destroços podem ter provocado

o trauma daquela noite.

Lo sai do Audi e imediatamente coloca as mãos nos meus quadris. — Lily,

— ele sussurra, — uma ambulância está chegando. Eu só quero que te cheque. Por precaução, ok? — Ele coloca uma mecha de cabelo atrás da minha orelha.

Eu mordo meu lábio para manter as lágrimas no lugar. — E sobre o encontro com seu pai?

— Eu mandei uma mensagem para ele. — Ele me abraça em seu peito. —

Provavelmente não é nada, — ele diz novamente.

Sim. Provavelmente não é nada.

Eu sinto uma lágrima quente escapar. Estou à mercê do destino. É uma coisa cruel. Estar nas mãos do universo.

Forças que raramente estão do nosso lado.

— Eu só queria poder senti-lo, — diz Lily.

Ela descansa na cama do hospital, uma de suas mãos na parte inferior do abdome. Eu seguro sua outra mão, de pé ao lado dela enquanto esperamos o médico da emergência retornar e fazer um ultrassom.

— Quero dizer, eu sei que não o senti antes. Mas agora eu realmente gostaria que ele chutasse ou se movesse, apenas para me deixar saber que ele está… — Lágrimas crescem em seus olhos verdes, suas bochechas manchadas de vermelho.

Eu aperto a mão dela. — Ele está bem, — eu digo, minha voz mais afiada do que eu gosto. Meu pulso não diminuiu. *Eu não quero perdê-lo* - é uma realização que esmaga meus pulmões.

Eu não quero perder essa criança que eu nunca quis, em primeiro lugar.

Ele é um pedaço de mim e da Lily, e a maioria das pessoas consideraria isso uma coisa estragada e danificada. Mas quanto mais eu penso sobre isso -

e quanto mais ela carrega *nosso* filho - eu reconheço todas as partes boas de nós.

Elas fodidamente existem.

E há uma esperança, uma chance, que ele pode ser mais do que eu sou.

Que ele pode ser melhor que eu.

Lily funga e eu limpo embaixo de seus olhos com o polegar. Eu viro minha cabeça para checar meu irmão.

Na porta, Ryke está sentado debruçado. Um celular no colo. A cara dele enterrada em suas mãos. Ele pediu desculpas cem vezes.

Uma vez pelo meu carro acabado, noventa e nove vezes pela Lily.

— Não é sua culpa, — eu digo pela quinquagésima vez. O carro *nos* atingiu. Foi apenas um acidente estranho.

— Eu estava em alta velocidade, — diz Ryke, soltando as mãos. Seus olhos estão vermelhos. Os meus permanecem secos e continuam a queimar, por isso acho que os meus espelham os dele.

— Não muito. — Ele já havia desacelerado naquele ponto.

Seu telefone vibra e ele rapidamente o pega. Seu rosto se contorce. — Ela está tendo uma fodida avaliação psicológica. — Ele tentou seguir Daisy até o quarto do hospital, mas uma enfermeira disse *apenas a familia* e ele foi mandado para o nosso.

Agora sabemos porque eles o expulsaram. — Talvez seja uma coisa boa,

— digo a ele.

Os olhos dela não pareciam certos. O tumulto de Paris - ainda está comigo.

A sobrancelha de Ryke está cortada no canto, uma cicatriz literal daquela noite como a que está na bochecha de Daisy. Não tenho feridas externas para mostrar, mas me lembro do medo, da completa falta de controle, e nunca mais quero sentir isso de novo. É um pânico tão profundo que a morte parece próxima. Sufocando.

De dentro para fora.

Hoje foi um gosto muito pequeno disso, e acho que todos nós sabemos que isso provocou algo em Daisy que não podemos ver.

Ryke passa as mãos pelos cabelos, angustiado, e então ele examina Lily na cama do hospital. — Eu sinto muito, Lily, porra.

— Tudo bem, — ela diz em uma voz suave. Seu queixo estremece.

— Shh, amor. — Eu me inclino mais perto dela e seguro seu rosto entre as

duas mãos. — *Ele está bem*. — Meu peito desmorona com a dor em seus olhos.

— Eu não posso senti-lo, — ela chora, lágrimas vazando.

Meu coração está despedaçado. — Você nunca conseguiu senti-lo, — eu a lembro. — Isso não significa que ele está morto. — No momento em que digo a palavra, ela explode de um grito a um soluço gutural. Eu não posso explicar essa mágoa que corre através de mim, é como estar submerso debaixo d'água. — Shh, Lil, — eu sufoco o nome dela. Eu acabo acariciando sua cabeça, desejando que eu pudesse me arrastar na cama do hospital e segurá-la em meus braços.

A porta de repente se abre, mas é Ryke. Saindo. Eu o pego beliscando os olhos antes que ele desapareça. Depois de alguns minutos de silêncio, Lily respira treinadamente, com os olhos fechados enquanto as trilhas molhadas riscam suas bochechas.

Quando Ryke entra no quarto novamente, o médico entra também, e me pergunto se meu irmão o localizou. Tenho a sensação de que ele fez.

O homem com cabelo loiro penteado e uniforme azul faz um pequeno olhar duplo, reconhecendo nossos rostos da mídia, provavelmente. Ele pega

um prontuário da parede. — Eu sou o Dr. Adams. Eu estarei fazendo sua ultrassom.

— Você parece jovem, — eu digo — Eu sou um residente do primeiro ano.

Contanto que ele possa ler a máquina, eu realmente não me importo em que ano que ele está.

Dr. Adams senta em um banquinho e levanta o suéter de Lily até as costelas. Enquanto ele esguicha gel em seu estômago, seu olhar vai entre mim e Ryke, imerso em pensamentos. — Então, quem é o pai?

Ryke cruza os braços e eu franzo a testa. Ele não pode estar falando sério.

— Loren é, — Lily responde suavemente.

— Eu posso ter perdido meu filho e é isso que você me pergunta? — Eu digo para esse cara.

Dr. Adams liga o monitor de ultrassom. — Se você precisar de um teste de paternidade...

— Ela não precisa de um, porra — eu o interrompo. Minha garganta está muito fechada para acrescentar mais alguma coisa. Eu não posso nem dar um sorriso seco. Eu apenas o olho com raiva.

Ryke acrescenta: — Você tem a porra do pior jeito de tratar os pacientes que eu já vi.

— Eu estou trabalhando nisso, — diz ele sem entusiasmo. E então ele pressiona a sonda no estômago dela, alisando o gel enquanto ele passa por sua pele. O sonograma aparece no monitor, e os dedos de Lily apertam em volta dos meus, o colarinho dela se projetando enquanto ela inala.

E lentamente, eu ouço o *beep, beep, beep* de outro coração.

O alívio quase faz minhas pernas cederem.

Ele está bem.

Eu esfrego meus lábios enquanto meu corpo me pede para exalar, respirar, chorar. Eu engulo todo sentimento que pessoas normais soltam. *Por que você está fodidamente chorando, Loren?* Eu ouço a voz do meu pai na boca do meu ouvido. E eu paro todas as lágrimas. Simples assim.

— Ele está bem, — afirma o Dr. Adams. — Os sinais vitais da mãe e da criança, sem hemorragia interna, tudo sob controle. — Ele rapidamente se levanta, limpando o gel do estômago com uma toalha. — Eu sugiro consultar sua ginecologista dentro da semana, como rotina, mas tudo deve ficar bem.

Eu tenho que preparar algumas papeladas, e vou falar para uma enfermeira liberar você quando você estiver livre para ir.

Ele fala tão rápido e sai pela porta, que o peso dessa *boa* notícia me atinge

com mais força.

Minha vida não desmoronou novamente. Não dessa vez. Eu me sento na beira da cama de hospital, e Lily imediatamente coloca os braços em volta dos meus ombros, a testa no meu peito. Eu a abraço mais perto, meu coração batendo tão forte que me pergunto se ela pode sentir ele.

Eu quero ele.

Porra, eu quero esse filho mais do que eu já quis muitas coisas na minha vida.

E eu sei que é porque ele é parte de nós. Eu nunca quero destruir um pedaço de Lily. Não importa se a estrada à nossa frente será mais difícil. Sem ela, seria insuportável. Nós cruzamos um ponto em que perder nosso filho doeria mais do que realmente tê-lo.

— Lil, — eu sussurro, meus lábios escovando sua orelha. — Eu te amo. —

Minha mão desliza em seu pescoço, ela levanta a cabeça e me beija, tão ternamente que eu entendo que ela quer que seja um beijo e nada mais sexual.

Eu abro minha boca para perguntar se ela está bem.

Mas ela fala antes que eu possa. — Você está aliviado.

Eu balanço minha cabeça e levanto seu queixo.

Ela franze a testa.

— Estou *feliz*, — esclareço. Apesar de todos os meus medos, estou feliz que ele esteja vivo.

Ela beija minha bochecha e então eu não posso mais segurar, eu a beijo com força total, minha respiração se tornando dela e a dela minha. Um dos meus braços envolve as costas dela. Quando a porta se abre, nos separamos instantaneamente.

— Obrigada, — Daisy diz para uma enfermeira que deve ter levado ela até nosso quarto.

— Você precisa de mais alguma coisa, querida?

— Não, eu estou bem. — Ela tem papéis grampeados na mão e acena para a enfermeira enquanto sai. Quando Daisy se vira, Ryke se aproxima dela sem hesitação ou cautela - ele a beija no impacto com profunda preocupação. E

ela segura em sua cintura, seu corpo se curvando para ele em aceitação e desejo daquele abraço.

Estou prestes a desviar o olhar, mas ele se afasta e diz: — Você me assustou pra caralho.

— Eu me assustei, — ela sussurra, procurando em seus olhos. — Não me

faça chorar.

— Tudo bem chorar, Dais.

Meu estômago dá um nó.

Ela balança a cabeça e fica na ponta dos pés para beijá-lo mais uma vez.

Então ela diz: — Eu amo você.

Seus ombros quase relaxam, mas seu rosto permanece endurecido. Ele sussurra no ouvido dela.

Depois que dou a ele tempo para dizer *eu amo você* de volta, limpo a garganta e ambos se voltam para olhar para nós.

Daisy se aproxima, seus olhos se arregalando. — Lily...

— O bebê está bem, — eu explico. Lily ainda se agarra a mim como se estivesse aprendendo como respirar novamente. — O que há com os papéis?

— Eu aponto para a pilha na mão de Daisy.

— Oh… — Daisy faz uma pausa por um segundo, e ela olha entre mim e meu irmão. — Adivinha só? — Ela agita os papéis teatralmente no ar e

estende os braços. — Estou grávida. — Então ela se curva.

O quarto está em silêncio.

O rosto do meu irmão cai.

Eu continuo completamente imóvel.

— O quê? — Ryke diz, suas mãos descansando em sua cabeça.

O queixo de Lily caiu no chão.

E então Daisy se endireita com um sorriso brincalhão. — Só estou brincando.

Ryke solta um longo suspiro que se transforma em um grunhido. —

Maldito inferno, Daisy. Eu tive cerca de cinco ataques cardíacos nas últimas fodidas horas.

Foi uma piada, — ela diz baixinho. — Você sabe, aqueles em que você ri no final.

— Eu não estou fodidamente rindo.

— Público errado, — diz ela. — Eu devo ter errado o quarto com o namorado que teria rido.

— Deve ser o namorado que não conhece você tão bem. — Ele agarra os papéis da mão dela e folheia. Ela usou o anúncio “estou grávida" para desviar do assunto real.

As feições de Ryke se tornam graves, e eu entendo o quão sério deve ser.

— O que é isso? — Lily pergunta a Daisy.

Ela encolhe os ombros fracamente. — Eles querem me colocar em algum

medicamento novamente.

Ryke dobra o papel, que deve ser a receita dos remédios que ela precisa pegar, e ele coloca no bolso de trás.

Meu telefone vibra, mas o mesmo acontece com o de todo mundo.

Todos nós verificamos o grupo de mensagens.

Por favor, um de vocês, me ligue, porra. Nós podemos reagendar a reunião. Eu só quero saber se meu neto está vivo. — Pai Ele provavelmente estaria aqui se o trânsito não estivesse ruim por causa do acidente. Eu sou o primeiro a mandar mensagem de volta.

Sim. Hesito no que mais acrescentar, meu corpo se ligando com mais emoção. Eu tento sufocar esses sentimentos por instinto. Eu engulo e digito: *ele está bem.*

{ 10 }

LOREN HALE

Com uma sacola de compras na mão, eu lentamente abro a porta do meu quarto. Espero que Lily esteja adormecida ou assistindo *Thor* de onde paramos - bem antes de ela querer maçãs e glacê. Ambos não tinham na casa.

Eu tive que pegar o carro da Lily - já que o meu está fora de serviço - para ir até a loja.

Quando eu entro no quarto, vejo Lil em nossa cama, meu tablet na mão enquanto suas sobrancelhas estão franzidas. No momento em que fecho a porta, ela recua e esconde o tablet embaixo dos edredons.

Não é pornô, é meu primeiro e único pensamento.

— Escondendo alguma coisa? — Eu pergunto a ela.

Ela estende as mãos para a sacola de compras, os olhos arregalados. Eu fico ao pé da cama. Ela parece ridiculamente adorável vestida com seu macacão vermelho do Homem-Aranha, um pijama que ela comprou na faculdade.

— Você pegou o glacê? — Ela se anima e pega a sacola de plástico.

Eu puxo meu braço para trás, mantendo uma postura difícil. — Que tal nós negociarmos? Me dê o tablet e eu lhe darei a comida?

— Eu não estava fazendo nada de errado, — diz ela, mas não faz nenhum movimento para pegar o tablet.

De repente, agarro seu tornozelo e a puxo para a beira da cama rapidamente. A respiração sai dela e seus olhos pousam direto na minha virilha. Eu abaixo meu rosto muito próximo do dela, então ela está olhando direto nos meus olhos. — Lily Calloway, você estava vendo pornografia?

— Não, — diz ela. Eu não detecto a mentira.

— Você estava no Tumblr?

Ela pressiona os lábios juntos.

Eu lhe dou um olhar sem sentido. — Lil.

— Lo.

Eu balanço minha cabeça para ela. — O que poderia ser tão interessante que você arriscaria suas preciosas maçãs e glacê?

Ela levanta as mãos. — Eu posso explicar. — Sua boca permanece congelada, aberta e nenhuma palavra escapa.

Para ir direto ao ponto, eu descanso um joelho na cama, me inclino para frente e roubo meu tablet de volta. Ela nem tenta recuperá-lo. Ela apenas enterra o rosto no edredom, as bochechas avermelhadas de vergonha.

Estou mais confuso. Eu digito minha senha na tela de bloqueio. E o que aparece é um artigo, não no Tumblr, com o título: *Melhores posições sexuais para fazer durante a gravidez.*

Não é nem perto de ser ruim.

Ela murmura alguma coisa no edredom que soa como, *eu estava apenas curiosa.*

Pego o pote de glacê e a bandeja de maçãs cortadas da sacola e, em seguida, rolo Lily de costas. Ela protege o rosto com as mãos.

— Eu não pude evitar. Quero dizer, eu poderia, mas eu só queria saber o que seria melhor e... e eu vou parar de falar agora.

Eu subo em cima dela, meus joelhos em cada lado de seus quadris, e ela olha entre seus dedos, inspecionando o glacê e as maçãs nas minhas mãos.

— Estou sonhando? — Ela sussurra.

— Não, amor.

Ela enruga o nariz. — Isso parece muito com uma das minhas fantasias. —

Ela faz uma pausa. — Só que você deveria estar nu.

— Com o tempo, — eu digo a ela, abrindo o pote de glacê.

— Então você não está com raiva de mim? — Ela pergunta, apoiando o corpo nos cotovelos.

— Eu confio em você, Lil. — Eu prefiro que ela esteja confortável quando dormimos juntos do que em pânico e ansiosa, de qualquer maneira. Eu reconheço o quão injusto deve ser quando eu posso ler todos esses sites, ter todo esse conhecimento, e ela supostamente não é permitida a ter nada disso -

só para não excitá-la. Nós vamos foder independentemente de qualquer coisa.

Ela fica ainda mais vermelha quando sussurra: — Vamos fazer sexo agora?

— Por que você está sussurrando? — Eu digo. — Você está escondendo alguém debaixo da cama?

— Não, — diz ela, me observando mergulhar uma maçã no glacê.

Com a outra mão, eu aperto o ponto entre suas pernas e ela se contorce debaixo de mim, um som sem fôlego saindo de seus lábios. Meu pau pulsa algumas vezes. Estou prestes a colocar a maçã entre os lábios dela, mas no momento em que me inclino para frente, nossa janela se quebra de repente.

Eu recuo quando um projétil *bate* com força nas tábuas do assoalho.

Que diabos?

Lily fica rígida de medo, seus dedos apertando meus bíceps.

Saindo de cima de seu corpo, instintivamente a posiciono atrás de mim. —

Lil, fique atrás de mim. — Meu comando é abafado por gritos externos, vozes alarmadas que ecoam em nosso quarto.

— Vamos, vai, vai!

— Corre. Corre! Ele vai nos ver!

Meu pulso está acelerado com o calor vermelho-sangue enquanto começo a perceber o que foi esse incidente. Uma pegadinha. Eu cerro meus dentes.

Uma pegadinha *idiota*. Eu imediatamente me levanto da cama, e Lily rasteja até a borda.

Eu dou a ela um olhar de advertência. — Lily, fique *aí*. — Vidros demais estão espalhados no chão, e eu não quero ela perto deles. Meus olhos caem para o abdômen dela. Eu tenho outra pessoa para cuidar também. Isso deve desencadear um impulso materno em Lily. Ela continua parada, sem me seguir.

Com um buraco no meu estômago, passo ao lado dos cacos afiados e pego um tijolo, uma nota presa com um elástico. Eu vou para a janela antes de a ler, meus músculos tensos. Do lado de fora, vejo cinco adolescentes de moletons pretos correndo pelo quintal. Holofotes ainda iluminam a grama.

Apenas um dos garotos se vira para olhar para trás. E seus olhos encontraram os meus. Direto. Eu sinto o quão afiado o meu rosto está - sinto a malícia em meus olhos. Mas tudo some no momento em que vejo a mesma expressão exata nesse adolescente. O mesmo garoto que eu peguei na rua durante a pegadinho do paintball.

Eu balanço minha cabeça para ele.

Ele inspira pesadamente. E então ele corre para longe, seguindo seus amigos. Meu olhar cai para o tijolo frio. Eu tiro o elástico e desdobro o papel branco.

— O que está escrito? — Pergunta Lily.

Rosas são vermelhas.

Violetas são azuis.

Vai foder sua puta.

Todos sabemos que seu irmão também contribui.

Com as juntas dos dedos brancas, eu amasso o papel, minhas veias pegando fogo. Eu suprimo essa irritação. Eu odeio os rumores de sexo a três,

mas o que eu mais odeio são aqueles sobre o nosso filho ser do Ryke.

— Lo? — ela diz.

E o que eu não posso tolerar - é a reação da Lily para essas coisas. Isso a derruba e eu quero que ela se eleve acima de tudo. Mas isso dói. Eu sei disso.

Então eu farei o meu melhor para protegê-la dessa merda.

Eu fecho as cortinas roxas de veludo, uma mentira já inventada na minha cabeça. — É uma piada de mau gosto sobre paus pequenos. Não é nem engraçada.

Ela acena com a cabeça, provavelmente não acreditando em mim, mas deixa passar assim mesmo. Seu olhar viaja para o vidro, a janela quebrada já escondida atrás da cortina.

— Vou limpar depois, — digo no momento em que nossa porta se abre sem bater.

— Ei, — diz Ryke. — Eu ouvi um… — Ele vê o vidro e depois o tijolo na minha mão.

— Aqui. — Eu passo ao redor dos cacos e lhe entrego a nota e o tijolo. —

Faça o que quiser com isso. Não significa nada para mim.

Seus ombros se apertam e ele desenrola a nota, lendo-a rapidamente. Sua voz se abaixa, então Lily não consegue ouvi-lo. — Isso é errado para caralho.

— Já ouvimos tudo antes, — eu digo. — Eu posso lidar com isso. — Eu não preciso que o Ryke ameace esses garotos para mim. Eu tenho uma voz mais alta do que a dele de qualquer maneira. Eu sempre fui capaz de atacar.

Essa aqui é a rota que nunca tomei antes.

Esperar e ver. Ficar calmo. Tentar colocar minhas emoções de lado para encontrar uma opção melhor.

— Tem certeza? — Ryke me pergunta, seus olhos piscando para Lily na cama e de volta para mim.

— Eles não vão quebrar nossos corações frágeis em pequenos pedaços, —

eu digo secamente. — Portanto, ninguém precisa entrar em contato com um corretor de imóveis. Nós não estamos nos mudando. — A vida de todos mudou muitas vezes por causa de forças externas. Essa casa era para supostamente ser a *nossa* estabilidade, e esses adolescentes não vão tirar isso.

Já perdemos demais.

— Se você sentir que precisa de algo, você vem até mim, ok? — Ryke diz de repente. Ele quer dizer a bebida.

Eu dou uma de burro. — Certo. Da próxima vez que eu precisar de um ombro para chorar, vou me certificar de assoar meu nariz na sua camisa.

Ele me mostra o dedo do meio, mas nós dois acabamos sorrindo fracamente.

Eu esfrego a parte de trás do meu pescoço. — Você pode simplesmente deixar todo mundo saber o que aconteceu? Eu quero ficar sozinho com Lily agora, e Rose também não aprendeu a bater ainda.

Ryke revira os olhos. — Sim, eu vou dizer a todos para darem uma hora para você...

— Mais, — eu digo.

Lily inala de surpresa e parcial excitação.

Tanto Ryke quanto eu nos viramos para olhar para Lil, sua pele quase se misturando ao seu macacão vermelho. Ela joga um cobertor sobre a cabeça, então Ryke não consegue ver seu constrangimento. Eu não posso segurar um sorriso. Porra, eu amo essa garota.

— Eu já te vi, Lily, — meu irmão diz como se ela estivesse sendo ridícula.

Lily murmura uma resposta que parece, *não, você não viu.*

Eu dou um tapinha no ombro de Ryke. — Vejo você mais tarde.

Ele pega a dica e sai do quarto, fechando a porta ao sair. Eu volto para a cama, subo em cima de Lily e arranco o cobertor do seu rosto, o cabelo frisado pela estática. Seus lábios se separam enquanto seu olhar segue meu corpo.

— Na minha fantasia, você está nu, — ela me lembra.

— Você quer que isso dure mais de uma hora, amor?

Ela assente com a cabeça e com olhos arregalados e desejosos.

Eu beijo seus lábios com ternura e então sussurro, — Então nós vamos fazer isso bem, bem *devagar*.

Ela sorri e me beija de volta, concordando com esse plano. Ela faz uma pausa por apenas um segundo e eu sinto a hesitação em seu corpo, o que é diferente da Lily.

— Você acha que eles vão parar? — Ela me pergunta, séria.

Eu percebo que ela está falando sobre os adolescentes. — Talvez, — eu digo. — Eu não sei. — Eu franzo a testa. — Você está com medo?

— Na verdade, não. Nós lidamos com idiotas piores na escola preparatória, certo?

Eu, eu penso. Eu era pior. Eu coloquei sangue de porco na porta da frente de um cara e fiz inúmeras outras coisas. — Certo, — eu respiro.

— Eles não podem *entrar* na casa… — ela diz com desconforto.

— Não, — eu digo com força. — Eles não fariam isso. Além disso, temos

um sistema de segurança.

Ela balança a cabeça repetidamente e então *ela* me beija rápido e profundamente. Eu descanso suas costas contra o colchão novamente. Eu tento esquecer a interrupção, os adolescentes e o olhar afiado do jovem da rua

- que ao mesmo tempo dizia: *vai se foder.*

E *me mate.*

{ 11 }

LILY CALLOWAY

— Como eu pude dormir durante um maldito acidente de carro? — Rose diz, horrorizada pela enésima vez. Ela está sentada em um banquinho de couro com um livro de receitas de inverno aberto.

Rainha Rose, isso foi a dez dias, — Loren diz com pouco divertimento. —

Você nem estava *lá*, então deixe nós, peões, refletirmos sobre a situação e você pode deixar isso para lá. — Ele dá um sorriso amargo e limpa a farinha das mãos com uma toalha. Esse foi um dos seus comentários mais gentis do dia.

Cozinhar, eu descobri, deixa Loren Hale malvado. Quase como se homens *felizes* e sorridentes de biscoito de pão de mel o frustrasse. Ele já colocou rostos carrancudos no segundo lote de biscoitos, só para garantir que todos compartilhassem seu estado de irritação.

— Eu não posso deixar isso para lá, — diz Rose bufando. — Ninguém nem nos *ligou*. — Ela furiosamente vira uma página em seu livro de receitas.

Eles descobriram sobre o acidente de carro direto do *Celebrity Crush* antes que pudéssemos contar a eles. Eles nunca vão deixar isso passar.

Mas eu sei que é mais do que não ter ligado. Rose está com medo de que agora faça parte do círculo *externo*. Connor não está feliz também. Ambos gostam de saber tudo antes de todo mundo - então isso dói.

Eu assisto Daisy e Ryke trabalharem com o liquidificador em nossa cozinha de aço inoxidável. Copos de medição, bandejas de cupcake, açúcar e manteiga estão espalhados nas bancadas.

Eu não estou vagando por aí, mas estou comendo gotas de chocolate da sacola ao lado de Rose, o que eu gosto de pensar que está ajudando de alguma forma. Estou provando o sabor da comida.

É comestível. Apenas no caso de alguém estar se perguntando.

— Eu teria aceitado uma mensagem de texto, pelo menos, — diz Connor, abrindo uma caixa de ovos. Ele está mais perto do Lo do outro lado do balcão.

Lo se inclina contra o armário. Ele retruca, — Vou mandar uma para você

agora mesmo se isso faz você se sentir melhor. — Ele nem ao menos adiciona *amor* no final da frase, que ele reserva apenas para mim e para um de seus melhores amigos.

A sobrancelha de Connor arqueia e ele olha fixamente para ele.

Eu digo para Lo, — Cozinhar deixa você malvado.

Ele aperta o balcão, respira fundo e seus olhos âmbar estreitos voam para mim. — Meu pai me mandou uma mensagem sobre a reunião.

A cozinha fica em silêncio, exceto pelo liquidificador zumbindo.

— E? — Eu pergunto, prendendo a respiração.

— E *nada.* Ele só fica dizendo que ele vai explicar pessoalmente, mas agora ele nem está dizendo quando isso vai acontecer. — Ele se endireita enquanto exala novamente. — É irritante pra caralho.

Ryke diz, — Ele está apenas brincando com a gente. É o que ele faz.

Lo balança a cabeça novamente em desacordo. — É como se ele estivesse com medo ou algo assim... eu não sei. Eu não quero pensar sobre isso, honestamente.

Rose aponta para uma foto de biscoitos de hortelã. — O Whole Foods vende esse biscoito *exato*.

Lo parece grato pela digressão, mesmo que esteja vindo de Rose. Minha irmã mais velha está pronta para sair da banqueta, pegar as chaves e fazer compras.

Suas habilidades de compra superam suas habilidades culinárias.

E eu concordo, isso soa como um plano brilhante. Eu me animo. Estou prestes a desistir da nossa tentativa de cozinhar. Eu sou conhecida por ser preguiçosa, então eu tenho uma desculpa perfeita.

Mas Connor arranca o livro de receitas da mão de Rose e desliza os ingredientes para frente. — Você pode fazer isso facilmente, querida.

Seus olhos verde-amarelados perfuram sua testa. — Eu não cozinho. A coisa inteligente a se fazer, Richard, seria economizar tempo e comprar tudo isso. — Ela aponta para a bandeja de homens deformados de pão de mel (do Lo), biscoitos de canela queimados (da Daisy) e biscoitos de aveia perfeitos (do Ryke).

— É a coisa eficiente a se fazer, — diz Connor. — Mas Maria pediu biscoitos caseiros, e não os comprados em lojas. — A filha de Poppy está fazendo algum tipo de venda de produtos caseiros, e minha irmã mais velha pediu nossa ajuda.

— Maria também sabe que eu *detesto* cozinhar. — Rose se inclina sobre o

balcão para conversar com Connor.

Isso é bom. Eu como as gotas de chocolate como pipoca, meus lábios subindo em entretenimento. As estrelas nerds estão brilhando. Lo está observando também, e ele se junta ao meu lado e enfia a mão no saco de gotas de chocolate.

Connor está praticamente sorrindo. — Você está realmente implicando que ela está fazendo isso de propósito?

— Sim. — Rose puxa seus ombros para trás como um gato pronto para atacar.

Connor sorri largamente agora. — Ela tem seis anos.

Lo sussurra para mim, — Bem feito.

— Rose tem isso, — eu sussurro de volta. — Só assista. — Eu sou Team Estrelas Nerds, mas se eu tiver que escolher uma lealdade, eu ficarei com a

minha irmã todas as vezes.

— Todas as crianças são diabos disfarçadas, — retruca Rose, seus antebraços no balcão, — e aparentemente sou a *única* que as vê pelo que elas realmente são.

— E o que elas são?

— Pequenos, minúsculos gremlins.

Lo engasga com um pedaço de chocolate. Eu bato nas suas costas e continuo comendo as minhas, meus olhos se arregalando de divertimento.

Isso é melhor que um filme.

A bunda da Rose sai do banquinho enquanto ela continua, — O tipo que absorve todo o seu tempo e energia, e antes que você perceba, você é uma bruxa velha com *nada* além de biscoitos nojentos e flácidos.

— Suas hipérboles não são novidades, — Connor diz a Rose. Eu acho que ele só gosta disso quando vêm dela.

Ela bufa. — Eu falo a verdade.

— Se alguém aqui é um contador de verdade, sou eu, querida. — Ele pisca para ela.

Rose estreia os olhos para ele. — Da próxima vez que você piscar para mim, Richard, vou arrancar seu globo ocular e incendiá-lo.

Ele se inclina para mais perto dela, seus lábios a centímetros de distância.

— Vá em frente e tente.

O olhar dela cai para a boca do Connor, a tensão sexual aumenta, mas isso não me leva a lugares ruins. O amor intelectual deles é sempre mais divertido para mim do que erótico. — Se você é um contador de verdade, — ela diz, —

então o que isso faz de mim, Richard?

— Uma contadora de histórias. O mundo precisa desses, então não se sinta mal. — Ohhhhh.

— Bem feito em dose dupla, — diz Lo. Ele olha para mim. — O que você disse mesmo, amor? — Ele é Team Connor, cem por cento.

Eu me recuso a conceder. Minha irmã vai sair por cima.

As bochechas de Rose estão coradas - metade com raiva e metade em excitação, sua respiração está rasa. E ela olha para ele com raiva. — Não sorria para mim. — Seus olhos voam para os lábios dele novamente e de volta ao seus profundo olhos azuis.

O sorriso de Connor simplesmente ultrapassa seu rosto, arrogante e...

— Eu casei com um egocêntrico, — diz Rose. — O que há de errado comigo?

Ok, então talvez ela saia por baixo, mas acho que é um lugar que ela gosta de estar no quarto. No meu livro, ela ganhou. Eu aceno definitivamente.

Connor se inclina para frente, os pulsos no balcão, os dedos roçando os braços dela. — Rien du tout. — *Absolutamente nada.*

Eu me encolho de surpresa com a sacola de chocolate na mão, pedaços de chocolate voando pelo ar. Todo mundo se vira para mim e eu fico vermelha.

Mesmo assim, eu aponto para Connor. — Eu entendi você! Ha! — Meu livro de tradução de francês está *finalmente* valendo a pena.

E Connor me dá um dos sorrisos mais genuínos que já vi, e então ele bate palmas, não com sarcasmo, como aplausos reais para alguém que fez uma prova e ganhou um 10.

Isso me enche com mais confiança do que eu acho que já tive. Eu posso ficar no mesmo nível das duas pessoas mais inteligentes da casa. Leva apenas um pouco de trabalho e dedicação. Coisas em que eles se destacam - coisas que estou aprendendo.

Lo beija minha cabeça, suas mãos passando ao redor da minha cintura por trás. Meu corpo aquece ao seu toque, e eu evito intencionalmente seu rosto, incapaz de encarar por muito tempo. Sua linda linha da mandíbula e olhos cor de âmbar me mandam com uma passagem só de ida para o quarto, e eu tenho ficado... não tão bem nos últimos dias no departamento do sexo.

É só difícil ficar tão excitada o tempo todo.

Lo até me lê bem, sem provocação. Ele apenas mantém o braço solto ao meu redor e fica do meu lado. Ele diz para Rose, — É engraçado que você está reclamando sendo que fizemos a maior parte dos biscoitos. — Ele

gesticula do peito para Ryke e Connor.

— Daisy nos ajudou, — Ryke lembra, tirando a tampa da cobertura de chocolate.

— E Daisy, — Lo corrige.

— Eu estou reclamando pela Lily também, não só por mim mesma. — Ela levanta o queixo para mim. — De nada. — E então ela dobra as mãos no balcão e fica mais reta. Eu amo a Rose, mesmo quando ela está do lado oposto de Lo.

Ele dá um meio sorriso para ela e depois volta para o lado do Connor. Ele dá um tapinha no ombro dele. — Ela é toda sua, amor.

Connor dá um sorriso de um bilhão de dólares, e seu olhar nunca se desvia do da Rose e o dela nunca se desvia do dele, como se estivessem conversando em seus cérebros. Leitura da mente - um superpoder de pessoa inteligente.

Eu sorrio e pego algumas gotas de chocolate do balcão, enquanto Lo verifica o forno. Quando eu olho para cima, eu percebo Ryke e Daisy flertando, *dois* dos dedos deles mergulhando na cobertura de chocolate.

Meu corpo reage, minha pele aquece em lugares que não deveria. Eu endureço, lembrando de uma situação similar no passado com eles. Quando eles não estavam juntos. Mas eu não me aqueci naquela época. Eu

definitivamente não comecei a suar em excitação. Passo o meu braço sobre minha testa úmida, me xingando por sentir *qualquer* coisa.

Daisy encara o namorado mais velho, segurando no cós da calça dele, e então Ryke chupa o chocolate, os dedos fundo na boca, e seus olhos rolam para trás em um orgasmo falso.

Puta merda..

Eu preciso desviar o olhar. Ryke Meadows *não pode* estar me excitando.

Não não *não.* Se há uma constante, é isso: Ryke Meadows é meu assassino de humor, é quem eu imagino para me deixar *seca*. Meu corpo hormonal não percebe o quão irritante Ryke pode ser.

Assim que Ryke deixa cair os dedos, ele beija Daisy tão profundamente, com ação de língua habilidosa. As mãos dela agarram o cabelo castanho espesso dele.

Eu fico mais molhada e forcei meu olhar para qualquer outro lugar.

Isso não *foi quente*, eu tento me enganar. Eu gostaria de me arrastar para baixo do banco do balcão, me esconder e me desintegrar nas tábuas do assoalho.

Isso é muito desagradável até mesmo para falar, muito menos refletir em

minha mente suja e confusa. Agora meus cotovelos estão vermelhos.

Ótimo.

Eu ouço uma bandeja bater no fogão, e percebo que Lo não só me viu me contorcendo, mas ele pode ter captado a fonte da minha excitação.

Ah, Deus. Meu rosto se contorce em humilhação. Eu não fico excitada com irmão dele - ele não pode acreditar nisso. Não quando até o Mr. Clean na garrafa de Febreze me deixou toda desconcertada no outro dia. E ele é velho e careca e muito bidimensional.

Mas as feições do Lo se moldaram nessa expressão de *eu odeio o maldito mundo* que ele carrega quase vinte e quatro horas por dia. — Seus biscoitos estão queimados, — ele diz para o Ryke, quebrando meu olhar.

Espera, volte.

Ryke se separa de Daisy em um instante. — Porra, — ele xinga e verifica a bandeja no forno. Suas sobrancelhas se juntam. — Eles parecem bom para mim. — Ele vira um, o fundo marrom claro.

— Erro meu, — diz Lo secamente.

Eu abro minha boca para chamá-lo, mas suas costas de repente giram, como se ele estivesse me ignorando. Meu coração se agita. *Olhe para mim*.

Eu preciso saber que não o aborreci... ou o ofendi. Eu geralmente consigo ler bem o Lo, e não tenho superpoderes de persuasão mental ou qualquer outra magia como o Connor. Eu sou um Aborto1 demais para consertar isso.

Olhe para mim. Nada.

Lo sussurra com Connor e um buraco se cava ainda mais em meus pulmões.

E então o celular da Daisy toca enquanto Ryke lava as mãos.

— Quem é? — Pergunta Rose.

O rosto de Daisy cai um pouco. — A mamãe. Ela está tentando me convencer a ir a um cirurgião plástico para ver a cicatriz novamente, além de planejar meu aniversário. — Ela solta um suspiro cansado e esfrega os olhos.

— Eu vou demorar alguns minutos.

— Eu falo com ela, — diz Rose, esticando a mão para pegar o celular enquanto Daisy passa.

— Não. — Daisy abraça o celular no peito e caminha de costas para a porta do porão. — Você não precisa do estresse. Está tudo bem. Eu posso lidar com ela. — Com isso, Daisy desaparece. A última coisa que eu ouço ela dizer é,

— Ei, mãe.

Eu tento não me preocupar com Daisy ou Lo, e em vez disso me concentro

em Ryke, que joga algumas tigelas sujas na pia. Talvez eu possa esmagar isso e convencer o Lo de que *nada* está acontecendo. Eu me sinto repelida por Ryke. Nós somos *tão* platônicos que dói De um modo não sexual.

Eu me encolho. Eu realmente preciso parar de pensar. Eu pergunto a Ryke,

— O que você vai dar para ela?

Ele se vira para mim, suas feições todas escuras. Pedra para o gelo de seu irmão. — Para o quê?

Rose solta uma meio risada não tão surpresa. — O aniversário dela, —

Rose diz categoricamente. — Me diga que você já comprou algo para ela.

— Pelo amor de Deus, o Valentine's Day *acabou* de passar. — E ele cancelou seus planos de acampar sob as estrelas com Daisy naquele dia, os paparazzi estavam furiosos demais depois do pequeno acidente de carro.

Sempre que aparecemos nos tablóides como uma notícia interessante, nossas fotos começam a ser vendidas por mais dinheiro. Então, no dia 14 de fevereiro, Ryke preparou o jantar para a Daisy e eles passaram a noite dentro de casa, como Lo e eu.

Connor e Rose foram os dois únicos que se aventuraram, e Rose chamou a noite de "infernal", já que eles se atrasaram para sua reserva de jantar em Nova York. Apesar do paradeiro deles ter sido informado à mídia, Rose voltou para casa com um sorriso atipicamente bobo e uma limusine *cheia* de rosas vermelhas e rosas.

Elas foram dos fãs dela, que apareceram para vê-la, apenas para dizer *eu te amo, Rose Calloway,* e dar a ela um presente de Valentine's Day. Eu amo o nosso reality show de curta duração por trazer esse tipo de alegria inesperada em nossas vidas, e verifica por que esses tipos de fãs deveriam governar o mundo.

— E daí se foi Valentine’s Day, — Rose estala, direcionando meus pensamentos para o presente, — ainda vai ser o aniversário dela no dia 20, e ela vai esperar um presente do *namorado* dela.

— Estou trabalhando nisso, — diz Ryke, aproximando-se do balcão, enquanto Lo e Connor compartilham sussurros furtivos a poucos metros de distância.

Eu coloco uma mecha de cabelo atrás da minha orelha, minhas palmas suadas. Eu queria não estar por fora dessa conversa.

— Olha, — Ryke continua, — muita coisa está acontecendo… — Ele para quando Rose pega o utensílio mais próximo - um batedor - e aponta para ele ameaçadoramente.

Isso seria mais assustador se fosse algo afiado. Como uma faca ou um garfo.

— Não me diga que você esqueceu o aniversário dela, — diz Rose em seu tom gelado. Ah não.

Mas então me lembro que Ryke não é o Lo. Ele levanta as mãos defensivamente. — Daisy não é o tipo de pessoa que lembra alguém do aniversário dela, porra. Não é minha culpa.

— Isso foi dirigido para mim, — diz Rose como se ela tivesse pegado um insulto no ar com uma luva de beisebol.

Ryke franze a testa em confusão. — O que?

— Porque eu te enviei o meu itinerário de aniversário com antecedência…

— Do olhar confuso de Ryke, ela acrescenta, — Você ao menos *checa* seu email?

— Para ser honesto, eu nem sei minha senha, — Ryke diz a ela. — E quem planeja seu aniversário com *seis* meses de antecedência? — Pontos sólidos.

Eu olho para Lo, imaginando se ele vê o quão cordial essa conversa está

sendo - como todos nós estamos nem um pouco atraentes.

Meu coração continua afundando enquanto eu olho para suas costas.

Rose tamborila os dedos no balcão. — Eu não tenho vergonha disso. É o único dia do ano dedicado a *mim*, então se trezentos e sessenta e quatro dias falharem em ser de acordo com os meus padrões, ainda tenho esse.

— Você soa como o Connor, — indico com um pequeno sorriso.

Ela estreita os olhos para mim. — Se Connor apreciasse o narcisismo em seu próprio aniversário, isso faria sentido, mas ele se recusa a acreditar que eles são algo mais do que sem sentido.

Eu espero o Connor falar algo sobre como ele não vai comemorar seu aniversário, mas assim como o Lo, ele não está prestando atenção à nossa discussão.

Eu me vejo coçando meu braço, e eu imediatamente congelo em ligeiro pânico. Eu não faço isso há algum tempo. O rosto de Ryke endurece com essa preocupação masculina - algo que eu não quero ver agora. Na verdade, preciso parar de fazer contato visual com ele. Eu tenho uma nova tática: Evitar Ryke Meadows.

Rose ainda está atraída para o tópico de aniversário, felizmente não percebendo minha estranheza. — Compre brincos de diamante para ela, —

diz ela.

— Ela iria odiar essa merda.

Eu olho para o balcão enquanto murmuro, — Ela vai gostar de qualquer coisa que você dar para ela. — Daisy é a pessoa mais fácil de agradar.

— Tem algo de interessante na porra do balcão que nós não sabemos? —

Ryke de repente me pergunta.

Eu estreito meus olhos para o granito, manchas de cinza, branco e preto. —

Eu acho que se você fechar um olho assim... você pode ver um coelhinho.

— Todo mundo é estranho pra caralho.

Rose rejeita esse comentário com um aceno da mão dela. — Apenas espere até ter sua primeira briga com a Daisy. — Ela diz como se estivesse esperando o momento acontecer. Por que ela está colocando esse pensamento na cabeça dele?

Eu dou uma cotovelada de leve na Rose. — Não diga isso. Eles não brigam. — Não consigo ver Daisy *tão* chateada assim por causa de um presente.

— Todo mundo briga.

Eu aponto meu dedo para Ryke, e acidentalmente o cutuco nos olhos. Oh meu Deus! Quando ele chegou tão perto de mim?

— Porra, Lily, — ele xinga, sua mão voando para seu rosto.

Eu estremeço, — Desculpa... eu ia dizer para não brigar com ela.

— Eu entendi essa merda. — Ele suspira com um grunhido pesado. — Eu não quis dizer isso assim. — Ele deixa cair a mão, seu olho um pouco avermelhado do meu ataque. Ele olha para a porta do porão e depois de volta para mim. — Você está bem?

— Sim? — *Eu não pareço bem?* Meu coração está acelerado com ansiedade.

Se eu me mover um pouco, posso sentir o quanto minha calcinha está encharcada, e odeio, odeio, *odeio* que ele seja a causa disso. Eu nem estou atraída por ele agora.

De repente ele anda ao redor do balcão, sua proximidade me assusta, especialmente quando noto Lo observando nós dois e minha reação. Ryke aperta meu pulso, tirando minha mão do meu braço, meia-lua de unhas marcadas no meu cotovelo. Eu estava coçando de novo?

Sinto o calor do seu corpo e, instintivamente, pulo do banquinho e o empurro para longe com duas mãos firmes, um pouco mais agressiva do que pretendia.

— Que porra é essa? — Ryke diz.

— Apenas fique para trás, — eu digo, respirando pesadamente. Eu me

arrasto para a cozinha.

— Lily...

— Shh. É melhor se você não falar sobre isso, — digo a ele. *Vamos esquecer que minha estranheza aconteceu e fingir que está tudo bem. Nada está acontecendo entre Ryke e eu. Nada.*

Ryke me olha com raiva. — Você está lendo os malditos tablóides de novo?

Sim. — Eu aceno. — É importante que eu esteja atualizada sobre todos os rumores. — Os de sexo a três, os de que *estou tendo um filho do Ryke,* estão fora de controle. Lo diz que isso não o incomoda, mas no hospital, eu pude dizer que o comentário do médico entrou debaixo de sua pele. Me machucou igualmente.

— Essa é a desculpa mais idiota, — ele me diz. — Somos amigos, Lily. É

só *isso.* Você sabe. Eu sei isso. E daí se a porra do mundo não acredita em nós?

— Eu me importo! — Eu grito. Eu não posso desligar isso como ele pode.

Depois de um tempo, o ridículo dói.

— Você é mais forte do que isso! — Ele grita de volta. Eu não sinto isso.

Não hoje. Eu acho que Ryke só deseja que eu esteja no nível dele. Se todos nós não ligássemos, então ele nunca teria que nos ver desmoronar.

Eu sinto lágrimas nos meus olhos. Eu queria tanto que eu pudesse ser mais como ele. Ele não entende o quanto todos nós substituiríamos partes de nós mesmos apenas para ter um pouco do que ele possui?

— Ei, — Lo interrompe, seu tom não tão forte. — Deixe-a em paz, cara.

Meu coração pula, e apesar de Lo me defender, eu ainda não consigo lê-lo.

Isso me assusta. Estamos fora de sincronia e não me lembro da última vez em que isso aconteceu. Talvez na faculdade, quando ficamos sem falar por uma semana inteira e nossos vícios superaram nossas vidas.

Ryke respira pesadamente. — Eu não quero os fodidos tablóides arruinando minha amizade com ela.

Rose fala, — É o que eles estão esperando, que todos nós nos separamos.

Pequenos idiotas... — ela estreita os olhos como se estivesse tramando a morte de alguém.

— Ainda somos amigos, — digo a Ryke.

— Então por que você não pode olhar para mim, porra?

Eu tenho medo de você. É uma verdade terrível. Na verdade, estou com medo de mim, mas o peso no meu peito diminui quando coloco a culpa em

outro lugar.

Eu levanto minha cabeça, mas eu só encontro o olhar de Loren Hale. Ele olha diretamente através de mim, como se estivesse alcançando a minha alma e remendando todos os meus intrincados medos. O que mais me dá medo: não saber o que meu melhor amigo sente.

Estou prestes a abordá-lo no meio da cozinha e colidir com seu corpo rígido e forte. Mas eu não tenho que mover um pé.

Ele caminha até mim. E ele puxa meu pequeno corpo para ele, me abraçando com dois braços fortes, um casulo quente onde meu coração começa a desacelerar. Eu descanso minha bochecha em seu peito, seu corpo pressionado no meu, e fecho meus olhos.

Sua mão desce até as minhas costas e ele abaixa a cabeça. Com seus lábios no meu ouvido, ele sussurra, — Eu não vou a lugar nenhum. — Ele faz uma pausa, uma prolongada que para minha pulsação. — Lil... o quão excitada

você está? — Ele teria verificado sem perguntar se estivessemos sozinhos.

Eu coro e inclino meu queixo para cima. Eu sussurro rapidamente, — Eu só fico excitada por você.

Seu rosto aguça e ele diz, — Shhh.

Por que ele está fazendo shhh para mim? — É verdade. — Minha voz treme.

Ele beija a parte externa dos meus lábios, muito ternamente. Onde está sua cabeça?

— Lil, — ele me alerta, como se eu tivesse feito algo errado. Eu me concentro e percebo que estou empurrando minha pélvis contra ele, sua protuberância se aproximando da minha umidade enquanto eu *levanto* minha perna ao redor dele.

Eu abaixo meu pé, meu corpo todo em chamas de vergonha. Eu cubro meu rosto com as duas mãos. Esse é um daqueles dias que eu gostaria de poder apagar. O Dr. Banning, meu terapeuta, diz que todos têm dias assim, mas eu sempre passo meus dias ruins em loop, me atormentando por toda a eternidade.

— Tudo bem, Lil, — ele respira. — Olhe para mim. — Ele agarra meus pulsos, os arrancando do meu rosto. Mesmo assim, eu fecho meus olhos, envergonhada demais... Eu gostaria de desaparecer novamente.

Poder de invisibilidade, apareça. Por favor.

— Eu te amo, — ele diz tão empaticamente que rasga o meu coração. —

Eu entendo você. Por favor, se segure nisso, Lil.

Ele deveria estar com raiva de mim. Ele deveria odiar o quão repugnante eu sou - o que meu corpo está desejando. Não é certo.

— *Lily*, — ele força, segurando meu rosto em ambas as mãos. — Respire, amor.

Eu respiro fundo, e então eu sinto um corpo masculino alto a poucos metros atrás de mim. Muito provavelmente Connor. Ele não está perto demais, mas quanto mais tempo ele fica lá, mais meu corpo reage de maneiras que eu não gosto. Lo estuda todos os meus tiques musculares e espasmos. Me diagnosticando. Eu cruzo meus tornozelos e fecho meus olhos novamente, apagando cada imagem pervertida que eu não deveria ter em público ou em lugar algum.

Por quê? Por que eu tenho que gostar de coisas que eu não deveria?

O calor de dois corpos estimula partes de mim que meu cérebro havia abandonado. As partes sensuais que pouco se importam com nomes, relações e rostos. Apenas a sensação de um clímax.

Não o Connor. Eu não posso ficar molhada por causa dele.

Isso é tão errado.

Eu me agarro a Lo, tremendo, com medo de mim mesma. Eu não me sinto tão repugnante assim faz um tempo.

Seus lábios caem no meu ouvido no momento certo enquanto ele esfrega minhas costas. — Shh, Lil. — Ele me aproxima ainda mais de seu corpo.

Nenhum espaço entre nós. — Eu vou cuidar de você, amor.

Com sexo? Eu me pergunto. A culpa afunda em um lugar baixo e oco.

— Não com sexo, — diz ele, como se pudesse ler minha mente.

— Eusintomuito, — eu murmuro, enterrando meu rosto em seu braço e me recusando a reconhecer que Rose, Ryke ou Connor estão aqui.

Hoje é um dia não-tão-bom.

Eu poderia ter me controlado, mas eu pulei do trampolim e dei uma barrigada na água. Eu sei que os vícios são coisas que possuem altos e baixos, mas os baixos doem muito. Pelo menos o Lo estava nadando na água, para evitar que eu me afogasse dessa vez.

Ele não desistiu de nós.

É bobo até mesmo pensar que isso é uma possibilidade, de qualquer maneira. É um medo irracional que eu nunca deveria deixar se agarrar a mim.

Ele é minha alma. Eu sou a dele. O momento em que desistimos um do outro é o momento em que nenhum de nós existe.

Lo me levanta em um cavalinho dianteiro, e ele me leva para a escada

enquanto eu o agarro como um coala se agarra a uma árvore.

Enquanto saímos, ouço Daisy entrar na cozinha. — Mamãe já planejou meu aniversário. — Uma longa pausa antes que ela acrescente, — Estamos usando o iate e todos estão convidados.

Eu mal posso me concentrar nesse drama futuro quando minha mente se concentrou em Loren Hale e apenas em Loren Hale. Eu preciso dele.

Eu quero ele.

Eu só não posso me deixar ter tudo isso hoje a noite. *Sem sexo.*

Mas será o suficiente. Tem que ser.

Lo sobe mais dois degraus antes da porta da frente se abrir e bater contra a parede.

Ele estica o pescoço por cima do ombro e todos os músculos dos seus braços e do abdômen se flexionam contra mim. Eu levanto o meu rosto da curva de seu bíceps e faço contato visual direto com um homem severo e rígido. Cabelo castanho escuro que está acinzentado dos lados. Uma mandíbula tão dura e intimidadora quanto a de Ryke Meadows e um olhar tão mortal quanto o de Loren Hale.

Jonathan Hale é a parte mais assustadora de seus dois filhos.

— Reunião, — diz Jonathan Hale, sua voz rouca e pressentindo. — Agora.

Minha excitação ainda existe. Eu não posso extingui-la por causa do momento. Então eu reconheço que estou com sérios problemas.

1: No mundo de Harry Potter, é o oposto de uma bruxa ou um bruxo nascido Trouxa, um Aborto é uma criança filha de pais bruxos que não tem poderes mágicos próprios.

LOREN HALE

Eu quero gritar pra caralho.

Com ninguém em particular.

Se eu pudesse, eu desapareceria no meu quarto com a Lily e tentaria levá-

la a um lugar melhor do que aquele em que ela está. Eu odeio que ela esteja ansiosa, e eu odeio que ela esteja com medo de si mesma. E eu reconheço o que aconteceu - que ela ficou excitada por alguém que não fui eu. Não é um novo desenvolvimento. Desde que ela ficou grávida, ela está se excitando com quase tudo.

O que é diferente é que ela está começando a deixar seu vício foder com sua mente. Afetar o nosso relacionamento. Eu não vou deixar nada nos separar. Especialmente algo que nós dois estamos lutando há tanto tempo.

— Loren! — Meu pai chama.

Eu fico parado na escada desconfortável, prestes a deixar Lil em pé, mas ela se segura no meu corpo, apavorada mais de si mesma do que com meu pai na sala de estar. Depois de anos lidando com seu vício em sexo, sei como ajudá-la, mas não consigo responder a ele e a ela ao mesmo tempo.

— Lo, — ela respira.

— Lil, — eu digo, segurando seu rosto com uma mão e sua bunda com a outra. Eu forço seu olhar para o meu e ela me interrompe antes que eu possa falar.

— Eu sou atraída apenas por você. Você sabe disso, certo? — O medo aumenta sua voz.

Eu posso sentir meu rosto afiado em agravamento. Não por ela. Apenas por causa da situação. Eu queria tempo para levá-la para cima e conversar com ela. — Eu sei, Lil...

— Loren, venha aqui, *agora*, — meu pai interrompe novamente.

— Um segundo! — Eu grito de volta. Esse é meu único momento para deixá-la na mesma página que eu. — Lil, você sabe o quanto você ama pornô?

Ela acena com a cabeça e eu limpo algumas das lágrimas silenciosas que

escorrem dos seus olhos. Meu estômago se torce quanto mais ela fica chateada.

— Isso é tudo que é. Você fica excitada com muitas coisas, amor. Nós moramos com outros dois casais, e um deles gosta muito de demonstrações públicas de afeto... — Eu vejo seu rosto se contorcer enquanto ela tenta entender. Eu descobri que ela ficaria excitada com as demonstrações rapidamente, e eu mencionei a Connor que eu estava preocupado que ela ficaria com medo dele e do Ryke.

É uma pequena regressão, uma lombada.

Então testamos isso. Ele ficou atrás dela por alguns segundos. Nem tão perto assim. Eu vi Lily surtar, mas nunca sobre o Connor - alguém que ela costumava achar que era gay.

Lily sacode a cabeça repetidamente para mim, a confusão se infiltrando em seus olhos verdes. — Eu *não* estou excitada pelo seu irmão, — ela sussurra com os olhos arregalados, seus dedos cavando em meus ombros.

— Ele poderia ter sido *qualquer um*, Lil. Você entende? — A dor em seus olhos - dor por *mim*, pensando que ela está me machucando de alguma forma

- quebra meu coração em muitos malditos pedaços. Eu só quero segurá-la com força até que só seja nós dois. Ninguém ao nosso redor. Apagar todo o resto.

Ela esfrega os olhos. — Ryke é como uma estrela pornô?

Eu quase dou risada, mas o queixo dela treme. — Lil? — Meus pulmões se afundam.

— Eu não tenho permissão para assistir pornografia, — diz ela com preocupação. — Então... se tudo é como pornô, então...

Não, Cristo, não. — Lil, não tenha medo da porra do mundo, por favor. —

Eu não posso ter ela com medo de sair novamente. Estou estragando isso, muito. E isso não é como uma nota baixa em uma prova. Eu estou segurando o bem estar da minha namorada em minhas mãos agora.

— Eu só... como eu corrijo isso? — Ela me pergunta.

— LOREN! — Meu pai chama, como uma faca no meu intestino.

Meus dedos deslizam em seu cabelo castanho liso e eu digo, — Você só tem que aceitar que o que você sente é ok.

Lágrimas escorrem de seus olhos. — Lo… — Sua garganta balança. —

...não parece ok.

Eu beijo sua bochecha e eu sussurro, — Depois que terminarmos de conversar com meu pai, vou mostrar a você que é.

— LOREN!

— Dê a merda de uma folga para ele, — Ryke retruca no andar de baixo.

Minhas veias pulsam com força. Eu confio que se eu deixá-la sozinha, ela não vai se tocar. Mas nesse momento, eu não quero que ela enfrente um desafio que já enfrentou cinquenta milhões de vezes. É um que nunca é fácil, e ela não precisa provar a si mesma depois de uma hora agonizante.

Eu preferiria que ela não sentisse dor alguma. Isso significa que eu a habilito e faço sexo. Eu não posso fazer isso. Eu tenho que me contentar com algum lugar no meio da dor e do êxtase. Entre um alto e um baixo.

Parece mais fácil encontrar esse lugar do que realmente é.

Eu a trago para baixo comigo, carregando-a em um cavalinho dianteiro.

Quando entramos na sala de estar, a lareira está acesa e, do lado de fora das janelas embaçadas, a neve cai. O ar está tenso, especialmente quando Ryke e meu pai ficam em pé enquanto Daisy se agita no sofá de camurça, cruzando e descruzando suas longas pernas.

Eu sento no sofá com Lily, e meu pai a examina por muitos segundos.

— Você poderia ter ligado, — eu digo a ele, — ou me mandado uma mensagem. — Nenhum de nós precisava de uma reunião espontânea com ele.

— Mas eu não fiz isso. Merdas acontecem todos os dias e você não pode se preparar para elas, Loren, — diz ele, como eu não estivesse familiarizado com isso.

Eu andei pela vida com uma venda nos olhos, esperando que eu não batesse nas coisas, às vezes rezando para que eu batesse. A preparação nunca foi coisa minha. Minha vida é aleatória do tipo "lance esse dardo em mim".

Vamos ver qual parte do corpo ele perfura.

Meu pai desinteressadamente inspeciona livros de capa dura em uma prateleira alta de madeira, todos pertencentes a Rose e Connor. — Pense nisso como uma lição de vida, — diz ele.

Meu maxilar se flexiona em irritação. — Como se eu precisasse de mais dessas.

Eu espero pelo, *não seja um merdinha.*

Ele enterra os punhos nos bolsos da calça preta, sem uísque na mão. E se vira de frente para o sofá. — Você provavelmente está certo. — Nenhum insulto para mim. Eu me inclino para trás em surpresa. Ele está sóbrio há quase quatro meses. Ainda parece um sonho, mas esses momentos tornam isso mais real.

Eu esfrego os ombros de Lily, mas ela aperta suas coxas em volta da minha

cintura. Eu prefiro não tirá-la do meu colo, mas temo que ela vá me atacar.

Eu a coloco na almofada e jogo um cobertor roxo sobre ela. Ela se ajusta de modo que seu calcanhar se cava no lugar entre as pernas.

Cristo, Lil.

O olhar do meu pai se dirige para o foyer. — Isso é apenas entre nós quatro.

— Eu nunca briguei com você sobre coisa alguma, — diz Connor facilmente, Rose ao seu lado. — Não vamos mudar isso agora. — Soa como uma ameaça.

Eu nunca vi ninguém realmente ter o mesmo poder que meu pai em uma sala. O pai de Lily é submisso a Jonathan. *Mole,* é como meu pai chama ele.

E Connor sempre jogou o jogo deles com um sorriso falso e um aperto de mão firme.

Isso é diferente.

Meu pai o avalia, uma avaliada da cabeça aos pés.

Ryke diz, — Deixe que eles fiquem, porra.

Rose já se instalou em uma cadeira Queen Anne ao meu lado, com os tornozelos cruzados, Connor em pé ao lado do braço da cadeira.

Meu pai mantém sua atenção em Connor. — Eu entendo porque você gosta de Ryke. Do que você chamou ele no outro dia? Seu *cachorro de ataque*.

Ryke mostra o dedo do meio para o Connor sem encontrar seus olhos, mas é de brincadeira. Ele disse isso muitas vezes em seu rosto.

— Eu gosto dele mesmo assim, — diz Connor.

— Mas o que o Loren é para você? — Meu pai pergunta. Ele acha que está cutucando um ponto fraco do Connor, mas ele está fazendo um trabalho ruim.

Ele não pode quebrar o cara. Ele é feito de titânio ou algum tipo de material alienígena indestrutível. Como o super-homem.

Eu abro minha boca para dizer ao meu pai para deixá-lo sozinho.

Mas ele continua. — Lo abandonou a faculdade, falhou em todos os esportes que ele já tentou. — Meu sangue corre frio, e Lily de repente aperta minha mão, tentando me consolar. Eu não posso me mexer. — Ele não é inteligente nem forte. Francamente, ele é uma maldita *responsabilidade*.

Então, que utilidade ele tem para você? — Através de todas essas declarações, quero acreditar que meu pai está tentando me proteger de Connor. Certo? Como Ryke fez uma vez.

Connor usa as pessoas, ele está dizendo.

Minha testa se franze. Sim, eu sei disso sobre Connor.

— Ele é meu melhor amigo, — diz Connor sem hesitar. — Eu gosto da companhia dele.

— Você gosta? — Meu pai lhe dá um olhar, um que poderia murchar um homem.

Connor nunca recua. — Eu sei o que você está implicando, e você deveria parar.

— Isso é uma ameaça?

— Sim, — diz Connor, com o rosto sério. Honestamente, é aterrorizante -

não ser capaz de ver suas emoções.

— Eu não estou aqui para arruinar você, Connor, mas se você ficar no meu caminho, eu vou. Ao contrário de você, sou um homem com muito pouco a perder.

— Jonathan, — Rose diz de repente, com os olhos ardentes. E é como se meu pai acabasse de notar ela sentada ali. — Você derruba meu marido, você me derruba. Nós estamos ficando bem *aqui.* — Ela poderia muito bem ter dito: *nós estamos na porra do círculo interno, vadia. Ninguém está nos expulsando.*

Meu pai range os dentes em desgosto.

Connor ganhou isso.

Rose é relacionada a Greg Calloway. Greg é o melhor amigo de Jonathan.

Como resultado, ele nunca machucaria Rose.

Seus olhos piscam para Connor. — Você se alinhou bem pra caralho. Se eu tivesse um copo de bourbon, eu faria um brinde para você.

— Fico feliz que você não tenha, — diz Connor. Eu espero que ele adicione uma resposta esperta, mas ele se contem desta vez. Ou talvez seja a verdade literal. Eu nunca saberei. Com Connor, é difícil discernir essas coisas, a menos que você esteja na cabeça dele.

Ryke continua de pé com Connor, e meu pai dirige-se a toda a sala, embora seu olhar pousasse mais em mim e na Lil. Ele começa a andar em frente à lareira. Suas mãos agora em seus quadris. Então na parte de trás do pescoço dele. Ele esfrega os dedos juntos como se estivesse sentindo falta do copo de licor.

Meus pensamentos correm. Eu não tenho ideia sobre o que isso poderia ser...

— Vocês quatro. — De repente, ele para de andar e olha para Ryke, Daisy, Lily e eu, nos avaliando. Como se ele estivesse calculando nosso valor.

Quando seus olhos pousam em mim, eles realmente ficam vermelhos. — Um

de vocês precisa *crescer*, porra. Eu não me importo quem, mas tem que acontecer.

Um barulho entre dor e riso fica preso na minha garganta. — Sobre o que mesmo você está falando?

Meu pai diz, — Abra suas malditas orelhas, Loren.

Eu faço uma careta. — Certo, eu não entendo *nada*. Porque eu não sou esperto o suficiente ou forte o suficiente, porque eu não posso acertar um

homerun ou fazer um touchdown, eu não posso compreender frases e palavras. — Eu dou a ele um meio sorriso que machuca meu rosto.

— Claramente você não é estúpido. Você apenas gosta de ser uma dor na minha bunda. — Seus ombros largos travam, e ele arruma seu terno e verifica seu relógio. Como se ele estivesse ficando sem tempo. Ele se dirige a nós quatro novamente. — Na mídia, todos vocês são representados de forma igualmente hedionda. Agora, *eu* acho que vocês são todos uns merdinhas bonitinhos, mas a minha opinião realmente não importa. — Ele coloca a mão no bolso e tira um papel amassado com manchas de café.

O único que não parece confuso é o meu pai - aquele com todas as respostas.

— Há algumas pessoas cujas opiniões *importam* — Ele lê o papel. — Em um grupo de catorze pessoas - dez homens e quatro mulheres, com a idade média de quarenta e dois anos - cada maldita mulher achou Ryke Meadows, meu filho mais velho, vulgar, agressivo, ameaçador, e cito, "um perigo para crianças em todo lugar".

— Que porra você está lendo? — Ryke pergunta.

Nosso pai mostra o papel para nós e, em vez de frases digitadas, tudo que vejo são rabiscos de caneta. — Minhas notas, — ele esclarece. — Cinco homens o rotularam como um trabalho em andamento. Os outros cinco não viram nada de bom em você. E um cara de setenta e cinco anos de idade disse, eu cito, "se ele cospe na frente de um cinegrafista, quem garantirá que ele não cuspirá em nossos rostos?" Uma declaração sábia.

Meu pulso está acelerado. Eu continuo balançando a cabeça.

Ninguém o interrompe. Ele se concentra agora na namorada do meu irmão, a irmãzinha da Lily, alguém que eu gostaria que estivesse longe do meu pai.

— Daisy Calloway, filha de um empresário respeitado. Todas as mulheres disseram que você é muito jovem, imatura e imprudente demais. Os homens, no entanto, acharam você charmosa, sedutora e apresentável. — Meu pai olha para cima do papel. — Não levo as opiniões deles a sério já que eles foram

influenciados por seus paus.

A boca de Daisy cai.

Ryke está fumegando, vapor praticamente saindo de sua pele.

Estou muito atordoado e pego de surpresa. Eu coço a parte de trás do meu pescoço que aquece.

Antes do meu irmão o atacar - o que está se aproximando de uma possibilidade - nosso pai levanta as mãos em defesa. — Passando para Lily Calloway. — Merda. Eu aperto o joelho de Lily debaixo do cobertor. Ela está imóvel.

— Você não precisa ler o que o público pensa dela, — eu digo para ele. —

Ela entende. — Todos nós já ouvimos tudo antes.

Ele empurra o dedo para o papel. — Essas catorze pessoas não são o público inteiro. É uma fração, e eles são importantes. — Ele continua lendo suas anotações, — Lily Calloway tem relações sexuais com dois dos meus filhos de uma só vez - como declarado por cinco das quatorze pessoas. As mulheres gostam que você esteja grávida, mas elas acham que você é tímida, impessoal e desajeitada diante das câmeras. Três homens pareceram admirar seu diploma de Princeton, enquanto os demais acharam que era insignificante. Uma mulher disse, e cito, "ela é a Calloway mais popular, mas também a mais impopular", o que é ridículo, mas é verdade.

Lily tem a imprensa mais negativa, mas como um casal, nós temos a maior base de fãs por causa da maneira como *Princesas de Filadélfia* nos editou.

Então eu entendo esse comentário. O que eu não entendo é *o ponto* de toda essa charada.

Meu pai de repente se vira para mim. Eu congelo quando ele diz, — Loren Hale, meu segundo filho… — Seus ombros relaxam, e quando seus olhos piscam para os meus, vejo mais admiração neles, mais amor. — ...todas as catorze pessoas tiveram medo de criticar você na minha frente, mas eu os

incitei a fazer isso mesmo assim.

— Espera, — eu franzo a testa. — Você conhece essas pessoas, pessoalmente? — Por algum motivo, eu pensei que elas eram um grupo de teste aleatório. Como se alguém tivesse perguntado aos pedestres na rua suas opiniões sobre nós.

— Claro que sim, — diz ele. — Todos os quatorze compõem o Conselho de Diretores da Hale Co.

Eu olho para frente, de repente, percebendo sobre o que isso pode ser. *Não, não pode…*

Ele continua enquanto minha cabeça gira, — Loren Hale não é tão nervoso quanto Ryke Meadows... Eles estavam realmente pegando leve com você no começo. — Ele pega o papel. — A maioria achou que você 'parece bravo', o que é um adjetivo estúpido. As mulheres acharam que você parecia cuidadoso e carinhoso com a sua namorada, mas elas estavam preocupadas se você seria um bom jogador em equipe. A mídia geralmente é simpática com você, sendo meu filho bastardo, apesar de parecer distante quando se trata de Hale Co. - que preocupa todos eles. É por isso que estou aqui.

Seus olhos voam até os meus novamente.

E a resposta que todos nós queremos está prestes a chegar.

— Eu estou socialmente e corporativamente *contaminado* desde os...

rumores sobre você e eu.

Ele não consegue dizer isso.

Os rumores de *abuso sexual.* Falsas acusações sobre meu pai ter me tocado quando eu era criança. Sempre haverá céticos acreditando que eles eram verdadeiros, não importa quantas evidências surjam advogando contra isso.

Não importa o quanto nós gritemos, as pessoas ainda não acreditarão em nós.

É o que me deixa doente a maior parte do tempo.

— As ações caíram. A Hale Co. não está boa, e o conselho está me pressionando para não apenas nomear um herdeiro, mas para entregar a empresa. Eu não posso mais representar ela. Mas eu me recuso a passar a Hale Co. para algum merda aleatória de colarinho branco. Vai para um de vocês quatro merdinhas e ficará na família.

Ele está pensando nisso há semanas, meses talvez. O conselho está o forçando a se demitir, e eu não consigo nem pensar em tomar conta dessa empresa. Eu tenho um negócio de quadrinhos. Estou prestes a ter um bebê.

Lily está hormonal e começando a regredir. Estou sóbrio há apenas *quatro* meses desde a última vez que recaí.

A Hale Co. é uma empresa multibilionária. E eu ainda me sinto como uma criança brincando de ser adulto.

— Se ninguém vai dizer nada, — meu pai começa novamente, — então eu vou continuar. Vocês precisam impressionar o conselho, não eu. Eles podem votar em vocês a qualquer momento, então vocês tem que ganhar o respeito deles. Mas eles vão aceitar um de vocês, guiá-lo, treiná-lo. Disso eu sei. A Hale Co. é uma empresa familiar, algo que meu pai passou para mim e eles apreciam isso. É uma ótima ferramenta de marketing.

Ryke aponta para Daisy no sofá. — Ela não é a porra da minha esposa,

então mantenha ela fora disso.

— Eu precisava dar ao conselho algumas opções. Ela foi um dos nomes devido a sua afiliação com a Fizzle. E se ela significa algo para você, então ela significa algo para mim e para o legado de Hale. Se você não se casar com ela, então ela ainda é uma maldita Calloway.

Uma pedra está na minha garganta, mas de alguma forma eu consigo a clarear para perguntar, — A diretoria está escolhendo quem assume ou nós estamos?

— O conselho decidirá. Vocês participarão de funções com eles, reuniões e, quando eles escolherem, precisarão estar dispostos a assinar os papéis e se comprometer. Se vocês não fizerem isso, a empresa não estará mais no

controle de nossa família e perderemos um *grande* número de ações.

Eu não achava que meu pai iria virar meu mundo de cabeça para baixo novamente. Não assim. É uma mudança de vida para um de nós.

Ryke apenas continua balançando a cabeça repetidamente.

— Ryke, eu vou ficar bem, — Daisy diz a ele. — Pode ser divertido.

Ele se eleva acima dela enquanto ela está no sofá. — Você passou anos fazendo coisas para sua maldita mãe. Eu não vou deixar você fazer o mesmo pelo meu pai. — Ele se volta para Jonathan. — Eu vou participar das reuniões, seja o que for. Apenas deixe Daisy fora disso.

— Não é assim que funciona, — diz ele. — Ela pode se sabotar para que eles não a escolham, mas ela ainda precisa participar das reuniões.

Os olhos de Ryke brilham com raiva. — Você não pode simplesmente *prometer* coisas para as pessoas sem nos perguntar se está tudo bem.

— Você já olhou para o nome ao lado de todos os depósitos em sua conta corrente, Ryke? É Hale Co. - cada centavo em seu fundo de investimento é dessa empresa e, portanto, não acredito que deva pedir sua permissão.

Ryke coloca as mãos no topo da cabeça. — Isso é inacreditável.

— Estou perdendo minha maldita companhia, e *você* está dando um chilique. Você nunca teve um emprego de verdade. Vocês são *todos* privilegiados e sortudos. E *vocês* não dão valor para isso.

Merda.

É como se ele tivesse arrebentado algo em Ryke. Meu irmão avança, e eu me levanto e agarro seu ombro.

— Vamos lá, — eu sussurro para ele, tentando forçá-lo para trás, mas ele é como uma parede de tijolos e seu alvo é Jonathan.

Ryke olha para ele com raiva. — Eu cresci *fingindo* não ter pais. Eu sou

alcoólatra. Seus *dois* filhos são alcoólatras. Não há quantidade de privilégio e riqueza que valha a pena o que foi feito para nós é dito sobre as pessoas que amamos, porra. — E ele termina com: — Eu tenho sorte de estar vivo, mas não tenho sorte de ser seu filho.

Minhas costelas se apertam em volta dos meus pulmões. O fato de eles estarem se falando, depois de anos de silêncio, é progresso o suficiente.

— Por favor, me diga o que você realmente sente, — meu pai diz secamente.

Daisy pula de pé e fica entre Ryke e meu pai. Ela coloca as mãos no peito do meu irmão. — Ryke, tudo bem.

Eu olho de volta para Lily. Ela está olhando atordoada, mas as palmas das mãos estão no topo do cobertor. Ela não está se tocando. Isso diminui algumas das minhas preocupações.

— Fique fora *dessa porra*, — Ryke diz a ela. — Eu não quero você nisso.

— Eu prefiro ser escolhida para dirigir a Hale Co. do que ver você assumir isso, — ela diz honestamente. — Você me disse milhões de vezes como você nunca quis fazer parte disso. E você sempre diz para nunca fazer coisas que você odeia, só fazer as coisas que você ama. Então não mude agora.

Seu nariz se inflama. — *Você vai* odiar essa merda de trabalho também.

Você estará dentro de um prédio, em um cubículo, a porra do dia todo, Dais.

— É um escritório, — o nosso pai interrompe, — com uma das melhores vistas da Filadélfia. Há muitas janelas para ela pular.

Ryke parece que poderia estrangulá-lo Eu faço uma careta porque é um comentário ruim - um que eu poderia facilmente ter feito em vez disso.

— Ryke. — Daisy aperta o braço dele, chamando sua atenção para ela. —

Que tal você me deixar decidir o que eu odeio e o que eu amo, ok? — Sua voz é doce, mas suas palavras embalam um soco.

Ele cede, bem ali. — Eu odeio isso, — ele diz humildemente.

E percebo que ela não vai sabotar suas chances. Porque ela não quer que Ryke seja escolhido. Ryke provavelmente vai se esforçar mais - porque ele não quer que Daisy viva esse tipo de vida. Acho que todos sabemos que há uma chance de dois por cento de que ela goste.

Tanto quanto eu gostaria de sair livre disso, prejudicar minhas próprias chances, e deixar Ryke ou Daisy para seguir os sonhos de meu pai e não os seus próprios - eu não sou mais aquele cara. As coisas difíceis geralmente são as coisas certas.

Eu sei disso agora.

— Eu vou fazer isso, — eu digo. Eu *tenho* que fazer isso, mas estou dizendo a toda a sala que vou tentar. Meu peito se contrai com o peso e a pressão dessa afirmação. Das coisas e responsabilidades que se tornaram minhas. Tudo fica bem em cima da Halway Comics, Superheroes & Scones, meu filho e nossos vícios.

— Não, — Connor e Rose dizem em uníssono, os dois olhando com *raiva* para mim por até mesmo ter oferecido.

Mas meu pai está na nuvem nove. Eu nunca o vi sorrir assim, o orgulho dele é esmagador, e o sentimento estrangeiro parece estranho dentro de mim.

Ele sempre quis que eu assumisse a Hale Co. Não o Ryke. Eu posso ser o bastardo e o segundo filho, mas sou o que ele criou.

Compreendo. Esse é meu legado - o que eu sempre deveria fazer no final.

Tudo levou até aqui.

Lily de repente diz, — Ele já tem um negócio. Ele não tem tempo para mais nada.

É verdade.

— Gerentes, *funcionários,* — enfatiza meu pai. — Ele pode deixar a Halway

Comics em boas mãos, e Superheroes & Scones está praticamente correndo sozinha.

Eu lhe dou um olhar afiado. — Lily faz muita...

Ele me interrompe, — Eu espero que a Lily se esforce nessa corrida também.

Ele não pode estar falando sério. — Ela está *grávida*, — eu digo no meu limite.

Ele estende os braços. — É uma empresa de *produtos para bebês*. Não há melhor momento para ela estar envolvida do que agora. E quando ela der à luz, ela pode levar o Maxof para alguns testes de produtos.

— Maximoff, — todo mundo o corrige.

— Acostume-se com isso. — Ele franze a testa e procura na sala de estar com o olhar afiado. Ainda não há carrinho de bebidas alcoólicas. *Desculpa, pai*.
— Nem todo mundo vai entender as coisas que você faz.

Lily se endireita. — Eu vou fazer isso.

— Lily. — Eu balanço minha cabeça. — *Não.* — A última coisa que ela precisa é de mais ansiedade.

Ela diz, — Melhor eu do que você.

— Não, — eu me encolho, percebendo exatamente como o Ryke se sentiu.

Eu cerro meus dentes com mais força do que antes, mais chateado agora. Eu

não quero as garotas na Hale Co. Eu não quero essa vida para elas.

Elas eram livres.

Não eram?

— Vocês duas vão se sabotar, — eu digo para Daisy e Lily.

— Não, — elas respondem com firmeza.

Eu estou deitado nos trilhos de um trem - deixando ele passar sobre mim e apenas esperando que eu não seja arrastado no momento. É agora que reconheço o que vai acontecer.

Estamos todos concordando com a proposta do meu pai, *pelo os* outros.

Ninguém vai recuar mais.

Eu fiquei em dívida com meu pai no momento em que ele escolheu me deixar viver e entrar nesse mundo. Eu pensei que eu tinha me provado a ele, mas esse futuro tem estado aqui o tempo todo, um caminho que eu sabia que encontraria em algum momento. O terno e gravata, a maleta com o logotipo da Hale Co.

É meu para aceitar.

Ninguém mais deveria.

Mas todo mundo vai lutar por isso. Eu já posso ver as rodas girando na mente do meu irmão. Seus músculos contraídos e a sacudida de sua cabeça que diz *desista disso, me deixe assumir.*

Ryke suportaria o inferno pela eternidade se isso significasse que eu poderia ir para o céu.

Alguma vez no passado, acho que eu deixaria. Não mais.

Ele merece seu paraíso. Então eu vou lutar contra meu irmão. Eu lutarei contra Lily e Daisy por essa posição. O vencedor vai ser o perdedor.

E essa gaiola tem meu nome nela.

{ 13 }

LOREN HALE

— É só isso? — Eu pergunto a Ryke enquanto ele carrega a mochila de Daisy. Rose tem cinco malas empilhadas próxima à porta, juntamente com o resto de nossa bagagem para a viagem de iate.

— É só isso. — Ele joga a mochila na pilha. As garotas estão tomando café da manhã enquanto levamos tudo para o carro. — Como está a Lily? — Ryke me pergunta no foyer.

Connor termina abruptamente de digitar em seu celular e se endireita da parede.

— Ela está bem, — eu digo vagamente. Já faz alguns dias desde que meu pai divulgou a notícia sobre a Hale Co., e depois, eu segurei Lily em meus braços a noite toda e tentei distraí-la com uma maratona de Harry Potter -

algo que não a excitaria.

Acho que disse *não* apenas duas vezes antes que ela se afastasse de mim e tentasse lutar contra suas compulsões. Eu tenho os meus altos e baixos, mas será sempre mais difícil ver a Lily chegar em seu ponto baixo do que atingir o meu. Assistir alguém que você ama com dor - e não conseguir consertar - é uma agonia que eu não desejo a ninguém.

— Você fez sexo? — Connor pergunta enquanto Ryke coloca seus sapatos, prestes a sair para correr comigo. Ele se inclina para amarrar os cadarços.

— Você fez? — Eu replico. Connor conhece as regras agora. Não estou compartilhando detalhes sobre minha vida sexual sem algo em troca.

Connor toma um gole de sua caneca de café. — Ela acordou comigo empurrando dentro dela. Então eu diria que sim.

Minhas sobrancelhas sobem com *essa* imagem. Jesus.

Ainda agachado, Ryke fica boquiaberto com Connor. — Você não fodeu ela

enquanto ela dormia.

— Ela acordou alguns segundos depois que eu empurrei nela, que é o ponto disso tudo. — Ele toma seu café e observa a expressão de Ryke escurecer. — Senta, garoto. — Brinca Connor.

Eu dou um sorriso largo, mesmo quando Ryke se levanta e fica uns

centímetros mais alto que eu. Agora ele está mais perto da altura de Connor do que antes. — Hilário pra caralho.

— Eu imaginei que fosse, — Connor sorri e coloca sua caneca em uma mesa ao lado da porta. — Eu simplesmente sei o que minha esposa ama. Se Daisy quisesse, você também faria. — Eu nunca fiz sexo com a Lily assim - e honestamente, eu não quero colocar a ideia na cabeça dela. É melhor que ela não espere isso.

Demos pequenos passos ao longo dos anos, como sexo em público. Sua terapeuta realmente aprovou isso - embora ela tenha nos repreendido por mentir em primeiro lugar e não admitir que estivemos fazendo isso muito antes.

Nós estávamos errados em mentir. Eu acho que nós dois reconhecemos isso.

Agora estamos livres das mentiras novamente.

Ryke alonga o braço por cima do ombro e abaixa a voz. — Daisy iria pirar se eu a fodesse enquanto ela estivesse meio adormecida, — ele nos diz. —

Ela iria achar que eu era alguém que invadiu a casa… — Ele não consegue terminar o resto, mas seu rosto torce. Ela pensaria que ele estava a estuprando.

Eu me encolho. — Ela tem alguns problemas.

Ryke estreita os olhos para mim.

Eu levanto minhas mãos. — Eu quis dizer isso de uma maneira *legal*. —

Embora meu tom agudo não ajudasse.

— Você fez sexo ontem à noite? — Connor pergunta novamente, voltando ao tópico original. Eu. Lily. Seu vício. É uma conversa de toda semana. Isso não me incomoda tanto quanto costumava - não quando eles compartilham também.

— Sim, — eu digo. — Nós esperamos vinte e quatro horas depois que ela estava ruim. — Ela só gozou uma vez e, em seguida, ela parou, um nível de controle que eu me preocupei que ela nunca alcançaria.

— Você está sorrindo, — observa Connor.

— Deve ter sido bom, — diz Ryke, abaixando o braço.

— Foi. — Mas por um motivo diferente do que eles estão pensando. —

Pronto? — Eu pergunto a Ryke, abrindo a porta. Ele acena com a cabeça e quando o frio de fevereiro sopra, eu puxo o capuz da minha jaqueta sobre a minha cabeça, a neve caindo levemente do céu.

Ryke sai pela porta primeiro, e um ruído de algo esmagando congela meus

ossos. — Fodidos do caralho, — Ryke xinga.

— Eu pensei que nós estávamos proibindo esse xingamento do vocabulário de todos? — Connor pergunta enquanto ele empurra a porta ainda mais aberta para que ele possa ver o que aconteceu.

— Merda, — eu digo e depois dou risada. *Literalmente.* Meu irmão mais velho acabou de pisar em uma pilha de merda dentro de um saco de papel marrom.

Connor ri quando Ryke balança o pé, como se isso fosse dar certo. — Há muitas respostas para isso.

— Cale a porra da boca, Cobalt, — retruca Ryke.

— Por favor, essa não pode ser a primeira vez que você ficou íntimo de

merda. — Connor esfrega os lábios para não sorrir tanto, mas ele não consegue parar de rir. Eu seguro a moldura da porta, meu lado ficando com cãibra de tanto rir enquanto Ryke mostra seu dedo do meio.

— Vai se foder, — Ryke geme e levanta o pé com desgosto. — Porra, eu vou matar eles. — A sola do sapato dele está definitivamente coberta de merda. E deve ter sido os adolescentes que moram no final da rua. Eles não terminaram com suas pegadinhas.

Ótimo.

Meu riso desaparece quando me lembro do que aconteceu com as armas de paintball e a nota anexada ao tijolo.

Ryke está prestes a passar seu sapato nas escadas de tijolos, mas Connor agarra seu ombro para detê-lo. — Basta jogar o seu sapato em um saco de cachorro.

— Connor, eu não estou...

— Brincadeiras à parte, estou falando sério, — diz ele. — Não espalhe nas escadas. — Ele cautelosamente olha por cima do ombro e depois volta para nós. — Rose não precisa do estresse antes da viagem.

— Eu vou limpar a entrada, — eu ofereço, apenas rezando para que eles tenham usado merda de cachorro.

— Eu limpo, — diz Ryke, tirando o sapato de corrida e desaparecendo dentro do armário de materiais de limpeza.

Eu estico meu pescoço e tento encontrar qualquer adolescente correndo, mas a longa estrada está deserta essa manhã. Calma e escorregadia com uma camada de neve e gelo. Eu vejo minha respiração no ar gelado.

Ninguém falou sobre o futuro da Hale Co. desde que meu pai esteve aqui.

Eu tento mentalmente colocá-lo em segundo plano para que essa viagem não

seja brutal. Eu deveria fazer o mesmo com os adolescentes na rua, mas a

dúvida entra em mim.

— E se eles não pararem? — Eu pergunto a Connor. *E se ficar pior que isso?*

Ele está em silêncio e eu viro minha cabeça para observar suas feições. Ele está olhando através de mim, para mim, vendo meus medos porque os vejo em seus profundos olhos azuis, refletindo de volta para mim.

— Então eles não vão parar, — diz ele, facilmente. Como se não fosse nada.

Porém, é algo. — Vamos ter crianças nessa casa em breve.

— Eles são adolescentes entediados, — ele me lembra. — Quanto mais atenção dermos a eles, mais chances de eles retornarem. Nós só temos que ser pacientes. Eu sei que é difícil para você... mas você tem que ignorar o impulso que diz *confronte eles*.

Eu aceno, olhando fixamente para o chão. Ele tem razão.

É um jogo de espera.

LILY CALLOWAY

A ondulação do oceano balança o iate instável, e eu me seguro na cômoda da nossa cabine, me equilibrando. Puerto Vallarta, no México, tem sido bom para mim até agora. Nenhuma queimadura de sol no primeiro dia, nenhum enjôo e muito pouco julgamento dos meus pais.

Embora eu desse uma espiada nos tablóides.

Eles não foram gentis.

A última pesquisa foi um golpe na minha confiança. *Lily Calloway está preparada para ser mãe?* O site de fofocas acompanhou essa manchete com uma foto minha se curvando no convés do iate. Deixei meu óculos de sol cair mais cedo, e um cinegrafista furtivo em um barco me pegou no pior ângulo.

Ryke estava atrás de mim. Lo estava na minha frente.

Pareceu ruim. E os resultados da pesquisa não foram os melhores: *Sim: 36%*

Não: 64%

É difícil permanecer positiva quando o mundo não tem fé em você.

As coisas boas têm uma data de validade.

Agora o oceano decidiu se rebelar contra a gravidade. O barco balança e eu jogo meus braços ao redor da cômoda, abraçando o objeto inanimado como se a minha vida dependesse disso.

Eu. Não. Vou. Cair.

Eu fecho meus olhos com força. E se estivermos afundando? Eu esqueci de ler sobre saídas de emergência e coletes salva-vidas e coisas para as quais Rose definitivamente teria se preparado.

Talvez eu mereça esse 64% de ceticismo.

Eu já sou péssima em ser mãe e o bebê ainda nem está *fora* do meu corpo.

Uma mão escova minhas costas. — Lil, o barco não está balançando tanto assim, — Lo diz.

Meus olhos se abrem. Oh. *Aparentemente* estamos nivelados. — É uma ilusão, — digo a ele. — Um truque. A próxima coisa que vai acontecer é que um bicho-papão vai sair dessas gavetas. — Bicho-papão é bem legal no

mundo de Harry Potter. É definitivamente uma desculpa para usar um feitiço Patrono.

Lo está se esforçando para não sorrir, mas suas bochechas tremem. — Há um problema, Lil. Nenhum de nós somos feiticeiros.

Eu franzo a testa em aflição. — Mas nós temos algum tipo de superpoder,

— eu digo. — Eles ainda não deram o pontapé inicial. — Ele abre a boca, mas eu realmente não consigo lidar com nenhum cinismo agora. Eu quero acreditar que somos mágicos. — Shhh, isso vai acontecer nesse fim de semana. Eu posso sentir isso. — E então o barco balança, e eu me agarro mais à cômoda. — Eu esqueci de ler sobre saídas de emergência, — digo a ele. — Se o barco afundar...

— Eu estou com você, amor. — Ele corta meu pânico, passando o braço em volta dos meus quadris no abraço mais aconchegante de Loren Hale. Ele apoia minhas costas contra a dureza de seu peito, e meu pulso começa a diminuir, minha cabeça girando.

Meus dedos escorregam da cômoda em um único fôlego, e então ele me gira, confiança em seus olhos âmbares hipnóticos. Seu olhar relaxa qualquer alarme, e meus ossos se dissolvem em um estado de êxtase contente. Ele segura meu rosto e meu corpo responde se curvando para ele.

Eu estudo suas feições com meticulosidade, gravando as linhas afiadas de sua mandíbula, aquelas maçãs do rosto. E o jeito que o peito dele cai num ritmo pesado e lânguido. Minha alma incha com o olhar em seus olhos, à expressão resoluta e inflexível que ele carrega.

Loren Hale é gelo.

Resiliente não é uma palavra ligada a ele. Debaixo do fogo, ele perde.

Ryke é o único que sobrevive a ele. Ele é pedra.

Mas há algo dentro de Lo, no momento, que desafia isso. Eu estendo a mão, meus dedos acariciando sua pele macia ao longo de sua bochecha, roçando seus lábios entreabertos.

Um sentimento se forma dentro de mim - aquele em que você conhece alguém toda a sua vida, mas num momento singular eles parecem estranhamente diferentes. Como se você estivesse desenterrando um fragmento deles que nunca surgiu ou foi tocado antes.

Eu vejo isso - um pedaço dele sem cobertura e desenterrado que estava escondido todo esse tempo. Força que ele nunca percebeu que ele tinha.

Minha mão é atraída magneticamente para suas feições, deslizando para o pescoço dele.

Ele sorri através dos olhos. — Você não parece mais instável.

Suavemente, eu digo, — Você é um homem.

Seus lábios se levantam. — Você só está percebendo isso agora, Lily? —

Ele passa a lingua pelo seu lábio inferior. Isso aquece minha pele.

— É só que... você parece mais velho, — eu respiro. *Mais forte.* Capaz de suportar as coisas que o mundo joga nele.

— O tempo faz isso, — ele murmura, sua boca muito perto da minha. *Me beija.*

— Não, — eu sussurro. — Não é o tempo. É outra coisa. — Eu inalo como se nossos corpos tivessem se unido, fundida a ele sem nenhum plano para separar.

Seus olhos brilham com realização, percebendo o que quero dizer. Ele não está com medo de mim ou do meu vício ou do dele. Ele reconstruiu toda a auto-estima que seu pai tirou dele.

Ele se inclina para perto. *Me beija.* Mas seus lábios passam pela minha bochecha e param no meu ouvido. — Você se lembra de como tudo começou? — Suas mãos descem para os meus quadris, mergulhando em direção às minhas coxas. Meus dedos raspam ao longo de seus ombros fortes, um som fazendo cócegas na minha garganta.

Eu respiro fundo para perguntar: — Eu e você? — Como começamos. Ele me guia para algum lugar, meus pés atordoados seguindo sua liderança. E as costas das minhas pernas atingem a beira da cama. Um cobertor náutico com pequenas âncoras impressas está sobre a cama.

— Você e eu, — ele confirma.

Eu procuro no meu cérebro pela hora, local e data, minhas sobrancelhas se franzem. — Nós tínhamos cinco... ou seis anos, certo? — Eu deveria saber o momento, mas há tantos que pertencem a Loren Hale. Lembrar do primeiro levaria décadas.

— Não, não como amigos, Lil. — Ele me levanta por debaixo dos meus braços e me coloca perfeitamente na cama. Ele inclina minhas costas contra o colchão macio, e ele paira sobre mim, suas pernas emaranhadas com as minhas. Aqueles olhos âmbar perfuram a minha pele. E o meu coração. —

Você lembra como *começamos*? *Nós.*

Nós...

A lembrança me atinge com força e as lágrimas de repente começam a transbordar. Nós estávamos no iate dos meus pais. *Esse* iate. *Esse* quarto.

Quase quatro anos atrás. Ambos estávamos com vinte anos e quebrados e

lutando para encontrar um semblante de paz. E então ele pronunciou as palavras que mudaram tudo.

Me deixe tentar ser o suficiente para você.

— Você se lembra, — Lo respira, o polegar escovando uma lágrima perdida.

— Foi aqui. — Minha voz é um sussurro.

Ele concorda. — Foi aqui. — Sua expressão hipnótica me puxa para ele, minha pélvis contra a sua. Ele nunca quebra seu olhar do meu. — Naquela época, — ele diz, — eu estava tão viciado em você. — Ele dá um sorriso, um muito, muito raro. — Eu ainda estou.

Eu estou chorando, inundada de emoções que não cabem dentro do meu corpo. Elas explodem para fora de mim - e eu não me importo em limpá-las.

Eu apenas flutuo através dessa felicidade e deixo Loren Hale me levar.

Seus dedos mergulham sob meu short, e ele puxa o elástico, o abaixando até minhas panturrilhas e queimando meu núcleo com o movimento lento. —

Naquela época, eu pedi para você ser minha namorada.

Meu coração martela nos meus ouvidos. Pensar em uma época em que não estávamos juntos, quando eu não era a namorada de alguém - é uma época antiga e sombria.

— E então eu fodi você, — ele afirma com naturalidade.

Ele abre minhas pernas e se levanta ao pé da cama. Então ele me puxa para que meu traseiro esteja meio no colchão, meio fora, e seu pau semi-duro, através de seu jeans, coloca pressão em um lugar pulsante meu. Minhas pernas em sua posse. Eu me pergunto se ele pode sentir o quão molhada eu estou - ou se ele pode sentir meu calor latejando contra ele, ansiando por ele.

— Eu... eu lembro, — eu gaguejo, perdendo o controle do meu vocabulário.

Ele faz uma pausa por um breve segundo, seus olhos percorrendo meu corpo em ondas quentes. — Isso vai ser um milhão de vezes melhor do que aquilo.

— O quu… — Eu não posso nem terminar minha frase. A declaração arqueia

minhas costas e tento roçar contra ele. *Mais perto.* Mas ele tem minhas pernas como reféns, minhas bochechas salgadas e manchadas de lágrimas. Eu estou uma bagunça, e a maneira como Lo está olhando para mim, eu posso muito bem ser uma bagunça *sexy* também.

De repente ele cai de joelhos. *Ah meu Deus.* E então ele levanta minhas pernas sobre os seus ombros. *Simsimsim.*

Não tenho forças para levantar meu corpo, mas inclino a cabeça no ângulo certo, ganhando uma boa visão. Seus olhos se prendem aos meus quando ele dá um beijo carinhoso no interior da minha coxa. Minha boca está permanentemente entreaberta e um som ofegante surge.

— Lo, — eu choramingo.

Os leves beijos continuam, aproximando-se do local dolorido. Ele está a apenas alguns centímetros de distância quando ele recua. *Não!*

Ele leva seu doce tempo abaixando minha calcinha para meus tornozelos, levantando minhas pernas novamente, e então ele a tira dos meus pés e a joga de lado. Ele ajeita minhas pernas em cima dos seus ombros, e a imagem me faz contorcer. Eu preciso dele.

Eu quero ele.

Bem dentro.

— *Lo.*

— Eu vou fazer você gozar, — ele diz com aquele tom agudo de Loren Hale, mortal e sedutor, — *Tão devagar*. — *Sim.* Eu choramingo de desejo, tão pronta, e seus lábios roçam minha perna, sua respiração quente e sua provocação tóxica. Da melhor maneira possível.

Suas mãos se esfregam contra a carne macia das minhas coxas. Eu estendo a mão, colocando a palma da minha mão em cima delas, esperando guiá-las entre as minhas pernas, mas, em vez disso, elas se erguem até as minhas costelas. Por baixo da minha camisa de algodão, até os meus seios.

Ai meu Deus. Ele aperta, seus polegares roçando meus mamilos endurecidos. — Eu preciso de você, — eu digo a ele, lágrimas se acumulando em meus olhos novamente. Só que essas são do prazer que ele está estendendo em freqüências infinitas.

Me beije aí mesmo. Mas ele espera mais. Ele diz: — Eu tenho um presente para você.

Orgasmos, eu penso. O presente é o melhor orgasmo da minha vida. — Eu tenho sido boa, — eu o lembro. Nas minhas recaídas, eu voltei forte e nunca me afoguei na profundidade do sexo compulsivo.

Seu sorriso puxa seus lábios. — Você tem sido *ótima*.

Minha mente está tonta. — Ótima é melhor do que boa. — O ponto no meio das minhas pernas se aperta, minha cabeça se inclinando para trás. Eu vou gozar antes que ele me dê alguma coisa. — Lo! — Eu aperto seus antebraços em busca de apoio, meus pés se curvando e minhas pernas se contorcendo em seus ombros.

Ele agarra minha cintura agora, me segurando firme. — Relaxe para mim, Lil, — diz ele em uma voz docemente afiada. — Sem apertar.

Eu quero ver o quanto ele está duro. Eu quero ele dentro de mim. Nada mais computa no meu cérebro.

Sua cabeça mergulha fora da vista, e eu sinto sua língua, minhas pernas se contorcendo em resposta. Ele aperta sua mão em uma delas, ainda firmemente em seu cuidado.

Oxigênio sai dos meus pulmões enquanto ele suga e lambe, acariciando o mais sensível dos nervos com a boca. Meus olhos rolam para trás e nenhum som sai quando eu gozo. Flutuando mais alto do que alto.

Eu nem sinto meu corpo descendo; eu fico suspensa nesse clímax. *Mais.* A resposta é normal para mim.

Eu sempre quero mais.

E Lo conhece esse pedido silencioso.

Ele me dá oral quase todos os dias, mas reconheço a diferença no momento em que algo pressiona duramente contra a minha outra entrada. *Ai meu Deus.*

Por favor, sim.

Meus olhos queimam com lágrimas. — Lo, — eu choramingo.

Porfavorporfavorporfavor deixe que isso seja verdade e não só em minha mente. Eu me construo de excitação e impulso, e depois me encolho com a pressão. *Meu Deus.*

Seus lábios me deixam e eu gemo no edredom.

— Relaxe, amor, — ele me lembra.

Já fizemos sexo anal o suficiente para que eu soubesse que não devo contrair muito, mas meu corpo respondeu por conta própria. Lo massageia minha coxa novamente, mexendo minha excitação. Minha mente é uma batedeira agora, misturando luxúria e desejos.

Nossa médica desaconselhou o sexo anal enquanto eu estiver grávida, uma restrição que me deixou mais do que chateada. É por isso que eu pergunto: —

Você está usando os dedos?

— Não, — diz ele. E seus olhos carregam a resposta.

Meus olhos se arregalam, minha boca se abre. *Brinquedos sexuais.* Ai meu Deus. Eu me arrepio toda, imaginando algo longo e duro dentro de mim, mesmo que provavelmente seja apenas um pequeno plug. — E podemos? —

Eu sussurro.

— Eu perguntei a sua ginecologista. Ela disse sim.

— Não se mova, — eu deixo escapar. — Ou eu quero dizer, se mova,

mas... não tire ele ok? — Medo aparece - medo de que isso acabe cedo demais.

— Shhh, Lil, — diz ele. — Respire devagar.

Eu posso sentir minhas costelas se levantando com essas respirações esporádicas. Eu deito mais e fecho os olhos. *Ele vai me preencher nos dois lugares, ao mesmo tempo.* É um desejo que eu queria saciar por um tempo.

Eu tento relaxar meus músculos, e seus beijos começam de novo, suaves e doces, construindo minha necessidade. Eu latejo por uma entrada mais dura e profunda. E então ele empurra o brinquedo, a pressão e as sensações me cegam. *Sim.* — Lo, — eu imploro.

Ele se levanta, e os segundos passam devagar quando ele tira sua calça jeans e sua cueca boxer preta. Ele está mais duro do que eu imaginei, ereto e querendo tanto quanto eu. Ele faz uma pausa enquanto eu olho fixamente para seu longo pênis. *Dentro, agora*, eu comando mentalmente. *Dentro, agora.*

— Lil, — ele engasga, sua excitação varrendo suas feições.

Eu estou cheia por trás. Eu nem posso imaginar estar cheia na frente também. Eu não tenho isso há tanto, *tanto* tempo. Anos. — Mais forte, —

murmuro. Ele nem sequer empurrou para dentro de mim ainda.

Ele está muito longe para eu o segurar. Ele está de pé com as minhas pernas ao redor da cintura, minha bunda fora do colchão, enquanto eu estou deitada. Então eu agarro o edredom com uma mão e meu peito com a outra.

— Mais forte, — eu imploro, seu pau bem ali. Estou exausta demais de gozar uma vez para me empurrar até ele. Ele tem o controle disso, e esse pensamento me leva a um lugar mais quente e sufocante. — Lo...

E então ele empurra em mim, me enchendo com força. Eu sou um caso perdido. Meu corpo estremece e ele empurra em ritmos melódicos e profundos que me levam a um novo planeta. Um suspiro agudo escapa dos

meus lábios toda vez que ele *entra.*

Ele descansa um joelho na beira da cama, e depois outro, subindo nela e puxando meu corpo em direção ao travesseiro. Ele coloca o antebraço do lado da minha cabeça e ele beija a parte externa dos meus lábios. Então ele diz, —

Abre.

Eu entendo o pedido dele. Eu abro meus olhos e ele olha diretamente dentro de mim enquanto empurra. Eu não posso parar os barulhos que faço.

Estou feliz que ele esteja mais próximo, mais perto, para que eu possa colocar minhas mãos em suas costas e segurá-lo para mim.

Eu contraio meu núcleo com tanta força que ele só pode *entrar* e não sair.

É uma euforia de longa duração. Minha cabeça balança e meus olhos tremulam quando o clímax me atinge. Minha coluna se arqueia, dedos dos pés se enrolando. Um arrepio percorre o comprimento das minhas pernas e toda a felicidade do mundo chove sobre mim.

Eu sinto que acabei de experimentar sexo e toda a sua glória pela primeira vez.

Um brilho de suor reveste seus ombros, peito e testa, nossa respiração entrecortada. Ele está sorrindo, seus olhos cheios de conhecimento.

Sim, Loren Hale.

Você é o suficiente para mim.

{ 15 }

LILY CALLOWAY

Daisy me dá o protetor solar na sala de estar do iate. Nossos pais, Jonathan Hale, e sua acompanhante se isolam em sofás na proa. Eu notei uma tensão desconfortável durante o café da manhã entre eles e nós. Meu pai silenciosamente pegou um bagel e foi para a proa sem uma palavra. Minha mãe o seguiu logo depois.

— O que aconteceu ontem à noite? — Eu pergunto a todas. Daisy passa protetor solar em suas longas pernas enquanto Rose folheia uma revista na mesa de vidro, Poppy está bebendo um mojito ao lado dela. Rose dá um olhar feio para Poppy por beber uma bebida alcoólica cheia de frutas do lado dela.

Eu não estou tão triste com a falta de álcool durante a minha gravidez. Eu nunca bebi muito antes, mas Rose gosta de seus bloody marys, mimosas e vinho tinto.

— Você não ouviu os gritos? — Poppy me pergunta, ajustando o chapéu de palha no seu canudo.

— Houve gritos? — Meus olhos se arregalam parecendo em desenho animado. Meu orgasmo foi tão supremo que bloqueou todos os outros ruídos ao redor. Uau.

Gravidez tem suas vantagens, mas meu tesão é incrível e aterrorizante ao mesmo tempo. Caso em questão, apenas lembrar da noite passada faz meu clitóris pulsar, o sangue correndo lá embaixo.

— Todos deveriam esquecer que isso aconteceu, — diz Rose desinteresadamente.

— Isso é fácil, já que não tenho ideia do que aconteceu, — Eu murmuro, esguichando protetor solar na palma da minha mão. Faz um barulho de peido, e eu balanço minha cabeça em constrangimento, esperando que ninguém ouça.

Daisy está sorrindo, embora seja um tipo de sorriso que me faz me sentir

melhor. — Papai só ficou bravo comigo, — diz ela. — Foi minha culpa, de qualquer maneira.

Rose bufa. — Isso é incorreto — Rose está certa, — Poppy interrompe. —

Ele deixou você modelar em Nova York por anos. Ele não pode ficar chateado só porque agora ele *vê* o quão crescida você está.

— É rude, — acrescenta Rose friamente.

— Não é justo com você, — Poppy reformula em um tom mais quente e suave.

Ok, o sistema de apoio de irmã mais velha está sob controle - menos eu. Eu levanto minhas mãos, um dos meus braços ainda branco com protetor solar.

— O que aconteceu? De verdade? — Eu me pergunto se foi tão ruim assim.

Sexo me deixou por fora novamente, mas talvez isso seja diferente. Esse tipo de sexo foi o melhor tipo que eu já tive. Não pode estar errado.

Rose se abana com sua revista, mas Poppy responde primeiro. — Papai ficou sabendo que Ryke e Daisy estavam dividindo uma cabine. Ele disse que eles não eram casados ou noivos, e ele os queria separados.

Eu franzo a testa. — Espera… — Eu balanço minha cabeça. — Isso não faz sentido. Eles sempre deixaram Lo e eu dividirmos uma cabine desde que éramos adolescentes.

Rose inclina a cabeça para mim como se eu precisasse tocar no meu cérebro.

Ah. — É o Lo, — percebo. Ele sempre foi a exceção. Bem, e Connor também foi. O marido de Poppy, Samuel Stokes, nunca se deu bem com nada no começo. Ele teve que ganhar seu caminho para as boas graças do meu pai, e aparentemente, Ryke também.

— Ryke estava com raiva, — Poppy fornece mais detalhes.

— Ele estava *furioso*, — esclarece Rose. Imagino os vasos sanguíneos dele

prontos para estourar, suas veias salientes em seus bíceps e antebraços.

— Papai não sabe que vocês moram juntos? — Pergunto a Daisy.

Ela aperta as tiras do biquíni verde neon e balança a cabeça. — Não. Ele assumiu que íamos ficar em quartos diferentes, como foi durante *Princesas da Filadélfia*.

Ai meu Deus. Meus olhos estão como pires. Isso é muito ruim então.

Imagino meu pai dócil crescendo chifres em direção ao Ryke. Ele provavelmente acha que o Ryke "deflorou" sua filha mais nova. Não exatamente o caso. — Ryke recuou?

— Ele tentou o máximo que pôde, — diz Daisy. — Mas papai estava basicamente atacando ele.

O barco balança um pouco e Rose perde o foco da conversa, a pele empalidecendo. Ela fecha os olhos por um momento longo e instável. É

difícil dizer quando Rose está passando mal, mas ela está fazendo viagens frequentes ao banheiro. Seu enjoo matinal está combatendo seu enjoo por causa do barco de uma maneira não tão agradável.

— Esse barco… — Rose diz, alongando sua proclamação. — …está me matando. Eu vou destruí-lo até o final das férias. E se alguém tem alguma coisa negativa... ou *racional* para dizer contra mim, vou te empurrar no mar.

Eu nem vou tentar fazer isso.

Poppy reverte para o assunto em questão. — Eu acho que Ryke fez um ótimo trabalho se defendendo e protegendo a Daisy. Ele disse ao papai o que todo mundo queria dizer. — Estou supondo que foi que Daisy está crescida.

— Com provavelmente muitos mais palavrões, — acrescenta Poppy. — Mas papai começou a gritar primeiro.

Minha boca cai. — O que…?

— Ele estava bravo de verdade, — Daisy me lembra.

— Sim, mas… — Isso é loucura. Eu tento me lembrar de uma única vez em que meu pai levantou a voz.

Com a minha confusão e choque, Poppy diz, — Ele costumava ficar tão nervoso com o Sam que ele começava a gritar. Ele só está preocupado com caras se aproveitando de nós.

Ah. Meu relacionamento com meu pai é tão diferente das minhas irmãs.

Ele me tratou mais como seu filho do que sua filha, me deixando fazer o que eu quisesse desde que ele confiava tanto em Lo. Eu acho que ele nunca sentiu que tinha que me proteger como ele sente com elas.

Meu pai e eu nos comunicamos com acenos de cabeça, encolher de ombros e breves sorrisos.

Desde o meu vício em sexo, levou um tempo para ele me reconhecer novamente. Por não contar a ele meus problemas, de alguma forma eu quebrei nosso vínculo silencioso, algo que eu nem notei até que minha terapeuta apontou. Mas estamos bem agora.

Os sorriso estão de volta. O dar de ombros e as palmadinhas nos ombros acontecem com mais frequência. Nós não tivemos nenhum tipo de conversa de coração para coração, mas eu não estou procurando por uma.

— Estamos tentando não ser desrespeitosos, — Daisy explica sua situação com Ryke. — Está bem se ficarmos em quartos separados.

É o aniversário dela. Ela merece o orgasmo que eu tive na noite passada.

Isso e muito mais. Eu gostaria de poder negociar com ela, mas não parece possível.

Cor voltando para suas bochechas, Rose olha para nossa irmã mais velha enquanto ela toma o mojito. — Eu te odeio, — Rose diz a ela, seu olhar com raiva fazendo furos em Poppy.

Poppy limpa a boca com um guardanapo. — Eu me lembro de você ter bebido *margaritas* enquanto eu estava grávida da Maria. Então agora você sabe como eu me senti.

Rose franze os lábios, olhando agora para a bebida de hortelã. — Eu aposto que tem um gosto horrível.

— Poderia ser melhor, — Poppy diz gentilmente.

— Eu gosto de você um pouco mais agora.

Enquanto elas conversam, vejo uma revista em um rack na parede, um Zac Efron sem camisa na capa. Eu latejo de novo, uma dor que cresce com a visão do abdômen bidimensional. Quando a estrela do *High School Musical* ficou assim? Nossa.

Eu engulo em seco, amaldiçoando meu corpo. Eu tive que parar de assistir *Teen Wolf* por *essa* mesma razão.

Isso me deixa nervosa. Lo tentou me explicar que o mundo não é um playground cheio de pornografia. Eu não preciso ter medo do que me rodeia, mesmo que tudo me excite. Eu só preciso respirar fundo... Eu exalo... e treino minha mente em coisas diferentes, evitando fixações carnais.

Meu mantra essa viagem: *eu me recuso a agir em minha excitação. A menos que seja de Loren Hale.*

Eu aceno com a cabeça resolutamente.

Agora devo desaparecer e esconder esse rubor vermelho. — Estou saindo,

— digo a minhas irmãs. Toda ensaboada em protetor solar, saio através de portas de correr de vidro e passo para o convés com vista para a piscina do iate.

Eu estico meus braços, os raios da tarde batendo nos meus ombros pálidos.

Olhando para o convés abaixo, eu deslizo pela linha de espreguiçadeiras distraidamente e, em seguida, aterrisso o olhar em um abdômen sarado com

oitos gominhos, com longas pernas masculinas.

Eu congelo e dou uma outra olhada no corpo tonificado, com músculos que apontam para seus calções de banho azul-marinho, o rosto do cara bloqueado da minha vista graças ao bar.

Meus hormônios não se importam com minha sanidade.

Eu aperto minhas coxas juntas, com calor mais do que apenas do sol. *Ai meu Deus.* Eu conheço cada pedaço do corpo de Loren Hale, e esse não é ele.

Eu queimo com culpa. *Eu nunca o trairia,* eu me lembro. Eu preciso de um mergulho frio na piscina. Já.

— O corpo dele é enfurecedor, — Rose de repente diz ao meu lado. Eu pulo de susto.

— Quando você… — Eu paro quando Daisy se junta a nós, fechando a porta de correr. Seu gesso amarelo, com as palavras *Foda-se* rabiscadas com a letra de Ryke, está embrulhado em plástico para que ela possa molhar.

Rose está focada no cara embaixo, descansando os antebraços nas grades, talvez em parte para combater o enjôo do mar. Ela grita: — Espero que você tenha uma queimadura de terceiro grau e se afogue!

O que? Minhas sobrancelhas se franzem, e é aí que o corpo se levanta. Ah não. Ah não. Ele se senta, com os pés descalços caindo de ambos os lados da espreguiçadeira, e então se inclina para a frente, à vista de todos.

Connor Cobalt.

Eu acabei de ficar excitada com o marido da minha irmã.

Alguém que eu nunca me senti atraída desse jeito. Eu gostaria de dizer que a gravidez é incrível e bonita, mas essa parte está fazendo um número em mim. Eu queimo em constrangimento, imóvel, uma estátua no convés.

Connor usa óculos de sol elegantes, um livro na mão. E o sorriso dele aumentou para Rose. — Você está desperdiçando suas esperanças no

impossível, querida.

Rose se endireita e aperta o corrimão. — Eu não desperdiço nada mais do que você.

— Isso é totalmente falso… — O olhar dele cai para os seios dela, muito maiores, mesmo em seu biquini preto e sua saída de praia transparente. —

...mas vou deixar passar, dessa vez.

— Cuidado, Rose, — diz Lo, caminhando para o convés da piscina abaixo de nós, uma toalha pendurada no ombro. Eu examino seu torso esculpido de horas na academia, a visão mais agradável e menos humilhante. Eu gostaria de poder enviar ao meu corpo um sinal de *SOS: Somente Loren Hale!* —

Ouvi dizer que Connor gosta de palmadas, *fortes*.

— Só ouviu? — Connor brinca, seu sorriso cegante.

Lo estala os dedos em uma realização falsa. — É mesmo, amor, eu esqueci a noite passada.

— Impossível, — diz Connor. — Eu sou inesquecível. — Ele pisca para Lo, e eu exalo em voz alta com toda a brincadeira masculina de flerte. Um exalar que pertence a Lily voraz do quarto 1.0. Não a Lily 3.0.

Rose se concentra completamente em seu marido, mas seu rosto está úmido de suor, sua pele quase pálida. — Sua mão não está chegando perto da minha bunda. — Sua ameaça soa fraca quando ela cambaleia para trás.

O sorriso de Connor desaparece em um segundo. — Rose?

Ela coloca a mão na boca e rapidamente gira para a porta de correr.

Connor fica de pé, sem mais humor. Ele corre para fora do convés da piscina, em direção à escada. Rose dispara para dentro da cabana, de onde ela veio. Para vomitar, provavelmente.

Eu mal posso processar minhas emoções de oscilação, não quando Connor

atravessa o convés do segundo andar. Mais preocupado com a esposa do que com qualquer outra coisa. Ele passa por mim e Daisy sem olhar. E ele desaparece atrás da minha irmã mais velha.

A pior parte: ainda me sinto quente.

Eu dou uma rápida olhada para a esquerda e vejo Daisy examinando minha expressão vermelho-beterraba. Eu tento ficar tranquila, relaxo meus braços e lhe ofereço um pequeno sorriso. Ela retorna o sorriso e bate o quadril levemente no meu. — Eu sei que todo mundo não teve escolha, mas estou feliz que você esteja aqui, — diz ela. — Obrigada por ter vindo.

Eu estou pegando fogo, a paranóia aumentando com a ideia de que *todos* estão lendo meus pensamentos pervertidos. — Feliz décimo nono aniversário,

— digo a ela, o que eu deveria ter feito esta manhã.

— Obrigada. — Ela sorri mais brilhante. — Vou pegar uma bebida no bar.

Você quer uma água ou algo assim?

Eu sacudo minha cabeça. — Mas eu vou com você até lá. — Passeamos pelo caminho estreito do lado de fora. Eu só agora reconheço a camisa que ela está vestindo. Eu comprei ela para o seu aniversário: um desenho de um unicórnio se empinando em um campo de daises com um arco-íris. Isso me lembrou dela, e eu estava muito animada para esperar até esse final de semana para revelá-lo. O tecido branco cobre o biquíni dela.

— O que o Ryke te deu? — Eu pergunto.

Ela encolhe os ombros e coloca o cabelo em um coque alto. — Ele não é o cara de dar de presentes.

Nãoooo. Ele não esqueceu. Rose lhe mandou vinte mensagens com ameaças diferentes se ele não se lembrasse do presente de aniversário da Daisy. Eu só sei disso porque Ryke me mostrou uma foto de uma salsicha picada e queimada que Rose mandou para ele.

Graças a Deus, produtos de carne não me excitam. Eu teria atingido um

novo nível baixo e horrível se isso acontecesse.

— Ryke faria uma exceção para você, — digo a ela.

— Está tudo bem, — ela encolhe os ombros novamente. Eu realmente não sei se isso a incomoda ou não.

E é aí que Ryke sobe as escadas na nossa frente, as escadas que devemos descer. Eu tenho o evitado com sucesso desde que nós fizemos os biscoitos.

Eu não quero me sentir como um monstro grosseiro ao redor do Ryke, e até eu descobrir como alterar esses sentimentos, decidi me colocar em situações em que não *posso* senti-los.

O que torna esse encontro agora muito, muito estranho.

Fico em silêncio com Daisy e chegamos a uma espécie de paralisação. É

dez vezes pior porque Ryke está muito bronzeado e muito sem camisa. Outro conjunto de abdomens. Mais músculos que apontam para os calções de banho, desta vez pretos com o cós azul.

Eu acho uma solução, plantando meu olhar em seus pés. Seguro. Não há nada que eu possa fazer sobre o meu rubor envergonhado nesse momento. Eu só tenho que ignorar isso.

Ryke rompe o silêncio desconfortável. — Eu deixei meu óculos de sol na cabine.

Daisy solta um suspiro falso. — Você quer dizer esse óculos de sol? — Ela balança o Wayfarer preto no ar e o coloca.

Eu dou uma espiada, um erro, porque ele dá a minha irmã mais nova o olhar mais longo da história dos olhares. Minha respiração parece rasa e a vergonha começa a subir como lava derretida.

— Fofo, Calloway.

Eu tenho que sair daqui. Vou mergulhar todo o meu corpo em uma piscina gelada. Talvez isso coloque meu cérebro no lugar. Plano preparado, dou um passo à frente para me afastar, minha concentração de volta ao convés.

E então meu peito colide instantaneamente com Ryke. Eu recuo para trás.

— Desculpe! — Eu grito nervosamente, as mãos levantadas. Eu pego um vislumbre dele, confusão franzindo suas sobrancelhas.

— Por que você está vermelha pra caralho?

Ai meu Deus.

— Está quente, — Daisy me ajuda. Ela sabe muito bem que esse é um tipo diferente de calor. E, no entanto, ela está do meu lado, me ajudando - é uma gentileza que eu amo e prezo com todo o meu coração. Mas a culpa se afunda em mim porque eu estou assim em parte por causa do namorado *dela*.

Está tudo ferrado.

Eu protejo meu rosto com uma palma suada. — Sim, está muito quente.

Estouindoparapiscina, — murmuro rapidamente, girando nos calcanhares para ir até as escadas.

— Estamos bem atrás de você, — Ryke me diz.

E eu suprimo um arrepio que é maior que o medo (de mim mesma) e algo pior.

— *Não* desse jeito, Lil. — Eu ouço a preocupação em sua voz.

— Euseieusei, — eu murmuro. Eu pulo alguns degraus no meu caminho até o convés principal, e eu viro a esquina em direção à piscina, tirando o tecido que cobre o meu maiô que molda uma pequena barriga de bebê.

Quando a água azul fria aparece, eu ignoro Lo em uma espreguiçadeira.

Preparada apenas para entrar.

Eu canalizo meu golfinho interior.

Aqui vou eu.

Eu pulo e mergulho na piscina, esperando o frio invadir meus pulmões e roubar minha respiração e consertar tudo.

Em vez disso, a água aquece meus ossos.

Que. Diabos.

Eu descontroladamente volto para cima, cuspindo água de cloro da minha boca, a temperatura de um *banho de banheira.* Isso não saiu como planejado.

Eu penteio meu cabelo molhado do meu rosto e olhos, e tento levantar meu corpo da piscina. Eu não luto por muito tempo. Lo se agacha na minha frente e me levanta por debaixo dos meus braços, sem esforço.

Eu estudo suas feições, desejando sua pura masculinidade. *Pare com isso, Lily.* Eu pisco rapidamente, esperando que ele se transforme em um monstro.

Não acontece. Loren Hale é impressionante e lindo por completo. Se ele possui qualidades monstruosas, elas estão mergulhadas em beleza.

— Por que você é tão bonito? — Eu digo.

Seus olhos âmbar me penetram. — Basta pensar em como eu fico horrível pela manhã.

Eu solto uma risadinha. — Você ainda é lindo.

Ele levanta meu queixo para que eu pare de olhar para seus lábios. — Lily Calloway, — ele respira, — você está indo muito bem. Estou orgulhoso de você. — Meu coração se enche.

Ele sabe que estou excitada. Ele sabe como é difícil eliminar esses sentimentos que surgem de quase tudo e todos.

Pingando, beijo seu nariz rapidamente, mostrando que sou capaz de controlar

isso. Um pouco. E eu escolho a espreguiçadeira ao lado dele, me deitando. — Se eu puder controlar minha mente como um Jedi, tudo vai ficar bem, — eu digo a ele com um aceno de cabeça. Eu fecho meus olhos para tentar isso.

Eu ouço as pernas de sua espreguiçadeira rasparem ao longo do convés.

Ela está encostada na minha e ele está deitado em sua toalha, perto de mim, mas não muito perto. Uma perfeita distância não tentadora.

— Você deveria saber, Lil, — diz ele em voz baixa, — que todo cara nesse iate tem os pés mais peludos do mundo. Não são nada além de hobbits.

Eu sorrio, meus olhos ainda fechados. Embora Frodo seja fofo, sou pró-

elfos. — Eles também são todos baixos?

— Ah, sim, eles mal chegam à sua cintura.

— Exceto por você, — eu digo, lambendo meus lábios.

— Eu não sou um elfo, — ele me lembra.

Eu abro um olho e viro minha cabeça. Ele está deitado de costas como eu.

— Você é um bruxo...

— Não, Lil, — ele sussurra. — Eu sou humano.

Eu me viro de lado, minhas pernas cruzadas juntas. Eu estendo a mão para segurar sua mão, e ele me deixa, sem medo de me permitir. — Porém, você acha que nosso bebê terá poderes? Mesmo que nós sejamos humanos, ele pode ser mágico?

Lo acena com determinação. — Definitivamente. Ele será o cara mais forte de todos os tempos.

— Como o professor Xavier, — sorrio para a imagem. Mas isso desaparece rapidamente. — Você acha... você acha que ele vai se esquecer de nós, já que somos apenas humanos e ele é algo mais? — Gotas de água rolam pela minha

têmpora.

A mão de Lo sobe para o meu braço e ele esfrega minha pele suavemente.

O ato me conforta mais do que desperta. — Eu não sei, — ele diz honestamente. — Eu acho que vamos ver.

Sim. Eu acho que vamos.

Eu me aproximei de Lo, percebo, meu tornozelo preso ao dele, mas não é uma ação sexual. É apenas natural.

*

Enquanto Lo pega as águas do lado de dentro, eu decido entrar na piscina por mais de alguns segundos agora. Eu estou mexendo no celular dele. Não foi a melhor ideia, uma vez que minha foto curvada, procurando o óculos de sol, se transformou em um meme na internet. Minhas sobrancelhas franzem com as dezenas de montagens. Há uma onde Ryke me agarra por trás, em vez de apenas ficar parado lá.

Uma onde estou procurando um vibrador em vez de óculos de sol.

Uma onde Loren e Ryke foram cortados e substituídos por cachorros-quentes.

É horrível. Embora suas habilidades no photoshop sejam muito boas. Eu tenho que lhes dar crédito por isso.

— Connor, — diz Rose, na sua espreguiçadeira ao lado da dele. Um livro empoleirado no colo dele, sua mão ainda não deixou o pescoço nu dela. Ele a massageia enquanto ela agarra um balde de gelo vazio. Rose arriscou vomitar novamente para se juntar a mim do lado de fora.

Leva um segundo sólido para perceber que Rose ordenou que ele fizesse alguma coisa, já que ela está fora de serviço. Connor não precisa de mais informações para lê-la bem.

Ele apenas se estende para a frente e *rouba* meu celular direto de mim. E

então ele se encosta novamente, sua mão retornando para o pescoço de Rose como se nada tivesse acontecido.

— Isso foi malvado, — digo a ele. — Eu estava fazendo uma pesquisa importante.

— Se eu não fizesse isso, ela teria tentado, — explica Connor, passando o celular para minha irmã. — E eu não quero minha esposa se movendo por aí.

Rose pesquisa o histórico do celular e depois me dá uma olhada fria.

Eu levanto minhas mãos para fora da piscina. — Elas foram difíceis de evitar.

— Quanto mais você olha para isso, mais paranóica você se torna. E se *alguém* vai pular desse iate, sou *eu*. — Ela foi de destruir o barco para se afogar. Eu entendo que ela está se sentindo muito ruim ainda.

Connor vira uma página em seu livro e diz algo em francês.

Ela responde de volta, fechando os olhos com força. Ele a puxa para mais perto do seu lado, seu braço deslizando ao redor de seus ombros. A abraçando com conforto. Ele sussurra outra palavra francesa e depois beija sua testa.

Eu franzo a testa, desejando que eu pudesse entendê-los. Mesmo com o

meu estudo, eu só posso pegar algumas palavras aqui e ali. Eu bloqueio o sol com meus dedos e leio o nome no livro de Connor. Um sorriso substitui minha carranca. É *'A Viagem do Peregrino da Alvorada'* do C.S. Lewis.

No Natal, dei a Connor toda a série de *As Crônicas de Nárnia*. Pessoas normais pedem coisas que *eles* querem para o Natal, mas Connor nos pediu para presenteá-lo com coisas que gostamos. Ele consumiu o presente de Lo -

a série *As Crônicas de Fogo e Gelo* de G.R.R. Martin - em questão de três semanas. Agora ele deve estar trabalhando com o meu presente.

Com um humor mais feliz, meu olhar flutua e pousa em Ryke e Daisy, ambos sentados no corrimão prateado perto da popa. Estamos ancorados, então o

iate não balança muito. Daisy tira sua blusa e Ryke usa o amarrador de cabelo dela em volta do pulso. Seus cabelos loiros e pontas verdes tingidas estão emaranhados e levemente crespos.

Estou muito longe para pegar a conversa deles, embora Ryke sorria e isso diz o suficiente.

— Eles são um bom casal, — eu digo em voz alta. E então eu volto para Rose e Connor, inclinando meus braços contra a borda da piscina. — Por que a mídia insiste em destruir algo bonito?

Rose coloca o óculos Chanel, os joelhos curvados em direção ao Connor, quase deitada de lado. Ela parece mais relaxada.

Connor olha para Rose, sua mão agora na coxa dela. — Isso foi uma pergunta retórica?

— Acho que sim.

Não foi, mas talvez não haja uma resposta.

Connor deixa seu livro de lado para olhar seu celular, olhando para Rose a cada meio minuto para ver como ela está. E quando seus olhos se fixam no celular, ele de repente franze a testa. — Lily, você… — Mesmo que sua cadeira esteja levantada, ele fica ainda mais reto. — Você criou um Twitter?

— Só por dois segundos, — eu digo, levantando as mãos novamente. Foi muito difícil encontrar um nome de usuário, já que as variações de “Lily Calloway” já estavam sendo usados pelos fãs. Acabei ficando com

@lilycallowayX23 e enviei um total de *três* tweets muito importantes.

— Agora mesmo? — Pergunta ele. — Você entrou no Twitter há cinco minutos, enquanto estávamos todos sentados aqui?

Eu semicerro os olhos para ele, — Isso foi uma pergunta retórica?

Rose pega o celular para confirmar. — Eu não entendo porque você sempre usa essa coisa de OTP.

— Porque é incrível, — eu digo como se fosse a coisa mais óbvia do mundo. — Eu tive que deixar o Twitterverso saber que eu sou cem por cento Team Raisy. — Nossos publicitários deveriam ter pensado nessa estratégia meses atrás. Eu estou apenas ajudando.

E esses devem esclarecer minha posição sobre o assunto. Tweet 1: *Essa é a conta oficial do Twitter de Lily Calloway. Viva!*

Eu tive que me anunciar.

Tweet 2: *#Raisy é meu OTP favorito. Eu shippo.*

Tweet 3: *Ryke & Daisy estão mais fofos do que nunca agora. #Raisy está vivo.*

Eu vou fazer isso virar um dos assuntos mais comentados. Sem mais essa coisa estúpida de "Raisy está morto".

— Eu sei que não passei isso pelo publicitário, — eu digo, — mas sério, só pode ajudar Connor e Rose de repente ficam quietos e muito parados. Trocam algumas palavras em francês, e ela delicadamente passa o telefone para ele.

Eu franzo a testa. — O que?

Eles estão de mãos dadas agora. Como uma força unida.

Meu coração bate rápido.

Connor remove seu óculos escuro, seus olhos azuis muito calmos. Isso me deixa menos nervosa. — Lily, — ele diz, — parece que você está se esforçando demais. Isso faz sentido?

— Ela entende, — Rose diz a ele. — Você não precisa falar assim com ela.

Porém, eu não entendo. — Estou apenas me expressando.

— Você precisa twittar mais então, — ele me diz. — Porque a maneira como isso está saindo - parece que você está tentando encobrir alguma coisa.

Eu balanço minha cabeça ferozmente. — Isso não é o que eu estava tentando fazer.

— Eu sei, — diz ele rapidamente. — Eu sei, e outras pessoas vão acreditar em você.

— Ok, que bom. — Eu engulo um caroço que subiu. *Onde está o Lo?*

Daisy está rindo, gargalhadas altas que atrai minha atenção para ela. Ryke está com uma expressão pensativa, mas seus lábios se curvam para cima também.

Em dois segundos, Ryke intencionalmente empurra o ombro de Daisy.

Com força.

Ela cai do barco, uma risada maior ecoando. Parecia malvado, nada agradável ou amigável, mas tenho certeza de que minha irmã ousada e

selvagem adorou.

— Ryke! — Uma voz estrita explode da popa. Meu pai - com seus cabelos grisalhos, calça cáqui e camisa polo - corre para esse lado do barco. Ele parece pronto para lançar Ryke ao mar.

Connor e Rose se endireitam, em alerta.

Meus nervos invadem minha barriga e olho por cima do ombro, esperando Lo aparecer. Ele não está à vista, no entanto.

— Você não pode simplesmente empurrar minha filha para fora do barco!

— Meu pai grita.

Ryke se levanta, mas ele ainda está do outro lado do corrimão. Seus músculos estão tensos e sua mandíbula travada, o que não é o único sinal de que ele está frustrado e com raiva. Está em todo seu rosto. — Sem ofensas, mas toda merda que eu faço te irrita.

— Então talvez você devesse mudar isso, — meu pai retruca.

Ryke instintivamente balança a cabeça.

— Não? — Meu pai diz com desgosto. Suas vozes estão muito mais altas do que a conversa anterior de Ryke com Daisy. Eu posso ouvir quase tudo.

— Olha, podemos apenas começar essa merda de novo? — Ryke pergunta.

— Estou *tentando...*

— O máximo que você fez foi trazer minha filha de volta da Costa Rica com um braço quebrado e depois escreveu um palavrão em seu gesso. E *não,* não estamos começando de novo. Não vou esquecer como você mentiu para mim sobre seu relacionamento com ela ou sobre morarem juntos. Eu posso, no entanto, pesar isso contra suas ações agora. Você entende?

Ryke se segura para não revirar os olhos.

Mesmo que eu tenha me distanciado dele, ainda posso animá-lo.

Internamente, estou segurando um cartaz de Team Ryke. *Você está se saindo muito bem, Ryke.* Isso é realmente difícil para ele. Ele é tão imutável, inflexível. Ao contrário do Connor, que é capaz de se adaptar a qualquer situação com fluidez.

Ryke respira fundo e olha por cima do barco, verificando Daisy antes de olhar para o meu pai. — Eu percebo que eu sou a razão pela qual ela quebrou o braço, porra. Assumo total responsabilidade por isso, mas também foi um acidente. Ela tem estado em muitos desses que não me envolvem.

Na Costa Rica, Ryke desafiou Daisy a pular do topo de uma cachoeira.

Depois que ele pulou. No meio da subida até o topo, ela escorregou na pedra molhada e caiu mal em cima do braço. Aparentemente, Ryke nem sabia que

ela tinha quebrado um osso. Ele disse que estava prestes a ir atrás dela, mas então ela pulou da borda inferior, para a lagoa.

Quando ela nadou até ele, ele descobriu. E eu poderia dizer - apenas por sua recontagem da história - que ele se culpou. Ele disse que se ele tivesse a ajudado, ela não teria quebrado nada.

No iate, não ouço a resposta do meu pai. Um *splash* soa na piscina, a água borrifando meu cabelo já úmido. Eu me viro e vejo uma figura nadando debaixo da água até mim.

Eu reconheço os calções de banho preto de Lo e meu mundo se ilumina.

Ele se aproxima de mim, suas mãos roçando minhas coxas, e seus dentes divertidamente beliscam minha carne. Minha respiração engata, e por um segundo perigoso, eu me pergunto se ele irá para outro lugar. Um que clama pela atenção dele.

Refresque-se, Lily.

Repito o mantra novamente, e sua cabeça sai da água, suas mãos deslizando para as minhas costas, longe dos lugares que pulsam. É melhor assim.

Ele tira o cabelo castanho claro do rosto, muito sexy, e eu tenho que começar a pensar em hobbits. Com grandes pés peludos. — Eu perdi muita coisa? — Ele pergunta.

Eu evito o assunto do Twitter e apenas faço um movimento com a cabeça para seu irmão que está na defensiva novamente. Ryke fica em silêncio enquanto meu pai fala sobre proteger minha irmãzinha.

— Sim, isso estava prestes a acontecer novamente, — diz Lo com um encolher de ombros como se ele não quisesse que isso estivesse fadado a acontecer. Eu também. — Eu vou ajudá-lo... — Lo está prestes a sair da piscina quando Ryke balança a cabeça para o meu pai, vira as costas para ele e literalmente pula da borda do barco. Saltando para o oceano.

Ou é incrivelmente estúpido ou, de longe, a coisa mais legal que ele já fez.

Eu acho que meu pai estava no meio de uma frase.

O rosto do meu pai fica vermelho brilhante. Ninguém diz nada. Exceto por

Lo. — Meu irmão mais velho acabou de levar o *cala a porra da boca* para um nível totalmente novo. — Ele solta uma risada espantada. — Eu ia bater palmas lentamente, mas seu pai está vindo para cá… — Meu pai olha para nós com raiva, e Lo e Connor sorriem ao mesmo tempo. Um sorriso falso treinado que Ryke ainda tem que aprender.

Lo acena, e meu pai acena de volta antes de desaparecer do lado de dentro.

Connor se inclina contra a espreguiçadeira. — Isso é o que acontece quando você traz cães para barcos. Eles saltam dele.

— Greg ainda está esperando que Ryke possa ser treinado. — Lo beija minha bochecha, um beijo aleatório que me surpreende. Eu me agarro ao seu lado e descanso minha cabeça em seu peito, gotas de água rolando em sua pele.

Connor fica quieto antes de dizer, — Algumas pessoas são melhores do jeito que são.

Meus olhos crescem em choque.

Connor não quer que Ryke mude. Não muito, pelo menos.

Eu acho que nenhum de nós quer isso, mas não há dúvida de que ele terá que seguir algumas das regras do meu pai. Se ele não fizer isso, temo que isso colocará uma tensão irreparável em seu relacionamento com a Daisy.

E eles só tem que durar.

Raisy está vivo. Eu não acredito em nada menos.

{ 16 }

LOREN HALE

Mesmo em férias, em um país que eu amo, meu pai nunca me deixa esquecer a realidade. Ele me enviou por e-mail perfis de todos os membros da diretoria da Hale Co. com seus gostos e desgostos. Ele está tentando me dar uma vantagem sobre Lily, Ryke e Daisy. Eu raramente tento mudar as percepções das pessoas sobre mim, bajular as pessoas. Receio que, no minuto em que eu passar pelas portas duplas de vidro da Hale Co., eles vão dizer: *o que essa maldita criança está fazendo aqui?*

Ele é alcoólatra; Ele foi expulso da faculdade.

Ele é um perdedor.

Eu sou um fracasso natural.

Mas eu não quero que meu filho cresça e tenha essas mesmas impressões de mim. Eu quero ser conhecido por mais do que tudo isso. Eu não sei como.

Parte de mim acredita que é impossível. Eu não posso mover montanhas, não importa o quanto eu empurre.

Pare de pensar, digo a mim mesmo. Minha mente não vai desligar. Na cabine do iate, estou deitado na cama ao lado de Lily, que está em um sono profundo. Eu verifico o relógio: 4 da manhã.

Quatro anos atrás, eu pegaria uma garrafa de Jameson. Tomaria mais do que alguns goles. E iria dormir depois de uma hora.

Eu solto um suspiro pesado e silenciosamente saio da cama.

A lua banha o quarto de azul e vejo um caminho direto para a porta. Eu saio, gentilmente a fechando atrás de mim. E então eu sigo pelo corredor, conhecendo meu curso e destino.

Paro na frente de outra cabine, a luz da lâmpada acesa por debaixo da porta. Sem hesitação, eu apenas a abro.

Ryke está inclinado contra a cabeceira da cama em apenas calças de moletom, um livro na mão. Seus olhos encontram os meus com questionamento e preocupação. Ele está sozinho, então fecho a porta e caminho mais para dentro.

— Ei, — diz ele enquanto eu me sento em uma cadeira de madeira que

está de frente a sua cama.

Não estou surpreso que ele esteja acordado. Se alguém tem um relógio interno fodido, é meu irmão mais velho. Ele alterna entre as 5h da manhã e as 5h da noite, dependendo de quem precisa de sua ajuda ou se vai escalar.

Descanso meus antebraços nas minhas coxas, ligeiramente curvado. Meus dedos vibram e minha perna balança mais do que eu gosto. Eu esfrego meus lábios, mas está claro que ele vê minha ansiedade.

Eu solto outro suspiro e olho para ele. Ele está com os braços nos joelhos dobrados e meus olhos caem para o livro, pendurado frouxamente pelos dedos, uma imagem de um touro na capa. — O que você está lendo?

Seus olhos voam para o livro. — *O Sol Também se Levanta*.

Eu franzo a testa, percebendo o título daqui. — Isso não é o que diz.

Ele coloca o romance de lado, debaixo do travesseiro. — Está em espanhol.

Certo. Eu tento dá um sorriso, mas é amargo. Ele é fluente em mais idiomas do que eu posso aprender. — É bom? — Eu pergunto.

Ele encolhe os ombros. — É ok. — Ele estuda minha expressão por muito tempo, e meu olhar cai para minhas mãos trêmulas.

Eu exalo, a tensão explodindo meus pulmões. Eu imagino meu irmão não-conformista de terno e gravata, fingindo ser algo que ele não é. Entrando nesse mundo de merda que ele escapou propositalmente. Está errado. E de repente eu digo: — Eu não quero que você mude. — Não é altruísmo. Eu preciso dele do jeito que ele é.

— Você me conhece, — ele diz - três palavras que não eram verdadeiras por décadas. — Você realmente acha que eu posso mudar, porra?

Eu nunca pensei que ele pudesse. — A diretoria nunca vai escolher você, você sabe disso né? — Eu estalo, minha voz mais afiada. O remorso torce meu rosto. — Não como você é, eu quero dizer. — Ele xinga muito. Ele está sempre atrasado para tudo, até mesmo para seu próprio aniversário. Ele esconde sua inteligência de todas as pessoas - então eles só vêem esse cara agressivo e sem filtros. Mas tudo isso é por que ele é Ryke Meadows e não eu, não o Connor.

É parte do porque eu o amo.

— Foda-se eles, então, — diz ele. — Mas ainda vou tentar.

Ele também nunca desiste.

Estou com medo porque sempre faço isso, no final. Entre nós dois - eu perco. Toda vez. Eu coloco meus dedos em meus lábios, minhas palmas

pressionadas juntas. Meu pé ainda bate no chão. E eu digo: — Apenas dê isso para mim.

Suas feições se escurecem, e ele desliza para a beira da cama, se sentando mais perto de mim enquanto seus pés descalços atingem o chão. — Não, —

diz ele, uma palavra que rasga a porra de um buraco dentro de mim.

— Não? — Eu estreito os olhos para ele, rangendo os dentes. — Você nem *quer* isso.

— Nem você, — ele refuta. — Quantas vezes eu tenho que te dizer essa merda, Lo, que você não deve porra nenhuma a *ele*? — Ele aponta para a porta.

Eu engulo em seco. — Eu estou vivo porque...

— Porque o nosso pai disse *sim* quando perguntaram se ele queria você?

Pessoas decentes não usam isso para chantagear seus filhos. Você *não escolheu* entrar nessa merda de mundo. Você deve ter uma escolha sobre o que você quer fazer com sua vida depois. E ele está tirando isso de você.

Eu balanço minha cabeça por impulso, mas eu me contenho e paro. Eu esfrego meus olhos com as palmas das minhas mãos. Ele está tirando essa escolha do Ryke também.

Meu irmão se inclina para frente. — Lo, *por favor* desista disso. Isso vai deixar você doente.

Eu puxo a gola da minha blusa. Pela primeira vez, quero ser o forte. Eu quero salvar meu irmão desse inferno. E ele está dizendo que eu sou muito fraco para isso. Que eu vou me destruir antes que eu tenha a chance.

Eu gostaria de acreditar que estou melhor agora. Mas é fácil dizer que estou. O mais difícil é provar isso. *Mas eu quero.* Deus, eu quero. — Eu acho que... nós dois estamos de acordo que nenhuma das meninas deve assumir a Hale Co., — eu digo.

Ryke acena com firmeza.

Lily está prestes a ter um bebê. Daisy deve ficar do lado de fora ou fazendo o que ela gosta de fazer. Elas estão apenas tentando ganhar isso porque sabem que nem Ryke nem eu queremos viver esta vida.

E elas estão tentando nos proteger tanto quanto estamos tentando protegê-

las.

Pergunto: — Então, por que não trabalhamos juntos no começo? — Se ajudarmos uns aos outros, talvez as garotas nem tenham uma chance. É um compromisso, mas na minha cabeça, me vejo absorvendo mais o fardo dele.

Eu vou, no final. Vou carregar seu peso pela primeira vez. — Nós contra as

meninas.

Ryke considera isso por um segundo, seus dedos passam pelo seu cabelo

despenteado. E então seus olhos castanhos voam até os meus. — Eu pensei que você tivesse dito que a diretoria nunca vai me escolher como eu sou. —

Vai ser difícil. Mas ainda temos uma chance. Nós somos os filhos do Jonathan. — Por que você quer trabalhar comigo?

— Porque você é meu irmão, — digo sem pausa, — e preferia estar com você do que contra você.

Eu não posso lutar contra o Ryke. Eu preciso dele do meu lado até o fim, até que um de nós seja escolhido. Talvez um dia Connor e Ryke se afastem de mim, e eu não vou mais me apoiar neles.

Mas faz apenas quatro meses desde a última vez que bebi álcool e os medos deles se tornaram os meus. Da recair. Eu preciso dele.

Eu preciso do meu irmão.

Eu me sento e puxo meu ombro para trás. — Então, que tal isso, Ryke Meadows, você quer ser infeliz comigo?

Isso é difícil para ele aceitar.

Eu vejo isso em seus olhos. Ao concordar, ele vai me submeter a um certa tortura. Ele preferiria me vencer. Eu prefiro vencê-lo, mas não tenho certeza se posso no começo: quando eu andar pela porta dupla de vidro, quando eu encontrar o julgamento da diretoria.

Antes de correr sozinho, preciso de uma muleta. É Ryke Meadows ou uma garrafa de bebida. E eu não posso deixar ser o último.

Então é isso que tenho que fazer. *Por favor. Diga sim.*

Ele se levanta e eu faço o mesmo, meu coração batendo no meu peito. E

então ele pega minha mão e me abraça, colocando uma palma nas minhas costas. — Tudo bem, — diz ele. — Vamos fazer isso juntos, irmãozinho.

Meus músculos finalmente se soltam. Pela primeira vez nessa noite.

Quando nos separamos, algo bate na porta. Nós dois estremecemos, e o som acontece de novo, um *baque* mais suave dessa vez.

Eu dou um passo à frente, mas Ryke estende a mão e diz: — Deixa comigo. — Ele cautelosamente se dirige para a porta e a abre um pouco.

Então ele rapidamente a abre completamente.

Daisy está do outro lado, com os olhos atordoados e distantes.

— Daisy? — Ryke diz, preocupação em todas as suas características. Ele acena com a mão no rosto dela. Ela nem pisca. — Porra, — ele xinga.

— Ela é sonâmbula, — eu acho.

— Sim. — Ele sai do caminho quando ela se arrasta para frente. — Ela fez isso algumas vezes desde que começou a tomar seus novos remédios. — Ele gentilmente coloca uma mão em seus ombros e meio que a orienta para a cama sem ser forte sobre isso.

Eu espero. — Precisa de ajuda?

— Não, eu estou bem, — diz ele enquanto Daisy se senta no edredom azul marinho. Ele é capaz de levantar as pernas dela no colchão. E então ele a coloca debaixo dos cobertores enquanto ela fecha os olhos. — Fodidamente fantástico, — ele murmura e olha para mim. — Aposto que Greg vai perceber que ela não está no quarto dela pela manhã.

— Eu vou dizer a ele que ela passou a noite com a Lily.

Ryke vai para trás em surpresa.

Eu vou para a porta. — Você não precisa fazer tudo sozinho, — lembro a ele. — Eu posso ajudar você também, você sabe. — Eu ouço meu tom cortante novamente. Eu queria poder tirar isso. Mas talvez isso seja impossível.

Ele acena algumas vezes para si mesmo. — Eu agradeço.

— Só não me peça conselhos sexuais. Eu dei a você uma fodida vez, e você

me rejeitou. Um cara só pode aguentar muito.

Ryke me mostra o dedo com um sorriso fraco, e então sua atenção volta para a garota loira em sua cama. Amanhã vamos a terra firme para Puerto Vallarta - Daisy não sabe o que Ryke planejou. Nem as meninas.

Será uma surpresa para o aniversário dela.

Espero que seja uma boa.

{ 17 }

LILY CALLOWAY

— Margarita *Virgem*, — enfatizo pela décima vez. A tradução em espanhol não pode estar tão longe do meu inglês. Tenho a sensação de que o garçom de trinta e poucos anos entende essa frase. Especialmente quando ele ri como se fosse para eu estar "vivendo" e bebendo tequila direto da garrafa. Meu estômago está bloqueado pelo bar, então não é como se ele pudesse ver fisicamente minha razão.

Ele fala em espanhol um pouco e depois começa a servir doses.

Meus olhos se arregalam. — Nãonãonão. — Eu aceno minha mão como se eu tivesse um superpoder de voltar no tempo. Se fosse esse o caso - mas eu acharia uma situação melhor para usá-lo. Quando eu adquirir meus poderes, não vou desperdiçá-los em coisas como essa.

A boate lentamente se enche, luzes estroboscópicas multicoloridas, música agitada e latina crescendo nos alto-falantes. Mesmo que não seja eletrônica, é extremamente dançante. Nota 10.

— Grávida, — digo a ele, apontando para a minha barriga que está escondida atrás do bar.

Ele empurra as doses para mim e, em seguida, seu olhar se levanta para atrás do meu ombro. — Esse é o seu namorado? — Ele fala inglês?!

Internamente, eu me irrito. Mas externamente eu provavelmente pareço com uma água-viva lavada na praia. Eu olho por cima do meu ombro, e Garth, meu guarda-costas de cento e vinte quilos, está atrás de mim com as mãos em concha. Ele é mais gordo do que musculoso, sua cabeça careca brilhando na luz. Mas ele parece intimidante para mim.

E velho o suficiente para ser meu *pai*.

É por isso que eu me viro e tento colocar um olhar fulminante de Rose Calloway no barman. — Não, ele *não* é meu namorado.

— E aquele? — Ele aponta por cima do meu ombro com um sorriso divertido. Ele está brincando comigo. Eu olho de qualquer maneira e vejo Mikey - um guarda-costas loiro mais baixo com uma camisa havaiana - e Dave, que usa óculos escuros do lado de dentro. Dave é o guarda-costas de

meia-idade de Poppy. Mikey é o da Daisy. E suponho que, na verdade, a garrafa de spray de pimenta de Rose é o dela.

Bem na hora, minhas três irmãs aparecem do nada no bar ao meu redor e eu exalo de alívio.

— Você está seriamente tentando servir doses a uma mulher grávida? —

Rose diz friamente.

O barman não tão sutilmente olha para os seus seios.

— Grávida também, — Rose diz, — e mesmo se eu *não* estivesse, eu jogaria sal em seus olhos. — Ela realmente pega o saleiro, e Daisy pega sua mão.

— Sem brigas no meu aniversário, lembra? — Daisy diz, se mexendo na ponta dos pés com a música.

— É o dia *depois* do seu aniversário, — Rose lembra. — Aquela janela se fechou. — Ela ainda está com raiva porque Ryke empurrou todos os planos para o aniversário de Daisy para o dia 21 sem mencionar isso a ela. Ela está fora do circuito mais uma vez.

Eu também não sabia disso. É outra indicação de que os caras estão se unindo. Ou talvez eles achassem que não poderíamos manter um segredo da nossa irmãzinha.

Independentemente disso, foi uma coisa boa que Ryke escolheu hoje para realmente comemorar que Daisy está fazendo dezenove anos. Nossa mãe queria passar um tempo com Daisy, então Ryke agendou passeios de buggys e bungee jumping para essa manhã e tarde. Não que Rose ou eu pudéssemos participar - ou que ela quisesse.

Agora estamos completando isso com algumas bebidas e dançando. Sem o

álcool para mim.

Rose está olhando fixamente para o barman que não está necessariamente desejando ela mais. Ele está apenas tentando enfurecê-la - algo que Connor faz melhor que qualquer outra pessoa. *Onde está ele?*

Minha cabeça gira, e eu encontro o olhar quente de Poppy. — Os caras ainda não voltaram, — ela me diz.

Meu estômago se dobra, preocupada que eles se perderam ou algo pior aconteceu. Eu verifico minhas mensagens, sem novas mensagens do Lo. Os caras se separaram de nós depois do jantar. Eles disseram que queriam ir a uma loja de charutos, mas eu nunca vi Ryke ou Lo voluntariamente fumarem antes.

— Quem *não* está grávida? — O garçom nos pergunta com um olhar sexy.

Eu não estou olhando para ele com muita força, mantendo meus hormônios à distância. Minhas irmãs e eu estamos de fato em fila, das mais velhas às mais novas.

— Não estamos, — Poppy anuncia, apontando para si mesma e para Daisy na outra ponta.

— Esfrega isso mesmo, — Rose estala.

Poppy sorri, acostumada com Rose - como todas nós estamos.

Daisy envolve o braço em volta dos meus ombros e eu digo ao barman: —

É o aniversário dela. — Eu faço um gesto para a minha irmã de um metro e oitenta.

O barman olha para ela como se eu tivesse dito *é ela quem você deve foder*. Não é minha intenção, de jeito nenhum. Eu abro minha boca para responder, mas ao invés de um olhar ansioso, ele se encolhe, incapaz de esconder sua reação à cicatriz de Daisy que corre ao longo de sua bochecha.

Daisy apenas sorri educadamente, mas para de dançar. Eu bato meu quadril

no dela levemente, mas ela me dá um sorriso fraco também, do tipo *está tudo bem.*

Não parece.

Ele já está dividindo as doses entre Poppy e Daisy.

— Gostaríamos de duas margaritas virgens, — Rose diz a ele, e ela toca o topo da minha cabeça para demonstrar que uma é para mim. — E se você envenenar meu bebê com álcool, eu vou machucá-lo severamente.

O cara ri.

— Eu não estava brincando, — diz Rose.

— Quem é o pai? O careca? — Ele acena para os guarda-costas novamente. Por que ele continua dizendo que Garth é o pai dos nossos filhos?

É perturbador.

— Isso é rude, — Poppy diz antes que Rose possa aniquilá-lo com seu olhar e unhas bem cuidadas.

— Eles têm seguido vocês por todo o clube, — explica ele.

— Eles são nossos guarda-costas, — Daisy esclarece, ajeitando o cabelo embaixo do boné de beisebol antes de colocá-lo de novo. Seus cabelos loiros agora cobrem sua cicatriz.

— Ele sabe disso, — diz Rose, seus olhos verde-amarelados nunca deixando os dele.

Tenho a sensação de que ele vai cuspir nas nossas margaritas. Não que eu queira mais alguma coisa dele.

Mas Rose está certa de uma coisa. Ele deve saber que eles são nossos guarda-costas, mesmo que ele não tenha certeza de *quem* somos. Trouxemos mais atenção para nós mesmos no clube, especialmente por estarmos juntas.

Eu já vejo algumas pessoas tirando fotos de nós com seus celulares e sussurrando para seus amigos. Fui abordada três ou quatro vezes por fãs, pedindo autógrafos e selfie.

Sempre me surpreende que pessoas fora dos Estados Unidos fiquem interessadas em nós. *Princesas da Filadélfia* tornou minha família mais famosa do que eu mesmo posso processar às vezes, agora reconhecida internacionalmente. É mais fácil viver em nossa própria bolha da normalidade. Quando saímos, é quando fica louco.

Poppy e Daisy tilintam os copos e, em seguida, descem suas doses de tequila enquanto o barman começa a fazer nossas bebidas. — Os caras mandaram uma mensagem para vocês? — Pergunto a minhas irmãs.

Todos eles checam seus telefones — Não, — diz Daisy, deslizando o celular no bolso do short. Ela subconscientemente toca sua pulseira verde e amarela que Ryke fez para seu aniversário. Um presente simples que tem mais amor do que qualquer coisa comprada em loja.

Ele fez bem.

— Nenhuma de Sam, — diz Poppy.

Rose balança a cabeça, embora seja a única que envia uma mensagem de volta.

O barman derrama tequila em mais copos de shot. Ele desliza outro para Daisy. — Para a aniversariante. — Ele é doce com ela agora, mas eu me pergunto se é porque ela escondeu sua cicatriz ou porque ele tem pena dela.

De qualquer forma, dói pensar sobre isso.

— Deixe-me adivinhar sua idade, — diz ele com um sorriso.

Eu verifico meu telefone novamente. Sem mensagens. Eu mordo minhas unhas e depois solto minha mão rapidamente. Rose me pegou, porém, um olhar ardente me queimando.

— Só se você me deixar adivinhar a sua, — Daisy responde, mexendo em um

guardanapo de bebida no bar.

Seu rosto se ilumina e ele descansa seus antebraços no balcão, olhando por cima dele. Ele examina seu corpo inteiro, se demorando em suas longas pernas. — Só para ter certeza de que você não está grávida.

Rose murmura um xingamento violento em voz baixa. Eu só ouvi *pau*.

Poppy está segurando o pulso de Rose em um aperto materno, que também

diz *acalme seus nervos.*

Meus nervos estão muito calmos. Eles estão congelados em uma postura de estátua. Nossa viagem foi tranquila até agora. Sem muito drama além do meu pai. Está fadada a dar errado em algum lugar. E eu acho que essa noite é a noite. Estou apenas esperando por isso, observando as nuvens de tempestade se aproximando.

— Sem bebê no forno, — Daisy diz facilmente, embora ela se concentre mais no guardanapo do que no cara.

— Você tem vinte e cinco anos, — ele adivinha.

Daisy zomba ofegante. — Como você sabe?

— Eu sou bom com rostos. — Ele sorri.

Rose bufa.

Eu rio uma vez, mas desaparece quando ele absorve a estrutura esbelta e atlética de Daisy.

— Sua vez, — ele diz a ela.

Daisy toma a dose, lambe os lábios molhados de tequila e diz: — Você tem oitenta e nove, ou talvez setenta e quatro.

— Boa tentativa, — diz ele, lhe servindo outra dose. — Eu tenho trinta e dois.

Ela ofega novamente. — Eu não estava certa? Eu pensei com certeza que você estava um pouco cego do seu olho direito.

Seus lábios se abaixam.

— Eu tenho *dezenove* anos, — responde Daisy. — Boa tentativa.

Meu sorriso alcança meu rosto. Isso foi incrível. Eu levanto minha mão para a Daisy e ela bate na minha mão.

O choque sai das suas feições rapidamente. — Isso não significa muito para mim, — diz ele, — só que sua buceta é mais apertada do que as das suas irmãs.

Todas as nossas bocas caem ao mesmo tempo, exceto a de Rose, que está prestes a socá-lo. Mas ela não pode. Mãos correm pela cintura dela por trás.

Connor.

E Ryke de repente aparece ao lado de Daisy com um olhar assassino, dirigido ao barman. Ah Merda. — Lily, — Lo diz meu nome no meu ouvido.

Meu peito sobe. Eles estão de volta. Ilesos, parece. Até mesmo Sam, o marido de Poppy, sua mandíbula não barbeada como a de Ryke, e suas feições tão masculinas quanto o resto deles.

Ryke tem um saco de papel no punho cerrado. *Charutos*, eu penso. Para o

barman, ele rosna: — Eu nem sei que porra dizer pra você.

— Eu sei, — zomba Lo; então ele faz movimentos entre Ryke e Daisy. —

Eles estão juntos, seu fodido idiota. Então engula sua língua. E se considere sortudo porque apenas três de oito pessoas estão rezando para que você engasgue com ela. — Estou supondo que seja Ryke, Lo e Rose. O trio do temperamento quente.

Eu sorrio de novo, mesmo que essa não seja a hora de estar sorrindo como uma tola idiota. Eu realmente nunca vi os três como um time assim até agora.

— Eu digo que devemos cortá-la, — Rose ameaça.

Connor, de pé atrás de Rose, coloca a mão na testa dela como se estivesse verificando a temperatura dela. Ela afasta o braço dele. Ele diz: — Estou vendo se raiva pode ferver um cérebro.

— Meu cérebro está funcionando perfeitamente, — diz ela. — Eu vejo um ser humano repugnante e meu cérebro diz *morra.*

Connor está sorrindo de orelha a orelha. — Seu cérebro não tem piedade, querida.

Ela não pode responder porque o barman intercepta e aponta para Daisy acusadoramente. — Ela estava flertando comigo. Eu não tinha ideia de que ela tinha um namorado. — Oh meu Deus.

Daisy empalidece. — Eu não estava...

— *Só se você me deixar adivinhar a sua*, — diz ele em um tom estridente que não soa *nada* como Daisy.

— Vai se foder, — Ryke corta, sua mão no ombro de Daisy. — Vamos, Dais.

O barman não pode deixar passar. — Estou apenas dizendo a verdade.

Ryke rosna, — E eu estou dizendo para você *se foder*.

Eu interrompo (sim, eu, de todas as pessoas) e digo: — Você pode ficar com a margarita. — Por princípio, não vou beber nada que tenha sido tocado pelas mãos dele. Ele jogou minha irmã debaixo do ônibus, o que eu não aprecio.

Eu me viro e fico chocada ao ver não só Rose seguiu o exemplo, mas também Poppy e Daisy. Eu fui a líder desse movimento, indo em direção a um sofá de couro perto da parede. A caminhada envolve ser o centro das atenções, com os telefones com câmera apontadas para nós. Mas todos nós chegamos em segurança e nos estabelecemos lá.

Me sento entre as pernas de Lo, me encostando no peito dele para que todos nós tenhamos espaço. Eu gosto mais daqui.

Eu olho para cima e sussurro para ele: — Você ficou fora por um tempo.

Seus olhos estão afiados e algo me diz que não é por causa do barman. —

Havia muitos turistas do lado de fora.

Eu não acredito nisso. É fevereiro e, na maior parte, a boate é escassa principalmente com os moradores locais. — Você está mentindo para mim?

— Eu respiro, meu rosto despencando. É realmente caras contra meninas até este ponto?

Ele estremece e mergulha a cabeça mais perto da minha, seus lábios ao lado da minha orelha. — O dia todo, fomos seguidos por três caras e estávamos tentando despistá—los.

Eu franzo a testa. — Que tipo de caras?

Ele explica rapidamente: — Eles não são paparazzi. Eles estão de férias ou moram aqui, mas não deixaram Ryke e eu em paz no parque dos Buggys.

Eles estavam apenas tentando tirar uma reação de nós. — Sua mandíbula está puro gelo afiado essa noite.

O frio corre pelos meus braços. — Eles disseram alguma coisa em particular? — Eu me lembro mentalmente de todos os rumores que envolviam eu, Lo e Ryke.

— Eu não sei, — diz ele em frustração.

— Mas… você ouviu, certo? Eles estavam perto? Ou estavam fora do alcance da voz?

Lo cerra os dentes. — Eles só falaram em espanhol.

Ah.

Ah. Isso significa que Ryke não traduziu tudo para Lo. E nem Connor, que também é fluente.

— É agravante, — diz Lo em voz baixa. Eles estão censurando Lo, com medo de que ele seja ferido e reaja mal, como bebendo.

Eu passo meus braços magros ao redor de seu peito. — Eu acredito em você.

Eu sinto ele inalar fortemente, e então ele beija minha têmpora. — Eu te amo, Lil. — Seus braços se apertam em volta de mim.

Eu também te amo, Loren Hale. Ele de repente me beija novamente, dessa vez nos lábios. Desde que ele não tem telepatia (ainda), eu tenho que assumir que meus olhos fizeram toda a conversa.

— O que há no saco de papel? — Daisy pergunta a Ryke. Meus pensamentos se redirecionam. Ryke age como se fosse nada, apenas segurando o saco de papel pardo. Ele examina o cabelo dela que está sobre a

cicatriz, e ele acaba roubando o boné de beisebol dela (na verdade, é dele). E

ele usa virado para trás. Eles estão juntos perto de nós, e os outros dois casais estão espremidos no sofá oposto.

Sam está sussurrando no ouvido de Poppy com um sorriso enorme, e ela está rindo como se ele estivesse contando a história mais engraçada de todas.

É o que Rose chamaria de "nauseante" e o olhar dela agora expressa isso.

— Você pode diminuir a sua *felicidade*? — Rose estala.

Lo coloca seus braços sobre meus ombros e me segura perto. — Rose é alérgica a felicidade e crianças. É o que dá a ela chifres.

— Então você deve estar sofrendo da mesma aflição, — ela retruca. —

Olhe no espelho.

Eu seguro minha respiração, esperando que isso acabe agora desse jeito.

— Meus chifres não estão incrustados com diamantes, — diz Lo. — Então, nós não somos os mesmos.

Os lábios de Rose se levantam lentamente. Loren Hale fez Rose Calloway *sorrir*.

Essa é a primeira vez se alguma vez houve outra.

Connor está sutilmente massageando o ombro de sua esposa, e se ela pudesse ver o sorriso esmagador dele agora, provavelmente o combateria com ainda mais paixão ardente. Estrelas nerds em combustão - mas não de uma forma ruim ou permanentemente. Isso *nunca* vai acontecer. Eu aceno para mim mesma.

— Pessoal, — diz Connor, reunindo nossa atenção com uma palavra. Eu sigo seu olhar que mudou para Ryke, que já removeu o conteúdo da sacola de papel, em seu próprio mundo com Daisy.

É uma caixa de plástico. Ele tira a tampa, coloca a caixa no colo dela e, em seguida, coloca a mão no bolso, pegando um isqueiro.

Meu coração incha com a realização, e eu espio dentro da caixa para confirmar.

Dentro há uma fatia de bolo de chocolate.

O sorriso de Connor não é nada em comparação ao sorriso brilhante de Daisy, um contagiante que faz com que os nossos lábios se ergam tão alto.

Até Rose está exibindo seus dentes brancos.

Bolo de chocolate.

Isso é o que todos os quatro caras estavam procurando. Não charutos.

É, possivelmente, um dos gestos mais doces e gentis que eu já vi. Porque é algo que Daisy ama.

Ryke acende a vela, e então ele mexe no cabelo dela com uma mão áspera e carinhosa. E todos nós começamos a cantar feliz aniversário.

Daisy olha para nós e seus olhos começam a lacrimejar. Celebramos o

aniversário dela antes, mas dessa vez é diferente. Estamos todos mais próximos. Ela finalmente está com Ryke. É como se as peças do quebra-cabeça de nossas vidas tivessem começado a se encaixar perfeitamente.

Quando terminamos a música, tenho que limpar meus olhos rapidamente.

Eu pego Rose limpando os dela também, e eu aponto um dedo para ela e fico boquiaberta. Ela me disse para *engolir* na semana passada quando estávamos assistindo a um filme e eu chorei no final.

Ela sussurra, *cala a boca.* E então ela acrescenta, *hormônios*. Tudo bem.

Eu vou deixar ela jogar o cartão de hormônios, especialmente porque eu uso ele o tempo todo.

Daisy apaga a vela. Não muito tempo depois, ela mergulha o dedo no chocolate e em vez de chupar - *não no sentido sujo assim* - ela desenha uma linha de chocolate pelos lábios de Ryke.

— Lil, — Lo respira em aviso. Eu me empurrei para a sua virilha. Não é minha culpa. A maneira como eles estão olhando um para o outro - isso é *foder com os olhos* se eu já vi um desses.

Um segundo depois, eles atacam um ao outro com desejo carnal, o tipo que você procura em uma boa pornografia. Eu fecho meus olhos com o meu pensamento pervertido. Isso é ruim.

Quando os abro, o beijo deles é frontal e central, em destaque, mas ninguém mais parece estar olhando. Há bastante *língua.* A mão dele envolve o rosto dela enquanto ele aprofunda o beijo, e ela se separa dele, apenas para soltar um choramingo de prazer.

Puta merda.

Isso é tão físico e explosivo que realmente merece um show de fogos de artifício.

Os outros casais estão conversando e flertando, e Lo de repente se levanta.

— Vem comigo, — ele sussurra no meu ouvido.

— Estou bem, — lhe digo rapidamente, *afastando* o olhar da demonstração de amor. *Não olhe, Lily.* Eu tento enterrar quaisquer sentimentos vergonhosos e culposos. *Eles não existem,* eu canto de novo e de novo.

As sobrancelhas de Lo se erguem e ele diz: — Eu sei. — Ele sorri para me mostrar que está sendo honesto.

Eu acredito nele.

— Vem comigo, amor, — ele repete.

Eu latejo em lugares bem ruins. *Sim.* Eu me levanto como um sonho. Ele tem uma vantagem inicial, saindo da pequena área do sofá e indo para a pista de dança. Ele anda para trás, mexendo a cabeça para a música com um ritmo muito bom. É uma música que você usa para dançar salsa, uma que é cheia de fogo, vocais suaves e uma batida melódica.

A blusa de manga longa cinza escura de Lo se encaixa nele confortavelmente, um colar de pontas de flechas contra o peito: um presente que dei a ele para seu vigésimo primeiro aniversário há algum tempo. Eu posso ver as linhas de seu abdômen sob sua camisa, especialmente quando ele começa a mover seu corpo com a música. Garotas o gravam com risinhos de fãs, seus celulares dirigidos ao meu melhor amigo. Mas o olhar dele é apenas para mim.

Quando éramos mais jovens, Lo foi quem me ensinou a dançar.

Ele sempre foi capaz de se mover como se ninguém estivesse assistindo, como se ninguém pudesse prejudicá-lo nessa breve extensão de tempo.

Em seu último ano da faculdade, antes de ser expulso, ele se recusou a dançar comigo. Toda vez. Ele se sentava no bar e dizia *dance sozinha* sempre que eu o chamava.

Nem sempre costumava ser assim.

Então, vê-lo assim, agora mesmo, dançando no meio da pista de dança, sem álcool em sua mente - ele me possui de maneiras que eu não posso expressar.

É como se minha alma estivesse viva. Como se eu tivesse acordado de um longo sono.

Eu lentamente ando em direção a ele, e ele estende a mão, esperando que eu me aproxime e pegue.

Eu faço isso.

E ele me puxa rapidamente para o seu peito, minha respiração escapando.

Seus quadris começam a se mover com os meus, tão sensualmente que um calor se forma em minha pele.

Eu

floresço

embaixo

de

seus

olhos

intoxicantes,

bebendo-o

completamente.

Ele me gira, e eu bato em seu peito novamente, meus pés seguindo os seus em um ritmo constante. São nossos corpos, mesclados, que agitam cada parte de mim.

Eu não vou soltar ele.

Depois de alguns minutos, a música desaparece e diminuímos para um

ritmo mais lento. Eu quero ouvir sua resposta, mesmo que não faça muito sentido agora que estamos nos movendo com a música. Eu cresci a coragem de perguntar de qualquer maneira: — Dança comigo? — Por alguma razão, eu ainda temo essa rejeição, a resposta familiar que sempre vem.

Ele cobre meu rosto redondo, seus dedos perdidos no meu cabelo e seus lábios se curvam. Muito suavemente, ele diz: — Sim, amor. Eu danço com você.

{ 18 }

LOREN HALE

— Maridos não podem escolher esposas, namorados não podem escolher namoradas e vice-versa. — Poppy define os parâmetros do jogo enquanto bebe um rum e Fizz. Depois de reivindicar os sofás de couro pela parede, decidimos pagar pelo serviço de garrafa VIP para Poppy, Daisy, Connor e Sam. Qualquer coisa é melhor do que lidar com o barman de merda. Até mesmo jogar verdade ou desafio, que geralmente termina com alguém com raiva.

Lily está sentada no meu colo, sua pele coberta com um brilho de suor de dançar mais cedo. Foi muito bom. Eu senti falta disso mais do que percebi.

Eu a seguro próxima ao meu peito, satisfeito com o fato de que não podemos desaparecer e abandonar nossos amigos e familiares. Isso, aqui mesmo, parece quase perfeito.

Sam olha cautelosamente para todos os moradores que tiram fotos de nós, alguns até nos filmam de seus bancos no bar. — Podemos jogar esse jogo outra hora? — Ele nos pergunta. — Eu não quero ter que ligar para os publicistas da Fizzle de manhã para limpar o que quer que aconteça hoje à noite.

Ele é o cara que cuida do marketing ou o que quer que seja na Fizzle. —

Sammy, — eu digo com a inclinação da minha cabeça, — eu entendo que ser um chato está tão profundo dentro de seus poros que nenhuma tira facial pode removê-lo, mas nós não temos *dez anos*.

Connor reformula: — Estamos todos acostumados a ser filmados. Alguns mais intimamente que os outros. — Sua voz é conversacional, não amarga.

Eu estaria causando o *inferno* se fitas de sexo de Lily e eu estivessem circulando por sites pornográficos. Eu entendo que Connor levou a publicidade a seu favor, mas esse tipo de invasão de privacidade tem que estar comendo a Rose por dentro. Já faz mais de um ano desde que a primeira fita foi lançada e, pela última vez que ouvi, haviam *cinco* online.

Com seu comentário, Rose tenciona e cruza os braços. — Ninguém tem permissão para mencionar os vídeos de sexo até que eu possa tomar um copo

de vinho. — Sua cabeça se vira para o marido. — Isso inclui *você*.

— Eu estava argumentando, — diz Connor casualmente.

— Faça isso quando eu não estiver na sala, — ela retruca.

Eles começam a brigar em francês e eu os ignoro. No outro extremo do meu sofá, Ryke coloca o braço em volta da cintura de Daisy e ela descansa a bochecha no ombro dele. Quando Lily e eu terminamos de dançar, Daisy e Ryke estavam desaparecidos. Poppy explicou que eles saíram para ir ao banheiro. Para foder.

Claramente.

Não é tão desconfortável quando eles voltam como eu pensei que seria.

Talvez porque eles não estejam um em cima um do outro - como Lily está comigo. Nós vamos sempre levar o título de campeões de demonstração de afeto, eu percebo. O que é assustador é que quando éramos apenas amigos, sempre estávamos nos tocando também.

Está conectado a nós. Eu a puxo mais contra o meu peito e a respiração dela fica fraca. Eu a vejo tomar uma inspiração treinada e exalar para controlar seus impulsos. Eu esfrego o braço dela para a confortar. Ela está bem.

Sam agarra um copo de soda com vodka. — Vamos apenas tentar manter a classe.

Connor diz: — Verdade ou desafio é juvenil por natureza. Se você está procurando um jogo elegante, devemos jogar xadrez ou palavras cruzadas.

No entanto, você não vai ganhar da minha mulher e certamente não vai ganhar de mim. Então o nível de diversão, para você, não é tão alto. Porém, eu iria amar. — Ele sorri.

Eu assobio com sua afirmação presunçosa, mas estou sorrindo.

— Verdade ou desafio é bom, desde que ninguém leve muito a sério, —

diz Sam, seu olhar pousando em mim.

Eu dou a ele um olhar invasivo. Sério, ele não precisa me tratar como se eu tivesse doze anos de idade. Eu engulo uma resposta cruel que é tão desagradável quanto a que eu disse ao barman. Eu não quero colocar Sam nesse nível, mas ele está começando a me irritar.

Connor preenche o silêncio. — Algumas zebras não podem mudar suas listras.

— Cobalt, você está me chamando de uma porra de uma zebra? — Ryke interrompe.

— Não se ofenda, — diz Connor, sem negar. — Quase todos os animais

desempenham um papel no reino. Até zebras.

— É? — Ryke diz asperamente. — Se eu sou uma fodida zebra, então meu irmão é o que?

Os profundos olhos azuis de Connor se fixam em mim, cheios de clareza, algo que eu desesperadamente anseio. Seu rosto se torna uma lousa complacente em branco. — Que animal você quer ser, querido?

Minhas sobrancelhas sobem. — Eu tenho uma escolha? — Algo me diz que ele teria escolhido um animal inferior se ele fosse verdadeiro. Ele anda na ponta dos pés ao meu redor. Já é conhecimento antigo. Meus músculos se apertam, desejando que ele me chamasse de zebra como meu irmão.

Ryke geme. — Eu chamo isso de merda.

— Isso se chama *favoritismo*, — Rose se envolve, apertando firmemente a mão do marido.

— Favoritismo *é* uma merda, — diz Ryke.

— Eu concordo, — Rose anuncia. Apesar de infrequente, eu odeio quando

ela se junta a Ryke. É como se dois tratores estivessem indo na sua direção.

Tê-los em lados opostos é mais fácil.

— Deixando a merda de lado, — diz Connor, passando por essa discussão rapidamente. — Quem vai começar o jogo?

— Lily deveria, — Poppy diz, apontando para Lil, que tem estado muito quieta na maior parte do tempo. Nas discussões em grupo, ela é mais uma observadora, não tão alta ou tão ousada. Suas bochechas ficaram vermelhas com toda a atenção colocada nela.

— Hm... — A cabeça dela vira para os dois lados, tentando encontrar uma pessoa para fazer uma pergunta. Suas costas se endireitam enquanto ela cresce mais confiante com seus pensamentos.

— Rose, — diz ela.

Rose cruza os tornozelos, alerta como se estivesse prestes a responder a alguma pergunta em algum quiz na faculdade. É claro que ela está feliz por estar participando.

— Verdade ou desafio?

— Verdade, — ela diz instantaneamente.

— Não é surpreende, — acrescento, apenas para estressá-la.

Seus olhos verde-amarelados me perfuram.

— Hmm, — diz Lily, e seu rosto fica cada vez mais vermelho. Não consigo ler a mente dela, mas suspeito o que está rolando na sua cabeça.

Eu sussurro em seu ouvido: — Pode ser uma pergunta sobre sexo. — Esse

é o ponto desse jogo. Ele fica sujo.

Os olhos de Lily piscam nervosamente para Sam. Sim, ela o conhece há muito tempo. É como falar com um irmão mais velho, um pouco distante, já

que você não conhece seus gostos e desgostos ou o outro lado da família dele.

E o que torna mais estranho: ele é próximo de Greg já que eles trabalham juntos.

Sam verifica seu celular, como se esperasse que isso acabasse logo, assim nenhum de nós passe vergonha.

— Oh, nobre, Capitão América, — eu digo secamente, — cubra suas orelhas.

Sam coloca o celular no bolso. — Por quê?

— Você é como o irmão mais velho dela e trabalha com o pai dela.

Confusão cobre o rosto dele.

Jesus Cristo. — Eu preciso soletrar para você?

Ainda confuso.

— S... E... — eu começo.

— Entendi, — diz ele, evitando o olhar de Lily. — Ela deveria estar falando sobre isso?

O peito de Lily se abaixa.

— Sim, — eu estalo. — Ela é um ser humano e os seres humanos fazem perguntas sobre sexo durante verdade ou desafio.

Sam sacode a cabeça para mim. — Eu não faço.

— Então você deve ser um réptil, Sammy. Vá se arrastar para longe.

— Lo, — Poppy interrompe. — Seja legal.

— Sim, mãe, — eu digo de volta. Eu olho para Sam. — Pai. Você vai me pôr de castigo também?

Sam está tão descontente quanto eu. Eu não deixo ninguém envergonhar a Lily. Eu entendo que ele está confuso sobre o vício em sexo dela. A maioria das pessoas estão, mas a dúvidas dele plantam algo na cabeça dela. Ele pode dizer essas merdas em voz alta quando ela não estiver por perto. Tudo bem.

Mas ela não está em um bom lugar para receber comentários da fodida galeria de amendoim.

Daisy acrescenta ao grupo: — Acho que qualquer coisa deveria valer.

Geralmente vale.

— Eu apenas sou mais reservado ao redor de vocês meninas, — Sam percebe.

— É por isso que eu te disse para cobrir seus ouvidos, — eu digo menos

afiado.

Uma lâmpada se apaga em sua cabeça tipo *eu entendo agora.* A maioria de nós está bastante confortável um com o outro, e ele está começando a entender isso. Então ele acena com a cabeça, mas não cobre os ouvidos, correndo o risco.

— Ok, eu já sei, — Lily corta, com as mãos nos meus joelhos. Ela limpa a garganta. — Rose, que posição você mais gosta? — Lily sorri mais, capaz de perguntar isso sem tropeçar em palavras.

Rose aperta a mão de Connor com tanta força que sua pele começa a ficar roxa. Lily falar dos vídeos de sexo teria sido pior para Rose e muito mais estranho, então Lily pegou leve.

— Minha posição favorita é a posição menos favorita do Connor, — diz ela — Isso não é mentira ou desafio, querida. — Connor tira o cabelo dela de um ombro, deixando o seu pescoço nu a mostra.

Rose franze os lábios, as clavículas se projetam de seu vestido preto. —

Tudo bem... minha posição favorita é papai e mamãe. — Ela faz uma breve

pausa. — Com algumas alterações.

E simples assim - Connor parece pronto para transar com ela no sofá.

Eu não posso calar minha boca. Hábito. — Isso significa algemas, chicotes e *sim senhor*.

Rose avança para mim - que *diabos*.

Eu vou para trás instintivamente enquanto Connor a agarra pela cintura -

bem antes de ela ser catapultada através da porra da mesa. Ela está incrivelmente grávida e agindo como se ela fosse uma saltadora nos Jogos Olímpicos.

Eu dou a ela um olhar estranho. — Maneira de sacrificar seu bebê só por vingança. — Foi um golpe tão baixo que eu me arrependo no momento em que sai dos meus lábios. Meu coração aperta como se estivesse pulando cinco vezes mais rápido.

Connor me lança um único olhar que diz *deixa pra lá*. Ele está segurando a parte de trás da cabeça de Rose, e ela diz algo ferozmente para ele em francês.

Eu olho para o Ryke.

Meu irmão suspira, mas acaba dizendo: — Ela não chama Connor de *senhor*, nunca.

Connor deixa irritação cruzar seu rosto. Ele não é fã do Ryke compreendendo suas conversas privadas francesas. Então eu não estou

surpreso quando Connor diz algo em *Italiano* para Ryke. Quando Ryke responde na mesma língua, gesticulando como se estivesse tão chateado quanto, os olhos de Lily ficam enormes.

Ela estende os braços, quase me batendo no rosto. — Eu pensei que nós tivéssemos dito sem línguas secretas?

Eu interrompo, já sentindo muito por ter começado essa série de discussões. — Eu entendi errado, — digo a Rose. — Eu aceito isso. Pelo amor de Deus, eu não ficaria surpreso se eu tivesse acertado apenas um dos três.

Rose olha para mim com mais confiança em sua postura rígida e olhos focados. — Dois dos três estavam certos, — ela diz honestamente, admitindo suas preferências sexuais.

Eu aceno com a cabeça. — Eu não sou um perdedor tão grande então, —

eu digo secamente. — Chocante.

Ela relaxa um pouco. Olhe isso, eu acalmei a rainha do gelo. Quem teria pensado que esse dia chegaria?

Lily vira a cabeça e sussurra para mim: — Talvez você esteja herdando alguns dos poderes de pessoas inteligentes do Connor. — Ela notou a mesma coisa que eu.

Eu lhe dou um sorriso. — Sim, talvez.

— Ou você teve ele esse tempo todo e você nunca soube, — diz ela, seus olhos brilhando com essa ideia.

— O primeiro é mais provável, — digo a ela, esperando que ela franze a testa. Em vez disso, ela se agarra a mim com mais força, como se dissesse que me ama do mesmo jeito.

Eu respiro fundo, um que libera todos os tipos de tensão.

Segundos depois, um garçom aparece, distribuindo um novo rum e Fizz para Poppy, um tequila sunrise para Daisy e uma taça de vinho para Connor.

Poppy mexe o canudo em sua bebida e diz para Rose: — Sua vez.

Rose puxa a barra do vestido e depois gira para Connor. — Verdade ou desafio, Richard?

— Você não pode escolher ele, — Poppy lembra ela. — Não estamos

deixando casais escolherem seu parceiro.

Rose revira os olhos dramaticamente. — Por essa regra absurda… — Ela faz sua irmã mais velha de alvo. — Verdade ou desafio?

Os músculos de Poppy estão relaxados por causa da bebida e ela se inclina no peito do marido. Sam e Poppy se abraçam mais do que se beijam em

público, e sempre que começam a discutir, geralmente vão para outra sala.

Eles são tão normais que tê-los aqui me lembra de como o resto de nós anda nesses extremos da vida, raramente se encontrando no estado de conteúdo

"ok".

Connor é muito vaidoso.

Rose é muito nervosa.

Daisy é muito selvagem.

Ryke é muito agressivo.

Lily é muito desajeitada.

Eu sou muito odioso.

Sam e Poppy são só certos.

E eu me pergunto se eles são o ideal pelo qual todos nós devemos nos esforçar. Ou se nós devemos apenas aceitar nossa natureza e continuar como somos.

Depois de breve contemplação, Poppy diz: — Desafio.

— Eu te desafio a me dar uma massagem nos ombros. — Rose estala os dedos como se dissesse *se apresse.*

É claro que ela encontraria uma maneira de se beneficiar do desafio.

Poppy se aproxima de sua irmã no sofá e começa a massagear os ombros de Rose com os dedos. Rose parece em paz, como se tudo funcionasse a seu favor.

— Loren, — diz Poppy. — Verdade ou desafio?

Eu fico tenso. — Verdade, — eu digo, mesmo que desafio seja mais fácil para mim. Eu egoisticamente não quero mover Lily do meu colo por nenhum motivo. Eu gosto dela onde ela está.

— Quantas pessoas nessa sala você viu nu? Nomeie-os também.

Eu inclino minha cabeça. — E eu estava apenas começando a gostar de você, Poppy.

— Você sempre me diz isso, — diz ela calorosamente.

Eu digo? Eu mentalmente passo por seu comentário enquanto calculo minha resposta. *Cristo.* — Quatro pessoas. Lily, claro. Ryke.

Ryke levanta as sobrancelhas rapidamente como se dissesse *culpado.* Isso acontece quando estamos nos despindo para eventos em um quarto. Nós todos simplesmente não nos importamos.

— Connor, — acrescento.

Ele levanta seu copo de vinho para mim.

— E, infelizmente, Daisy. — Eu estreito os olhos para andar sem roupa em

nossa casa. Eu tive um pequeno vislumbre, e foi o suficiente para imprimir uma imagem que eu tentei, desesperadamente, apagar.

Ela estremece de brincadeira. — Desculpa.

Ryke se move desconfortavelmente, mas ele não diz uma palavra sobre isso. Eu altamente duvido que ele esteja chateado. Mas então eu penso sobre Ryke vendo Lily despida, e isso quase torce meu rosto, sentimentos grosseiros me invadindo.

Há muitas coisas que eu não gosto de imaginar ou falar. Começando com os rumores de *quem é o papai do bebê?* e terminando com Ryke e Lily discutindo sexo. A intermediária - Lily ficando excitada pelas sessões de pegação dele com a Daisy - é temporária e alimentada apenas pelos hormônios dela. Então eu posso viver com isso muito bem.

É as outras coisas que estão tentando me desfazer.

— E Rose? — Daisy de repente me pergunta. — Você não a viu nua com as sanguessugas...?

A boca de Rose cai. — *Loren*...

— Segure seu coldre, — eu digo a ela. — Eu nem *tentei* olhar para você.

Por um lado, *não.* — Eu me encolho. — Por outro lado, eu estava focado em Lily. — Eu me lembro da viagem onde as meninas mergulharam nuas em uma lagoa. Estávamos todos tentando remover as sanguessugas, e não dar uma olhada nas namoradas, esposas, amigas de qualquer outra pessoa.

Rose relaxa de volta no Connor.

Eu aceno para Daisy. — Verdade ou desafio? — Estou apostando que ela vai escolher desafio.

Mas ela hesita por um segundo, sua bochecha ainda em Ryke. Seus olhos estão vidrados, o que significa que ela está um pouco tonta, talvez beirando bêbada. Eu não ansiei por álcool tão severamente hoje à noite. É mais fácil quando há mais pessoas sóbrias do que eu.

Daisy levanta a cabeça e me surpreende dizendo: — Verdade.

Uma pergunta se ilumina em minha mente. Uma estúpida. Para Daisy, normalmente, eu *tentaria* suavizar minha natureza rancorosa e levemente vingativa. Mas é uma reação imediata. E eu deixo sair mais rápido do que eu posso controlar - esquecendo por um momento que ela não é a Rose.

— Quando Connor entrou, e Ryke gozou em seu rosto - quão envergonhada você ficou?

Todas as mandíbulas das irmãs de Daisy caem. Daisy se afunda no sofá, os olhos arregalados em completo horror. Eu posso ter falado um dos poucos

segredos ainda mantidos no grupo.

Eu ouço Sam murmurar para Poppy: — Onde estou? — Ele está protegendo os olhos com a mão. Ele conhece Daisy praticamente desde sempre.

Connor está sorrindo em seu copo de vinho, e Ryke parece querer arrancar minha cabeça - ou talvez a do Connor.

— Você contou essa porra pra ele? — Ryke rosna para Connor.

— Talvez a um mês atrás, — admite Connor. — Foi uma história boa. Eu me senti culpado por manter ela para mim.

— Vai se foder, — Ryke xinga.

Rose bate no peito de Connor. — Você viu eles?

— Não foi intencional, — diz Connor com facilidade. — Embora a hora tenha sido ruim - ou perfeita, dependendo da maneira como você olha para isso.

— Não há a porra de uma maneira boa de olhar para isso, — retruca Ryke.

— Se eu não tivesse entrado naquele momento, não acho que você teria gozado na cara dela.

Ryke geme. — Apenas pare de falar, porra.

— Daisy? — Lily diz, estendendo a mão para consolar sua irmãzinha, o que instantaneamente me faz sentir como um idiota. Bem merecido, eu sei.

— Está ok, — ela diz baixinho e então estremece, de verdade. — Quero dizer, o que aconteceu não foi ok. Foi… — Ela encontra meu olhar. — ...

quase tão embaraçoso quanto isso.

Ryke aperta os olhos como se quisesse voltar no tempo.

Sim, agora me sinto um merda. Meus músculos se contraem em faixas tensas. Toda vez que eu abro a minha boca, sinto essa dor. É arrependimento raso demais, sempre encontrando um caminho para a superfície. E mesmo assim, eu prefiro manter isso lá, bem à beira.

Essa culpa é o que me diferencia do meu pai. Eu sei isso.

Eu assisto Ryke levantar Daisy em seu colo para que ela não caia em humilhação. Ele envolve um braço protetoramente em torno de sua clavícula, acima do peito, e continua lançando para Connor e para mim um olhar de *eu odeio vocês pra caralho agora*. É fraco em comparação ao do nosso pai. E

Connor mal fica perturbado, apenas bebendo casualmente seu vinho.

— Verdade ou desafio? — Daisy de repente pergunta a Lily.

Lily fica rígida. — Verdade? — Ela diz em dúvida.

Eu espero por *quantos centímetros tem Loren Hale?* Essa é a pergunta

vingativa que eu teria atirado de volta no lugar dela. Rose também teria.

Qualquer coisa para *me* envergonhar. Essa pergunta não me incomoda, mas não é algo que eu gostaria de anunciar de bom grado.

Daisy é muito gentil comigo e pergunta a Lily: — Qual é a coisa que mais te irrita em Lo?

Lil inclina o queixo para mim e eu olho para ela. — Quando você não me deixa segurar a revista em quadrinhos, porque *você* acha que eu vou enrugar as páginas.

Eu quase dou risada. — Esse é o seu maior problema comigo, amor?

Ela diz: — É muito mais irritante do que você imagina. — Ela acena com firmeza sobre isso.

Sou possessivo com meus quadrinhos - isso não mudou desde sempre. —

Eu não deixo ninguém, a não ser *você* pegar emprestado setenta e cinco por cento deles.

— Eu aprecio isso, — diz ela. — Mas alguns deles são *meus*.

— Isso também é verdade. — Eu percebo que sou possessivo com *todos* os quadrinhos.

Lily tem outra chance de perguntar verdade ou desafio, e ela se concentra em Ryke dessa vez. Só que ela está evitando os olhos dele. Ótimo. Ela ainda está com medo dele depois de ficar excitada com basicamente toda a população masculina. Fictícios e reais.

— Verdade ou desafio? — Pergunta Lily, com a voz baixa.

— Desafio, — Ryke diz, ainda mais irritado com sua atitude. — Você pode olhar para mim?

— Não.

Ele geme. — Por que você continua agindo como se eu tivesse uma doença, Lily?

Eu interrompo, tentando tornar isso mais fácil para ela, especialmente quando ela fica vermelha novamente, — Não é sua vez de fazer perguntas.

Ryke olha para mim com raiva. — Eu não quero falar com você agora, porra.

Tá. Eu sou principal culpado por seu humor azedo de qualquer maneira. Eu cutuco Lil, e ela se endireita.

— Eu te desafio a plantar bananeira por trinta segundos.

Sam finalmente abaixa a mão nesse desafio ousado. Eu me pergunto se há uma possibilidade de que a paternidade o tornou mais conservador.

Minha mão cai para o abdômen de Lily. *Chute*, eu estupidamente falo para

o nosso filho.

É, ele não faz nada e eu acabo esfregando círculos com o polegar no estômago de Lil. Ela coloca a mão em cima da minha. Eu exalo a restrição nos meus pulmões.

Eu não consigo nem imaginar o quanto eu posso mudar depois de ter um filho. Eu me pergunto se vai ser para melhor ou pior.

Para seguir com o desafio, Daisy desliza do colo do meu irmão, e então Ryke se levanta. Ele coloca facilmente as palmas das mãos no chão e usa a força da parte superior do corpo para forçar as pernas a ficarem eretas.

Flashes de câmera de celulares aparecem em ondas.

Lily não está nem assistindo Ryke, mas Daisy se inclina sobre o braço do sofá e sussurra para o namorado. Ela deve ter dito algo engraçado porque sua expressão sombria se ilumina uma fração.

Quando ele termina, facilmente ficando de pé novamente, ele volta para o sofá e segura Daisy novamente.

— Eu esperei que você fosse rolar, — graceja Connor. — Eu nem esfreguei sua barriga.

Ryke não acha graça. Ele nem mesmo mostra o dedo dessa vez. Merda.

Connor age como se não estivesse intimidado, mas o olhar do meu irmão -

um que diz *ataque* - geralmente não é direcionado para nós. Eu recuo quando ele diz para Connor: — Desafio ou fodido Desafio?

Connor termina seu vinho e coloca o copo vazio na mesa de café entre os dois sofás. — Eu sei que em sua própria linguagem inventada, adicionando um xingamento muda a definição da palavra subsequente, mas para o resto de nós, é tudo a mesma coisa.

— Desafio ou fodido Desafio? — Ryke não recua.

Connor tira a mão de Rose e esfrega os lábios, como se tentasse esconder sua irritação. Mas eu não posso dizer com certeza. — Eu escolho a única escolha que você está me dando.

E então Ryke diz, sem perder o ritmo, — Beije Loren. Por trinta fodidos segundos.

Sim.

Ele se vingou de nós dois de uma só vez.

Meu estômago desaba.

E meus olhos voam para Connor, que está me estudando, principalmente.

Eu não sei ler sua expressão, mas ele definitivamente não está desconfortável como a maioria das pessoas estaria.

Estou confiante na minha sexualidade o suficiente para fazer o desafio - eu apenas me preocupo com as câmeras apontando para nós e como isso afetará sua reputação mais do que a minha. Ele tem mais a perder, sendo o CEO da Cobalt Inc.

Percebo que Sam cobriu os olhos novamente, agindo como se isso não estivesse acontecendo. Isso pode não acontecer.

— Não pode fazer essa porra? — Ryke desafia Connor, que duvido que algum dia tenha desistido de um jogo, mesmo que seja “juvenil”.

Sem tirar o olhar do meu, Connor diz: — Estou apenas pesando minhas opções. — Ele não é a Rose. A frase de Ryke teria forçado ela a fazer isso, muito orgulhosa para não fazê-lo - mas Connor é mais lógico sobre suas ações.

E então ele se levanta. — Levante-se, — ele comanda para mim.

— Você tem certe...

— Eu posso lidar com a repercussão, — diz ele, e seus olhos brevemente

piscam para Ryke. Agora entendi. Ele valoriza sua amizade com Ryke *tanto* -

que ele está disposto a arriscar críticas ou uma nova manchete nos tablóides apenas para ficarem quites novamente. — *Levante-se*.

Jesus Cristo. Eu vou. Eu vou. Eu coloco Lily na almofada ao lado de Daisy, e então me levanto, de frente para ele, uma mesa de café nos separando.

Como essa porra funciona mesmo? Ele é cinco centímetros mais alto do que eu e não tenho ideia de quem o fará primeiro. Eu lambo meus lábios nervosamente, e me pergunto se isso parece mais sexual do que ansioso. Eu limpo minha boca com a mão e olho para Lily. — Não olhe. — *Deus fodido de merda.* Eu não preciso que ela fique excitada com *isso.*

Ela esconde os olhos atrás dos dedos e eu volto para Connor.

Rose disse algumas palavras em francês que eu não consigo entender, mas Connor nunca responde de volta. Eu tenho a sensação que é porque Ryke pode entendê-lo. E então Rose bufa e muda para o inglês, — Loren, você parece assustado. Talvez você devesse se sentar.

Sua voz está mais gentil do que o habitual. Eu olho Connor. *Eu pareço assustado porque o seu marido é dominante como o inferno.*

De repente, ela acrescenta: — Você é um antílope e ele é um leão. —

Imagino um leão perseguindo um antílope. E o matando para comer.

Meus ombros ficam tensos com essa verdade. — É? — Eu digo para ela, olhando por cima do ombro de Connor para Rose. — Você é um antílope

também?

Ela diz: — Eu sou da mesma raça que ele.

— Toujours, — Connor diz a ela. Eu entendo a palavra francesa porque ele diz isso o tempo todo.

Sempre.

Assim que eu me viro para Connor, sua mão segura a parte de trás da minha cabeça.

E seus lábios tocam os meus.

Meus músculos se solidificam e, em vez de apenas ficarem desajeitadamente pressionados juntos, ele realmente me beija - com mais confiança do que eu poderia possuir.

Fecho os olhos enquanto seus lábios se fecham sobre os meus e tento seguir sua liderança com a melhor de minha capacidade. Mas Connor controla a ação e eu sou grato por isso. Sua mão cai para o meu pescoço e eu me vejo segurando seu bíceps. Meus pulmões se debatendo por ar enquanto eu coloco todo o oxigênio em outro lugar.

— Quinze segundos, — eu ouço Poppy dizer.

Eu nunca beijei um cara antes, o que deve ser aparente. Nos três segundos finais, sinto Connor sorrindo contra meus lábios. Eu juro que ele fica entretido pelas coisas mais estranhas.

— Tempo, — diz Poppy.

Nós nos separamos no mesmo momento. Meus lábios pinicam um pouco por causa da força. Eu me pergunto quantos caras ele já beijou antes. Depois disso, duvido que eu seja o primeiro. Há pistas demais para eu acreditar no contrário.

Connor esfrega o lábio inferior com o polegar, pisca para mim e depois gira para Ryke. — Estamos quites.

Ryke acena com a cabeça, as sobrancelhas levantadas em surpresa.

— Alguém mais achou isso quente? — Daisy diz com um sorriso tonto, embriagado.

— Foi ok, — diz Rose categoricamente, o que leva Connor a estudá-la com intriga. Eu esperava que ela atacasse a mim ou a ele - já que ela me odeia e ela o ama e nós acabamos de nos *beijar*.

Mas ela não se importa. Eu não posso envolver minha cabeça em torno desses dois a maior parte do tempo.

— Esperaesperaespera, — Lily diz, e o alarme dispara em mim. Minha atenção desvia para Lil, seus dedos ainda protegendo seus olhos. — Quão

quente foi? Eu preciso saber! — Meus ombros caem aliviados por ela estar bem.

— Um sólido oito, — Daisy declara, embora ela esteja olhando apenas para Ryke agora. Eles estão dando o olhar de *me fode* um para o outro. Tudo isso está errado. — É digno de masturbação.

Eu faço uma careta. — Pare.

— Você está acariciando o ego do Connor, — Rose diz a sua irmã.

Lily está inteiramente de outra cor - vermelho sólido. *Acariciando.* Estou me encolhendo mais *agora* do que durante a maldita coisa.

— Todos os meus encontros sexuais são dignos de masturbação, — diz Connor. — Isso não é novidade. — Ele literalmente tem milhões de pessoas se masturbando com seus vídeos de sexo com sua esposa.

Eu aplaudo lentamente e Ryke se junta.

Connor sorri mais.

O engraçado é que outras pessoas no clube começam a bater palmas também. Eu posso sentir meu sorriso. Os fãs podem ser muito legais, apesar de alguns desordeiros aqui e ali.

— Um oito, — repete Lily, espantada. — Eu não posso acreditar que perdi isso.

Eu recupero meu assento no sofá. — Não foi assim, Lil.

Poppy acrescenta: — Você provavelmente conseguirá pesquisar no Google.

— Ela não pode ver pornografia, — diz Rose.

— Isso não foi pornô, — eu anuncio para todos.

— Então eu posso assistir? — Pergunta Lily, suas mãos ainda protegendo seu rosto. Ela está imaginando agora. Provavelmente mais do que qualquer coisa que realmente aconteceu. — Teve língua? — Ela sussurra para mim, confirmando minhas suspeitas.

— Não para ambos. — Eu puxo a palma de Lil para longe de seus olhos. E

seu olhar se lança aos meus lábios, como se estivesse os imaginando contra os do meu melhor amigo. Não é uma fantasia que quero incorporar em seu cérebro.

Connor se senta ao lado de Rose e beija sua testa. Ela parece à vontade.

Todo mundo parece.

Como *isso* pode ter quebrado a tensão em nosso grupo? Tensão que *eu* acidentalmente construí a partir de um desafio.

E então os profundos olhos azuis de Connor encontram os meus, e ele sorri

para mim, um sorriso genuíno que ele só reserva para amigos.

Ele pode se envolver em argumentos, diminuir pontos de ebulição e manter nossa amizade intacta, nem mesmo remotamente envergonhado depois que acabamos de nos beijar.

E ele é uma parte da minha vida.

Graças a Deus.

Ou melhor, graças a ele. *Sim,* eu sorrio, *ele iria querer que eu reformulasse isso.*

LILY CALLOWAY

Depois da boate, passeamos pela calçada, indo em direção ao cais para podermos voltar ao iate. — Cuspa, — Rose diz para Daisy, que está sendo apoiada principalmente por mim e Poppy, nossos braços em volta da cintura da nossa irmãzinha.

Rose quer detalhes sobre a escapada sexual que os caras sabiam antes de nós. Eu também quero mais informações. Todas as coisas que envolvem boquetes me interessam, talvez um pouco demais.

Em vez de responder, Daisy evita o pedido de Rose e inspira como se estivesse respirando a lua cheia de hoje à noite e as estrelas cintilantes. Ela levanta os punhos no ar e grita: — OLÁ, MÉXICO!

Os quatro rapazes, caminhando a alguns metros à nossa frente, todos viram suas cabeças em uníssono. *Droga.* Isso foi sexy. Eu posso admitir que sem ficar vermelha, certo?

Eu verifico meus braços.

Não. Ainda vermelho.

Ryke é o único que permanece virado. Ele gira completamente, andando para trás com um taco envolto em papel alumínio na mão. A maioria dos caras estão comendo depois que passamos por uma barraca de comida. Eu escolhi ir com a sobremesa e comer um churros como um lanche de fim de noite.

Daisy se concentra em seu namorado e quase tropeça em seus pés.

— Olhe para a frente, Calloway,— ele diz a ela.

— Olhe você, — diz ela, sua réplica não tão boa com seu estado de embriaguez. Poppy e eu a seguramos com firmeza aos nossos lado.

— Eu estou olhando, — Ryke diz, com os olhos bem nos dela, — e ela parece uma bagunça gostosa pra caralho.

— O que você vai fazer sobre isso? — Daisy diz em uma voz suave. Seu sorriso irradia, mas suas pálpebras caem.

Rose aponta um dedo acusador de Daisy para Ryke. — Sem flerte.

Estamos tendo tempo de garotas.

Ryke a ignora e diz: — Eu vou te mostrar mais tarde, amor. — E então ele gira, andando com os caras. Ryke coloca a mão no ombro de Lo e eles conversam entre si. O riso emana deles, e o do Lo é o mais alto, o mais forte e cheio de felicidade verdadeira.

Meus olhos ardem de emoção.

Loren Hale está rindo.

Não deveria ser uma frase rara. Mas é.

Eu fico muito feliz quando ele está feliz. O mesmo, eu sei, se aplica a ele.

Poppy olha para frente antes de dizer: — Ele tem boas cantadas.

As sobrancelhas de Daisy se franzem. — Ryke?

Poppy acena. — Foi uma cantada fofa. — Ela sorri gentilmente para ela.

— Não foi uma cantada, — Daisy refuta com uma careta profunda. Eu me assusto, um pouco chocada que ela realmente falou o que pensava. Eu gosto mais dessa Daisy do que daquela que mantém a paz. É mais fácil saber quando ela está se divertindo e quando ela está fingindo para o nosso bem.

— Eu não quis dizer isso assim, — diz Poppy, lhe dando um aperto de lado que me desestabiliza. Eu ganho meu equilíbrio, felizmente. Se eu cair, o mesmo acontece com meu bebê. É um pensamento que faz cócegas no meu cérebro como um espasmo nervoso.

Com apenas uma mão livre, eu mordo meu churros de rua que derrete na minha boca. O donut longo e frito tem um formato meio fálico, mas eu tento usar a atitude de Ryke Meadows de "não se importar com o que as outras

pessoas pensam". Um gemido audível até deixa meus lábios. *Eu não me importo.*

Minhas bochechas e cotovelos se importam, queimando com a desgraça.

Eu mastigo lentamente para prolongar a próxima mordida. Mesmo que eu anseie por ela. Eu engulo muito cedo.

— Ele gozou em seu rosto, — diz Rose sem rodeios.

De volta a isso. Eu me junto. — E você nem sequer nos disse.

Poppy acrescenta: — Foi obviamente um momento embaraçoso para ela.

Rose ajusta a bolsa no braço. — E se ela tivesse me contado quando isso aconteceu, eu teria comprado jóias e um vestido de 'vai se foder' para ela.

Daisy sorri. — Como são essas coisas?

Rose acena um dedo para ela. — Não, não, você não vai me distrair. Eu preciso ter mais detalhes do que o Connor.

Daisy franze o nariz. — Isso não é possível. Ele estava *lá*.

Meus olhos se arregalam com tudo isso. Eu encontrei alguns momentos

bem estranhos na minha vida, mas nada como isso. — Você gostou? — Eu pergunto a pergunta menos importante, provavelmente. Eu só estou curiosa para saber se isso é uma fantasia que ela repetirá novamente.

— Não, — Daisy diz suavemente, na verdade, começando a se abrir. Seus braços como geléia, caindo ao lado do corpo. O licor acaba de soltar suas articulações como uma... coisinha. Eu tusso no meu churros.

Rose dá um tapinha nas minhas costas com uma mão dura. — Eu te disse para não comer isso.

Eu esmago o churros em seu peito, já que a sobremesa obviamente não é legal para mim. Desapontada, ela joga na calçada.

Poppy fica de boca aberta, — Rose, você não deveria jogar no chão. —

Nossa irmã mais velha deixa o nosso lado para pegar o churros e encontrar uma lata de lixo.

— Eu estou alimentando os pássaros, — Rose grita para Poppy, que já está em uma missão ambiental.

Daisy é muito mais difícil de manter em pé sozinha, mas eu consigo me controlar um pouco, recriando meu aperto ao redor de seu quadril. Rose deve ver minha luta, porque ela substitui Poppy, enganchando seu braço com Daisy e passeando devagar.

— Eu odeio fazer boquete, — Rose de repente se abre. Ela raramente fala sobre sua vida sexual com Connor, então meus lábios se abrem em choque.

Talvez ela ache que é justo oferecer alguma informação quando ela continua pressionando Daisy. — Quero dizer… — Ela suspira e revira os olhos. — A primeira vez não foi horrível, mas é a minha coisa menos favorita. Eu não sou boa nisso, e Connor é enorme - *não* mencione que eu elogiei seu pau. Por favor.

Eu estou flutuando com essas migalhas de informações. — Meus lábios estão fechados. — Não, eles não estão. Minha boca está permanentemente aberta. Embora eu possa manter um segredo de irmã. Rose confiou em mim com alguns antes.

— Você gosta deles? — Daisy me pergunta com um sorriso tonto.

— Sim, — eu digo sem corar. Ah-ha! Sucesso. — Eu gosto do controle e de ver Lo… — *gozar*. Eu posso sentir minhas orelhas esquentando. Droga.

— Eu nunca gostei muito deles, — Daisy diz honestamente. — E com Ryke, às vezes, eu posso dizer que ele preferiria me agradar em vez de eu agradá-lo. Então ele costuma me parar antes de eu fazer ele gozar.

— Awwn, — eu digo. Eu nunca fiz este som em voz alta antes, mas esse é

um momento *awwn* se alguma vez houve um no meu livro. Algumas pessoas

diriam que é um livro pervertido, mas eu acho que vou renomeá-lo de "O

livro de Lily Calloway de momentos sexys".

Tem um bom tom nisso. E isso me faz sentir menos como uma esquisita.

Daisy tenta esconder um sorriso maior. — Você sabe o desafio? — Ela vai nos dar detalhes?! Rose e eu escutamos de perto, muito intrigadas. — Eu estava dando a Ryke um boquete pela *primeira* vez, e foi quando Connor entrou. — Ela coloca uma mecha de cabelo atrás da orelha, e as multidões que nos seguem (sim, as pessoas estão nos seguindo, junto com nossos guarda-costas) estão falando mais alto, então Daisy tem que levantar a voz um pouco. — Eu ouvi a porta abrir e eu fui para trás no mesmo momento exato em que... — ela interrompe a fala.

— Ele ejaculou, — conclui Rose sem hesitar.

Eu estremeço. — Você tem que usar esse termo?

— Sim, — diz Rose com confiança. Eu me pergunto se estou deixando a Daisy mais envergonhada por estar toda envergonhada. É um ciclo desagradável que quero quebrar.

— Lo gozou em mim antes, — Eu afirmo. Uou. Meio que me senti bem.

Daisy sorri. — Sério?

— Sim, no meu rosto também. Mas não tanto desde então. — Eu franzo a testa, pensando em como estamos atualmente. Eu me sinto mais saudável, e eu gosto que Lo tenha espaçado todos esses passos com sexo ao longo de meses e meses. É melhor ir devagar.

Rápido não é a velocidade certa para mim.

Daisy parece um pouco perdida em sua cabeça.

— O que foi? — Eu pergunto.

Ela respira fundo. — Você já quis apenas correr? Tipo, tirar todas as suas

roupas e correr pela rua, usando toda a sua força, ninguém te impedindo, a não ser você mesma?

Soa libertador, mas não posso dizer que é um pensamento que já passou pela minha cabeça. Depois de dois minutos de corrida patética, eu cairia de cara no chão ou ficaria sem fôlego - com bebê ou sem bebê.

— Não, — Rose diz definitivamente. — Eu não corro. Eu ando rapidamente. — Esse tem sido seu lema desde que ela descobriu saltos altos.

Para Daisy, eu digo: — Em teoria, parece legal.

Ela dá alguns pulinhos como se estivesse pronta para decolar. — Todas as teorias devem ser testadas, pelo menos uma vez.

— RYKE, PARA! — Lo de repente grita à nossa frente.

Meu coração está na minha garganta. Ryke foi pra cima um cara aleatório vestindo uma camiseta de surf e short desgastado. Lo contém seu irmão pelos ombros.

Ryke cospe palavras desagradáveis... tudo em espanhol. Nós andamos mais rápido para alcançar os caras.

— Vai! — Rose grita com os guarda-costas e os move como se estivesse pastoreando gado. — Eles precisam da ajuda de vocês.

Mikey diz: — Fomos contratados para proteger Daisy, Lily e Poppy, então não vamos sair do lado delas.

Rose estreita os olhos para eleS e depois murmura xingamentos enquanto procura seu spray de pimenta na bolsa.

Poppy ficou para trás, fixada em um estande de vendedor vendendo caveiras de açúcar de porcelana, e Dave, seu guarda-costas, paira sobre ela.

Ela parece altamente inconsciente do que está acontecendo, e Sam está correndo em direção a Poppy, deixando Connor, Loren e Ryke sozinhos.

— Traidor, — Rose grita para ele. — Seu gênero precisa de você!

— Poppy também!, — Ele grita de volta.

Rose franze os lábios, e eu me concentro no cara de camiseta de surf que segue nossos caras a cada passo que eles dão. Ele não está sozinho. Com seus dois amigos, eles zombam em espanhol. Eu posso dizer pela maneira como eles levantam seus peitos, seus músculos flexionados e gesticulando com seus braços.

Três rapazes. Talvez essas pessoas não sejam aleatórias. Lo disse que três caras os importunaram o dia todo, onde quer que fossem. Talvez os tenham encontrado de novo.

— Nós deveríamos…? — Daisy hesita em correr até Ryke, mas eu seguro seu braço gelatinoso com firmeza.

— Não, vamos ficar de fora. — Embora eu queira estar mais perto. Então, nós mantemos nosso ritmo.

Ryke grita em espanhol tão alto que meus ouvidos estão zumbindo. Há dor em sua voz, sob a raiva, e Lo luta para detê-lo enquanto ele se debate. —

Connor, — diz Lo, à procura de ajuda. Connor está ouvindo atentamente esses três caras, não intervindo.

Estamos a apenas um metro e meio de distância. Camisa de surf grita com Ryke e Lo com tanto veneno, e depois ri ironicamente como se ele tivesse vencido uma batalha. Nossas vidas estão abertas ao público, como se

vivêssemos em uma casa de vidro, e as pessoas gostam de bater nas paredes, esperando e esperando por uma reação, por um pouquinho de entretenimento.

Esquecendo que não somos artistas ou manequins colocados em exibição.

Esquecendo que podemos sentir do mesmo jeito que elas.

— CONNOR! — Lo grita por ajuda novamente, Ryke quase se soltando de seus braços. Ele é mais forte que Lo. Isso sempre foi verdade.

— Solte ele, — diz Connor em uma voz estóica.

— O quê? — Lo respira a palavra. Isso me dói. Estou tão perto dele agora.

Eu estendo a mão, como se pudesse tocá-lo, mas sinto uma mão grande no meu ombro. Garth.

Ele me puxa para o lado por um metro, então eu não sou atingida por membros agitados. Daisy escapa do meu aperto, e Rose a deixa para ir mais adiante em direção à luta. Daisy fica de pé sozinha, balançando apenas um pouco.

— Connor, *me ajuda*, — implora Lo.

— Eu não vou, — diz Connor como se ele quisesse que Ryke lute contra essas pessoas. — Apenas o solte, Lo.

Então o Camisa de surf cria uma forma de V com os dedos e obscenamente enfia a língua entre eles. Seus olhos se moveram. E eles pousam bem em mim. Calafrios correm pela minha espinha.

Lo olha por cima do ombro, encontrando a fonte do ridículo.

Sou eu.

De tudo isso, eu percebo.

Talvez eles estejam dizendo que minha vagina é muito grande. Que eu sou nojenta. Eu dormi com centenas de homens sem rosto. Sou doente e nojenta.

Eu não estou apta para ser mãe. Eu sou e sempre serei uma viciada em sexo.

Nada mais que isso. Eu ouvi tudo e li nas redes sociais. Embora nunca tenha testemunhado isso em espanhol.

Eu dou mais um passo à frente, e Lo grita para mim: — LILY, FIQUE AÍ!

Meu coração para. O olhar irado e dolorido em seu rosto me planta aqui tanto quanto sua voz. E seus olhos piscam para minha barriga. Eu não quis... -

eu *não colocaria* meu bebê em perigo. Eu não estava indo até lá. É só que…

Lo.

Ele respira irregularmente e acena para mim como, *por favor, Lily.*

Eu aceno de volta.

Quando ele tem certeza que eu não vou arriscar minha segurança, ele volta para o irmão. Em um único instante, Lo remove suas mãos de Ryke, e é aí

que acho que Ryke vai perder todo o autocontrole e dar um soco primeiro, entrando em seu modo agressivo. Ele explodiu. Muito antes disso. Mas ele ainda não tem seus punhos trincados, nem mesmo levantado para um gancho de direita ou um soco. Ele avança e depois para.

É tão rápido. O mais alto dos acusadores vai até ele, com os olhos fixos em Ryke. Em três longos passos, ele bate com o punho na mandíbula de Ryke.

Eu posso sentir meu coração batendo no meu peito.

Isso foi um soco, um que faz Ryke cair no chão de cimento.

Os outros dois desordeiros pulam em cima de Ryke, o que faz com que Lo pegue seus braços e dê um soco ou dois.

Eu recuo quando um par de juntas se conecta com o rosto de Lo. — Pare!

— Eu grito com os desordeiros, encontrando minha voz com a dor de Lo. A água escura do oceano está à nossa direita, as lojas à nossa esquerda, a lua acima, a doca à vista. Nós não estamos *tão* longe do rebocador que nos levará ao iate ancorado.

— Isso não está acontecendo, — diz Rose, indo ainda *mais* — Isso não está acontecendo, — diz Rose, indo ainda — O que você acha que está fazendo, querida?

— Eu estou lutando pela minha irmã, — ela diz séria. Ela está grávida também. E enquanto eu amo ter uma irmã que esteja disposta a se inserir em

uma briga em meu nome, agora não é um bom momento.

Até Daisy tem bom senso em ficar parada...

Assim que eu penso isso, ela corre para frente. E Mikey a pega pela cintura. Ela chuta o ar. — Me deixe ajudá-lo.

— Não, Daisy, — Mikey diz a ela.

— Isso é... sexista, — diz ela, seus braços se agitando com as pernas.

— Concordo, — Rose diz para o Connor.

— Querida, — diz Connor, — eu preciso te lembrar que você é um recipiente para o nosso feto?

— Você está tentando me enfurecer mais? — Ela retruca. — Agora eu só quero socar você.

— Eu sou um contador de verdades. Se você não gosta do que eu tenho a dizer, fale com os mentirosos do mundo. — E então todos nós ficamos distraídos quando o de camisa de surf chuta Lo *forte* abaixo de seu peito.

— Lo! — Eu grito, especialmente quando Lo se debruça no chão. Meu estômago dói, lembrando de sua lesão preexistente: costelas quebradas do tumulto de Paris. Lágrimas quentes se espremem nos cantos dos meus olhos.

— *Por favor* não faça nada precipitado, — Connor diz a Rose. E então ele se insere nessa luta, para defender Lo e tirá-lo de lá. Connor desvia de um seco e, em seguida, se coloca protetoramente acima de Lo para que ninguém possa tocá-lo. Eu vejo Lo tossir grosseiramente no cimento.

Ele estava rindo apenas alguns minutos atrás.

Isso está errado.

Eu me movo para frente por instinto, para segurar Lo, para abraçá-lo. Para envolver meus braços em volta dele. Mas Garth me mantém no lugar.

Um punho bate na maçã do rosto de Connor quando se torna dois contra um, enquanto Ryke volta sua atenção para o de camisa de surf e dá um soco sólido em seu estômago. É retribuído com soco nos lábios de Ryke. Eles estão todos batendo um no outro. Eu odeio isso. Eu olho de volta para nossos guarda-costas, tentando expressar todos os sentimentos e súplicas em meus olhos.

Por favor, ajude-os.

Garth e Mikey trocam olhares um com o outro, e isso é tudo. Eles soltam Daisy e eu. Não podemos nos juntar à briga, mas eles podem.

É como adicionar alguns trunfos. No minuto em que eles entram na briga, Garth tira Ryke do cara de camisa de surf, e Mikey ajuda Connor, mantendo os outros dois afastados. A intensidade cai um milhão de graus.

Ryke cospe sangue no cimento e diz algo volátil para os desordeiros em espanhol. É uma luta tão assustadora que eu não percebi que estava tremendo até que Rose estendeu a mão e apertou minha mão nervosa.

— Eles estão bem, — diz Rose suavemente.

— Eu não posso acreditar que isso acabou de acontecer, — murmuro. Eu assisto Ryke jogar as palmas das mãos no ar como se estivesse dizendo *cansei, cansei.* Ele limpa a boca ensanguentada com as costas da mão.

Eu venci meu medo de encarar a luz do dia, de estar entre os fãs, agora fico animada quando eles se aproximam para selfies. Eu não estou mais incapacitada pela atenção constante. Não mais uma pequena eremita assustada que se esconde em sua casa. Mas eu não quero sair para encontrar Lo derrubado no chão, acompanhado por mais pessoas que eu amo.

— E se eles tivessem uma faca? — Eu percebo que isso poderia ter sido pior, facilmente. — E se eles tivessem uma arma? — Eu congelo.

Rose diz: — Nós podemos tolerar um tanto até que nós explodimos. Ryke é mais fácil de se enfurecer, mas Connor não é e ele estava furioso. Então você tem que saber que o que quer que eles estivessem dizendo, deve ter se

aproximado de uma ameaça. — Ela levanta o queixo. — Se eu não estivesse grávida...

— Você iria socar de volta? — Eu presumo.

— Eu empalaria seus pequenos corações negros repugnantes com meus saltos.

Graças a Deus ela está do meu lado e não contra mim.

Os desordeiros se separaram dos nossos homens, e eles fracamente cambaleam para trás, sangue manchando suas camisas e alguns roxos inchando seus olhos.

Lo, Ryke e Connor só aparecem minuciosamente melhor, o sangue ainda respingando suas roupas. Todos eles apanharam. Connor está agachado sobre Lo, falando com ele baixo enquanto ele balança a cabeça como se estivesse dizendo *eu estou bem.*

Eu tento exalar uma respiração apertada no meu peito.

Ryke finalmente se vira para nós, e ele fixa os olhos em Daisy, que está sozinha, a poucos metros de mim e Rose. O peito dela sobe e desce num ritmo pesado e desigual, como se estivesse se sufocando sob uma onda brutal.

Ryke a avalia tanto quanto ela avalia ele.

Ela puxa sua camisa apertada para frente, e eu me lembro de seu pensamento anterior de se despir e correr à frente e não ser impedida por nada.

Vá, quero dizer a ela. Ela pode correr para o cais. Os desordeiros desapareceram em uma rua lateral, fora de vista. Ela está segura.

Mas os pés dela ficam no chão, no lugar. — A lua cheia te deixa louco, você sabe, — ela diz a ele suavemente.

— Não mais louco do que você. — Ele se aproxima de Daisy e, em seguida, a puxa para o seu peito. Sua mão desaparece embaixo da blusa dela, como se estivesse a esticando para que ela não ficasse tão claustrofóbica. O

gesto é doce. — E não é a lua cheia, Dais. São apenas pessoas que querem encher o saco das pessoas que eu amo. Eu não posso suportar essa porra.

Meus ombros se levantam com essa proclamação. Lo ainda está machucado e meu estômago não vai desatar até que ele esteja em meus braços e eu esteja nos dele.

Então eu vou até ele assim que ele se levanta, estremecendo e favorecendo suas costelas. Eu quase começo a tremer novamente no flash de agonia em suas feições. — Lo? — Eu sussurro.

Ele olha para mim, seu lábio machucado. A bochecha do Connor está

vermelha e vai provavelmente deixar um hematoma. Mas apenas pela visão, Ryke está o pior: as bochechas e o lábio machucados e ensanguentados.

— Estou bem, — diz Lo.

— Tão bem que eu posso te abraçar? — Eu pergunto com ceticismo. Ele está colocando uma boa frente.

— Vá em frente, Lil, — ele acena com a cabeça.

Eu gentilmente envolvo meus braços ao redor dele, mantendo distância entre nossos corpos.

Seu hálito quente toca minha testa enquanto ele sussurra: — Não é assim que nos abraçamos.

— Eu não vou te machucar, — lhe digo inflexivelmente. — Eu sei que você está com do...

E então ele me aperta contra o peito, em um abraço comum para nós, onde nossos corpos se fundem sem começo e fim aparentes. É como se fossemos um. Eu sinto seu coração *bater, bater, bater* contra a minha pele.

Não sei por quanto tempo ficamos assim, congelados no tempo, protegendo o mundo de nós. É um momento que eclipsa o resto do dia e encurta minha expectativa de vida para uma única imagem solitária. Minha barriga tremula,

um movimento literal que me faz endireitar como uma tábua.

— Lo... — eu sussurro.

— Lil? — Ele examina minha expressão.

Acontece de novo, só que dessa vez, mais forte, como um pé... Eu toco minha barriga, meu coração acelerando.

— Ele está… — Lo para de falar.

Eu concordo. — Acho que sim.

Lo coloca a mão na minha barriga e depois de alguns segundos, o movimento fraco acontece novamente. Os olhos de Lo sorriem tanto que eu dou risada.

E então ele me beija, tão de repente. Seus lábios bem nos meus. Meus braços ao redor dele. Os dele ao meu redor. Onde eles estão destinados a ficar.

{ 20 }

LOREN HALE

— Feche a porta, — ordena Ryke, ligando a torneira. Fecho a porta do banheiro do iate atrás de mim e afundo no chão de ladrilhos contra a banheira de porcelana.

Eu envolvo um braço em volta das minhas costelas que gritam de dor, talvez fraturadas novamente. Eu tento ignorar isso. Eu já tive essa lesão antes, e tudo que posso fazer é esperar que ela se cure. Desde que sou viciado, eles sempre aconselham a renunciar à medicação. Eu não vou tomar nada para entorpecer isso.

— Porra. — Ryke estremece quando ele enxágua as juntas ensanguentadas sob a água.

Connor inspeciona sua própria bochecha machucada no espelho e diz algo a Ryke em francês, que responde de volta.

— Parem, — eu digo a eles, cada grande fôlego apunhalando meus pulmões. — Eu tenho que saber. — As garotas estão tentando acalmar os pais delas, que foram acordados depois de uma mensagem de uma Poppy excessivamente preocupada. Tudo o que eu quero saber é por que diabos esses caras tem nos seguido e o que eles estavam dizendo sobre a Lily.

Ryke e Connor compartilham hesitação, e é como se alguém me chutasse novamente nas costelas.

— Eu posso aguentar, — digo com tudo o que tenho.

Eu posso aguentar. .

Ninguém vai me enterrar. Eu tenho que confiar em mim mesmo, mais do que nunca. Porque eu imagino uma vida em que eu *nunca* fico de pé sozinho, onde estou preso a Ryke e Connor, e *dói.* Eu quero dar os primeiros passos sozinho novamente. Por um virada do destino, eu gostaria de ser o tipo de cara que os impede de cair.

Sempre pareceu impossível.

Mas é um objetivo que tem me mantido em movimento.

— Isso não vai me empurrar, — eu continuo. — Eu não vou beber. Eu só preciso saber.

Ryke se volta para a pia e lava o rosto.

Connor se senta na tampa do vaso sanitário e olha para o chão, assombrado quase.

— Droga, — eu digo com escárnio com os olhos ardentes. — Alguém diga alguma coisa. — Está me matando.

— Eu estou tentando… — Ryke pressiona uma toalha contra o lábio e depois se inclina contra a parede. Seus olhos também estão no chão.

Eu me sento mais reto, mas a dor dispara através do meu corpo e fico levemente encurvado. — Eu sei que é sobre a Lily. — Meus tendões selam.

— Não é só porque eu acho que você não pode lidar com isso, — Ryke de repente me diz. Ele puxa a toalha para longe do lábio, se concentrando no pano úmido. — É que… — Seu rosto se contorce. — ...não sei se posso traduzir tudo sem gritar.

— Apenas me dê algo, — eu sufoco as palavras.

Connor está quieto, parecendo preocupado comigo.

— Eu posso lidar com isso, — eu lembro a ele.

— Eu sei que você pode, — diz Connor. Eu posso dizer que ele está me apaziguando, dizendo o que eu quero ouvir.

Ryke enrola a toalha na mão. — Só vou dizer algumas delas o mais rápido que puder.

Eu concordo.

— *Quantos caras foderam essa puta?* — Ele diz a princípio. É outro chute rápido.

Eu aperto meus olhos fechados. *Não pense nisso.*

— *Ela ainda está cheia do gozo deles?*

Eu me mexo, a dor se intensifica no meu intestino, mas não é mais das minhas costelas. Eu posso sentir o tipo de tormento que Lily experimentaria se ela ouvisse essas exatas palavras. E a parte que pertence a ela está afundada em agonia. A parte que pertence a mim está chacoalhando com raiva.

— *Traga-a aqui…* — A voz de Ryke se quebra.

Abro os olhos e meu irmão está cobrindo a boca como se quisesse gritar e socar alguém novamente.

Meus olhos estão em chamas, segurando as lágrimas. *Por que você está chorando, porra? Pare de chorar.* Eu não estou chorando. — Continue, —

eu incito.

— Eu não posso, — Ryke diz, balançando a cabeça. Ele passa a mão pelo

cabelo.

— Você tem que fazer isso, — eu digo a ele.

Ryke se encolhe para mim, como se ele visse dentro de mim.

— Apenas diga o resto, — eu quase grito.

— Não. — Ele balança a cabeça novamente e se afasta da parede. — Estou torturando você pra caralho. Você está com dor agora e quer que eu coloque *mais* dor.

É isso o que é? Masoquismo. — Eu posso aguentar, — eu lembro a ele.

— Eu não posso! — Ele aponta para o peito, os olhos vermelhos como os meus. Ele respira pesadamente, olhando para mim, e ele diz: — *Traga-a aqui, queremos ver quantos paus podem caber dentro da...* — Ele tropeça e sua voz se quebra novamente. — Eu não posso.

Estou chorando.

Eu só percebo quando o som de um soluço sai dos meus lábios. As lágrimas molhadas deslizam para baixo e eu levanto meus joelhos, descansando meus antebraços neles. Eu abaixo minha cabeça. *Pare de chorar.*

— Continue, — eu digo em um sussurro abafado.

Estou surpreso que Connor me tenha me ouvido. Ele assume e fala clinicamente, — *Quantos paus podem caber dentro da boceta gigante dela. É*

melhor você ter uma coleira na sua cadela; planejamos montá-la essa noite.

A dor rasga meu peito.

Ryke está ao meu lado no chão enquanto Connor continua falando. Eu me sento ocioso entre a raiva e a tristeza, minhas emoções em guerra. Eu quero calar tudo, mas então eu quero sentir as partes mais frias e duras disso.

Talvez então não me machuque mais.

Depois de cinco minutos, com minhas mãos fechadas em punhos, meus ombros tremendo e minhas bochechas escorregadias de lágrimas, eu sussurro:

— Pare.

Eu cheguei no meu limite. Eu entendo porque Ryke explodiu na rua. É

demais.

Eu quero proteger Lily desse tipo de ridículo, mas não posso. E eu acho que é a coisa mais difícil de lidar - que as pessoas ficariam cara a cara conosco e diriam essa merda de imediato.

E não há *nada* we que possamos fazer senão sentar aqui e aguentar.

Obtenha uma pele mais grossa. Não seja tão sensível, Loren. Eu estou apaixonado por Lily. Ficar indiferente a alguém a machucando - não sentir

raiva, nem dor - eu teria que ser um fodido robô.

Nenhuma armadura pode bloquear essa dor. Nenhuma bebida dessa vez. E

me lembro - quase um ano atrás, ouvi palavras difamatórias sobre mim e meu pai. Eu deslizei para o chão. Abri um armário atrás de uma garrafa de Glenfiddich. Eu quebrei minha sobriedade pela primeira vez. E eu nunca saí do chão naquela noite. Não sozinho.

Estando na mídia, aprendi a viver com essa dor, me levanto e sigo em frente.

É o que vou fazer agora. É o que vou fazer amanhã e no dia seguinte. Por quanto tempo essa luta continuar.

Apenas se levante.

E eu me levanto lentamente. Pesado e acorrentado com peso.

Eu ainda me movo.

LOREN HALE

— Então, me deixe ver se entendi essa porra direito, — meu pai diz com voz afiada, — vocês quatro atacaram três caras que o assediaram o dia todo. No meio da maldita rua?

Nós não poderíamos evitar nossos pais por muito tempo. Assim que saímos do banheiro, Greg e Jonathan nos chamaram para a sala de estar do iate. Eu fico entre Ryke e Connor enquanto Sam está no fim, o único de nós que não está machucado.

— Tecnicamente, eles socaram Ryke primeiro, — eu ofereço.

— Mas isso não muda o fato de que todos vocês responderam da maneira que vocês fizeram, — diz Greg, nos encarando com meu pai. Todas as garotas, incluindo a mãe de Lily, estão nos sofás atrás de nós. Assistindo.

Como se estivéssemos testemunhando em uma audiência informal ou algo assim. Como se nós fôssemos crianças prestes a ficar de castigo.

— Eu não sou um menino, — diz Ryke, de alguma forma sem xingar.

— Bater em alguém fez você se sentir um homem grande? — Nosso pai provoca. Me concentro no copo de cristal na mão de Jonathan: líquido claro com cubos de gelo.

Não é vodka, eu quero acreditar. Eu gostaria de ter confiado nele, mas muito em torno de meu pai me irritou nessa viagem, mais notavelmente o

‘encontro’ que ele trouxe. Estou surpreso que ela nem esteja na sala agora.

Ela está colada ao quadril dele desde que saímos do porto.

— Foda-se, — Ryke diz, sem disposição para um interrogatório. Eu acho que nenhum de nós está.

Greg interrompe: — Acalme-se. Estamos apenas tentando entender o que

aconteceu. — Seu olhar percorre todos nós, inspecionando nossas feridas, e minha expressão só diz *eu quero sair daqui agora.* MMinhas emoções ainda agarram meus músculos como um vício. Todas as palavras maliciosas que Connor e Ryke traduziram piscam de volta na minha cabeça. *Não pense nisso.* Estou tentando.

Deus. Estou tentando.

O olhar de Greg para em Sam. — Por que você não está todo rasgado?

— Eu fiquei fora disso, senhor, — diz ele. — A briga não deveria ter começado em primeiro lugar. Se todos nós tivéssemos os ignorado como eu sugeri, não acho que eles teriam atacado o Ryke.

Eu cerro os dentes e viro meu corpo, prestes a dar um passo em direção a ele. Connor bloqueia meu caminho, mas eu não posso calar a boca sobre isso.

— Ei, Sammy, — eu digo com gelo em meus olhos, — por que você não vai ser um herói em outro barco.— Eu desconto nele, mesmo que eu esteja com raiva da situação. — Ninguém se importa com a sua besteira hipócrita.— A culpa nem sequer rasga um buraco grande o suficiente dentro de mim. Talvez eu já esteja rasgado.

— Loren, — Poppy defende o marido, prestes a se levantar do sofá.

Samantha Calloway agarra seu ombro e a força de volta para baixo.

— Não. — Eu não terminei. Eu aponto para Sam. — Ele nos *deixou* e agora ele está agindo como se ele fosse o maldito defensor da paz, como se ele soubesse melhor. — Ninguém sabe. Nem eu. Nem ninguém. Eu encontro os olhos estreitos de Sam que ardem de ódio contra mim. É um olhar que recebi quase todos os dias da minha vida de pessoas que mal conhecia. —

Você não sabe o que é melhor, Capitão América. Você nem sabe o que é certo. Então pare de fingir que você sabe.

Connor Cobalt, de todas as pessoas, disse *sim* a uma briga, se recusando a restringir o Ryke. Ele queria que esses caras fossem socados no rosto. Isso

tem que contar para alguma coisa.

— Eu deixei vocês para ajudar a Poppy, — responde Sam. — Caso contrário, eu estaria lá.

— Poppy tem um guarda-costas, — Greg responde, com medo em sua voz, como se ela estivesse em apuros. Ela não estava. — Ela deveria ter alguém cuidando dela. — Ele se vira para Dave, um guarda-costas com óculos escuros. Ele se senta à mesa do café com Mikey e Garth.

— Ela estava bem, — confirma Dave.

Sam sacode a cabeça repetidamente. — Eu não estou sendo repreendido por cuidar dela.

— Você cuida da família, — diz Greg.

— Minha família *é* Poppy e Maria.

Greg se cala, silenciosamente chateado. Sinceramente, eu só o ouvi gritar com Sam e Ryke, mas dessa vez ele encena o seu habitual olhar de *estou desapontado com você* e fica parado.

Jonathan assume. — Sua família é todo mundo nessa porra de quarto, —

ele retruca. — Estamos todos ligados de uma forma ou de outra, e haverá uma hora em que você precisará dele. — Ele aponta para Ryke. — Ou dele.

— Ele faz um gesto para mim. — Assim como eles precisaram de você essa noite. Então você quer ser um pequeno fodido egoísta e remar em seu próprio bote salva-vidas e deixar todos os outros se afogarem, assim seja. Você faz isso, Samuel. Porque quando o resto de nós estivermos carregando coletes salva-vidas, não lhe jogaremos um.

É duro. Mas nada sobre o nosso estilo de vida é suave, fácil ou descomplicado. Sempre fomos nós contra todos os outros. E é mais difícil quando nos voltamos um contra o outro. Nós todos sabemos disso. Eu mesmo sou culpado por causar desentendimentos, mas é melhor ficarmos juntos do que separados.

— Estou tentando, — diz Sam lentamente, — lidar com esse conceito. Eu não estou acostumado com essas crianças...

— Eu não sou uma criança, — eu digo fervorosamente.

— Eu me lembro de você como uma, — diz Sam. — E se você fosse adulto, não teria dado a esses caras uma reação ou um motivo para começar uma briga inútil. Você está prestes a ter um *bebê*...

— Cala a porra da boca, — Ryke de repente interrompe, me protegendo das palavras de Sam.

Eu posso aguentar.

Eu posso aguentar, eu acredito.

Connor finalmente fala. Sua voz é moderada em uma sala de personalidades combustíveis. — Eu entendo de onde você está vindo, Sam, mas antes de julgar Loren, você nem sabe do que se trata. A menos que você possa de repente falar espanhol?

Sam sacode a cabeça e fica quieto. Então ele diz: — Sinto muito.

Eu percebo que ele está olhando para mim.

Eu franzo a testa profundamente, confuso. É como se Connor tivesse algum tipo de hipnose sobre ele. Mas eu aceito isso com um aceno de cabeça.

Eu não consigo entender como é ter um filho para proteger, mas na posição dele, duvido que escolheríamos o que ele fez. Há uma diferença entre nós e ele. Somos todos fiéis um ao outro. Ele estava certo - somos mais novos que ele. Nós crescemos juntos, experimentando momentos monumentais ao mesmo tempo.

Sam não nos conhece.

Sua lealdade é cega, baseada em relacionamentos estabelecidos em papel e tinta. Não em emoções ou sangue. Talvez seja por isso que é mais difícil para

ele.

— O que eles estavam dizendo em espanhol? — Greg pergunta, olhando entre Ryke e Connor.

Todo mundo fica quieto e minhas costelas se inflamam. Eu estou rígido e imóvel.

— Alguém fala algo, — meu pai corta, seus dedos se apertando em torno de seu copo.

— Foi sobre a Lily, — eu solto, embora eu não possa dizer nada mais do que isso.

A sala fica silenciosa e eu viro meu pescoço e olho sobre o ombro. Lily agarra o braço do sofá e produz um sorriso fraco para mim. *Lil.*

Ela sabia que era sobre ela. Esse tempo todo.

Ela sabia.

O fundo do meu estômago cai e depois se contrai.

— Eu tenho uma pergunta, — Greg fala novamente. Espero que ele pergunte especificamente o que os desordeiros disseram, mas seu olhar se fixa em Connor. — Onde estava Rose se você estava na briga? Ela não tem um guarda-costas. — Eu estou egoisticamente grato que ele redirecionou a conversa para outra pessoa.

— Eu confio na minha esposa, — diz Connor com facilidade. — Eu tive que fazer uma escolha, e eu fiz.

Meu pai toma um gole de sua bebida e eu foco no líquido novamente. —

Pelo menos todos nós sabemos onde estão suas prioridades.

Connor permanece impassível com o insulto. — Eu não sou um cavaleiro de armadura brilhante, e nunca insinuei ser um. Deixo isso para os homens que gostam de montar cavalos e andar em pastos*****.

Ryke ri ao meu lado, sabendo que era uma piada despreocupada para ele*****.

Eu sorrio também. Deus, como diabos eu estou sorrindo agora? Ele desaparece muito rápido.

— Você é molenga, — meu pai diz em seu próximo gole. Meu rosto se contorce em uma careta.

— Se eu sou molenga, então todo homem em comparação é um anelídeo.

As sobrancelhas do meu pai se levantam. — Um ânus?

Rose corta, — Um *verme*.

Connor está sorrindo, amando que sua esposa tenha o entendido. —

Jonathan, — ele diz facilmente, — o fato de Rose estar completamente ilesa, sentada ali, — ele gesticula para Rose atrás dele — sugere que eu escolhi certo e você está errado. Então, por favor, continue argumentando contra as evidências.

Greg interrompe antes que meu pai fale: — A verdadeira questão aqui é o fato de que Garth e Mikey tiveram que se afastar de Daisy e Lily para proteger vocês três. — Ele faz um gesto para Ryke, eu e Connor. E de repente eu percebo sobre o que esse interrogatório tem sido o tempo todo.

— *Não*, — Ryke estala — *Sim*, —diz o nosso pai, — todos vocês estão recebendo guarda-costas. Talvez então eles consigam proteger *vocês* de irem para a cadeia. — Tudo bem por mim.

— É uma ótima ideia, — diz Rose, erguendo o queixo, as palmas das mãos nos joelhos. — Foi desequilibrado colocar guarda-costas com todas as meninas e não com os caras para começo de conversa.

— Você está recebendo um também, — Greg diz à filha.

Os olhos de Rose fazem buracos na testa dele. — Não. Eu não preciso de um. Eu provei isso.

— Como você disse, querida, —diz Connor, — é uma noite de poder. —

Ele está feliz com isso, eu vejo em seus profundos olhos azuis. Ele queria que Rose tivesse um guarda-costas desde que ficamos imersos na mídia.

Ryke está furioso. — Eu não quero um cara me seguindo.

— Por quê? — Greg pergunta.

Ryke passa a mão pelo seu cabelo castanho e grosso, um tom ansioso. —

Porque não, — diz ele com uma respiração baixa, incapaz de deixar escapar sua explicação. *Vamos lá, Ryke.* Talvez ele esteja censurando a si mesmo, então ele não é desrespeitoso ou está apenas tendo problemas para explicar.

— Isso não vai servir.

— Tenho vinte e cinco anos de idade, — proclama Ryke, — *ninguém* nessa porra de sala pode controlar as coisas que escolho fazer com a minha vida… — Sua voz morre rapidamente, provavelmente lembrando da Hale Co. e pelo que ele está se esforçando agora, mesmo que seja a última coisa que ele realmente quer.

Estou tentando entender por que ele é firmemente contra um guarda-costas e eu sinceramente não consigo entender.

— Você não tem um emprego, — Greg começa listando os fatos. —

Depois que você foi jogado na cadeia, todo contrato de patrocínio esportivo que você tinha para escalada desapareceu. Você depende financeiramente da sua conta poupança que *seu pai* controla.

O rosto de Ryke endurece. — Então ele tira minha conta poupança.

Eu balanço minha cabeça para o meu irmão. Perder sua segurança financeira por causa de um guarda-costas - não vale a pena.

— E a minha filha? — Greg joga essa carta, como se ele tivesse a capacidade de remover Daisy da vida de Ryke. É fodido.

— Papai, — Daisy diz com os olhos arregalados, sentado ao lado de Lily.

Ryke fica consideravelmente tenso. E com uma voz controlada, ele diz: —

Eu não quero uma porra de um guarda-costas correndo atrás de mim em uma motocicleta, me acompanhando a cada pedra que eu escalo. — Seu peito se eleva fortemente e ele aponta para o chão. — Eu não quero a porra de um guarda-costas me empurrando para longe de Daisy. E eu não quero que alguém tente *me* impedir de proteger *meu* irmãozinho. — Ele se sente ameaçado por alguém que ainda não existe.

— Vamos nos comprometer, — diz Greg. — Você terá um guarda-costas quando estiver em público com minhas filhas. Justo?

Ryke se esforça para aceitar isso.

Eu coloco minha mão em seu ombro e sussurro para ele: — É uma boa oferta.

Ryke respira fundo, e depois de um longo segundo, ele concorda com a cabeça tensa.

— Precisamos ter uma conversa sobre o seu futuro, — diz Greg para Ryke.

Eu já ouvi essas palavras muitas vezes dele e de Jonathan. É estranho ter elas direcionadas para outra pessoa. — Eu preciso que você faça algo para mim envolvendo a Fizzle, mas se você continuar me dizendo que não está disposto a ajudar, então talvez você não ame minha filha como você diz.

Ryke solta uma risada fraca, seus olhos avermelhados. — Eu amo sua filha como o sol, e eu poderia dizer e fazer mil coisas, e você nunca me aceitaria.

— Você não fez nem uma coisa, — diz Greg, erguendo as sobrancelhas.

— Eu estou pedindo por *uma*. Isso é fácil. Você vai me ouvir depois que todo mundo for para a cama, ok?

Daisy começa: — Papai, não...

— Dais, está tudo bem, — diz Ryke, esmagando um argumento facilmente. Eu não gostaria de causar um briga entre Lily e seu pai, e eu sei que Ryke sente o mesmo. Ele acena para Greg novamente. — Eu vou ouvi-

lo.

Meu pai tem um quarto de sua bebida sobrando. Ele está obcecado com isso - ou talvez eu esteja. Ele vai acabar com ela e eu não posso continuar especulando. Por impulso, dou um passo à frente e roubo o copo dele.

Ele inclina a cabeça para mim como se dissesse *sério, filho?*

Eu cheiro o líquido, só cheiro de limão, mas vejo bolhas de carbonatação.

Gin e tônica?

E então Jonathan Hale, com suas costeletas grisalhas, estreita os olhos mortais e me dá um único olhar sombrio: *beba, filho. Se você não confia em mim.*

Fico frio, ponho a borda do copo nos lábios...

— Lo! — Ryke grita, sua mão apertando meu ombro, prestes a tirar o copo de mim.

É tarde demais. O líquido desliza para baixo, e minhas papilas gustativas pegam todos os ingredientes. Ryke arranca o copo das minhas mãos.

— Você está brincando comigo, porra?! — ele grita para o nosso pai. Não para mim. Pensando que ele acabou de quebrar sua sobriedade e a minha também.

— É apenas água gaseificada e limão, — eu digo a Ryke a verdade, uma pontada de culpa me atingindo. Meu pai não iria se esgueirar por aí. Se ele estivesse bebendo de novo, ele exibiria. Eu não deveria ter questionado ele em primeiro lugar.

Ryke não está convencido. Ele toma um gole da bebida, e depois que ele prova a água, seus músculos começam a relaxar.

Nosso pai suspira para Ryke: — Eu entendo porque você não confia em mim, filho, mas você deveria pelo menos confiar em seu irmão. Ele não mentiria para você.

— Meu histórico não é bom, — eu digo baixinho e depois esfrego meu pescoço.

O silêncio se estende na sala - como se eu lembrasse a todos quantas vezes eu estraguei tudo. Não é como se eu pudesse mostrar meus triunfos. Eles estão escondidos atrás de cada erro.

Uma menina ruiva de repente sobe as escadas até a sala de estar do iate, aumentando a tensão. Ela belisca o caule de uma taça de vinho, o cabelo lustroso pendurado no ombro em cachos, usando um vestido verde de seda que é praticamente uma lingerie.

Eu puxo a gola da minha camisa, meu estômago se revirando.

Ela tem vinte e seis anos.

E é o encontro do meu pai.

Ver ela azeda meu corpo, especialmente quando ela se aproxima do meu pai e pressiona seus lábios contra os dele. Eu viro minha cabeça ao mesmo tempo que Ryke vira.

Passei minha vida inteira assistindo mulheres de todas as idades desfilando pela minha casa. Nunca uma vez ele as convidou para uma noite extra. Ele participou de todas as festas sozinho. Não importa se eu tivesse com cinco ou quinze ou vinte anos. Ele era solteiro em público. De noite, ele fazia o que queria.

Eu nunca perguntei por que ele se recusou a casar de novo ou até mesmo namorar. Mas agora que ele escolheu fazer isso com uma garota praticamente da idade de Ryke - isso só me deixa doente.

Eu tento respirar e minhas costelas doem. Eu preciso de ar.

Sem uma palavra, eu apenas atravesso as portas de vidro deslizantes, a lua

iluminando o convés. Eu desvio da jacuzzi no caminho para o corrimão.

Eu só…

Eu olho para o céu, cheio de estrelas, uma lua brilhante. E eu inalo o ar pegajoso, a dor dispara através dos meus pulmões quando eles se expandem.

Eu estremeço e descanso meus antebraços no corrimão, inclinado como se uma força estivesse sobre meus ombros. A gravidade está me puxando para o oceano. Me trazendo para baixo.

Eu ouço a porta de vidro abrir e fechar, mas eu não me viro para ver qual pessoa decidiu passar mais tempo comigo.

— Você se lembra da viagem às Ilhas Cayman? — Pergunta Lily, olhando para a água em reverência.

Meu coração bate forte, com uma batida extra, feliz que é ela. Aqui.

Comigo. — Quando nós tínhamos sete anos? — Eu penso fortemente, tentando lavar a névoa embaçada da nossa infância.

Ela acena com a cabeça. — Nossos pais fizeram uma viagem de negócios durante a semana e nos trouxeram nesse iate.

Começa a voltar para mim. Nós fomos para a maioria de suas reuniões em vez de ficarmos em creches. Apenas nós dois e uma tonelada de homens mais velhos que fumavam charutos. — Nós construímos um forte na proa com almofadas do sofá, — me lembro. Eu sorrio com imagem de seu corpo magro e grandes olhos. Ela era quieta e tímida e quando os mordomos chegaram para nos perguntar se gostaríamos de alguma bebida, ela sussurrava seu

pedido no meu ouvido.

Eu também não consigo lembrar de uma noite em que não dormimos na mesma cama. Festas do pijama inocentes. No começo, todas eram, e em algum lugar ao longo do caminho, nós mudamos. Eu me apaixonei por ela.

Ela sorri com uma lembrança. — Você costumava me dizer que se eu não

segurasse o corrimão, eu cairia do barco. Como se uma mola automática fosse surgir debaixo dos meus pés e me jogaria ao mar.

Eu aceno algumas vezes. — Eu não queria que você chegasse perto demais. — Eu estava com medo que minha melhor amiga se afogasse. Eu temia essa possibilidade mais que a minha própria morte quando criança. E

então uma memória maior é acionada. — Você percebe que éramos marido e mulher naquela época.

Ela estreita os olhos para mim, tentando lembrar disso.

Eu fico boquiaberto. — Você não consegue se lembrar do nosso primeiro casamento, amor? — Eu toco meu coração. — Estou ferido. — Foi logo antes da viagem às Ilhas Cayman. Nós estávamos apenas fingindo, mas depois de passarmos pela 'cerimônia' em nosso quintal, chamei Lily de minha esposa no barco. Meu pai até entrou na brincadeira, me dizendo para

'ir buscar minha esposa para o jantar', quando Lily estava demorando demais no chuveiro.

Nos nossos vinte anos, eu nunca pensei que estaríamos aqui novamente.

Com esses sentimentos mais intensos que os primeiros. Com amor mais poderoso. Um dia ruim pode se transformar em um dia melhor. E tudo o que temos que fazer é estar um com o outro.

Incapaz de esconder seu próprio sorriso, ela diz: — Nós éramos marido e mulher.

— Nós éramos. — Eu envolvo meu braço em torno de sua cintura, puxando ela para mais perto. E eu beijo o nariz dela.

Ela está brilhando.

E a pressão no meu peito, percebo que acabou. Simples assim.

Eu senti meu filho se mexer essa noite. É um pensamento que deixa toda irritação de lado. Por muito tempo, pensei que talvez ele não estivesse vivo.

Que talvez ele fosse ser arrancado de nós.

Eu reconheço agora o que é importante para mim. Ele. Ela. Nós três. —

Lil… — Eu olho para seus olhos verdes que brilham ao luar. — Eu estou casando com você de novo.

Seus lábios se separam. — O que? — Nós não trouxemos o casamento

desde antes da primeira recaída, mais de um ano atrás.

Eu me viro para ela e seguro suas bochechas em minhas mãos. — Algum dia nós vamos ter outro casamento, e vai explodir o nosso de sete anos fora da porra da água.

Seu sorriso se eleva, mas está cheio de mágoa e uma de suas lágrimas cai na minha mão. — Lo, — ela sussurra, — tudo bem se nunca acontecer, contanto que estejamos juntos... é o suficiente.

Eu estraguei tudo para nós quando recai. Ela acreditava em algo e depois eu esmaguei. — A Lily de sete anos de idade, amava ser casada comigo, —

digo a ela com um sorriso fraco. — Eu lhe dei um milhão de passeios nas costas.

— Você disse que é o que os casais fazem, — observa ela, com os olhos bem nos meus.

Minhas mãos caem para seus quadris. — Algum dia eu vou fazer isso certo de novo, — eu digo baixinho. — Promessas de mim não significam muito. —

Eu sei disso. — Então eu vou te dar algo melhor. — Eu a movo para trás de mim, e então eu facilmente a levanto nas minhas costas.

Eu posso sentir ela sorrindo enquanto ela envolve suas pernas em volta da minha cintura, seus braços em volta do meu pescoço. Eu a seguro debaixo dos joelhos e caminho em direção à proa. — Voe comigo, Lily Calloway?

Ela sussurra: — Só se fizermos de conta que nunca, nunca teremos que

crescer.

— Há um problema com isso, amor, — eu digo, a carregando de costas para o outro lado do convés.

— Qual? — Ela pergunta, e eu imagino suas adoráveis sobrancelhas franzidas.

Estou sorrindo mais do que sorri a noite toda. — Nosso faz de conta sempre acaba sendo real.

De nossos casamentos de faz de conta, ao nosso relacionamento de faz de conta - no final, tudo se torna realidade. E eu adoraria nunca, nunca crescer com Lily Calloway. Em um universo, seremos jovens para sempre.

{ 22 }

LILY CALLOWAY

Eu encaro firmemente as costas de Lo. Está despida e nua e me provocando.

Normalmente eu seria obrigada a pular nele. Estilo urso-coala. Agora, abril e de volta na Filadélfia, minha barriga ficou muito maior desde o aniversário de Daisy, tão grande que é um empecilho para todos os futuros passeios nas costas de Lo.

Ele se concentra na parede, passando um rolo de tinta pela superfície. Ele só tirou a camisa quando percebeu que vestia sua camiseta da Cobalt Diamonds, um presente do Connor. E como minha irmã, Connor se ofende completamente se você não cuida bem dos presentes dele. Ele não apreciaria um respingo de tinta azul no logotipo de sua empresa.

Meu espaço na parede parece patético em comparação com sua seção. Em minha defesa, tudo que estou usando é um pincel pequeno, e não ajuda que eu estou fazendo várias pausas. A cadeira de balanço está me chamando. Não só porque é a única peça de mobília no quarto, mas ela relaxa todos os meus músculos doloridos.

Sentada no chão, eu lentamente movo meu pincel contra a parede, não me importando muito em ser limpa ou pintar com perfeição. Meus olhos pousaram em uma nova beleza.

A bunda do Lo.

É linda.

Melhor que os ombros nus e musculosos. Então, novamente, sua bunda não está nua agora.

— Você está olhando para minha bunda, Lil?

Eu pulo de surpresa, tinta caindo no meu pulso. *Merda.*

Ele olha por cima do ombro, com um sorriso nos olhos.

— Você tem uma bela bunda, — digo a ele.

Seu sorriso vai para os seus lábios, e então seu olhar voa para a porta aberta. Do outro lado do nosso quarto de bebê, há outro.

Rose e Connor tiveram todos os seus móveis importados de alguma butique em Paris. Eles mudaram de ideia sobre os produtos da Hale Co. no

último minuto, e acho que isso tem a ver com a briga prolongada de Connor e Jonathan.

Rose se ofereceu para pedir alguns itens para nós, mas queremos apoiar a Hale Co., então todas as nossas coisas devem chegar em algum momento esse mês.

Vejo as paredes cor-de-rosa e o lustre cintilante pendurado no teto. Um quarto adequado para uma princesa. Nosso quarto está vazio, exceto pela cadeira de balanço da Hale Co. e a tinta azul suave.

Eu nunca tive um problema com o meu gosto simples, mas eu me preocupo que o nosso filho tenha.

Talvez ele devesse ter um quarto adequado para um príncipe.

Lo passa por mim até a porta, a fechando em silêncio.

— Talvez devêssemos contratar alguém para decorar? — Sugiro. Rose me deu três cartões de visita de vários designers de interiores. Ela não é tão sutil com suas dicas.

Nosso berçário ficará lindo, Lil. — Ele se aproxima, colocando as mãos nos meus ombros. — Quero dizer, pode não ter um lustre. — Seus lábios se levantam.

Eu sorrio também.

— Mas vai ficar perfeito, — acrescenta. — E se Rose tiver um menino, você pode apostar que ela vai ficar com ciúmes de tudo isso. — Ele faz um gesto para as paredes azuis meio pintadas. Minha irmã ainda está fingindo que o

destino está trabalhando a seu favor e que ela terá uma menina.

Porém, ninguém sabe. Ela não vai verificar.

— Ela tem que ter um plano B, se ela tiver um menino, — eu digo. —

Como algum tipo de decorador de plantão. Rose está sempre preparada.

Ele sacode a cabeça. — Eu não acho que ela tem. — Ele faz uma pausa. —

Você consegue imaginar a Rose segurando um bebê?

— Não, — eu digo honestamente. É uma imagem tão estranha. Ela até segura bonecos à distância, como se eles fossem crescer e começar a chorar e cuspir nela. Rose é anti-bebês, então o pensamento dela carregando um lindo e pequeno bebê com seus traços... é apenas... estranho. — Ela deve estar com muito medo, — percebo. Rose mantém muito dentro de si, então não é como se ela se andasse por ai com seus medos amontoados em seu peito. Eles surgem nas ações que ela toma, nos caminhos que ela percorre.

— Ela vai ficar bem, — diz Lo com mais segurança. — Ela pode ser uma rainha do gelo, mas ela deixa toda a sua programação se você precisar dela,

Lil, mesmo quando você não pede para ela. Isso é amor, sabe?

Altruísmo. Algo que Lo e eu estamos aprendendo. — Você acabou de elogiar minha irmã, — eu indico.

Seus dedos deslizam pelo meu pescoço, enrolando no meu cabelo curto. —

Eu sei, parece *tão* errado. — Ele acaricia os fios lavados, não oleosos.

Ontem, meu cabelo estava na altura das minhas axilas. Eu não era fã. Então eu peguei uma tesoura da cozinha e cortei de volta ao seu comprimento normal, descansando contra os meus ombros. Revistas já enlouqueceram com meu novo corte de cabelo ‘estragado’. Eu não sei do que eles estão falando.

Eu acho que parece melhor do que antes.

Eu olho para Lo enquanto ele se eleva acima de mim. Meus olhos voam para seus lábios. *Me beija.* O lugar entre minhas pernas pulsa por uma dureza que ele possui. Sua mão massageia minha cabeça de uma maneira sensual.

Um barulho ensurdecedor escapa da minha boca, e eu sinto vontade de me levantar e pressionar minha pélvis contra ele. Mas eu sei que minha barriga vai bater em seu corpo antes da minha metade inferior.

Eu não quero fazer sexo no quarto do nosso filho, mas eu quero fazer sexo com Loren Hale Eu percebo que estou segurando suas pernas, forçando-o bem aqui, ao meu lado. Ele puxa meu cabelo um pouco e outro som sai. Eu lentamente me levanto, meu coração acelerando colina acima. Eu vejo seus olhos seguirem meu corpo com um olhar inebriante. Sua excitação apenas aquece todos os lugares necessitados dentro de mim.

Nós fizemos sexo cerca de duas horas atrás, antes de começarmos a pintar.

— Eu sou insaciável, — eu digo as palavras que eu sempre soube.

— Você é perfeita, — ele respira, colocando uma mecha de cabelo atrás da minha orelha. — E depois de terminarmos essa parede, vou terminar dentro de você.

Oh meu Deus. Eu aperto minhas coxas juntas. — Você sabe que eu só tenho quatorze semanas… — Meus ombros se curvam para frente em arrependimento por fazer a data de nascimento parecer com o apocalipse do sexo. Mas parece assim. Com o nascimento, não posso fazer nada por seis semanas.

— Você está nervosa com a abstinência? — Ele me pergunta sério.

— Um pouco, — eu admito. Eu tenho sido monstruosa demais com o sexo ultimamente. Não posso imaginar não tê-lo por vinte e quatro horas. Seis semanas parecem ser uma eternidade. — Mas Poppy disse que eu não vou querer sexo, então eu tenho menos medo. — Ela disse que passar um bebê

pela minha vagina me deixará com pouco tesão, mas eu me preocupo que eu seja uma exceção a isso. — Tenho certeza que vou ficar tão estressada com

Maximoff que não vou me importar com sexo. — Eu franzo a testa. Porém, isso parece falso.

Quanto mais estresse eu tenho, mais sexo eu anseio. Eu fodo para

‘apaziguar’ minhas preocupações, me colocando em um estado de felicidade moderada.

Eu não encontro os olhos de Lo. Eu sei que eles estão cheios de preocupação autoritária. Eu apenas me concentro em seu abdômen e passo meus dedos nos gomos.

Suas mãos caem para meus quadris, segurando firme. Eu sinto vontade de estar mais perto, mas me contento em colocar as palmas das minhas mãos em seu peito nu. — Se qualquer coisa, — ele me diz. — Eu vou ser o único excitado. E você vai ter que me negar mais e *mais* por seis malditas semanas.

Eu sorrio fracamente. — Vingança?

Ele concorda. — Ah, sim. Para cada *não* que eu já tive que dizer pra seu lindo rostinho. — Ele aperta minhas bochechas e eu empurro sua mão para longe.

— *Seu* lindo rostinho vai ouvir muitos *não* então.

— Eu estou contando com isso.— Ele se inclina, fechando a lacuna entre nós. Seus lábios tocam o meu, me beijando suavemente e depois profundamente, me deixando acordada. Ele segura a parte de trás da minha cabeça enquanto eu provo seu hálito de menta.

Eu só separo quando o meu telefone vibra no chão. Lo volta à parede, mergulhando o rolo na tinta, enquanto eu verifico minha mensagem, voltando a me sentar no chão.

A máquina de expresso quebrou. A força não está conosco hoje. Quer que eu compre uma nova ou chame alguém aqui pra consertar? – Maya Eu faço uma decisão executiva. *Peça para alguém olhar primeiro.* Eu aperto enviar.

Descobri que uma das nossas funcionárias do turno da manhã no Superheroes

& Scones é um pouco desastrada, como eu, então pode ser apenas erro na hora de operar.

Percebo que perdi outras mensagens, alguns que deixei intencionalmente sem ler durante toda a semana. Mas eu clico nelas agora.

Existe alguma coisa que eu possa fazer para mudar isso? – Ryke *Essa porra é uma merda.* – Ryke.

Eu tomei a rota imatura do tratamento de silêncio na semana passada, mas

eu não tenho coragem de dizer a ele que eu tenho ficada excitada por sua presença e que eu me sinto nojenta por isso.

Embora as mesmas coisas aconteceram com Connor, só ocorreu duas vezes e parou por aí. Toda vez que vejo Ryke, eu me sinto estranha.

Lo disse a seu irmão para me dar algum espaço, então ele não me bombardeou pessoalmente, como ele normalmente faria. Ele está apenas me mandando mensagens, sendo agressivo à distância. *Em breve*, penso. Eu vou encarar ele. Mas não tão cedo.

O celular de Lo emite um som de pássaro.

— O que é isso? — Lo pergunta, seu rolo parando contra a parede. Eu troco meu celular pelo dele, um com capacidades de internet e aplicativos.

— Hm… — *Minhas notificações do Twitter no seu celular*. — ...Um pássaro? — Eu sou uma péssima mentirosa. Bem, isso não é verdade. Eu menti para a minha família toda por três anos. Eu suponho que sou péssima em mentir para o *Lo*.

— Lil, — ele diz em aviso.

— Não é o Tumblr! — Eu verifico avidamente o Twitter e percebo que alguém finalmente descobriu minha conta oficial. Uau. Meu terceiro tweet sobre Raisy foi retweetado mais de mil vezes. — Raisy está vivo! — Eu comemoro, saltando para os meus pés.

Lo me dá um olhar estranho e, em seguida, tira o telefone da minha mão.

Eu não me importo. Eu estou girando. Eu fiz isso. Nós conseguimos! —

Sem mais rumores de ménage, — eu canto-falo. — Todo mundo ama Raisy.

— Estou excluindo sua conta, — diz Lo, com a voz vazia.

Eu paro no meio do giro. Eu percebo que eu cantei em voz alta e *realmente* girei em um círculo. Minha pele esquenta. — O que? Lo, está funcionando...

— Você leu as respostas? — Suas maçãs do rosto estão afiando.

— Não… eu… celebrei cedo demais?

Ele acena com tensão e me entrega o celular de volta. — Exclua, Lil.

Eu passo por algumas das respostas, e minha emoção é abatida como um pombo no céu. E sim, eu mereço ser um pombo e não uma majestosa águia ou uma alegre gralha azul.

@littlehex99: *@lilycallowayX23 você com certeza está fodendo o Ryke e tentando encobrir. Aposto que a Daisy ainda está com aquele cara modelo, Julian. Ela não está??*

Não.

@Sherlock2Baby: *@lilycallowayX23 Eu disse isso desde o início!! Você*

AMA o Ryke!!! Você não pode nos enganar, Lily!!

Eu não estou tentando enganar ninguém.

@lotusflowwers: *@lilycallowayX23 você é uma vadia do caralho. Espero que você morra fodendo os dois caras ao mesmo tempo.*

Eu me encolho. Isso não é legal.

— Tem que haver alguma coisa boa aqui, — digo a Lo.

— Lil, por favor, apenas exclua a conta. Não vale a pena o estresse.

Eu não quero desistir ainda. — Deixe-me tirar uma foto sua, — eu digo. —

Eu vou twittar e ignorar todos os outros comentários.

Ele hesita por alguns segundos. — Só se você não responder aos tweets negativos.

Eu aceno vigorosamente e meu peito se expande com mais excitação.

Ele segura o rolo de pintura e, em vez de me dar seu meio-sorriso amargo, Lo dá um sorriso sincero e realmente atraente, com covinhas. Eu tenho que cruzar meus tornozelos para não latejar tanto lá embaixo. Eu tiro uma foto rápida e depois posto sem legenda.

As palavras podem ser distorcidas pior que as imagens. Embora as montagens minha no iate entre dois cachorros-quentes tivessem sido muito ruins.

Lo volta a pintar e eu me sento com o celular dele, entrando no *Celebrity Crush*, apenas uma leitura rápida de todas as manchetes.

Vídeo da briga épica de Ryke Meadows no México!

Os vídeos viralizaram. Lo diz que sempre que Ryke sai agora, as pessoas zombam dele - achando que ele é facilmente provocado. Todo mundo quer ver uma parte dois da luta. Para ele alimentar o entretenimento deles.

— O Ryke está bem? — Eu pergunto a Lo. Eu sei o quanto os paparazzi e o público em geral podem ser sufocantes. Mas se alguém conseguir lidar com ele, definitivamente é Ryke Meadows.

Lo brevemente olha para mim. — Por que você não pergunta a ele? — Seu tom é apenas um pouco afiado.

Preocupação infiltra minhas defesas. — Eu não estou atraída por seu...

— Eu sei que você não está, Lil. Você não precisa ficar me falando isso.

Não é pornô. Está tudo bem. Isso é o que eu preciso dizer a mim mesma.

Eu confiro outra manchete. *Ryke defende a honra de Lily Calloway no Aniversário da irmãzinha dela.*

Eu odeio essa. Porque é tudo verdade. Mas parece tão errado visto do lado de fora.

VÍDEO: Loren Hale e Connor Cobalt se beijam no México!

Eu me animo. Eu devo? Meu dedo passa sobre o link para o artigo.

— Lily, — Lo adverte.

— Lo, — eu digo de volta.

— Você está com esse olhar.

Eu pisco. — O olhar insatisfeito?

— Não, o que diz que você está prestes a fazer algo ruim.

Eu sacudo minha cabeça. — Nope. Não. Não vou… — Eu lambo meus lábios secos. Mas é *tão* tentador. Eu nem li os comentários dos fãs sobre o beijo porque evitei os vídeos por tanto tempo. Lo de repente rouba meu celular... ou melhor, o celular *dele*.

— Como você chegou aqui tão rápido? — Eu pergunto. Minha boca cai e meus olhos se arregalam. — Seu superpoder entrou em ação.

Sua testa se enruga enquanto ele olha para a tela do telefone. E então seus olhos voam para os meus. — Quando você me imagina beijando o Connor, quanto tempo dura? — Ele pergunta.

— Trinta segundos, — eu digo, sentindo minhas bochechas esquentarem, o que mostra minha mentira com muita facilidade. — Ok, na verdade é mais como um minuto... e pode haver alguma língua envolvida.

Lo suspira. — Lil.

— Eu tenho uma imaginação fértil. Não é minha culpa. É culpa do meu cérebro sujo.

Ele suspira, aperta a tela do celular e depois o vira para mim. Ai meu Deus.

Ele apertou o *play*. Eu estou assistindo o vídeo. Eu estou assistindo ele...

Eu estreito meus olhos. — Isso está embaçado.

— Nós estávamos em uma boate escura. Eles estão todos embaçados.

Não é exatamente breve, mas também não é muito longo. Os lábios do Connor e do Lo se encostam, e então eu tenho que estreitar os olhos para ver o resto. Eu mal consigo ver seus rostos. Mas eu vejo um par de mãos - no pescoço de Lo. Connor obviamente o guiou, então foi mais do que apenas beijar uma parede, mas é muito rápido para ficar obcecada. E tudo está granulado.

Meus ombros caem. Mas tudo bem, eu acho. Talvez seja melhor do que bem.

— Eu destruí sua fantasia?

Eu aceno com a cabeça. — Está arruinada.

— Que bom, — diz ele, se agachando na minha frente. Meus nervos se

iluminam apenas olhando para aqueles olhos âmbar fascinantes. — Como é essa realidade?

Eu sorrio abertamente. — Muito, muito melhor, — percebo.

LILY CALLOWAY

— Hale Co. é um império multibilionário, — repete Daniel Perth pela segunda vez enquanto subimos no elevador de vidro até o 75º andar. — Se vocês acham que estão sendo trazidas aqui para merda e risos, pense de novo.

Ele se parece tanto com o pai de Lo que sinceramente me pergunto se Jonathan Hale contrata pessoas com a mesma personalidade dele ou se seus funcionários simplesmente aprendem depois de um tempo. Quando Daisy e eu chegamos ao saguão há cinco minutos, Daniel se apresentou como um dos quatorze membros da diretoria. Ele está em seus trinta e tantos anos; tem um nariz proeminente, cabelo castanho macio e um terno muito caro. E ele não está de brincadeira.

Ele nos disse isso três vezes.

— Vocês estão prestes a conhecer o restante da diretoria. Apertos de mão e almoço. Fácil.

Amanhã eles vão se encontrar com o Ryke e o Lo. Eles queriam nos separar em duplas para que tivessem uma ideia melhor de como agiríamos sozinhas. Por enquanto, tudo bem.

Limpo nervosamente as palmas das mãos suadas nas minhas calças cáqui, minha barriga visível sob minha blusa de seda. Daisy se eleva ao meu lado com shorts azuis de cintura alta e uma blusa branca, sem sutiã. Ela teve seu gesso amarelo retirado em março, então seu pulso está decorado com pulseiras de ouro.

Ela está toda elegante, como se estivesse pronta para andar na passarela, e eu me sinto uma matrona pronta para afundar em um sofá e tirar uma soneca luxuosa. Mas eu estou aqui em uma missão: garantir que Loren e Ryke *não* sejam escolhidos como o novo CEO. Ambos passaram anos se esquivando dessa vida, e não há razão para eles terem que voltar a isso agora.

Eu posso dizer que Daisy vai ser uma competição difícil, mas eu tenho que ser melhor que ela também. Ela fez dezenove anos e já trabalhou a maior

parte de sua vida. O mundo corporativo não está chamando por ela. Não. Eu não vou deixar. Prioridades de irmã mais velha intactas, estou pronta para

impressionar.

Embora… eu nunca tenha impressionado ninguém. Minha marca é ficar ao lado da parede e me misturar com a tinta.

Isso será um desafio.

Daniel arruma sua gravata. — Nós temos a palavra final em qual de vocês se tornará o CEO, e não vamos passar o título facilmente. Quem escolhermos, será o rosto da empresa. — Seus olhos caem para mim. — E vai ter que ser *muito* convincente se você quiser ser essa pessoa.

Uma viciada em sexo como o rosto de uma companhia de produtos para bebês.

Eu posso ver porque isso pode ser um pouco problemático, mas eu tenho que colocar meu melhor pé em frente.

— Ela vai se sair muito bem, — diz Daisy com um sorriso brilhante. Ela coloca o braço em volta dos meus ombros.

Os olhos de Daniel finalmente migram para ela e se intensificam de uma maneira diferente. Minhas guardas de irmã se levantam cerca de trinta metros. *Não. Não. Não.*

— Você é encantadora, — ele diz como se estivesse arquivando a anotação na categoria "pontos positivos". Jonathan disse o que os homens pensavam sobre Daisy.

As pontas dos cabelos loiros estão tingidas de laranja, como o pôr do sol, e ela estiliza seus cachos para cobrir a cicatriz em sua bochecha. — Você é direto, — ela diz a ele.

— Querida, — diz ele, — todos os catorze de nós não vamos suavizar ao redor de vocês. Jonathan gosta desse jeito. — Seu olhar desce por suas longas, longas pernas. — Se você fosse dez anos mais velha, seria perfeita.

— História da minha vida, — Daisy murmura baixinho.

Eu queria ser mais alta. Mesmo que eu esteja entre eles, eles podem facilmente ter uma conversa sobre minha cabeça. Ela está de salto alto. Ele passa dos um metro e oitenta. E eu tenho apenas um metro e sessenta e cinco e um pouquinho mais. Ryke *não* apreciaria o olhar demorado de Daniel e agora meus instintos de amiga assumem o controle.

Eu tusso na minha mão, interrompendo o olhar dele.

—Sim? — ele me pergunta.

— Eu gostaria que você parasse de cobiçar minha irmã.

— É melhor ela e *você* se acostumarem com isso, — diz Daniel. — Vocês duas vão ser "cobiçadas" a partir de agora. — Ele até usa aspas no ar e seus

olhos se dirigem para a minha barriga. — E não se surpreenda se algumas das mulheres bajular você. Você não é apenas nosso público-alvo, mas você também está carregando o neto de Jonathan. Elas estão todas empolgadas.

Eu recuo em choque que essas mulheres ficariam *empolgadas* em me conhecer. — Esse é um adjetivo forte, — eu digo baixinho.

— É um correto, — ele me diz. — A maioria das pessoas ama Jonathan, e se pudéssemos consertar sua imagem, todos nós consertariamos. Mas é tarde demais para isso.

O elevador de repente apita. Estamos aqui. O septuagésimo quinto andar.

Quando as portas se abrem, vemos quatro mulheres, o resto homens, segurando taças de champanhe, garçons vagando por aí. Todos se viram e olham diretamente para nós. Suas expressões são severas, não-sem sentido, equilibradas e confiantes. Eles nos estudam imediatamente.

Daniel assiste nossas reações atordoadas e diz: — Bem-vindas à Hale Co.

*

O almoço começa, e eu quase instantaneamente perco a minha irmã nessa reunião. As mesas altas estão forradas com pequenos sanduíches e tapas. Eu aperto o caule de um copo de vinho, cheio de água gelada, e fico numa mesa no canto, longe dos holofotes.

É seguro aqui. Eu mastigo devagar, usando a comida como desculpa para não falar muito. Eu apenas aceno muito. Todas as quatro mulheres se reuniram comigo, e me perguntam sobre coisas de bebê, qual produto da Hale Co eu gosto mais. Coisas fáceis, mas eu suspeito que elas estejam anotando mentalmente as minhas habilidades 'agradáveis'.

— Eu gosto das cadeiras de balanço, — eu digo entre mordidas de sanduíche de pepino. As mulheres me encaram como se um rato tivesse falado. Eu tomo um grande gole de água. Eu secretamente quero levantar a mão e dizer *introvertida no prédio!* Mas isso não vai me ajudar.

Elas querem alguém como Daisy.

Os homens a amam de verdade. Ela já aprendeu a arte de bajular de sua carreira de modelo. Sete homens de meia-idade cercam minha irmãzinha do outro lado da espaçosa sala de conferências, janelas do chão ao teto com vista para a Filadélfia.

— Se tivermos uma coletiva de imprensa, como você lidaria com as perguntas? — A mulher mais velha me pergunta, redirecionando minha

atenção. Ela usa um vestido azul conservador, tem cabelo loiro curto e uma carranca intimidadora. Irene, ela disse que o nome dela era.

— Eu responderia com o melhor de minha capacidade, — eu digo, colocando uma mecha do meu cabelo atrás da minha orelha.

— Não faça isso, — Rachel me diz, uma mulher morena de um metro e meio. — A imprensa vai pensar que você está desconfortável.

Eu estou desconfortável. .

— Ela está desconfortável, — aponta Irene.

Merda. — É só coisa de gravidez. Eu não estou cem por cento. — Eu quase quero tocar minha barriga e agradecer a Maximoff pela fuga.

Irene não acredita. — Então, se eu perguntasse como Loren está, o que você diria para mim?

— Ele está ótimo, — eu digo, minhas bochechas esquentando.

— Você sempre fica vermelha assim?— Rachel pergunta.

Eu aceno, comendo devagar. Depois de uma engolida, todo mundo ainda olha para mim por uma resposta. — É, hm, uma coisa.— Ai meu Deus. Eu preciso de alguém para me salvar disso. Eu procuro pela sala e me detenho, percebendo que estou procurando por Lo.

— Uma coisa? — Diz outra mulher. Não consigo lembrar o nome dela.

— Você realmente se formou em Princeton? — Questiona Rachel.

Eu aceno com a cabeça.

— As notas dela foram deploráveis, — menciona Irene, — e é por isso que ninguém deveria ficar impressionado.

Nossa. A raiva bombeia para fora do meu peito. Passei *anos* trabalhando por causa desse diploma. Claro, eu tive muita ajuda, mas ainda trabalhei por isso. — Eu mereci essa graduação, — eu digo. — Passei em todas as minhas aulas e estudei para todos os exames. Eu posso não ter sido a pessoa mais inteligente da sala, mas pelo menos tentei e consegui.

Irene me encara por um longo momento, e estou prestes a me encolher debaixo de seu penetrante olhar cinzento. E então seus lábios se curvam. Em um sorriso. — Podemos trabalhar com isso.

Eu meio que soei como Rose um pouquinho, me defendendo. Eu internamente me dou tapinhas nas costas. *Bom trabalho, Lily.*

Rachel me faz outra pergunta, mas me distraio com a risada dos homens.

Daisy gesticula com as mãos como se estivesse contando uma história hilária, e eles estão ouvindo tudo. Um até coloca a palma da mão no ombro dela. Cai para as costas.

E então abaixa, deslizando até o ponto acima de sua bunda.

Não. *Não.*

Com licença, — murmuro, em uma nova missão. Proteger minha irmãzinha. Eu não ouço qualquer coisa que Irene, Rachel ou as outras duas mulheres dizem. Eu marcho até Daisy, meu pulso acelerado. Não ajuda que Maximoff resolva me chutar nas costelas *agora* de todos os tempos.

Ótimo. Simplesmente ótimo.

Daisy espertamente tenta sair do espaço do cara com a mão boba, mas ele se mexe com ela. Ela balança a cabeça para ele e os outros como se ela estivesse fascinada com a conversa. Percebo que o cara com mão boba tem óculos de armação grossa. Depois de ter visto *Heroes*, não confio em ninguém que use esses óculos em particular. Paranoica. Sim.

Mas eu fui uma irmã ausente durante a maior parte da minha vida. Eu pretendo vencer a Rose e Poppy pelo prêmio de melhor irmã mais velha, então eu me aproximo mais do lado de Daisy e tento colocar meu corpo entre ela e cara de óculos.

Sua mão cai das costas dela. Sucesso.

Eu internamente me dou um segundo tapinha.

E então cada homem olha para mim como se eu aparecesse do nada, e não apenas isso, eu vejo suas mentes se agitando. É como se estivesse impresso *ela é viciada em sexo* nos globos oculares deles. Eu sou uma espécie única, suponho, mas só aumenta o silêncio constrangedor.

Eu não tenho ideia de como mudar isso, nenhum plano sobre o que dizer depois que eu interrompi a conversa deles. Eu pensei que eu poderia entrar sorrateiramente, ser invisível, tirar a mão do cara de óculos e fugir.

Eu fodi tudo.

Mas Daisy é tão boa em integrar os introvertidos que ela envolve um braço em volta dos meus ombros e diz: — Eu estava contando a eles sobre a época em que testamos as bicicletas da Hale Co. quando crianças.

Eu me lembro vagamente disso, mas está perdido em uma piscina de outras memórias nebulosas.

— Eu tinha seis anos, — ela rapidamente pinta a imagem para mim, — e decidi andar de bicicleta sem usar o guidão. Eu bati na Range Rover de Jonathan ao lado.

Daniel, com seu cabelo castanho macio, fala. — Então você mudou e agora bate motos?

Todos os caras riem levemente, risadas de flertes, algumas até *nervous*.

Como se uma garota linda e confiante automaticamente os intimidasse. Isso é bizarro.

Daisy dá de ombros. — Eu gosto de ir rápido.

O cara de óculos olha pra mim. — E você, Lily? Você é mais cautelosa em sua abordagem?

Minha abordagem da vida? Todos os olhos se fixam no meu corpo e meu pescoço fica quente. E então Maximoff me chuta de novo, dessa vez na *bexiga*. Tão forte que não tenho oportunidade de me impedir. A água que eu tomei quando estava na outra mesa de repente vaza.

Meu mundo está em câmera lenta.

Todo mundo espera que eu termine minha frase enquanto uma mancha molhada brota na minha calça caqui. Ai meu Deus.

Estou mortificada. Isso está lá em cima... alto, *bem lá no alto*.

Eles não podem ver. Eles não podem ver. Eu oro para que meu rosto não

tenha ficado mais vermelho.

— Ela é mais analítica do que eu, — diz Daisy. Eu pego o olhar dela e ela olha para mim como se dissesse *você está bem?* Não. Nope. Daisy sorri para todos eles, tentando tirar a atenção de mim.

— Você é a irmã impulsiva? — O cara de óculos pergunta a Daisy, olhando para suas longas, longas pernas como o Daniel fez.

— Muito, — diz Daisy, — e eu sou tão impulsiva que tenho que levar Lily para longe de todos vocês. Desculpa. Nós só precisamos de uma pausa rápida. — Ela prende seu braço com o meu, e nós vamos em direção ao banheiro feminino. Estou praticamente correndo.

— O que há de errado? — Ela sussurra.

Eu sacudo minha cabeça. Eu não posso dizer ainda. Meu corpo está petrificado e calafrios correm pelos meus braços quanto mais eu revivo o momento em minha cabeça, em reprise. Meu rosto se esquenta mais a cada minuto.

Quando desaparecemos dentro do banheiro, Daisy fechando a porta, eu respiro fundo. — Eu fiz xixi, — eu deixo sair assim.

Daisy olha para a minha calça e usa um sorriso de dor. — Oh-oh.

Eu nem mesmo tomei coragem para olhar, mas eu tomo agora. O local está muito molhado na frente. Eu me vejo no espelho. E nas costas também.

Todos eles me viram fazer xixi. — Eu estraguei minhas chances.

—Todos sabem que você está grávida. — Daisy anda pelo banheiro, espreitando todas as cabines para certificar de que estão vazias antes de voltar

para mim. — Se eu fizesse xixi na minha calça, teria sido estranho.

É. Ok. Eu posso culpar o meu bebê. É culpa dele. Ai Deus, isso soa horrível também.

Daisy pega o telefone e coloca no viva-voz. Ela é a solucionadora de problemas nesse caso. Não importa que eu seja a mais velha. Nossos papéis costumam reverter, dadas as circunstâncias. Eu a ajudei a sair de situações e ela me liberou de muito mais.

Eu sempre me senti culpada por ela ter que agir como a irmã mais velha para mim. Mas eu acho que talvez eu estava errada esse tempo todo.

Uma de nós não precisa ser mais responsável do que a outra apenas por causa da idade. Nós duas somos vulneráveis. Nós somos fortes. Nós somos duas solucionadoras de problema.

Eu acho que, talvez, é isso que significa é ser irmãs. Levantando uma a outra quando a outra tropeça. Colocar nossas capas de super-heróis quando a outra precisa de nós. Nós duas somos humanas no final.

— Ei, — Daisy diz no receptor. — Você está ao redor dos escritórios da Hale Co. por acaso?

Espero que a voz gelada de Rose apareça, não essa: — Estou prestes a ir até Ralph Stover, mas posso passar aí se você precisar de mim. — Ryke Meadows. Ela ligou para a pessoa com quem eu estou em hiatus.

Meus olhos se arregalaram de horror para Daisy, e eu aceno minhas mãos para ela desligar, e eu gesticulo, *Não!* Daisy me dá uma olhada como se dissesse *essa é a única opção.* Mas o Lo... está trabalhando. Connor está trabalhando. Rose está trabalhando.

Todo mundo está trabalhando na terça-feira. Exceto o Ryke.

— Dais? Está tudo bem? — Pergunta ele. — Eu posso te buscar se você quiser ir embora mais cedo.

— Não, — ela diz rapidamente. — Não é isso. Você pode simplesmente pegar algumas roupas para a Lily...

— Não, não, não, — eu corto, minha voz aguda. — Está bem. Ele tem que ir encontrar Ralph Stover. Eu não gostaria de tirá-lo de seu amigo... — Eu paro

com o sorriso de Daisy.

Ryke me responde na linha. — Ralph Stover é um maldito parque estadual.

— Escalada, eu percebo. Ele estava indo escalar. — Do que você precisa, Lily? — Eu ouço uma porta se abrir do seu lado da linha, e me pergunto se ele já está no meu quarto.

Eu acho que estou um novo tom de vermelho chamado Carro de Bombeiro

da Vergonha. Eu abro minha boca para murmurar as peças de roupa, mas eu como ar.

— Um novo par de calças, — Daisy diz a ele facilmente. — E calcinha.

Eu gostaria de me desintegrar agora.

— Que porra aconteceu? — A preocupação se infiltra em sua voz áspera.

— Eumemijei, — digo tão rapidamente.

— Você mijou suas calças? — Ryke pergunta com questionamento, o som de uma gaveta deslizando.

Eu faço um barulho de aflição e descanso minha testa no balcão da pia, toda curvada. Daisy esfrega minhas costas.

— Ei.— Ryke tenta suavizar sua voz. — Está tudo bem. Eu estarei ai em um segundo, Lily.

Daisy segura o telefone perto da boca dela. — Você pode acelerar?

— Claro, — ele diz sem hesitação. — Eu sempre quebro essa porra de lei por você, amor. — É tão fofo que eu quase desmaio em vez de queimar, mas a humilhação está muito forte hoje.

Meus poderes de invisibilidade me decepcionaram, mais uma vez.

LILY CALLOWAY

Em um intervalo de cinco minutos, Irene nos consultou uma vez e dissemos a ela que alguém está passando para me trazer uma muda de roupa. Ela transformou sua carranca em um sorriso de pena para mim. Isso é o quão ruim isso está.

— Ele está subindo o elevador, — diz Daisy, verificando suas mensagens.

Eu abro a porta do banheiro um pouco e espio os quatorze membros da diretoria, que usam o tempo extra para conversar um com o outro.

— Ninguém foi embora ainda, — sussurra Daisy para mim. Ela espia pela parte de cima porta aberta enquanto eu me agacho abaixo dela. Ela está certa.

Eles ainda estão comendo, bebendo e sorrindo, o que é bom.

O elevador apita, e todos os membros da diretoria ficam quietos, giram para encarar as portas de correr de metal. Ryke emerge, vestindo uma jaqueta de couro de moto, fechada até o colarinho e uma mochila preta com fivelas no peito. Uma garrafa de água verde pendurada na alça inferior com um mosquetão.

Ninguém se aproxima dele. Eles são os que estão atordoados agora, não esperando que ele viesse aqui hoje.

Ele está basicamente entrando de penetra nessa festa do almoço, e ele age como se não ligasse pra merda nenhuma. Ele olha em volta e vê o banheiro onde nos escondemos. Então ele começa sua jornada até aqui, sem se apresentar ou até mesmo dar um tchau com a mão.

Embora ele decida pegar alguns mini sanduíches no caminho até aqui, comendo-os em uma mordida.

— Ele está se sabotando? — Eu sussurro para Daisy. Os membros da diretoria murmuram, fofocando sobre ele, e Ryke ignora tudo isso.

— Eu não acho que está. — Daisy se afasta da porta quando ele se aproxima, e eu faço o mesmo.

Ryke desliza para dentro e fecha a porta atrás dele.

Eu cubro meu rosto com minhas mãos, me recusando a encontrar seu olhar pensativo por várias razões. A primeira sendo: eu acabei de fazer xixi nas

calças. E ele pode ver as manchas.

— Então eles disseram que vocês iriam almoçar e eles trazem malditos mini sanduíches? — Ele xinga. Eu o ouço abrir a mochila no balcão da pia, grata por ele não estar anunciando minhas calças sujas ainda.

— Você vai ter que comer antes de vir aqui amanhã, — Daisy diz a ele. Eu espreito pelos meus dedos e a vejo pular na pia.

— É uma empresa multibilionária; eles poderiam ter encomendado sanduíches do subway.

Daisy usa um sorriso desonesto. — As damas não colocam 30 centímetros na boca.

Ai meu Deus. Eu estou sozinha com Ryke e Daisy. Raisy *Flertando*. Eu preciso de ajuda. SOS. Alguém me salve. Eu deixo cair minhas mãos e coloco uma mão no meu bolso atrás do meu celular.

Suas sobrancelhas sobem para ela, sua mochila bem ali. *Accio, minhas roupas!* Elas não pousam magicamente em minhas mãos. Harry Potter falha.

Eu realmente não sou uma bruxa.

— Calloway, — Ryke diz: — você nunca foi uma dama, e não tem nada a ver com colocar trinta centímetros em sua boca.

Ai, merda.

— Diga isso de novo, — ela sorri grandemente.

— Não! — Eu interrompo com olhos frenéticos. Ambos olham para mim e eu uso uma mão para proteger o meu olhar. — Eu não quero saber quantos centímetros sua... coisa tem. — Ele não pode ter trinta centímetros. Isso é muito grande.

— Eu não tenho trinta fodidos centímetros, — ele me diz. Graças a Deus.

— Lily, você pode olhar para mim?

— Eu não posso, — eu digo. Eu estou tentando manter meus 'pensamentos pervertidos' subirem. Eu não posso ficar excitada. Não. Eu não deixarei meu corpo sentir vergonha, culpa, vergonha e prazer de uma só vez. É a mistura mais tóxica e grosseira.

Eu sinto Ryke se aproximando, e eu vou para trás, meus ombros batendo na porta de uma cabine.

— *Lily*. Sou só eu. — Há dor em sua voz.

Eu engulo um caroço e lentamente deixo cair a minha mão. Ele está segurando minhas calças para mim, muito gentilmente. Daisy observa da pia e ela me dá um sinal de positivo. Algo me diz que ela planejou que fizéssemos as pazes agora mesmo - e talvez seja por isso que ela o chamou,

de todo mundo.

Como posso dizer isso em voz alta sem parecer estranha e esquisita?

— Talvez se você falar sobre isso, podemos limpar a porra do ar, — diz Ryke com as sobrancelhas duras. Ele nem sabe o que fez. Eu só estive me esquivando dele. — Aqui, pegue isso. — Ele empurra as calças para mim, e eu seguro minhas roupas limpas como um colete salva-vidas.

E então eu digo: — Eu sou uma pervertida.

Seu rosto cai. —Você não é uma fodida pervertida.

— Você sempre diz...

— Eu sou um babaca, — ele de repente me diz, lambendo os lábios. — Eu digo exatamente o que está em minha mente e, às vezes, não sai como pretendo. Você pensa coisas pervertidas? Sim. Mas eu também. Isso não faz nenhum de nós pervertidos. — Ele respira tensamente. — Eu não quero que você acredite que você é uma por causa de coisas que eu disse. Iria...

honestamente, iria partir o meu coração.

Talvez seus comentários tenha me afetado ao longo dos anos. — Eu não deveria tê-los levado tão pessoalmente...

Ele balança a cabeça algumas vezes. — Não. Eu não deveria ter dito essas merdas em primeiro lugar. — Ele solta um suspiro profundo, frustrado consigo mesmo.

Eu não quero que ele se sinta mal. Não é nem a fonte do porque eu tenho me esquivado dele. — Você não entende, — eu sussurro. Como posso dizer isso? Meu rosto se contorce em um estremecimento. E eu fico olhando para os pés dele, o vergonhoso calor girando em torno de mim. — Eu realmente sou nojenta. Quero dizer... eu tenho estado tão excitada ultimamente que quase qualquer coisa me excita, mesmo coisas que nunca excitaram antes.

O silêncio cai no banheiro.

— Que tipo de coisas? — Ryke pergunta, e eu quase posso ouvir as engrenagens clicando em seu cérebro.

Eu não posso olhar para eles.

— Nós? — Ryke pergunta. — Ou só eu? — *Ambos.*

— Eu sinto muito, — eu digo. Meus instintos gritam *recuar, recuar, recuar!* Então eu corro para a cabine e a fecho, meu coração batendo contra as minhas costelas.

— Lily...

— Você não precisa dizer nada. — Aproveito esse momento para vestir minhas roupas limpas, desdobrando as calças pretas e encontrando um par de

calcinhas roxas de algodão.

Eu não penso muito sobre o fato de que Ryke as pegou da minha gaveta.

— Então isso não tem sido sobre os rumores de menage então? — Ryke diz.

— Não. — Eu já aceitei esses rumores pelo que eles são. A velha eu, obcecada e afetada por eles, foi enterrada. Eu tenho evitado ele por causa de algo pior.

Ele continua falando comigo. — Olha, eu sei que você se sente mal com isso, mas você não deveria.

Eu franzo a testa, não esperando essa reação. Depois de me trocar, eu fecho minhas calças e saio da cabine, juntando minhas roupas sujas. Eu preciso ver o rosto dele.

No minuto em que faço isso, vejo apenas compaixão.

Daisy até parece empática. — Nós poderíamos ter diminuído isso. Eu não sabia…

Eu balanço minha cabeça ferozmente. — Não, essa é a última coisa que eu queria que você fizesse. Vocês são um novo casal. Vocês merecem aproveitar, e eu não queria tirar isso de vocês. Especialmente desde que Lo e eu não somos discretos. — Seria hipócrita dizer a eles para pararem quando Lo e eu estamos quase sempre nos tocando. Eu olho entre eles. — Por que vocês não estão com nojo de mim? — Eu sinto isso. É como se todos os poros precisassem ser limpos.

— Porque não é nojento, — Ryke diz com força. — É normal pra caralho.

As pessoas podem se excitar por qualquer coisa, até objetos inanimados.

— Mas eu conheço vocês… — Eu só não entendo como eles podem me olhar e não ver uma aberração? E por que isso é tudo que vejo quando me olho no espelho?

— Eu tenho uma confissão a fazer, — Daisy interrompe, levantando a mão enquanto ela está sentada na pia. — Quando eu era mais jovem, eu tinha uma queda no Lo.

Eu acabo sorrindo, e Ryke está olhando para ela tipo *que porra é essa?*

— Sério? — Eu digo.

Ela acena com a cabeça. — Eu achava que ele era muito gostoso.

— Quão jovem? — Ryke pergunta.

— Doze, treze, em algum lugar por ali. Ele foi minha primeira paixão.

Uma brisa fresca lava minha ansiedade enquanto começo a perceber que eu posso não ser tão diferente de todos os outros. Não extingue todas as partes

ruins, mas isso me faz sentir um pouco melhor de certa forma.

Ryke olha para ela com um olhar duro e sombrio. — Meu irmão mais novo foi a porra da sua primeira paixão.

— Se ao menos você me conhecesse naquela época, — diz ela, balançando as pernas.

Ele sacode a cabeça. — Fico feliz que eu não te conhecia naquela época.

Eu tinha vinte anos. — E então ele olha para mim. — Estamos bem agora?

Eu solto uma respiração profunda. — Eu acho que sim. — Duvido que eu me sinta *bem* em ficar excitada com suas sessões de pegação, mas pelo menos eu sei que não é a maior regressão da minha parte. Eu só tenho que acreditar que está tudo bem. O que Lo sempre diz. E tentar esmagar minha excitação. Estou feliz que meus hormônios talvez voltem ao nível normal depois que eu der à luz.

Pelo menos, eu espero que voltem.

— Bom. Eu senti sua falta pra caralho. — Ele sentiu? — Talvez você devesse

fazer xixi nas calças com mais frequência.— Ele quase sorri. Aí está o Ryke Meadows que eu conheço... e sim, eu também o amo.

Eu olho para ele, tentando estreitar meus olhos. — Não é engraçado.— E

então eu jogo minhas roupas sujas fora e vou para a porta, possuindo muito mais confiança do que eu tinha. Eu não tenho certeza de onde veio.

Provavelmente, veio tanto da minha irmã quanto do irmão do Lo. É estranho como outras pessoas podem te impulsionar para um lugar melhor do que você estava antes.

Ryke coloca sua mochila e a afivela no peito novamente. — Ok, eu estou saindo dessa porra.

Eu não quero mencionar como ele fez uma primeira impressão muito grosseira com a diretoria. É melhor que ele fique indiferente a isso para que eu possa vencê-lo.

Daisy pula do balcão da pia e diz: — Posso pedir outro favor antes que você vá? Não enlouqueça.

Ele a encara, interrogativamente. — O que é? — Eu não tenho ideia de onde ela está indo com isso.

Embora ela pareça nervosa, mexendo nos dedos. — Você pode… me beijar na frente de todos quando estiver saindo? — Ah, bom plano! Os homens vão perceber que ela *claramente* está com Ryke e eles podem deixar de ser tão mãos bobas.

— Por quê? — Ryke pergunta, tenso. Ele é inteligente o suficiente para

adivinhar, então os músculos de seus ombros já se tensionam.

— Quero que todos saibam que estamos juntos, — diz ela com um sorriso forçado.

Ryke vê através disso. — Qual desses fodidos caras está dando em cima de você? — *Todos eles.*

— Nenhum, — diz ela. — Alguns apenas tocam demais.

— Ah, é? — Ryke está fervendo. — Onde esses fodidos tocaram em você?

— Você disse que não iria surtar, — diz ela.

— Eu nunca fiz essa porra de promessa, — ele responde. — Há muitas razões pelas quais eu não quero você aqui, e essa está se tornando a pior de todas. Sem mencionar que você está começando a esconder sua cicatriz...

— Apenas esqueça, — ela o interrompe. — Desculpe por ter pedido sua ajuda.

Isso é o começo de uma briga de Raisy? Eu não vou deixar isso acontecer.

Eu me interponho fisicamente entre eles perto da porta fechada. — Eu vi os homens, — digo a Ryke, mudando sua atenção para mim. — E eles realmente não eram tão ruins assim, mas eu acho que seria uma boa ideia se eles fossem lembrados de que vocês dois se amam.

Os músculos da mandíbula do Ryke se flexionam. — Talvez eu devesse ficar pelo resto do almoço.

— *Não*, — diz Daisy. — Você tem que confiar em mim.

Depois de alguns segundos, ele concorda. — Ok.

Eu exalo. Graças a Deus.

Ele coloca uma mão na cabeça dela. — Essa porra está me matando. — Ele odeia vê-la nesse mundo. Depois dessa tarde, eu também. Há algo sobre Daisy que parece muito contido e antinatural em um ambiente corporativo.

Não é a verdadeira ela, não completamente. Ela não pode subir em mesas e fazer discursos. Ela não pode fazer cambalhotas ao longo do tapete.

Ela não pode gritar a plenos pulmões.

Ou correr nua pelo corredor, ninguém a contendo enquanto ela corre o mais

rápido que pode.

— É melhor assim, — ela respira.

— Em que mundo, Calloway? — Ele pergunta. — Porque no meu, você é livre.

Eu dou um passo à frente primeiro e seguro a maçaneta, esperando por eles. Então Daisy acena para mim como se dissesse *estou pronta.* E quando abro a porta, todos entramos na sala de conferências.

— Eles estão de volta, — Daniel exclama, levantando o copo para mim.

Todo mundo não está olhando para mim com vergonha ou pena. Todos eles apenas sorriem, falam e me chamam para uma das mesas altas. Agindo de forma madura sobre todo o tormento. Eles são adultos. Eu sou a única tentando se encaixar.

Enquanto eu vou até Rachel e Irene, vejo Ryke e Daisy pararem no meio da sala. A linguagem corporal dele diz que ele está dizendo tchau antes de sair. E a mão dele está perdida nos cabelos dela, depois de um breve olhar de *vou te foder,* ele dá um beijo nela de língua.

Eu olho para longe antes que meu corpo responda, e eu planto meu olhar no bando de homens perto da mesa alta. Alguns recuam, embora a maioria dos dez homens ficam de cabeça erguida. No momento em que Ryke se afasta de Daisy e começa a caminhar até o elevador, ele lança aos homens um dos olhares mais raivosos e territoriais. Agora, mais do que alguns caras dão um passo para trás.

Mensagem recebida.

— Eu vou dar isso a ele, — diz Irene, se aproximando de mim enquanto Ryke desaparece no elevador, — ele sabe como fazer uma entrada e uma saída.— Ela bebe seu champanhe. — Assim como o pai dele.

Eu não tenho ideia de quem vai ganhar isso, eu percebo.

Se eles se acostumarem com a personalidade do Ryke, então estamos todos

ferrados. O futuro CEO da Hale Co. poderia ser qualquer um de nós. Se eu aprendi alguma coisa hoje, é que o relacionamento de Ryke e Daisy não sobreviverá se um deles assumir essa posição.

Tem que ser eu.

{ 25 }

LOREN HALE

— Como foi? — Lily me pergunta.

Ela escolheu depois que fizemos sexo e tomamos banho (separados) para trazer a tona a minha reunião com os membros da diretoria da Hale Co. há algumas horas.

— Eles já estão gravando meu nome na porta, — eu digo, mostrando um sorriso seco enquanto seco meu cabelo.

Seus lábios se retraem, não exatamente empolgada com essa possibilidade.

— Você realmente não quer, não é? — Ela coloca shorts de algodão e puxa uma camiseta larga para dormir.

— É o meu destino, — eu digo dramaticamente, tocando meu peito.

— Estou falando sério, Lo, — ela sussurra, os olhos no chão por um segundo.

É mais fácil brincar com isso. Amarro o cordão da minha calça de moletom e lembro de como todos os membros da diretoria me trataram essa tarde. Eu entrei com a mesma expressão irritada que eu sempre uso, e eles não estavam com medo de mim. Eles ouviram tudo o que eu tinha a dizer. Nunca desconsiderando meus comentários. Pareciam sempre interessado. Foi estranho. E, no final, percebi que meu pai deveria ter dito a eles que me tratassem bem. Algo que eu nunca pensei que ele faria.

Isso me deixou desconfortável a noite toda. Eu não ganhei esse respeito.

Foi apenas entregue para mim. Meu pai sempre me ensinou a trabalhar duro pelo que eu tenho, e para ele simplesmente passar isso para mim - isso vai contra muitos anos de gritos e palestras.

Eu a puxo para o meu peito nu. — Eu sou grato por essa oportunidade. —

É tão ensaiado como soa, mas em algum lugar debaixo do medo *dessa* vida

que eu sou destinado a viver, eu sou grato.

Eu tenho a garota e a criança, o dinheiro e a casa. Amigos e uma família.

Nada disso tem que mudar quando eu assumir a Hale Co. - a menos que eu me transforme em meu pai. Estar perto dele sempre magnetiza nossas semelhanças. Eu não tenho ideia se a vida corporativa vai me empurrar para a

bebida, algo que Connor e Ryke temem. Inferno, algo que *todos* provavelmente escreveram em pedra.

Eu só me preocupo que em vinte e quatro anos, meu filho estará sentado onde estou, pensando em todos os erros que *eu* cometi. Como *eu* fodi a vida dele, da mesma maneira que eu vejo o meu pai.

Eu só espero que eu não esteja andando por um caminho que leva até lá.

— Você foi bem? — Diz Lily, com as sobrancelhas franzidas de uma maneira adorável.

— Honestamente… — Eu envolvo meus braços em volta de sua cintura.

— Eu não tenho ideia. — No começo, eu pensei que Ryke tivesse bombardeado a reunião já que ele disse a *dois* caras para ‘se foderem’ quando eles falaam sobre Daisy. Mas as mulheres se aqueceram para ele, sinal de que gostaram de sua proteção e consideraram isso um atributo positivo.

Mesmo que estejamos ‘trabalhando juntos’ agora, gostaria que Ryke fizesse algo pior. Então eu teria uma ideia de quem está na frente.

— Pelo menos você não fez xixi nas calças, — sussurra Lily, suas bochechas avermelhadas.

Minhas mãos sobem para seu rosto quente, sua vergonha e ansiedade se infiltrando em mim. Cristo. — Ninguém sequer mencionou isso hoje, amor.

— Eu gostaria de poder remover todas as emoções desconfortáveis de seu corpo.

— Sério? — Seus lábios se levantam. Seu ombros também.

Isso foi fácil. Eu sorrio. — Sério...

Nossa porta do quarto voa aberta. Sem bater. — Reunião de emergência,

— Rose declara, vestindo um roupão preto, o cabelo em um rabo de cavalo.

Ela age como se tivéssemos a convidado para uma noite do pijama, indo para o sofá de veludo roxo contra a parede. — Por que está tão escuro aqui? —

Ela se senta e franze a testa para o lustre fraco acima da nossa cama, como se não estivesse fazendo o seu trabalho.

Eu ignoro sua última declaração e vejo o relógio. Meia noite. — Você está convocando uma reunião durante a hora das bruxas. Tentando aproveitar sua magia negra, Rose?

Ela estreita os olhos verde-amarelos para mim. — *Eu* não convoquei essa reunião de emergência. — Eu franzo a testa, observando ela se mexer desconfortavelmente no sofá, esmagando um travesseiro atrás das costas. Ter uma barriga de grávida não a fez parecer menos malvada.

— Então, quem convocou?

Lily sai do meu aperto, usando um sorriso culpado.

— Lil… — eu digo devagar. *O que está acontecendo?*

— Enquanto você estava na Hale Co., eu estava fazendo algumas pesquisas. — Ela vai para a nossa mesa. — Eu tenho anotações...

Eu ainda estou confuso.

— Connor está trazendo a acusada, — diz Rose em voz alta.

E então Connor bate na moldura de madeira, em pé na porta com sua gata laranja, enrolada em seus braços. — A reunião começou? — Ele pergunta.

Ótimo. Todo mundo sabe o que diabos está acontecendo, menos eu.

Eu me concentro em Sadie, sua gato. — Isso é sobre a gata? — Eu questiono, me sentando na beira da cama.

— Sim, — diz Lily com um aceno de cabeça, indo para o meu lado com um punhado de anotações rabiscadas em vários post-its rosa.

Connor olha para o lustre. — Por que está tão escuro aqui? — E então ele aperta o interruptor de luz, iluminando o quarto tanto que eu estreito meus olhos. Jesus Cristo.

— Melhor, — Rose diz a ele.

Lily observa Sadie, intensamente, e ela volta para a cama, levantando as pernas do chão. Eu entendo a paranóia dela já que Sadie chiou para ela várias vezes.

Connor se senta ao lado de sua esposa, e então ela se espreguiça, descansando as pernas no sofá como se fosse um divã, e ele coloca uma mão nas panturrilhas de Rose. Ela parece dez mil vezes mais confortável. E estou dez mil vezes mais ciente de que essa não será uma breve discussão.

Rose está com o celular na mão, percorrendo suas próprias anotações. —

Antes de discutirmos Sadie, precisamos conversar sobre as panelinhas nessa casa.

De que diabos ela está falando? Eu inclino minha cabeça para Connor por respostas.

Ele coça atrás das orelhas de Sadie e eu não consigo entender como uma gata normalmente hostil é submissa a seus cuidados. — Nós ligamos para vocês dois para saber como foi na Hale Co. e ninguém respondeu.

Lily levanta a mão como se estivesse na aula. — Eu raramente atendo meu telefone.

— Sim, — eu digo com uma careta mais profunda. — Nós mal conversamos

ao telefone um com o outro. — Eu coloco minha mão entre o meu corpo e a Lily, que agora está sentada atrás de mim. Ela segura na minha

cintura e espreita por trás do meu bíceps, evitando seriamente essa maldita gata.

— É como se tivéssemos ficado de fora de discussões importantes, — diz Rose sem pensar duas vezes. Aposto que ambos prepararam e repassaram toda essa conversa antes de abordar o assunto. — Como no outro dia, *Ryke* mencionou como a Lily tem tido dificuldades com seu vício. Onde eu estava pra essa conversa?

Eu abro minha boca para responder, mas ela já tem uma resposta.

— Eu vou te dizer onde. — Ela se inclina para frente. — *No andar de baixo.*

Jesus. Essa não é a primeira vez que ela se queixa dos arranjos do quarto.

Ela quem escolheu o master no andar principal. O quarto maior com o maior banheiro com o maior armário. Ryke não se importou. Daisy não se importou. Lily não se importou. Eu me importei no começo, mas deixei para lá depois que vi a quantidade de camisas prensadas que Connor possui.

Agora ela está preocupada em ser ‘excluída’ do resto de nós que dormimos no segundo andar. Eu pergunto: — Você realmente acha que é uma questão de proximidade? — Talvez ela esteja reclamando porque Lily e Daisy estão se aproximando, e isso a assusta - ficar de fora. Se transformando em Poppy Calloway, que prefere estar com o marido e a filha do que passar tempo com as irmãs.

Rose não quer isso. Ela deixou isso *bem* claro.

Ela levanta a mão para me silenciar. — Se não é proximidade, então significa que ambos favorecem o Ryke e a Daisy em cima de nós, e eu estou dando a vocês o benefício da dúvida.

Eu olho para Connor como se dissesse *qual é.* Ele não pode concordar com ela.

— Eu não acredito que vocês tenham favoritos, mas é frustrante, até mesmo para mim, receber informações mais tarde do que eu gosto.

Eu examino o quarto com meus braços estendidos. — Eu não vejo Ryke e Daisy em *lugar algum* para essa conversa.

Rose fica mais ereta. — Isso é porque estamos no segundo andar.

Lily fala: — Você quer trocar de quarto com a gente?

— Não, — diz Rose.

Connor acrescenta: — Isso não resolve nada.

Eu reconheço agora que somos nós que unimos Ryke, Daisy, Connor e Rose juntos. Eu sinto Lily se ajoelhar atrás de mim, seus lábios perto dos

meus ouvidos. Ela sussurra muito depressa: — Somos os populares. — A surpresa em sua voz quase me faz sorrir incontrolavelmente.

Eu não consigo lembrar de ter essa demanda.

— Isso *não* é divertido, — diz Rose, cruzando os braços em irritação. Mas ela não consegue fazer a ação com sua barriga de grávida, e ela rosna em frustração.

Connor esfrega seus tornozelos e ela acalma um pouco.

Eu meio que me sinto mal. Quer dizer, não estamos intencionalmente tentando tirar alguém de nossas vidas. Quando estávamos no auge de nossos vícios, fizemos isso intencionalmente, o tempo todo. Agora, na verdade, estamos tentando ser inclusivos. — Vocês dois normalmente só se inserem,

— eu digo a eles.

Rose cruza as mãos no estômago. — É mais difícil quando você pode correr para outras pessoas com seus problemas.

— E só para lembrá-lo, — diz Connor em seu tom fluido, — Rose e eu

somos gênios certificados. Podemos resolver problemas mais rapidamente que o cérebro humano médio. Se você é esperto, você aproveitaria isso.

— Eu não tiro proveito das pessoas antes do terceiro encontro, — eu brinco.

Seus lábios se levantam em um sorriso. — Nós já nos beijamos. Acho que já passamos desse ponto. — O beijo no México - está explodindo nas redes sociais, e isso está causando mais especulação para Connor e para mim do que eu pensava.

— Você está bem...? — Eu paro porque de repente percebo que estou perguntando a Connor Cobalt se ele está bem. A expressão autoconfiante que ele tem é inestimável.

— Claro que estou, — ele me diz.

Estou feliz, mas gostaria de saber se haverá um dia em que ele irá me mostrar mais de suas cartas. Eu me pergunto se sempre serei apenas a

‘responsabilidade’ em seu jogo de xadrez.

— Vamos nos mudar para um dos quartos de hóspedes, — Rose de repente deixa escapar, retornando a conversa ao seu ponto focal.

O queixo de Lily cai comicamente.

Eu pergunto: — Você vai desistir do seu closet gigante?

— Eu ainda vou guardar algumas das minhas roupas naquele closet, mas todos os meus itens essenciais estarão em nosso quarto permanente no segundo andar.

Connor acena, concordando.

Uau. Rose ama a Lily o suficiente para sacrificar o espaço do guarda-roupa e um banheiro com o dobro do tamanho do que ela vai usar agora. É uma declaração enorme, e Lily está atordoada em silêncio atrás de mim. E então ela rasteja para fora da cama e arrisca um ataque de Sadie para abraçar sua irmã.

— O que você está fazendo? — Rose diz com os olhos arregalados como se Lily estivesse prestes a queimar sua coleção de saltos.

— É assim que eu mostro meu amor, — diz Lily com um aperto.

Rose responde com um tapinha firme nas costas, e as duas sussurram algo uma para a outra que parece com um *eu amo você.*

Então Sadie assobia para as garotas.

Lily grita e se lança de volta para a cama, o colchão saltando abaixo de mim.

— Calma, amor, — eu digo a ela, cautelosamente observando enquanto ela rasteja para atrás de mim. Primeiro, minha preocupação aumenta, já que ela está grávida pra caralho, mas depois ela sobe nas minhas costas, assustada. E

eu não deveria estar sorrindo para o medo dela... mas a Lily é muito preciosa quando ela me usa como uma rede de segurança.

— Sadie odeia abraços, — diz Rose. — Uma mulher do meu próprio coração. — Ela dá um tapinha no colo, e Sadie se enrola em cima da barriga de bebê e ronrona.

— Olhe para isso, vadias se reúnem, — eu digo, me arrependendo no momento em que escapa.

Connor arqueia a sobrancelha para mim, um pequeno aviso defensivo, um que Rose não nota porque ela me dá um olhar mortal de proporções gigantescas. Eu mereço esse.

— Lily, — diz Rose. — Eu estou dando a palavra para você já que Loren abusa dela.

“— Ai, — eu digo secamente.

Lily limpa a garganta e espia de trás do meu braço, lendo suas anotações.

— Depois de navegar na internet, chegou ao meu conhecimento que gatos e recém-nascidos não se dão bem. — Esse fato não é surpreendente.

Rose enrijece mais, e ela protege a Sadie. Connor estuda sua esposa com mais intensidade do que antes - tudo isso não faz muito sentido para mim. Eu entendo que Rose se tornou carinhosa com Sadie - bem, tão carinhosa quanto Rose consegue ser com qualquer coisa.

Mas ela tinha que saber sobre essa coisa de gato e bebê. Ela provavelmente fez várias pesquisas sobre isso.

Lily continua quando ninguém interrompe: — Há casos em que gatos sufocam os bebês em seus berços. E eles até sugam a respiração do bebê.

—O que? — Eu digo, me virando para observar as anotações que Lily fez.

— Eu vi videoclipes, — Lily sussurra. — Eles gostam de cheirar o leite do bebê e sugá-lo de suas bocas. — Eu não estou bem com isso. Eu sinto meu rosto começar a afiar.

— Eu falo em nome da acusada, — Rose interveio. — E essas alegações são *todas* lendas urbanas.

Eu fico boquiaberto com ela. — Você realmente vai permitir *essa* gata ficar ao redor do seu bebê? Lily tem... — Eu conto os post-its dela. — Sete anotações...

— Oito! — Diz Lily, acenando outro post-it rosa. — Eu estava sentada em um. — Sua pele se mancha com manchas vermelhas.

Eu a abraço ao meu lado. — *Oito* anotações. Isso é prova suficiente. — Eu espero por Connor para pular e falar em nome da Rose e do seu animal de estimação, mas ele fica quieto, como o juiz.

Eu tenho uma suspeita de que ele vai fazer o veredicto final de qualquer maneira.

— Vamos manter Sadie fora dos berçários, — Rose diz. — E eu vou a acostumar com os recém-nascidos antes deles chegarem.

— Como? — Eu questiono.

Ela digita alguma coisa em seu celular e depois a segura para a gata malhada. Os sons de um bebê chorando ecoam pelos alto-falantes. Sadie arqueia a espinha e *bate com a pata* no maldito telefone na mão de Rose, chiando para ele.

Lily se agarra mais a mim, e minha boca cai, imaginando isso como meu filho e não como um celular. — *De jeito nenhum*, — eu forço.

Rose tenta acalmar Sadie com um tapinha na cabeça. — Eu sei. Esses são barulhos horríveis.

Connor de repente se levanta e pega Sadie pelo torso. — Ela não pode ficar nessa casa com crianças pequenas, Rose. Ela é uma gata ciumenta, e se ela sentir uma mudança em nossas afeições, ela vai descontar nelas.

— Eu não estou abandonando a Sadie porque ela é territorial. — Rose fica de pé e desafiadoramente coloca as mãos em seus quadris.

— Eu não estou pedindo para você abandonar ninguém, — diz Connor. —

Daremos Sadie a Frederick por alguns anos e então ela poderá voltar e ficar conosco.

Isso parece um bom plano para mim. — Seu terapeuta ficaria com ela?

Connor acena com a cabeça. — Ele é solteiro e pode usar a companhia.

Rose não quebra o olhar do Connor. — É por isso que eu não gosto de crianças, Richard. Já estamos sacrificando coisas que amamos e o bebê ainda nem nasceu. Em quinze anos, eu não quero olhar para trás e ver o quanto eu perdi… — *É um pouco tarde para isso.* Ela deve estar pensando nisso porque se interrompe e toma uma respiração tensa e em pânico.

Meus medos não se alinham com os de Rose. Talvez porque eu nunca fui ambicioso, tinha aspirações maiores que a vida. Eu não posso ver coisas que meu filho pode tirar de mim porque não há nada para Maximoff tirar.

Connor coloca a Sadie no chão e ela sai correndo pela porta. Eu o vejo apertar a mão de Rose na sua. — Você não perderá nada que você não pode

ganhar, — diz ele. — Você faz sacrifícios todos os dias por suas irmãs. Você acabou de fazer um hoje, querida. — Ele está falando em desistir do quarto.

— E no final, esses sacrifícios valem o amor que você receberá.

— Diz o homem que costumava desprezar o amor, — ela retruca.

Sua boca se curva em um sorriso. — E eu nunca quis um filho por amor, não até eu me apaixonar por você.

O que? Eu interrompo: — Por que diabos você iria querer uma criança então?

Rose suspira como se estivesse expelindo seus medos. — Porque ele é completamente egoísta e gosta da ideia de procriar por *poder*.

O sorriso de Connor toma seu rosto. Ele beija a testa dela e acrescenta: —

Nós já somos um oitavo do império Cobalt, querida. Mais sete para ir.

Ela o perfura com seu olhar. — Isso ainda está a ser determinado. Não termine o livro antes que esteja escrito, Richard.

Barulhos altos de repente emanam do outro lado do corredor. Eu franzo a testa. — O que foi isso? — Todos nós ficamos quietos, ouvindo.

Gritos abafados... e berros.

Lily sai correndo do colchão. — Eles estão brigando, — diz ela em alarme, correndo para o corredor. Rose é rápida em ir atrás de Lily, mais curiosa do que assustada como minha namorada.

Lily está muito envolvida no relacionamento do Ryke e da Daisy, e eu estou rezando para que eles fiquem juntos apenas para evitar as consequências emocionais que vão acontecer para Lily.

Connor e eu seguimos as garotas *andando* em vez de correr e saltar histericamente pelo corredor. No momento em que chegamos ao quarto de Ryke e Daisy, Rose e Lily já estão com as orelhas pressionadas contra a porta de madeira.

— Elas são fofoqueiras pra caramba. — murmuro, e as duas garotas me silenciam. Não é como se não pudéssemos ouvi-los de pé aqui.

— Pare de ser tão insistente sobre isso! — Daisy grita.

Sua voz alta me corta de maneiras que não posso processar. Eu nunca a ouvi gritar assim. Eu cerro meus dentes, uma parte estranha de mim querendo estrangular meu próprio irmão. A parte maior confia nele totalmente, e eu conto com essa parte para me manter aqui.

Connor, casualmente, inclina o ombro contra a parede. — Sabíamos que isso ia acontecer, — ele me lembra.

Mesmo assim, parece pior do que eu imaginava.

— É um simples *fodido* fato, Dais, — Ryke retruca . — Você não quer ir, então você não vai, porra. Feito.

— Grande teoria, — ela diz fervorosamente. — Então, se eu não quiser levar minha moto na oficina amanhã, tudo bem. Eu não tenho que ir, porra.

— Sua moto está fodida. *Tem* que ser consertada.

— Teoria desmentida então.

Ryke rosna em agitação.

Os olhos de Lily estão tão largos quanto pires, e eu vejo ela estender a mão para a maçaneta da porta como se ela fosse intervir. Eu rapidamente corro para ela e aperto seu pulso.

— Lo, — ela sussurra como se dissesse *temos que fazer alguma coisa.*

— Todos os casais brigam, — eu a lembro.

Ela não pode responder porque a voz de Ryke fica mais alta. — Não é disso que se trata! E você sabe disso, porra! — Eu tenho recebido o comportamento agressivo de ‘amor forte’ do Ryke, e nem sempre é divertido.

Porém, é difícil se comunicar com a Daisy, então não tenho ideia de quem está certo ou errado aqui.

— Isso soa ruim, — Lily respira, e com a mão em seu pulso, sinto seu pulso acelerado. Seu vício em sexo prejudicou a vida de Daisy de maneira significativa e irreversível, e Lily está se agarrando a essa coisa boa que Daisy tem.

Enquanto eu amo meu irmão, Daisy pode existir sem ele e ainda funcionar e encontrar a felicidade. Eles não são nós - codependentes demais - e eu

agradeço a Deus, ao destino, quaisquer poderes que sejam, por isso.

— Shhh, — Rose diz, ouvindo novamente.

Todos nós nos calamos ao som de uma batida violenta, de um corpo em uma peça de mobília. Eu congelo e ouço os sons seguintes: um grito estridente da Daisy. — Ahhhhh! Ryke, *Ryke!*

Merda. Eu me encolho internamente aos ruídos sexuais *dela*.

E então um grunhido profundo atravessa a porta. Lily e Rose se afastam da madeira como se estivesse eletrocutado elas.

Eu dou a Lily um olhar que diz *realmente soa ruim?* Para mim, sim, não é com o que eu gostaria de adormecer, mas é melhor do que gritaria.

Lily está radiante, e ela levanta dois punhos no ar e faz um pequeno círculo de vitória no meio do corredor. Quando ela percebe que ela está fazendo isso *de verdade* e não em sua cabeça, ela fica vermelho brilhante. — Oh...

Eu seguro sua camiseta larga e a puxo para o meu peito, a segurando com força. Seus olhos verdes estão grandes e redondos e olham para mim com saudade e luz.

THá algo na Lily que faz com que todas as partes terríveis de mim pareçam irrelevantes. Isso transforma um dia ruim momentâneo e um bom dia infinito.

É um amor como esse pelo qual vale a pena viver.

LILY CALLOWAY

— Lily! Estamos prestes a começar! — A voz de Rose soa no primeiro andar.

— Dois minutos! — Eu grito de volta, me concentrando nas pilhas de roupas limpas. A lavanderia pode ser tão grande quanto o closet *antigo* da Rose, mas eu ainda tenho que separar as camisas e calcinhas das minhas irmãs. Rose, Daisy e eu geralmente colocamos nossas roupas juntas e deixamos os caras se virarem sozinhos.

Eu nunca lavei minha roupa com as do Lo, nem mesmo quando éramos namorados falsos e compartilhamos um apartamento. Não é que fosse muito íntimo. É que nós dois estávamos com preguiça de incomodar a outra pessoa pelo cesto dela e qualquer outra roupa suja por aí.

Tenho cem por cento de certeza que Connor lava a sua própria roupa e ele até lava a de Lo de vez em quando. Eu suponho que Ryke lave a sua também, mas eu nunca o vi *passar* por este quarto, muito menos se aventurar dentro dele.

Me sento no chão frio de linóleo e dobro as calcinhas, algo que eu não sabia que precisava ser feito. Quando eu devolvi as calcinhas de Rose para ela toda amassada ao lado de suas blusas bem dobradas, ela me deu um olhar sério e desaprovador. Como eu deveria saber que você dobra a roupa de baixo? Elas não desamassam naturalmente quando você as coloca?

Rose não estava comprando meu argumento. Então, aqui estou eu, tomando o meu tempo para separar nossos pijamas e calcinhas e (sem entusiasmo) dobrá-las.

Eu deixo de lado a calcinha de algodão de ‘dia da semana’ da Daisy e foco na grande pilha. Eu aplico o método esticar-o-braço-e-pegar, sem saber o que virá a seguir.

Quando pego um tecido de algodão escuro, espero que shorts de pijama da Daisy se revele. Em vez disso, eu seguro um par de cuecas boxer.

Roupa de baixo *masculinas*.

Verde escura.

Eu conheço as cuecas do Lo, e essa não é uma cor de Loren Hale.

Eu as largo por instinto. Elas são do Connor ou do Ryke, mas apenas um deles é grosseiro o suficiente para colocar suas roupas nas pilhas das meninas.

Ryke.

Eu acabei de tocar na cueca do Ryke! O mesmo tecido que também tocou seu pênis. Isso significa, por processo de dedução, que eu acabei de...

Nojentonojentonojento. Me afasto do monte de roupas como se tivesse se transformado em uma minúscula bomba pronta para explodir aos meus pés.

Não imagine a cueca nele. Eu prefiro estar mais irritada do que excitada, mesmo que Ryke me diga que está tudo bem em sentir o último. Eu posso ser capaz de olhá-lo nos olhos agora, mas ainda parece um pouco errado ficar excitada por qualquer pessoa, exceto Lo.

— Lily! — Rose chama meu nome de novo.

— Ok! Ok! Eu terminei! — Não realmente, mas estou feliz pela desculpa de deixar sua cueca para trás. Onde deveria estar. *Muito* longe de mim.

Quando entro na espaçosa sala de estar, percebo que fui enganada. Nem todo mundo está aqui ainda. E a pessoa que eu mais esperava ver (Loren Hale) está descaradamente ausente. Connor está perto da janela de calças pretas e uma camisa social de manga longa branca, mandando uma mensagem quieto, enquanto Ryke descansa no sofá ao lado, com as mãos cheias de pó de giz de uma subida matinal.

— Onde está o Lo? — Pergunto a Rose, que está sentada na cadeira Queen Anne, como se esperasse que seus súditos reais chegassem. Ela está em um lindo vestido preto da Calloway Couture, um de seus modelos de maternidade mais bonitos, então ela parece da realeza.

— Eu não fico vigiando o Loren, — Rose diz.

— Ele está no banheiro, — Ryke me diz, com os pés descalços em um travesseiro. Rose parece que quer salvar o travesseiro amarelo de pelúcia de suas solas calejadas.

— E a Daisy? — Eu franzo a testa, não vendo minha irmãzinha em lugar algum também.

— Secando o cabelo, — ele responde. Minhas sobrancelhas franzem.

Quando a Daisy seca seu cabelo? Ela é uma pessoa do tipo *'deixe-o-ar-secar'*.

Estou prestes a perguntar, mas os seis bebês de plástico na pesada mesa de café de cedro me distraem. Quando Rose anunciou que todos nós teríamos que fazer uma aula de primeiros socorros para bebês, quase tive um mini

ataque de pânico. Eu poderia ver a manchete: *Lily Calloway falha em primeiros socorros para bebês. Outra razão pela qual ela não deveria ser mãe.*

Claro, Rose surgiu com uma alternativa: um curso 'particular', ministrado por ela e Connor já que ambos ganharam seus certificados na semana passada. Estou menos nervosa de tropeçar na frente deles.

— Como está sendo ter vinte e três anos até agora? — Ryke me pergunta, conversando enquanto esperamos pelos outros. Eu inclino minha bunda no braço do pequeno sofá, adjacente ao seu sofá. Eu tento não pensar em sua cueca ou no pênis que entra nelas.

— Hm? — Meus olhos piscam para o seu pacote como um tique nervoso.

Se ele notou, ele releva. — *Vinte e três anos*. Como tem sido?

Eu farei vinte e quatro anos em três meses, depois que eu tiver o Maximoff, então não é uma questão tão aleatória.

Todos os sites online dizem que vinte e três é o pior ano dos seus vinte anos. Doze meses de crise de identidade e realizações de ‘o que diabos estou fazendo com a minha vida’.

No ano passado, eu encontrei alguns problemas importantes, incluindo esquecer minhas pílulas anticoncepcionais. Mas eu amo esse ano mais. Eu superei medos incomensuráveis. Lugares públicos não me assustam tanto. Os artigos e manchetes não me fazem querer me tocar. O mundo parece menor e mais administrável. E a melhor parte, eu posso ser *eu* e não me sentir tão envergonhada por isso. Minha vida sexual maluca (controlada) e tudo mais *Vinte e três anos. Como tem sido?* — Melhor, — digo a Ryke. — Como foi para você?

Ele limpa o giz da palma da mão. — Foi uma merda. — Ele não elabora.

Eu me pergunto se é porque ele não podia estar com a Daisy na época ou porque ele estava em condições ruins com seu irmão. Provavelmente ambos.

— Você terminou de dobrar as roupas? — Rose interrompe. — Eu preciso do meu short preto para amanhã.

Minhas bochechas esquentam com isso. *Lavar roupa* agora me amaldiçoou em um novo tom de vermelho. Minha vida deu uma volta triste. O olhar da Rose intensifica meu suor.

— O que nisso é sexual? — Ela censura como se eu tivesse ofendido sua habilidade de falar comigo sem me fazer corar.

— Hm… — Eu paro. Não posso admitir que toquei nas cuecas do Ryke.

Eu posso? A culpa é dele, elas estavam em nossa pilha para começo de

conversa.

— O que ela disse? — A voz de Lo me desperta, e eu levanto do braço do sofá, feliz em vê-lo, mas não tão feliz por estar nessa conversa ainda. A sua camisa preta de manga longa define seu corpo magro e em forma, mas é o cabelo castanho-claro bem-estilizado, cortado mais curto nas laterais, que me

atrai como um urso panda descobrindo bambu pela primeira vez.

Eu acho que estou babando.

Seus olhos voam da minha cabeça para o meu estômago até os meus dedos dos pés, avaliando que eu estou toda em um pedaço brilhante de vermelho-tomate. — Lil?

— Lo, — eu respondo de volta.

Suas sobrancelhas sobem e então ele range os dentes, sua mandíbula se contraindo. *Deus*, eu amo isso, e meu corpo responde, meus dedos do pé se enrolando um pouco. Eu sorrio e torço por dentro com pompons e high-fives.

Nada é melhor do que ficar excitada por Loren Hale.

— Rose perguntou se Lily tinha acabado de dobrar a roupa, — Ryke me dedura.

Eu fico boquiaberta e aponto um dedo acusador para ele. — É sua culpa!

Você está colocando *suas* cuecas em *nossa* pilha de roupas. Ha!

Ryke revira os olhos. — Isso é sobre as minhas cuecas?

— Então você não está negando isso. — *Ha duplo!*

— Eu não estou negando essa porra, — ele admite. — Você tem um fetiche por cuecas agora? — Seu tom é sério.

— Não… — eu digo, queimando ainda mais.

Lo está atrás de mim e coloca as mãos de brincadeira em meus ouvidos. —

Não diga a palavra *fetiche*, excita o Connor.

Eu sorrio e Connor usa um sorriso de bilhões de dólares. — As palavras são os meus brinquedos sexuais favoritos, — diz ele e depois caminha até sua esposa.

Eu respiro fundo, não me sentindo mais como o monstro anormal enlouquecido por sexo agora.

Ryke acena para mim. — Qual é o problema, Lily? — Ele está tentando entender mais partes do meu vício, especialmente já que me abri para ele na Hale Co., então é justo que eu esclareça.

— Eu toquei na sua cueca. — Eu franzo meu nariz. Isso é uma explicação boa o suficiente, certo?

Clica para ele. — É um pedaço de pano, não o meu pau.

Por favor, pare de falar sobre o seu pau, Ryke. Eu me viro, querendo sair daqui antes que meu corpo se transforme em Brutus, o maior traidor. Eu me viro direto no peito duro de Lo. Perfeito. Eu amo ficar aqui.

Lo descansa as mãos nos meus ombros, me abraçando mais perto dele.

Melhor ainda.

— O que eu fiz de errado? — Ryke pergunta, preocupação em sua voz.

— Talvez não mencione o seu pau na frente da minha namorada —, diz Lo secamente.

Eu praticamente posso senti-lo fazer um careta. — Entendi.

Connor diz: — Tem certeza, Ryke? Essas foram instruções muito complexas. Eu sempre posso transcrevê-las para você.

Eu espio do meu casulo de Loren Hale para ver Ryke mostrando o dedo para Connor. Eu solto outro suspiro, feliz por ter superado esse pequeno obstáculo. Eu poderia ter dado a Ryke outro tratamento silencioso de uma semana em vez falar.

— O que... você fez com o seu cabelo? — Rose pergunta de repente, vendo a Daisy primeiro e todo mundo se cala.

LILY CALLOWAY

— Parem de olhar para mim, *por favor*, — Daisy anuncia para toda a sala.

Com todos os sofás afastados, ficamos no tapete de creme em um círculo.

Seu cabelo ganhou destaque nos últimos dez minutos. Eu sou muito grata por ter uma distração. Eu seguro meu bebê de plástico, cuidadosamente tentando imitar a forma de segurar o bebê igual a Rose. O suor se acumula debaixo dos meus seios, o que é um sentimento totalmente novo para mim. Eu nunca tive seios grandes o suficiente para transpirar assim.

— É difícil não olhar, — diz Lo, sua boneca embalada em seu braço. — É

tão brilhante. Estou quase cego.

Eu o cotovelo no lado para parar. Normalmente ele fingiria que doeu, mas seu foco está em Daisy. Ela geme e cobre os olhos com uma mão. Percebo como ela segura a boneca pelo pulso, o torso de plástico balançando.

— Eu sei, eu sei. Está muito ruim, — diz Daisy.

Ryke enfia a boneca debaixo da axila. Literalmente, ele empurrou o rosto do bebê lá. Apenas Rose parece estar prestando atenção ao posicionamento de Ryke, seus olhos se estreitando lentamente para observar a cena. Ele está ocupado brincando com o cabelo de Daisy com uma mão divertida. Ela exala uma respiração.

Suas madeixas de comprimento médio estão tingidas de *amarelo.* Como um marcador de texto. Estou com o Lo nessa, é brilhante demais. Nos últimos meses, Daisy tingiu o cabelo para todas as cores sob o sol, algumas vezes só mechas, algumas vezes o cabelo todo, alguns bonitos, outros feios.

Todas as vezes, ela levou a mudança com entusiasmo e excitação. Essa é a primeira vez que a vejo visivelmente chateada com o tom.

— Que cor você estava tentando pintar? — Connor pergunta, sua boneca

embalada um pouco diferente da de Rose - a cabeça mais apoiada. Eu observo desse detalhe e mudo minha boneca para uma posição melhor. Eu olho para Ryke.

Ele ainda está sufocando o bebê.

— Loiro, — Daisy admite.

— Você queria voltar para o loiro? — Rose pergunta com uma careta, sem mencionar como Daisy pode danificar seu cabelo se ela continuar o tingindo tanto.

A mão do Ryke caiu para as costas da Daisy, mais carinhosamente, mas seu rosto endureceu para aquela pedra familiar.

— É, eu não sei. — Daisy agarra sua boneca, vestida em um macacão rosa, mais segura embaixo dos braços. — Por favor, vamos fazer essa aula de primeiros socorros.

— Podemos não chamar de aula? — Eu pergunto, meus braços tremendo um pouco com os nervos. — Eu acabei de me formar, e as aulas e eu não somos melhores amigos. — Eu reprovei mais cursos universitários do que uma pessoa normal, mas talvez eu possa culpar Princeton por ser estranhamente difícil.

— Treinamento em primeiros socorros, então, — Connor altera.

— Ryke já sufocou o filho dele, — brinca Lo, acenando para seu irmão do outro lado do nosso círculo.

Só então Ryke percebe que ele está com seu boneco em um macacão azul enfiado em sua axila. Ele o segura com uma mão pela cintura, como uma bola de futebol. — Por que temos que fazer essa porra mesmo? — Ryke pergunta, apontando entre ele e para Daisy. — Vocês provavelmente não nos deixarão cuidar de seus filhos, de qualquer maneira.

— Se você planeja segurá-lo *assim*, eu não vou, — Lo diz ao irmão.

Ryke ajusta o boneco de novo, e eu acabo sorrindo com o jeito que ele está

embalando o bebê, igual o Lo. Eles estão sendo tão gentis quanto podem ser, levando isso mais a sério. Eu pensei que Lo ia jogar piadas para Rose o tempo todo, mas ele está sendo atencioso e parece meio sexy com um bebê em seus braços.

— Eu simplesmente não consigo ver nenhum de vocês deixando seu filho comigo, — Ryke de repente admite.

Connor olha direto para Ryke e eles se olham nos olhos. — Você ficaria surpreso com o que eu deixaria você fazer, — diz Connor.

Rose nem sequer discorda. Eu tento limpar a imagem mental do Ryke manuseando a boneca com menos cuidado. Agora que ele presta mais atenção, parece que ele ficaria bem com o Maximoff.

Ryke olha para Lo como se dissesse *você não me quer perto de seu bebê, certo?*

— A escolha é sua, cara, — diz Lo. — Você não quer fazer parte da vida do meu filho. Tudo bem. — O tom em sua voz não combina com suas palavras.

Ryke franze a testa. — Você sabe que eu quero.

— Então é por isso que você está aqui.

Daisy pula em pé, abraçando a boneca no peito. — Eu adoraria ser babá sempre que precisarem de mim. — Ela olha para Rose. — Você me deixaria cuidar da sua garota, certo? — Seu sorriso torto faz o quarto brilhar. O cabelo dela ajuda.

Daisy poderia muito bem ter beijado os saltos da Rose. Nossa irmã mais velha está radiante, tão feliz que outra pessoa está jogando com a ideia de que ela está tendo uma menina. Pessoalmente, eu adoraria que Rose tivesse uma filha. Apenas para vê-la feliz. Eu acho que todos nós queremos isso. Bem, exceto Lo. Ele quer que ela tenha um menino por maldade.

Espero que Rose bajule Daisy com elogios e *sim, claro, você pode cuidar*.

Em vez disso, ela diz: — Se você passar.

Lo solta uma risada curta. — Você vai fazer com que todos que querem encostar no seu bebê preencham um questionário de cem páginas?

— Talvez. — Ela coloca o cabelo para o lado do ombro enquanto Connor estuda Rose com mais preocupação, se aproximando dela. Ele sussurra em seu ouvido e ela acena para ele. A coisa ruim sobre as estrelas nerds: elas estão tão altas que é difícil de ouvir ou ver a menos que você exista no espaço com eles.

Eu não sou inteligente o suficiente para romper a atmosfera da Terra, então eu apenas tento assistir de baixo.

— Na verdade, eu tenho algo para você, Rose… — Lo diz, se separando do meu lado. Isso não pode ser bom. Ele coloca a boneca na mesa e vai para o armário do corredor.

— Se não vem em uma caixa de jóias, você pode mantê-lo, — Rose estala.

— Eu não vou manter isso. — Lo procura no armário por alguns segundos antes de voltar com uma caixa achatada embrulhada em papel verde, rosa e azul. Eu estou com uma expressão confusa, não envolvida nesse plano. Lo deve ter comprado isso a caminho de casa do trabalho ou algo assim.

Rose olha para as cores. — Eu disse a todos que sem presentes de bebê. —

Ela não queria um chá de bebê. Eu acho que teria a sobrecarregado de qualquer maneira, todas as coisas de bebês e pessoas olhando para seu estômago. Estou fazendo um mais perto da data do meu parto, mas não é um

grande evento nem nada. Apenas família.

— É por isso que eu decidi comprar um, — diz Lo, completando com um meio sorriso. Ele se aproxima e empurra a caixa para ela.

Ela olha para ele sem expressão. — Eu te odeio.

— O sentimento é mútuo, — ele diz a ela. — Só abra antes de começar a me amaldiçoar.

Ela bufa e abre o papel suavemente enquanto Lo volta para o meu lado.

Estou mais nervosa.

Eu fico na ponta dos pés e sussurro para ele: — Por que você não me contou sobre isso?

Ele dá de ombros. — Eu não sei. Não parecia algo tão importante.

Mas eu posso ver que isso é importante para ele.

— Você pode rasgar o papel, — diz Lo.

Rose lhe lança um olhar e continua abrindo a caixa. Quando ela levanta a tampa e afasta o lenço de papel, seu rosto se suaviza e seus lábios se separam.

Eu franzo a testa ainda mais. — O que é?

Rose levanta uma pilha de macacões verdes pastel e mostra o de cima: gatos laranja malhados impressos em todo o algodão verde. É tão fofo e...

— Unisex, — menciona Lo. — Apenas no caso de você ter um menino. —

Ele não acrescenta que os gatos são exatamente como a Sadie, que Connor já deu a Frederick, seu terapeuta, para cuidar por um tempo. Rose estava visivelmente chateada o dia inteiro que Sadie foi embora, seus olhos avermelhados como se ela estivesse chorando.

— Eu não sei o que dizer, — Rose murmura, os olhos percorrendo o tecido.

— *Obrigada, Lo, você é tão doce*, — ele diz a ela. — *Eu poderia te abraçar, mas não passei óleo nas minhas juntas enferrujadas essa manhã.*

Ela estreita os olhos para ele e delicadamente coloca os macacões de volta na caixa. — E agora eu te odeio novamente.

Lo zombeteiramente toca seu coração. — Eu vou cuidar desse ódio para sempre.

Limpo a garganta, me certificando de que nenhuma das brigas vá longe demais. Lo deixa seu olhar cair em mim e, em seguida, passa a mão pelo meu quadril antes de recuperar sua boneca. O abraço envia ondas de choque pela minha espinha, e ele fica muito, muito perto de mim.

— Nós devemos começar, — diz Connor, checando o relógio.

Rose coloca uma mão na parte inferior das costas, como se doesse, mas ela

fica de pé com o resto de nós. Connor a observa com mais cautela, mas nunca chama a atenção para ela.

— Então, qual é o cenário? — Pergunta Lo. — O bebê está sufocando com um botão ou uma moeda?

Meus olhos se arregalam de horror. — O que?

Lo acaricia minha cabeça. — É só fingimento, amor.

— Eu pensei que nós estabelecemos que as coisas que fingimos se tornam reais? — Nós nos azaramos sem perceber?

— Nenhum cenário, — Rose fala. — Dá azar.

Connor parece ofendido pela menção de *azar*, mas ele não fala nada sobre isso para a Rose, provavelmente porque ela está com algum tipo de dor. —

Você pode fazer isso sentada, querida.

Ela acena com a cabeça e se senta na Queen Anne, empurrada perto da parede. A boneca descansa confortavelmente no colo dela.

Connor tem os olhos nela por um longo momento antes de se virar para nós. — Primeiro, você tem que verificar a consciência do bebê.

Isso parece difícil. — Como fazemos isso? — Minha boneca certamente está inconsciente, definitivamente não está viva.

— Você bate no bebê delicadamente. — Connor demonstra, batendo no

ombro do bebê e na parte inferior do pé. — Magdala. Magdala. Você pode me ouvir?

Rose bufa de sua cadeira. — Eu me livrei do meu nome do meio porque eu o odiava, não para que possamos nomear nossa filha de Magdala.

— Rose Calloway Cobalt, — diz Connor seu nome completo, tirando Magdala e substituindo por Calloway. Sem hífen. Ela é Cobalt desde que se casou com Connor. — Como o Lo disse, isso é fingimento. Eu posso nomear nossa filha fingida como eu quiser.

Ela revira os olhos dramaticamente e acena para ele. — Por favor, continue. Espero que nossa filha de mentira vomite em seu ombro.

Connor sorri e, antes de abrir a boca para responder, eu redireciono a conversa. — De volta ao treinamento, — eu anuncio. Isso é importante para mim. Eu quero saber as informações antes do Maximoff chegar. — Nós batemos no bebê e chamamos seu nome. Então o que?

— Se o bebê não está respondendo, você liga para o 911. E então você coloca ele ou ela em uma superfície dura e plana. — Ele faz um movimento para a mesa de café no meio do círculo. — E você começa os primeiros socorros. — Connor nos leva através das etapas: trinta compressões no peito

com os dedos, abrindo as vias aéreas e administrando respiração boca a boca.

Eu arquivo todas as informações na pasta *importante - nunca esquecer* na minha cabeça.

Meu coração bate alto no meu peito. Tudo bem, eu posso fazer isso. Eu aceno internamente aumentando um pouco a minha autoconfiança. Eu não posso ser declarada uma mãe ruim até que eu faça algo errado. Então o *Celebrity Crush* e suas enquetes podem se ferrar.

Eu solto um suspiro, e então eu bato levemente no pé do Bert. — Bert?

Bert? — Eu digo. — Você pode me ouvir?

— Bert? — Lo ri da minha escolha de nome.

Minhas sobrancelhas se franzem. — Qual é o nome do seu bebê? — Bert é incrível. Ele já é um vencedor. Eu posso sentir isso Lo segura a boneca próxima ao seu ouvido, como se estivesse a ouvindo falar. Ele está me provocando, e eu me vejo passando um dedo pela alça do cinto de Lo, segurando Bert na dobra do meu braço. — Sabia, — diz Lo com um aceno de cabeça, trazendo seu bebê de volta para baixo.

— Qual é o nome dele? — Eu já me sinto sorrindo.

— Ernie, — diz ele, e meu coração incha. E então ele bate no braço do bebê. — Ernie, amigo? Você pode me ouvir?

A campainha toca e pulo de susto. — Quem é? — Eu pergunto.

Todo mundo balança a cabeça como se eles não tivessem convidado ninguém hoje.

Connor coloca sua boneca na mesa e depois desaparece no saguão para atender a porta. A sala está em um silêncio tenso. Já que estamos todos aqui, a pessoa de fora provavelmente é portadora de más notícias. Por que mais passariam aqui?

LILY CALLOWAY

— Você precisa de uma ajuda com isso? — Eu ouço Connor dizer.

— Não, eu consigo.

Eu reconheço a segunda voz masculina: Sam Stokes. E em um segundo, os dois caras aparecem na sala, Sam carregando uma caixa com o logotipo da Fizzle ao lado. Ele está de terno como se estivesse no trabalho toda a tarde de sábado.

— Ei, — ele cumprimenta, mas seu olhar pousa em Ryke, indo até ele. —

A remessa chegou hoje, e nós precisamos conversar mais tarde sobre a inauguração. — Ele coloca a caixa aos pés de Ryke e se agacha para abri-la.

Eu me lembro do Ryke mencionando que meu pai queria a ajuda dele, mas ele deu de ombros e disse que não ia dar certo.

Então, seu rosto está escurecido com confusão.

Eu me encontro dando leves batidinhas no traseiro da minha boneca em conforto, como se Bert estivesse vivo. Minhas bochechas queimam, esperando que ninguém tenha notado.

— Ele realmente quer isso? — Ryke pergunta a Sam. — É uma ideia péssima pra caralho.

— Não é, — diz Sam, tentando cortar o pacote fechado com fita adesiva, o rasgando. Ele se esforça enquanto fala. — Fizemos vários grupos de pesquisa, e mais pessoas foram atraídas para o produto quando você era a o rosto dele.

— Eu fui *dispensado* por várias fodidas marcas, — Ryke lembra. —

Minha imagem não é boa, e eu não deveria estar representando nenhum tipo de bebida. — Hã. Meu pai está criando uma nova bebida?

Sam para de lutar com a caixa e olha para Ryke. — Você é masculino, atlético e nunca desiste, e é isso que estamos representando. Se você não quer ajudar, tudo que você precisa fazer é dizer isso. Não me façar perder meu tempo.

— Você não precisa fazer isso, — Daisy diz. — Não por mim.

Sam avista Daisy e seus olhos crescem com seus cabelos. — Essa é... uma

nova cor.

— Amarelo neon eu vou-te-cegar, — acrescenta Lo. — O que é assustador é que alguma garota provavelmente vai copiar ela.

Eu não dou uma cotovelada em Lo novamente. Daisy está unicamente concentrada em Ryke, e eu posso ler a expressão dele muito bem. Ele quer acalmar as coisas com nossos pais, e ela não pode impedi-lo de fazer isso. Ele enfia a mão no bolso de trás e pega um canivete suíço. Então ele se abaixa e abre a caixa para Sam.

Eu me aproximo com Lo, curiosa demais para me afastar, e Ryke pega uma das magras garrafas plásticas, líquido azul translúcido dentro. Eu entendo no momento em que leio a marca: *Ziff*. E embaixo está o sabor: *Blue Squall*.

É uma bebida esportiva, do tipo que pode rivalizar com o Gatorade da PepsiCo e o Powerade da Coca-Cola. É a única área em que Fizzle falhou várias vezes, e eu suponho que eles estejam esperando que eles possam lançar uma nova série de bebidas esportivas com Ryke como o rosto.

— Ziff? — Ryke diz com as sobrancelhas franzidas.

— É Fizz ao contrário, com dois f's.

— Eu entendi, — Ryke diz e, em seguida, abre a garrafa. Eu estou supondo que é sabor de mirtilo, mas com uma cor azul escuro. Nós todos assistimos Ryke colocar a garrafa nos lábios e tomar um gole. Ele imediatamente leva seu bíceps para a boca, seu rosto se contorcendo de desgosto.

Ah não.

Lo solta uma risada. — Engole, — ele diz em tom de brincadeira, alcançando a caixa para pegar uma garrafa para si mesmo. Eu coro com essas palavras.

Connor até pega uma garrafa. — Deve ser ruim se Ryke não conseguir engolir.

— Eu experimentei. É decente, — diz Sam.

Ryke finalmente engole o líquido e respira como se estivesse se afogando.

— Que porra é essa merda? — Ele olha para o rótulo e começa a ler os ingredientes. — Tem gosto de vômito de cervo e mijo.

Connor arqueia uma sobrancelha. — Ele já provou mijo antes.

— E vômito de cervo, — Lo faz uma careta.

— Incrível pra caralho, *vocês dois*, experimentem isso.

Fico feliz por não ter sido incluída nisso. Eu não vou chegar perto de nada

que tenha gosto de xixi. Não, obrigada.

Daisy balança em seus calcanhares. — Eu vou experimentar. — Claro que minha irmã corajosa experimentaria. Ryke passa a garrafa para ela, e ela toma um gole de Ziff mais ou menos na mesma hora que Lo e Connor tomam a bebida deles.

Daisy cospe quase instantaneamente e esfrega a língua com os dedos. —

Ugh, isso é ruim.

Connor e Lo conseguem manter suas bebidas dentro, mas posso dizer que Lo precisa de outra coisa para tirar o gosto, com a testa enrugada de angústia.

Estou prestes a pegar uma água para ele, mas Rose se levanta e acena para mim como se ela dissesse que vai fazer isso. Ela já está olhando a mancha de Blue Squall no tapete que Daisy cuspiu.

— Desculpa, Rose, — Daisy grita para ela. — Eu posso limpar...

— Está tudo bem, — diz Rose, já desaparecendo na cozinha.

— Eu pensei que você tivesse falado que ela engole, — diz Lo ao seu irmão. Ai meu Deus. Dessa vez, eu lhe dou um soco no peito, longe de suas costelas. Ele parece arrependido e mais instável, provavelmente porque percebe que era sobre a *Daisy*.

Ryke passa a mão pelos cabelos e olha hesitante para Daisy, que está com os olhos grandes e largos. Essa é uma indicação *clara* de que eles falam sobre sexo e nós quando não estamos com eles. Isso significa que eu não deveria mais me sentir culpada quando eu e minhas irmãs também fizermos o mesmo. Eu aceno com a cabeça essa resolução.

Sam murmura: — Eu vou fingir que nunca ouvi nada disso. — Ele se levanta e acena para Connor. — Não é tão ruim.

— Ziff, — Connor recita, — não é tão ruim. Beba. — Eu enrugo meu nariz. Sim, isso não vai vender nada.

Sam suspira de frustração e cruza os braços. — Minhas mãos estão atadas aqui. Mesmo que não seja tão bom para você, ele se classificou bem entre os nossos outros sabores a bordo. Greg quer lançar o Blue Squall em breve.

Estamos todos em silêncio por um momento. E então Lo diz: — Você se lembra do Mountain Berry Fizz? — Ele acabou de trazer a tona um momento apocalíptico na história da Fizzle. Me lembro muito bem do MBF.

— Não, — diz Sam, levantando a palma da mão para o Lo para calá-lo.

— O que é Mountain Berry Fizz? — Ryke pergunta.

Eu acrescento, — O pior sabor de Fizzle já criado. O sabor era como limpador de janelas.

— Ou água sanitária, — diz Lo.

Eu aceno rapidamente. — Você não podia prever o horror do gosto depois

que você tomasse um gole. — Eu percebo que estou me segurando em Lo quando os olhos de Sam voam ao meu redor de uma maneira julgadora ou curiosa, mas eu não me importo muito. — Ele foi retirado do mercado depois de três meses.

Momento de clareza para Ryke. — É por isso que eu nunca ouvi falar dele.

— Ele olha para a garrafa de Ziff. — Como diabos eu devo ser o rosto de um produto que eu não consigo nem beber?

Sam verifica seu celular e diz: — Você vai ter que beber na inauguração, *sem* fazer cara feia. Nós organizamos um evento, aberto ao público, onde você vai beber Ziff e depois escalar.

Ryke abre os braços. — Por que diabos você só está me dizendo isso agora?

— Greg achou que você concordaria com os termos, não importa o quê. Se você quer ganhar o respeito dele, você só precisa aguentar e fazer isso.

Ryke diz: — Eu tenho que beber *water* antes de escalar. Cerca de um litro, porra.

— Nós vamos falar sobre o evento mais tarde, — Sam dá de ombros e aponta para a caixa. — Estou deixando isso com você para que você possa se acostumar com a bebida. Eu vou deixar todos vocês voltarem para... — Seus olhos vão para as bonecas em nossas mãos. — ...o que vocês estavam fazendo.

Ninguém se incomoda em dizer que é um treinamento de primeiros socorros. E quando ele sai, eu sussurro para Lo: — Tem mesmo gosto de vômito de cervo? — Isso parece mais anormal e desanimador do que água sanitária.

— Não, — Lo sussurra de volta. — É mais como um sabor de ferro e metal. Não é refrescante.

Minha boca cai um pouco. Eu imagino sangue, que tem gosto de metal.

Essa é uma bebida energética para vampiros. Mountain Berry Fizz 2.0 tudo de novo. Meu sentimentos vai para o Ryke. Parece que estão armando para

ele falhar.

Essa é a parte mais difícil de ter amigos, ver outra vida se desdobrar de uma maneira mais desordenada do que deveria. E não poder ajudar. Eu não tenho magias nem ferramentas para consertar isso. Ninguém nunca diz, *deixe a esquisita Lily Calloway ter o prazer de te resgatar!*

Eu tenho muito prazer. Mas nunca satisfaz ninguém além de mim.

E talvez o Lo.

Se meu superpoder é sexo, então... eu abusei dele. Eu suponho que eu posso ter sido uma vilã quieta e esnobe esse tempo todo.

— Lil? — Lo respira, seus lábios roçando minha orelha. Todo mundo voltou para suas bonecas. — O que há de errado?

— Meu superpoder é sexo? — Eu pergunto a ele.

Seu rosto se afia. — Não.

— Você tem certeza? — Meus olhos queimam, emoções se agitando.

Ele me abraça em seu peito. Minha barriga bate nele primeiro, tornando mais difícil estar tão perto. Depois de um longo momento, ele sussurra: — O

sexo é sua kryptonita.

Ah. — Ele me deixa fraca, — percebo.

— E isso faz de você humana, Lil. — Ele beija minha bochecha e, em seguida, o exterior dos meus lábios e, em seguida... meu corpo vai em direção ao dele enquanto sua língua desliza contra a minha. Eu sofro para estar ainda mais perto, mas eu digo repetidamente *isso tem que ser o suficiente.*

E é.

Eu não vou deixar a minha fraqueza tirar o melhor de mim. Ou brincar com a minha mente. É uma batalha diária que estou vencendo hoje.

LOREN HALE

Classificação atual: Ryke Meadows (xingou três homens na última reunião) precisa agir mais profissionalmente em um ambiente de trabalho. 6 de 14

amaram você. Parabéns, filho. – Pai Eu leio a mensagem no grupo com todos os outros, enquanto a limusine de Connor fica no trânsito parado. Estamos todos indo para Nova York para um jantar da Cobalt Diamonds.

— Isso foi sarcasmo? — Lily sussurra para mim, apontando para a parte sobre Ryke.

— Definitivamente. — A próxima mensagem aparece de repente. Ele está dividindo em quatro mensagens, percebo.

Lily Calloway (só falou com duas mulheres na última reunião e se escondeu atrás de uma planta) precisa ser mais gentil. Tímida demais. 7 de 14 amam você. Desculpe, Lily. – Pai Eu quero suspirar de alívio, mas a ansiedade dá um nó no meu estômago. Não tenho ideia de como me sai com a diretoria. Cada um de nós teve três encontros com todos os catorze, e eu não sei dizer quem está progredindo.

Tudo o que sei é que a Lily está a um mês perto da data do parto. Pensar nessa merda além do bebê - está começando a me desgastar. E eu estou paranóico que todo mundo esteja esperando que eu escorregue e beba, que todos estão me observando constantemente. Um calor nervoso se acumula no meu pescoço e eu esfrego ele.

Talvez seja a minha própria consciência que mais me assusta.

— Alguém, por favor, pode me enviar essas mensagens? — Rose diz com menos fogo em sua voz. É a primeira coisa que eu a ouvi dizer durante todo o passeio de limusine. Ela está olhando pela janela, provavelmente xingando cada automóvel por nos fazer chegar atrasados.

— Eu posso, — diz Daisy, tocando sua tela. Eu ouço o celular de Rose tocar, e o do Connor também, que se senta ao lado dela.

— Ei, olha, eu estou vencendo o Ryke, — diz Lily com um pequeno sorriso.

— Por uma pessoa do caralho. Não fique tão animada. — Ele pega uma

garrafa de água do balde de gelo e depois passa para Daisy.

Minha perna balança enquanto espero a próxima mensagem chegar. Eu vejo Lil puxar seu vestido roxo; o tecido não aperta o estômago dela como o preto da Rose, mas ela ainda está desconfortável por carregar mais peso.

Eu a puxo para mais perto do meu lado, deixando-a se inclinar contra mim, e ela tira os saltos e se enrola no assento de couro esticado.

Todos os nossos celulares tocam ao mesmo tempo.

Loren Hale (parecia interessado nos procedimentos da Hale Co., mas parecia excepcionalmente mal-humorado quando perguntado sobre a reabilitação) precisa trabalhar na comunicação. 10 de 14 amam você. Muito bem, filho. – Pai — Isso não foi sarcástico, — diz Lily suavemente, a preocupação cintilando em seus olhos.

Porém, é bom. Eu quase posso respirar de novo. — É o que eu quero, Lil.

— Talvez a minha voz soe insegura porque ela faz um beicinho desse jeito adorável, o lábio inferior esticado um pouco mais.

E então a respiração dela falha.

Cristo. Eu devo estar olhando sua boca demais. Ela se contorce, se reajustando e eu toco seu braço, sua pele quente de excitação. *Ela vai ficar bem.* Seu desejo sexual louco não está tão alto quanto estava no segundo trimestre, mas ela ainda é viciada em sexo.

— Tanto para trabalhar juntos, — Ryke diz baixinho ao meu lado. Mas se as garotas não forem escolhidas, o resultado é o que eu queria. Apenas um de nós pode ganhar essa posição, no final. Trabalhar juntos só significa que elas vão perder.

— É assim que deve ser, — eu lembro a todos eles.

Ryke balança a cabeça repetidamente. — Você não pode… — ele para e sua mandíbula endurece.

A irritação salta no meu núcleo e eu cerro os dentes. — Eu não posso lidar com isso?

Ele fica quieto, basicamente admitindo que é o que ele ia dizer.

— Sim? Talvez eu não possa, Ryke. — Minha perna salta mais. — Mas talvez eu *possa*. Eu deveria pelo menos ter a chance de tentar. — Eu quero ser melhor. Deus, mais que tudo. Eu quero ser como ele.

— Não faz nem um ano desde a sua última recaída, — Ryke me diz em uma voz controlada, tentando não me xingar. — Estou apenas *preocupado,* como seu padrinho de sobriedade, mas principalmente como seu maldito irmão.

Lily prende o braço em volta da minha cintura, meus músculos enrijecendo como louco. — Que seja… — Eu deixo pra lá, especialmente quando nossos celulares tocam de novo.

Eu checo a mensagem.

Daisy Calloway (sociável e conversa bem, muito envolvente) precisa parar de se mexer durante as conversas em grupo. 12 de 14 amam você. Ótimo trabalho, Daisy. – Pai Meu estômago cai e a pequena briga que tive com Ryke agora parece insignificante.

Ryke deixa cair o celular no colo e passa as mãos pelo rosto. — Porra do caralho… — Ele murmura mais xingamentos, e percebo que Daisy nem está prestando atenção nas mensagens.

— Você está bem, Rose? — Ela pergunta a sua irmã.

Rose está beliscando a ponta do nariz como se estivesse com dor, e Connor está esfregando os ombros dela e sussurrando em seu ouvido. Nenhum deles diz uma palavra.

Digo a Daisy: — Ela provavelmente está prestes a chorar porque sabe que *sua* vida está prestes a terminar. — É dramático, especialmente para mim,

mas talvez faça algum sentido para essa garota.

— Vocês todos têm coisas que gostam de fazer, — diz Daisy. Ela trança o cabelo que agora é loiro platinado, o que praticamente lembra uma alienígena para mim. — Eu não vou abrir mão de nada como vocês vão.

— Isso é besteira, — eu digo. — Eu não vou abrir mão de nada por ser o CEO da Hale Co. Eu ainda tenho a Halway Comics. — Eu só vou ter o dobro da responsabilidade.

Ela tem dezenove anos, começou a modelar aos quatorze anos. Essa garota trabalhou mais em sua vida do que eu trabalhei, porra - essa é a verdade aqui.

Ryke acrescenta: — Você está desistindo de algo, amor. Você está sacrificando a coisa que você *poderia* ter amado. Um dia você vai encontrar.

Hale Co. não é seu fardo, e eu vou ficar doente pra caralho se você for escolhida.

Daisy bebe sua água, refletindo sobre isso. Somos mais velhos que ela. E

eu acho que ela está sentindo isso nesse momento. Ela para, seus olhos verdes piscando entre nós e então ela pousa em Ryke. — Quem você prefere ver sendo CEO, eu ou o Lo?

— Nenhum dos dois, — diz ele imediatamente.

— Isso não é uma escolha.

Ele parece doente agora. Como se ele fosse vomitar ou algo assim. E eu

vejo seu rosto se contorcer de dor enquanto ele contempla cada cenário. Eu puxo a gola da minha camisa social branca, o paletó quente por cima.

— Daisy, se é entre você e eu, ele quer que *eu* seja escolhido, — eu interponho. Ele preciso me apoiar, ter fé em mim e dar a Daisy um motivo maior para se afastar.

— Eu não disse isso, porra, — ele retruca.

Droga, Ryke. Eu trinco meus dentes, minha mão tremendo e ele percebe o tremor irreprimível. *Eu não vou beber.* As palavras arranham minha garganta, coçando para sair como se eu pudesse gritar cada sílaba. Mas fica sendo apenas um desejo, um pensamento, e eu uso a frase no meu rosto.

— Rose? — Lily diz, preocupação cravada sua voz. Minha cabeça se vira para Rose, que está com os olhos fechados, a cor em suas bochechas perdida.

— Eu estou bem, — diz ela em uma voz forçada. Mas ela está quase encurvada e a mão de Connor aperta seu ombro. — São contrações falsas.

Jesus Cristo. — Você está tendo contrações agora? — Esse tempo todo?

— Elas são *falsas*, — ela enfatiza, rosnando a palavra, e seus olhos se abrem, só para me lançar o olhar mais maligno possível. Ela solta um longo suspiro. — Eu tenho mais três semanas até a data do meu parto. É muito cedo.

Agora eu percebo como Connor está examinando seus movimentos, seu olhar percorrendo o corpo dela.

— Filhos da pu… — Ela agarra a borda do assento de couro e olha para a janela. — Nós deveríamos estar lá agora.

— Você está com dor e você *ainda* está preocupada em chegar atrasada a um jantar? — Eu pergunto como se ela fosse louca. Ela é. Cem por cento de insanidade. Eu estou vendo.

— Nós ainda estamos presos no trânsito, — diz Lily para Rose, passando por cima do meu comentário para manter a irmã calma. — Você precisa de um pouco de água?

Rose balança a cabeça algumas vezes. Eu não consigo dizer se isso é contração falsa ou não. Nenhum de nós tem experiência anterior como pais ou mães de segunda viagem.

Eu vejo o Connor tirar o paletó, talvez por causa do calor de junho. Eu me inclino e tento falar através da tela de privacidade da limusine do motorista.

— Gilligan, você pode ligar o ar-condicionado? — Pergunto. — Está

fervendo aqui atrás. — Quase instantaneamente, uma rajada de ar frio sopra das aberturas.

— Rose, — diz Connor, impassível como sempre, — coloque as pernas no banco para mim.

Ela praticamente se dobrou agora, segurando os joelhos que se separaram.

Merda. — É muito cedo … — Sua voz se quebra em dor.

Connor não espera que Rose obedeça. Ele agarra as pernas dela e a gira, de modo que ela está deitada ao longo do assento da limusine, ao lado de onde nos sentamos. Meu pulso acelera. Isso não está acontecendo.

— A bolsa dela não estourou, — Indico. *Isso não está acontecendo agora.*

Daisy se senta atrás de Rose, apoiando a cabeça dela no colo e tira o cabelo suado de Rose da testa. — Provavelmente são contrações falsas, —

diz Daisy.

Lily está de olhos arregalados e de queixo caído, imóvel no seu lugar ao meu lado. É mais estressante quando Connor não diz nada, quando ele esconde suas emoções, nos deixando adivinhar.

Ele descansa um dos pés da Rose em sua coxa, para que ela tenha espaço para abrir as pernas. E então ele cobre a cintura e a metade inferior com o paletó, talvez para que ele possa tirar a calcinha dela.

Ryke e eu inspecionamos o trânsito pela janela ao mesmo tempo. O

acidente à frente não deve ter sido liberado ainda porque mal estamos avançando.

— Connor, — Rose chora de dor - seu rosto cheio disso. Eu nunca a vi assim.

A comporta para as emoções de Connor finalmente se rompe, e vejo um vislumbre de preocupação em seus olhos azuis. Ele estende a mão, aperta a mão dela com força e depois olha entre as pernas dela. Ele mantém uma

palma no joelho dobrado dela. — Eu preciso alguém ligue para o 911, — ele diz para nós.

Rose nem reclama ou briga com ele, o que significa que ela está sofrendo muito agora.

— Eu ligo, — declara Ryke, discando o número em seu celular. Enquanto ele começa a falar com o operador, eu falo com o Connor.

— A bolsa dela não estourou, — eu menciono novamente. — Isso significa que isso é...

Rose grita, como um grito horripilante de gelar o sangue. O aperto de Connor fica mais forte, como se ele estivesse segurando a vida dela em suas mãos. O pensamento aterrorizante: ele pode estar.

Lily está tremendo, e eu a abraço mais perto do meu peito, envolvendo

meus braços ao redor de seu corpo e colocando minhas mãos em sua barriga.

— Eu quero... uma epidural, — exige Rose, lágrimas quentes rolando por suas bochechas.

Connor esfrega seu joelho e aperta a mão dela. — Nós dois sabemos que é tarde demais para isso. Sua bolsa provavelmente estourou no chuveiro essa manhã ... — Ele verifica seu relógio. — Por volta das seis, e você não percebeu isso.

Isso me atinge. Ela está em trabalho de parto há catorze horas já. Pensando que cada pequena dor não era a coisa real, não até agora.

Rose se senta mais, encostada no peito de Daisy, e ela agarra as pernas. —

Connor… — O medo em sua voz soa através da limusine, arrepios mordendo meu pescoço.

Ele segura o rosto dela, seu polegar enxugando as lágrimas. — Não deixarei nada acontecer com você ou com nosso bebê. Você vai ficar bem. —

Eu posso dizer que ele está parcialmente se convencendo.

Ele é a pessoa mais inteligente que já conheci, mas a inteligência tem seus limites. Eu sinto que estou assistindo a um.

Rose começa a sacudir a cabeça para Connor, e seus dedos a seguram firmemente no lugar para que ela pare.

— Rose, — ele diz suavemente, — seu corpo está pronto para ter esse bebê. E se você simplesmente deixar acontecer, sua mente vai te acompanhar, querida.

— Estou com medo, — ela chora, molhando a mão dele com as lágrimas.

Os olhos de Connor ficam vermelhos enquanto ele sufoca mais emoção. —

Eu não vou te deixar. — A limusine está quieta, Ryke já desligou o telefone.

A testa de Rose se enruga quando outra contração começa. Ela fecha os olhos e Connor olha entre as pernas dela antes de olhar para a esposa.

E ele pergunta a ela: — Quando você tinha quatorze anos, qual foi a primeira coisa que eu disse a você?

Parece que ela quer gritar de novo, mas o barulho morre em sua garganta enquanto ela se concentra nas palavras de Connor. — Você está... me interrogando?

— Sim, — ele admite. Eu quase quero perguntar o quanto ela está dilatada, mas eu não quero imaginar isso. Eu acho que Connor sabe o quanto ela está, mesmo que ele não seja médico. Ele é inteligente o suficiente.

Ela reprime um grito e solta um suspiro treinado. Rose abre os olhos quando responde: — Você disse que eu era sua maior rival.

— E agora, — ele sussurra, — você é minha maior aliada. — Com uma mão no joelho dela, ele diz: — Preciso que você empurre.

Isso está realmente acontecendo.

No banco de trás da limusine do Connor.

Rose está tendo um bebê.

Eu esfrego meus lábios enquanto Rose empurra e xinga, sua linguagem é tão ruim quanto a do Ryke. Ela ameaçou matar todos nós no espaço de um minuto e declarou seu ódio de praticamente tudo.

Daisy tira o cabelo úmido de Rose do rosto dela. — Você está indo muito bem, Rose, — ela a anima.

Eu me certifico de ficar de boca fechada, mais preocupado com o que vai acontecer se a ambulância não aparecer quando o bebê nascer. Ou se o bebê não estiver respirando. Ou se houver outras complicações com Rose. Há muitas coisas que podem dar errado.

"— Me dê sua camisa, — Connor diz para mim, sua voz urgente. Eu tiro o paletó e desabotoo minha camisa. Eu passo para ele e depois olho para Lily.

Ela está atordoada e em silêncio ainda, e talvez se ela não estivesse grávida também, ela ficaria menos assustada e mais encorajadora. Eu acho que a maioria de nós está apavorado.

— Mais um empurrão, — diz Connor, suas mãos desaparecem sob o paletó no colo dela.

Rose parece exausta, com as pálpebras pesadas. — Connor... é demais…

— Rose, *Rose*, mantenha os olhos abertos. — Ele verifica o corpo dela antes de dizer: — Você é mentalmente capaz de qualquer coisa, até mesmo disso.

Rose puxa uma respiração, e então Lily abruptamente descongela de seu estado. Ela estica o braço para apertar a mão de Rose, que está tremendo e suada e no minuto em que Rose encontra o olhar de sua irmã, acabou para as duas. Elas começam a chorar e Rose acena repetidamente, se preparando para empurrar uma última vez.

Ryke vira a cabeça, incapaz de ver isso. Minha mão treme e eu a fecho em um punho. Eu mal posso manter meus olhos fixados em Connor e Rose

também. É difícil ver duas pessoas juntas enfrentando uma situação que parece grande demais para elas. Com consequências que poderiam prejudicar a todos. E não há nada que possamos fazer para ajudar.

Rose grita como se alguém estivesse a apunhalando no peito.

Estridente. Gritos de dor.

Meus ouvidos estão zumbindo e Ryke descansa as mãos na cabeça. Estou prestes a esfregar meus olhos, cobri-los, puxar meu colarinho. Algo para distrair minha mente.

Mas então, o choro agudo de um bebê segue os gritos da Rose.

Eu não posso ver a criança ainda. Instintivamente, procuro a reação do Connor. E me leva um momento para perceber que há lágrimas verdadeiras em seus olhos.

Eu nunca o vi chorar.

Nem perto disso, e não há máscara escondendo suas emoções agora. Isso me enche de algo puro e cru. É até difícil respirar.

Rose colapsa de volta contra Daisy, mas seus olhos ficam como pontos nervosos em seu marido. — Ele está bem? — Ela pergunta cansada, o queixo tremendo.

Ela acha que ela está tendo um menino. Talvez seja o que ela acreditou o tempo todo, mas nesse momento, posso ver que ela ficaria bem com isso. Ela estende os braços para tirá-lo de Connor.

E então Connor levanta o pequeno bebê, mãos e pernas minúsculas, mas em movimento e vivo. O choro suavizou um pouco. — *Ela* é perfeita, pelo que posso ver. — Ela.

Rose teve sua garota.

Connor descansa a bebê no peito da Rose, e ela faz um barulho estridente, não um choro, mas algo que parece contente, por estar perto de sua mãe. Ele

beija a testa da esposa. — Me diga se você estiver se sentindo mal, — ele diz suavemente.

Rose acena com a cabeça uma vez, muito cansada para repetir o movimento.

— Você precisa mantê-la em seu peito, para que a temperatura dela possa igualar a sua até que a ambulância chegue. — Ele coloca minha blusa ao redor da bebê, para ter certeza de que ela fique quente.

— Oi, — Rose sussurra suavemente para a bebê. — Você é uma pequena gremlin, não é? — Rose sorri enquanto mais lágrimas derramam. — *Minha* pequena gremlin. — Quando ela toca sua mão, os pequenos dedos da bebê se fecham ao redor do mindinho de Rose. Cristo.

Limpo os olhos e posso ouvir as sirenes ao longe, se aproximando de nós.

Eu estendo a mão e aperto o ombro do Connor. Não tenho palavras. Ele quebra seu olhar de Rose e de sua filha para encontrar o meu, e ele sussurra para mim: — Esse é o melhor e mais aterrorizante dia da minha vida. — Ele

puxa uma respiração ofegante, seus cílios molhados de lágrimas.

— Você quer saber a coisa louca? — Eu digo de volta para ele. — Eu percebi.

Connor ri em um sorriso fraco, ainda dominado com coisas que ele nunca sentiu antes. Ele pisca e essas lágrimas caem.

Eu não acho que nenhum de nós imaginou que a vida humana fosse tão poderosa. Eu sempre imaginei isso como uma coisa ruim - trazer uma criança para um mundo de dor, miséria, mágoa. Qual é o maldito ponto disso?

E eu não posso responder em palavras. O ponto está em todo sentimento que ondula em minhas veias e agarra meus ossos. É algo que encolhe o universo em um único lugar e diminui o tempo para um milissegundo. É

muito profundo para articular.

Ryke olha pela janela. — A ambulância acabou de estacionar no

acostamento.

Tudo vai ficar bem. Eu lembro de um dia em fevereiro, no iate, eu fiquei no convés com Connor em uma noite. Uma conversa que compartilhamos bate contra mim.

Eu disse a ele, — Eu sei que você acha que é perfeito e que vai criar o filho perfeito e ter a vida perfeita. Mas há alguma parte de você - mesmo que seja pequena - que está com muito medo? — Antes de abrir a boca, eu o interrompi, — E não me engane, Connor. *Por favor*.

Connor lambeu os lábios em pensamento antes de dizer: — Eu não estou com medo.

Não é o que eu queria ouvir. Eu engasguei com uma risada, prestes a me virar e deixá-lo para trás.

Mas ele pegou meu ombro e me manteve lá.

— Eu não terminei ainda. — Ele carregava uma serenidade profunda e tranquila que me aliviou por um instante. E acrescentou: — Não estou com medo porque aceitei o futuro que você teme.

— Fala a minha língua, — eu digo.

— Eu não sou perfeito. — Ele balançou a cabeça com o meu sorriso crescente. — Não diga a Rose ou Ryke que eu disse isso.

— Fechado, — eu assenti. Eu só contei a Lily.

— Eu não acredito que meus filhos serão perfeitos, Lo. — Ele continuou:

— Eu entendo que as circunstâncias vão mudá-los, moldá-los. Meus erros, imprevisíveis, podem até machucá-los. E eles podem não ser perfeitos, mas eles serão firmes. — Ele fez uma pausa. — E os seus também.

Firme. Uma palavra que eu nunca me descreveria. Confiável. Fiel. Uma constante em um mundo de variáveis instáveis.

É algo que eu morreria para o meu próprio filho ser.

Esse parto deveria me assustar mais, para quando o Maximoff vier. Mas eu não estou mais sobrecarregado com esses medos. Eu quero essa criança imperfeita e perfeita. Defeitos e tudo.

Porque ele é uma vida que eu fui destinado a dar. Porque ele faz parte da Lily. E porque - ele é meu filho.

{ 30 }

LILY CALLOWAY

Na calada da noite, estou bem acordada, minhas costas pressionadas contra Lo, enquanto seus braços se enrolam confortavelmente em volta de mim. Eu permaneço totalmente imóvel, com cuidado para não acordá-lo do sono.

Meus pensamentos não param de repetir o que aconteceu na limusine há uma semana.

Eu tenho sido cautelosa durante os banhos, entrando e saindo, para perceber quando minha bolsa estourar. Acho que não vou conseguir ter o bebê em um lugar que não seja no hospital. Eu não estou preparada para o inesperado, e acho que talvez, isso que é ser mãe. Ser capaz de lidar com todas as coisas inesperadas da vida.

Meus braços picam com o frio. Eu não estou pronta para isso. Rose ter seu bebê primeiro amplificou todos os meus medos. E eu não posso apertar um botão de pausa. Não consigo rebobinar para ganhar mais tempo.

Estou presa nesse curso com apenas um fim.

Gritos filtram pela nossa porta fechada, do berçário ao final do corredor. É

a segunda vez hoje à noite. Eu ouço Lo se mexer atrás de mim e fecho meus olhos. Ele não pode saber que estou acordada. Ele vai se preocupar. E vou me preocupar que ele esteja se preocupando. É muita preocupação para duas pessoas.

— Lil... há quanto tempo você está acordada?

Eu não me movo.

— Você está prendendo a respiração, amor.

— Ah… — eu murmuro.

Eu abro meus olhos. Eu fui derrotada, mas eu prefiro perder para Loren Hale

do que outra pessoa. A luz do corredor cintila e vejo sombras através da rachadura na parte de baixo da porta e ouço o som de pés.

As mãos do Lo encontram as minhas na escuridão e ele coloca nossos dedos juntos em um aperto forte. Eu me fixo na luz da lâmpada embaixo da porta, e meus olhos se sintonizam com os gritos do bebê que alternam entre suave e incessante. Em algumas semanas, isso será o Maximoff. E se eu não

puder acalmá-lo? E se ele chorar e chorar sem fim?

E se ele me odiar? E então eu me tornarei a mãe terrível que todo mundo acredita que eu vou ser.

— Lil, — Lo sussurra, — você está tremendo. — Ele apoiou seu corpo no travesseiro e esfrega meu braço. — Você está fria…

Eu deito de costas e ele olha para mim. Tirando o olhar da porta, eu cubro meus olhos com minhas mãos. Eu não quero ver as rugas em sua testa ou a dor em suas íris âmbar ao me ver desabar.

Com uma respiração, eu digo: — Eu não quero ser uma mãe ruim.

Ele puxa minha mão para minha bochecha. — Tudo bem estar com medo.

Eu fungo alto e tento me afogar em seus olhos, a confiança que floresce dentro deles. — Eu gostaria de me sentir mais preparada... pronta.

— Isso fará você se sentir melhor? — Pergunta ele.

Eu esfrego meu nariz com as costas da minha mão. — Sim. Acho que sim.

Ele se senta e balança as pernas para fora da cama. O colchão ondula com sua ausência enquanto se levanta. Eu franzo a testa e o vejo atravessar o quarto, parando ao meu lado da cama. Ele se agacha, então estamos cara-acara..

— Lily Calloway, — ele diz meu nome completo como se fosse a coisa mais linda que ele já ouviu, — não há como se preparar para um bebê de limusine. — Ele sorri para isso, e eu quase me viro para o travesseiro com um gemido agonizante. A realidade é muito fria.

Ele coloca a mão no meu ombro, então fico de frente para ele. — Mas você pode acreditar em si mesma.

— Eu acredito... eu costumava acreditar, — eu digo a ele. Antes de Rose dar à luz, eu pensei com certeza que estava pronta. Agora é mais difícil me convencer.

— Nós vamos mudar isso.— Ele se levanta e depois estende a mão para mim.

Eu franzo a testa e lentamente me sento. — Onde estamos indo? — Meus olhos voam para o relógio. 2:00 da manhã.

— Estamos fazendo uma viagem.

Eu limpo minhas bochechas manchadas. — Para Hogwarts? — Eu pergunto esperançosamente.

Ele sorri mais abertamente, algo claro na escuridão do nosso quarto. —

Estamos tentando banir seus medos. Hogwarts tem Comensais da Morte e Dementadores.

— Sim, mas foi quando o Harry estava na escola, — eu sussurro já que está de noite. — Eu gostaria de pensar que se tornou um lugar muito feliz desde então.

— Eu também. — Ele mexe os dedos, ainda querendo que eu pegue a mão dele. — Nós iremos a Hogwarts outra noite. — Ele não me lembra que não somos bruxos, que não somos mágicos. Quase faz mais lágrimas transbordarem.

— Promete? — Eu pego a mão dele, e ele me ajuda a ficar de pé. Com minha grande barriga, me sinto mais pesada e mais redonda do que nunca.

— Prometo. — Ele beija a ponta do meu nariz, e ele me leva para o corredor. O choro no berçário parou, mas a porta está entreaberta. Nós andamos até lá e então eu olho para dentro.

Em calças de pijama azul marinho, Connor embala o pequeno bebê em um

macacão rosa pálido, lhe alimentando com uma mamadeira. Mesmo que ela tenha nascido um pouco prematura, os médicos disseram que ela estava perfeitamente saudável com três quilos e cinquenta e seis gramas. Eles checaram Rose no hospital também, e ela passou em todos os testes como um estudante de honra passaria. Seu corpo não falhou com ela. Mas o meu me traiu muitas vezes antes.

E eu me preocupo com todas as manchetes também. Até mesmo os canais de notícias normais, não apenas os tablóides, publicaram a história sobre Rose dando à luz em uma limusine e Connor realizando o parto. Uma semana depois, a mídia não morreu.

É assustador pensar que boa parte do mundo estará assistindo e esperando por notícias sobre o nascimento do Maximoff. Às vezes eu me pergunto se eles estão esperando que eu cometa um erro gigante depois, só assim será uma boa história, um bom entretenimento.

Pela primeira vez, eu não gostaria de complicações, sem lombadas. Algo pacífico. E feliz.

Talvez seja apenas um sonho.

Eu observo o Connor, nunca o vi tão apaixonado por outro ser humano, exceto talvez por Rose. Mas ele dá a sua filha um tipo diferente de olhar, um que diz *vou fazer qualquer coisa e todas as coisas para você.* Eu me lembro quando perguntaram a Rose o nome da bebê no hospital, para a certidão, e ela nem hesitou. Ela demorou tanto tempo para escolher um nome, mas naquele momento, ela seguiu seu coração.

Jane.

Escolhida de seu romance favorito de Charlotte Brontë.

Lo gentilmente me puxa para o berçário de princesa, quieto. Eu não tenho certeza do que ele está planejando, mas meu coração tomou um lugar na primeira fila e decidiu ter espasmos e acelerar.

— Lo, — eu sussurro.

Connor já se virou, não surpreendido pela nossa presença. Eu me pergunto se ele pode nos ouvir respirando ou nossos pés contra as tábuas do assoalho.

Os impressionantes olhos azuis de Jane se concentram na minha testa enquanto ela chupa a mamadeira. Eu não tenho medo de segurá-la. Rose não foi possessiva com Jane e, em parte, é por estar tão exausta. Ela deixou todos segurarem sua filha em algum momento na semana passada.

Lo me guia até a cadeira de balanço creme de pelúcia, e ele fica ao lado do Connor, sussurrando. Eu tento ler seus lábios, mas tudo que eu posso reconhecer é o meu nome, o que não é útil.

Quando eles se viram, Connor se concentra em mim e se aproxima. Minha atenção cai para a pequena Jane, que parece satisfeita nos braços do pai.

— Ela é tão fofa, — eu sussurro para ele.

— Por que você não dá a ela o resto da mamadeira?

— O que… — Meu pulso acelera novamente, e Lo levanta as sobrancelhas para mim. Essa foi a grande ideia dele? Agora estou muito mais em pânico.

— Você não vai machucá-la, — diz Connor, de repente prestes a descansar Jane em meus braços.

— Não, espere, — eu digo rapidamente. Ele para no meio do caminho para ouvir o meu alarme. — E se eu a deixar cair? Ou eu sufocar ela? E se ela chorar? Rose não vai gostar disso.

Os lábios de Connor se erguem num sorriso divertido. Isso não é divertido.

Isso é algo assustador. — Você não vai deixá-la cair. Você não vai sufocá-la.

E se ela chorar, apenas balance ela. Eu estou bem aqui, Lily.

— E a Rose?

— Te ama, — termina Connor. — E ela ficaria *mais* do que feliz em aliviar seus medos de fazer isso com o Maximoff. Você vai ser ótima. —

Antes que eu possa protestar, Jane está em meus braços.

Ela é tão pequena. Seus pequenos dedos balançam e balançam enquanto ela toma a mamadeira. Ela mal faz um pio quando Connor se afasta de mim.

Não é tão assustador quanto eu pensei. Eu expiro, expelindo alguns nervos.

Eu inclino a mamadeira e deixo Jane beber o conteúdo.

Rose e eu discutimos amamentação há algum tempo e, para surpresa de

ninguém, ela foi inflexível quanto ao uso de mamadeiras. Ela não é uma pessoa sensível à maternidade, então faz sentido que ela não tenha prazer em amamentar como as outras mulheres. Por outras razões, prefiro a mamadeira também, mesmo que a amamentação tenha benefícios para a saúde.

Mas eu me preocupo com o ridículo e a reação do público se descobrirem.

Eu posso ver as manchetes: *Lily Calloway escolhe a mamadeira ao invés da amamentação. Ela se preocupa mais com ela do que com seu filho.*

Rose me disse que eu não deveria estar envergonhada por minhas escolhas

- nenhuma mulher deveria. Mas a pressão já está lá, não importa de onde ou de quem ela vem.

Jane termina a mamadeira e se contorce um pouco em meus braços.

— Coloque-a contra o seu peito e gentilmente dê tapinhas nas costas dela,

— instrui Connor.

Com um buraco nervoso crescendo no meu estômago, ouço suas instruções e coloco Jane contra o meu peito. Lhe dou um par de tapinhas e esfrego suas costas também. Ela arrota um pouco e depois começa a relaxar. Eu solto um suspiro tenso. Isso não foi tão ruim. Eu a balanço, observando Jane cansadamente fechar os olhos. E eu sinto meus lábios se levantarem em um sorriso. Ela volta a um sono moderado.

Um minuto depois, Connor recolhe a filha dos meus braços e delicadamente a coloca de volta em seu berço branco.

Todos nós entramos no corredor iluminado, tomando cuidado para não fazer muito barulho.

Lo beija minha bochecha. — Como você está se sentindo?

— Melhor. — Embora Jane pudesse muito bem ser um daqueles bebês geniais que são fáceis de cuidar.

— Eu vejo vocês dois de manhã, — diz Connor antes de ir para o seu quarto no corredor. Lo me leva ao nosso quarto e sua mão cai nas minhas costas.

— Sobre a viagem para Hogwarts, — eu começo.

Sua mão congela na maçaneta. — Lil… — Sua voz é mais séria. — Você sabe que não é...

Eu quase pulo nele para cobrir sua boca com a palma da mão. — Não diga que não é real. — É tão ruim quanto dizer que as fadas não são reais. Uma delas vai morrer como resultado. Nós temos que manter a fé.

Ele espera pacientemente por mim enquanto minha mão está pressionada contra seus lábios rosados, mas seus olhos âmbar brilham como se eu

estivesse muito bonita nesse momento.

— Hogwarts é real, — eu digo. — Você sabe, podemos ir para a Universal Studios e visitar o Beco Diagonal.— Às vezes, podemos até dirigir ao Reino Unido para visitar o castelo onde os filmes foram filmados.

A realização atravessa seu rosto e eu deixo cair a mão. — Certo. Claro que sim, amor.

— Bem, — continuo, — quero esperar por Maximoff. Quando ele estiver um pouco mais velho. Talvez três ou quatro anos. Nós poderíamos fazer uma viagem juntos.

A leveza surge em seus olhos, algo que me eleva a três metros no ar. Eu estou voando por dentro. — Ele não pode ser selecionado antes dos onze anos, — Lo me lembra.

— Ok, — eu aceno, sabendo que são as regras. Eu sou uma Lufa-Lufa orgulhosa. Lo é um Sonserina amargo. E juntos eu meio que me pergunto o que nosso filho será.

— Então é um plano, — diz Lo, e eu brilho com suas palavras. Talvez não devêssemos fazê-los tão longe. Qualquer coisa pode acontecer. O pior poderia nos atingir.

Mas eu escolho ver o futuro melhor.

O futuro que eu quero.

E se isso não acontecer...

Eu vou lidar com isso então.

— Funcionou, — diz Lo, seus olhos passando pelo meu rosto. Ele vira a maçaneta da nossa porta e caminha de volta para o quarto mal iluminado.

— O que? — Eu o sigo como se nossos corpos estivessem conectados, como se uma corda curta tivesse enganchada na minha cintura para a dele.

Vou andar com Loren Hale a cada momento, bom e ruim.

Muito suavemente, ele diz: — Você acredita em si mesma novamente.

Sim. Eu sorrio. Eu acho que eu acredito.

LOREN HALE

— Lo, — Lily choraminga enquanto eu empurro dentro dela por trás. De lado, tenho a perna dela na minha cintura. Ela aperta os lençóis vermelhos, a boca aberta enquanto ela treme com essas sensações ofuscantes.

Meu pau pulsa. Seriamente. Morrendo por um alívio, para empurrar com *força* e gozar dentro dela. Meu corpo todo está coberto de suor. E meus nervos se acendem enquanto eu mantenho esse ritmo profundo. Jesus.

— Mais forte, — ela choraminga, seus pés arqueando.

Eu não posso ir mais forte do que isso. Mesmo que eu queira tanto quanto ela. Ela é magra, desengonçada e está carregando nosso filho. Eu sinto que se eu for mais forte do que o meu ritmo agora, eu vou quebrá-la em dois.

Quanto mais perto ela está do parto, eu também me preocupo com a indução do parto.

Bloqueie isso.

Eu só quero foder minha namorada. Eu empurro mais fundo, o que faz com que todo o seu corpo trema. E eu mantenho essa posição, puxando sua perna para cima. Meus olhos quase rolam para trás.

— Lo, Lo, Lo! — Ela estende a mão para mim, mas já que eu estou atrás dela, ela consegue apenas agarrar os lençóis. Ela geme no colchão e eu solto um ruído irregular.

Eu aproveito ao máximo o meu clímax, ficando dentro enquanto ela pulsa em volta do meu pau. Cerca de um par de minutos depois, eu puxo para fora e a beijo nos lábios. Ela está sorrindo enquanto ela rola de costas, mas seus olhos estão começando a se fechar.

Eu apoio um cotovelo no travesseiro, olhando para ela. — Foi tão bom assim? — Digo, desenhando círculos em sua barriga.

— Hmmhmm.

Eu finjo surpresa. — Ela nem consegue falar. — É raro que o sexo matinal faça a Lily voltar a dormir, e suspeito que seja porque passamos a noite toda transando. Estamos compensando as seis semanas em que não poderemos fazer nada. Eu gosto disso tanto quanto a Lil.

Os outros na casa não. Rose nos ouviu do final do corredor ontem à noite e me mandou uma mensagem falando para 'tirar meu pau' e checar com a terapeuta da Lily.

Ela pode estar preocupada que eu esteja empurrando Lily para um lugar ruim, mas eu não estou. Eu posso dizer quando ela fica compulsiva, e eu não pressiono isso. Eu paro quando isso acontece. Eu entendo a preocupação de Rose, no entanto. Ela não pode saber o que eu faço com a Lily na cama, então ela só especula.

— Hmm… — Lily diz novamente, seus olhos se fechando completamente.

Eu sorrio, a observando entrar em um sono tranquilo. Me sento e pego meu celular no criado-mudo, verificando meu e-mail rapidamente. Eu olho por eles e paro em algo que a Lil me enviou as 5 da tarde de ontem, antes de fazermos sexo.

O assunto: *Não fique bravo! Mas você precisa ver isso.*

Meu sorriso desaparece. Eu olho para ela, seu peito subindo e descendo, e eu levanto o lençol e o cobertor até a clavícula dela. Ela mal se mexe.

E então eu clico para ver uma foto minha e da Lil na festa de quatro de julho da Hale Co. Lily está me passando seu cachorro-quente com um grande sorriso bobo. É uma das fotos mais fofas que já vi, e pareço apaixonado por ela.

Ela colou um link para um artigo do *Celebrity Crush*. Eu corro o risco e clico nele também. A manchete: *Lily Calloway compartilha um cachorro-quente com Loren Hale em 4 de julho* por Wendy Collins.

Eu leio o artigo. Wendy fala sobre os rumores sobre mim, Ryke, Lily e *meu* filho. Fora isso, ela apenas diz que é irônico que Lily esteja me passando um cachorro-quente.

Eu queria que Lily não lesse essa merda. E eu volto ao email original de Lil e vejo que ela digitou uma mensagem para mim: *Eu pensei que essa era uma boa foto nossa. Né?*

Minhas emoções se balançaram no espaço de dois minutos. Estou de volta a sorrir. — É, Lil, — eu sussurro, meu olhar voando para ela enquanto ela dorme.

Eu não confio nela totalmente. Eu não posso. Eu acabo passando pelo histórico do meu telefone para ver o que ela estava fazendo ontem à noite.

Meu estômago cai. Toneladas de artigos do *Celebrity Crush,* Twitter, Tumblr

- merda. Eu passo por eles. Sem pornografia. Apenas coisas de fandom de televisão. Ela também pesquisou no Google ‘quando devo fazer um teste de

paternidade’, já que é algo que mencionamos para silenciar os rumores sobre o Ryke. Eu não quero pensar nisso agora.

Eu estou prestes a desligar meu celular, mas ele vibra.

Você está acordado? Eu preciso falar com você. Estou na cozinha. –

Connor

Ao invés de responder, simplesmente saio da cama com cuidado e coloco as calças de moletom antes de sair.

LOREN HALE

Depois de caminhar pelo corredor, desço as escadas, pulando dois degraus de cada vez, e entro na grande cozinha limpa.

De bermuda cáqui e camisa de colarinho azul-marinho, Connor se serve uma xícara de café, sem círculos escuros sob os olhos ou sinais visíveis de exaustão. Já se passaram quatro semanas desde que Jane nasceu e ele é um profissional. — Eu deveria esperar ficar tão descansado quanto você? — Eu pergunto a ele, indo para um armário.

Ele se vira enquanto eu procuro cereal. — Seu ciclo normal de sono é de dez horas, — ele me lembra. — O meu é seis.

— Anotado. — Tudo o que vejo é o cereal de granola do Ryke na prateleira, então eu pego a caixa. — Sobre o que você precisa conversar? —

Abro a geladeira e pego o leite.

— Eu quero que você ouça isso de mim antes de aparecer em qualquer outro lugar.

Eu retardo minhas ações, não congelado no lugar, mas mais cauteloso com essa conversa. Eu procuro no meu cérebro por algo, mas não acho nada. —

Ok, tudo bem, — eu digo, derramando leite na minha tigela. Eu coloco o cereal de volta e espero ele falar.

Mas em um raro momento, ele tem dificuldade em produzir palavras.

Eu paro de me mover e me inclino contra o balcão, comendo meu cereal sem pressa. — Eu posso lidar com o que quer que seja, — eu lembro a ele. —

É sobre a Lily? — A granola trava na minha garganta. Eu bebo um pouco do leite para fazer com que ele desça.

— Não, — ele diz rapidamente. Ele está à minha frente, segurando seu café, e

seus olhos azuis voam até os meus. — É sobre mim.

Eu franzo a testa e coloco minha colher de volta na tigela. — Você está recebendo merda na Cobalt Inc. por causa das coisas no México?

— Quando eu beijei você? — Ele diz com a inclinação de sua cabeça.

Eu mostro meio sorriso. — Eu poderia ter *te* beijado, você sabe.

— Mas você não fez. Eu te beijei, — ele diz facilmente. — E não, eu não

estou recebendo críticas de ninguém diretamente, e eu não me importo com rumores.

— Sério? O Connor Cobalt que eu conheci era todo sobre sua reputação.

— Minha reputação ultrapassou tudo o que eu previa naquela época. Seria preciso mais do que um desafio no México para destruí-la… — Ele toma seu café. — Você não precisa se preocupar como as pessoas me vêem. É algo que eu microgerenciei toda a minha vida. Estou preparado para lidar com isso agora.

— Então o que é? — Eu pergunto sem rodeios — É… — Ele para e solta uma gargalhada. — Eu quase nunca explico isso para ninguém... a maioria das pessoas não me via do jeito que eu queria. Elas não entenderiam. Então eu só guardo para mim.

Ele olha para o teto enquanto recolhe seus pensamentos.

E ele começa dizendo: — Eu admiro certas qualidades em quase todas as pessoas, mas não penso como todo mundo. Minhas ideias e crenças seriam consideradas estranhas, e eu vivi pela noção de que *eu* me entendo, mesmo que todo mundo me veja como alguém menor, alguém... que eles precisam.

Mas enquanto eu souber quem eu sou, nada mais importa.

Eu não entendo completamente, e apesar da minha confusão, ele continua explicando.

— Eu manipulo as emoções das pessoas. Eu estive com pessoas diferentes porque elas precisavam de alguém para amá-las e eu precisava de algo delas.

Rose costumava me chamar de ‘babaca imoral’ - eu não discordaria. Eu nunca afirmei ser moral. — Ele fica mais reto e acrescenta: — Se você olhar atentamente para as coisas que eu digo, você verá mais de mim.

Eu processo todas as suas palavras, mas não consigo me concentrar nos detalhes, nas partes significativas do que ele acabou de dizer. Tudo o que eu me pergunto é se ele já me manipulou antes. Se ele viu um cara que ansiava por amor, em quase qualquer forma, e ele se aproveitou disso. Já percorremos esse caminho antes, e nem me lembro do que eu disse a mim mesmo para deixar isso para trás, aceitar e seguir em frente.

— Eu não sei… — Eu digo em voz baixa, a tigela de cereal fria na minha mão.

Eu posso dizer que ele está tendo dificuldade para discutir isso comigo.

Talvez ele tenha medo de que eu tome o caminho errado e o odeie por isso.

Estou tentando ter a mente tão aberta quanto ele tem comigo.

Ele coloca seu café no balcão. — Eu nunca especifiquei um gênero. Eu te

disse que eu estive com *pessoas* diferentes.

Tudo começa a fazer sentido. — Você já beijou um cara antes de mim, —

eu menciono. Eu nunca falei sobre isso. Eu não queria deixá-lo desconfortável, e eu estava esperando por esse momento - para ele simplesmente me contar partes do passado dele. Eu tento não me intrometer na vida das pessoas. De qualquer forma, significa mais quando elas estão dispostas a compartilhar por conta própria.

Ele concorda. — Você se lembra durante o reality show, que nos perguntaram se já ficamos com um homem?

— Sim, eu lembro dessa entrevista.

— Eu respondi de forma diferente de você e do Ryke. Eu disse que muitas pessoas querem estar comigo.

Eu não pensei muito nisso. Eu apenas achei que Connor estava sendo presunçoso, mas estou reconhecendo que é muito mais que isso. — Você é bissexual? — Eu pergunto.

— Eu acredito em atração entre as pessoas. Para mim, heterossexualidade, homossexualidade, bissexualidade - são apenas termos e construções que as pessoas construíram ao longo dos anos. — Ele encontra meus olhos. —

Como caixas que nós temos que nos encaixar dentro. Eu não me encaixo em uma caixa, Lo. Eu não quero me encaixar em uma.

Não é tão surpreendente quanto eu pensei que seria. Talvez porque eu nunca tenha classificado o Connor como nada antes. — Você já se sentiu atraído por um cara?

Ele dá de ombros como se não fosse uma grande coisa. Eu acho que não é.

— Muitos tipos de pessoas me atraem, — diz ele. — Mas nunca me senti mais atraído por alguém do que por Rose. E isso nunca vai mudar.

— Ela sabe?

Seus lábios se curvam em um sorriso. — Claro. Ela conhece minha posição nisso desde os meus dezesseis anos.

Eu diria que esses dois têm o relacionamento mais estranho, mas eu sou co-dependente da minha namorada viciada em sexo. — Então você está preocupado que algo saia na mídia? — Ele começou toda essa conversa com medo disso.

— Como eu disse, fiz coisas no passado... e nem tudo pode ficar debaixo do tapete. Eu só queria que você soubesse de onde estou vindo antes que a mídia comece a distorcer as coisas.

Eu quero perguntar se ele fez sexo com um cara. É… estranho pensar

sobre isso.

Ele deve ler minha expressão porque ele diz: — Eu fodi homens. Nem sempre porque eu gostava deles.

É muito para processar, mas ele não está muito diferente do cara que eu sempre conheci. É algo que ele proclamou momentos atrás: *se você olhar atentamente para as coisas que eu digo, você verá mais de mim.* Ele vem dizendo todas essas coisas há anos, e subliminarmente, eu tenho o aceitado como ele é. Mesmo que eu não pudesse ver tudo dele.

— Se vale de alguma coisa, — eu digo a Connor, — é meio que extraordinário que você transcende entre as orientações sexuais. Você é como uma ameba.

— As amebas são assexuadas, — diz ele. — Eu sou mais como um deus.

Eu coloco minha tigela no balcão e bato palmas lentamente.

Ele pega seu café e levanta para mim com um sorriso.

Eu aceno para ele. — Você já mentiu antes e apenas disse que era gay ou hetero?

— O tempo todo, — ele diz sem perder o ritmo. — Lily até me perguntou uma vez se eu era gay, e ao invés de entrar nisso, eu assegurei a ela que eu gostava de mulheres. Eu sabia que Lily era irmã da Rose, e eu precisava que a Lily quisesse que eu ficasse com a Rose.

Porque Rose ama suas irmãs e valoriza a opinião de Lily. — Isso é fodido, amor.

— Imoral, — diz Connor, apontando para o peito.

Passos soam nas escadas, e Connor e eu instantaneamente ficamos quietos.

Eu volto para minha tigela de cereal e ele enche sua caneca café. Ryke passa pela porta com uma mandíbula endurecida, não barbeado e o cabelo despenteado.

— Não parem de falar por minha fodida causa, — diz ele, sua voz rouca como se tivesse acabado de acordar.

Eu estico meu pescoço para ver o relógio no forno atrás do Connor. — Já é meio-dia.

— É sábado, — Ryke refuta, abrindo o armário. Ele não trabalha, e escala em dias aleatórios, então eu não tenho ideia de quando ele vai acordar ao amanhecer ou dormir até mais tarde. Porém, aposto que Connor pode prevê-

lo. — E você está tomando café da manhã, então, por que implicar comigo?

— Alguém não transou ontem à noite, — eu digo.

Ele me lança um olhar sombrio enquanto pega sua caixa de cereal de

granola. — É um pouco difícil excitar uma garota quando tem um bebê chorando a cada cinco fodidos minutos.

Connor diz, — A cada cinco minutos? Você exagera sobre o seus tempos de escalada também?

Ryke mostra o dedo do meio, mas Connor ainda passa para ele uma tigela para seu cereal e Ryke aceita.

Quando Ryke olha com os olhos fundos, ele parece mais sério. — Olha, Daisy já tem problemas para dormir. Ela não precisa de um bebê para adicionar a isso. Eu posso ter uma boa noite de sono, mas as dela só se acumulam.

Quando ele serve seu cereal, dois pedaços de granola batem na tigela e, em seguida, os grãos de poeira caem. Ele chegou ao fundo da caixa.

Ele lentamente se vira para olhar para mim e meu café da manhã, que era o resto de seus cereais, aparentemente.

— Tem gosto de papelão, — digo a ele. — Honestamente, eu não sei como você consegue comer isso regularmente.

— Então por que diabos você está comendo, cara? — Ele rosna em aflição.

— Porque é o único cereal que sobrou na casa e eu estava com fome, — eu defendo. — Compre alguns Cheerios ou Frosted Flakes como uma pessoa normal.

— Há muito açúcar - você quer saber, come essa porra. Se você tiver problemas, é a porra do seu karma.

Eu praticamente terminei o cereal antes de ele entrar na cozinha, mas eu já comi dele antes. Não contém tanta fibra assim.

Ryke pega o suco de laranja da geladeira. — Daisy e eu estamos indo para o porão hoje à noite.

Estou surpreso que demorou quatro semanas para ele chegar a essa decisão.

— Você pode pegar o master nesse andar, — diz Connor. — Está vago.

Ryke balança a cabeça. — Rose ainda usa o espaço do closet, e Daisy não quer tirar isso dela.

— Tenha um bebê, — eu brinco, colocando minha tigela na pia. — Então você pode justificar dormir igual merda. — Eu vejo uma revista da *Celebrity Crush* perto da cafeteira, algo que tenho certeza que a Lily comprou. Eu pego para jogar fora.

Ryke responde: — Isso não vai acontecer tão cedo.

Minhas sobrancelhas se erguem, percebendo que ele não descartou isso

inteiramente. — Você quer filhos?

— *Não tão cedo,* — ele enfatiza esse ponto. — Eu não estou com ela nem por um ano ainda, qualquer coisa pode acontecer. — Eu vejo suas feições escurecerem, e ele bate na caixa de cereal vazia, apenas frustrado. A Hale Co.

está colocando pressão em seu relacionamento. Eu posso dizer que ele está temendo o futuro ‘tudo pode acontecer’.

Me dirijo à despensa para jogar a revista fora e, antes de fazer isso, vejo uma das manchetes menores na capa: *ENQUETE] Quem é a melhor mãe: Lily Calloway ou Rose Cobalt?*

Ótimo. Como se a Lily não tivesse se comparado mais com Rose conforme as semanas passam. Não é saudável. Rose tem defeitos, mas eles são muito diferentes dos de Lily, e não importa como você olha para isso - Lily de alguma forma sempre fica é insuficiente em comparação. Pelo menos em termos de maternidade.

O que é uma merda.

Alguém já ouviu a porcaria que sai da boca de Rose sobre as crianças? Não de verdade. O reality show não mostrou a maior parte, e as entrevistas que fazemos (da persistência de Samantha para nos manter relevantes) são geralmente censuradas. O que significa que os publicitários dos Calloways dirão aos jornalistas que *não* perguntem a Rose sobre crianças. Porque Rose não tem filtro e provavelmente vai chamá-los de monstros para todo o mundo.

Ela até chama Jane de pequena gremlin de vez em quando. Estranhamente, parece carinhoso, em um tipo de ‘degelo lento da rainha do gelo’, mas eu não acho que o público em geral entenderia isso.

Eu abro o artigo, só para ver os resultados da pesquisa e me torturar.

Talvez Lily esteja passando isso para mim.

Quem é a melhor mãe?

Lily: 46%

Rose: 54%

Meu sangue vai de fervendo para cozinhando. Não é um deslizamento de terra como eu pensei que seria. Eu verifico acima da pesquisa e percebo que eles rotularam as garotas com seus prós e contras. Eu leio sobre a Lily primeiro.

Contra: viciada em sexo, em um relacionamento a três (rumores), namorado é um alcoólatra Prós: negócio de sucesso, doce, ama seu namorado de longa data (e seu suposto segundo namorado) Meus dentes

doem e percebo que estou os apertando com muita força. Eu passo pela lista da Rose *Contra: vídeo de sexo Prós: boutique de sucesso, casada, personalidade do tipo A* Como diabos isso de personalidade do tipo A está aqui? Rose será ótima em acompanhar a programação de sua filha; eu vou dar isso a ela. Estou chateado comigo mesmo por entreter esse artigo. Eu o jogo no lixo e volto para Connor e Ryke mais ou menos na mesma hora que Rose entra na cozinha.

— Bebê no cômodo, — diz ela, carregando sua recém-nascida com um braço e segurando uma mamadeira vazia com o outro. Seu cabelo está úmido como se ela tivesse tomado um banho e não tivesse tempo para secar.

— Quando você tiver oito filhos, você vai anunciar a entrada de cada um também? — Eu brinco.

Rose me dá um longo olhar enquanto vai até a geladeira para pegar outra mamadeira.

— Estou apenas tentando me preparar, — eu digo.

— Você não terá que se preparar para oito crianças. Não está acontecendo,

— ela retruca. Connor abre a boca e ela levanta a mão com a mamadeira para silenciá-lo.

— Seria mais eficaz se você realmente cobrisse minha boca, querida.

— Não me faça te machucar, — ela diz, e Jane solta um barulho perto de uma risadinha. Rose está sorrindo de orelha a orelha, um sorriso que eu praticamente nunca vi nela.

— Ugh, pare, — eu digo, protegendo meus olhos. — É assustador.

— Eu amo minha filha, — ela diz inflexivelmente. Jane traz algo em Rose, um lado mais leve que é difícil de ver às vezes. Mas ela ainda é a mesma,

então eu espero por isso. — Ela pode murmurar inarticuladamente, vomitar em mim e parecer sem noção até um certo estágio de sua vida, mas ela é minha coisinha ininteligível.

Eu me curvo. — Eu sinto muito, vossa alteza.

Rose revira os olhos, mas tem um sorriso neles.

— Eu vou trocar com você, — diz Connor a sua esposa. — Bebê por sacolas.

Seus olhos o perfuram, mesmo que ela não esteja na ofensiva. — Que sacolas?

Acabei de notar as sacolas de compras da Chanel e Dior ao lado dos pés de Connor. Claro que ele foi às lojas hoje de manhã. O comportamento de Rose muda, suas costas não estão mais arqueadas, e eu me preocupo que ela possa

jogar a bebê nos braços do Connor.

Jane solta outro grito de prazer, chutando as pernas que estão vestidas com um macacão verde. Gatos laranja malhados impressos ao longo dos braços. E

todos nós sorrimos. Ela é ridiculamente fofa, mesmo que tenha saído do útero da Rose.

— Parece que ela já herdou o amor de Rose por coisas extravagantes, —

eu digo.

— Ela é um bebê, — Rose me diz. Em vez de ódio, a palavra ‘bebê’ é preenchida com leve desdém. — Ela não sabe do que estamos falando.

Eu finjo surpresa. — Então você está admitindo que você não tem uma filha genial? — Eu me viro para Ryke. — O inferno congelou essa manhã?

Antes mesmo de Ryke reagir, Rose fala. — Eu estou admitindo que minha filha não é super-humana. — Rose entrega Jane para Connor e depois vai para as sacolas de compras.

— Com os genes meus e da Rose, ela ainda é, muito provavelmente, um gênio, — acrescenta Connor.

Sim. Eu sei.

Rose desembrulha as sacolas no balcão, o primeiro item: uma blusa de seda preta, que Rose delicadamente dobra em seu papel original depois de examiná-la.

Eu cutuco Ryke. — O que a Daisy está fazendo nesse fim de semana? —

Eu me importo genuinamente com a vida cotidiana de outras pessoas - é bizarro. Algo que eu nunca vi há quatro anos, viciado e egoísta.

Ryke apenas dá de ombros casualmente. — Eu não sei. — Ele toma um gole de suco de laranja da garrafa. Rose está muito ocupada, babando com seus presentes para perceber os maus hábitos do meu irmão.

— Como assim? — Eu pergunto a ele. — Você está namorando com ela.

— Nós gostamos do nosso fodido espaço.

Rose se endireita ao som do xingamento, e eu dou um soco no braço de Ryke com força. Ele estremece, já que o lugar está sensível para ele agora.

— Eu esqueci, — ele diz a Rose, nem mesmo se incomodando em esfregar seu bíceps.

— Eu não me importo se ela falar palavrão quando for mais velha, — Rose diz a ele. — Eu só não quero que a primeira palavra dela seja *fodido*.

— Meus sentimentos se alinham com os da Rose, — Connor acrescenta, sua filha adormecendo seus braços enquanto ele balança ela.

Nós temos um sistema: soco Ryke toda vez que ele xinga na frente do

bebê. É divertido para todos nós, menos para ele, e até agora não está funcionando muito bem. Seu braço foi socado durante toda a primeira semana em que Jane estava em casa, e ele *ainda* tem problemas em se treinar

para manter a boca limpa.

— Estou fazendo o meu melhor, — ele diz.

Rose concorda com a cabeça. — Eu aprecio isso. — Ela volta para suas roupas, e eu volto para a minha conversa inicial com Ryke.

— Você gosta do seu espaço? — Minhas sobrancelhas se franzem. — Eu não entendo. Vocês estão dando um tempo ou algo assim?

— O quê? — A voz de Lily ecoa da porta, e ela entra na cozinha com os olhos arregalados como pires. Não ajuda que ela use sua toca Wampa, chinelos de dinossauro, calça de pijamas de algodão preto e um casaco de pele. — Vocês estão dando… — Seus olhos verdes de alguma forma se alargam mais. — ... *um tempo?* — Merda.

— Puta que pa...

Eu soco o braço dele e ele solta um som exasperado. É o sistema. Eu não posso mudar isso. — Desculpe, mano.

Ele suspira. — Nós só não estamos monitorando um o outro. Nós ainda estamos juntos. Ainda estamos fod- *transando*. — ele se vira para mim e aponta. — Não me dê um soco.

Eu aplaudo. — Você conseguiu evitar o palavrão com p. Por pouco.

— Progresso, — Connor diz com um sorriso. Ryke até parece surpreso com o elogio, nem é um com sarcasmo. Talvez ele possa dizer que Ryke está seriamente frustrado hoje.

Lily entra mais na cozinha. — Você tem certeza, Ryke?

— Sim, Lil, — ele diz a ela, sinceramente. — Nós não somos como você e Lo, ok? Nós gostamos de dar um ao outro espaço para respirar.

— Nós respiramos, — Lily defende nosso relacionamento. Minhas sobrancelhas se levantam. Não vamos nos enganar. Nós lutamos com nossa codependência diariamente.

— O que você está vestindo? — Rose pergunta para sua irmã. Lily vai até a geladeira. Eu quero envolver meus braços em volta dela e puxá-la para perto do meu peito. Mas hesito porque A) acabamos de fazer sexo e prefiro não provocá-la demais e B) isso é codependência, precisamos de espaço para respirar e *etc.*

— Está frio aqui, — explica Lily.

Todo mundo olha para o Ryke, a pessoa que constantemente abaixa o

termostato. Ele estreita os olhos. — É verão. Fica quente.

Lily fecha a porta da geladeira, de mãos vazias, e pega uma banana na bancada. — Eu também tenho um anúncio.

Todo mundo fica quieto e eu fico rígido. Seja o que for, ela não me contou.

Seus olhos voam para os meus brevemente antes de se concentrarem em sua irmã. — Eu vou ficar dentro de casa até ter o bebê. Não posso correr o risco de ter um parto em uma limusine. As únicas vezes que vou sair são para consultas médicas.

Tudo bem por mim. Saber que ela vai estar em casa, na verdade, alivia minhas preocupações. Alguém sempre estará aqui com ela.

— Então essa é a verdadeira razão pela qual você está vestida como o abominável homem das neves em julho, — Ryke diz como se não fosse a culpa dele por manter a casa fria se ela não vê a luz do dia.

Lily lhe mostra o dedo do meio e começa a descascar a banana. Eu sorrio.

Deus, eu amo essa garota.

— Ei, pessoal. — Daisy desliza para a cozinha, bocejando — O que vocês vão fazer hoje? — Seu cabelo ainda está loiro platinado, mas ela o usa em uma trança. Ela fica perto do fogão, colocando distância entre ela e Ryke.

— Cuidar de um bebê, — diz Rose facilmente.

— Eu tenho ela, querida, — responde Connor. — Você pode passar o dia com suas irmãs.

Rose fala em francês com Connor e Lily come a banana lentamente, os vendo falar na língua estrangeira sem saber o que eles estão dizendo. E então ela se concentra em Ryke e Daisy, e eu vejo o medo brilhar nos olhos de Lil.

Ninguém quer que esse relacionamento dê certo mais do que ela.

— Vocês dois podem apenas se abraçar e fazer as pazes? — Eu digo ao meu irmão e a irmãzinha da Lily.

Daisy abre um sorriso carismático e encara o namorado. — Você quer me abraçar? — Ela pergunta divertidamente.

— Não, — ele diz impassível. É melhor que ele esteja sendo sarcástico, e detesto que não consigo saber.

Daisy apenas sorri mais e ela estica os braços no balcão. — Você quer…

— E ela gesticula com a boca, *me foder*?

Ah, merda.

— Cada fodido minuto, Calloway.

Eu soco o braço dele, e ele se vira e bate no meu bíceps com a mesma força. — Jesus Cristo, — eu amaldiçôo. E ele me bate novamente por essas

palavras. Merda.

— Dói, não é? — Ele me diz.

— É, é, tanto faz, — eu aceno para ele. É melhor que um pote de palavrão.

O dinheiro não é uma penalidade grande o suficiente.

Lily ainda está em transe com Ryke e Daisy. Depois de alguns segundos, eu pego sua atenção e seu olhar cai no meu. Faço um movimento entre nós com

a mão e faço um gesto brusco com a boca e a língua. Eu a vejo congelar, a banana no ar enquanto seu rosto fica um tom forte de vermelho.

Seus olhos dançam ao redor da cozinha, verificando se alguém está nos observando. Eles não estão.

E então ela aponta para o peito e a gesticula, *eu?*

Eu concordo. *Sim, Lil. Você.* Dois segundos depois, fecho o espaço entre nós e a envolvo em meus braços. Esses são os tipos de abraços pelos quais eu vivo.

LILY CALLOWAY

Ainda não há fotos de Jane Cobalt.

A manchete do artigo do *Celebrity Crush* de hoje deixa a Rose cheia de alegria. Desde que Jane nasceu, ela tem uma missão para manter sua filha longe dos paparazzi. Ontem, Rose saiu do condomínio fechado com Jane, a levando para a boutique da Calloway Couture, e os fotógrafos a cercaram.

Eu sei disso, não de primeira mão, mas assistindo a notícias de entretenimento. No vídeo, parecia que Rose estava caminhando por um festival de concerto de fotógrafos, apenas para chegar às portas da frente de sua loja. Eu não a vi tão protetora e louca há muito tempo. Se ela não estivesse segurando Jane no peito - a bebê envolvida por um cobertor - ela definitivamente teria chutado um cara nas bolas.

Seu guarda-costas os segurou para trás, e eu pude até detectar o apreço de Rose por Vic. Ela não pronuncia as palavras, mas nossos pais estavam certos sobre a segurança extra. Os guarda-costas são uma força útil.

Rose pinta minhas unhas em sua cama enquanto Daisy faz caretas para Jane ao pé do colchão. A bebê faz barulhos de felicidade para a tia.

— Não te incomoda, — eu pergunto a Rose e gesticulo para Jane, — que você não pode falar com ela ainda?

Ela mergulha o pincel no esmalte roxo lilás. — É agravante às vezes. A vida seria mais fácil se eles saíssem do útero com habilidades verbais adequadas. É uma das muitas razões pelas quais os bebês são intoleráveis...

— Ela faz uma pausa e seus olhos voam para a bebê. — Mas Jane é diferente.

Ela compensa a choradeira de outras maneiras.

Daisy segura uma das mãozinhas de Jane. — De que maneira?

Rose fica quieta por um momento e observa pensativa a filha, aqueles

grandes olhos azuis e bochechas macias. — Ela apenas me entende. — Seu olhar se vira para mim primeiro. — E eu sei que parece ridículo, mas é o que eu sinto, então não pode estar errado. — Ela podia muito bem jogar o cabelo por cima do ombro para finalizar. Rose fecha o esmalte, o coloca de lado e se aproxima mais do pé da cama onde a filha está.

Ela pega Jane em seus braços, ainda um pouco rígida, mas Jane se aconchega no peito de sua mãe de qualquer maneira. Não ofendida pela natureza fria de Rose.

Rose toca a cabeça da filha, cabelos castanhos finamente penteados. —

Não conte para Connor, — ela diz para nós duas, — mas eu estava nervosa que ela gostasse dele mais do que eu.

— Eu também estava, — digo a ela.

Seus olhos verde-amarelados me perfuram e Daisy ri levemente, juntando o cabelo platinado no topo da cabeça.

— O quê? — Eu pergunto. — Eu pensei que estávamos sendo honestas. —

Isso foi um momento para compartilhar, certo?

— Com toda a *honestidade*, Jane gosta de nós igualmente, — explica Rose. — Ela já é perfeita. Sem escolher favoritos. — Rose dá um pequeno beijo no topo da cabeça de Jane e a coloca de volta no edredom azul-claro. —

Você vai ser incrível, não é? — Ela pergunta.

Jane sorri grande e isso reflete nos olhos de Rose, suavizando seu exterior gelado em cem graus.

Quando Rose fala com Jane, ela usa sua voz normal, o mesmo acontece com Connor, sem voz de bebê.

— Eu não posso esperar até que você tenha idade suficiente para escolher suas próprias roupas, — Rose diz a Jane, — e seus próprios penteados e suas próprias palavras. E eu puder ver que tipo de garota você cresceu para ser.

Isso quase me traz lágrimas. Rose não quer que sua filha seja como ela. Ela quer que ela seja ela mesma, um indivíduo único, para ter uma identidade própria.

Meu celular vibra na minha mão. Eu checo a mensagem.

Você. Eu. Quarto. – Lo Meu pulso começa a acelerar quando eu o respondo.

Agora? Eu aperto enviar.

A menos que você queira esperar até mais tarde. – Lo De jeito nenhum.

Agora está bom.

Eu tomo uma respiração treinada antes de sair da cama, minhas costas doendo de tanto peso. Meu estômago está tão pesado que sinto que vou explodir a qualquer momento. Mas eu só penso naquelas seis semanas sem sexo, e eu decido que eu quero tanto tempo de Loren Hale quanto eu puder.

— Onde você está indo? — Rose pergunta.

— Lo me quer.

— Na cama, — Daisy termina com um sorriso bobo.

Eu queimo em um outro tom de vermelho, mas eu não nego. — Estamos compensando as seis semanas de abstinência. — Faço uma pausa e pergunto:

— Como está indo para você? — Em parte, gostaria de saber se é realmente difícil, mas a luta dela será diferente da minha, reconheço. Jane nasceu dia 10

de junho e já é 13 de julho, então, se Rose realmente quisesse, ela poderia fazer sexo agora. Quatro semanas. Mas os médicos recomendaram seis e Rose geralmente segue as regras.

— Connor acha que pode vai poder fazer o que quiser comigo no dia *exato* em que eu estiver fisicamente capaz de fazer sexo de novo, e isso é enfurecedor. Talvez eu não queira fazer sexo naquele dia. *Talvez* ele não irá ganhar desta vez.

Daisy e eu trocamos sorrisos percebendo como Rose está ficando irritada com o marido.

Daisy acrescenta: — Talvez você não queira ser amarrada também.

— Sim, — eu concordo. — Talvez você prefira ser espancada.

Rose me dá uma olhada.

— Eu estava falando sério, não quis dizer ser malvada como o Lo, — eu me defendo. Eu me sinto mal por jogar Lo debaixo do ônibus, mas vou compensar isso no quarto. Eu internamente aceno para esse plano.

Rose solta um suspiro e então seus olhos se acendem de repente, como se uma ideia diabólica tivesse surgido em seu cérebro. — E se eu não fizer sexo durante as *suas* seis semanas de abstinência também? Vai ser um pacto de solidariedade. — Rose ama isso, mas eu posso dizer que isso é sobre vencer seu marido em um dos seus jogos mentais.

— Isso é um mês extra para você, — eu a lembro. Parece loucura e difícil, mas minha irmã não é viciada em sexo. Ela era virgem até os vinte e três anos, com orgulho.

Rose puxa seus ombros para trás em confiança. — Eu sou casada com o homem. Eu posso fazer sexo com ele todos os dias pelo resto da minha vida.

Um mês a mais não vai nos matar.

Eu tento não contemplar as necessidades sexuais de Connor. Não tenho certeza se ele vai ficar chateado por esperar ou se ele considerará isso um desafio ainda maior e tentará conquistar Rose.

— Eu também vou me juntar, — diz Daisy com um sorriso.

Minha boca cai. O queee...

Rose bate as mãos. — Perfeito. Vou ligar para Poppy e todas nós podemos nos abster em homenagem a Lily se abstendo.

Eu viro minha cabeça ao redor, olhos arregalados. — Vocês não têm que fazer isso. — Eu aponto para Daisy, que torce seu anel em polegar de uma maneira inquieta. — Você não deveria estar fazendo isso *de jeito nenhum*. —

Ryke vai me matar.

Os lábios de Daisy só levantam mais. — Você acha que um fusível do Ryke vai estourar? — Ela engasga e seus olhos ficam grandes. — O perigo.

Eu pego um travesseiro e atiro nela. Ela ri enquanto Rose protetivamente levanta Jane para o seu peito, evitando um ataque de travesseiro em sua bebê.

— Com toda a seriedade, — Daisy diz, — é um grande negócio para você e eu quero ser solidária também.

Minha garganta se fecha por um segundo. Todas as minhas irmãs estão dispostas a compartilhar minha luta, e talvez elas até me mostrem que não é tão ruim quanto eu acho que vai ser. Estou feliz por estar tão perto delas agora.

Eu tenho que agradecer a Rose por isso. Ela nunca desistiu de mim. Toda vez que eu a afastava, ela simplesmente voltava para a minha vida, se recusando a me deixar ser excluída. Agora aqui estou eu, morando em uma casa com minhas duas irmãs. Feliz.

Eu estou feliz.

— Sem mais choro, — Rose me diz. — Esse deve ser o nosso segundo pacto. Podemos fazer um pacto de sangue.

— Não, — Daisy e eu falamos em uníssono.

Rose estreita os olhos. — Eu sempre esterilizo a faca.

Eu sorrio e enxugo meus olhos que estão cheios de lágrimas. Meu telefone vibra com outra mensagem.

Lil. Onde você está? – Lo Quando eu olho para cima, eu vejo Rose digitando em seu celular. Ela tem um olhar presunçoso e possivelmente apaixonado em

seu rosto. — Connor não está ganhando isso.

Eu chego a porta com um sorriso estúpido. É bom saber que, mesmo com um bebê, as estrelas nerds ainda se alinham exatamente da mesma maneira.

*

Eu dou cinco passos no corredor antes de uma dor surda bater nas minhas

costas. Meus membros congelam enquanto preocupação e confusão passam por mim. Meu telefone vibra impaciente mais uma vez.

Lily Calloway. Não me faça ir te buscar. – Lo Ele raramente me manda mensagens sexuais, e esse momento pouco frequente está sendo arruinado pela dor. Eu não estou tão longe dele. A porta está bem à vista. Eu posso simplesmente ir até ele.

Assim que eu ando para frente, uma dor aguda aperta meu abdômen.

Merda. Isso não pode estar acontecendo. Do que Rose as chamou?

Contrações falsas? Sim, elas são falsas. Contrações de mentira. Minha bolsa ainda não estourou..

Espera...

Rose não é confiável.

Ela teve um bebê em uma limusine por causa da mesma mentalidade. Eu acelero meu passo para o meu quarto e abro a porta. Lo descansa na cama com uma revista em quadrinhos aberta, seu celular ao lado dele enquanto ele espera por mim. Quando seu olhar se eleva ao meu, a preocupação esmaga suas feições agudas. — O que há de errado? Lily?

Ele fica de pé antes que eu possa dizer uma palavra.

— Eu acho que estou tendo contrações. Eu não sei, no entanto. — Eu estremeço quando a dor pulsa das minhas costas para o meu estômago. Como cólicas poderosas e mutantes. Ai meu Deus, essas cólicas têm superpoderes.

Como diabos eu vou derrotá-las?

Lo age rapidamente. Ele pega seu celular, me ultrapassa para abrir mais a porta, e ele grita no corredor, — Rose!

— Não, — eu começo, empurrando o braço dele. — Ela vai surtar. — Eu não posso nem acreditar que ela foi sua primeira escolha de companhia para essa situação. Com certeza, Ryke ou Connor ficaram no topo da sua lista.

Mas talvez ele estivesse pensando em minha lealdade. E com quem eu me sentiria mais confortável.

Ele toca meu ombro em conforto, mas ele não pode me responder, não quando ele está ao telefone. — Oi, é Loren Hale, — diz ele no receptor. —

Posso falar com a Dra. Dhar?

Rose sai de seu quarto rapidamente. Ela está sozinha, então eu suponho que Daisy tenha ficado com a Jane.

— O que houve? — Ela examina nossa presença prolongada na porta.

Eu seguro minha barriga, minha cabeça um pouco tonta. — Eu não sei. —

É a verdade. Eu não tenho ideia se isso é real ou falso ou algo entre os dois.

Essa confusão e escuridão me assustam mais.

— Eu vou pegar sua bolsa, — diz Rose, correndo para o meu quarto. *Que bolsa?* é meu primeiro pensamento. E então eu lembro: *ah sim, minha bolsa do hospital.* A que Rose passou basicamente a noite toda arrumando para mim *meses* atrás. As vantagens de ter uma irmã organizada e ligeiramente neurótica.

Eu enterro minha cabeça no peito de Lo enquanto ele continua a falar com a médica. Ele esfrega minhas costas, e eu agarro em suas alças do cinto para apoio. *Obrigada, alças do cinto, por sempre estarem aqui por mim.*

Eu ouço Rose das profundezas do meu quarto. — Connor e eu vamos deixar

a Jane na casa da Poppy! Daisy vai buscar Ryke e nós encontraremos vocês no hospital!

Não, eu não posso dar à luz hoje.

Eu posso? Eu olho para Lo com os olhos apertados.

E ele acena com a cabeça em confirmação, como se ele pudesse ler minha mente. Mas eu sei que uso todos os meus pensamentos no meu rosto para ele ver.

Ele não está com medo. Não tanto quanto eu. E a confiança que ele acumulou durante semanas e semanas passa pra mim. Eu tento me segurar nisso o mais forte que posso, mesmo que seja apenas ar entre meus dedos. Eu tento respirar cada pedacinho disso. Mas as minhas partes aterrorizadas são muito, muito fortes.

Estou prestes a ter um bebê.

Oh Deus.

LOREN HALE

A bolsa de Lily estourou enquanto ela estava agarrada em mim. Pedi a ela que parasse de pedir desculpas depois que nós dois tomamos um banho rápido e, a até aquele momento, eu poderia dizer que a dor dela superou sua vergonha - o que para Lil significa que ela está sofrendo de verdade.

Chegamos ao hospital sem um parto de emergência, e agora que estamos na sala de parto, tenho certeza que fiz cara feia para toda a equipe de enfermeiras por acidente. Rose confirma dizendo que eu tenho um rosto

'malvado'. Eu simplesmente odeio me sentir impotente, tendo que assistir Lil curvar seu braço ao redor dos olhos e tremer de dor. É uma merda.

E isso me lembra dos primeiros dias de sua recuperação, quando eu tinha que constantemente dizer a *não* para ela e segurar suas mãos, para ela então deixar de ser compulsiva. Onde o sexo prejudicou sua capacidade de ser uma pessoa normal e funcional na sociedade.

É um tempo que eu nunca mais quero voltar.

Seis horas e uma epidural depois, Lily finalmente relaxa. Como se ela estivesse pronta para flutuar. Eu passo meus dedos pelos cabelos dela, preferindo ela drogada do que em agonia.

Eu poderia dizer que ela queria os remédios, mas as enfermeiras a perturbaram demais sobre isso. Dizendo coisas sobre como viciados em recuperação devem tentar o parto natural. Precisou de nós três - Rose, Ryke e eu - para tentar acalmar as enfermeiras e convencer a Lily a ouvir o que *ela* queria. Ela está apavorada. De fazer algo errado. De machucar nosso filho por causa de uma escolha que ela fez. As pessoas não devem fazê-la se sentir culpada por querer um parto mais fácil.

Na cama do hospital, ela sorri atordoada para mim. Me sento no colchão perto dela e não posso conter meu próprio sorriso com sua expressão fofa. —

Se sentindo melhor?

Ela relaxa em seu travesseiro como se estivesse afundando em uma nuvem.

— Eu amo o trio do temperamento quente.

Não tenho ideia do que ela está falando. — O quê?

A porta se abre e meu pai entra na luxuosa suíte de parto, tomando um café. Ele entrou e saiu o dia todo, andando pelo hospital como uma alma perdida. Seus olhos escuros passam de mim para a Lil. — Viu, eu sabia que um dia isso aconteceria. Eu disse ao Greg que você iria engravidá-la com dezessete anos.

Meu rosto aguça.

Greg interrompe antes que eu possa, — Lily é uma garota esperta por esperar.

Lily parece estar flutuando ainda mais alto com o elogio. Eu ouvi o pai dela elogiá-la em várias situações, quando ele não está imerso em seu trabalho.

Nossos pais não são as únicas duas pessoas aqui. Lil queria que suas irmãs estivessem presentes durante o longo processo de 'espera', e apesar de Poppy e Sam estarem cuidando da Maria e Jane, todo mundo veio. Até a mãe da Lily, que espreita entre uma fresta nas persianas fechadas. A sala, cheia de cadeiras e sofás macios, é grande o bastante para nossas famílias. Todos vão sair assim que a Lily estiver prestes a dar a luz.

Meu pai ri em seu café. — Tecnicamente eles tiveram um acidente.../p> —

Você pode parar? — Eu o interrompo, especialmente quando Lily desce de sua nuvem. Seus lábios se abaixaram. Eu gostava mais quando ela estava lisonjeada por fazer escolhas inteligentes.

— Ei, — ele diz, — estou malditamente *feliz* agora. — Esse é o meu pai, feliz. E eu vejo isso sob seus olhos escuros e seu rosto severo. — Eu vou ter um neto. — O orgulho em sua voz me surpreende por um segundo.

Ele dá um tapinha nos pés de Lily que estão debaixo de um cobertor. —

Como você está?

Ela acena com a cabeça. — Bem.

Greg se junta com um sorriso: — É isso que eu gosto de ouvir.

Eu vejo meu pai entrar mais na suíte em direção ao amigo.

— Atualizações? — Samantha pergunta ao quarto enquanto ela olha de olhos arregalados as ruas abaixo. Elas ficaram cheias com equipes de filmagem nas últimas duas horas, esperando tirar uma foto de qualquer um de nós saindo do prédio. Eu gostaria de dizer que isso não é importantes, mas Lily se interessa.

— Eu tenho uma, — diz Daisy. Ela está esparramada no sofá branco, com os pés no colo de Ryke. Ela lê um artigo online em seu celular. — De acordo com uma fonte interna, Lily Calloway está em trabalho de parto e foi

internada no hospital. Teremos mais informações nas próximas horas.

— O principal é manter Maximoff longe dos paparazzi, — Greg diz a Lily e a mim. — Nenhuma criança precisa desse estresse.

Lily solta um suspiro e aperto a mão dela. Ter um filho é ansiedade suficiente. Eu escovo seu cabelo para trás e sussurro: — Nós vamos conseguir fazer isso.

Ela acena com a cabeça algumas vezes, como se estivesse tentando acreditar também.

Meu pai se esgueira ao lado de Samantha para espreitar para fora das cortinas com ela. — Vou chamar mais segurança para quando sairmos. Isso é ridículo. — Ele aponta para a janela. — Aquele gordinho está comendo um maldito big mac enquanto espera.

Em um sofá mais curto, Connor envolve o braço em torno de Rose e diz:

— Os cinegrafistas podem comer, como todos os seres humanos podem.

Meu pai dá a ele um olhar mal-humorado e então diz: — De que lado você está?

— Do lado lógico, — diz Connor com facilidade. — Você provavelmente não está familiarizado com ele, mas é o lado que ganha dez vezes de dez.

Os olhos do meu pai brilham quentes, e é bem evidente que a rixa dele com o meu melhor amigo ainda está em andamento. Esse não é o momento para essa merda.

— Ei, essa não é a hora para essa porra, — Ryke corta. Eu aceno para o meu irmão mais velho em agradecimento.

Estou quase me arrependendo de ter feito o nascimento do meu filho um evento familiar, mas posso dizer que Lily aprecia a companhia de todos.

Mesmo que isso esteja *me* estressando.

Meu pai agarra seu café um pouco mais forte, mas sua voz não está tão afiada. — Eu estou apenas conversando. — Ele toma sua bebida e Samantha finalmente se afasta da janela.

Seu olhar surpreendentemente pousa em Lily e em mim. — Vocês dois já decidiram o nome mesmo? — Ela pergunta, se sentando rigidamente em uma cadeira ao lado de Greg. — Ainda há tempo para mudar de ideia.

Lily sacode a cabeça repetidamente, e antes que eu acidentalmente diga algo desagradável para sua mãe, Rose começa a defender nossas escolhas.

— Deixe-os em paz, — diz Rose. — Você não deveria estar aumentando o estresse da Lily. Esse é um ambiente calmo e *zen*. — Ela inspira profundamente para demonstrar quão zen essa porra é. Só que suas clavículas

se projetam como se ela tivesse dificuldade em expirar.

— O que você estava dizendo mesmo? — Eu provoco Rose.

Seus olhos verde-amarelados estreitam para mim.

Está *tenso* aqui, embora poderia ser cem vezes pior. Parece que deveria ser, provavelmente. O desconforto de resultados inesperados.

Ryke descansa um braço ao longo do encosto do sofá e segura os tornozelos da namorada com a outra mão. — Maximoff é um nome bom pra caralho. É forte.

Meu pai se intromete: — É forte até que um garoto o chame de Maxi Pad.

— Diz o homem que me deu o nome de Loren, — eu replico.

Meu pai me encara e responde: — É sobre se elevar *acima* do seu nome.

Eu não estou reclamando do nome Maximoff. Eu acho que vai ser um testemunho de seu caráter como ele reage a isso.

Eu não quero que o nome dele seja um maldito teste.

Mas eu não vou deixar nossos pais nos forçarem a desistir de algo que escolhemos juntos. Algo que amamos de verdade. Eu odeio que eles tenham que manchar com suas opiniões de qualquer maneira. Mas há um lugar dentro de mim que é grato por ter pessoas que se importam. Para melhor ou para pior, é para isso que serve a família, certo?

Lily aperta mais a minha mão e ela solta um suspiro antes de se afundar nos travesseiros. Duas de enfermeiras empurram as portas e verificam seus sinais vitais. — Eu acho que ela está pronta. — Uma das enfermeiras sai para buscar a médica. — Devemos esvaziar a sala, um limite de duas pessoas durante o parto.

Eu saio da cama.

— Não vá! — Lily aperta minha mão com as duas.

Eu me aproximo dela. — Eu não ia a lugar algum, amor. — Eu beijo seu nariz levemente e ela exala uma grande respiração. Todo mundo se levanta para sair da suíte.

Greg abotoa o paletó e acena para Lily. — Nos vemos depois. Você vai se sair muito bem.

— Obrigada, pai.— Lily parece animada com o encorajamento, ou talvez

sejam os remédios. De qualquer forma, eu estou percebendo que isso está se tornando uma boa memória para nós dois.

Samantha até reconhece Lily com um sorriso, sem palavras. Mas agora, acho que é melhor assim. O quarto está se esvaziando em segundos. Meu pai nos brinda com seu *café* como se ele tivesse com um copo gigante de

bourbon na mão, e então ele sai com os pais da Lily.

Ryke aperta meu ombro e Daisy dá a sua irmã um abraço.

— Ei, — Ryke diz, e eu encontro seus olhos castanhos, mais salpicados de castanho claro do que o habitual. — Estou aqui para você. — Ele é a primeira pessoa a quem eu iria se eu me sentisse sobrecarregado. Agora, ele sabe disso.

Eu concordo. É tudo que posso fazer, emoções começando a apertar meus pulmões. De alguma forma, porém, eu consigo dizer: — Obrigado.

Ele dá um tapinha no meu ombro antes de sair pela porta com sua namorada.

Connor desliza seu telefone em sua calça preta e se aproxima da beira da cama. Enfermeiras começam a andar pelo quarto. A médica ainda não está aqui, mas a realidade ainda está me atingindo com força total. — Não pisque,

— diz ele com uma voz suave. — Isso vai acontecer mais rápido do que você imagina. — Ele pisca para mim antes de sair com passos confiantes.

Não pisque.

Meu estômago está em nós.

— Rose? — Lily chicoteia a cabeça ao redor da sala, tentando encontrar sua irmã mais velha. Seus olhos começam a lacrimejar, pensando que Rose saiu sem dizer nada.

Estou prestes a ir atrás dela, mas ela aparece de repente, saindo do banheiro. — Eu estou bem aqui, pare de chorar. — Ela arruma o cabelo brilhante com os dedos. — Eu não queria usar o banheiro público.

Limpo as bochechas de Lily com o polegar.

Rose olha para ela. — Nós fizemos um pacto, sem lágrimas.

— Isso soa como algo que um demônio diria, — eu digo a ela.

Ela coloca as mãos nos quadris e Lily a interrompe: — Daisy e eu rejeitamos aquele pacto. Você foi vetada.

Eu dou risada, de jeito nenhum, porra. Isso quase nunca acontece.

Rose franze os lábios. — Obrigada pela lembrança. Você pode chorar então. — Ela está se enganando se acha que não vai derramar uma lágrima quando ver a Lily segurando nosso filho. Mesmo que Rose não seja a pessoa mais gentil, quando se trata de suas irmãs, ela pode se transformar em uma poça.

Lily solta um longo suspiro. — Você pode me dar uma dica rápida?

— Não tenha medo.

— Caso algo aconteça comigo, — diz Lily, lhe atiro o olhar mais bravo

que posso. Ela coloca as mãos para cima em defesa e acrescenta: — Eu só gostaria de um abraço.

Eu digo a Lily, — Nada vai acontecer com você. — Eu não posso pensar nisso sem perder oxigênio, meus olhos queimando. Duas enfermeiras e uma médica estão no quarto. Nós estamos em um hospital. Nada vai dar errado.

— EuseiEusei, — diz ela rapidamente. Ela solta minha mão e abre os braços para Rose.

Parece que sua irmã mais velha foi convidada a subir uma escada e limpar os canos de esgoto. Mas ela se inclina e dá um par de tapinhas no ombro de Lily. — Eu te amo, — Rose sussurra antes de se afastar. Quando ela se levanta, ela passa os dedos embaixo de um olho.

Eu inclino minha cabeça para ela.

Ela aponta para mim: — Cale a boca.

— Eu não disse nada.

Ela levanta o queixo e marcha direto pela porta.

Além da equipe do hospital, estamos sozinhos. Eu mantenho minha mão em sua cabeça, observando seus olhos nervosamente voarem pelo quarto. —

Você está com alguma dor? — Eu pergunto.

— Não, — ela sussurra. — Eu não posso sentir nada embaixo. — Ela coça o braço, e eu rapidamente pego sua mão na minha, entrelaçando nossos dedos.

— Lily Calloway, — murmuro, e ela finalmente olha para mim. *Eu amo você*. Eu nem tenho que dizer as palavras e seus olhos já se enchem de lágrimas. Eu respiro profundamente, meus músculos se contraindo. Anos e anos com Lily, minha melhor amiga, correm pelas minhas veias.

É uma conexão que surgiu cedo, desde persegui-la em torno de um campo de golfe a se esconder debaixo de travesseiros em um iate. De escapar para um quarto a brincar de faz de conta atrás de um bar. De desligar o mundo ao nosso redor até que era só nós dois.

Eu abro minha boca para dizer mais, mas é difícil colocar tudo em palavras.

Uma lágrima escorre por sua bochecha. — Eu sei.

Eu a beijo nos lábios, um que quase a puxa para o meu corpo, mas eu separo antes que ela saia do lugar. Minha mente está girando enquanto a médica diz algo para Lil, e então as enfermeiras se juntam. Eu me concentro principalmente em Lily, segurando a mão dela enquanto eu fico ao seu lado.

Cerca de duas horas se passam com Lily empurrando, suas bochechas

manchadas de vermelho pelo cansaço.

— Mais uma, — a médica instrui.

As sobrancelhas de Lily se franzem enquanto ela tenta novamente, não desistindo. O tempo parece imensurável. Muito rápido. Muito devagar. —

Bom trabalho, Lil, — eu digo a ela quando ela termina de empurrar.

Dra. Dhar diz: — Última vez.

Lily cai de exaustão e olha para mim como se dissesse *ela acabou de dizer isso, não é?* O medo inunda seus olhos e eu beijo sua cabeça e meus lábios escovam sua orelha. — Você está quase lá, amor. Está tudo bem.

— Ok, — diz ela em uma voz trêmula. Sua mão aperta a minha. E ela fecha os olhos para tentar empurrar novamente. Ela ofega, sem fôlego, depois dessa última empurrada.

A médica se concentra nos monitores. — O ritmo cardíaco do bebê está um pouco baixo.

Eu volto a olhar para Lily, e seus olhos vibram como se estivessem prestes a fechar. — Lil? — Eu seguro seu rosto; ela está suando frio. — Lily?

A segunda enfermeira corre até a máquina mais próxima e coloca uma máscara de oxigênio sobre o nariz e a boca da Lily.

Eu penteio o cabelo dela para trás. — Ei, Lil, olhe para mim, amor. —

Meus olhos estão em chamas, e por uma fração de segundo, o medo de perdê-

la me leva para um passeio. Eu não posso...

É uma dor que me rasga. Ela me estica. Eu engulo uma pedra. *Olhe para mim. Por favor.* E enquanto ela toma algumas respirações profundas de oxigênio, seus olhos encontram os meus novamente e ela me dá um aceno de cabeça.

Ok.

— Lily, um último empurrão, — diz a Dra. Dhar. — Eu sei que você está cansada, mas nós todos queremos esse bebê aqui fora.

Lily parece que ela está prestes a chorar. Eu pairo sobre ela e inclino o seu queixo para que ela encontre o meu olhar novamente. — Isso é mais fácil do que todas as batalhas pelas quais você passou. — Eu limpo as lágrimas de suas bochechas.

— Mais uma vez? — Ela pergunta como uma questão, mesmo que ela esteja tentando aumentar seu ânimo.

— Sim, Lil. Mais uma.

Ela inala o oxigênio e fecha os olhos com força enquanto empurra. Eu cerro os dentes, meu queixo doendo quanto mais isso continua. *Por favor,*

deixe essa ser a última.

E então, o próximo som apenas me invade.

Um choro.

Dra. Dhar tem o bebê em suas mãos.

Eu não sou o tipo de cara que alguém quer ver dar vida. Desagradável, severo, rancoroso - um bastardo. Mas eu estou empregando o lema do meu irmão para isso: *eu não dou a mínima.*

Eu não dou a mínima..

Talvez algumas pessoas não mereçam uma segunda chance. Mas eu valho esse momento e essa garota e essa vida que eu vivo e a que eu criei.

Ninguém pode me dizer o contrário. Porque o minuto em que eles colocam nosso bebê no peito de Lily é o minuto que *sinto* um pedaço de mim que eu estava mantendo submerso. Ela já está em lágrimas, alegria explodindo em suas feições. E eu sinto tudo isso claro por dentro. Eu não estava disposto a me deixar experimentar isso. Eu tenho estado preenchendo os lugares vazios com dor e acabei.

Eu acabei com essa tortura.

Uma enfermeira seca o bebê e mantém uma toalha quente nele. E outra remove a máscara de oxigênio da Lily. — Lo, — ela engasga com uma risada, o queixo tremendo enquanto as lágrimas caem em cascata. Eu percebo que minhas bochechas estão molhadas.

Eu me inclino para mais perto dela, me sentindo mais leve do que antes.

Ele é pequeno, seus olhos estreitos como se a luz fosse muito forte para ele. Mas ele se contorce um pouco e solta alguns barulhos altos, sem chorar exatamente. Apenas dizendo que ele está aqui.

Após cerca de quinze minutos, o mundo parece mais calmo, as pessoas começam a desacelerar. Ele está envolto em um cobertor e contente. — Você vai segurá-lo? — Lily me pergunta como se ela estivesse se perguntando se eu não vou.

Eu não hesito. Eu o levanto gentilmente em meus braços. Deus, eu não consigo superar o quão pequeno ele é.

— O que você está pensando? — Ela pergunta.

Eu percebo que não disse uma única palavra. E eu começo a sorrir, meus olhos molhados. — Ele parece poderoso.

Mesmo com sua exaustão, ela sorri como se tivesse subido um milhão de metros. — Como um super-herói?

Eu aceno algumas vezes e escovo meu dedo sobre sua bochecha macia. Ele

responde com um murmúrio de aceitação. Eu nunca pensei que poderia amar alguém do jeito que eu amo a Lily, mas meu mundo acabou de se expandir, mais um.

Eu sussurro baixinho: — Definitivamente como um super-herói.

LILY CALLOWAY

Durante a semana passada, acampamos no quarto com tema de super-heróis do Maximoff no longo sofá azul. Eu posso ser tendenciosa, mas a cidade pintada na parede, o cobertor dos *X-Men* e o móbile do martelo do Thor, vence do quarto de princesa cor-de-rosa de Jane qualquer dia.

Essa tarde, nós estamos assistindo à maratona *X-Men* no FX em nossa cama com Maximoff entre nós, e ele tem dormido muito mais que seu tempo normal de soneca. — Ele está vivo? — Eu sussurro para Lo. Nós dois meio que pairamos sobre ele, o vendo dormir mais do que assistimos aos filmes.

Paranoicos, sim. Estamos lendo muitos panfletos sobre a Síndrome da morte súbita infantil. O que pode ser causado pelo que parece ser *qualquer coisa.* O bebê não pode dormir de bruços. Ele não pode ser enrolado com muita força em um cobertor. Um movimento errado e *bam!* Um bebê a menos.

Eu tenho essa imagem sombria e horrível de acordar e encontrar Maximoff roxo e... é.

Eu já fiz Connor me dar dicas de atualização para o primeiros socorros de bebê.

— Eu tenho certeza que ele está vivo, Lil, — Lo sussurra, mas suas sobrancelhas se juntam com tanta incerteza como a minha.

— Como sabemos que ele está respirando? — Eu pergunto.

Lo fica quieto por um momento, e então ele diz: — Talvez um de nós deva cutucá-lo ou algo assim.

Eu aceno com a cabeça descontroladamente. — Boa ideia. Você faz isso.

— Nosso bebê mal se agita, tão calmo, e ele raramente chora também. Jane tem mais ataques do que ele... talvez seja por isso que estou mais nervosa com a natureza quieta dele. Não sei se isso significa que algo está errado ou se ele é realmente um bom bebê.

Lo se inclina mais para o lado e bate no pezinho de Maximoff em seu macacão azul, um raio no peito. Meu coração para de bater por alguns segundos e só volta quando ele chuta suas perninhas. Eu exalo um suspiro de

alívio. Ele está vivo. Tudo está bem.

E então ele choraminga alto.

Ah não. — Ele acordou. — Eu me encolho com seu choro e me sento ao mesmo tempo que Lo.

Lo me dá uma olhada. — Eu pensei que esse era o ponto. — Ele pega Maximoff em seus braços e dá umas palmadinhas de leve no seu bumbum enquanto ele o balança. Nosso filho se cala em segundos, seus olhos cinzentos se fechando em um sono, seus pequenos lábios entreabertos enquanto ele respira. Lo balança as sobrancelhas para mim. — Ele me ama.

Eu não posso deixar de sorrir, e beijo Lo rapidamente nos lábios. Eu quero dizer: *você é fácil de amar, Loren Hale.* Mas, infelizmente, isso não é verdade para a maioria das pessoas que ele conhece. Eu me apaixonei por Lo como uma menininha abrindo seu coração para a magia. Sempre pareceu surreal até o momento em que se tornou verdade.

Lo verifica o relógio na criado-mudo. — Nós provavelmente deveríamos alimentá-lo. — Ele sai da cama e olha para mim. — *Lil*.

— O que? — Eu tento conter meu sorriso, mordendo o interior da minha bochecha. Não funciona muito bem.

— Você não pode me olhar assim toda vez que eu o abraçar. Isso está me enlouquecendo, e não posso fazer nada sobre isso por seis semanas. — Ele diz que eu tenho esse ‘brilho adorável e alegre’ que o faz querer subir em cima de mim. Mas eu não tenho desejos sexuais, talvez pela primeira vez.

Estou dolorida lá embaixo e o pensamento de algo duro parece doloroso demais para ser considerado. E felizmente meus hormônios estão sob controle.

Eu pulo da cama. — Eu não posso ajudar. É a coisa mais linda que já presenciei.

— Como o Magneto salvando os mutantes sem destruir a humanidade, eu sei. Você me disse.

Eu aponto um dedo para ele. — Essa é uma maldita metáfora muito boa e eu criei tudo sozinha.

Lo protege as orelhas do nosso bebê de brincadeira. — Sem xingamentos, Lily Martha Calloway.

Eu enrugo meu nariz. — Eu não gosto do meu nome completo.

— Não se preocupe, — ele diz com aquele olhar provocante, — eu vou fazer de você uma Hale em breve.

Eu quero me deleitar com esse fato, mas meu sorriso desaparece com isso.

Eu o lembrei tantas vezes que tudo bem se isso não acontecer. Ele tem muito em seu prato e orquestrar um casamento é demais. Eu não gostaria de causar mais estresse a ele. Além disso, temo que nossos pais tomem o controle e o transformem no dia deles novamente. É melhor simplesmente deixar os casamentos de lado. Contempletar isso em cinco anos, quando as coisas se resolverem e Maximoff estiver mais velho.

Nenhum de nós jamais sugere casar em segredo. A ideia parece mais um engano ou mais uma mentira que inventamos.

— Vai acontecer, — diz Lo, seu olhar se estreitando lentamente. Ele ainda balança nosso filho em seus braços.

— Eu sei, eu sei. — Eu tento mudar o assunto. — Que cor você acha que os olhos dele vão ser? — Os médicos disseram que a cor dos olhos de um bebê muda no primeiro ano, então não temos cem por cento de certeza sobre o tom.

Enquanto ele responde, eu conduzo Lo para a porta e posso sentir seu corpo ficar tenso atrás de mim. Mas ele me segue para o corredor mesmo assim.

— Os mesmos verdes dos seus, — diz ele. Eu me viro e dou uma olhada no nosso filho. Suas pálpebras se abrem enquanto ele estica os braços e ele dá uma *risadinha* quando olha para as minhas sobrancelhas. Ai meu Deus. Ele tem as bochechas com as covinhas mais fofas e nariz pequeno. Com dois quilos e oitocentas gramas, ele nasceu um pouco pequeno, mas tão adorável, de parar o coração. Parece brega, mas é meu bebê. Eu sinto que o fator brega aumenta quando você reproduz.

— Você se derrete toda vez que olha para ele vê, — diz Lo. — Aqui, pra você babar um pouco mais.

Eu fico boquiaberta quando ele me entrega Maximoff. — Isso foi tão malvado, Loren.

— Eu estou apenas afirmando a verdade, Lily Martha.

Eu estreito os olhos para ele, na esperança de penetrar nele com o meu olhar. Em vez disso, ele ri, seu sorriso tomando conta do seu rosto. Desisto.

— Eu acho que ele vai ter olhos verdes também, — eu cedo.

Ryke já declarou que eles provavelmente serão âmbar como os do Lo. Mas isso foi antes mesmo do Maximoff nascer.

Com o bebê agora sob meus cuidados, descemos a escada juntos. Assim que entramos na cozinha de aço inoxidável, ouço ruídos. Eu me esforço para ouvir mais.

Soa como... discussão abafada. Mas não tenho certeza. Morando com Ryke e Daisy, eu já escutei seus ruídos sexuais distantes e às vezes eles soam como uma briga total. Corpos batendo contra as coisas. Gritos sufocados (de êxtase). Coisas dessa natureza.

Eu passo meu olhar pela cozinha estéril, esperando encontrar um casal, talvez até mesmo se esfregando no balcão. *Não* que eu queira pegar alguém no ato. Pornô. Seria como pornografia de verdade na minha cara.

Além disso, estou segurando um bebê. Alguém que eu sou vitalmente

protetora. Maximoff não está autorizado a assistir pornô, *nunca.* Nem mesmo quando ele for adolescente. Ou estiver na faculdade. Não. Não. Não, estou colocando meu pé para baixo nessa.

Os ruídos de repente param.

— Lo, — eu digo enquanto ele examina o local, nada além de brilhantes bancadas de granito limpo, bancos de couro e luzes fracas. — Acho que temos fantasmas nessa casa.

Suas sobrancelhas se levantam. — Fantasmas que fodem?

Eu ajusto meu bebê em um braço e, em seguida, dou um soco no braço de Lo. É justo. Palavrões com F foram banidos na presença de orelhas de bebê.

Ele revira os olhos. E um barulho sai da despensa, como uma lata caindo no chão. Eu pulo, felizmente segurando Maximoff mais apertado e *não* deixando ele cair. *Querido Deus, não me deixe derrubar o meu bebê.* Eu não posso ficar tão assustada assim, nunca.

Lo estica o braço, mantendo eu e meu bebê longe da despensa. — É

provavelmente apenas ratos.

Meus olhos ficam grandes. — Grandes ratos mutantes.

E então a porta da despensa se abrir lentamente como algo de um filme de terror. Quando vejo um Ryke sem camisa, meus nervos despencam para nada.

— Ou é só o meu irmão mais velho com tesão, — diz Lo com um sorriso amargo.

— Nós não estávamos transando, — é a primeira coisa que Ryke diz. Seu short de ginástica estão um pouco torto, e ele o levanta mais alto em sua cintura, seus cabelos tão desgrenhados que eu posso dizer que uma menina passou os dedos por ele. Seus lábios estão rosados e crus como se ele estivesse em uma sessão séria de amassos.

Eu dou um enorme sorriso. Essa imagem não me excita de nenhuma maneira ou forma. Eu amo meus hormônios novamente.

— Eu sinto muito, — Lo diz secamente enquanto ele vai aquecer a mamadeira. — Nós interrompemos vocês?

Eu prendo Maximoff em sua cadeirinha de balanço azul-marinho. Eu escolhi o que me deixa mais confortável em termos de amamentação, ouvindo o conselho de Rose. É escolha minha. E mais, dá a Lo a chance de alimentar e se relacionar com seu filho também.

— Não, — Ryke rosna de volta, seus olhos focados em mim, sombrios e acusatórios. Ah, caramba. — Porque *alguém* fez um pacto para não fazer sexo por *seis fodidas semanas.*

Lo parece cansado demais para sequer pensar em socá-lo. Eu também. Eu estou começando a me perguntar se todo mundo é uma causa perdida quando o assunto é xingar.

— Vocês estavam brigando? — De repente eu fico com medo, preocupação surgindo na minha cabeça. Eu *não* quero ser a causa do término de Raisy. Nãonãonãonão. Raisy até o final. O final sendo a morte.

— Nós não estávamos brigando. — Isso vem de Daisy, que finalmente desliza para fora da despensa atrás de Ryke, seu pescoço pontilhado vermelho como se ele a tivesse beijado por um longo, longo tempo.

Até mesmo *esse* pensamento não me deixa excitada. Ha! Tome isso. Eu não tenho certeza de quem estou mandando 'tomar isso' também, mas nesse momento, eu me sinto invencível.

Daisy ajeita a alça do sutiã e pula no banco do balcão, girando para me encarar no meio da cozinha. Ela usa um sorriso torto e travesso. Então eles *estavam* fazendo sexo?

— Estou oficialmente confusa, — eu anuncio.

— Nada abaixo do sutiã ou da calcinha, obrigado por isso, — Ryke diz

impassível. Sem sexo. Definitivamente sem sexo.

— Não é culpa dela, pela décima quinta vez, — diz Daisy para ele. — Eu quero fazer o pacto. Então pare de incomodar a Lily.

— Sim, pare de me incomodar, — acrescento e *quase* mostro minha língua. Eu me contenho. Eu sou uma mãe agora. Eu tenho que mostrar um nível de maturidade. Eu cruzo meus tornozelos, meus pés quentes em pantufas de dinossauro. Elas não perderam seu fator legal desde que eu tinha dezessete anos.

Lo concordaria.

— Me deixe reclamar dessa porra em paz,— Ryke rosna, passando a mão pelo cabelo despenteado.

Lo se senta no chão ao lado da cadeirinha, com a mamadeira na mão enquanto alimenta Maximoff.

Daisy dá a Ryke um sorriso maroto, algo que Lo não pode ver no chão entre os balcões. — Você sabe, você ainda pode se masturbar. — Estou um pouco apavorada com a ideia de que ‘masturbar’ pode ser a primeira palavra do meu filho.

— Sim, Ryke, — Lo implica. — Você ainda pode se masturbar como o resto de nós. — Obviamente Lo não compartilha da mesma preocupação.

Talvez seja porque eu sou viciada em sexo. Certo? *Certo?*

Eu deixo isso pra lá com uma respiração. Estou surpresa que Lo esteja alimentando essa conversa. Um ano atrás ele teria engasgado com a menção de Daisy falando sobre sexo ou seu irmão ou qualquer combinação dos dois.

Como as coisas mudam.

Ryke se aproxima de nós e se inclina no balcão ao lado da Daisy. — Não se ela ceder primeiro.

Isso é um jogo sujo. Então ele estava tentando beijar minha irmãzinha e fazê-

la implorar por sexo. É baixo. Desonesto também. Definitivamente um plano sólido em meu livro - O livro de Lily Calloway de momentos sexys.

Está apenas na minha cabeça, mas é muito engenhoso.

Daisy se esforça para não sorrir. — Eu não gozo facilmente. — Ooh, isso foi super sujo também.

— Calloway, você só goza *comigo*. Eu acho que sei como te excitar.

— Com cupcakes de chocolate, — diz ela com um sorriso torto. Isso é uma insinuação sexual?

— Claro, amor. Fodidos cupcakes de chocolate e uns vinte e dois centímetros...

Eu tampo meus ouvidos com meus dedos. Eu não ouvi o tamanho dele!

Comida. Ele ainda estava falando sobre comida. Eu só deixo cair minhas mãos quando seus lábios param de se mover.

— Vocês dois são tão adoráveis, — diz Lo secamente. — Por favor, voltem para a despensa.

Ryke mostra a Lo o dedo do meio, e eu estou perto o suficiente para dar um soco no braço dele. Ele nem sequer balança com a força.

— O que foi isso? — Ele reclama. — Eu nem falei a palavra com f.

— Você fez com o dedo, — refuto, apontando acusadoramente para seu peito. *Todo mundo* viu, não só eu. — Você não pode ensinar isso ao meu filho de uma semana.

— Ele não pode nem aprender o ABC ainda, Lily. Ele não sabe o que isso significa. — Ele vai e faz o gesto rude com *ambas* as mãos agora. Ele é uma influência horrível.

— Você só quer ser o tio legal, admite, — eu combato.

— Você está apenas com medo de que o Moffy vai gostar mais de mim do que do Connor, admita *isso*.

Eu cruzo meus braços sobre o meu peito. — Não vai. — Embora eu não possa negar que ele deu a Maximoff um apelido legal, um que eu gostaria de ter pensado primeiro.

— Oh-oh. — Daisy fica rígida, o celular na mão. Ela lentamente salta do banquinho e fica ao lado do namorado. Em vez de me mostrar a tela primeiro, ela mostra para ele.

Ele pega o celular dela, e eu vejo seu queixo endurecer como pedra.

{ 36 }

LILY CALLOWAY

— O que é? — Meu coração palpita. Más notícias? A mídia? Não pode ser um boato de menage envolvendo Ryke. Eu fiz um teste de paternidade há uma semana, como conselho do nosso publicitário, depois de muita insistência. E os resultados já foram anunciados: Loren Hale é o pai do Maximoff.

Ryke olha hesitante para seu irmão antes de dizer: — *Celebrity Crush* postou uma foto minha e da Daisy e eu saindo da mercearia.

Meus ombros relaxam. *Não é sobre mim.* Um pensamento muito egoísta, percebo. — Isso é bom, certo? — Quanto mais eles são mostrados juntos, em público, significa que as pessoas os aceitarão como um casal de verdade.

Lo se levanta com Maximoff em seus braços. Nós temos esse gráfico para alimentação e trocas de fralda. Tudo muito organizado. Tudo muito Rose Calloway. Ela me ajudou a mapear as atividades diárias e quanto os bebês deveriam estar bebendo. Basicamente, nivelando toda a minha ansiedade em uma lista. Agora eu meio que entendo sua obsessão por elas. Foi como terapia. Lista-terapia. É uma coisa.

— O que há de errado com a foto? — Pergunta Lo com ceticismo.

Daisy balança em seus pés e puxa a bainha de sua camiseta branca. —

Nós... vocês sabem como vocês nos colocaram no comando para fazer as compras para a casa essa semana?

Isso não é sobre mim... É?

— Diz logo, — diz Lo. Maximoff solta a mamadeira e começa a chorar. O

corpo do Lo fica ainda mais tenso. — Me desculpe, rapazinho. — Ele o balança um pouco, e então ele se cala, voltando para sua mamadeira.

— Aqui. — Ryke segura o celular para Lo. Eu olho por cima do seu ombro

para ler. A manchete: *Ryke Meadows e Daisy Calloway fazendo compras para o bebê Cobalt e o bebê Hale!* Há uma imagem ampliada adicional do carrinho de compras, alguns dos rótulos visíveis nos sacos plásticos brancos.

Fraldas. Cereal. Lightning Bolt!. E fórmulas infantis.

Eu não entendo. Não é tão ruim.

Eu olho para baixo e leio o artigo de Wendy Collins.

Fontes internas, próximas da família Calloway, nos dizem que não uma, mas ambas *as irmãs Calloway optaram pela fórmula para alimentar seus bebês. As fontes dizem: — Lily e Rose preferem que as assistentes e a avó cuidem dos bebês. Elas não querem a responsabilidade. É uma grande razão pela qual elas escolheram a fórmula. Rose e Lily não estão preparadas para a maternidade e elas sabem disso.*

Eu paro de ler aí. A gente não tem babás. É muito difícil confiar em alguém com algo tão precioso quando já fomos enganados antes. Todos sabemos que é mais seguro educar nossos filhos sem babás.

— Isso é puro lixo, — declara Lo. — Quem é essa tal *fonte interna*?

Samantha Calloway?

Daisy e eu trocamos um olhar, tentando avaliar se nossa mãe poderia fazer isso. Não… minha mãe não é tão egoísta. — O que ela ganharia disso? —

Daisy pergunta.

— Aqui… — Lo aponta para o celular. — *Especialmente da avó.* Quem você acha que é? A mãe do Connor está morta. E minha mãe está a quinhentos quilômetros de distância, sem se importar *comigo* ou com *qualquer uma* dessas merdas. — Seu tom áspero é como ácido, queimando meus ouvidos.

Faz tanto tempo desde que ele mencionou a mãe dele. Anos, provavelmente. Emily Moore poderia muito bem ser uma invenção, um fantasma. Eu nem sequer a conheci, mas quando penso nela, meu estômago começa a revirar. Não é uma sensação agradável, e imagino que, para Lo, as sensações são um

milhão de vezes mais angustiantes.

Mas talvez ele tenha enterrado isso tão fundo que ele não sente mais nada.

Desligou e disse adeus. Eu sei que quando ele a encontrou, ele fechou a porta naquela parte de sua vida para sempre.

— Se sabemos de algo, — diz Ryke, entregando o celular de volta para Daisy, — é que Connor provavelmente tem um milhão de advogados em cima disso. Eles basicamente chamaram a esposa dele de uma mãe ruim.

— Sim, mas eles sempre *me* chamam de mãe ruim, — eu digo. — Então, na única vez que eles descaradamente chamam a Rose de uma mãe ruim, todo mundo vai fazer uma birra? — Meu coração se afunda.

Ryke estende os braços. — Eu não disse que estava certo. Eu só estou dizendo para se preparar para essa espada de duas pontas, Calloway. Dói pra caralho. — Ele balança para trás como se alguém fosse dar um soco no braço

dele, mas eu não me importo mais com palavrões. Parece sem importância.

Eu aprecio o aviso do Ryke, de verdade. É bom ter essas conversas sem me sentir estranha ao redor dele, mas são dias como esses em que eu gostaria que nenhum de nós estivesse no centro das atenções. É onde eu me pergunto como será a vida do Maximoff, famoso desde o nascimento.

Todos nós vivemos nossa adolescência fora dos olhos do público. Eles vão ser criados diretamente nisso.

LILY CALLOWAY

A versão de acampar da Rose é diferente de qualquer outra que eu já vi. Ela contratou um uma pessoa para colocar uma cabana *teepee* no quintal, com um tapete felpudo estendido sobre a grama, completo com travesseiros macios e uma pequena mesa para sanduíches e macarrão com queijo - comida de um restaurante cinco estrelas. Luminárias estão no chão e Rose pulverizou algo no ar que pode ser mágico. Nenhum mosquito ou inseto se aventurou em nosso território.

É o cenário perfeito para o acampamento para nós garotas, e eu já adoro isso. Ser mimada ao ar livre é muito melhor do que ficar espantando as moscas. No entanto, Ryke chamou de ‘acampamento falso’ e ‘exagerado’, mas ele calou a boca ao ver o rosto da Daisy. Ela sorriu como se Rose tivesse recriado uma cena de *Hook* para ela.

Coisa boa também, já que tudo isso é para a Daisy hoje à noite.

Ela quer tentar dormir longe do Ryke, combater sua insônia aqui, conosco.

Eu estou apenas duas semanas após a gravidez, então eu tento relaxar e me deitar nos travesseiros macios. Rose e eu estamos com nossas babás eletrônicas ao nosso lado e todos os caras estão dentro de casa com Jane e Moffy. Eu posso ficar uma noite sem pairar.

Eu acho.

Eu coloco minha bandana que tem duas penas roxas dos lados. Eu me sinto como a Princesa Tigrinha. Tudo que eu preciso é de um tambor e de uma dança tribal legal. As bandanas foram contribuições da Daisy para a noite das meninas. Eu percebo que eu só trouxe eu mesma. O que não é bem uma contribuição, mas tudo bem.

Eu dou uma mordida do macarrão com queijo e depois tomo um gole de Fizz Life. — Então você não vai fazer nada? — Pergunto a Rose, tentando digerir essa informação. Eu ainda estou presa no fato de que ela se rendeu aos jornalistas sobre os comentários das fórmulas infantis.

Eu deveria estar grata que não há espada de duas pontas como o Ryke mencionou, mas eu simplesmente não entendo. Minha irmã geralmente fica

na ofensiva.

— O que eu devo fazer? — Rose me pergunta. Sua pena vermelha na bandana em sua cabeça faz com que ela pareça ainda mais feroz. — Chutar e gritar e chorar? — Ela revira os olhos. — Eu tenho que escolher minhas batalhas e, honestamente, isso é trivial. Se eles querem acreditar que eu tenho um bando de assistentes criando minha filha, então que assim seja.

Minhas sobrancelhas franzem. — Isso é igual os vídeos de sexo, então? —

Eu sei que ela escolheu deixar o processo de lado para usar a publicidade a seu favor, mas com mais e mais vídeos sendo postados, não parece valer a pena.

Ela me lança um olhar fulminante e eu recuo. Uau. Eu sinto o queimar do gelo, e não é tão agradável.

— Eu não quero falar sobre os vídeos de sexo, — diz ela, uma sugestão de dor por trás de suas palavras.

Ah. Eu não percebi o quanto eles estavam afetando ela. Ela coloca uma boa frente.

— Vamos falar sobre outra coisa, então, — sugere Daisy, cruzando as pernas. Ela trança um travesseiro de franja, sua tigela de macarrão com queijo já vazia. — Eu li em uma revista ontem que disse que você parecia magra.

— Essa é a magia dos vestidos de peplum preto, — diz Rose em uma voz melancólica. — Eu ainda preciso perder cerca de seis quilos antes de voltar ao meu tamanho original, mas tenho certeza que meus pneuzinhos estão aqui para ficar. — Ela olha para a casa atrás de Daisy. — Connor está obcecado com eles.

Eu sorrio instantaneamente. Irrita a Rose que Connor adore seus quadris curvos e sua bunda. Mas secretamente ela o ama por isso. Sim. Depois de

anos, estou começando a entender melhor essas brigas-flertes.

Eu puxo meu macacão vermelho da Marvel que está confortável em volta do meu abdômen. Eu estou apenas nove quilos mais pesada agora, se isso. E

minha barriga ainda está um pouco grande, mas eu acho que quando voltar a fazer sexo novamente, vou queimar algumas calorias. — Você está malhando? — Eu pergunto a Rose. Meus olhos se arregalam com a ideia de Rose correndo quilômetros pela rua.

— Só com vídeos na *privacidade* do meu quarto. — Significando que ela não permite que ninguém a observe. Mensagem recebida. — E eu estou fazendo isso por mim, não por Connor. — Ela come um pouco de pipoca de uma tigela entre nós. — Quantos quilos você ganhou? — Sua pergunta é

direcionada a Daisy.

— Desde quando? — Ela pergunta.

— Desde o seu menor peso, — Rose pergunta, curiosidade em seus olhos.

Desde que Daisy parou de modelar, ela não está tão hesitante em comer os alimentos que gosta.

— Sete quilos, — diz Daisy, colocando uma mecha do cabelo loiro platinado atrás orelha.

— Você está linda, — Rose diz a ela com a melhor voz que ela tem.

Eu aceno de acordo. Ela está mais saudável do que eu já a vi há muito tempo.

— Obrigada, — Daisy sorri. — Eu definitivamente não me sinto tão magra. Ryke diz que eu tenho mais músculo nas minhas pernas novamente.

Ryke é uma boa pessoa. De muitas maneiras, ele trouxe Daisy de volta de um lugar muito sombria. Eu gostaria que pudéssemos estar lá para ela, mas Rose e eu estávamos lidando com nossas gestações. E meu vício. Eu não fazia ideia…

— Não chore, — Daisy diz docemente, se aproximando e envolvendo o braço em volta do meu ombro.

— Eu só estou feliz, — sussurro para ela, esfregando os olhos com as costas da minha mão.

O celular de Rose de repente faz um barulho e brilha em um tom de azul brilhante, não um som de mensagens de texto.

— O que é isso? — Eu pergunto.

— Tenho alertas para sempre que aparecer uma notícia sobre a Jane.

Eu fico boquiaberta. Isso muda *tudo.* — Eu não posso ser responsabilizada por verificar a mídia agora. — Se Rose está fazendo isso, tem que ser razoável. Lo pode discordar dessa lógica, mas parece bom para mim.

Rose ignora minha declaração, seus olhos percorrem a notícia e eu os vejo se estreitarem lentamente.

Ah não. — O quê? — Eu pergunto, medo invadindo minha voz.

— Aqueles merdinhas postaram as fotos. — Ela balança a cabeça em descrença e passa o celular para Daisy. Eu acho que já sei onde isso está indo.

Ontem, Rose e eu levamos nossos bebês em uma caminhada pela rua no condomínio. Como é fechado, achamos que era seguro usar carrinhos sem cobertores cobrindo o topo. Cerca de cinco minutos depois, os adolescentes brincalhões saltaram do Range Rover que passava, tirando fotos de Jane e Maximoff.

Uma parte de mim pensou que *talvez* eles estivessem apenas brincando e não as vendesse para a imprensa. Não aconteceu. Eu espio por cima do ombro de Daisy. Estou olhando diretamente para uma foto de Jane e Moffy em seus carrinhos, pequenos bebês que estavam bem acordados e começaram a chorar após a repentina comoção.

Claro, as fotos estão um pouco borradas, mas obviamente isso não importa para a mídia.

A legenda: *Primeiras fotos dos bebês Jane Cobalt e Maximoff Hale! Tão adoráveis!*

Eu sorrio. — Olha, chamaram eles de adoráveis.

Rose estreita os olhos para mim novamente. Zero a dois hoje. — Eles são bebês. Ninguém vai chamar um bebê de um gremlin feio.

— Você chamaria, — refuto. E então eu paro. — Espere... você está chamando nossos bebês de gremlins feios?

— Claro que não, — diz ela rapidamente, suas bochechas ficando coradas.

— Eles são gremlins adoráveis. — Ela está machucando minha cabeça. —

Meu ponto é… — Obrigada, eu preciso do ponto. — Que esses idiotas estão lucrando com nossos filhos. Está errado.

Daisy teatralmente salta para os pés e levanta o punho no ar. — Então vamos retaliar. — Suas penas amarelas apontam para a lua crescente.

Rose e eu olhamos para ela. — O que? — Dizemos juntas. Eu viro minha cabeça para minha irmã mais velha, surpresa por ela estar do meu lado.

Pergunto a Rose: — Você não ia terminar seu discurso com retaliação?

— Não, eu ia sugerir xingá-los pela próxima hora e queimar as revistas. —

Claro que há fogo envolvido. Ela volta sua atenção para Daisy. — O que você estava dizendo?

Daisy é o Peter Pan do nosso grupo, percebo. Ela tem as mãos plantadas nos quadris como se ela fosse uma criatura inteligente e jovem, nada bom. —

Você se lembra de quando eles atiraram na casa com armas de paintball?

Parece que faz tempo, mas também parece que foi ontem. Eles aterrorizaram Daisy, uma espectadora inocente com TEPT e insônia e um monte de outros

problemas. Estar aqui nessa casa, todos juntos, nos unificou e esperamos que tenha a ajudado um pouco.

— Vocês todas disseram que eu poderia escolher não fazer nada ou retaliar, — ela nos lembra. Eu pensei que ela estava com medo de falar, então ela simplesmente deixou pra lá. — Bem, estou fazendo a minha escolha agora.

Rose está completamente sorridente.

Eu também.

— Eu escolho fazer alguma coisa. Vamos nos vingar desses filhos da puta.

— Ela está com um sorriso astuto. — E eu tenho a coisa perfeita em mente.

*

A escuridão é nossa amiga.

Repito o mantra repetidas vezes enquanto andamos na ponta dos pés pelo quintal bem cuidado. Rose e eu vimos os adolescentes correndo para essa mansão de pedra depois que eles tiraram fotos dos bebês. Então, podemos pelo menos infligir dano a um deles.

— Aqui, — sussurra Daisy, me entregando um rolo de papel higiênico. Se esgueirar para dentro da casa para invadir nossa despensa para pegar rolos extras foi fácil. Todos os caras estavam no porão, então nossa missão secreta já está indo como planejado. Nós até esperamos dar meia-noite, esperando que todos na casa estivessem na cama.

Eu aceito cautelosamente o papel higiênico enquanto nos agachamos atrás de um arbusto. Estamos todas de pijama: Daisy em shorts verdes e um top cinza, Rose em um pijama de cetim preto. Eu no meu macacão (capuz na minha cabeça para extra furtividade). E nos agachamos atrás de um arbusto espinhoso.

— As luzes estão apagadas, — eu sussurro. Perfeito. Eu já joguei papel higiênico em muitas casas com Lo. Nas noites entediantes, costumávamos pegar alguns rolos e dirigir até a casa de um atleta. Era inofensivamente

divertido.

— Prosseguir com a missão, — diz Daisy com um sinal de *ok*.

Estou prestes a correr de trás do arbusto, mas lembro que dei luz há duas semanas e eu não posso me mover rapidamente. Vindo para cá, eu fui uma tartaruga, passo a passo devagar.

Daisy vai até o maior carvalho, um sorriso selvagem no rosto. Eu cuidadosamente corro para uma árvore de magnólia meio crescida com Rose.

Como andar de bicicleta, eu posiciono o papel da maneira correta antes de jogá-lo para cima e sobre um galho de árvore. Uma vertiginosa e rebelde energia explode na minha barriga. Assim como nos velhos tempos. Exceto que agora minhas companheiras são minhas irmãs. Uma delas está tentando e fracassando em jogar o rolo em um galho de árvore.

Rose me dá um olhar quando ela me pega a encarando. Seus olhos voam entre as janelas escuras da casa e meu arco de papel higiênico perfeitamente arqueado. Eu já cobri o lado esquerdo no momento em que ela bufa em derrota.

— Como você faz isso? — Ela finalmente pergunta.

— Observe a profissional, — eu respondo, juntando meu papel e completando o mesmo arco.

Espero que Rose se atrapalhe novamente, mas ela executa o ângulo com perfeição. Minhas habilidades de ensino estão no ponto. Quando me viro para olhar para Daisy, ela já terminou o carvalho e corre com o papel higiênico, cobrindo todos os arbustos da frente como se estivesse decorando-os com serpentinas.

Agora sei qual irmã já fez isso antes. Embora não esteja surpresa. Estamos tirando a virgindade de jogar papel higiênico da Rose. Atos de rebelião juvenil e Rose Calloway não se misturam com frequência.

Rose se separa de mim, agora apta a tomar uma nova seção do quintal. Em

poucos minutos, cobrimos com sucesso as árvores e arbustos com papel higiênico. Ainda temos cerca de três rolos sobrando, e Rose está trabalhando nas grades da varanda da frente, murmurando palavrões baixinho.

E então uma luz em um quarto pisca. Ah, merda. Eu ando apressadamente até a Daisy que espalha papel higiênico na grama. — Daisy, — eu sussurro.

Ela deve ouvir o pânico na minha voz porque ela olha diretamente para a casa em vez de olhar para mim. — Oh-oh, — diz ela, soltando seu rolo imediatamente. Ela corre para o meu lado e uma segunda luz no corredor acende. Merda. Merda. Merda. — Para o mato, para o mato. — Em outra vida, minha irmãzinha seria uma grande criminosa.

Eu aponto para a nossa irmã persistente, inconsciente, que está em um discurso puto, colocando sua raiva para fora nos degraus da varanda da frente. — Rose...

— Eu vou buscá-la, — Daisy sussurra. — Vai, vai, vai.

Com esse encorajamento, vou em direção ao arbusto espinhoso perto da árvore de magnólia. Rose ainda está cega de fúria, sem sequer notar as luzes.

Daisy aperta o braço de Rose. — Vamos.

— Mais um, — insiste Rose. — Eu preciso disso.

Daisy vira para mim e gesticula, *Vai!*

Eu percebo que estou congelada no meio do gramado. Eu descongelo ao mesmo tempo que os holofotes iluminam o jardim da frente. Ai, merda.

Isso acorda Rose de seu transe e ela finalmente se desgruda da varanda, pulando os degraus para ir até a grama. Eu ando mais rápido até o mato, a adrenalina mantendo todos os sofrimento e dores em um rugido surdo.

Quando me agacho e me escondo, Rose e Daisy estão espremidas ao meu lado. Todas nós ficamos completamente em silêncio, o único ruído vem da minha respiração pesada. Rose me lança um olhar para calar a boca. Eu não consigo parar de respirar! O que ela quer de mim? Eu já estou em uma

posição desconfortável, sem poder me mexer e diminuir a tensão em meus quadris.

A porta da frente se abre. — Eu sei que você está por aí! — Grita uma mulher. — Se você não se mostrar, eu vou chamar a polícia para ir atrás de você. — Isso não parece divertido.

Daisy está se esforçando para não rir. É claro que ela gostaria da ideia desse cenário. Ela pode correr, fugir e subir em árvores.

Eu posso andar com as pernas juntas rapidamente. Eu sou tão rápida quanto um pinguim. É a triste, triste verdade.

— Onde você está se escondendo?! Atrás do mato? Saia agora mesmo!

Não. Ela tem que estar blefando. Certo?

Nós três compartilhamos um olhar, indecisas sobre nossa próxima rota de ação. Se nos revelarmos, ela poderia chamar os policiais de qualquer maneira.

Uma vez que ela descobrir que as herdeiras famosas daquele reality show jogaram papel higiênico em seu quintal, ela vai se vingar. Todos eles se vingam.

Existe apenas uma solução.

Eu pego meu celular.

LOREN HALE

Na academia no porão, me sento na beira do banco de pesos, nem mesmo indo para outra série. Eu dou uma olhada para a babá eletrônica, paranoico que meu filho precise de mim e eu estou dois andares abaixo.

— Ele está bem, — diz Connor, tirando as luvas.

— Você desenvolveu poderes mágicos nos últimos cinco minutos, amor?

— Eu pergunto, sabendo que isso vai irritá-lo.

Ele nem pisca. — Processo de dedução, — ele me diz. — Se você não pode ouvi-lo chorando, isso significa que ele ainda está dormindo. Não há mágica envolvida nisso.

Ryke desce da barra de flexão e pega sua garrafa de água. — Se mova, —

ele me diz. — Eu preciso do banco.

Eu verifico meu relógio. — Você não está pegando um pouco pesado, mano? Já passou da meia-noite. — Ele já levantou peso trinta minutos atrás, e ele geralmente prefere um treino básico na academia, já que seus braços são empurrados ao máximo quando ele escala.

— Só se mova. — Seus músculos da mandíbula travam.

E então percebo, e eu começo a sorrir. — É nisso que você está colocando sua frustração sexual?

Ele passa a mão pelo cabelo úmido. — Eu não sei porque você está sorrindo para mim. Você não vai transar por mais quatro semanas também.

— O que posso dizer, gosto quando as pessoas compartilham da minha miséria.

Ele joga uma toalha suja no meu rosto. Eu a pego no ar, enquanto Connor

muda o canal da TV.

— E você? — Eu pergunto a Connor. — Você está com raiva Rose que está fazendo esse pacto?

— Com raiva, não, — diz Connor. — Ela diz que é um jeito de ser solidária com a Lily, mas ela está fazendo isso para ganhar de mim. — Ele passa os dedos pelos cabelos, arrumando os fios ondulados. — Ela esquece que posso esperar sem problemas, mesmo que eu não goste. Se essa vitória a

fizer se sentir melhor, então eu darei a ela.

Ele tem sorte de Rose não estar aqui. Ela o mataria pela última frase. Eu não acho que ela goste de receber uma 'vitória'. Eu balanço minha cabeça para ele enquanto troco o banco de peso com Ryke. — Rose iria arrancar seus olhos por isso.

Ele sorri. — Eu sei. — Ele deixa as luvas de lado. — Eu vou compensar o tempo perdido em uma noite. Ela não vai gostar de mim no final dela.

Ryke resmunga: — Eu não quero nem saber o que essa porra significa.

Eu aponto para Connor. — Perverso. Hardcore.

Connor se inclina contra a esteira com um sorriso maior. — Você esqueceu gênio infalível.

Abro a boca para brincar com sua arrogância, como costumo fazer, mas meu celular toca no chão. Eu rapidamente o pego, já vendo o identificador de chamadas: LILY.

Ryke se levanta e Connor está ao meu lado em segundos. Meu irmão não vai admitir em voz alta, mas metade do motivo que ele está malhando até a exaustão é porque Daisy está dormindo do lado de fora. Sem ele. A primeira vez em muito tempo. Ele está preocupado com ela.

Eu coloco o celular no meu ouvido.

— Lo, — Lily sussurra tão suavemente que mal posso ouvir. — Lo, você está

aí? — Sua voz em alarme.

Meus músculos se contraem. — Por que você está sussurrando? — Talvez haja um lince lá fora ou algum tipo de animal. Eu coço a nuca e respiro fundo, me forçando a não tirar conclusões precipitadas.

— Estamos em uma missão… — ela fala devagas. — Nós precisamos de reforço. RÁPIDO. Câmbio. Desligo.

Que. Porra. É. Essa.

Eu ouço a voz dA Rose. — Sem *desligo*, — ela sussurra. — Você nem sequer deu a ele a nossa localização.

— Lo, você ainda está aí?

— Sim...

Ryke tenta pegar o telefone, para colocá-lo no viva voz. Eu o empurro para trás e pressiono o botão, bem a tempo da resposta da Lily.

— Precisamos de uma carona para fuga. Estamos na casa do vizinho. A grande de pedra. Você não pode não ver ela. Há... hum...

— Papel higiênico, — Daisy termina em um sussurro.

— OK. Tchau, — Lily diz e desliga.

Ryke coloca as mãos na cabeça. — Você tem que estar brincando comigo, porra. Todas elas?

Eu passo pelo meu irmão para pegar a babá eletrônica. — Ela estava sussurrando. Elas devem estar escondidas atrás de uma árvore ou de um arbusto. — Entrego a babá eletrônica a Ryke. — Você fica aqui.

— De jeito nenhum, *porra*, — ele xinga, seus músculos tão tensos quanto os meus. — Se elas forem pegas...

— Elas não vão ser pegas, — diz Connor, calmamente, tentando aliviar a

tensão na sala. Mas se essas pessoas prestarem queixas, as garotas podem ser indiciadas por vandalismo.

— *Você* fica aqui então, porra, — Ryke retruca.

— Eu não vou ficar, — diz Connor com firmeza. — Rose será a primeira a ser presa...

— Você *acabou* de dizer que eles não seriam pegas, porra.

Sim, Connor estava tentando convencer Ryke a ficar com nossos filhos.

Nenhum de nós quer esperar aqui.

— Nós vamos levar os bebês, — eu digo.

O rosto de Ryke escurece. — Não, eu vou encontrar vocês dois...

— Ei! — Eu grito para ele. Ele está *andando* de um lado para o outro. —

Ela está bem. Não é Paris.

Ryke está fisicamente tremendo.

— *Não* é Paris, — repito, meus olhos ardendo. Eu sinto o gosto daquela noite. A gritaria. A paranoia. A incerteza. O tumulto explode em minha mente. Nós apenas temos que esquecer isso. Não imaginar nada parecido acontecendo de novo. Eu coloco minha mão em seu ombro. — Venha me ajudar a colocar o Maximoff no assento do carro.

Rigidamente, ele acena com a cabeça, o nariz queimando enquanto ele tenta expulsar suas emoções.

Connor já está indo para o andar de cima. Demoramos cinco minutos para colocar Jane e Moffy no Escalade de Rose, e isso é no nosso ritmo mais rápido. Os bebês só se agitam quando passamos os cintos por eles, voltando a dormir quando Connor sai da garagem.

— Quando chegarmos nessa porra, elas ou já estarão pegas ou a caminho de

casa, — reclama Ryke do lado do passageiro.

— Você pode calar a boca? — Eu estalo. — Você vai acordar os bebês. —

Eu me sento ao lado do assento de carro do Moffy.

Ryke aperta os olhos. Eu entendo. A última vez que Daisy entrou em

contato com esses garotos, eles a assustaram muito.

Lily não consegue nem correr. Ela acabou de ter nosso filho, então eu estou preocupado que ela esteja com dor ou realmente ansiosa.

Eu nem as culpo por irem a casa deles hoje à noite. Eu tive que me convencer mais de uma vez a não fazer nada em retribuição. Estou sinceramente surpreso por elas terem explodido antes de Ryke, Connor ou eu.

Demora um minuto até identificarmos a casa. O papel higiênico cobre quase todos os ramos de árvores, até mesmo a caixa de correio e os arbustos escondidos sob as camadas. Se eu não estivesse preocupado, acho que ficaria orgulhoso.

— Porra.— A voz do Ryke me congela. Eu tenho que esticar meu pescoço para ver além do seu encosto de cabeça. As garotas não estão mais se escondendo.

No gramado do centro, iluminadas por holofotes, estão Rose, Daisy e Lily de pijamas, cada uma segurando suas bandanas de penas como se fossem máscaras de esqui ou algo assim. Uma mulher de meia-idade em um roupão branco aponta o dedo no rosto volátil de Rose, um vulcão prestes a entrar em erupção.

Eu só espero que ela não tenha chamado a polícia ainda.

Connor estaciona o carro, e ele salta rapidamente com Ryke. Eu abro minha porta, a empurrando para que eu possa ter uma visão clara e ouvir a briga. Mas eu fico com os bebês.

— Você é uma mulher *adulta*, — diz a mãe friamente. — Aja como uma.

— É papel higiênico. Nós não colocamos fogo em seu gramado — Rose combate. — E você é tão sortuda que eu não coloquei. Eu estava *tão* perto.

— Ela aperta os dedos juntos.

— Você está fazendo uma ameaça contra mim? — A mãe zomba. Seu marido desce os degraus da varanda com o celular no ouvido. Jesus Cristo.

— Eu falei no pretérito, — Rose diz. — Então, *não*, eu não estava te ameaçando.

— Nós realmente sentimos muito, — Daisy fala.

— Não, não sentimos, — retruca Rose. — Você sabe o que seu filho está fazendo conosco?

A mãe parece desinteressada nessa história. Isso me irrita e percebo que minhas mãos estão tremendo. *Droga.* Eu não quero beber. Mesmo que em algum lugar profundo, eu queira.

Ryke e Connor fazem a curta caminhada até o gramado. Eu me juntaria a

eles, mas os bebês - e a Lily, parecem bem. Ela balança ao lado de suas irmãs com olhos redondos, como um cervo em frente aos faróis. Eu posso dizer que ela gostaria de fugir dessa briga.

Eu sacudo minhas mãos e então as coloco na minha boca. — Lily! — Eu tento gritar em um sussurro.

Ela se vira e relaxa ao me ver.

— Vocês *duas* acabaram de ter bebês, — a mãe de repente rosna. *Não.* L

Lily congela e os olhos de Rose estão assassinos. Claro que essas pessoas sabem sobre nossos filhos. Está em toda parte.

— Não se atreva, — Rose começa.

— Vocês não deveriam estar aqui, vandalizando nossa propriedade, —

continua a mulher. — É irresponsável. Se vocês se importassem com seus recém-nascidos, ficariam em casa com eles.

Rose dá um passo à frente, fogo em seu olhar. — Quem é você para dizer isso para nós...

Connor envolve os braços em volta da cintura de Rose, a puxando para uma distância segura da mulher.

— Richard! — Rose grita, lágrimas picando em seus olhos.

— Está tudo bem, Rose, — diz Connor em uma voz suave.

Eu sacudo minha mão pela segunda vez e lambo meus lábios. — Lily Calloway! — Eu chamo.

Ela se vira de novo, como se eu tivesse a assustado. Dessa vez ela lentamente recua da briga, mirando em mim.

— Não está tudo bem, — Rose diz. — O filho dela tem nos assediado, mas ela quer fazer um boletim de ocorrência contra papel higiênico. — Ela fixa seu olhar vítreo e aquecido na mulher. — *Papel. Higiênico.*

O marido interrompe: — Se é isso que você quer dizer à polícia... — Ele ainda tem o celular no ouvido, evitando Connor, que tem uns dez ou quinze centímetros a mais do que ele.

Eu quero gritar alguma coisa. Minha garganta dói para intervir - mas a partir de experiências passadas, eu sei que só pioraria tudo. Eu fico colado ao meio-fio. Eu reconheço o que me mantém aqui, mais que tudo. Meus olhos piscam para o banco de trás escuro, onde Maximoff dorme, seus lábios entreabertos enquanto ele respira.

Eu sussurro: — Obrigado, carinha. — *Você está me salvando de mim mesmo hoje à noite.*

— Isso não vai acontecer de novo, — diz Connor, usando sua falsa voz de

controle de danos. — Desculpe por acordar vocês. Se vocês pudessem não

dar queixa, ficaríamos muito gratos.

Rose está fumegando. Mas isso é o que tem que acontecer. Elas *não* vão pra cadeia por isso. É burrice. Ryke está sussurrando para Daisy a poucos metros de distância da mulher. E Daisy de repente sai de seus braços e diz para eles: — Eu vou limpar tudo amanhã. Apenas deixe minhas irmãs fora disso.

— Isso é ridículo, — Rose diz a Daisy. — Eles deveriam limpar isso por ser...

Connor cobre a boca de Rose com a mão e sussurra algo em seu ouvido.

— Eles estão aqui? Eles estão bem? Lo… — Lily praticamente catapulta sobre mim para espiar dentro do carro. Eu a agarro firmemente pelos quadris.

— Eles estão bem, Lil. — Eu seguro o rosto dela entre as minhas duas mãos. E seus grandes olhos verdes redondos encontram os meus.

O medo aumenta sua voz. — Eu me preocupei com ele o tempo todo. Eu não esqueci...

— Você não precisa me convencer disso, amor, — eu respiro. — Você é uma boa mãe. — Ela não é negligente. — Essa mulher pode ir para o inferno.

Ela não conhece você, eu ou suas irmãs.

Lily solta um suspiro profundo.

— Ok? — Eu pergunto a ela.

Ela acena com a cabeça e olha por cima do meu bíceps. Depois de um breve momento, ela diz: — Ele é tão fofo.

Eu reviro meus olhos, mas meus ombros caem. Ainda bem que ela não está coçando os braços, roendo as unhas ou cruzando os tornozelos. Eu gostaria de uma bebida, no entanto.

Ótimo.

— O que é isso? — Lily respira.

Eu sigo o olhar dela para uma janela iluminada no segundo andar. Dois adolescentes estão espiando pelas cortinas. Eles devem nos ver porque um deles deixa cair as calças e coloca a bunda nua contra o vidro.

Eu cerro meus dentes. Clássico.

— Você se lembra quando você fez xixi no lado da casa do Todd Border?

— Lily diz inclinando a cabeça com a lembrança. Suas palavras estranhamente aliviam a tensão em meus músculos.

Eu envolvo meu braço ao redor dela. — Ele era um idiota, — eu digo. — E

eu bebi muito rum naquela noite. Eu tinha que mijar em algum lugar. — Nós

tínhamos quinze anos.

É estranho. Revisitar memórias ruins não tem o mesmo impacto sobre mim do que tinham há um ano. Eu posso tocá-las sem desabar.

Enquanto eu avalio o estado mental de Lily, percebo que o mesmo pode ser dito dela. Enquanto Connor tenta acalmar os pais, eu puxo Lily ainda mais pra perto de mim. Ela descansa sua bochecha no meu peito. — Ei, pequena criminosa, — murmuro.

— E você ia ser meu piloto de fuga, hein?

— Desculpe por isso. — Eu puxo a manga vermelha de seu pijama da Marvel. — Você deveria ter usado preto, você sabe.

Ela sorri. — Todos os meus super-heróis favoritos deveriam me proteger essa noite, mas suponho que esqueci o melhor.

— Se você disser um personagem da DC, tipo o Lanterna Verde, não somos mais namorado e namorada, — eu brinco.

Ela levanta o queixo para mim. — Eu esqueci de *você*.

Eu tento não rir. — Isso... é a coisa mais comédia-romântica que você já disse para mim. Retire o que disse.

Ela fica boquiaberta. — Eu não vou retirar. — Ela me abraça mais apertado. Eu amo ficar tão perto dela assim.

Eu beijo a têmpora dela, e é quando a voz do homem aumenta. — Tudo bem. Se alguém limpar isso, então nós não vamos prestar queixa. — Ele começa a voltar para a casa, mas sua esposa permanece no lugar.

— Vocês são todos exatamente o que eles dizem. — Ela faz um gesto para Ryke e Daisy. — O babaca e a atrevida. — Ela aponta um dedo acusador para Lily e eu. — O alcoólatra e a viciada em sexo. — Lily endurece contra o meu corpo. E a mulher continua, encarando Connor. — O espertinho. —

Quando ela se vira para Rose, acho que ela não vai dizer nada. Ela está usando os rótulos de *Princesas da Filadélfia*, e os produtores chamaram Rose de *virgem*. Não se aplica mais.

O mundo inteiro sabe que não se aplica.

— E você, — a mulher faz uma breve pausa, — a estrela pornô.

O queixo de Lily cai e o meu tensiona. Isso é algo que nem *eu* diria a Rose, sob qualquer circunstância.

Rose teve o suficiente. Ela ataca dessa vez, e Connor a levanta em seus braços, a restringindo facilmente. — Estamos indo embora, — ele diz em voz alta, encerrando a briga antes que ela reacenda.

— Vai se foder, — acrescenta Rose, praticamente cuspindo para ela.

Connor se esforça para não sorrir enquanto dá a Rose um olhar de comando.

Daisy começa a marchar em direção à mulher.

— Agora não é a porra da hora para ser uma heroína, Calloway, — diz Ryke, agarrando Daisy pela cintura.

Eu olho para Lily. — Você não está saindo dos meus braços, Lil.

— Veja, eu te disse que você é melhor que o Wolverine e Homem-Aranha e... — ela examina todos os personagens em seu pijama, — Capitão América.

Eu balanço minha cabeça para ela, mas os cantos dos meus lábios já se curvaram para cima.

Ryke levanta Daisy em seus ombros, como se ela não pesasse nada. Sua força na parte superior do corpo é insana. Suas pernas balançam contra o peito dele, e ela para de lutar com ele. Na verdade, ela inspira como se pudesse respirar melhor. É horas como essa que vejo como meu irmão conhece Daisy.

Ele olha para mim e examina meu corpo, como se estivesse avaliando o que estou fazendo.

Eu não estou tremendo mais. Graças a Lily.

Ele faz um movimento com a cabeça para a rua. E sei que ele vai voltar para casa com Daisy nos ombros, assim mesmo.

Eu aceno para ele, e ele se dirige para a nossa casa.

— Ande, querida, — diz Connor para Rose, a girando para que ela esteja de frente ao carro e não a mansão de pedra.

Da ‘segurança’ de seu gramado, a mulher continua contrariando Rose. —

Tenho certeza de que preferiria que você a *forçasse* a ir até o carro. — O

marido dela está a chamando para entrar.

Connor fala rápido em francês, e ele acaba carregando Rose em seus braços.

— Coloque-me no chão, Richard, — ela diz.

— Eu vou te colocar no chão, se você puder me dizer os primeiros vinte dígitos do pi, — diz ele casualmente, apenas cerca de alguns metros do Escalade.

— 3.14-eu-te-odeio-porra, — ela praticamente grita. Eu estou surpreso que ela ainda não o mordeu.

— Incorreto.

Rose bufa: — Por que você não está com raiva? Eles me chamaram de...

— Eu estou *lívido*, — diz ele, deixando um pouco de sua emoção aprofundar essa palavra. — Você não pode ver, e eu não vou mostrar isso na

frente dessas pessoas para que você possa ir para a cadeia.

Eu falo. — Parece inteligente para mim.

Rose solta um grunhido. — Não o elogie.

— Bem, eu definitivamente não vou te elogiar, — eu replico. Connor coloca Rose em pé ao lado da porta do passageiro.

Quando Rose percebe os bebês no carro, ela bate no braço do Connor. —

Você *acordou* nossa filha? Você está insano?

— Eu garanto a você, minha sanidade está mais intacta do que a sua essa noite. — E então ambos começam a falar em francês novamente, nos excluindo da conversa. Tanto faz. Estou acostumado com isso.

A porta da frente da casa se fecha com força, cimentando o fato de que as meninas saíram do gancho essa noite. Mas Lily e eu olhamos para aquela maldita janela novamente, e os dois adolescentes ainda estão lá, rindo.

Eu mostro o dedo para eles.

Lily percebe e copia o gesto. Com ambas as mãos. De Lil, em um macacão da Marvel com uma bandana amarrada em torno de seu pulso, dificilmente é ameaçador. Mas é malditamente adorável.

Eu sinto que temos dezessete anos novamente.

Os melhores dezessete. Onde toda vez que eu olhava para Lily Calloway, eu queria cair de joelhos.

Mas eu não posso ignorar o frio no ar. A misteriosa presença do que pode vir depois dessa noite. Seja o que for, só espero que todos possamos lidar com isso.

{ 39 }

LOREN HALE

Quase três semanas no período de celibato de Lily, e estou sentindo os efeitos. Eu entro no chuveiro, esperando não fazer nada além de me lavar.

Então subconscientemente, eu passo através de uma imagem da Lily na noite passada. Ela se esfregou contra mim, cavando sua pélvis contra a minha, por impulso, mas ela rolou e controlou seus impulsos sozinha.

Ainda assim, eu lembro como ela arrastou sua bunda no meu pau. E eu só queria escorregar para dentro dela.

Cristo. De pé, nu debaixo da água do chuveiro, meu pau lateja, gritando para ser esfregado. Ainda não me masturbei. Eu pensei que era justo, já que Lil não pode (nunca). Eu não sabia que seria tão difícil. Passando de foder várias vezes por dia para nada.

Eu sinto que estou andando um quilômetro nos sapatos da Lily.

Eu inclino minhas costas contra a parede do chuveiro e fecho os olhos.

Meu cérebro está lutando comigo. Tudo que vejo é Lily deitada, nua, com as pernas abertas, implorando por mim, segurando os lençóis como se ela pudesse se tocar se eu não me apressar.

E quando ela olha para o meu pau duro, sua buceta começa a encharcar.

Ela choraminga e implora.

Eu descanso minha cabeça para trás, meu cabelo molhado. Os fios mais longos grudam na minha testa.

Estou me torturando. Ela queria que eu me masturbasse. Ela se sentiria culpada se eu não fizesse, mas eu vou me sentir um idiota se eu fizer isso. Eu odeio que ela não possa se tocar, mas eu posso. Gotas de água escorrem dos meus cílios enquanto eu penso.

Foda-se isso. Ela está no quarto do bebê agora. Ela nem vai saber.

Eu aperto meu pau, e o toque instantaneamente me tira do meu conflito.

Meus lábios se separam e eu olho para o teto. Eu acaricio meu comprimento, cada nervo amplificando as sensações. Eu continuo o movimento, mais forte e determinado.

Eu imagino a Lily.

Ela está com a expressão ‘eu tenho que gozar agora mesmo’, uma urgência que sempre me faz empurrar mais fundo. Eu me movo entre as pernas dela, e seus dedos cavam nas minhas costas como se ela fosse cair.

— Lo! — Ela choraminga.

O que mais me excita são suas reações, não nossas posições. Ela se contorce embaixo de mim, delicada e voraz. Ela quer ser tão preenchida que não possa nem enxergar direito, e está escrito em todo o rosto dela.

No chuveiro, meus golpes aceleram e eu deixo escapar um barulho rouco.

Deus, eu quero foder ela. Eu quero sentir o quão molhada ela fica apenas olhando para mim. Empurrar nela até ela se apertar em volta de mim. Isso me leva ao orgasmo.

— Cristo, — eu gemo. Aqui no agora, eu libero, tão rapidamente que deixo escapar um suspiro. Minha mão continua se movendo, ordenhando o orgasmo por todo o seu valor. Eu inclino minha cabeça contra a parede novamente, tomando um momento para descer do clímax.

Depois que eu me limpo e desligo a água, me viro para pegar a toalha que está pendurada no vidro. Eu congelo, percebendo uma sombra pela fresta da porta do banheiro.

Eu fechei aquela porta...

Lily.

Por favor, não.

O fundo do meu estômago cai.

A pior coisa que poderia acontecer: excitar Lily Calloway enquanto ela deveria estar celibatária.

{ 40 }

LILY CALLOWAY

Ele não me viu. Ele não me viu.

Eu sou uma pervertida. Uma perdedora que espionou o namorado se masturbando no chuveiro. Uma erupção avermelhada se espalhou da minha testa até os dedos dos pés, e eu corro para o nosso quarto, longe do chuveiro, do banheiro, dele...

O ponto entre as minhas pernas continua apertando por sua dureza.

Aquela dureza que acabei de ver. Quero isso. Em mim. Agora.

Eu nem queria olhar. Depois que eu coloquei Maximoff no seu berço para um cochilo, eu tive um pensamento engraçado sobre ursos panda ou talvez superpoderes. Eu nem me lembro o que era, mas planejei compartilhá-lo com Lo. E quando eu abri a porta do banheiro, presenciei algo muito quente.

Talvez quente até demais. Meu corpo está superaquecendo de um jeito ruim.

Eu poderia ter parado de olhar no primeiro minuto, mas…

Faz tanto tempo desde que eu vi Lo se masturbar. Inferno, faz tanto tempo desde que eu vi *qualquer coisa* remotamente sexual.

AimeuDeus. Isso foi pornografia? Eu acabei de assistir um pornô ao vivo de Loren Hale?

Ai não.

— Lily, — Lo chama, e eu aproveito a oportunidade para entrar no nosso closet. Não é tão grande quanto o do master, mas é um da pra andar dentro dele. Eu ajo como se estivesse procurando por algo importante. De qualquer forma, eu realmente preciso. Rose disse que não acreditava que Lo e eu usávamos algemas, e eu disse a ela que as encontraria como prova. Também queríamos comparar qual cara compra as melhores. Eu acho que é Lo. Ela acha que é Connor.

Ainda está para ser provado.

— Lily? — Lo abre o closet.

— Hum? — Meu coração está explodindo do meu peito. *Eu não posso olhar para você.* Me concentro nas longas filas de camisetas pretas, vermelhas e cinzas que ele usa. Ele está preocupado comigo. Meu

mecanismos de defesa sempre foi sexo. E os bebês são estressantes. Mesmo que Moffy seja um bom bebê - pode ser muito. A falta de sono misturada com as tentações da noite, especialmente quando a dor desaparece.

Sem sexo, eu me transformo em uma pessoa paranoica que navega na internet em busca de fofocas e anseia por contato como uma coceira que eu não consigo arranhar. Tudo está uma bagunça.

Eu estou uma bagunça.

Mas eu tenho feito o meu melhor. Sem sexo. Sem penetração. Sem me tocar.

É o mais longo que eu tenho estado abstinente em anos.

A umidade na minha calcinha não está ajudando as coisas. Mas eu não vou esquecer o que vi... a menos que seja pornô mesmo. Então eu meio que me sinto culpada. Meus cotovelos estão queimando.

— Por favor, não se faça de boba comigo, — diz Lo. — Lily. — Ele agarra meu braço e me vira. Seus olhos âmbar passam sobre os meus, lendo onde minha cabeça está.

Ele tem uma toalha enrolada na cintura e meus olhos percorrem seu peito molhado e brilhante. Os cumes em seu abdômen, o corte de seus bíceps. Eu estou imaginando um corpo totalmente nu. Sua mão em sua ereção, esfregando e acariciando e agradando a si mesmo. É tão quente que acho que meu cérebro vai fritar.

— *Lil*, — ele diz com firmeza, apertando meu queixo e levantando meu olhar de volta para seus olhos.

— *Lo,* — eu respondo no mesmo tom.

Ele lambe os lábios. Aqueles lábios rosados... *Me beija.* — Você viu eu me masturbando? — Pergunta ele.

— Sim. — Eu não nego isso. Eu sei que não posso.

Ele xinga sob sua respiração e passa uma mão na parte de trás do seu pescoço. Seu cabelo está úmido, mais curtos dos lados e as longas mechas na parte de cima empurradas para trás. Ele é lindo de morrer. Eu sou um caso perdido. — Lily, foco, — diz ele, sua grande mão segurando meu queixo. —

Você pode apagar essa imagem da sua mente? Por favor?

Meus lábios se fecham com força. Não, eu não posso. *Nunca.*

Ele deixa cair a mão e se aproxima ainda mais. Minha respiração falha. Ai meu Deus. Lentamente, ele pega *meu* botão do meu shorts jeans. Eu assisto em captação. Assim que ele o abre, ele abaixa o zíper e coloca sua mão dentro do meu short.

Eu seguro seu braço. *Sim. Por favor.*

Ele cobre minha calcinha, sentindo o quão encharcada eu estou. Eu pressiono minha cabeça no peito firme dele e solto um gemido. *Por favor.*

Mais.

Isso é tortura. Pura tortura. — Mais forte, — eu sussurro. É minha culpa.

Eu fui a pervertida que não pode ir embora.

Ele fica parado. — Há quanto tempo você estava lá? — Ele pergunta, praticamente lendo minha mente.

— Eu não sei.

— Lily.

— Por uns três minutos.

— Eu só fiz por três minutos.

— Ah. Talvez menos então. — Mentira.

— Certo.

Ele faz um movimento para retirar a mão e eu agarro seu pulso, o forçando a ficar parado. Antes que ele possa dizer algo sobre isso, eu gaguejo: — Não foi pornô, certo? Tipo, pornografia ao vivo?

Eu olho para cima e vejo a preocupação brilhar em suas íris âmbar. Não tenho certeza se é pelo fato de eu ter feito o braço dele como refém ou minha confissão.

— Não foi pornografia, amor. Eu sou seu noivo.

Alívio levanta meus ombros para um estado natural.

— Posso ter minha mão de volta? — Pergunta ele.

Ah. Sim... eu solto meu aperto e ele tira a mão do lugar que anseia por ele.

Minhas unhas se cravam em minhas palmas, resistindo ao desejo de substituir seu toque pelo meu. Cercada por camisetas, cabides e caixas de coisas diversas, eu deveria voltar a fazer... alguma coisa.

— Eu sou feio, — Lo de repente me diz.

— O quê? — Eu franzo a testa, olhando para ele como se isso fosse a coisa mais impossível de todas as coisas.

Ele descansa as mãos nos meus ombros, uma grande quantidade de espaço entre nossos corpos. — Apenas saiba o quão feio eu sou, e talvez você perca o tesão.

Isso é um grande talvez. — Você é feio, — eu digo, tentando entender suas palavras. — Tão feio.

— Grotesco e *fedorento*. Oh, Deus, você não quer nem mesmo respirar perto de mim, eu fedo tanto. — Ele enrola a mão na frente do rosto com um

estremecimento falso.

Eu mordo meu lábio, reprimindo um sorriso. Ele cheira muito bom, na verdade. Como sabão e citrus. — Você fede, — eu digo.

— Você está incrivelmente repelida por mim.

— Eu estou com repulsa de você, — eu digo, acenando com a cabeça, brincando com ele. Sim. Certo. Repulsa — Você não consegue nem olhar para mim. — O que? — E até te *dói* tocar em mim. — *Não.* Eu não gosto mais desse jogo. Ele deve ver a dor no meu rosto porque suas feições se quebram. — Lil...

Eu balanço minha cabeça e as lágrimas começam fazer meus olhos arderem. — Eu te amo, Lo, — eu digo. — Eu não quero me sentir mal por estar excitada por você, e eu não quero que você tenha que me forçar a odiar você por isso. — Isso parece com outra briga, quando não deveria ser. Temos cerca de três semanas sobrando e depois podemos foder como coelhos de novo.

Eu esfrego meus olhos e respiro fundo. — Vamos esquecer isso, ok? Eu vou ficar bem.

Eu vou passar por ele e sair do closet, mas ele me impede e me bloqueia.

Isso não funcionou. — Por favor, não termine uma conversa com *eu vou ficar bem*, — diz ele, frustração em sua voz. — Eu não quero que você fique *só* bem. Você sabe disso.

Minha garganta começa a se fechar. Eu não sei mais o que sinto.

— Venha aqui. — Ele faz um gesto para mim, e eu ando até seus braços estendidos, afundando em seu peito nu e abraço caloroso. Eu fungo um pouco, e quando ele vai para trás, seus lábios de repente encontram os meus.

Ele me pega completamente desprevenida. Ultimamente, ele tem se segurado

ao me tocar e beijar.

Ele não se segura agora.

Sua língua emaranha com a minha, sua mão segurando a parte de trás da minha cabeça com força. Uma pressão que eu senti falta. Eu derreto sob seu peso, intoxicada por outra pessoa. Pele à pele. Um som prazeroso arranha minhas cordas vocais, e eu retribuo o beijo com intensidade extra, provavelmente até demais.

Meus braços grudam nele, meu corpo avançando contra o dele. *Por favor...*

Ele se afasta quase instantaneamente. *Não.* — Relaxe, amor. Respire fundo. — Ele acaricia meu cabelo gentilmente, e escondo meu rosto em seu peito, meu corpo tremendo contra ele.

— Vamos fazer alguma coisa? — Eu pergunto, esperançosa. Eu estou pulsando. Apertando. Tão pronta.

— Vou te tocar um pouco, — ele admite. — Mas meu pau não está saindo.

Eu me concentro nos aspectos positivos. *Ele vai me tocar.* Meu coração começa a martelar de emoção. Espere... — Você está tocando no meu clitóris, certo? Não nos meus peitos ou qualquer outra coisa? — Eu tenho que ser clara, mesmo que minha onda de vergonha retorne com tudo. Eu prefiro não ficar desapontada.

Seus lábios se levantam. — Seu clitóris, sim. — As palavras em sua voz me iluminam de uma maneira totalmente nova. Minhas pernas querem se dobrar. Eu acabo caindo, e ele pega minha cintura e começa a me deitar suavemente no tapete do nosso closet. Minha cabeça repousa sobre uma pilha de meias limpas.

— Espere... — Eu o paro de novo, assim que sua mão se move para a minha barriga. — Nós não podemos. — Eu estremeço — Minhas irmãs fizeram esse pacto por mim; eu não posso quebrá-lo. — Mas eu me preocupo sobre não ter esta liberação. Eu sei o quanto isso vai atormentar minha mente e meu corpo. Vai ser doloroso. Por horas. Nada. E… e…

— Shh, amor, não chore, — ele respira, limpando debaixo dos meus olhos.

— Isso não é sexo. E se isso te preocupa tanto, apenas diga a suas irmãs que elas podem começar a fazer sexo ou que só as preliminares.

OK. OK. Ele tem razão.

Ele coloca as mãos em ambos os lados, se posicionado sobre o meu pequeno corpo. — Você está pronta agora? — Sua voz está em tom de brincadeira.

Eu aceno ferozmente, meu olhar caindo para sua toalha.

— Ela continua no lugar, Lil, — ele me lembra.

— EuseiEusei, — eu digo rapidamente, soltando minhas palavras.

Meus shorts já estão desabotoados e abertos. Ele mantém seu peso corporal longe de mim, mesmo que eu *precise* disso. Quero isso. Eu sou muito gananciosa. E ele gosta de provocar.

Sua mão abaixa meu short novamente. Estou prestes a assistir, mas ele me beija profundamente, lentamente, me fazendo perder a concentração de seus outros movimentos lânguidos e quentes.

Isso é, até sentir seus dedos roçarem na minha calcinha molhada. Eu quebro o beijo e choramingo. Minhas pernas tremem. — Por favor…

Seus lábios tocam meu ouvido enquanto ele sussurra: — Você está

encharcada para mim.

Eu aceno rapidamente. *Sim. Sim.* — Eu preciso de você, — eu choramingo.

Eu arqueio as costas, esperando que minha pelve se conecte com a dele. Com algo mais duro. Profundo. Seu corpo está seguro entre as minhas pernas.

— Shh, Lil, — ele respira.

Eu tenho medo que ele vá se sentar, se afastar de mim, então me agarro ao

seu corpo, me prendendo nele.

Ele descansa seu antebraço no chão, menos distância entre nós, e ele penteia meu cabelo para trás, seus lábios um sopro dos meus. *Me beija.* Ele faz isso. Oh. Ele me *beija muito.* A seriedade em seus lábios aquece meu núcleo, um beijo como se ele estivesse me fornecendo oxigênio para viver mais um dia nessa Terra. *Obrigada, Loren Hale*.

Eu estou cheia de amor e luxúria.

Ele balança seu corpo para frente, *esfregando* contra mim. Puta merda. Eu choramingo: — Lo, *Lo.* — E seus dedos começam a esfregar o exterior da minha calcinha. Ai meu Deus.

Eu preciso dos dedos dele. Não o algodão. Pele à pele. Eu choramingo ainda mais. Desesperada e com tesão.

— Eu tenho você, — ele murmura, e então ele beija meu pescoço, chupando o lugar sensível. Entre minhas coxas, seu dedo se prende no tecido, e ele encontra o pequeno e pulsante botão. Assim que ele toca a pele sensível, eu tremo e vou para cima. Ele pressiona seu corpo com mais força contra mim, me mantendo imóvel e adicionando mais pressão.

Deus. Sim.

Ele sussurra, com uma voz profunda e afiada: — Estou dentro de você. —

Seus dedos aceleram. — Batendo em você. — *Sim.* — Preenchendo você. —

Seu ritmo acelera, me excitando tanto que meus olhos se fecham. Minha cabeça se acalma. *Por favor.* Eu seguro seu pulso. E então eu coloco minha mão em cima da dele, sentindo o jeito que ele está movendo os dedos contra o local. Sentindo o quão pequena eu sou comparado a ele.

— Mais fundo, — eu imploro.

Ele só esfrega meu clitóris. E ele diz: — Estou tão profundamente dentro de você, amor, que não há mais espaço para ir mais longe.

Eu choramingo em seu ombro, meu corpo atingindo o clímax. Nervos eletrificam, meu pulso está se acelerando a novos níveis e eu me contraio várias vezes. Eu paro de respirar e flutuo até as nuvens. De agora em diante, cada toque na minha pele sensível me faz contorcer e espasmar. Lo pressiona

o dedo no meu clitóris, a intensidade me entorpece, e então ele tira a mão e me pega em seus braços, me trazendo para seu colo.

Minha respiração é como de uma baleia fora de forma. Eu posso sentir sua dureza sob sua toalha. — Novamente? — Eu questiono ofegante, desejo em meus olhos. Eu sei a resposta, no entanto. Eu balanço minha cabeça para mim mesma.

— Sem mais, Lil. — Ele levanta cuidadosamente meu short. Eu nem percebi que ele estava nas minhas coxas. Ele fecha o botão e o zíper. *Sem mais.* Estou tentando ficar satisfeita com isso. Eu estou.

— Você vai… — Eu olho para sua virilha. — … se tocar de novo?

— Não pense nisso, — ele me diz. Talvez seja melhor que eu não saiba o que ele faz. Eu quero oferecer meus serviços, mas sua mandíbula se flexiona com esse olhar sério de Loren Hale. Algo que assusta as pessoas. Isso só rouba minha respiração.

Eu tento não pensar em boquetes, masturba-lo ou qualquer coisa sexual. Eu limpo minha garganta. — Você sabe onde estão as algemas?

Seus olhos se estreitam.

— Elas não são para mim, — eu digo rapidamente, percebendo que isso foi um mau momento. — Eu tenho que mostrar a Rose.

Sua expressão não suaviza. — Por quê?

— Longa história.

Ele balança a cabeça e solta um suspiro. Ele se levanta e me ajuda a levantar. E então ele se agacha novamente na frente da sua prateleira de Vans. Ele pega uma caixa e a abre. As algemas de prata são simples, mas elas têm esse

couro preto que as torna mais macias. Nós não as usamos com frequência. Talvez uma vez a cada poucos meses.

Eu prefiro que minhas mãos toquem ele.

— Ok, obrigada. — Eu estendo a mão para pegá-las.

— Beijo primeiro, — diz ele.

Eu sorrio e olho para baixo para seu pênis.

— Não lá, amor. Nos meus lábios.

Droga. Eu olho para cima e ele está sorrindo. Por um segundo, eu me pergunto se eu posso adiar o beijo, só para vê-lo sorrir por mais tempo.

Ele não consegue ler minha mente.

Porque ele me beija primeiro.

Eu percebo, porém, que gosto desse beijo tanto quanto o outro.

LOREN HALE

Eu nunca pensei que veria o dia em que Lily e Rose juntariam seus aniversários em uma festa. Desde que me lembro, Rose *insistiu* que isso nunca aconteceria. Você sabe aquelas pessoas que aproveitam seu dia

'especial' até o final? Fazendo com que os outros esperem e façam favores, como se tivessem subitamente nascido na realeza?

Multiplica por um milhão e você tem Rose Calloway.

5 de agosto é o meu dia menos favorito na Terra.

O fato de eu ficar feliz pelo aniversário da Lily quatro dias antes e depois ir para o inferno não ajuda. Então, hoje, 3 de agosto - exatamente dois dias depois que Lil completou 24 anos e exatamente dois dias antes de Rose completar 26 anos - talvez vivesse na infâmia.

— Então, Rose, — eu digo, segurando uma lata de Fizz e me inclinando para trás no sofá de camurça, — Quando você imaginou seu vigésimo sexto aniversário, eu sei que é isso que você tinha em mente. — Eu uso um meio sorriso.

Depois de uma refeição de cinco pratos, todos nós nos retiramos para a sala de estar para o bolo e presentes. A mansão na Filadélfia de seus pais está decorada com uma combinação de lírios e rosas. Uma pequena festa. Apenas família. Nossos pais se sentam na sala de jantar, visíveis através do arco. Eles bebem champanhe e bajulam os bebês. É um evento normal e mundano.

Como se Samantha Calloway tivesse dado um de seus jantares habituais.

Nada especial.

Eu aceno para o espaço da sala. — Perfeição, certo?

Rose me dá um olhar fulminante. — Pare de falar, Loren. — Ela planejou algum tipo de viagem mêses atrás, mas logisticamente, com seu bebê, ela

decidiu que era melhor ficar na Filadélfia. Eu sei que uma parte dela deve ter se rachado quando ela entregou seus planos de aniversário para sua mãe.

Lily se senta no sofá ao meu lado, mal causando uma onda. — Esse é o aniversário mais chique que eu já tive desde os onze anos, — ela comenta, examinando a sala com olhos grandes.

Rose segura um copo de vinho, o braço do Connor no sofá atrás da cabeça dela. — Isso é porque você nunca quis uma festa de aniversário, — diz Rose.

— A mamãe teria feito uma pra você em um piscar de olhos.

— E convidado todos os amigos dela, — acrescenta Daisy, caminhando da sala de jantar com um prato de bolo de chocolate. Já que o sofá está cheio com Sam e Poppy, Lily e eu - e o outro sofá e a poltrona estão tomados - ela pode se sentar no chão ou no meu irmão.

Enquanto ela abaixa a bunda para o tapete caro, Ryke agarra a bainha de sua saia e a puxa para seu colo. Suave. Daisy se ajeita contra ele, compartilhando a poltrona creme de camurça.

Poppy contrapõe, — Qualquer uma de nós teria lhe preparado uma festa também. Você não tinha que ir para a mãe se quisesse uma. — Sam está trançando o cabelo de sua esposa. Está me distraindo, para ser honesto.

Especialmente porque Poppy está ao meu lado.

Eu estou mordendo minha língua para não fazer uma observação. Mas eu devo estar fazendo um trabalho de merda já que o Sam fala. — Quando você tiver uma filha, vai aprender a fazer coisas sobre quais nunca pensou antes.

Quando eu tiver uma filha? Minhas sobrancelhas se levantam. Isso implica que um dia terei outro filho. Um dia eu vou passar por tudo isso de novo. Um dia, vou amar outra pessoa com toda a minha alma.

Parece improvável.

— Que seja, Sammy, — eu digo secamente, não querendo começar mais merda com ele. Ele está sendo legal. Eu sou um idiota Eu só quero deixar por

isso mesmo.

Meu olhar percorre acidentalmente o quarto, pousando em sua filha. Agora com sete anos, ela se diverte na mesa do café da manhã, desenhando figuras de vestidos de baile. Maria quer literalmente ser a Rose. Eu temo pelo mundo.

Lily redireciona a conversa de volta para o tópico, felizmente. — Eu não estou reclamando de todos os meus outros aniversários. Eu nunca quis uma grande festa. Tudo o que eu queria era... — Seus olhos se arregalaram e suas bochechas ficam vermelhas. Eu a abraço mais perto, tentando não sorrir pelo seu constrangimento. Mas ela é fofa, mesmo quando ela parece com um tomate.

Ryke tem um braço sobre o ombro da Daisy. — Sim, todos nós sabemos onde isso está indo. — Ele acena para Lily. — E se vale de alguma coisa, Calloway. O sexo de aniversário é o melhor.

Lily geme de frustração. — Não me lembre.— Ela enfia seu rosto em um travesseiro marrom frisado. Ela ainda está no celibato pós-gravidez.

Exatamente três semanas restantes agora.

— Podemos, por favor, falar sobre esse pacto de abstinência? — Sam pergunta enquanto ele amarra o cabelo de sua esposa. Ela lhe passa o champanhe e depois se inclina em seu peito.

— Sim, por favor, — concorda Connor, bebericando vinho tinto como Rose. Estou mais consciente do álcool hoje do que de costume, e meus olhos continuam olhando para Ryke como um lembrete de que ele está sóbrio também. Lil não está bebendo também, mas é diferente.

Meu pai sempre fez parecer mais masculino segurar um maldito uísque.

Beber em festas. Se eu não fizesse isso, eu era uma mulherzinha. Eu ainda estou tentando reprogramar meu cérebro e não me sentir menor do que Connor e Sam. Estou consumindo refrigerante. Mas meu irmão também.

— Espera, — Ryke diz, confuso. Ele aponta para Poppy. — Você também está fazendo isso?

Eu rio dessa compreensão. Droga. Esse é um grande negócio para as irmãs Calloway então.

— Seis semanas não é tanto tempo assim, — declara Poppy, seus braceletes de madeira tilintando juntos enquanto ela pega seu gin e tônica.

Atrás dela, Sam toma seu champanhe todo, não concordando.

— Isso é ótimo, — digo em voz baixa. Lily me ouve e dá um tapa no meu peito. Eu zombeteiramente estremeço e seus olhos caem para os meus lábios.

Estou prestes a beijá-la quando Poppy se inclina para frente, apenas para fazer contato visual com Lil.

— Antes que você perceba, Lily, vai ter acabado.

Lily está rígida como o inferno, o holofote sobre ela. E agora é sobre sexo.

Eu sussurro em seu ouvido, — Relaxa, amor. — Eu a sinto soltar a respiração, seu peito se abaixando.

— Roçar não deve ser permitido, — Rose estala com um tom gelado. Seu olhar é dirigido a mim. Como se eu tivesse violado algum contrato escrito em sangue. — Deve ser tudo ou nada. Seja forte.

— Você leva os pactos para um novo nível psicótico, — eu replico. — As regras foram feitas para serem quebradas, Magdala.

— Você é uma criança, — ela dispara de volta.

— Fraco.

— Crianças, — Connor nos interrompe agora, olhando entre nós dois. —

Podemos voltar à questão ou seguir em frente, o que for parar com isso primeiro?

Daisy levanta o garfo no ar. — Eu aprovo roçar.

— Pronto, — acrescento, definitivamente tomando partido de quem quer que me apoie. Mesmo que seja a irmãzinha da Lily, alguém que eu nunca quis imaginar roçando com qualquer coisa viva ou inanimada.

Daisy faz um movimento de cortar com o braço. — Caso encerrado.

Eu assisto Lily abraçar aquele travesseiro frisado desconfortável, que foi feito para decoração. Eu o pego e jogo no chão. Ela olha para mim como se eu tivesse pegado seu vibrador. E eu sou íntimo desse olhar. Eu o via toda vez que eu destruía seus brinquedos.

Eu a puxo para o meu colo e sua expressão se transforma em satisfação.

Porém eu a observe dar uma olhada nos nossos pais e sua ansiedade se intensifica. Meu pai está com Maximoff em seus braços, tendo mais interesse nele. Greg Calloway está em segundo, sentado perto deles.

Eu acho que eles se conectam mais com o garoto.

Talvez seja por isso que a Samantha só presta atenção na Jane. Eu não a vi segurando Moffy ou qualquer coisa assim. Mas eu tenho que acreditar que é por causa do gênero dele e não porque ele é o bebê da Lil. Mesmo que seja uma opção, é terrível demais para entreter.

Rose e Connor falam baixinho em francês, mas Rose continua olhando nervosamente para o Ryke.

— Eu não estou ouvindo a conversa de vocês, porra,— Ryke rosna de volta. — Pare de olhar para mim.

Rose solta um suspiro irritado e muda para o que soa como alemão.

Embora ela fala muito mais devagar e seu sotaque não é tão polido ou fluido quanto o de Connor.

Lily se inclina no meu braço. — Ryke fala alemão?

Eu sacudo minha cabeça. — Eu não tenho ideia.— As únicas línguas que tenho certeza de que ele fala são espanhol, italiano e francês. Eu pergunto o tempo todo o que mais ele sabe, mas ele não fala. *Não é importante*, ele diz.

Por que essa porra importa?

Eu me pergunto quando ele vai perceber que não há razão. Isso nunca importará. Isso nunca será importante. Ele deveria me dizer apenas porque somos uma família.

Mas ele não cresceu com esse senso de inclusão. As irmãs Calloway cresceram.

Eu cresci porque eu tinha a Lily.

Ele não tinha ninguém.

Eu entendo isso agora.

Lily me cutuca no braço. — Minha mãe me deu isso. — Ela me entrega uma pequena pilha de cartões de visita. Eu folheio eles. Eu olha a parte das profissões. *Babá. Babá. Especialista em creches. Babá. Babá. Assistente de creches.* Meu estômago revira.

Eu já disse a Samantha que não estamos contratando babás. — Rose, — eu digo, lambendo meu lábio. — Você recebeu isso? — Eu me estico e passo para ela os cartões de visita.

Seus ombros se endurecem quando ela os inspeciona. — Não.

Lily engole em seco. — Estou fazendo um bom trabalho, certo? — Sua voz racha no final.

Poppy estende a mão e coloca no joelho da Lily. — Você está fazendo um trabalho incrível. Não se preocupe com o que as outras pessoas dizem. — Sua voz carrega calor, e eu vejo o medo de Lily aparecer em sua expressão. Ela está preocupada que ela não soe assim. É mais fácil pensar que você é uma pessoa calorosa ao lado de Rose Calloway, mas fique ao lado de Poppy e qualquer um parece rude.

Eu esfrego as costas da Lily, fazendo pequenos círculos. — Não pense em sua mãe, — digo a Lil. — Lembre-se do fantástico sexo de aniversário atrasado que você terá em algumas semanas.

Ela simultaneamente cora e inala com mais entusiasmo. Eu envolvo meus braços mais apertados em torno de sua cintura e ela os segura.

Meu pai ri alto de alguma coisa e isso nos distrai por um segundo. Connor toma um gole maior do vinho. Ele precisará repor em breve. — A diretoria já tomou uma decisão? — Ele pergunta.

Não temos mais notícias do que a última classificação, mas já passamos por outra função. Eu não sei dizer o que a diretoria está pensando. Eles são tão inexpressivos quanto Connor às vezes.

Eu bebo meu refrigerante, ansiando por algo mais afiado. — A diretoria não precisa tomar uma decisão, — eu digo. — É o meu título. Então vocês podem se auto sabotar a qualquer momento agora. — O tom da minha voz dói meus ouvidos. Eu odeio isso. — No final do mês, vocês podem me chamar de Sr. Hale, CEO. Nós vamos até dar uma festa. — Eu finjo ânimo com um pequeno suspiro. — Ryke pode trazer os tacos, e Connor, aqui, fornecerá o Glenfiddich. Não vai, amor?

O quarto inteiro fica quieto.

A tensão e o silêncio são tão densos que é difícil respirar.

Eu não sei porque eu disse isso. Para ser um idiota. Talvez seja algo mais profundo. Mas todo mundo pega o significado oculto por trás das minhas palavras.

A primeira vez que recaí foi bebendo uma garrafa de Glenfiddich.

A garrafa do Connor.

Eu espero o Connor brincar de volta e aliviar a tensão. Como ele sempre faz. Mas ele abaixa o olhar para o tapete, nem olhando na minha direção.

— Vamos lá, foi uma piada, — eu digo secamente, minhas costelas apertando em volta dos meus pulmões.

Connor de repente se levanta, *visivelmente* chateado. E ele está se esforçando para esconder isso, evitando os olhares de todos. — Vocês vão ter que me dar licença por um segundo, — diz ele suavemente, contornando o braço da poltrona.

— Connor, — eu digo antes de ele sair. Me sinto doente. Como se eu fosse vomitar. — Foi uma *piada*. — Eu acho que se eu enfatizar isso, ele vai me perdoar.

Ele não se vira.

Nem uma vez.

Eu o vejo sair pela porta da sala. Desaparecendo de vista.

{ 42 }

LOREN HALE

Eu olho para a porta pela quinta vez. Eu realmente pensei que nunca seria capaz de chatear o Connor. Que não importa o que eu diga, o que eu faço, ele sempre seria meu amigo. Eu esfrego meus lábios, incapaz de suportar a ideia de perdê-lo por causa de um comentário que fiz.

Lily escorrega do meu colo. Ela coloca as mãos em volta da minha orelha.

— Apenas vá, — ela sussurra, me incentivando a falar com ele. Eu deveria?

Eu nunca tive um amigo de verdade até o Connor. Patético, claro. Mas eu não cresci com *manos* ou companheiros de equipe e esportes. Eu tinha a Lily.

E os amigos que tenho agora, posso contar na minha mão. Machucá-los significa algo diferente para mim.

Isso me empurra. Eu me levanto do sofá.

Paro antes de sair, só para olhar para Rose. Eu não quero piorar as coisas.

Ela me dá um único aceno de confirmação, como se eu estivesse fazendo a coisa certa aqui.

Ok…

Em cinco segundos, estou fora da porta. Ele não está no pátio. Ou na cozinha. E ele não foi ao banheiro. Eu passo pela biblioteca, o último quarto.

Eu quero verificar lá antes de subir as escadas. A porta de madeira range quando eu a abro, e então eu silenciosamente me xingo por não ter olhado aqui mais cedo.

É uma maldita biblioteca. Claro que ele estaria aqui.

Estantes de livros enfileiram todas as paredes, pisos superiores e inferiores, escadas deslizantes os acompanha. Sem janelas. Esse quarto sempre foi para

mostrar. Não me lembro de uma vez em que vi alguém aqui. Exceto talvez no pique esconde quando éramos pequenos. Lily sempre tentava se esconder atrás de uma estante de livros. Isso me assustava quando fiquei mais velho, pensando que iria cair sobre ela ou algo assim.

É estranho agora, ver uma pessoa nesta sala. Realmente passando pelas prateleiras e removendo um livro de capa dura cheio de pó de sua posição permanente.

Connor está de costas para mim, mas tenho certeza de que ele me ouviu fechar a porta.

Eu dou um passo à frente, pensando que ele vai virar.

Ele não vira.

Ele sopra a poeira e folheia as páginas duras.

Um nó se aloja na minha garganta e eu limpo com uma tosse. O que diabos há de errado comigo?

— Rose está procurando por você, — eu minto. Minha respiração fica presa enquanto espero que ele fale. É nesse momento que sei o quanto valorizo nossa amizade. E como não é invulnerável como eu esperava.

— Se ela estivesse procurando por mim, ela estaria aqui ao invés de você.

— Ele guarda o livro e escolhe outro. Eu abro minha boca para responder, mas ele me interrompe. — Eu não estou no clima para conversar com você, Lo.

Eu não posso segurar. — Foi uma piada, Connor, — eu digo, na defensiva.

— Eu não quis dizer isso da maneira que você acha. — Porém, eu quis? Eu não sei dizer exatamente. Algo sombrio está saindo de mim. Lentamente.

Acumulando como alcatrão.

Ele devolve o livro de capa dura e vira para me encarar, enfiando as mãos nos

bolsos. Estou muito consciente de quão frágil eu fico em sua presença. E

eu odeio isso agora, pra caralho. Ele não deixa nada cruzar seu rosto. Nada que me faça sentir mais forte e melhor.

Eu apenas me sinto como um idiota. *Não.* Dane-se isso. — Você não pode ficar chateado com uma fodida *piada,* — eu digo, dor na minha voz. Eu queria que ela não estivesse lá. Tão malditamente aparente. Parte de mim quer esquecer isso. E apenas seguir em frente. A outra parte sabe que eu trouxe isso à tona por um motivo.

— Não é uma piada para mim, — diz ele categoricamente.

Eu solto uma risada fraca. — Certo.

Connor parece irritado dessa vez, seu peito subindo e descendo pesadamente. Seus olhos azuis se estreitando para mim.

— Estou cutucando o robô?— Eu pergunto a ele com um sorriso amargo e doloroso. — Você sente alguma coisa, hã? — Eu estendo meus braços. — Eu sou sua fodida responsabilidade. Você deveria saber que esse dia ia chegar.

— E tudo simplesmente explode no meu corpo. Palavras que meu pai disse.

Por que Connor me manteria por perto? Para me manipular? Tudo para que ele pudesse se aproximar da Rose? Eu não tenho ideia, e isso está me

rasgando. Pensar que eu poderia...

— Eu te carreguei em meus braços, — ele diz de repente, seus olhos vermelhos. — Aquele dia em que você recaiu foi a pior noite da minha vida.

— Ele aponta para o chão. — *Não* é uma piada para mim.

Não tenho lembrança disso - eu desmaiei. Eu sufoco outra risada, só que essa dói um milhão de vezes mais. — Ótimo. Fico feliz que tenhamos resolvido isso. — Não tenho mais nada a dizer. Honestamente, gostaria beber um Maker’s Mark.

— Lo… — Ele não atribui mais nada ao meu nome. Eu não posso ler sua mente, então eu me viro, esperando que ele deixe por isso mesmo. Mas quando eu vou para a porta, ele corre atrás de mim.

Connor pega meu braço e me vira. — Lo, espera. — Eu nunca vi seus olhos tão vermelhos assim antes.

— Eu entendo, — digo a ele. Ele me carregou enquanto eu estava desmaiado, e ele estava assustado.

Sua mão cai do meu braço e ele balança a cabeça. — Não, você não entende.

Um peso se acumula no meu peito. E eu tenho que perguntar. Eu não posso mais só supor. — Eu sou uma responsabilidade para você? — Eu aperto meus dentes com força, suprimindo tudo o que ameaça transbordar.

— Sim, — ele diz com sinceridade.

Eu aceno algumas vezes, absorvendo esse fato. — Você já me manipulou?

Ele torce o relógio em seu pulso, seu olhar caindo no chão em pensamento antes de voltar para mim. — Eu posso dizer o que as pessoas precisam, e eu...

— Pare, — eu sufoco. Eu não quero ouvi-lo explicar. Que ele fingiu ser meu amigo. Ele me usou. — Tudo o que você tem que dizer é sim ou não.

— Não é tão simples, — ele me diz, um tremor em sua voz geralmente de paredes de tijolos.

— É! — Eu grito para ele. Eu aponto para o meu peito. — Ou você me manipulou ou não, porra!

— Eu te amo, — ele refuta, seu olhar empalado em mim.

Isso me deixa surpreso. Porque Connor só admitiu amar ele mesmo. E

então, amar a Rose. Ninguém mais. Mas eu sei que isso não é sexual ou romântico. É o tipo de amor que tenho pelo meu irmão. O tipo que Rose tem por suas irmãs.

Ele faz uma careta como se o fato fosse difícil para ele aceitar. — Lo, eu não... amo muitas pessoas. Mas *não* há manipulação no que sinto por você. A

verdade é que eu te dei o que eu achava que você precisava, carinho e louvor, mas eu não tinha motivos para isso. Eu não usei você para nada.

Eu abro minha boca para falar, mas ele levanta a mão rapidamente.

— Espere, me deixe terminar. — Seu pomo de Adão se mexe. — Você é minha responsabilidade *porque* eu amo você. Na noite em que você recaiu, achei que você ia morrer. — Ele faz uma pausa. — …E esse fato quase me paralisou. Eu não conseguia nem *dirigir*, Lo. — Ele balança a cabeça como se ele não quisesse imaginar aquela noite. — Eu me preocupo com você, com o que acontece com você, e é uma fraqueza de qualquer maneira que eu olhe para isso. Como seu pai uma vez me perguntou, o que eu ganho com isso? Eu disse a ele a verdade. Eu ganho sua amizade. Isso é tudo o que eu quero.

Eu processo suas palavras. Eu não achava que ele se importava comigo assim. No fundo da minha mente, eu realmente acreditava que ele suportava minha personalidade por causa do meu status e minha conexão com as Calloways. Eu tentei ficar bem com isso.

Mesmo depois de anos, parecia que eu dava mais de mim do que ele me dava. Ele me viu em alguns baixos brutais, e eu nunca o vi recuar. Exceto talvez agora. É como se ele tivesse tirado algumas de suas armaduras para mim, só para dizer que me ama.

É a honestidade que eu precisava. Sinto que posso respirar com mais facilidade, sabendo por Connor, não por Rose, que nossa amizade é real.

Eu encontro seus olhos. — A maioria das pessoas não me suporta, você sabe.

Ele ri em um sorriso de milhões de dólares. — E a maioria das pessoas não aceita tudo de mim. Eu percebi que as pessoas que aceitam são as que eu amo profundamente.

— Isso é tudo de você? — Eu pergunto a ele.

Ele concorda. — Sim. Praticamente .

— Praticamente?

— Eu não posso sempre me expressar do jeito que você quer ver… — ele se interrompe.

Raiva, eu percebo. Ele não me deixa ver a dele. Não no nível em que pode alcançar. — Ok, — eu digo. — Ok. — Eu exalo uma respiração tensa e, em seguida, congelo quando um pensamento me atinge. — Você mencionou meu pai… ele sabe? — Eu franzo a testa, minhas sobrancelhas se juntando.

— Eu tenho brigado com Jonathan porque ele acha que estou brincando com suas emoções. Ele descobriu que eu dormi com um cara antes. Anos

atrás, ninguém que você conheça. Apenas um amigo de um amigo... —

Connor se afasta, afrouxando a gravata.

Tenho certeza que meu pai acha que Connor está dando em cima de mim ou algo estúpido. Não é assim. Mas depois do vídeo no México, onde nos beijamos... — Merda. — Eu aperto a ponte do meu nariz.

— Ele está apenas protegendo você, — diz Connor. — E sua maneira de fazer isso é me dizendo para colocar uma distância considerável entre nós.

Com a ameaça de *'se não'* . Eu não estou assustado com o seu aviso, apenas chateado que existe.

Minha mão cai ao meu lado. — Eu vou falar com o meu pai...

— *Não*, — Connor força a palavra.

— Meu pai me ama, — eu replico. — Eu posso ajudar.

— Você vai piorar, — ele diz. — Se você for ao seu pai e lhe disser para parar de me ameaçar, ele vai pensar que eu manipulei você para dizer isso.

Pense nisso, Lo. Eu poderia ter te trazido para essa biblioteca, ter te falado

que eu me importo profundamente com você, só para você se virar e fazer com que ele faça o que eu quero. Não é disso que hoje se trata. Apenas esqueça e me deixe lidar com isso.

Eu solto um suspiro tenso, meu último. — Ok. — Estou basicamente jogando as minhas mãos pro alto, mas sei que ele está certo. Eu não posso fazer nada para ajudá-lo a consertar essa bagunça. — Nossa amizade realmente vale a pena para você? — Eu pergunto. Parece que não há muitos aspectos positivos para ele.

Ele nem hesita. — Sim. — Ele acrescenta, — nunca encontrei um problema que não pudesse resolver. Sua preocupação é melhor quando é colocada na Lily.

Eu concordo com a cabeça. Ele está certo sobre isso também. — Você pode me prometer uma coisa?

— O quê? — Pergunta ele — Da próxima vez, me diga se uma das minhas piadas for uma merda. — Eu sorrio. — Tipo, uma merda de verdade.

Seus lábios se puxam em outro sorriso. — Sempre, querido.

LILY CALLOWAY

Enquanto Lo fala com Connor, eu fico sentada na sala de estar, acenando com a cabeça toda vez que minhas irmãs começam um novo tópico, mas minha mente se transportou para lugares ruins. Eu sonho acordada com sexo de aniversário que não vou ter. Eu vejo chantilly, partes do corpo, coisas duras e roçar *intensamente*.

Ah, espera, roçar é permitido. Eu me animo com o pensamento. Eu me pergunto se Lo vai considerar isso.

Um bebê chora, me tirando do meu transe. E a culpa se infiltra em minhas veias como gelo líquido. Se tornar mãe não mudou minha personalidade nem me tornou menos compulsiva. Eu ainda tenho uma mente imunda. E agora eu desprezo esses pensamentos ainda mais.

Estou sentada aqui, na companhia de minhas irmãs e de seus companheiros, pensando em chantilly e pau. Para completar, meu bebê está à vista. Estou prestes a ficar de pé quando noto minha mãe balançando Jane em seus braços e fazendo shh para ela. Moffy fica em sua cadeirinha de balanço entre Jonathan e meu pai. Ele ri quando meu pai faz uma careta para ele.

Jane é claramente quem está chorando, e Rose já está de pé, atravessando a sala antes que alguém diga uma palavra.

Eu tento não ficar com meu rubor vermelho de vergonha. É a pior cor.

— Você está bem, Lily? — Ryke pergunta com uma careta sombria. Daisy adormeceu em seu colo, o que deveria me deixar mais feliz, num certo sentido. Naquela noite, na tenda, ela admitiu dormir apenas algumas horas no total. Eu estou olhando para uma coisa boa, minha irmãzinha dormindo um pouco, mas estou sentindo algo diferente. — Lily? — Ryke pergunta novamente, sua voz calma.

Poppy e Sam agora se concentram em mim também.

Eu limpo minha garganta. — Humhum. — Eu nem consigo formar palavras

reais. Eu fui de ser entregue cartões de visita de babás para ser atormentada por pensamentos sexuais. Eu deveria estar preocupada com o Moffy. E eu odeio quando o sexo sobrepõe isso. Não está certo. É nojento.

Ryke pressiona uma mão sobre o ouvido da Daisy, muito gentilmente para que ela não acorde ou o ouça falar. — Tente novamente.

Ele é muito insistente. Isso é conhecido. — Babás não são ruins, certo? —

Eu pergunto, os cartões de visita entre meus dedos. — Quero dizer, todos nós tivemos. E pessoas normais também têm. Para mães e pais que trabalham…

O calor no olhar do Ryke me faz encolher no sofá. Eu busco conforto em outros lugares. Como na Poppy.

— Tivemos uma babá uma vez, quando Maria era pequena, — diz Poppy.

— Mas você não deve contratar uma só porque se sente obrigada a fazer isso.

— Ela recolhe carinhosamente os cartões de visita da minha mão. — Que tal eu segurar isso para você?

É como se um bando de abelhas tivesse picado meu esôfago, o inchando e me impedindo de falar. Eu aceno indecisa.

Ryke coloca o prato de bolo de chocolate meio comido na mesa de café, para que não caia da coxa da Daisy. — Olha, se você se sentir sobrecarregada, você tem a Daisy e eu. Estamos sempre por perto.

Sobrecarregada? Pressão se constrói no meu peito. Eu não sou um monstro egoísta. Eu me importo mais com o Moffy do que com sexo. Eu me importo.

Eu *me importo.*

— *Lily*, — Ryke diz meu nome de novo, tão forte que os olhos de Daisy se abrem de susto. — Porra.

Eu estou coçando meu braço, eu percebo. Eu retiro minha mão, a prendendo entre meus joelhos. O que há de errado comigo? Eu assisto Daisy se

endireitar no colo do Ryke, seu rosto pálido. Ela parece que vai vomitar. A culpa se arrasta ainda mais para dentro de mim.

Acho que acabei de causar inadvertidamente um pequeno ataque de pânico à minha irmã.

Ryke a ajusta em seus braços, preocupação em suas feições.

— Eu estou bem, — diz ela em uma inspiração profunda, capaz de respirar completamente.

Ryke mal relaxa.

— Eu sinto muito, — peço desculpas.

Daisy balança a cabeça para mim como se dissesse *não, não sinta.* Porém, é minha culpa. Tudo. Meu vício em sexo indo a público fez *isso* com ela. O

medo. O ridículo. Eu não posso me perdoar por isso.

Ansiedades continuam a se acumular em mim. Eu preciso calar meus pensamentos, mas minha cabeça está toda bagunçada. Eu gostaria que tudo

voltasse ao normal. Eu espio por cima do ombro, esperando que Lo apareça.

Eu não posso depender dele, não importa o quanto eu queira.

Poppy se aproxima de mim no sofá e passa um braço em volta do meu ombro. Eu me sinto muito pior. Ela deveria estar consolando a Daisy. Não eu.

Mas Poppy me dá um aperto de irmã. — Quando eu tive a Maria, eu me sentia muito em pânico. Pensando que estava fazendo algo errado. É normal.

Meu cérebro não é normal. Se ela pudesse ver dentro dele, ela perceberia o quão repugnante é. Eu continuo acenando e esfregando os olhos, tentando tirar a atenção de mim. Eu não quero admitir a fonte da minha ansiedade: sexo sobrepondo o bebê. Mas sentar aqui, concordando com eles que meu pânico é uma emoção maternal normal, me faz me sentir uma mentirosa.

— Eu só preciso de um pouco de ar, — murmuro e me empurro do sofá.

Eu paro e tranco os olhos com minha irmãzinha antes de sair. — Eu sinto muito... por tudo.

— Não é sua culpa, — ela diz suavemente, lágrimas cansadas em seus olhos. — Eu gostaria que você aceitasse isso. Isso faria eu me sentir melhor.

Humanos são amaldiçoados, eu acho. Essas são emoções muito complexas para serem superadas. Talvez leve uma vida inteira para finalmente deixar ir.

Eu apenas aceno. É tudo que posso fazer. No meu caminho para fora, eu passo pela sala de jantar e pego o Maximoff.

— Nós podemos olhar o Max, — meu pai diz, olhando com carinho para o meu bebê que tem um pequeno sorriso no rosto. Meu pai até estica a mão e faz cócegas no pé do Moffy. Seu ruído feliz e distorcido derrete meu coração.

Eu olho para a minha mãe que está dando mamadeira para a Jane, Rose sentada ao lado dela.

— Está tudo bem, — eu digo rapidamente. — Ele não esteve fora o dia todo. — Eu não sei se ainda pareço chateada, mas sinto a preocupação de todos os cantos da sala, me cobrindo como uma manta quente. É quase sufocante.

Eu quero que eles acreditem que eu sou forte o suficiente para ser uma boa mãe.

Alguns dias, acho que sou. Outros dias, tenho que me convencer tudo de novo. Mas eu vou chegar lá. E eu não vou desistir.

Eu prendo Maximoff em seu bebê conforto, em seguida, passo através da porta lateral, para o pátio dos fundos. O tempo persiste no estágio estranho entre o verão e outono, inseguro do que quer ser. Eu coloco o bebê conforto em uma cadeira de ferro e sento na outra adjacente, dobrando minhas pernas

debaixo da minha bunda.

— Você sabe que eu te amo, certo? — Eu pergunto a ele, ajustando seu

pequeno chapéu azul justo sobre seu cabelo castanho escuro que está crescendo. Ele agarra meu dedo com as duas mãos. E meu coração derretido começa a inchar. — Mais do que qualquer coisa no mundo inteiro... Bem lá em cima com Loren Hale. — O ar quente ondula, e ele solta um pequeno gritinho de bebê, chutando as pernas. Eu sorrio e fungo, esfregando meu nariz escorrendo.

A porta de vidro se abre, e eu levanto o pescoço para ver quem me seguiu para o lado de fora.

— Ei, — A voz de Lo quase causa outra onda de lágrimas.

— Ei, — eu sussurro, piscando repetidamente para conter o sistema hidráulico. — Eu estava apenas precisando de um pouco de ar.

— É, o Ryke me disse que você estava aqui fora. — Lo arrasta uma cadeira para perto da minha, as pernas de ferro raspando no cimento. Ele a coloca ao meu lado e toca a bochecha do Moffy com o suave toque de seu dedo. Nosso bebê está brilhando com o afeto.

— Ele ama você, — eu digo.

— Ele também ama você, Lil. — Seus olhos âmbar se estreitam para mim.

Confuso. Preocupado. Todas as opções acima. — Você vai me fazer perguntar?

Eu exalo uma respiração pesada. — Eu não quero estar pensando sobre...

você sabe o que quando eu deveria estar pensando nele. Não está certo. — Eu corro uma mão trêmula através dos meus cabelos finos, não gordurosos. Eu lavei meu cabelo essa manhã. Eu lembro de fazer isso mais agora.

Ele faz uma careta. — É isso?

Minha boca cai. — Isso é ruim o suficiente, Lo.

Sua testa se enruga e sua expressão carrega tantas palavras: *não, nem um pouco.* — As pessoas normais pensam em sexo e outras coisas além de seus

filhos. Está tudo bem.

— Então por que parece nojento? — Eu faço cócegas no peito de Maximoff, e ele sorri tanto que ele baba um pouco no queixo. Que bobo.

Deus, eu amo ele. Limpo sua baba com a ponta do seu cobertor.

Lo se vira para mim, tentando esconder seu sorriso. — Parece errado porque você se condicionou a pensar que até mesmo a ideia de sexo é ruim.

Não é. É apenas o seu jeito de se manter no chão. Pensei em transar com você muitas vezes desde que tivemos o Moffy. Tudo é normal.

Meus ombros se soltam. — Eu só não quero escolher sexo sobre ele.

— Você não vai, — Lo me assegura. — Se você está preocupada com isso, eu sei que você não vai. E pensar sobre isso não é o mesmo que fazer uma escolha entre ele e sexo. Ok?

— Sim, ok.

É a vez dele de soltar um suspiro pesado agora. — Temos terapia em alguns dias. Posso trazer isso à tona? Talvez possamos conversar sobre isso novamente.

Eu aceno. — Eu gostaria disso.

Ele se inclina para frente e me beija levemente nos lábios, aquecendo todo o frio em minhas veias. Quando ele se afasta, sua mão cai para o meu pescoço, seu polegar roçando minha pele. — Você estava pensando em sexo de aniversário, não é? — Seu sorriso fazendo covinhas aparecerem em suas bochechas.

— Atrasado, — eu o lembro.

— Sexo de aniversário atrasado. Me fale sobre isso.

Eu amo como ele faz eu me sentir normal. Como meu cérebro não é um terreno baldio vasto e imundo para ele. Em seus olhos, sou uma espécie de

perfeição.

{ 44 }

LOREN HALE

Lily está emaranhada e torcida em nossos lençóis vermelhos e edredom de champanhe, mais ainda quando ela rola de costas.

— Você está praticando para ser um taco? — Eu pergunto a ela, me ajoelhando na cama. Eu alimentei Moffy esta manhã e deixei Lil dormir mais um pouco. Ultimamente, ela está ficando sem sono, muito inquieta pela falta de sexo.

— Talvez… — ela murmura, espiando da ponta do edredom. — Eu pareço um bom taco?

— Eu te comeria, — eu digo com um aceno de cabeça.

Suas bochechas ficam vermelhas. Merda.

— Mais dois dias, Lil. — Eu bato no pé dela em encorajamento e então aperto seu tornozelo, a puxando para mais perto de mim. O edredom e os lençóis vêm com ela.

— Parece uma *eternidade*, — ela lamenta.

Eu examino seu corpo rapidamente, percebendo como os cobertores sobem e caem com sua respiração irregular. Eu tiro o edredom pesado, apenas deixando-a envolta no lençol vermelho. — Você se lembra quando éramos adolescentes? — Eu pergunto, abrindo as pernas dela com uma mão firme.

Sua boca cai lentamente quando ela estuda meus movimentos.

Eu afundo meu peso nela, e meus lábios roçam o lóbulo da sua orelha. —

Quando estávamos sozinhos na minha sala de estar, fingindo… — Eu beijo a base do seu pescoço, usando minha língua. Seu corpo treme debaixo de mim.

Nós sempre ‘praticamos’ juntos. Não indo todo o caminho, mas longe o suficiente. Nós colocávamos um show para os funcionários que passavam

pela casa, apenas no caso de eles reportarem ao meu pai. Eu sempre forcei seus limites. Eu sei disso.

—- Eu colocava você contra a parede, — eu respiro, meu olhar viajando ao longo de sua clavícula, aparecendo de uma camisa preta com decote em V.

Minha camisa que ela usou para dormir. — E eu passava meus dedos pelo seu cabelo curto. — Eu corro minha mão até a carne macia do pescoço dela.

Ela é pequena debaixo de mim, magra e delicada, mesmo que ela provavelmente pule em mim e se esfregue.

— Lo, — ela engasga, sua voz rouca. Eu me lembro completamente do passado agora. Dizer as palavras, trazê-lo à tona e reviver alguns momentos -

não dói mais.

Acho que ambos aceitamos pelo o que é. Nosso começo fodido. Mas é o nosso começo. E ninguém pode tirar isso de nós. — Você se lembra do que eu fazia em seguida, amor?

Ela está fixada nos meus lábios. — Você se pressionava contra mim. —

Seu pescoço fica vermelho. — Eu podia sentir sua ereção, você sabia disso?

— Seus olhos voam até os meus, ansiosos pela minha resposta.

— Eu sabia que você me fazia ficar duro, sim, — eu digo com um sorriso.

Ela bate no meu braço. — Não isso.

— Sim, Lil, eu era um idiota, — eu a lembro. — Eu queria que você sentisse meu pau. — Eu estudo seus traços: rosto redondo e grandes olhos verdes.

— Você esperava que eu montasse nele, né?

— Todos os dias. — Também não dói admitir essas coisas para ela agora.

Eu posso ver a leveza em sua expressão também. Nós temos um ao outro

agora. Isso nunca vai mudar.

— Adivinha só? — Ela diz.

— O que?

— Eu quero montar nele agora e por todos os dias. — Ela levanta a cabeça como se estivesse pronta para um beijo. — Promete que você vai deixar? —

Cristo - eu poderia foder ela agora. Impaciente, ela vai para baixo um pouco, se balançando debaixo de mim, de modo que ela esteja alinhada com meu pau. Abandonando o beijo.

Eu tenho que controlar todos os músculos do meu corpo para não entrar nela agora mesmo. Depois de um momento de concentração, solto um suspiro dramático e agarro sua cintura, a puxando mais para cima. — Infelizmente, eu não posso fazer essa promessa, Lily Calloway.

Ela estreita os olhos para mim, esperando pela minha piada. Eu tomo meu tempo e, em seguida, pressiono minha pélvis contra o calor dela. Sua respiração falha, e ela deixa cair a mão enquanto meu pau cava nela.

— Você vê, — eu digo, continuando de onde parei. — Haverá dias em que *eu* vou querer montar você.

— Oh… — Ela lambe os lábios e eu começo a me balançar contra ela.

Droga. Meu pau grita para estar dentro dela. Para tirar o lençol. Para remover minhas calças de moletom e sua calcinha. Eu ignoro meu pau e me concentro nas reações dela.

Seus dedos dos pés se enrolarem. Seus quadris balançam. Desejando por pressão.

Eu levanto uma das pernas dela mais alto, empurrando mais profundo.

Tecido nos separando. Ela prende a outra perna ao redor da minha cintura e se move comigo, se esfregando contra a minha ereção. *Jesus.* Minha boca se abre quando uma respiração pesada me deixa.

Os gemidos saem de seus lábios. Um que aumenta quanto mais eu me movo. Alto.. Desesperado. Como se eu fosse o gelo dela no deserto. É como quando éramos adolescentes. Só que não é.

Eu a tenho dessa vez.

Eu não sou só dela.

Ela é minha.

Eu a beijo profundamente, sugando seu lábio inferior até que ele inche.

— Lo, *por favor*, — ela implora, com as mãos trêmulas. Ela quer se tocar, para atingir seu clímax.

— Ok, ok, shhh, — eu digo, alisando o cabelo para fora da sua testa.

Eu abaixo uma mão, debaixo do lençol e sua calcinha, e começo a esfregá-

la enquanto empurro contra ela. Seus olhos se agitam com a nova sensação e ela respira fundo. Seus lábios se separam e espero mais gemidos. Mas ela consegue formar palavras reais.

— Vai ser como quando éramos mais jovens, — ela diz com um sorriso preguiçoso. *Eu* espero pela piada dessa vez, — ...com você gozando em suas calças.

Eu levanto minhas sobrancelhas, tentando não sorrir. — Quem disse que eu vou gozar nas minhas calças? — Eu pego seu queixo em uma mão e olho para sua linda boca que começa a formar um perfeito ‘O’.

Eu beijo sua bochecha, sua mandíbula, seus lábios, acelerando a velocidade dos meus dedos em sua carne macia. — Mas você primeiro, amor.

Seus olhos dizem, *sim.* Um milhão de vezes.

*

Eu desço a escada, de banho tomado e prestes a sair para almoçar com Ryke

e Connor. As meninas estão passando o sábado com Jane e Moffy, nos dando

tempo livre.

— Nós todos temos mais dois fodidos dias até que possamos transar, —

Ryke diz enquanto se inclina contra a parede do saguão, esperando que eu termine de amarrar meu Vans preto, — então por que você parece tão feliz?

— Minha namorada gosta de boquetes, — eu digo a ele com um encolher de ombros.

Ryke me dá um olhar. — Por que você não escreve um fodido livro? —

Ele diz. — Você poderia chamá-lo de: *Vantagens de Namorar Uma Viciada em Sexo*.

— Ou você poderia escrever um, — eu digo de volta, me levantando. —

Vantagens de Gostar de Uma Supermodelo de Dezesseis Anos e Ter Que Esperar Até Que Ela Complete Dezoito Anos, Só Para Ter a Foda Impedida Pelo Seu Meio-Irmão Bastardo. — Eu mostro um sorriso amargo.

— Precisa trabalhar nesse titulo, — diz Connor, colocando seu relógio Rolex. — E isso é se todos concordarmos que Ryke pode escrever um livro completo.

— Cara, eu me formei em jornalismo, porra.

— E olhe o quão longe isso te levou.

— Apenas vamos, — interrompo. — Estou morrendo de fome e nossos guarda-costas provavelmente estão nos xingando em seus Escalades. — Eles têm que nos seguir em qualquer lugar público, incluindo o restaurante mexicano do centro da cidade.

Ryke vira a maçaneta e eu saio para a varanda de tijolos com meu irmão.

No minuto em que meu pé bate no tapete de boas vindas, o líquido de repente

cai em lençóis violentos, ensopando Ryke e eu. Em câmera lenta. E

fecho os olhos enquanto o líquido quente tenta queimar eles. O cheiro é avassalador, agudo e familiar demais.

— *Que porra é essa!* — Ryke grita, horrorizado.

Não é água.

Estamos encharcados em algo pior. Depois que a cachoeira para, um balde cai um segundo depois. Eu marmorizo em realização. Processando completamente o que acabou de acontecer.

Nós acabamos de tomar banho de bebida alcoólica.

Ao inalar, posso dizer que é bourbon.

Eu lentamente abro meus olhos. Estou tremendo, muito chocado para fazer qualquer coisa. Estou sendo puxado para anos e anos de más ações e noites terríveis. Eu olho para Ryke, e seu cabelo está molhado, sua camisa cinza

colada ao peito. Ele está respirando de maneira desigual, cheio de fúria. —

Isso é tão fodido.

E então ele encontra meus olhos. Suas feições explodem com muitas emoções. Pânico por mim. Raiva dos adolescentes.

O cheiro está me matando. Por instinto, eu lambo meus lábios. É bourbon, com certeza.

— Lo, não experimente essa porra, — Ryke diz rapidamente, agarrando meu braço como se ele pudesse me parar. Ele não pode.

— Nós estamos encharcados de bebida, — afirmo como se ele não pudesse ver. — É tarde demais. — Isso não significa que eu quebrei a minha sobriedade. De novo não. Eu tenho que acreditar nisso. Não importa o quanto meu cérebro queira dizer que eu perdi uma batalha hoje. Eu não perdi. *Não perdi.*

Meu rosto se contorce com o meu estômago. Deus. Droga. Eu me agacho por um segundo, recuperando o fôlego.

— Ei, — Ryke diz com força, se inclinando para mim. Ele aperta meu ombro. — Você está bem.

— Não importa o quanto você diga, isso não faz com que essa porra seja verdade, — eu replico com uma voz agitada. Eu estou furioso. Com a situação. Não com ele. Eu faço uma careta. — Apenas… — Eu estou tentando não enlouquecer.

— Tire suas roupas, — diz Connor da porta, com uma voz inexpressiva.

Isso quase me faz rir, mas minhas feições só se transformam em mágoa. —

Quão pra frente você, amor.

— Ele está certo, — Ryke realmente concorda com Connor. Meu irmão me levanta, então estou mais ereto. E então ele começa a remover minha camisa ensopada, já que minhas juntas estão travadas. Quando descongelo um pouco, puxo minha camisa sobre a cabeça. Ryke tira a própria camisa e joga o tecido molhado no chão com a minha.

Eu instintivamente passo a mão pelo meu cabelo. Eu paro com o cheiro.

Com o quanto está se infiltrando na minha pele. *Cristo.*

Ryke está dizendo alguma coisa. Minha mente está em cem caminhos, acelerando. Eu olho para a rua, esperando encontrar uma audiência. Ninguém está lá. Nem aqueles adolescentes estúpidos e entediados que se tornaram maliciosos. Isso é baixo. As garotas tacaram papel higiênico em uma de suas casas. E em troca eles decidiram me empurrar mil passos para trás na minha recuperação.

Ryke está certo. Isso é fodido.

É muito, *muito* fodido.

— Lo! — Ryke grita, batendo levemente na lateral do meu rosto para que eu

me concentre.

Eu inalo uma respiração profunda e tensa que queima meus músculos. —

Não se preocupe comigo, — eu digo. — Eu não vou desmaiar e morrer.

— Você está tremendo, — Ryke diz.

— Estou *furioso*, — eu digo, colocando alguma distância entre nós. —

Assim como você está.

Ele concorda, mas a preocupação nunca o deixa.

Eu me viro para o Connor, que usa uma expressão semelhante a do meu irmão agora. — Eu não sou a Bruxa Má, ok? — Eu estalo para ele. — Eu não estou prestes a derreter no chão. — Meu corpo se aperta quanto mais tempo eu fico aqui. Raiva não descreve com precisão o sentimento que percorre minhas veias.

Eu não estava pronto para esse tipo de retaliação. Mas isso não significa que eu não posso lidar com isso. Eu daria qualquer coisa para não ser o fraco agora. Para eles olharem para mim como se eu pudesse aguentar isso. *Eu posso aguentar.* Eu sei que posso.

— Você deveria ir tomar banho, — Ryke aconselha.

— Em um segundo, — eu digo.

— Lo.

Ele não vai desistir. Tá. — Você precisa tomar um também, — eu digo com uma voz afiada. — Você está fedendo.

— Estou bem atrás de você.

Eu passo por Connor para dentro da casa, tirando meus sapatos. E então subo correndo as escadas, dois degraus de cada vez, enquanto Ryke desaparece no porão. Assim que eu deslizo para o meu quarto, Lily sai debaixo do edredom

onde estava cochilando.

— Lo?

— Estou bem, — eu digo rapidamente, apontando direto para o banheiro.

Eu desapareço por dentro e começo a tirar o resto das minhas roupas molhadas. Eu não estou surpreso quando Lily me segue, minha camiseta preta com gola a V cobrindo suas coxas. — Eu tenho que tomar um banho.

— Eu pareço mais distante do que o habitual.

Ela agarra o batente da porta enquanto me observa. — O que aconteceu?

— Seu nariz se enruga. — Isso é…?

— Bourbon, — eu digo em voz baixa.

Ela pega a palavra. — O quê? — Sua voz dispara.

Depois de sair da minha cueca boxer, eu entro no box de vidro. — Os adolescentes usaram o truque do balde de água. Eu só vou me lavar e depois ir para o almoço. — Eu não espero que ela responda. Eu ligo o chuveiro, a água quente caindo em cima de mim. Meus músculos ficam tensos e eu descanso a mão na parede de azulejos, tentando relaxar antes de pegar o sabonete.

As brincadeiras juvenis, eu entendo. A intenção maliciosa, eu entendo ainda mais. Esse sou eu. Todos esses adolescentes são *eu.* E eu deveria ligar para os policiais como meu pai faria, mas como eu posso? É um desperdício.

Vai piorar a situação com seus pais, enfurecê-los mais, vai arruinar suas vidas antes mesmo de começarem. Isso parece o meu teste final. Ser uma pessoa melhor do que eu era.

Eu continuo esperando pela minha auto-preservação aparecer. Para dizer: *foda-se todos.* Para tocar nas partes egoístas e escuras da minha alma.

Mas eu dou a mínima. Eu penso sobre aquele garoto jovem que eu segurei a

noite dos tiros de paintball. Eu penso no meu filho e na Lily. Em suas irmãs. E não consigo encontrar uma resposta que resolva tudo - o final feliz pelo qual estou lutando por ele.

Está lá. Eu sei que está lá. Apenas uma última estrada sombreada. Mais um ataque de dor. Eu posso aguentar.

— Lo? — Lily espreita por uma fresta na porta de vidro. — Posso entrar?

Eu lhe dou um duro aceno de cabeça, e ela desliza para o chuveiro, ainda meio vestida. A água escorre em sua pequena forma, colando a camiseta preta em seu corpo. Eu a vejo pegar uma esponja e o sabonete. Eu estou preso em um tornado de memórias. De Lily tentando me arrastar para o chuveiro enquanto eu estava de ressaca.

Meus lábios começam a subir. Naquela época, eu poderia tomar banho sozinho, mas gostava de como a Lily tentava me ajudar. Ela estando tão perto significava mais para mim do que ela jamais soube. Ela era minha melhor amiga - *é* minha melhor amiga.

Depois que ela ensaboa a esponja, ela gentilmente começa a esfregar meu abdômen. E então os olhos dela voam para os meus pela primeira vez. Ela faz uma pausa. — O que é tão engraçado? — Meu sorriso está completo. De bochecha a bochecha.

— Eu sempre amei você, você sabe, — eu respiro.

Eu não consigo parar de olhar para ela. Ela passou por todas as partes da minha vida comigo. E é impressionante e incompreensível. O universo em que quero estar é aquele em que a Lily passa pela porta do chuveiro. Toda vez.

Ela abre a boca para falar, mas as emoções a surram primeiro. Ela enxuga os olhos, o que é bobo e adorável, já que gotas de água do chuveiro escorrem pelo rosto dela. — Eu tenho uma coisa em meus olhos, — ela murmura.

— Claro, — eu sussurro. Então eu a puxo para mais perto, beijo seus lábios, e apenas a abraço por um segundo. É como abraçar as partes mais felizes de

você mesmo. Eu não consigo explicar como é - mas tenho certeza que é algo parecido com o paraíso.

LILY CALLOWAY

Depois do banho, Lo se troca em roupas limpas e aproveito a oportunidade para pegar seu jeans ensopado de bourbon e jogá-lo em um saco de lixo. Eu quero eliminar qualquer tentação, e me preocupo que o cheiro pungente de álcool desencadeie seus desejos.

Eu prendo a babá eletrônica no cós da minha legging e verifico se ele está funcionando corretamente (hábito constante) enquanto desço as escadas.

Daisy e Rose estão amontoadas ao redor do fogão na cozinha, *sussurrando.*

Eu piso no pé de metal da lata de lixo. — Sobre o que vocês estão fofocando? — Eu levo um minuto extra para enfiar minha sacola no lixo transbordante, amassando caixas de cereal vazio.

Rose se endireita, as mãos nos quadris. — Retaliação número dois.

Daisy torce a pulseira de cânhamo, uma garrafa Ziff debaixo do braço. —

Eles não podem se safar com o que eles fizeram.

Um sentimento inquieto se instala no meu estômago como um buraco oco.

— A retaliação número um acabou mal, — eu às lembro. — Eu não tenho certeza se devemos fazer isso de novo. — E eu amo uma boa missão furtiva.

— Eu concordo com a Lily. — A voz autoritária se origina no corredor, os mocassins de Connor batendo na madeira enquanto ele entra na cozinha.

Connor Cobalt acabou de concordar comigo.

Essa é uma ocasião monumental. Quase começo a bater palmas, mas os olhos amarelo-esverdeados da Rose penetraram no corpo de um metro e noventa e três do Connor.

— Você não tem um voto aqui, — Rose o rejeita facilmente. — Somente

meninas.

Ele se aproxima mais. — Você está pedindo por privilégios especiais por causa do seu gênero? — É uma pergunta que faz Rose se encolher. Seu marido a enfrenta, a poucos metros de distância.

— Então o que você quer que façamos? — Rose combate. — Nada?

Esperar que eles ataquem novamente? A próxima coisa que você sabe, eles vão jogar vibradores na cara da Lily!

— Isso já aconteceu antes, — murmuro.

— Não de seus próprios vizinhos. — Ela tem um bom ponto. Nenhum projétil de brinquedo sexual foi arremessado no meu caminho enquanto estava em casa. — Esse era para ser um lugar seguro para todos. É por isso que estamos morando juntos. Eu não estou me torturando com a bagunça constante do Ryke e a presença do Loren por nada.

Daisy gira a tampa da garrafa Ziff. Ela afirma que o sabor fica melhor quanto mais você sofre com o gosto de ferro, mas no fundo, eu sei que ela está bebendo para ser uma namorada apoiadora. O evento de escalada da Ziff é em breve, e Ryke se tornará oficialmente o rosto da bebida esportiva.

— Podemos chamar a polícia? Ou fazer um boletim de ocorrência? —

Pergunta Daisy.

— Não sem evidência, — explica Connor. — E assim que um de nós fizer o boletim, ele estará na primeira página de todos os tablóides. — Essa é uma grande razão pela qual hesitei em correr para a polícia. Eu fico entre proteger Moffy em casa - dos adolescentes - e depois protegê-lo da mídia raivosa, que explodirá com o nova notícia. Eles sempre enxameiam depois de uma boa história.

Os adolescentes da vizinhança parecem inofensivos em comparação com os danos psicológicos que a mídia pode causar. Eu não quero que meu filho tenha cinco anos de idade, com medo de sair e ser repreendido por câmeras...

como eu estava quando eu entrei pela primeira vez nos olhos do público.

A campainha toca e eu pulo. — Aimeudeus, — eu murmuro — E se forem eles? — Talvez eles tenham vindo se desculpar? É, ok, sem chance.

Os saltos de Rose batem no chão enquanto ela marcha até a porta.

— Rose, — eu chamo de olhos arregalados. — Pode ser um truque. —

Como outro balde ou pior.

Daisy pula do banquinho, mas ela hesita e fica pra trás. Minha irmã destemida está assustada agora. Eu aperto a mão dela e vejo Connor dar alguns passos longos, suas pernas muito mais longas que as de Rose, e antes que sua esposa possa protestar, ele está na entrada e abre a porta.

Muito suavemente, Daisy sussurra, — Eu não quero mais ter medo.

Calafrios picam meus braços. — Você não vai ter... um dia. — Eu aceno resolutamente com esse pensamento. — Só vai levar tempo. — De alguém que lutou com pedaços de sua mente, eu conheço essa luta. Podemos desejar que tudo seja melhor, mas é maior que nós. Parece fora do nosso controle, mas em algum lugar no fundo, está ao alcance.

Eu quero expressar isso para minha irmãzinha, mas a nova voz na entrada extingue meus pensamentos.

— Eu realmente deveria ter minha própria chave. Três das minhas quatro filhas moram aqui. — Minha mãe - ela aparece sem ser anunciada o tempo todo, mas nunca para me ver. Eu geralmente me escondo no meu quarto ou no quarto do Moffy. Talvez seja minha culpa também. Eu deveria ser mais sociável.

— Eu vou fazer uma para você, — diz Connor enquanto ele retorna para a cozinha. Rose parece pronta para arrancar os olhos dele. Mas, novamente, Connor poderia estar mentindo para a nossa mãe. Tentando conquistá-la.

Em dois segundos rápidos, Samantha Calloway aparece: seu colar de pérolas contra seu pescoço, seu cabelo castanho puxado em um coque estrito.

Ela coloca sua bolsa branca de grife no balcão.

— A que devemos essa honra? — Rose pergunta sem entusiasmo.

— Não seja tão hostil, Rose, — nossa mãe refuta. — Eu só queria passar e dizer olá. É sábado.

— Sim, é, — Rose resmunga.

Nossa mãe olha para Daisy, e seu comportamento se ilumina, como se ela tivesse encontrado um propósito para visitar. — Ah, querida, eu pensei que você estava pensando em voltar para o loiro-mel. — Ela se aproxima de Daisy e inspeciona os fios loiro platinado entre os dedos. — Vou marcar uma hora para você no salão...

— Não, está tudo bem, — Daisy a interrompe rapidamente. — Eu não tenho certeza de qual cor eu quero ainda. Mas da próxima vez que eu pintar, será a cor oficial. — Ela encolhe os ombros. — Sem mais mudanças por um tempo.

Nossa mãe franze os lábios, como se estivesse pensando em maneiras de convencer Daisy a voltar para a cor loiro-mel. Eu aperto a mão da minha irmãzinha, apoiando suas decisões. Qual quer que elas sejam, desde que ela tenha as tomado. Estou muito próxima da minha mãe agora.

Meu peito aperta enquanto me preparo para a inevitável indiferença .

Muito pouco contato visual. Ainda menos conversa. É como ela tem sido comigo nos últimos anos.

— Onde está a Jane? — Nossa mãe pergunta, evitando a minha presença nas proximidades. — Eu gostaria de ver minha neta antes de sair. — Seus braceletes de prata se batem enquanto ela passa os dedos pelas pérolas no pescoço.

A exclusão do meu filho faz barulho nos meus ouvidos como um berrante.

Isso está me incomodando há algum tempo. Eu posso lidar com o tratamento silencioso dirigido a mim. Mas imagino um futuro em que Maximoff seja

condenado pela própria avó. Eu preferiria que ele estivesse cercado de amor do que conhecer esse tipo de dor.

Minhas palavras transbordam, fortes demais para conter. — Eu tenho que falar com você. — Ela se assusta como se eu tivesse gritado em seu ouvido.

Minha voz é quase um sussurro. — Em particular.

Seus ombros se contraem, as clavículas sobressaindo, mas ela concorda com a cabeça de qualquer maneira. Não me calando. É um começo, eu acho.

Eu faço questão de fazer isso sozinha, levando minha mãe para o solário brilhante sem olhar para as minhas irmãs.

Eu fecho a porta de carvalho atrás dela, as partes ocas do meu estômago se contorcendo em nós reais. A última vez que compartilhei a companhia da minha mãe, sozinha, foi há anos atrás. Eu acreditava que não era vocal ou forte o suficiente para enfrentá-la, mas tenho um motivo para tentar agora.

Ela fica desconfortável e rígida ao lado do sofá com estampas florais.

— Você pode se sentar, se quiser, — eu instruo.

Ela escolhe ficar em pé. — Você está planejando uma data para o seu casamento? — É um assunto seguro. Um que eu treinei para não contemplar por muito tempo.

Eu lambo meus lábios rachados. — Não… — *Apenas diga a ela como você se sente.* Não é tão fácil quanto parece.

Ela cruza os braços, examinando todos os móveis do solário. — Eu acho que você deveria escolher uma data no verão. Maio ou junho. Isso me dará bastante tempo para planejar. — Eu a sigo até a janela; lá fora as folhas são verde-escuras do meio de agosto.

Eu engulo um caroço. — Eu preciso saber de algo…

Ela se vira, e seus olhos frios se fixam nos meus. Não é como Rose. Ela carrega um ar que diz: *você não é o que eu queria que você fosse.* — Sim?

Fale.

Eu reúno os pedaços de coragem dentro de mim para perguntar: — Por que você está mais interessada na Jane do que no Maximoff? É porque ele é meu filho? — A pergunta é tão dolorosa quanto parece.

Seu rosto estoico mal fissura. — Eu nunca tive um menino, Lily. Estou mais confortável com a Jane. — Ela faz uma pausa como se houvesse mais, e ela toca seu brinco de pérola em pensamento. Meu coração bate rapidamente,

esperando pelo corte da guilhotina. — Você... e eu, nós tivemos nossas diferenças. Eu não quero causar mais drama desnecessário.

Isso é parcialmente culpa minha. Eu tenho evitado ela também, e agora é como se estivéssemos em dois planos separados de existência. Eu sinto falta dos dias em que ela iria me defender se a Rose estivesse sendo muito dura.

Onde ela iria interromper durante almoços de família e me perguntar sobre a faculdade. Eu estraguei tudo. Demais.

— Eu sinto muito, — eu sussurro. — Eu me culpo todos os dias pelo que aconteceu. E eu não sei o que é preciso para você me perdoar. — Meus olhos começam a queimar com lágrimas quentes.

— Só o tempo, — ela diz suavemente.

Eu sacudo minha cabeça. — Já se passaram anos. — Eu olho para ela com olhos cheios de lágrimas, e suas defesas impenetráveis começam a se romper.

Ela não pode mais me olhar. O olhar dela está no piso de madeira brilhante.

— Eu já te perdoei, — ela diz baixinho, — mas eu não posso esquecer o que suas escolhas fizeram com essa família. Você quase destruiu toda a empresa do seu pai. E levou muito tempo para restabelecer a reputação que já tivemos. Só está uma bagunça, Lily. — Ela não olha para mim. *Olhe para cima.*

Lágrimas escorrem pelo meu rosto. — Mãe. — Ela levanta os olhos por um segundo. E eu digo, — Eu estou doente.

Suas sobrancelhas feitas se franzem e seus lábios se separam com as minhas palavras. Espero que sua natureza defensiva surja, mas ela está mais afetada por mim do que eu pensava que ficaria. Ficando em silêncio.

— Quando... eu era pequena, — eu começo, — eu fazia sexo porque me fazia sentir que eu valia alguma coisa. Porque toda vez que eu estava em casa, me sentia inútil. — Meu queixo treme. — Eu não estou tentando culpá-

la. Eu assumo a responsabilidade por tudo que fiz, mas havia um pedaço de mim que ansiava por algo... mais. E eu estava desesperadamente tentando encontrar isso. — Eu mexo nos meus dedos. — Sexo… me fazia se sentir melhor. Não completa. Mas melhor.

Eu ensaiei esse discurso mil vezes na minha cabeça. Eu imaginei a reação dela de um milhão de maneiras diferentes. Algumas indiferentes. Outras aquecidas e pedindo desculpas. Parada aqui agora, eu me pergunto qual delas eu encontrarei, qual realidade é minha.

Seus olhos se avermelharam. — Eu não entendo… — Sua voz falha. —

Me desculpa. — Eu não posso dizer se ela está se desculpando por sua

confusão ou mais do que isso.

— Você costumava bajular Poppy, Rose e Daisy...

— Eu pensei que você gostava mais de ficar com seu pai, — diz ela, deslizando um dedo debaixo do olho habilmente para não borrar seu rímel. —

Ele adorava levá-la aos escritórios da Fizzle, e Loren era seu melhor amigo…

Nós lhe demos muito. Isso não faz sentido para mim. Me desculpe, Lily.

A água escorre pelas minhas bochechas. Talvez nossas percepções de nossas vidas sejam muito desarticuladas para se encaixarem. Talvez nós pensemos de maneiras tão diferentes e não conseguiremos nos encontrar em um ponto comum. — Você me ama? — Eu pergunto.

De repente ela se aproxima. E me abraça. Como um abraço maternal que eu a

vi compartilhar com Daisy o tempo todo. Aquele em que ela envolve seus braços em volta de mim, colocando uma mão nas minhas costas. Seus lábios estão perto do meu ouvido quando ela diz, — Eu sempre amei você, Lily. Você é minha filha. — Ela se afasta um pouco e limpa minhas lágrimas, tomando cuidado para não me cutucar com suas unhas bem cuidadas. —

Desculpe se eu não mostrei da maneira que você queria…

É um pedido de desculpas indireto, mas eu o aprecio muito. Em parte porque sei que pode ser o único que vou receber. — Você pode parar de me punir pelos meus erros? — Eu pergunto a ela, a avalanche de lágrimas silenciosas recomeçando novamente. — Por favor?

Ela está chorando. Sua mão cai e ela não está tentando reprimir seu sistema hidráulico mais. Ela acena tensamente. — Você sempre foi tão tímida quando era pequena… achei melhor deixá-la em paz.

— Eu só queria saber que você se importava.

— Eu me importo com você, — diz ela fortemente, tocando seu peito. —

Sinto muito… pelas coisas que eu possa ter dito no passado. Eu estava ferida

... — Ela tem esse olhar em seus olhos que diz: *Eu quero que as coisas sejam diferentes.* Eu também. Por muito tempo eu quis isso. Mas nós duas nunca nos confrontamos até agora.

Anos.

Demorou anos para este momento ocorrer.

Ela acaricia meu cabelo curto e pergunta: — O que podemos fazer para melhorar isso? — Seu braço ainda está ao meu redor. Ela funga alto, algo deselegante. Mas eu nunca vi minha mãe chorar tanto assim. Eu acho que todo esse tempo, nós estamos vendo a mesma história através de lentes opostas. Minha imagem não era a dela. E até mesmo agora, não estamos

vendo exatamente o mesmo retrato, mas pelo menos está no quadro certo.

Isso tem que ser o suficiente. — Eu preciso saber que você vai tratar o meu filho do mesmo jeito que você trata a filha da Rose. Nenhum favoritismo. —

Isso é o que eu quero mais do que tudo. — Isso é possível?

Aguardo sua resposta com mais esperança em meu coração do que jamais tive antes.

{ 46 }

LOREN HALE

Eu pressiono o meu ouvido contra a porta de carvalho, empurrando Rose no ombro enquanto ela tenta se mover na minha frente. Eu desci as escadas quando Connor me disse que Lily estava tendo “a” conversa com sua mãe.

Suas vozes se aquietaram, quase inaudíveis pela madeira. — Porra, —

Ryke amaldiçoa quando Rose bate o cotovelo nas costelas dele.

— Shhh, eu não consigo ouvir o resto, — Rose sussurra.

— Crianças, — Connor diz do corredor. Ele se inclina contra a parede pintada de cinza-carvão, observando nós três lutarmos por lugares na primeira fila contra a porta. — Paciência é considerada uma virtude para alguns.

Daisy está sentada no chão ao lado dele, comendo um picolé de cereja enquanto nos observa. — Apenas deixe a Rose na porta, e ela pode traduzir para todos nós.

— Nós já tentamos isso, — lembro Daisy. — Ela foi terrível nisso. —

Rose entregou apenas pequenas notas metade do tempo. E a outra metade, ela nem se preocupou em passar a informação.

Assim que Rose abre a boca para retroceder, a porta se abre. Samantha Calloway está parada e revira os olhos ao nos ver. Me lembra tanto a Rose que tenho que morder minha língua para engolir uma réplica. Comparar Rose com sua mãe, em voz alta, é um golpe baixo que eu gostaria de evitar.

De qualquer forma, eu não acredito que Rose seja *exatamente* como a Samantha. Ela é mais auto-consciente. Eu escutei o que Samantha tinha a dizer para Lily, e honestamente, foi tudo ao contrário. Samantha deveria ter se desculpado com Lil primeiro. Ela deveria ter admitido tratá-la de forma diferente de suas outras filhas. Mas ela simplesmente não entende. Eu acho que ela nunca vai entender.

Há uma coisa que eu nunca quero fazer - e isso é ficar tão cego para a vida do meu filho porque não consigo ver minhas próprias falhas.

O quarto se silencia quanto mais Samantha permanece na porta. Apesar de parecer rígida, suas bochechas estão marcados por lágrimas e seus olhos

estão vermelhos.

— Onde estão os bebês? — Samantha pergunta, contornando o corpo de Rose. — Eu quero vê-los antes de ir.

Rose se afasta da porta. — Eles estão no berçário. Você pode me seguir até lá. — Rose olha cautelosamente para Lily quando sai, mas Lil ainda está escondida no solário.

Meu pulso salta e eu empurro a porta para se abrir mais. Lily está sentada em um puff de vime, com os olhos inchados e a cabeça pendurada em exaustão.

Eu deslizo entre a porta e o peito de Ryke, tentando entrar na sala. Lil esfrega os olhos no momento em que me ajoelho na frente dela, coletando as mãos nas minhas. Eu beijo sua bochecha e sussurro, — Você se saiu muito bem, Lil. Estou orgulhoso de você. — Ela precisava confrontar sua mãe. O

silêncio estava a corroendo por anos.

— Ela disse que vai tratá-lo como trata a Jane. — Lily funga antes de chorar pesadamente outra vez. Eu me levanto e envolvo meus braços ao redor de seu corpo magro, a levantando em seus pés. Ela descansa no meu peito e olha para mim. — Eu nunca pensei que ela tentaria, mas ela disse que quer que tenhamos um relacionamento melhor.

Eu aceno algumas vezes. — Isso é bom, Lil. — Eu sempre vou ser cauteloso com Samantha. Eu não posso evitar. Minhas barreiras vão subir se a Lil abaixar as dela. E ela deveria tentar abaixar as dela um pouco. Essa é a mãe dela no final do dia.

— Eu sei que ela não me entende completamente ou o que aconteceu, —

Lily sussurra, apertando as mãos ao meu redor. — Mas ela pode ter sua

verdade e eu posso ter a minha. É melhor que um impasse duradouro. — Ela deve estar pensando no futuro do Moffy.

Ela está disposta a enterrar essa briga pelo nosso filho. Fechando velhas feridas.

Nossas escolhas vão afetá-lo e, pelo resto de nossas vidas, tomaremos decisões para o bem dele, não o nosso. Eu pensei que ia ser difícil - ser altruísta. Mas quando você ama alguém com as partes mais profundas da sua alma, ela se torna sua maior exceção.

Eu sei que ele é a nossa.

{ 47 }

LILY CALLOWAY

Meu noivo é a pessoa mais sexy da Terra. Fato. É um fato tendencioso, mas muitas pessoas concordariam comigo se tivessem minha visão.

Eu seguro o lençol vermelho no meu peito, minhas costas contra a cabeceira da cama, e fico boquiaberta quando Lo anda pelado até o banheiro.

Sua bunda. Suas costas musculosas. Seu corpo magro e tonificado. Eu estou no meu tipo de paraíso.

Tenho certeza que ele está sorrindo, ciente de que estou arquivando essa imagem mental em meu banco de imagens para masturbar por toda a eternidade. Ele permanecerá em uma seção chamada *coisas safadas.* Na verdade, essa parte do meu cérebro está cheia de Loren Hale.

Ele desaparece atrás da parede. Todas as imagens aparecem em um instante. — Devemos ir de novo, — eu digo, correndo para a beira da cama e trazendo o pesado edredom cor de champanhe comigo. — Precisamos compensar o tempo perdido.

Hoje é *o* dia.

Já fizemos sexo uma vez. Do tipo que bate nas paredes e faz a cama tremer agressivamente. Estou pronta para a segunda rodada. Possivelmente até uma terceira ou quarta. Se eu puder me controlar. A fera insaciável precisa ficar trancada e eu preciso parar quando tiver que parar.

Ele retorna do banheiro com um copo de água, tomando pequenos goles.

— Eu te sobrecarreguei? — Eu pergunto, franzindo a testa.

Ele me dá uma olhado como se dissesse *sério? Porque eu estou bebendo água?* Sua sobrancelha sobe um pouco. — Você acha que isso é demais para mim?

— Você fica todo suado e sem fôlego, então... sim, — murmuro. — Pode ser

demais para mim também. — Minhas palavras saem rápido. — Muitas posições flexíveis e... coisas. — *Cala a boca, Lily.*

Eu me viro no lençol e no edredom, me enroscando e sendo sufocada pelo tecido. Depois de uma decisão rápida, eu rolo de barriga para baixo, distorcendo um pouco. Agora estou na posição perfeita para a minha posição

favorita. Eu me apoio nos cotovelos e olho de volta para o Lo.

Ele está me observando atentamente enquanto ele bebe sua água casualmente.Tortura. Pura tortura.

— Você só vai ficar aí? — Eu pergunto.

— Talvez.

Eu estreito meus olhos. — Você está me provocando ou você precisa de alguma ajuda...? — Eu coro. — Você sabe… — Eu aceno para o seu pênis, o que não parece precisar de ajuda alguma. *Bom trabalho, Lil.* Eu internamente me dou um tapinha de pena no ombro.

— Sou eu, amor, — diz ele, andando até a cômoda. Ele termina sua água e coloca o copo para baixo. — Você não precisa ter vergonha de dizer o que quer dizer.

Ele se aproxima da cama e sobe em cima, o colchão balançando com seu peso. Suas mãos viajam pelos meus quadris, e ele facilmente me vira de costas novamente. Seus olhos dançam através do meu rosto corado.

— Então, diga o que você quer dizer, — diz Lo com uma voz suave, seu hálito quente fazendo cócegas em minha carne enquanto sua boca desce em direção ao meu peito. Ele chupa gentilmente meu mamilo, provocando.

— Hmm… — Meus olhos se fecham com a nova sensação. Eu agarro o lençol embaixo de mim. — Você quer… que eu bata uma punheta pra você ou um… um… — *pense, Lily!* — ...um boquete? — Eu abro um olho e depois os dois, sorrindo. Mandei bem.

Sua língua passa pelo botão sensível antes que ele diga, — Não. Mas é

adorável de você perguntar.

— Agora é a sua vez. — Eu cutuco a perna dele com o meu pé.

Seus lábios se levantam em diversão. — Lily Calloway, você gostaria que eu te masturbasse? — *Sim.* Sua palma roça o ponto sensível entre as minhas coxas. Um suspiro pega na minha garganta. — Ou te chupasse? — *Sim duplo.* Ele beija uma trilha do meu peito até o meu umbigo e para baixo, para baixo, *para baixo.*

Eu quase solto um gemido quando sua boca alcança o *melhor lugar de todos.* Mas ele para antes de aliviar qualquer dor. Ele levanta a cabeça mais uma vez, esperando minha resposta. Eu adoraria dizer sim a ambos, mas eu adoraria ainda mais que nós dois gozássemos.

— Ou, — eu digo com uma respiração superficial. — Opção C. — Eu vou me virar de novo, mas ele agarra meu quadril com firmeza, me mantendo deitada de costas. Isso não funcionou.

— Opção P, — ele combate. Isso soa bem. Tudo que ouço é *Opção Pau.*

Minha mente, eu vou te dizer. Ninguém deveria ser autorizado a entrar nela.

Eu absorvo cada pequeno movimento que ele faz. Ainda ajoelhado, ele pega um travesseiro e o coloca embaixo do meu traseiro.

Ele começa a tirar os lençóis e edredons, expondo meu corpo nu. Meu coração bate forte com cada segundo que se passa. Eu lembro dos dias em que eu pularia nele logo de cara. Onde eu não conseguia me controlar. Mas sinto prazer nesse momento, em sua autoconfiança e capacidade de me agradar de uma maneira tão completa.

Eu posso deitar aqui e observar e esperar. Isso me constrói para um lugar melhor.

Sua mão roça o comprimento da minha perna antes que ele levante as duas mais alto. Então ele dobra meus joelhos, enfiando minha perna debaixo de seu braço, agarrando a outra. Meu coração pula uma batida quando sua pélvis

se encaixa perfeitamente contra a minha entrada.

Papai e mamãe. Sexo anal. Juntos, isso se tornou muito mais íntimo.

Lentamente, ele me preenche, cada centímetro de sua dureza acende fogos de artifício dentro do meu corpo. As sensações mais elétricas e sufocantes que quero aquecer durante a noite e o dia. Quando eu peguei tudo dele, ele se inclina para frente e me beija profundamente.

Eu me esforço para retribuir, inebriante e atordoada. — Lo, — eu choramingo contra seus lábios.

— Relaxa, amor, — ele persuade. E então ele empurra. Profundo e rítmico.

Eu aperto seu bíceps duro e me concentro em manter minhas pernas levantadas para que ele possa ir mais longe. Eu inalo esporadicamente, respirações curtas que soam como suspiros. Um minuto depois, e parei de expirar, minha cabeça vertiginosa com essa felicidade.

Lo faz uma pausa no meio de um impulso. — Respire.

Eu me empurro contra ele, tentando completar a viagem do seu pau. Lo solta uma das minhas pernas e agarra meu quadril, seus dedos cavando em minha carne. — *Respire*.

Ok. Ok. Eu respiro fundo, minha cabeça menos leve que antes e meu peito não tão constrito. Satisfeito, ele continua seu curso. Seu olhar carrega essa intensidade hipnótica que me puxam para ele, redemoinhos de âmbar cheios de luxúria, paixão e desejo.

Desejos que espelham os meus.

Meus nervos cantam em euforia, e então sua mão encontra minha umidade,

seus dedos me enchendo ainda mais. Eu gemo nessa cama, incapaz de manter contato visual. O mundo está girando. Seus movimentos em sincronia. Seus dedos. Seu pau. Eles batem, batem, batem. Sua respiração tão irregular quanto a minha. Sua boca se abre de prazer.

Ele é gelo. Tão frio que queima.

Meus gemidos aumentam, incontroláveis.

E então o pior som do mundo inteiro invade nosso quarto.

Choro.

Choro de *bebês.*

Meu coração catapulta. — Paraparapara, — eu murmuro rapidamente.

Meus olhos voam para a babá eletrônica, a luz piscando quando os ruídos emitem dos alto-falantes. Eu freneticamente o empurro, embora ele já esteja se afastando.

Em pânico, pulo da cama e visto uma das camisas folgadas de Lo. O tecido preto cai logo acima dos meus joelhos.

— Lil, se acalme. Ele está bem. Ele pode chorar um pouco e ficar bem, —

Lo me consola.

Não. Eu fiz uma promessa de nunca escolher sexo ao invés dele. Esse é meu primeiro teste. E eu vou passar. — Eu vou checar ele, — eu digo, amarrando meu cabelo úmido em um coque bagunçado. — Você pode terminar você mesmo no banheiro.

Surpresa encobre seu rosto. — Você acabou de dizer para eu me masturbar?
— Sim, isso *nunca* acontece.

Eu não tenho tempo para responder. Eu já estou a caminho da porta. Ele corre atrás de mim antes de eu abri-la, e sua mão pega a madeira, me bloqueando.

— Lo, — eu lamento. Eu me encolho com a minha voz.

— Respire algumas vezes, — ele me diz. — Eu não quero que você entre em pânico toda vez que isso acontecer. Apenas relaxe, ok?

No fundo, ele deve sentir que isso é mais do que apenas um bebê chorando.
— Estou relaxada, — eu digo com uma voz tensa.

— Você não tem nada para provar, Lil.

Um caroço sobe na minha garganta. — Você não precisa se masturbar, —

eu digo a ele. — Se você puder esperar por mim, podemos terminar juntos mais tarde.

— É? — ele pergunta.

Eu aceno com a cabeça.

— Se eu abrir essa porta, você promete andar até o quarto dele e não correr?

— Prometo. — Eu levanto meu dedo mindinho, e em vez de ligar o dele com o meu, ele me beija nos lábios. Meu coração bate mais forte, e então ele recua, retirando a mão do batente da porta.

Eu cautelosamente ando pelo corredor, o tempo todo sentindo seu olhar quente nas minhas costas. Quando entro no quarto, acelero meu ritmo e vou para o berço do Moffy.

— Ei, shhh, está tudo bem, — eu sussurro, o levantando em meus braços.

Eu verifico a fralda dele. Limpo. E então eu começo a boa e velha técnica de tapinhas-e-balançar, tentando acalmar um bebê de seis semanas de idade. Ele não deveria querer comer por mais uma hora.

Do quarto em frente ao do Moffy, Jane chora incessantemente. Eu olho para o corredor e estico meu pescoço. A porta do quarto do Connor e da Rose ainda está fechada. Todos nós concordamos em não empregar o método parental de ‘chorar até parar’, já que há dois recém-nascidos na casa. É muito alto.

Se Jane continuar chorando, Maximoff não vai parar.

Um segundo depois, Lo sai do nosso quarto com um par de calças pretas de

moletom. Eu olho para a sua virilha. O que aconteceu?

— Eu não podia esperar. — Ele me beija na bochecha. — Desculpe, amor.

— E então ele esfrega a cabecinha do Moffy e seu cabelo castanho escuro. —

Você odeia quando sua prima chora, não é, amigão?

E como mágica, a porta do quarto da minha irmã se abre. Connor aparece -

puta merda. Eu não tenho nada para proteger meus olhos. Minhas mãos estão ocupadas com um bebê. — Lo, — peço ajuda.

Ele lê facilmente meus pensamentos, com base no meu rubor vermelho e alarme. Sua palma cobre meus olhos, mesmo que seja um pouco tarde demais. Eu vi o peito nu do Connor, brilhando de suor. E *mais* que isso. *Suas* calças de moletom são muito mais reveladoras do que as do Lo. Talvez porque ele esteja no momento em que há muito mais a ser revelado.

Ai meu Deus. *Esqueça, Lily, esqueça.*

Estou tentando.

— Animado em me ver? — Lo o provoca.

— Sempre, querido, — ele responde levemente. — Desculpe por ter demorado tanto, Lily. — Lo solta a minha mão na mesma hora em que Connor desaparece no quarto da Jane. Uma visão segura.

Eu balanço Moffy em meus braços, mas sua choradeira não cessa. É

provavelmente por causa da Jane, mas meus nervos só aumentam. Me sentindo impotente, balanço ele um pouco mais. Esperando que ele se acalme em breve.

— Aqui. — Lo pega o nosso filho de mim, e o choro cresce, mais alto e estridente. É como facas no meu coração. — Tudo bem, carinha. Você está seguro com a gente.

Os gritos da Jane suavizam. Talvez ele teve que trocar a fralda ou ela quisesse ser segurada. Connor deixa o quarto um minuto depois, embora Jane não tenha parado completamente. Lo e eu estamos na porta, esperando que ela se acalme para que Maximoff possa ir para a cama.

— Ela ainda está chorando, — afirmo o óbvio.

Connor hesita no corredor, seus olhos se voltam para seu quarto em preocupação. — Eu tenho que verificar a Rose por um segundo, — ele nos diz rapidamente. — Eu volto já. Eu prometo.

— Espera, o que? — Lo diz, irritado. — Olha, o Moffy não vai parar a menos que Jane pare. Você pode, por favor, lidar com seu bebê primeiro? —

Estou prestes a oferecer alguma ajuda. Lo pode balançar Moffy e eu vou cuidar da Jane, mas Connor fala rápido e anda ainda mais rápido.

— Em cinco segundos, eu não vou estar vivo tempo suficiente para lidar com a minha bebê. — Quando ele abre a porta, ouço Rose xingá-lo.

Meus olhos se arregalam. — Você acha que ela está… — Amarrada? Eu não posso nem pronunciar as palavras. Não é uma imagem que quero na minha cabeça.

Lo se encolhe. — Não vamos lá. — Tudo bem por mim.

Eu beijo a cabeça do Moffy e esfrego suas costas pequenas, enquanto Lo o balança levemente. Esperamos por alguns minutos antes que Rose e Connor saiam do quarto juntos. Rose, em um roupão de seda preta, as bochechas vermelhas e coradas. Ela parece mais irritada do que excitada.

Quando ela nos vê, ela aponta para o Connor. — Culpe ele.

— O que ele fez com você? — Lo pergunta em tom de brincadeira. —

Roubou sua vassoura?

Ela estreita os olhos para ele. — Eu não estou dizendo a você. — E então ela pisa no berçário com o marido. Em um instante, os gritos de Jane começam a

morrer.

— Graças a Deus, — Lo resmunga. Os olhos do Maximoff começam a se fechar, os lábios entreabertos enquanto ele respira.

Eu sorrio para ele, correndo meu dedo sobre sua bochecha lisa. — Você acha que eles serão amigos?

— Quem? — Suas sobrancelhas se arqueam. — Janie e Moffy?

Eu aceno, tentando não sorrir muito com o apelido da Jane, também criado pelo Ryke. Connor e Rose fizeram questão de não usá-lo, mas isso vai pegar para algumas pessoas. E imagino Maximoff crescendo com sua melhor amiga, Janie.

Mesmo que ele nunca tenha irmãos, ele vai ter ela. E aposto que ele cuidará dela também. Se ele for parecido com seu pai, ele vai querer manter Jane a salvo.

— Por mais que a ideia de uma prole da Rose me aterrorize, — Lo diz em voz baixa, colocando Moffy de volta em seu berço, — eu meio que amaria ver os dois sendo amigos.

— Eu também, — eu sussurro. Depois de sair do berçário, nós dois vamos na ponta dos pés de volta para o nosso quarto, e quando Lo fecha a porta, sua atenção se volta para mim.

Suas mãos vão até a minha cintura. — Terminar o que começamos?

Demora um momento para eu perceber que ele está falando sobre sexo.

Uma luz se acende no meu cérebro, brilhante e bonita. Eu não sou tão má quanto eu pensava que seria.

Lo já disse isso.

— Eu te amo, — digo a ele. Ele é meu companheiro de equipe. Meu ajudante. A pessoa que quero do meu lado em cada momento difícil da minha vida. O meu próprio Scott Summers.

LILY CALLOWAY

Eu tweeto: *Me preparando para o evento de caridade Hale Co. com minhas irmãs #InvadindoOClosetDeRoseCobalt* Coloco uma foto da Daisy e eu pulando na cama da Rose. Eu estou um pouco embaçada e agitada na foto, mas Daisy parece bem, com os punhos erguidos e o cabelo loiro platinado se levantado no meio do salto.

— Experimente esses, Lily, — diz Rose, espalhando um vestido cinza da Calloway Couture ao lado de um lilás na beira da cama. Assim que eu saio do edredom azul claro, meu telefone toca em rápida sucessão, um monte de notificações do Twitter.

— Você tweetou? — Rose pergunta categoricamente. Ela aperta a alça de seu robe de seda. Como a Daisy, eu só estou de sutiã e calcinha enquanto decidimos o que vestir. Mas me certifiquei de que estávamos totalmente vestidas quando tiramos a foto anterior.

— Talvez… — eu hesito. — Os publicitários nunca disseram *não*. — A resposta, a princípio, não era o que eu queria, vou admitir. *Celebrity Crush* omeu uma história sobre como eu estava 'tentando demais' promover Raisy.

Mas os fãs parecem gostar de toda a interação. Como fotos do Lo e das minhas irmãs. E atualizações de status. Desde que *Princesas da Filadélfia* terminou, as pessoas estão naturalmente curiosas sobre nossas vidas.

Eu prefiro dar a eles a história real do que a mídia criar algo falso. E com as redes sociais, temos a chance de fazer isso. Eu até mesmo expressei isso para minha mãe ontem (pessoalmente) durante o café no Luckys e ela concordou comigo. Tipo, realmente, *realmente* concordou.

— Mamãe disse que era uma boa ideia, — lembro a Rose.

Ela revira os olhos. — Claro que ela disse. Ela quer que nossa família seja relevante pelo maior tempo possível.

— Mas isso é algo em nosso controle, — eu expresso. — E nós somos parte

de um *fandom*. — Não há nada mais emocionante do que isso.

Rose fica quieta sobre o assunto, endireitando o tecido do vestido cinza, mas posso dizer que ela está remoendo a ideia das redes sociais.

Eu verifico as respostas o Twitter e sorrio.

@ToriKPierce3: *@lilycallowayX23 Sortuda! Eu quero invadir o closet da Rose também!*

@Pippa_Woo: *@lilycallowayX23 EU TE AMO! OMG!*

— Falando em fãs, — Daisy diz com um sorriso travesso. Ela tira um pacote de papel pardo da bolsa.

Eu franzo a testa enquanto as costas de Rose se arqueiam em proteção fraternal.

— A segurança olha tudo o que os fãs mandam agora, — responde Rose.

Ela parou de abrir o que mandam na mesma época em que as pessoas começaram a enviar chicotes pretos, mordaças e vídeos pornô amadores.

— Não é dos fãs. — Daisy pula na cama teatralmente e bombeia o pacote no ar. — Eu estava navegando em sites de fãs, e eu acabei em uma loja de mercadorias. — Ela mexe as sobrancelhas, seu sorriso tão contagiante que meus lábios se curvam para cima.

Eu pego o vestido lilás antes dele enrugar e a observo abrir o pacote.

Rose coloca as mãos nos quadris, curiosidade brilhando em seus olhos verdes-amarelados.

Daisy revela uma calcinha boxer. Ela me mostra a parte da bunda. Letras brancas dizem: *EU AMO LOREN HALE!* Até têm um coração fofo cor de rosa ao lado do nome dele.

Eu uso um sorriso bobo. — Para mim?

— Para quem mais elas seriam? — Rose estala.

Eu tento atirar um olhar fulminante pra ela, mas o dela mata o meu em um instante. Ah, tudo bem. Estou muito feliz de qualquer maneira.

Daisy me joga a calcinha. — Lo vai gostar dela?

Eu aceno repetidamente, já imaginando sua surpresa quando ele ver seu nome na minha bunda. — Eu vou usar ela para a festa.

Rose revira os olhos novamente. — Você não vai fazer sexo no evento de caridade.

— Mas eu só gosto da ideia de tê-lo perto da minha bunda. — Eu percebo que isso saiu meio errado. — Não assim, — acrescento rapidamente e depois franzo a testa. — Ok, mais ou menos assim... estou confusa.

Rose suspira e faz um sinal para Daisy continuar abrindo o pacote. Rose gosta de presentes, então talvez ela esteja esperando uma blusa feita por fãs para ela.

Não muito tímida em me trocar na frente das minhas irmãs, eu troco as calcinhas, e a nova se encaixa perfeitamente. Daisy pula na cama um pouco

enquanto mostra a próxima peça de roupa. — Eu comprei para mim também.

— Ela mostra uma calcinha com *EU AMO RYKE MEADOWS!* só que com um sol em vez de um coração.

— Tão fofo, — eu digo com um sorriso maior. — Você deveria usá-las essa noite também.

Ela acena com a cabeça. — Definitivamente.

— Por favor, me diga que não há uma com Connor Cobalt, — Rose diz com os olhos estreitos. Ela está fazendo furos com o olhar em nossa irmã mais nova.

— São *fofos*, — lembro a Rose.

Ela levanta a mão para a frente do meu rosto e, em seguida, Daisy atira uma calcinha preta de algodão para Rose. Eu me inclino ao lado dela enquanto ela a inspeciona.

Rose solta uma risada sem graça. — Não.

Ela diz: *EU AMO CONNOR COBALT!*

Um beijo de batom incluso.

— Ele vai amar, — digo a Rose. Eu posso ver o seu sorriso de milhões de dólares com o simples *pensamento* de ter isso escrito na bunda da Rose.

— Exatamente, — diz ela. — Eu não preciso inflar o ego dele.

Daisy ri. — Não diz *Connor Cobalt é o cara mais inteligente de todos os tempos.* Apenas diz que você o ama.

Eu interponho: — Exatamente. Ha!

— Ha nada, — responde Rose, embora a calcinha ainda esteja em suas mãos. E ela ainda a examina mais de perto.

Daisy sai da cama, aterrissando de pé. Enquanto ela troca de calcinha, ela diz a Rose, — Você não está perdendo um jogo ou algo assim. Você está ganhando.

Eu aceno repetidamente. — Daisy está certa. Você está em uma posição de poder. Você pode provocá-lo. — Eu toco meu peito. — Confie em mim, eu sei. Eu sou uma expert em sexo. — Eu nunca pensei que seria capaz de dizer isso sem corar ou sentir vergonha. Eu mordo o interior das minhas bochechas para não sorrir. Estou orgulhosa de mim mesma e é uma coisa estranha de se estar. Eu me delicio com esse triunfo. Estou me aproximando do último trecho de uma longa estrada esburacada, ferida de tanto cair, mas ainda estou correndo. Isso é bom.

— Ele nunca vai esquecer se eu usar isso, — Rose nos diz, as dobrando perfeitamente. Ela faz uma pausa, hesita. E então começa a desdobrar. —

Foda-se. — Ela tira a calcinha debaixo de seu roupão preto.

Daisy e eu pulamos juntas, torcendo por Rose. — Coloca! Coloca! — Nós cantamos.

Ela sussurra para nós ficarmos quietas, seus olhos na porta como se alguém fosse entrar a qualquer momento. Eles não vão. Está trancado...

A porta se abre. Eu *pensei* que eu tivesse trancado. Lo a fecha atrás dele, mas felizmente Rose já terminou de trocar sua calcinha.

— Loren! — Rose grita, prestes a arranhar seu rosto em farrapos.

Ele protege os olhos com a mão. — Jesus Cristo. Vocês nem estão vestida ainda? — Ele verifica o relógio. — O evento começa em uma hora. — Daisy desaparece no closet de Rose atrás de uma roupa, e eu deslizo o vestido lilás sobre a minha cabeça.

— Estávamos com problemas com o guarda-roupa, — Rose mente.

Mesmo com os olhos cobertos, ele produz um meio sorriso que é lindo. —

Isso não é o que o Twitter disse.

Rose olha para mim, um olhar que deveria pertencer às profundezas do inferno.

Eu recuo e meu celular escapa da minha mão, batendo no chão. Rose segue Daisy até o closet e eu me abaixo para recuperar meu celular.

No minuto em que fico em pé, me viro e tranco os olhos com Lo. Ele usa um sorriso completo, não mais amargo ou sarcástico. Esse faz as covinhas em suas bochechas aparecerem. Eu o examino da cabeça aos pés. Seu terno preto de alfaiataria, camisa social preta e lenço de bolso vermelho combinam com sua personalidade. Seu cabelo mais comprido na parte de cima está empurrado para trás, os lados curtos dessa maneira elegante e legal. Loren Hale é ousado. Sempre foi. E mesmo que ele tenha que agradar uma diretoria de catorze pessoas, ele não mudou.

Meu corpo todo aquece de um jeito bom-ruim. Especialmente quando ele lentamente se aproxima de mim, nunca desviando o olhar do meu. E então suas mãos caem para a minha cintura. E depois se abaixam. Para minha bunda. Meu coração bate rápido. Especialmente quando as mãos dele desaparecem debaixo do meu vestido.

Ah, espera... ele me viu me abaixando e...

Ele puxa o cós da minha calcinha e eu quase desmorono em seus braços.

— Onde você conseguiu isso? — Ele pergunta, me virando, então minha bunda está virada para ele. E então ele levanta meu vestido. Eu já fui pega.

— Ela deveria ser uma surpresa, — digo a ele enquanto ele verifica minha

bunda, e ele até aperta. Eu não posso - puta merda. — Lo… — Minha respiração falha.

Ele beija meu pescoço e depois me vira mais uma vez, minha bunda não está mais na sua vista. Minha excitação aumenta um pouco. E ele diz, —

Mais tarde hoje à noite, estou te fodendo com força.

Eu aceno com meus olhos se arregalando. *Sim. Sim, por favor.*

Ele bate na minha bunda levemente. Ai meu Deus. Eu arremesso meus braços ao redor de sua cintura, segurando firme. Isso é legal.

— Você precisa que eu feche o zíper? — ele pergunta.

— O que...? — Eu franzo a testa.

— Seu vestido, Lil.

— Ah, sim. Certo.

Sem me mover, ele levanta o zíper até minhas omoplatas. A conversa das minhas irmãs no closet está abafada pela parede e, na maior parte, um silêncio pesado caiu no quarto da Rose.

Eu olho para ele e percebo que ele não está mais sorrindo de orelha a orelha. Ele parece distante em pensamento.

Sob sua respiração, ele diz, — Eu vim aqui para falar com você sobre essa noite.

— Ah… — É um dos últimos eventos da Hale Co. antes da diretoria escolher um novo CEO. Durante o evento, Moffy e Jane estarão com a melhor babá do mundo. Poppy até me disse que era o título oficial dela, então eu não me preocupei muito com ele.

Agora o significado por trás desse evento me atinge como uma onda. Lo e eu não conversamos muito sobre a posição de CEO. Tem havido esse entendimento silencioso entre Ryke, Daisy, Lo e eu que todos estamos tentando ganhar a posição um para o outro.

Lo segura meu rosto, seus dedos agora penteando meu cabelo. — Lil… —

Seus olhos perfuraram os meus, tão poderosos que roubam minha respiração.

— Eu preciso que você acredite em mim.

O fundo do meu estômago cai. — Eu acredito... eu sempre acredito.

Ele lambe os lábios. — Então, *por favor*, acredite em mim para aceitar esse trabalho. Ninguém acha que posso lidar com isso, mas pelo menos preciso que você acredite em mim.

Eu franzo a testa profundamente. Para mim, sempre foi mais do que seu vício. — Eu não quero que você trabalhe para a Hale Co. se você não quiser.

— Eu estou dizendo a você, *eu quero.*

Eu não sei se acredito nele. E isso é o que ele está pedindo de mim. Essa é a parte assustadora.

Seu peito cai pesadamente quando ele lê minha reação. — Por favor, Lil.

Ele está me pedindo para me auto-sabotar. Eu vejo isso em seus olhos. Eu

abro minha boca mas nada sai no começo. Eu quero acreditar nele. Mais do que tudo.

Ele me puxa para mais perto de seu corpo. — Eu ficaria mais magoado em vê-la na Hale Co. do que *jamais* ficaria por eu estar lá. Eu não quero sofrer com isso. *Por favor.* — A convicção e sinceridade em sua voz me empurram para um lado e solidificam minha escolha.

Eu não hesito dessa vez. — Tudo bem, — eu concordo, e minha ansiedade começa a diminuir. Eu planejei fazer um burburinho hoje à noite - ou pelo menos tentar dar o meu melhor, mesmo que seja como nadar com tubarões.

Ele exala como se eu tivesse acabado de levantar um peso de cem quilos do peito dele. Isso me faz sentir que eu fiz a escolha certa dessa vez. Ele me abraça e depois beija minha têmpora. — Obrigado.

Eu sussurro, — Não que eu tenha sido sua maior competição. — Eu estava no lugar mais baixo da lista. Daisy e Ryke são adversários muito mais valiosos.

Eu posso senti-lo sorrindo antes mesmo de olhar para cima. — Você era uma grande adversária, — ele me diz. — Eu acho que Ryke estava com medo de você.

Eu me animo. — Sério?

Ele concorda. — Ah, sim. — Ele está parcialmente me provocando, e eu dou um soco no braço dele levemente. Ele finge estremecer e esfrega o local.

— O que eu faço então? — Eu pergunto a ele. — Eu deveria não ir?

— Não, você tem que ir, — ele me diz. — Apenas fique distante. Fique perto de uma planta ou algo assim e coma.

— Como costumamos fazer? — Eu pergunto com um sorriso.

Ele não compartilha o sorriso. — Eu tenho que conversar com a diretoria, então você vai ficar sozinha...

Ah. Certo. — Sim, sim, — eu digo baixinho. — Eu posso ficar indiferente, no entanto. — É o meu estado natural de ser. — Eu estou torcendo por você, só para você saber.

Ele começa a rir, seus olhos se enchem de lágrimas, como se fosse a primeira vez que ele ouvisse essas palavras. Nesse contexto, percebo que é mais provável ser.

Meu coração incha. Sim, eu estou torcendo por você, Loren Hale. *Você consegue.*

{ 49 }

LOREN HALE

A Hale Co. fez um grande evento de caridade em apoio a um hospital infantil no centro da cidade. Por grande, todos com grandes profundos na Filadélfia foram convidados, independentemente de estarem envolvidos com a Hale Co.

ou não.

É simples. Sirva bebidas, boa comida e faça com que as pessoas compartilhem suas histórias de como a Hale Co. chegou até elas quando estavam em necessidade. Depois, as pessoas abrirão seus talões de cheques.

Eu já estive em tantas delas que parece mais rotineiras do que qualquer função escolar.

Bebo um copo de água enquanto uma palestrante termina sua história e, em seguida, sigo em direção à multidão para encontrar Daniel Perth, um dos membros da diretoria. Mas eu não tenho que me espremer entre os corpos.

No momento em que me aproximo, eles dão espaço para mim.

Mares de pessoas criam caminhos, apenas para que eu possa passar. Eu nunca fui nada além de um incômodo. Espero que os olhares penetrem em mim. Mas eles apenas acenam e sorriem. Tem sido assim a noite toda. Eu me sinto diferente. Mais velho. Mais forte.

Eu carrego mais confiança no meu modo de andar, e me pergunto, se todo esse tempo, eu só precisava acreditar em mim mesmo. E então eu receberia esse tipo de resposta. Isso me sobrecarrega de maneiras que não posso explicar.

Mas eu apenas sigo em frente.

Um minuto depois, encontro Daniel no bar de queijos e vinhos com três outros membros da diretoria. Uma mulheres, dois homens.

Daniel levanta seu vinho tinto em boas-vindas. — Se divertindo?

— O vinho poderia ser melhor, — eu brinco com um meio sorriso.

Ele ri da piada e dá um tapinha no meu ombro. — Eu estava contando a Irene sobre sua ideia de uma linha de roupas de grife para bebês e crianças pequenas.

Irene, uma mulher severa com um olhar estreito, tenta me esmagar sob um

olhar severo. Devolvo a dela com um mais frio, nem um pouco intimidado por ela, por ele ou por qualquer um dos membros da diretoria. Eles não se comparam ao meu pai. Nem um pouco.

Seus lábios se contorcem em um sorriso quando ela pergunta, — Você tem certeza de que Rose Calloway pode concordar com essa parceria?

— Não somos melhores amigos, — digo secamente, — mas sei que posso convencê-la.

— Como assim? — Irene parece duvidosa enquanto come uma bolacha.

— Porque ela é como minha irmã mais velha mimada. Mesmo que não possamos nos suportar às vezes, ainda nos amamos e ela estaria disposta a fazer isso por mim. — Eu sei que ela faria. — No entanto, ela precisará ser parceira nessa divisão. Rose gosta de seus títulos, e ela não vai querer receber ordens de mim. — Eu sou sempre honesto com a diretoria.

Eu decidi, desde cedo, que não vou mais mentir. Não é saudável. Não vale a pena a dor. E se eu quiser viver minha vida como uma pessoa melhor e mais completa, isso é o que tenho que fazer. É como se eu pudesse respirar com cada frase. Eu não estou mais temendo meu futuro.

Pela primeira vez, anseio pelo amanhã e prezo o ontem e vivo por hoje. É a paz que ninguém vai tirar de mim.

— Você deveria falar com ela e começar a bolar nomes para a linha de roupas, — Daniel diz enquanto termina seu vinho.

Irene assente. — É um conceito forte e a maioria das mulheres gosta da Rose.

Outro cara pergunta, — Você está preparado para trabalhar com ela? —

Ele usa um sorriso confuso como se ele soubesse da reputação da Rose de ser difícil.

— Eu estou. E se nós não nos matarmos, eu vou chamar isso de sucesso.

Todos eles riem. Eu entendo que eles estão acostumados com alguém como eu. Eu praticamente compartilho o mesmo humor que meu pai, então não cai em ouvidos surdos. Eu me encaixo mais facilmente com eles do que jamais pensei que faria.

— Ei, — A voz do meu irmão soa atrás de mim. Ele coloca a mão no meu ombro. — Posso falar com você por um segundo?

— Sim. — Eu aceno para o Daniel. — Eu vou falar com você depois.

— Talvez o vinho cresça em você até lá, — Daniel brinca.

— Se ao menos, — eu brinco de volta, as pontas dos dedos do meu irmão cavando no meu ombro. Eu me viro rapidamente e vou para uma mesa vazia

perto da parede.

Ele começa, — Você não está bebendo...

— Não, — eu replico. — Foi apenas uma piada. — *Uma que eu posso fodidamente lidar.* Minha mão aperta meu copo, especialmente enquanto estudo sua roupa novamente.

Ele está vestindo um terno de negócios, algo que meu pai amou ver ele usando. Azul marinho, sob medida, gravata larga. Ele até se barbeou essa manhã, uma tentativa de se esforçar mais e ser algo que ele não é.

— Você parece estúpido, — digo a ele.

Ryke olha. — Eu ouvi você nas primeiras quatro fodidas vezes.

Eu sinto meu queixo sobressair enquanto aperto meus dentes. Eu odeio que

ele esteja seguindo esse caminho para vencer. Ele xingou muito na frente dos membros da diretoria para ser uma opção real de qualquer maneira. Ele pode tentar mudar sua aparência, mas ele não pode mudar muitas coisas que fazem dele quem ele é.

E sinceramente, agradeço a Deus por isso.

— O que você queria? — Eu pergunto.

Ele passa a mão ansiosa pelo cabelo. Eu noto círculos escuros sob seus olhos, como se ele não tivesse dormido muito. — Você viu a mensagem do nosso pai? — Percebo que ele está segurando o celular com o punho fechado.

Minhas sobrancelhas franzem em confusão, e eu puxo meu celular do meu bolso. Eu coloquei no silencioso para o evento. Com um clique, percorro por todas as mensagens perdidas.

Novas classificações Talvez isso coloque um fogo sob suas bundas hoje à noite. – Pai Percorro as quatro mensagens, enviadas quase ao mesmo tempo.

Lily Calloway: a diretoria acha que você ainda está quieta demais. E

desde o nascimento do Maximoff, você se tornou indiferente e desinteressada. 4 dos 14 membros da diretoria aprovam. – Pai Eu olho por cima do meu ombro. Vagando perto da fonte de chocolate, Lily pega cubos de queijo com um palito de dente. Eu me sentiria mais culpado por deixá-la sozinha, se ela não tivesse esse sorriso bobo no rosto. Ela está absorvida em seu novo celular - rede social, tenho certeza absoluta.

Eu estou feliz que isso a está fazendo feliz e não o contrário, pela primeira vez.

Eu tento soltar um suspiro. Ela está fora da corrida. Ela não vai sair do seu caminho para tentar também. É menos pressão em mim. Isso torna tudo mais fácil.

Eu engulo em seco e continuo lendo.

Loren Hale: todo mundo está impressionado (como deveriam estar). Eles

acham você encantador, simpático e resistente. Os poucos que tiveram problemas comigo ainda estão hesitantes em se comprometer com você. 11

de 14 amam você. – Pai Como posso convencer esses três últimos a gostarem de mim? Eu sou muito parecido com o meu pai. Eu faço uma careta interna enquanto penso em diferentes caminhos. Eu tento bloqueá-los antes de ler.

Ryke Meadows: você melhorou muito. Você é acessível e mostra vontade de mudar. A maioria acredita que você seria um líder forte para a empresa.

11 de 14 amam você. – Pai Meu estômago se afunda e frio morde meu pescoço. Eu tirei meu irmão da jogada no último mês. Eu fico rígido, não sou capaz de dizer nada. Meus olhos voltam para a tela novamente.

Daisy Calloway: você mostrou maturidade e parece genuinamente interessada na empresa. Você também é muito apresentável com muita energia e entusiasmo. 13 dos 14 amam você. Irene hesita em ter você como CEO. Ela acha que você é muito selvagem e jovem. Encontre uma maneira de agradá-la e a empresa é sua. Parabéns. – Pai Agora eu entendi porque Ryke veio correndo para mim. Um resultado pior do que Ryke assumindo a empresa seria Daisy assumindo. As feições do meu irmão estão duras como pedra.

— Isso não pode acontecer, porra. — Ele aponta para o meu celular.

Eu guardo meu celular no bolso. — O que você está sentindo agora é auto-infligido, — eu atiro de volta. — Você pode acabar com isso...

— Porra, para, — ele rosna baixinho.

Eu sacudo minha cabeça. — Tudo o que você precisa fazer é dizer a ela.

Apenas diga, mano. Você prefere que *eu* assuma essa posição do que ela. —

Ele acha que está me submetendo ao inferno, mas ele não está. Não é insuportável. Aqui é onde eu sempre deveria estar.

— Eu não posso escolher *ela* ao invés de você, ou vice-versa, porra. — A escuridão varre seu rosto como uma tempestade passageira.

É como se isso fosse um pecado que ele se recusa a cometer. — *Não* é um pecado, — lhe digo abertamente. — Eu não irei odiá-lo por escolher uma vida melhor para a garota que você ama. Eu não sou esse cara fodido. — *Não mais.*

Ele fica em silêncio, seus músculos contraídos.

Então eu lambo meus lábios e acrescento, — Vamos fazer isso juntos.

Você e eu, como supostamente faríamos desde o começo. Vai ser uma luta

justa. Estamos empatados agora. Apenas deixe a Daisy sair disso. — E então eu vou encontrar um jeito de ganhar. Não há como deixar meu irmão viver esse tipo de vida. Não é nem remotamente algo que ele quer.

Ele é só muito altruísta para me deixar ter isso sem lutar.

Ryke abre e fecha os punhos. Mesmo quando ele está em profunda contemplação, ele parece agressivo. Depois de um longo momento, ele diz,

— Porra. — Ele solta uma risada de dor. — Ela nem é uma Hale.

— Nem você.

Seu rosto se contorce em um encolhimento. — Não justifique o que você está fazendo, Lo.

Eu cerro meus dentes. — Eu estou apenas afirmando um maldito fato.

Outro fato - ela está chutando nossas bundas. Então, a menos que ela se auto-sabote, a empresa será entregue a ela. Você e eu sabemos que é um mundo mais obscuro para ela do que seria para nós.

Ryke descansa as mãos na cabeça por um segundo e depois as deixa cair.

Ele apenas balança a cabeça, repetidamente.

— Isso não vai me quebrar, — digo a ele. — Mas isso vai arruiná-la. Você

quer viver com isso?

Ele parece doente. — Não… mas...

— Sem *mas*, — eu forço, colocando a mão em seu ombro para que seu olhar se eleve para o meu. — É isso.

Um minuto inteiro de puro silêncio passa entre nós, o tipo que aspira o ar.

E então ele diz, — Eu preciso que você venha comigo.

Eu franzo a testa. — Por quê?

— Se eu vou convencer a Daisy a se auto-sabotar, precisamos nos unir contra ela.

LOREN HALE

Eu mal envolvo minha cabeça nesse plano antes que Ryke acrescente outra coisa.

— Não espere que eu desista dessa porra e dê isso para você, — diz ele rapidamente. — Se você *realmente* quer isso, Lo, você tem que me vencer.

Ele não acha que eu posso. No começo, eu teria concordado. Anos atrás, eu nem teria tentado, sabendo que o resultado final seria o mesmo.

Foda-se aquele cara.

Não há nada que diga que eu não possa me igualar ao meu irmão mais velho.

Eu posso ser um bastardo, um fracasso, um perdedor natural, mas posso vencer no final. Pela primeira vez na minha maldita vida, eu vou fazer isso.

*

— Ei, pessoal… — Daisy diz hesitante. Nós a arrastamos para longe da Irene para o saguão do lado de fora do salão de baile do hotel. É tranquilo, exceto pelo garçom ocasional que passa com bandejas vazias de comida.

Ryke e eu temos nossos braços cruzados, se elevando sobre ela. Mesmo assim, ela está reta, inflexível. — Vamos tentar de novo, — Ryke diz a ela.

— Eu não quero que você pegue essa merda de posição.

Ela suspira. — Ryke...

— Eu pensei sobre isso, — ele a interrompe, — e eu decidi que eu preferiria que Lo se tornasse CEO do que você. Então você pode parar de lutar por isso e começar a torcer pelo meu irmão.

Daisy ri como se ele estivesse brincando, mas nossas posturas sensatas nunca mudam. Sua risada morre. — Eu não quero que você me escolha sobre ele.

Minhas costelas se contraem e espero que isso cause dor suficiente no Ryke para ele retratar sua declaração.

Em vez disso, ele diz, — Que pena, Calloway. Eu escolhi você.

Ela hesita, e então eu interponho. — Vamos lá, Daisy. Você não é uma Hale. Vai ser estranho se você roubar essa posição de mim. É *minha*.

Seus ombros caem e começam a se curvar para dentro. Ela olha minhas feições duras. Não assustada por elas. — Eu me preocupo com você e… —

Ela não pode terminar essa afirmação. Mas eu entendo.

Meus lábios se levantam em um sorriso agitado. — Você acha que isso vai me empurrar para beber? — É uma droga que a irmã mais nova da Lily me veja como um boneco quebrável. Juntei meus pedaços muitas vezes para deixar a Hale Co. me puxar para baixo.

— Todos nós achamos… — ela responde, olhando para Ryke em busca de afirmação. *Fique forte, porra,* eu estreito os olhos para ele.

Ele faz bem, nem uma vez se deslocando para mim ou vacilando com um olhar inseguro. Ele apenas se concentra em sua namorada. — Lo pode lidar com isso.

As palavras estranhas soam no meu ouvido. Mesmo que sejam feitas para Daisy, gosto de ouvir essa frase do meu irmão.

— Viu, — acrescento para ela com a inclinação da minha cabeça. — Eu ainda não me auto-destrui.

— Isso é entre Lo e eu, — Ryke diz, não desistindo. — Isso não é sobre você, Dais.

A culpa realmente funciona dessa vez. Ela não consegue mais encontrar nossos olhos. Ela se concentra no carpete como se o fodido padrão dourado feios fosse de repente mais interessante do que esta conversa.

— Vem aqui, — Ryke respira quando ele agarra sua mão e a puxa para seu

peito. Ela esconde o rosto em um abraço e ele coloca uma mão consoladora na cabeça dela. — Não estamos tentando derrubar você, Dais. Estamos apenas tentando fazer você entender.

— Ok, — ela de repente murmura.

Ryke e eu trocamos olhares surpresos. — Ok, o que? — Eu pergunto.

Ela dá um passo para trás com uma expiração pesada. — Ok, eu vou me auto-sabotar. — Seus olhos verdes voam para o nosso. — Se é isso que vocês dois querem...

— É, — dizemos em uníssono.

Ela torce a parte de baixo de sua blusa branca, que está fora da sua saia verde. — Então, na próxima semana, eu posso...

— Não, *essa noite*, — Ryke quase rosna as palavras. Ele está nervoso que ela vença até lá. Eu também estou, mas ele se preocupa mais profundamente

com a Daisy. Sua preocupação é uma potência maior que a minha.

Hoje à noite? — Ela repete, sua boca caindo. — Ryke, esse é um evento de *caridade*.

Eu interrompo, — Eu vou assinar um cheque, então vai compensar o que quer que aconteça. — Eu sei que não é a coisa certa a se dizer. Daisy parece petrificada, arregalando os olhos ao pensar em ferir as pessoas. Ela não vai, mas em sua mente, talvez seja o que ela vê.

Ryke segura seu rosto, e ela olha apenas para ele. — Dais, não estamos pedindo para você se humilhar ou qualquer pessoa ao seu redor. Apenas jogue fora esse fodido livro de etiqueta que sua mãe lhe deu e faça o que você quer.

Ela pisca para conter lágrimas. É difícil assistir, mas também não posso desistir. — Talvez... na próxima semana, — ela hesita.

— Não. — Ryke a puxa para o seu corpo, com ambas as mãos em suas

bochechas. — Hoje, amanhã - seja selvagem, Calloway.

Ela inala fortemente. — E se isso não for quem eu sou?

— Então seja quem você é, amor, — Ryke diz apaixonadamente. — Mas não mude para eles.

Daisy passa os dedos em seu terno e acho que ela vai comentar sobre isso.

Talvez essa luta seja dolorosa porque ela não menciona a mudança que ele fez pela empresa. No entanto, ela fica na ponta dos pés para beijar sua mandíbula barbeada. Ele fica tenso e depois ela se abaixa. — Não me pare,

— ela nos diz, e ela realmente sorri, seus olhos cintilando diabolicamente.

— Eu raramente paro, — Ryke a lembra.

Ela solta um suspiro como se estivesse abraçando algo dentro dela que estava trancado nos últimos meses. E então ela começa a andar de costas em direção à porta do salão de baile. Seu sorriso cresce enquanto ela planta um olhar brincalhão em Ryke.

Eu não tenho ideia do que ela está prestes a fazer, para ser honesto. Só espero que seja suficiente para convencer a diretoria de que ela é imprudente demais para ser CEO. Que ela ainda é jovem.

Ela abre as portas e estamos logo atrás. Na sala de conferências lotada, Daisy arqueia as sobrancelhas para nós e depois se vira em direção aos grupos de pessoas barulhentas, ninguém no palco agora.

Ela dá uma estrelinha e sua saia voa até a cintura. Revelando uma calcinha que diz... eu reviro os olhos. Mas a calcinha semelhante me lembra a Lily.

Ao lado da fonte de chocolate, Lil segura um palito com uma banana. Um

sorriso toma conta do meu rosto. É um truque antigo nosso. Aja como se você estivesse pensando em mergulhar um pedaço de comida na fonte, quando você está apenas matando o tempo.

Eu tiro meu olhar dela para o meu irmão. Ele está tentando suprimir um sorriso raro, completamente apaixonado por Daisy. Ela está na quarta estrelinha e recebeu mais atenção das pessoas. Quando ela planta bananeira, as pessoas a observam. Alguns membros da diretoria balançam a cabeça em desaprovação.

EU AMO RYKE MEADOWS está de cabeça para baixo.

Eu vejo algumas pessoas tirando fotos com seus celulares. Isso era esperado.

— Seu nome está na bunda dela, — afirmo sem expressão.

— Estou apaixonado pra caralho por ela, — é tudo o que ele diz. E eu acredito em cada palavra.

Quando ela deixa cair os pés, ela faz um pequena reverência, e alguns caras batem palmas. Provavelmente por mostrar a bunda. Eu atiro um olhar para eles, mas isso não os impede de admirar Daisy. Isso me irrita, mas esse sentimento desaparece no momento em que Daisy trava os olhos com meu irmão.

No momento em que ela saí *correndo* do salão de baile com o maior e mais brilhante sorriso. Ela é uma bola de luz que Ryke vai alcançar. Eu posso ver isso em seus olhos.

E ele está indo atrás dela.

Eu vou para a janela com vista para a rua e sinto uma presença deslizar ao meu lado. Banana com chocolate na mão, Lily aperta o nariz perto do vidro.

— O que estamos olhando?

— Sua irmã, meu irmão, — digo a ela.

Eu espero que eles saiam para a rua. É algo que Daisy faria. E talvez três minutos se passam antes que uma garota loira platinada saia correndo do hotel para o estacionamento. Ela remove a camisa e a saia enquanto corre para frente. Estamos apenas no terceiro andar, então eu consigo ver seu sorriso avassalador.

É como assistir alguém se libertar.

E meu irmão - ele corre atrás dela. Eu sei que todo mundo acha que ele perseguiu Daisy para impedi-la. Eles estavam assentindo em aprovação quando ele saiu, mas ele não foi.

Assim que ele se alinha com Daisy, ele corre ao lado dela.

— Eles vão durar, — diz Lily com um aceno esperançoso.

Sim. Eles vão. Eu tiro minha atenção da janela para ela. Ela pegou o celular e se concentra em digitar. — O que você está fazendo, Lil?

— Tweetando, — ela diz e depois me mostra a tela: *Eu sou louca por Raisy.*

Eu estremeço de brincadeira e protejo meus olhos. — Cristo, Lil, você me cegou com Team Raisin.

— *Raisy*, — ela me corrige com os olhos estreitos. Ela é adorável pra caralho.

— *Raisin*. — Eu abaixo minha mão e puxo seu corpo para o meu. — É o meu nome de shipp favorito. Deixe pra lá.

Seu queixo cai. — Seu nome favorito... — Eu cubro sua boca.

— Não é o meu shipp favorito. — E meus lábios roçam sua orelha. Eu não consigo parar de sorrir. Não mais. — Meu favorito, absolutamente, sem dúvidas… — Eu paro com uma respiração. — ...é o *nosso*. — Então eu a beijo.

Eu a beijo como se precisasse de sua alma emaranhada com a minha.

Ela beija de volta como se isso já tivesse acontecido anos atrás.

Eu quase me esqueço dos últimos passos que eu tenho que dar com a Hale Co. Eu quase me esqueço de algum dia, em breve, precisar vencer meu irmão. Mas o futuro não escrito ainda permanece no fundo da minha mente.

LILY CALLOWAY

— Você fez o que? — Lo fica boquiaberto com Connor, e meus olhos ameaçam saltar da minha cabeça.

Estamos cercados por garrafas de Ziff, empilhadas em pirâmides nas mesas. As rajadas de vento de setembro ameaçam derrubá-las, mas muitos funcionários da Fizzle ficam de guarda. Um penhasco assustadoramente alto, de quarenta e cinco metros, se ergue atrás de nós: toda rocha cinzenta e folhagem verde. Ryke está na base com Daisy e meu pai antes que a mídia e o público apareçam para iniciar o evento da Ziff.

No entanto, minha atenção permanece estritamente em Connor, que embala Jane enquanto ela cochila. Não é a filha dele que me assusta. São as palavras que ele acabou de dizer.

— O quee… — Eu realmente começo a dizer em voz alta.

— Eu sei, — diz Rose, cruzando os braços. — Eu já gritei com ele por não ter me levado junto. — Ela franze os lábios como se isso fosse sua maior ofensa.

Não. Isso é irrelevante.

— Da próxima vez, eu vou te chamar, querida. — Connor usa a mão livre para pentear o cabelo de Rose para um ombro, e então ele beija seu pescoço nu levemente. É um beijo régio e sem esforço que deixa Rose *quase* ruborizada.

— Que bom. — Ela levanta o queixo.

Minha boca está no chão. Lo e eu somos os sensatos e maduros aqui? O

mundo está realmente de cabeça para baixo.

— Vocês dois são oficialmente insanos, — Lo me vence nesse comentário.

— Nós concordamos em não confrontar os adolescentes ou seus pais.

As sobrancelhas de Connor se levantam dessa maneira convencida. —

Apenas pela história, sou o mais qualificado para raciocinar com os pais.

— Nós deveríamos ter *conversado* sobre isso, — diz Lo. — Isso afeta todo mundo, Connor.

Os músculos da mandíbula do Connor se flexionam, um único sinal de

suas verdadeiras emoções. — Sem ofensa, mas eu não senti a necessidade de pedir sua permissão ou a do Ryke quando atiraram na minha esposa e minha filha com uma pistola de água na frente da nossa casa.

— Ponche de frutas, não água, — corrige Rose. — E eles me devem um novo fodido vestido. — Eu não vi isso acontecer. Ontem, Rose estava sozinha com Jane, trocando o tapete de boas vindas por um de outono. Ela estava com Jane em seus braços quando os adolescentes a pulverizaram com ponche de frutas.

Eu meio que gostaria de ter visto a reação do Connor quando ele voltou do trabalho e soube de todo tormento. Mas talvez fosse isso. Ele estava furioso o suficiente para ir até a casa deles e confrontar seus pais.

— Eu disse uma pistola de água. Eu não disse que estava preenchida com água, — responde Connor.

Rose vira a cabeça para ele. — Um detalhe, Richard. Você estava errado sobre um *pequeno* detalhe.

— Se isso fosse verdade, eu concordaria com você, — diz ele suavemente, seus lábios começando a subir. — Mas não é, Rose. — Normalmente eu amo uma boa briga, mas as estrelas nerds precisam se acalmar agora, porque ainda estamos parcialmente no escuro sobre os adolescentes e os pais.

Rose suspira pesadamente e olha para Jane em seus braços. — Eu rezo para que o seu narcisismo não esteja se infiltrando em nossa filha.

— O narcisismo não pode se *infiltrar*. Não é tangível e para quem você está orando, querida?

— Para qualquer deus que vá me dizer por que eu procriei com você.

Ele sorri completamente, um sorriso cegante de um milhão de dólares. —

Porque eu amo você assim como você me ama.

Rose pressiona os lábios, mas ela se aproxima mais dele. — Isso não foi feito para você provar que é um deus, Richard.

Ele ri em um sorriso mais brilhante e então ele beija a testa dela.

— Podemos, por favor, voltar ao problema real aqui? — Lo pergunta com os olhos estreitos. — Você conversou com os Patricks, e você nem disse como foi. — Tudo o que Connor mencionou foi que ele falou com os Patricks que moram a três casas abaixo da nossa, e isso foi o suficiente para colocar minha mente em espiral.

Connor parece casual e calmo, mas seu sorriso desapareceu de vista. — Se eu soubesse que eu estava tentando argumentar com uma casa cheia de idiotas, eu teria mudado meu discurso de abertura.

Não foi bem então.

Lo olha para o céu como se dissesse *por que, Deus, por quê?* Nosso filho se mexe em um canguru azul-marinho no peito do Lo, e ele o balança um pouco.

Eu tenho que me controlar para não encarar muito. Lo segurando Moffy no canguru está no topo dos gráficos de fofura. Até mesmo o *Celebrity Crush* postou fotos deles chamando Lo de "um dos pais celebridades mais quentes".

É inegável.

— Eu não gosto de reformular, mas a conversa foi honestamente muito irritante para repetir, — diz Connor, ajustando sua filha enquanto ela acorda de sua soneca. Pouco antes de Jane soltar um grito tumultuado, Rose procura

em sua bolsa de fraldas preta da Chanel e pega um leão de pelúcia macio. No momento em que os braços minúsculos de Jane se agarram ao animal, ela se cala.

Acho que todos estamos felizes por Jane ter se apegado ao brinquedo.

— A versão resumida. — Lo acena para o Connor.

— Eles repetiram a mesma frase pelo menos cinco vezes. *Era uma pistola de água, não uma arma de verdade.* — Ele faz uma pausa, e eu posso dizer que ele está lutando para permanecer composto. — O argumento deles foi que todos os adolescentes gostam de se divertir, e eu deveria me lembrar de quando tinha a idade deles e de ter feitos as mesmas coisas. Como resultado, eu deveria deixar isso passar. — Connor solta uma risada fraca, e ele balança a cabeça. — Mas eu nunca fui um adolescente normal. Eu não fiz as mesmas coisas, e uma parte profunda de mim acredita que eu *não deveria* deixar passar.

— Mas você vai? — Lo diz como se o Connor precisasse seguir o plano original de "esperar". O desconforto me deixa enjoada. Eu só não quero que isso aconteça mais, mas eu também não quero causar um alvoroço na mídia.

— Eu não vou fazer um boletim, — diz Connor. — Se um tablóide fica sabendo dessa história, a manchete deles me fará parecer juvenil e obtuso, e isso não ajudará ninguém.

Lo acena algumas vezes, digerindo essa notícia. E então Sam e Poppy se aproximam, o primeiro vestido com uma calça khaki e uma camisa da Fizzle de colarinho branco. Os dois têm garrafas de Ziff na mão, e noto a filha deles ficando para trás perto das mesas de piquenique com a nossa mãe.

Eu vejo paparazzi e pessoas comuns com bolsas atravessadas no peito e bonés andando pelo caminho de terra em direção à área isolada. Vendas de

comida estão montadas sob as tendas brancas, e o doce aroma da pipoca doce preenche o ar fresco.

— Estão todos prontos? — Sam nos pergunta. Seu olhar percorre nossos

corpos, como se procurasse por...

— Onde estão suas bebidas? — Poppy pergunta com uma careta. Ela protege o sol com a mão. Aparentemente Maria tirou os óculos de sol dela no caminho até aqui; um sinal, disse Rose, que a filha deles é um terror maior que a dela.

— Minhas mãos estão cheias, — Lo mente. Mas ele demonstra envolvendo seus braços ao redor do canguru azul-marinho. Moffy bate os lábios e depois solta um ruído do tipo *ahh.*

Meu sorriso não pode ser parado.

Connor acrescenta, — As minhas também. — Ele levanta Jane para ilustrar sua situação. Os lábios dela se separam em um meio sono, segurando seu leão de pelúcia e, em seguida, se aconchegando no peito do pai atrás de calor e segurança.

Rose olha para eles com desdém. — Vocês dois estão seriamente usando nossos filhos como bodes expiatórios?

Lo dá um meio sorriso para ela. — Você só está reclamando porque *gostaria* de estar com a Jane agora.

Ela cruza os braços, mas não nega. Ziff tem um gosto nojento *assim*. Na semana passada, Ryke me incitou a tomar um gole, e depois eu fiz gargarejo com enxaguante bucal por dez minutos sólidos para evitar vomitar.

Não é para ser tomado uma segunda vez. Nope.

Sam pega duas garrafas da pirâmide e meus olhos se arregalam novamente.

— Nós não podemos quebrar a formação da pirâmide! — Eu grito de repente. Eu até aceno meus braços rapidamente. Eu me aqueço toda em constrangimento.

Sam não perde o ritmo. Ele empurra uma garrafa na minha mão. — Há outras garrafas para reconstruir a pirâmide.

O rótulo prateado se enruga no plástico enquanto eu agarro a garrafa. O

sabor Blue Squall é mais parecido com *Sangue* Squall. Talvez se eu me imaginar como uma vampira, terei uma experiência mais prazerosa.

Sam abaixa a voz. — Vocês não precisam beber muito. Vocês podem até fingir que estão tomando alguns goles. Nós só precisamos de fotos, e o público precisa ver vocês também.

— Uau, Sammy, — diz Lo, — você é um pilantra moderno. — Lo toca o

peito dele com a mão *livre*. — Sou honesto demais para me associar como pessoas igual você.

Connor arqueia uma sobrancelha, seu sorriso crescendo. Eu ficaria para ouvir a resposta do Sam, mas tenho a sensação de que ele vai só revirar os olhos.

— Eu vou ir ver a Daisy e o Ryke. — Eu não acho que eu disse as palavras alto o suficiente, mas eu me afasto mesmo assim. Eu planejo carregar a garrafa de Ziff por aí e agir como se fosse uma delicia.

Eu me aproximo do penhasco onde Ryke está. Ele está sem camisa, com um short cinza e uma bolsa de pó de giz em volta da cintura. Ele também segura a mão de uma menina *morena*.

Meu coração pula uma batida e a visão me surpreende. Eu paro no meio do caminho.

LILY CALLOWAY

Eu me concentro na menina morena.

Ela se mexe na ponta dos pés, inquieta enquanto enfrenta o guarda do parque estadual e meu pai.

Eu solto um suspiro.

É só a Daisy, eu me lembro.

Faz anos desde que o cabelo dela estava castanho claro, a cor natural que combina com a minha então ainda estou tentando me acostumar com isso.

A cor, porém, combina com ela. Talvez porque ela tenha sorrido mais vezes com a mudança e, embora Ryke tenha permanecido imparcial sobre todo o processo de coloração do cabelo (para evitar influenciar sua decisão), ele deixou seus pensamentos passarem para mim ontem.

Suas palavras exatas: — Eu estava com medo de ela parecer muito com você, mas ela não parece. Eu não percebi o quão fodidamente atraído por ela eu ficaria. — Aparentemente, Daisy o encontrou em uma pedreira, tirou o capacete da motocicleta e revelou o resultado final. Então eles fizeram sexo ao ar livre.

A ideia é melhor que a realidade. Eu sei em primeira mão.

Enquanto eu me aproximo, observo o guarda florestal do Parque Estadual balançar a cabeça ferozmente para Ryke, tentando empurrar um arnês e uma corda para ele. Ryke levanta as mãos.

Eu chego perto o suficiente para ouvir assim que ele diz: — Eu já assinei uma merda de renúncia. Se eu morrer, não é responsabilidade do parque.

— Está ventando muito e ainda perigoso. Se você está procurando um desafio, você pode tentar uma outra rocha. Não são muitos os escaladores que fazem isso nessa rocha.

Ryke rosna em frustração.

Meu pai entra entre eles. — Se Ryke diz que é seguro escalar, ele deveria escalar. Ele entende o risco envolvido.

O guarda pergunta: — Ele vai descer com rapel?

— Sim. — Meu pai acena com a cabeça. — Duas pessoas já estão no topo

com os equipamentos para ele.

O guarda suspirou resignado da briga. — Ok. Eu já disse tudo que pude. —

Com isso, ele sai andando, e meu pai dá um tapinha no ombro de Ryke e murmura um *boa sorte.*

Percebo que estou congelada no meio do caminho e, ansiosamente, mudo meu peso de um pé para o outro. *Sem sexo,* eu penso repetidamente enquanto um desejo familiar tenta me varrer. As advertências do guarda parecem lógicas. Isso é perigoso. Está ventando. E se ele cair? Ryke mesmo disse.

Enquanto Ryke sussurra algo para Daisy, ele vira a cabeça e me vê. Suas feições geralmente duras suavizam uma fração. E eu leio seus olhos bem o suficiente: *eu ficarei bem. Não se preocupe comigo, por favor.*

Ryke nunca quer que alguém se agonize com seu bem-estar, mas ele é uma parte muito importante da minha vida, da de Lo, que se ele se for, será como cortar um pé. Seguir em frente será difícil.

— Oi, Lily, — meu pai diz de repente ao meu lado.

Eu quase me esquivo com a presença dele, e fico ainda mais surpresa quando ele decide ficar parado. — Você... quer assistir a escalada com a mamãe? — Eu pergunto.

Ele enfia as mãos nos bolsos, vestido com uma camisa da Fizzle de colarinho branco como a do Sam. — Eu estou bem aqui.

Eu dou uma olhada por cima do meu ombro para o Lo. Com rugas de

preocupações ao longo de sua testa, seus olhos estão focados apenas em seu irmão mais velho. Ryke beija minha irmãzinha e então pega sua garrafa de Ziff, prestes a beber antes de subir.

O barulho aumenta dos repórteres e de mais pessoas, abafando o vento forte.

— Lily… — Meu pai começa, mas depois hesita e seus lábios se fecham.

Ele sorri nervosamente, como se não tivesse certeza do que dizer ou como dizer.

Um nó surge na minha garganta e, por uma fração de segundo, penso em limpá-lo com Blue Squall.

Mas ele fala de novo antes de eu me aventurar por esse caminho. — Fiquei aborrecido por um longo tempo.

Meus ossos se travam e meus olhos se arregalaram de surpresa. Eu não consigo dizer nada. Ele não mencionou o meu vício em sexo para mim

nunca, e eu tenho a sensação de que é nessa direção que ele está indo.

— Eu simplesmente não conseguia encontrar uma razão pela qual você faria... isso. — Ele faz uma pausa, seus olhos caindo para a grama. —

...quando eu te dei tanto.

Uma brisa violenta emaranha meu cabelo e molha meus olhos. Eu vou culpar o vento enquanto meu pai finalmente admite me culpar. A dor se abre como um buraco nas minhas costelas. — Eu sinto muito, — meu resmungo quase não sai.

Ele balança a cabeça e seus olhos avermelhados encontram os meus. —

Não sinta. Eu me senti traído e magoado porque não conseguia encarar a realidade. — Ele me dá um sorriso triste, e eu estou mais ciente dos fios cinzentos que salgam seu cabelo castanho. — Passei metade da minha vida trabalhando para as minhas filhas, para proporcionar a vocês uma vida melhor do que a minha, e é uma realização muito difícil de admitir - que

aquilo pelo que trabalhei tão duramente acabou fazendo o inverso do que sonhei.

Eu sacudo minha cabeça. Ele se culpa. Pelo meu vício. Lágrimas ameaçam cair, e eu tento desesperadamente suprimi-las.

Ele pega minha mão e diz: — Você tem sido minha garotinha tímida por tanto tempo, e eu deveria ter reconhecido que você não estava cem por cento lá. Como adulto, como um pai e como seu pai, *eu* sinto muito.

O líquido quente rola pelas minhas bochechas. Porque aqui? Porque agora?

Eu quero fazer essas perguntas, mas vejo as respostas em seu olhar cheio de lágrimas. E enquanto ele enxuga minhas lágrimas. Ninguém pode apontar uma razão do por que e quando alguém cria coragem.

Acontece com o tempo, e meu pai cimentou essa realidade dolorosa e crua

- aquela em que sempre vivi. E o que é mais engraçado, é que é mais pacífico com ele aqui. Não dói tanto.

— Obrigada, — eu sussurro, fungando e piscando para conter mais lágrimas. Eu tenho que perguntar... — Você gostaria de… talvez ir à terapia comigo algum dia? Se você não quiser, eu entendo completamente...

— Eu gostaria disso, Lily. — E então ele me abraça, meu coração explode.

Um momento passa e ele pergunta: — Agora, o quanto você gosta de Ziff?

Seja honesta.

Ah não. Eu esfrego meu nariz com o braço, muito deselegante, mas meu pai não se importa. — Hum… — Eu me encolho como se não pudesse dizer exatamente meus pensamentos em voz alta.

— Tão ruim assim? — Ele pergunta, suas sobrancelhas subindo em sua testa em preocupação. Ele rouba minha garrafa e inspeciona o rótulo. — A receita se saiu bem com pessoas da sua idade. — Eu me lembro do Sam dizendo o mesmo sobre os vários grupos de teste.

— Talvez seja só eu. — Eu dou de ombros.

Ele me dá um aperto. — Com o Ryke como o rosto, tem uma boa chance de sucesso. Isso é o que eu estou esperando. — Ele nunca pretendeu que o Ryke falhasse. Todo esse tempo, ele esperava que o Ryke pudesse ajudar a Fizzle, uma empresa que meu pai considera um quinto filho. É bom saber que ele teve boas intenções, mesmo se todos nós prevemos ser um Mountain Berry Fizz 2.0, com uma vida curta nas prateleiras.

Depois de outro breve segundo, me concentro no penhasco com meu pai.

A tensão está quase desaparecida, e ele mantém o braço em volta dos meus ombros. O sistema hidráulico quase se abre de novo.

Em questão de minutos, Ryke escala a rocha com velocidade e precisão.

Seis metros de altura. Então quinze. Ele está no topo mais rápido do que aquelas pirâmides engarrafadas provavelmente demoraram para serem construídas. Com o peito suado e o cabelo penteado para trás, ele toma outra garrafa inteira de Ziff novamente.

A multidão ruge de entusiasmo. É um momento perfeito para fotos, um anúncio brilhante para uma revista ou um comercial. Todos gritam e aplaudem. Até meu pai. Com um sorriso orgulhoso, suas palmas batem juntas.

Ele gosta do Ryke. Ele pode não querer ele com a Daisy. Mas é difícil não admirar a bravura dele. Ele desafia o impossível toda vez que escala.

Eu tento soltar um suspiro, mas falha no momento em que Ryke começa a colocar um arreio, se preparando para fazer o rapel até base. Ryke mencionou uma vez que a parte mais perigosa da escalada não é a subida, mas sim a descida. Então meu estômago revira tudo de novo.

E então ele começa a fazer o rapel.

Para baixo.

E para baixo. E para baixo.

Quando uma grande rajada de vento sopra, toda a multidão parece se calar ao mesmo tempo. Mas isso não é nada para Ryke. Dentro de segundos, ele toca a grama com segurança. Então ele tropeça em seus próprios pés e coloca as mãos na rocha atrás de apoio.

Eu não consigo entender o que há de errado.

Daisy corre até ele, e quando Ryke levanta a cabeça, percebo a cor perdida em seu rosto.

Eu me vejo caminhando rapidamente em direção a ele com meu pai, e sinto Lo, Connor, Rose, Sam e Poppy atrás.

Se Lo não estivesse com o Moffy, ele provavelmente iria correr até seu irmão, mas todos acabam cercando Ryke no mesmo momento. Ele está debruçado com as mãos apoiadas nas coxas.

— Me dê... a porra... de um minuto. — Ele respira pesadamente pelo nariz.

— Você está muito pálido, — diz Lo, preocupação se espalhando em seu rosto. — Foi tão difícil de escalar?

Ryke balança a cabeça repetidamente. E então me atinge. Ele bebeu duas garrafas de Ziff: repugnante, podre, Sangue Squall, Ziff.

A náusea volta para suas feições e ele engasga.

— Tudo bem, vamos nos afastar um pouco. — Meu pai acena para todos nós nos afastarmos de Ryke. — Lhe dar algum espaço...

Ele vomita, uma avalanche de líquido azul.

Em cima dos saltos da Rose.

— Puta merda, — Lo amaldiçoa.

Rose fica horrorizada e imediatamente fecha os olhos. — Isso não está acontecendo. *Isso não está acontecendo*. — Ela inala com força, as clavículas

salientes.

Com as sobrancelhas atadas em preocupação, Connor se move rapidamente, me entregando Jane, que começa a chorar como uma banshee.

— Connor! — Rose chama, permanentemente fixa na grama, se recusando a se mover, abrir os olhos e ver a bagunça em seus pés.

Em segundos, Connor levanta Rose em seus braços, a embalando enquanto ela tenta exalar normalmente. Mais do que apenas ter um bom par de saltos destruídos, o TOC de Rose está entrando em ação. Os lábios de Connor escovam sua orelha enquanto ele fala fluentemente em francês, a levando para o banheiro mais próximo.

Tenho certeza de que meus olhos ainda estão arregalados. Eu vejo Ryke tropeçar novamente, mas Daisy o segura pela cintura por trás, o mantendo na vertical. E dessa vez, ele vomita para o lado.

— Ryke, por que você está doente?! — Um repórter grita. Os flashes da câmera brilham como fogos de artifício.

Eu balanço Jane em meus braços enquanto ela chora pela sua mãe e seu pai.

Sam tenciona e diz ao meu pai, — Devemos afastá-lo das câmeras.

— Não, não. — Meu pai descansa uma mão no ombro do Sam. — A saúde dele vem em primeiro lugar. Vá encontrar os médicos. Traga-os para cá o mais rápido possível.

Sam acena uma vez antes de sair com a Poppy.

— Jane, shh, — eu sussurro. Onde está o leão dela? Ai meu Deus. Ela não deixou cair o leão no vômito. Procuro rapidamente, mas não consigo encontrá-lo em lugar nenhum.

Lo vem para o meu lado, mantendo o olhar no irmão que respira devagar.

Um funcionário da Fizzle entrega uma água para o Ryke e ele toma pequenos goles.

— Que dia estranho, — Lo sussurra.

— Sim, — eu aceno, Jane ainda chorando no meu ouvido. *Meu pai se desculpou comigo.* Eu não posso dizer as palavras agora, mas eu sei que vou dizer depois. É uma frase que eu nunca esperei receber. Definitivamente não hoje, de todos os dias.

Mesmo com bebês em nossos braços e caos ao nosso redor, tenho a sensação de que somos os pilares.

O tipo de pessoas em que os outros podem se apoiar.

LOREN HALE

Chuva forte bate contra as janelas do quarto do Connor, o vidro embaçado por causa da tempestade da tarde. Meu humor de merda parece muito com o clima. Minha garganta está áspera, meus dedos tremem enquanto leio o email impresso em minhas mãos.

Eu esfrego minha boca com meu bíceps. — Onde você conseguiu isso? —

Eu pergunto, minha voz vazia. Eu não consigo sair da beira da cama dele.

Connor se inclina contra a parede, tendo problemas para mascarar suas emoções. Linhas desassossegadas atravessam sua testa. — Eu tenho minhas fontes, — diz ele suavemente.

Lágrimas queimam meus olhos, ameaçando cair e encharcar o papel. Uma parte de mim quer gritar, chorar, deixar tudo queimar, mas ela fica firme dentro do meu peito. Comendo de dentro para fora.

Ryke se senta na penteadeira da Rose, seus pés descalços descansando no banquinho forrado de veludo. Sem levantar minha cabeça, posso sentir o calor da preocupação do meu irmão. — Lo...

Eu amasso o papel em um punho e fecho meus olhos.

— Lo, — Ryke repete, seu tom profundo. — Isso não me incomoda, caralho. Devemos apenas ignorar isso como sempre fizemos.

Minha perna balança. Esses dias são os mais difíceis. Os que me fazem esquecer todos os meses que passei sóbrio. Os que não dão a mínima sobre o amanhã ou ontem - os que só pensam no *agora.* E agora estou com tanta...

dor.

Isso não é só sobre você, — digo a ele. Eu aperto o artigo, um pré-

lançamento enviado para o e-mail do Connor. A hora do artigo está marcada

para amanhã de manhã.

Em menos de trezentas palavras, eles difamam um teste de paternidade legítimo. Eles apontam como o Maximoff tem cabelos castanhos escuros.

O cabelo do meu pai.

O cabelo do *Ryke*.

Eu tenho cabelos castanhos mais claros, uma cor compartilhada com a

minha mãe biológica. O artigo se estende e distorce a verdade em uma mentira repugnante e feia. Mais cedo, Connor disse, — As pessoas acreditam no que querem acreditar, e nenhuma prova mudará os ideias preconcebidas teimosas.

Sua visão cínica sobre a humanidade pode estar certa, mas isso não é sobre os sentimentos do Ryke. Não é sobre meus sentimentos. Eu aprendi a suportar falsas acusações. Eu consigo aguentar isso. A dor no meu estômago não é por mim. Ou até mesmo pela Lily.

Toda a agonia que corre pelo meu corpo, afiada e implacável, pertence a um menino de dois meses no quarto ao lado.

Eu aperto a ponte do meu nariz enquanto as emoções se agitam. — Eu não quero meu filho confrontando merda assim *todos os malditos dias…* —

Minha voz se quebra, e eu respiro fundo. Eu desamasso o artigo, minha visão muito embaçada para ler as palavras. Mas eu dobrei o papel em três desta vez. — É ruim o suficiente que ele tenha que viver sob um microscópio. Ele não deveria ter que responder a nenhuma pergunta sobre quem é seu pai verdadeiro.

Com uma pedra na garganta, me levanto da cama, meus pensamentos já estão no lugar. Eu não posso contar a Lily sobre isso. Eu não quero ter que contar. Eu exalo profundamente e enfrento Connor. — Eu preciso de um favor. — Meus ombros se tensionam. Eu raramente peço favores para ele, e sei que Connor Cobalt atribui um milhão de amarras a um único favor. Ele faz algo

por você; você faz algo por ele.

É assim que funciona.

— Para você, querido, qualquer coisa, — ele sorri genialmente, mas eu vejo tristeza em seus olhos azuis. Ou talvez seja só a minha.

Ryke interrompe, — Você nem ouviu o maldito favor ainda. Mantenha em suas calças, Cobalt.

— Só para você saber, seu ciúmes me mantém aquecido à noite, — diz Connor e depois pisca.

Ryke mostra o dedo do meio para ele.

Eu não posso nem me juntar à nossa provocação habitual. Estou apenas tentando sair dessa areia movediça. No momento em que Connor volta sua atenção para mim, eu me preparo para uma rejeição. Mas ele espera que eu fale primeiro.

— Eu preciso que você faça as pazes com o meu pai, — eu digo.

Connor não pisca. Ele não fala nada também.

Eu continuo, na esperança de convencê-lo sem ter que implorar como uma criança implora a um pai. — Ele pode enterrar isso, — eu explico, passando o papel dobrado para ele. — Mas você tem as fontes.

Connor guarda o papel no bolso. — Eu não acho que vai ser tão fácil assim, Lo.

— Você pode tentar? — Meus olhos queimam. Essa é minha única opção.

Meu melhor amigo e meu pai. Essa é a minha última carta. Eu tenho que jogá-la. Mesmo que sejam apenas rumores, mesmo que sejam descartados em algumas semanas, é um rumor que eu *nunca* quero que o Moffy ouça.

Nem sequer uma vez. Eu quero que ele cresça sem um fragmento de dúvida que eu sou seu pai. Há um futuro para ele que é feito sem dificuldades e sem

julgamento.

Eu sei que esse futuro não é dele. Não importa o que eu faça, haverá câmeras apontadas para o rosto dele. As pessoas farão perguntas. De novo e de novo e de novo. Até seus ouvidos doerem. Haverá um dia em que ele descobrirá que sua mãe é viciada em sexo. E haverá um momento em que ele será ridicularizado por isso.

Mas há outro futuro que é cheio de promessas e certeza, mesmo com o conhecimento do nosso passado. É *esse* futuro que estou tentando obter. É o futuro em que ele sabe que foi concebido a partir do amor.

Que nada nem ninguém pode desviá-lo dessa noção. Porque nada nem ninguém pode colocar essa dúvida em sua cabeça.

Eu não posso mudar as crenças de outras pessoas. Mas eu posso impedi-las de espalharem suas mentiras.

Eu só preciso de ajuda.

Eu não sou muito orgulhoso e nem estou com vergonha de pedir por isso.

Depois de um longo momento, Connor se afasta da parede. Quando seus olhos azuis voam para os meus, ele diz, — Eu dirijo.

LOREN HALE

O caminho até a casa do meu pai é curto e sem guarda-costas. Nós não tivemos tempo para ligar para eles, não quando a casa dele é fechada. Meus pensamentos correm. Caminhos diferentes. Opções diferentes. É possível que meu pai possa se recusar a ajudar, apenas com base em que ele teria que trabalhar com Connor.

Eu rejeito essa teoria. Meu pai pode ser vingativo, mas quando se trata de sua família - quando se trata de *mim* - ele faria quase qualquer coisa. Eu agarro esse pensamento bem forte enquanto Connor diminui a velocidade do Escalade e abaixa a janela.

— 103190, — digo o código de segurança, e ele digita no teclado. Logo em seguida, o portão de ferro geme, abrindo.

Ele estaciona. A mansão do lado de fora da porta do carro.

Ryke hesita no banco do passageiro, e então ele se vira para mim no banco de trás. — Isso pode não funcionar. E tudo ficará bem se isso não acontecer.

Moffy não terá uma vida ruim. Todos nós vamos protegê-lo dessa merda da mídia.

Ele está tentando me preparar para o pior. Mas prefiro olhar para um futuro melhor do que agonizar sobre o mais sombrio. Eu não vou sentar aqui e me atormentar.

Eu não digo nada. Eu só saio do carro, o ar frio enchendo meus pulmões.

Eu levo Connor e Ryke até a porta da frente, um batente de metal de leão na madeira preta. Me atrapalhando com a chave, eu finalmente coloco na fechadura e entramos na mansão do meu pai.

Eu limpo minha mão úmida no meu jeans e desço o corredor. São três da tarde de um domingo. Meu pai pode estar em qualquer lugar, mas tenho certeza que ele está aqui.

Eu espio em todos os cômodos. Querendo, desesperadamente, terminar a busca o mais rápido possível.

Quando me aproximo do seu escritório nos fundos da casa, ouço a voz dele e de mais ninguém. Como se ele estivesse falando ao telefone.

— Eu sei que ela passava a noite na minha casa, Greg. Eu não estava cego na época, porra. — Meu sangue fica gelado. Ele está falando da Lily. Eu sei que está.

Paro a meio caminho da porta aberta, o corredor com a luz fraca e, enquanto escuto, observo as fotos emolduradas na parede. Eu quando bebê.

Eu, quando criança. Eu e Lily crianças. Eu e Lily pré-adolescentes.

— Você sabia que meus métodos parentais eram mais relaxados que os da Samantha. Eu não ia ficar em cima deles. Se algum de vocês tivesse um problema com isso, vocês deveriam ter mantido ela em sua casa. — Ele faz uma pausa. — Ah, vamos lá, Greg, pare de se culpar. Você é um pai bom pra caramba. — E então ouço o som de cubos de gelo tilintando contra vidro. —

Todos nós cometemos erros.

Aquele som.

Gelo contra vidro. Isso arranha meus ouvidos como unhas. Memórias me inundam em uma escuridão nebulosa. Sombras preenchendo partes de mim.

Eu praticamente posso sentir o copo de cristal na minha mão. E eu posso visualizar um na mão dele. Não apenas com água e limão.

Tem que ser.

Eu tenho que acreditar que é. Ele está sóbrio. Meu pai *está* sóbrio.

Ryke coloca a mão no meu ombro. Eu não posso me mexer. Algo cimenta meus pés nesse lugar. Talvez o medo.

— Todos nós sabíamos que eles iam acabar juntos. Cristo, era a Lily e o

Loren. Como diabos nós deveríamos saber que ela se tornaria uma viciada em sexo? A melhor vidente não teria previsto essa porra.

O tom da voz dele está afiado, *muito* afiado.

Ele está sóbrio.

Meus dentes doem e percebo que não posso me esconder atrás dessa parede para sempre. Meus pés se movem antes da minha mente. Eu dou um passo à frente e a mão do Ryke cai do meu ombro. Quando eu entro no escritório do meu pai, eu sou puxado mais profundamente nas memórias.

O sofá de couro, os armários de madeira escura, a mesa organizada, o computador, a televisão de tela plana - é o lar de uma noite que nunca vou esquecer.

Eu tinha quatorze anos e tinha brigado com meu pai naquele mesmo corredor. Quando voltei para a sala, Lily estava esperando timidamente no sofá, nosso programa de ficção científica parado na TV. Nós sempre fomos mais do que apenas amigos.

Nós éramos *melhores* amigos.

Ela tinha tudo de mim até então. Eu tinha a maior parte dela.

E eu deixei Lily afogar minha dor com um beijo. E então algo mais. Eu perdi minha virgindade aqui. Bem *aqui.* No tormento da minha infância fodida.

Por anos, eu evitei esse escritório. Como se contivesse cada sentimento calejado daquela noite. Eu posso andar aqui agora e não ser puxado para baixo. Eu acredito nisso.

Eu tenho que acreditar.

No minuto em que entro no escritório, me concentro no meu pai, que olha pela grande janela. A chuva desliza pelo vidro. Sua mão direita segura um copo...

Eu congelo na metade do caminho até ele. — Pai?

Ele se vira devagar e não é um engano - o que vejo. O líquido âmbar flutua no copo de cristal. Uísque. A garrafa está em sua mesa, ao lado de uma caixa de charutos e uma pilha de papéis recortados. Eu me forço a levantar o meu olhar para o dele.

Seus olhos estão estreitos, afiados e sombrios. Distante demais. A diferença é fácil de perceber agora que o vi sóbrio.

— Greg, — ele diz em seu celular. — Eu vou ter que ligar de volta mais tarde. — Ele aperta um botão em seu celular e o joga violentamente em sua mesa. Cai e bate no carpete.

Ele mexe sua bebida, nem mesmo fingindo que é outra coisa.

— Deixa eu adivinhar, — eu digo bruscamente, — é só água?

— Macallan 1939, — ele responde. E então ele dá um longo gole, praticamente me dando um tapa no rosto. Eu balanço para trás, mas nossos olhos frios nunca se separam. Ele tenta me dar aquele olhar - aquele em que ele diz *Você é só uma criança. Cresça.*

Mas eu cresci.

Eu sou mais adulto do que ele.

— Qual é o seu problema, *porra*? — Ryke grita, seu rosto vermelho-sangue enquanto ele vai mais para frente. Eu empurro ele para trás antes dele se aproximar.

Connor até ajuda, agarrando o bíceps de Ryke e o forçando a ficar do nosso lado. Antes dele gritar e reacender discussões antigas, eu só quero respostas simples.

— Quanto tempo? — Eu pergunto ao nosso pai, um tremor na minha voz.

— Há quanto tempo você está bebendo pelas nossas costas?

Ele prolonga a resposta com outro gole de uísque. Seu sorriso de satisfação é o que mais me irrita. A maneira como seus lábios se curvam. Como se fosse

engraçado que ele está bebendo. E eu não estou.

Isso é tudo que preciso. Eu simplesmente explodo.

Eu corro através do escritório antes de poder processar meus movimentos.

E eu me esforço para tirar o copo de seu aperto de ferro. Em algum lugar na minha cabeça, eu estou pensando: *se eu tirar o copo dele, então isso acaba.*

Mas não acaba assim. Eu sei melhor que isso.

— Loren! — Ele grita e empurra meu ombro. Com duas palmas, eu o empurro de volta ainda mais forte. Ele tropeça até a janela e agarra um vaso na altura da cintura para se apoiar.

Eu nunca fui físico com ele, não assim. Mas eu estou gritando por dentro.

Desapontamento e dor esmagam tudo. Eu dou alguns passos em sua direção e tento remover o copo novamente, mas ele o levanta acima da cabeça.

— Pare de agir como um merdinha! — Ele grita. — Converse comigo como um homem crescido.

Minha garganta está pegando fogo. — Como você pai? Conversar como você?! Você é um homem crescido? — Eu aponto para o peito dele. — É isso que você é? — Eu engulo um tijolo. — Quanto tempo? Quanto tempo você tem mentido pra mim, porra?! — Meu rosto se contorce com muita dor.

Eu entendo.

Eu entendo recair. Eu sou um mestre nisso. Eu também entendo fingir e mentir. Come pedaços vitais de você, mas destrói as pessoas que você ama.

Estou à mercê disso.

Eu estou do outro lado. Fragmentos de um antigo eu.

— Se controle e nós vamos conversar, — meu pai diz com desdém.

— Vai se foder! — Esse é o Ryke. Ficando atrás de mim. — Você é uma desculpa triste e patética para um pai. E eu *acreditei* em você quando você disse que iria tentar, porra. — Ele pega a garrafa de uísque. — O que é isso?

— A dor em sua voz silencia meu pai.

Ele fica estranhamente quieto.

— O QUE É ISSO?! — Ryke grita novamente.

Meu pai se encolhe e fecha os olhos.

Com pulmões crus, cada respiração vem com dificuldade pra mim. Minha cabeça gira, mas eu pergunto ao meu pai mais uma vez. — Quanto tempo?

Suas pálpebras se abrem. E seu olhar vazio encontra o meu. — Desde o

aniversário da Daisy no iate.

Náusea cresce. Isso foi há *meses* atrás. Uma vida inteira atrás.

Ryke ri com raiva, que se transforma em um grito. Ele arremessa a garrafa na parede e ela se quebra, o álcool escorrendo pela tinta. Ele destrói a estante mais próxima, derrubando livros e destruindo uma prateleira. Sua raiva sempre esteve em seus punhos.

A minha reside em outro lugar.

— Parabéns, — eu digo secamente. — Você é melhor mentiroso do que eu.

Ele levanta o copo como se estivesse brindando às minhas palavras.

— Para, — eu digo a ele antes que ele pressione o copo nos lábios, pânico me invadindo. — Apenas pare, pai. Você sempre pode tentar novamente. Não acabou.

Ele balança a cabeça como se eu estivesse errado. Eu sempre estive errado.

— Acabou para mim, filho. Eu não vou fingir mais. — E então ele termina

seu copo.

Ryke se agacha, respirando pesadamente, e então ele se ajoelha. Ele não pode olhar para o nosso pai. Ele sabia - no começo, eu acho - que se nosso pai recaísse, ele não poderia ser convencido a tentar novamente.

É mais difícil na segunda vez. Eu sei disso. Eu já estive lá. — Por favor, —

eu imploro. — Eu sei que não parece agora, mas você consegue fazer isso. —

Eu pareço patético, a pior parte de mim acredita. Eu me recuso a ceder a essa parte. Isso está certo. O que estou dizendo está *certo.*

— Você não entende, — meu pai me diz em uma voz controlada. — Eu não *quero* tentar novamente. Então pare de implorar como um...

— Ok, — eu o interrompo, sem esperar pelo fodido insulto que eu não mereço. Eu não posso desistir dele. Ryke não desistiria de mim. Mas eu não estou preparado para ser um padrinho de sobriedade.

Meu pai coloca o copo vazio na mesa e encontra um novo alvo do outro lado da sala. Seu olhar penetrante pousa em Connor. — Loren sabe as coisas fodidas que você fez no seu passado? — Pergunta ele. — Ou melhor ainda...

quem você fodeu. — Sua sobrancelha se levanta e suas feições escurecem em desgosto.

— Isso não é sobre mim, Jonathan, — responde Connor com facilidade. —

Desviar do problema aqui não ajudará você.

Ele solta uma risada fraca e maníaca. — *Nada* vai me ajudar. — Ele abotoa o paletó com uma mão trêmula, uma que quase coincide com a minha. — Em

menos de um ano, eu não vou estar aqui. — Ele se vira para Ryke, que tem molduras quebradas do lado dos joelhos.

Meu irmão deve sentir o calor do olhar de nosso pai porque ele levanta a cabeça.

— Você pode parar de agredir minhas coisas e celebrar, — diz o nosso pai.

— Seu querido velho e *patético* pai estará morto. Uhuul.

Meus lábios se separam em confusão. — Do que você está falando? — Ele não está fazendo sentido.

— *Isso*. — Ele aponta para o copo na mesa. — Me matou. Ou *vai* me matar. — Ele me lança um sorriso sombrio e agitado. — Recebi a notícia algumas semanas antes da viagem de iate. Doença hepática. Cirrose. Não reversível.

Antes de minhas pernas cederem, eu atordoadamente encontro o sofá e afundo no assento de couro. O peso de suas palavras silencia a sala. Eu esfrego meus lábios enquanto processo sua declaração.

Ele está morrendo.

Eu engasgo com uma risada de dor. Ele está realmente morrendo.

O único pai que já me amou. A única pessoa que me deu uma chance na vida. Ele vai embora? Simples assim.

Eu ouço sua voz. — Pare de chorar, Loren. Não seja um bebê.

Eu enxugo meus olhos, meu estômago revirando com suas palavras.

— Vai se foder, — Ryke diz com desprezo. Ele se levanta. — Você diz a ele que você está morrendo e então no minuto seguinte você diz uma merda assim? Quem diabos você é? — Connor chega ao lado do Ryke e coloca a mão em seu ombro, em parte para contê-lo, eu acho.

Meu pai faz uma careta para o líquido escorrendo pela parede, tenho certeza que desejando que estivesse tudo em seu copo.

Eu aperto minha mão que treme brutalmente. Eu praticamente posso sentir o álcool escorrendo pela minha garganta seca. A amargura e o poder. Tudo em um.

Eu expiro. — Se você tem doença hepática, você não deveria estar bebendo.

— Ele não pensou nisso? Meu médico me educou sobre o assunto, até me sentou com um nutricionista para criar um plano de saúde pós-recuperação. Mas não é preciso essa formalidade para ver o óbvio.

— Eu vou morrer de qualquer maneira, — diz ele com raiva. — Posso muito bem me deleitar com os poucos luxos da vida. Uísque e mulheres.

Mulheres. A palavra se destaca para mim. — É por isso que você vem

trazendo acompanhantes para funções? — Eu pergunto. Por que ele tem escolhido mulheres com metade da sua idade? Por que ele nem tentou esconder essa parte de sua vida de mim.

— Estou aproveitando a companhia enquanto posso, — ele admite.

Eu balanço minha cabeça, pesada, mas está começando a clarear. — Tem que haver outras opções.

— Não há. — Ele rejeita imediatamente.

— Que tal um transplante de fígado? — Eu pergunto, sabendo que essa estrada existe.

Ele ri. — Estou tão longe na lista de transplante que você mal consegue ver meu nome. Há algumas coisas que o dinheiro não pode comprar.

Ele está esquecendo uma coisa. — Eu tenho o mesmo tipo sanguíneo que você. Nós seríamos compatível...

— Não.

Isso é tudo o que ele diz.

Eu faço uma careta. — Como assim, *não?* — Eu me levanto, minhas veias bombeando. — Isso poderia salvar sua vida e você vai dizer não?

Ele olha para mim, bem nos olhos, sem recuar. — Você não está fazendo isso por mim. — Então isso é orgulho? Compaixão? Eu não entendo.

— Você não pode decidir isso, — eu digo. — Se eu quiser ser doador, eu vou ser seu doador.

— Você quer tentar, então tente, — meu pai combate. — Seu fígado está em otima forma, tenho certeza.

— Está melhor, — eu argumento. Como a maioria dos alcoólatras, eu costumava ter doença hepática gordurosa. Mas melhora com a dieta correta e sobriedade. Eu estou saudável há quase um ano. — Eles só precisam remover uma parte, certo? — Eu me viro para o Connor atrás de confirmação.

Ele acena com a cabeça uma vez. — Não é uma recuperação fácil, Lo.

Essa é uma grande cirurgia.

Eu não me importo. É a vida e a morte, e eu não vou ficar parado assistindo meu pai morrer. Eu não posso fazer isso, não importa o quão horrível ele possa ser. Ele merece uma segunda chance. Todo mundo merece outra fodida chance. Eu vou dar uma a ele.

Meu pai abre a boca para protestar novamente, para me dizer *não.* Estou farto dessa palavra.

— Eu vou fazer isso, — eu digo primeiro. — Você está sempre me dizendo como você salvou a minha vida. — Ele me quis quando a minha mãe

não. — Eu quero salvar a sua.

Ele pisca algumas vezes. Não é como se ele decidisse de repente. Ele fica lá e olha para mim, como se fosse uma competição para ver qual de nós desiste primeiro.

Eu não me movo. Eu poderia ter me movido se fosse um ano ou dois atrás.

Talvez até cinco meses. Ryke teria sido quem iria rivalizar com Jonathan Hale. Quem iria enfrentá-lo. Quem iria calá-lo.

Agora é minha vez.

Eu nunca recuo ou dou a ele uma saída fácil porque eu o amo. Eu o amo, então vou dar a ele uma saída difícil, a melhor. Como Ryke sempre fez comigo.

— Você parece diferente, — diz meu pai. O medo brilha em seus olhos... a coisa mais humana que eu já testemunhei dele.

— Estou mais velho, — o lembro.

Ele balança a cabeça, assim como a Lily fez antes. — Não é isso, filho, —

diz ele em um sussurro.

Eu sei. Eu me sinto diferente.

Ele respira fundo, controlando suas emoções. Então, um ou dois minutos depois, meu pai finalmente vai até sua mesa. Ele se agacha atrás de uma gaveta e ouço garrafas tilintando umas nas outras. Ele se levanta com quatro garrafas de uísque. Meu pai alcoólatra, que passou mais dias com bebidas alcoólicas do que sem, joga seus uísques em uma lixeira próxima.

E ele se afasta deles. Vindo na minha direção.

Eu solto um longo suspiro. Quando eu me viro para procurar Ryke, acho que ele ficará feliz com a escolha do nosso pai. Mas ele não está aqui. Eu me viro, procurando pela sala. Ele provavelmente está do lado de fora. Onde ele pode respirar.

Vou conversar com o Jonathan sobre a nossa situação, — diz Connor, me lembrando sobre o porquê de termos vindo em primeiro lugar. — Você deveria ir encontrá-lo. — Ryke, ele quer dizer.

Hesito em deixar Connor sozinho com meu pai, que já parece agravado com a idéia de conversar com ele. Eu prefiro não empurrar meu pai para as quatro garrafas de bebida que ele acabou de jogar fora.

Mas estou muito preocupado com Ryke para ficar aqui.

Minha decisão é fácil.

LOREN HALE

Eu encontro o Ryke na garagem. A chuva parou. Sem as chaves do carro do Connor, ele fica esperando do lado do Escalade. Ele está sentado na beira da calçada - onde o cimento encontra a grama. Seus joelhos estão dobrados em seu peito, seu rosto enterrado em suas mãos.

Meu pulso acelera. — Ei, — eu digo baixinho, me aproximando do meu irmão mais velho.

Ele passa os dedos pelo cabelo, mas ele nunca olha para cima. Seu olhar transfixa no chão.

— Está tudo resolvido, — digo a ele.

Ele sacode a cabeça uma única vez, e seus dedos apertam o cabelo castanho espesso.

Eu esfrego a parte de trás do meu pescoço. — Eu sei que você não gosta dele... e você provavelmente não quer que eu seja o doador. Mas eu não posso simplesmente deixá-lo morrer.

Seus olhos ficam vermelhos e sua mandíbula endurece. Eu estou dizendo as coisas erradas. *Cristo.* O que eu digo? Ryke não é igual a mim. Ele não pensa como eu. Ele nunca pensou. É por isso que tivemos muitas brigas. Por que demorou anos para construir nosso relacionamento. Estamos sempre em páginas diferentes. Capítulos diferentes da mesma história.

Eu me mexo desconfortavelmente, me perguntando se eu deveria me abaixar para consolá-lo. Ou ficar de pé, me elevando acima do seu corpo. Eu acabo ficando congelado no lugar. — Ryke… — Eu sufoco seu nome.

Seu nariz se inflama e ele solta um suspiro pesado. Suas mãos caem para os lados e ele finalmente levanta a cabeça. Lágrimas que ele não consegue enterrar estão em seus olhos. — Ele nos disse que estava morrendo, — diz ele, com a voz trêmula, — e a primeira coisa que senti foi *alívio.*

Eu vejo a água rolar pelas suas bochechas.

— Isso é doente, — ele respira. — De verdade, doente pra caralho. — Ele gesticula para mim. — Você é quem deveria ficar aliviado. Foi você quem ele abusou. Foi você quem teve que viver com ele. — Sua garganta balança.

— Mas você nem hesitou em ajudá-lo, mesmo quando ele não pediu pela sua ajuda. — Mais do que vulnerável, Ryke olha diretamente para mim, seu queixo tremendo e seu olhar destruído.

Eu pessoalmente o vi assim duas vezes antes. Quando ele soube que sua mãe o traiu, divulgando o vício em sexo da Lily para o público. E então em Utah. Quando brigamos um com outro com nossos punhos. Quase um ano atrás.

E então ele diz, — Você sempre acha que é o cara mau, Lo. Mas você não é. — Ele abaixa a cabeça. — Você não é, porra. — Ele enterra o rosto em seus joelhos dobrados novamente.

Dessa vez, minhas articulações funcionam e eu me sento ao lado do meu irmão. Eu envolvo meu braço em torno de seu ombro tenso que estremece com seu corpo.

— Eu conheço ele melhor do que você, — eu defendo. — É por isso que eu quero ajudá-lo.

Ryke fica quieto por um minuto. — E se você não puder, Lo? — Ele pergunta em um sussurro. — O que acontece depois?

A parte inferior do meu estômago quase cai. Eu não quero pensar nisso.

— Porque você sabe que há apenas uma outra opção. — Ryke olha para as mãos calejadas, resíduo de giz na palma da mão. — E eu não sei se posso fazer a mesma escolha que você.

Eu fecho meus olhos molhados e aperto seu ombro como se dissesse *está tudo bem.* Há uma boa chance de ele compartilhar o mesmo tipo sanguíneo que eu e meu pai. Mas eu não pedirei ao Ryke para ser o doador do nosso pai.

Isso é demais. Ele já fez o suficiente.

— Está tudo bem, — digo as palavras em voz alta.

— Mas não vai ficar, — Ryke refuta, engasgando com um soluço. — Você e eu sabemos que não vai. Porque no fundo da sua mente, todo dia que você tiver que olhar pra mim, você vai pensar a mesma coisa.

— Não, — eu digo a ele, balançando a cabeça inflexivelmente. *Não, eu não vou.*

— Você vai pensar que eu matei ele, — ele termina. Ele engole em seco novamente. — E eu pensei que o meu relacionamento com a Daisy que iria arruinar você e eu.

— Pare, — eu digo, o sacudindo um pouco. Meus dedos cravam em seu ombro. E eu sinto suas lágrimas caírem na minha mão. — Isso não vai acontecer, Ryke. — *Não vai acontecer.*

Mas em algum lugar em sua mente, ele está duvidando de tudo. — É...

vamos ver.

{ 56 }

LILY CALLOWAY

Pela décima vez, Lo verifica seu celular, com a mente longe, *longe* dos quadrinhos que estão em sua mesa. Eu o acompanhei até o escritório da Halway Comics, acima de Superheroes & Scones. Ele pediu.

Eu posso dizer que ele anseia pela solução rápida, mesmo que seja a mesma coisa que está destruindo seu pai.

Maximoff dorme no seu bebê conforto, e eu abaixo um velho quadrinho dos *Novos Mutantes* e me levanto do sofá azul. Com cuidado para não acordá-lo.

— Quando eles disseram que ligariam? — Eu pergunto a Lo, descansando minha bunda em sua mesa.

— Hm? — Suas sobrancelhas se franzem enquanto ele olha para o quadrinho independente. Ele está na mesma página há dez minutos. Lo é um leitor lento, mas não *tão* lento assim.

— O hospital, — eu esclareço, cutucando o braço dele com o meu dedo. —

Quando eles vão ligar? — Ele fez o exame essa manhã. Para ver se ele seria elegível para a doação de fígado. A cirurgia me assusta, mas eu apoio o Lo não importa o quê. Seu sofrimento emocional seria mais difícil de assistir do que qualquer recuperação do transplante.

— Hoje ou amanhã. — Ele empurra a cadeira giratória para longe da mesa e gira para mim. Ele estende uma mão e agarra meu quadril. Eu sorrio enquanto ele me guia para seu colo. Eu me encontro em cima dele.

Uma posição muito boa, de fato.

Ele tira meu cabelo do meu rosto, seus dedos roçam minha pele com leveza e cuidado. — Eu sei que você está nervosa sobre isso, Lil, — ele respira. — Mas tudo vai ficar bem.

A porta do escritório de repente se abre, e ao mesmo tempo que eu me viro, a

porta se fecha, a pessoa fora de vista.

— Eu sinto muito! — Maya grita do outro lado. — Eu deveria ter batido...

Lo dá uma risada, uma cheia de humor de verdade. E ele sussurra para mim, — Ela está carregando cerca de dez martelos do Thor de plásticos.

Eu sorrio com *essa* imagem da minha gerente de loja super nerd. Ela também comprovou sua lealdade ao não compartilhar informações pessoais com a imprensa.

— Está tudo bem! — Eu grito para ela.

Lo beija minha bochecha antes de eu sair de cima dele. — Você não está vermelha, — ele afirma como um fato.

Eu olho para os meus braços. Nenhum cotovelo vermelho. Nenhuma irritação. Eu dou um sorriso brilhante. — Meus superpoderes estão...

— Entrando em ação? — Ele termina para mim, seus olhos âmbar hipnóticos bem nos meus. Seus lábios puxam para cima.

— É um superpoder ruim, não é? — Pergunto enquanto me dirijo à porta.

A capacidade de evitar ficar vermelha da cabeça aos pés, não é muito grandioso ou épico, mas pelo menos é algo. Certo?

— Horrível, — ele brinca. — Você é melhor que isso, amor.

Eu sorrio. — Eu sou?

Ele concorda com a cabeça. — Definitivamente.

Com esse bom impulso de confiança, abro a porta. Maya permanece com um monte de martelos de Thor no braço. Seus óculos caíram para a ponta do seu nariz e seus cabelo preto frisado como se um relâmpago tivesse a atingido. — Eu sinto muito, Lily, — ela pede desculpas novamente, seus olhos permanentemente alarmados em terror.

“— Nós não estávamos fazendo nada, — eu digo a ela rapidamente. Calor se acumula no meu pescoço, um calor *vermelho*. Droga. Isso durou pouco tempo. — Você precisa de ajuda? — Eu aceno para a mercadoria que ela está segurando.

— Isso? Não, não, eu consigo. É só que… — Ela se inclina e sussurra, —

Tem uma garota que fica perguntando pelo Lo. Ela tem vindo aqui faz duas semanas e diz que continuará voltando pelo tempo que for necessário.

Jesus. Eu gentilmente fecho a porta do escritório do Lo, não querendo perturbá-lo. Ele está em um lugar estranho, e eu não acho que ele deveria estar lidando com super fãs.

— Talvez ela fique satisfeita comigo?

Maya acena repetidamente.

Deixo Moffy com o Lo e desço a escada sinuosa até a sala de descanso da Superheroes & Scones. Alguns funcionários se animam quando me vêem. Eu não venho aqui desde que meu filho nasceu, e é mais fácil se comunicar por e-mail ou telefone.

Entrar na loja será como entrar em uma versão do lado de fora, um pouquinho menos impetuoso, mas ainda caótico e barulhento. Eu gosto de vir aqui depois de fechar, quando todo mundo se foi. São apenas cabines de vinil vermelhas e prateleiras de quadrinhos. Mas eu corro o risco agora e empurro a porta.

A loja está lotada. Todas as cabines ocupadas por um grupo de pessoas, algumas apenas tomando café, outras lendo também. E as pessoas realmente passam pelas prateleiras, como se estivessem interessadas em quadrinhos e não apenas observando as Calloways.

Isso me faz sorrir.

Embora, no momento em que eu vou para atrás do balcão, uma kitchenette como pano de fundo, cabeças se viraram em minha direção. E a fila do lado

de fora da porta de repente corre para a vitrine da loja. As pessoas puxam seus celulares para fora e começam a tirar fotos. Dentro da loja também.

Eu me encolho só um pouco. Estou acostumada aos olhares constantes agora. Maya está na minha frente, alguns martelos de plástico balançam por suas etiquetas de preço e batem um no outro. — Onde ela está? — Eu pergunto a ela.

Mas no momento em que as palavras escapam, uma garota se levanta do chão perto de uma prateleira de quadrinhos dos *X-Men*. Seus cabelos castanhos claros em uma trança bagunçada, ela coloca uma mochila jeans velha em seu ombro e caminha lentamente em minha direção. Ela arruma os grandes óculos redondos no nariz com as mãos trêmulas e nervosas.

Eu pensei que ela ficaria animada, como as meninas que gritam do lado de fora toda vez que eu olho para elas. Em vez disso, a cor some do rosto dela.

Com o balcão do caixa nos separando, ela não está muito perto. — Oi, —

eu sorrio, mas ela não retribue. Ah... E se ela me odeia e só ama o Lo? Eu não pensei nisso.

— Loren está por perto? — Ela pergunta. — Eu realmente quero vê-lo. —

Ela empurra os óculos novamente.

— Ele está trabalhando, — eu digo franzindo o meu nariz. — É uma droga. Mas eu estou aqui. — Eu sorrio de novo, mas sua careta se aprofunda.

Eu sou uma alternativa de merda para o abdômen sarado e as maçãs do rosto afiadas como gelo de Loren Hale. Daisy também é melhor em conversa fiada do que eu. Mas ela me ensinou algumas coisas através da nossa competição da Hale Co. Elogios te levam longe. — Eu gosto do seu broche, — digo a ela.

— O quê? — Ela pergunta em transe.

Isso não está indo bem. Eu aponto para o broche bem gasto na alça de sua mochila. As palavras azuis estão meio arranhadas, mas eu consigo ler: *Mutante e com orgulho.* Eu acrescento, — *X-Men: Primeira Classe* é um dos

meus favoritos também.

Sua mão aperta a alça e ela ajusta o peso da mochila. — Existe alguma maneira que eu possa vê-lo? Talvez amanhã?

Eu não posso prometer a ela um tempo individual com o Lo. Ele está lidando com tanta coisa que não é um bom momento para apertar a mão de estranhos. Mas eu quero dar a ele a opção. — Eu vou falar para ele mandar um e-mail pra você, — eu digo a ela. — Isso é tudo o que posso oferecer.

Seus ombros se levantam em choque. — Sim, *por favor*, obrigada.

Eu encontro um bloco de notas ao lado do caixa e deslizo para ela com uma caneta. — Anote seu e-mail para mim.

Enquanto ela escreve, os sinos da porta soam e o barulho aumenta. Garotos altos e desagradáveis entram na loja, um grupo de quatro meninos, tropeçando. Um bate em uma foto de papelão do Ciclope, que é simplesmente rude.

Maya geme de angústia ao meu lado. — Eles são terríveis.

Eu franzo a testa. — Eles já estiveram aqui antes?

— Duas vezes. E eles sempre fazem uma bagunça.

Eles não devem ter mais de dezessete anos. Um deles agarra um saco de papel pardo. Eles estão bêbados. Um cara com um capuz preto tropeça e senta em uma cabine não tão vazia. Algumas garotas xingam eles quando elas saem da mesa, e o garoto insulta — Vadias. — Ele até mostra o dedo do meio pra elas.

Meu coração acelera enquanto eu mando uma mensagem para o meu guarda-costas: *Superheroes & Scones precisa da sua ajuda, Garth.* Ele tirou uma folga para ir ao banheiro dez minutos atrás e disse que o chili do Lucky não está caindo bem nele. Eu avisei ele. Eu amo o Lucky, mas o chili de lá nunca é para ser comido.

E então eu mando uma mensagem para o Lo: *Há alguns garotos rudes aqui.*

Como devo expulsá-los?

Quando eu aperto enviar, a garota me entrega o bilhete com o email dela.

Ela parece estar genuinamente interessada em histórias em quadrinhos, por isso não me surpreendo quando ela diz, — Vou ficar por aqui um pouco, se estiver ok pra você? Eu estava no meio do *Complexo de Messias*.

— Claro, — eu digo com um sorriso. Ela lentamente recua para o chão e

para a fileira de quadrinhos do *X-Men*. Eu leio a nota antes de guardá-la: *willowbadaboom33@gmail.com* Meu telefone vibra.

Eu estou descendo com o Moffy e o Ryke. – Lo O que? Não. Eu rapidamente respondo: *Não, eu consigo resolver isso... espera, o que Ryke está fazendo aí?*

Eu liguei para ele quando você saiu. Ele estava na cidade. Eu vou te ver em um segundo. – Lo Antes de eu responder com um mensagem mais forte ou até mesmo processar que o Ryke está aqui, a porta da sala de descanso se abre, e Ryke e Lo emergem. É como se as comportas tivessem sido abertas, gritos histéricos do lado de fora. E a conversa aumenta na loja. Quase todo mundo está com os celulares apontados para nós, exceto os funcionários.

Moffy chora nos braços do Lo como se ele estivesse sendo atacado. Meu coração dispara e eu instintivamente o pego de Lo e o abraço no meu peito.

Lo nem percebe, os olhos dele plantado na cabine dos rapazes bêbados e barulhentos.

— Não acredito nessa porra, — Ryke xinga, seu tom mais chocado do que zangado.

— O quê? — Eu fico boquiaberta.

— Esses são os garotos, — Lo diz com os dentes cerrados, — os que têm nos atormentado.

Ah. *Ah.* Merda.

LOREN HALE

Ryke e eu nos sentamos em cada extremidade da cabine vermelha, bloqueando todos os quatro rapazes de uma saída rápida e fácil. — Ei, — eu digo com o meio sorriso mais agitado.

O adolescente de capuz se senta mais perto da janela e toma um gole da garrafa dentro do saco de papel. Ryke descansa seus antebraços na mesa, ansioso para destruir a garrafa, mas ele se força a permanecer sentado.

A maioria deles estão usando roupas normais: jeans e uma camiseta. Eu não posso estereotipá-los como algo mais do que crianças ricas entediadas.

Algo com o qual estou bastante familiarizado.

Ao lado do Ryke, um rapaz de cabelos pretos fala primeiro, — Onde está seu amigo idiota?

— É, — um ruivo ao meu lado pergunta, — ele vai aparecer e nos dar uma palestra por uma hora?

— Deixa eu adivinhar. — Eu aponto para o ruivo. — Seu sobrenome é Patrick.

Ele cruza os braços e se abaixa no banco. — E daí? — *E daí que o Connor conversou com seus pais e só deixou todo mundo mais irritado.* Agora tem que sair melhor que aquela vez. Mas talvez seja uma causa perdida.

Independentemente… eu ainda planejo tentar.

— Eu não vou te dar uma palestra, — eu começo, mas o rapaz de capuz se inclina para frente.

Ele dá uma risada seca para mim, — Você *não pode* nos expulsar. Nós temos o direito de está aqui como todos os outros. — Ele é o que mais se parece comigo, com cabelo castanho desgrenhado e um rosto suave. O que eu peguei quando eles atiraram em nossa casa com armas de paintballs.

Um rapaz com o cabelo raspado diz, — Sim, é nosso direito da primeira emenda estar aqui.

Eles têm sorte do Connor não estar aqui na Superheroes & Scones. Ele iria destruir essa declaração, e ele provavelmente faria eles se sentirem pequenos.

Ryke revira os olhos dramaticamente. — Vocês todos cheiram como vodka

barata, porra.

— Desculpa, — o rapaz de capuz diz secamente. — Vamos comprar coisas melhores da próxima vez.

— Isso não é o que eu… — Ryke rosna em frustração quando dois deles fazem gestos grosseiros com as mãos e a língua. Ele perde a paciência, e seus olhos voam para mim, pedindo ajuda.

— Qual é, vocês não devem ter mais de dezessete anos, — digo a eles. —

Beber sendo menor de idade é ilegal, então vocês não estão em uma posição de poder aqui. — Eu aceno para o rapaz no capuz. — Qual o seu nome?

— Vai se foder, — ele xinga e, em seguida, muda seus dedos em forma de V para me mostrar o dedo do meio.

Ryke e eu trocamos um olhar que diz isso não vai a lugar nenhum. O pior é que a cabine é pressionada contra uma janela e as pessoas continuam tirando fotos de nós.

— Como foi aquele banho de bourbon? — Pergunta o sujeito de cabelos pretos com uma risada. E então ele bate na mão do seu amigo do outro lado da mesa.

Os olhos de Ryke brilham quentes de irritação. — Você acha isso engraçado?

— Ryke, — eu interrompo e balanço a cabeça.

O rapaz com capuz murmura, — Mariquinha. — Foi direcionado para mim. Cem por cento.

O ruivo dá risada. — Boa, Garrison.

— *Cara*, — Garrison arregala os olhos, seu capuz caindo de sua cabeça. E

quando ele me pega observando, ele praticamente cospe em mim. — O que você está olhando?

— Você, — eu digo, com o mesmo veneno. E a guarda dele abaixa um pouco, dor brilha em seus olhos. O instinto me guia para um novo lugar. —

Aqui está o que vai acontecer. Vocês têm duas opções. —

Surpreendentemente, eles se calam para me ouvir. — Vocês podem parar com as brincadeiras, *nunca* mais voltar à nossa casa. Se vocês estão *tão* entediados assim, eu não me importo em contratar alguns de vocês para trabalhar aqui. Se vocês não querem um emprego, eu entendo. Vocês podem ter descontos em quadrinhos, se é isso que vocês gostam.

Ryke acrescenta, — E eu estaria disposto a ensinar todos vocês a escalar na academia. Mas vocês não podem beber.

— Parece muito divertido, — diz o ruivo com o revirar dos olhos.

Garrison mexe no saco de papel, seu olhar distante na mesa. — E a segunda opção? — Ele pergunta.

— Vocês vandalizam a nossa casa de novo ou perturbam nossas garotas, e nós vamos prestar queixas. No minuto em que vemos o dedo mindinho de vocês no nosso gramado, eu vou ligar para a polícia. Tire isso de alguém que já esteve preso, você não quer estar lá. Mesmo que por algumas horas.

Garrison solta uma risada curta e irritada. — Quando você esteve na cadeia?

Sem piscar, digo, — Eu cobri a porta de um babaca com sangue de porco.

— Não acredito, — o ruivo ficou boquiaberto.

Garrison se endireita. — É? Onde está esse babaca agora?

Eu sacudo minha cabeça. — Eu não sei. Essa merda foi há muito tempo, cara. Você vai deixar a escola preparatória e só vai levar seus erros com você.

— Olho para a garrafa de bebida. — Vocês podem ficarem aqui se vocês entregarem essa garrafa e não causarem problemas. Caso contrário, vocês tem que ir.

— Nós vamos embora, — o rapaz de cabelo raspado diz e então acena para o Garrison. — Vamos comprar aquelas cervejas e ir para o playground da escola primária.

Meu estômago se contorce, mas não posso forçar ninguém a fazer nada. Eu sei disso. Eu fico em pé no minuto em que o resto deles se levantam, e todos eles se juntam para ir embora. Quando ele passa por mim, Garrison me dá uma longa olhada, seu lábio se curvando em desgosto... ou talvez outra coisa.

E então ele empurra a garrafa em minhas mãos. — Aqui, você não vai ser uma mariquinha se você beber.

— Se é isso que você acha, — eu digo sem vacilar. E então eu jogo a garrafa no lixo mais próximo.

Seu rosto chocado é inestimável.

Eu viro as costas para eles, ouvindo os sinos da porta quando eles saem. Eu sinto Ryke ao meu lado. E para meu irmão, eu pergunto, — Você acha que isso vai funcionar?

— Eu não sei.

— O que você sabe? — Eu pergunto.

Ele dá um tapinha no meu ombro. — Que eu estou orgulhoso pra caralho de você.

Isso me surpreende por um momento, e eu repasso pela conversa anterior.

Eu não fui maldoso, odioso ou vingativo. Eu não tratei os adolescentes como

meu pai me tratou. Eu só fui honesto.

Eu deixo escapar um suspiro, e então eu examino a loja atrás da Lily e nosso filho, não a localizei atrás do balcão. — Maya, — eu chamo quando a vejo correndo por um corredor. — Onde está a Lily?

— Sala de descanso. Garth está com ela. Obrigada por lidar com aqueles caras! — Ela gesticula para a cabine agora vazia.

— Se você tiver problemas assim de novo, me mande uma mensagem.

Ela se curva e depois grita uma frase em coreano. Eu aprendi que na verdade é para ser em inglês, um ditado do *Battlestar Galactica*: 'So say we all.'

Quando estou prestes a sair da Superheroes & Scones, alguém diz, —

Loren?

Ryke fica rígido quando uma garota sai de trás dele e se aproxima de mim.

Meu rosto cai quando dou uma boa olhada nela.

Não.

Não pode ser… Eu balanço minha cabeça em transe. Ela está mais velha, acho que por volta dos dezessete anos agora. A primeira e única vez que eu a vi - ela estava no ensino fundamental.

Jesus Cristo. Isso foi há muito tempo atrás.

— Oi, — ela diz, ajustando sua mochila nervosamente. Ela continua lambendo os lábios como se ela não soubesse mais o que fazer.

Ryke se intromete, — Você quer um autógrafo, uma foto ou algo assim?

— Ele é legal sobre isso, mas ele tem um metro e noventa e é intimidador encará-lo. Na verdade, ela tenta encontrar os olhos dele, mas não consegue.

Ela empurra seus grandes óculos para cima no nariz. — Não... Obrigada.

Ryke se vira para mim como se dissesse *o que devemos fazer?*

Ela não está sendo estranha. Não há manual sobre como fazer essas coisas, e não posso acreditar que ela teve a coragem de me encontrar. Deve ter levado semanas para chegar tão perto assim.

Ela respira fundo e olha diretamente para mim. — Eu sou...

— Minha irmã, — eu termino. *Minha meia-irmã.* Igual o Ryke, só que por parte de mãe. — Willow, certo?

Sua boca cai. — Você lembra de mim?

— Sim. — Eu lhe dou um sorriso fraco. — O dia em que conheci minha mãe biológica é um que eu realmente não consigo esquecer.

— Ah...

Ryke está atordoado em silêncio. Seus olhos piscam de um lado para o

outro entre nós.

— Você quer conversar tomando um café? — Eu pergunto. — Talvez na sala de descanso?

Sem hesitar, Willow acena com a cabeça e seus olhos se enchem de lágrimas. Aliviada. Ela está aliviada. Havia uma chance de que eu pudesse ter batido a porta na cara dela. Ter dito para ela pegar um ônibus de volta para o Maine. Eu não fiz isso.

Eu não vou fazer.

Depois de conhecer o Ryke de verdade, eu não posso nem imaginar fechar a porta na cara de um irmão. É um vínculo diferente de uma amizade. É um que dói mais se for quebrado, mas quando está intacto, significa o mundo.

LOREN HALE

A sala de descanso esvazia um pouco quando eu sento no sofá azul brilhante com Willow, cafés em mãos. Eu pretendo falar com Lily mais tarde, mas por enquanto, Ryke sussurra para ela e a leva para o meu escritório com Moffy e Garth.

Willow coloca a mochila jeans no chão, um dos bolsos rasgados pelo uso excessivo. — Eu… — ela para e segura o café com as duas mãos.

Muitas perguntas me atingem de uma vez, mas temos que começar em algum lugar. — Como você descobriu sobre mim? — Eu pergunto o mais importante.

Ela coloca uma mecha de cabelo atrás da orelha. Ela é reservada e um pouco tímida, mas eu não sei dizer se essa é a personalidade dela ou apenas a reação dela em relação a mim. — Meus pais se divorciaram há um ano, —

ela murmura.

Minhas sobrancelhas se franzem. — Eu sinto muito. — Essa não foi a imagem que eu deixei para trás no Maine. Imaginei uma família perfeita: Emily Moore, suas duas filhas e um marido de classe.

Ela dá de ombros como se não tivesse afetado ela, mas seu olhar nunca encontra o meu. Ela levanta os óculos. — Ellie fez seis anos cerca de um mês atrás, e foi a primeira vez que meus pais estavam no mesmo lugar desde o divórcio. — Ela faz uma pausa. — Eu os ouvi brigando na cozinha sobre como minha mãe tinha um filho e ela... te abandonou.

Eu coço a parte de trás do meu pescoço. — Eu tinha meu pai, então estava tudo bem. — Minha garganta se fecha por um segundo, e eu engulo em seco antes de perguntar, — Você a confrontou sobre isso? — Eu pensei que Emily finalmente tivesse confessado, mas Willow soube sobre mim da pior maneira.

Ouvindo sem querer.

Ela acena com a cabeça. — Sim, bem na hora. Eu perguntei a ela sobre isso, e demorou alguns gritos para ela finalmente me dizer a verdade. — Ela enxuga embaixo dos olhos para esconder as lágrimas.

Eu viro meu corpo mais para ela. — Eu sinto muito que você teve que

descobrir assim. — Eu alertei Emily quando a conheci - eu disse a ela que pelo menos falasse a verdade para suas filhas. Doeu descobrir sobre o meu irmão do jeito que eu descobri, e eu não queria que Willow experimentasse esse tipo de traição.

— Eu fugi, — ela solta com um soluço.

Meu estômago se afunda. — Você o que?

Ela chora. — Eu só… eu estava tão brava. Eu disse à minha mãe que ia encontrar você, e ela não poderia me impedir. Então… eu pulei no meu carro e vim para a Filadélfia.

Eu belisco meus olhos quando percebo o que isso significa. — Você está aqui há um mês inteiro? Emily sabe...

— Ela sabe, — diz Willow, fungando. Enquanto ela fala, fico em pé e procuro por uma caixa de lenços. — Ela está esperando que eu fique sem dinheiro. Ela não tem mais dias de folga para deixar o trabalho, então ela não pode vir me buscar.

Meu peito aperta. Agora que tenho um filho, posso me colocar no lugar dos pais. Eu ficaria destruído se Moffy fugisse quando adolescente. Eu o perseguiria dentro de uma hora, mas também, tenho os meios para segui-lo por todo o mundo.

Pego lenços de papel em cima da geladeira dos funcionários e volto para o sofá. — Quantos dólares você tem ainda? — Eu pergunto, passando a caixa para ela.

Ela puxa um lenço. — Eu não vou voltar.

— Willow, — eu forço, — *quantos doláres?*

Ela morde o lábio para não começar chorar de novo. — O suficiente para mais algumas noites no motel.

Ela está hospedada em um motel? Jesus Cristo. — Vou pagar por um hotel essa noite e amanhã, e então posso comprar uma passagem de avião de volta para o Maine.

— Não, *não*, — diz ela. — Por favor, não me faça voltar. Acabei de te conhecer, e... — Ela soluça e tira os óculos, limpando as lentes molhadas com a camisa azul e verde listrada.

— Você não está no ensino médio? — Eu pergunto.

Ela fica quieta e eu tomo isso como um *sim.* Ela está faltando às aulas estando aqui.

— Sua mãe provavelmente está louca com isso, — eu digo a ela.

— *Nossa* mãe, — ela enfatiza, colocando os óculos de volta. Ela tem meu

nariz. E minha cor de cabelo. Quanto mais eu examino seus traços, mais percebo que parecemos um com o outro. — E eu não me importo se ela está.

Eu faço uma careta. — Willow...

— Ela *mentiu* para mim. — Willow aponta para seu peito, a dor rasgando sua voz. — Eu não quero estar perto dela novamente.

Sua raiva está falando. Eu entendo tudo isso. Eu pensei que ia cortar laços com o meu pai também. No momento em que eu descobri que ele tinha mantido muita coisa de mim, eu não conseguia nem imaginar ver seu rosto novamente. O tempo cura feridas tão profundas e as dela ainda estão muito frescas.

— Que tal eu ligar para a Emily e ver onde está a cabeça dela? — No minuto em que digo as palavras, meus músculos se contraem. Eu nunca pensei que ouviria a voz dela novamente. Não por nada. Eu não posso nem acreditar que eu ofereci isso.

Depois de um breve segundo, Willow acena e fala o número do celular da Emily. Eu digito no meu celular e me levanto. — Eu serei rápido. Está com fome?

Ela balança a cabeça, mas eu silenciosamente questiono o quanto ela está comendo só para economizar dinheiro. Eu chamo um jovem funcionário que está em uma mesa.

— Você pode pegar um muffin lá na frente?

Ele abaixa o sanduíche. — Claro. — E então ele sai. Eu desapareço no banheiro dos funcionários, trancando a porta atrás de mim. É uma cabine única, então não é como se eu estivesse tirando cinco banheiros da equipe.

Minhas mãos tremem, e eu não acabo ligando para Emily primeiro. Eu disco para outro número em vez disso.

LOREN HALE

Ainda no banheiro dos funcionários, os olhos de Lily se arregalam quando eu repito tudo o que aconteceu. Ela segura no meu cinto e olha para mim como se eu estivesse compartilhando o enredo de um novo filme da Marvel.

— Não acredito, — ela diz quando eu termino.

— Acredite. — Eu descanso meu cotovelo na pia. — Agora eu tenho que ligar para a mãe dela - *minha* mãe. — É estranho dizer isso, especialmente já que Emily realmente não me considera como filho dela.

Eu liguei para a Lily vir ao banheiro porque quero fazer isso com ela. Eu me sinto mais forte quando ela está por perto. Talvez seja a expressão dela, o jeito que ela olha para mim, como se eu pudesse fazer qualquer coisa sem vacilar.

— Eu quero fazer isso rápido, — eu digo a ela, o celular pesado na minha mão. Ryke está com o Moffy na sala de descanso, e embora eu ame o meu irmão, ele nunca esteve sozinho com meu filho sem Daisy presente.

Lily olha para o celular. — Você vai apertar?

Meu dedo passa sobre o ícone verde e hesito em tornar isso real. — Você aperta.

Como se ela estivesse tocando em fogo, ela rapidamente toca a tela e se aproxima de mim. Eu coloco no viva-voz para que ela possa ouvir também.

O telefone toca quatro vezes; eu acho que ela não vai atender. No quinto, clica. E meu pulso dispara, minha testa se enche de suor.

— Alô? — Ela diz.

— Oi… — Eu limpo minha garganta que parece estar cheia de areia. — É

o Loren Hale. Antes de desligar, preciso falar seriamente com você. Willow

está aqui... — Eu não sei o que mais dizer. Eu olho para Lily, e ela me mostra um sorriso encorajador.

— Ela está bem? — Emily pergunta, seu tom estridente de preocupação.

— Ela está com raiva e sem dinheiro, mas, além disso, ela está muito bem.

— Eu não posso conter o tom afiado na minha voz, e eu apenas rezo para que ela fique na linha comigo.

Emily fala freneticamente, — Eu liguei para ela ontem e ela disse que tinha dinheiro suficiente. Eu tenho tentado convencê-la a voltar. Mas eu não posso sair do trabalho e não queria a polícia envolvida.

— Você deveria ter me ligado e dito que ela estava aqui, — eu respondo.

— Eu teria ido ver ela no minuto em que ela chegasse na Filadélfia.

Emily fica quieta, sua voz não mais alta do que um sussurro quando ela diz, — Essa não foi uma opção para mim. Eu não quero que a mídia saiba sobre a minha conexão com os Hales.

Eu percebo que ela não queria me ligar. Nunca mais quis falar comigo de novo. Nem mesmo por isso. Eu me encolho e aperto a pia com as juntas brancas.

Lily envolve seus braços em volta da minha cintura e seu calor alivia a tensão no meu peito.

— Eu posso colocar você em um avião para cá nesse fim de semana, —

digo a ela. — Você deveria falar com a Willow, cara a cara, e então talvez ela volte para casa com você.

— Ela não vai querer voltar, — Emily sussurra. — Ela acabou de descobrir que seu meio-irmão é famoso.

Eu olho para o teto. — Não é sobre isso. — Se ela visse a dor no rosto da Willow, ela entenderia que é mais profundo. É sobre lutar para enfrentar uma

pessoa que lhe causou agonia. Odiar que partes de sua vida foram obscurecidas pela incerteza e pela dúvida.

Se isso fosse sobre celebridade e fama, ela não teria chorado pela mãe dela.

— E se ela não voltar para casa, eu vou estar certa.

— Você não vai está. — eu respondo de volta. — Se ela não quiser voltar para casa, é porque ela ainda não consegue tolerar viver com você. — Eu percebo o quanto isso soa cruel e então eu acrescento, — me desculpe, mas é a verdade.

— Você nem mesmo a conhece, — Emily responde defensivamente.

— Você está certa, mas eu já estive na situação dela antes. — Passei noventa dias na reabilitação longe do meu pai. Quando voltei, comecei a pensar em reiniciar um relacionamento com ele. Mas eu precisava daquele espaço. O que é diferente aqui - Willow está no *ensino médio.* Ela não é uma adulta legal ainda. — Deixe-me pagar sua passagem para cá, — eu tento de novo. — Você pode falar com ela e ir a partir daí.

Depois de uma longa pausa, ela diz, — Eu só posso tirar um dia do trabalho, e olhe lá.

— Você vai entrar e sair da Filadélfia no mesmo dia, — digo a ela.

Ela contempla essa opção por outro segundo. — Ok. Vou mandar um email para você. — E então ela desliga.

Eu guardo meu celular no meu bolso.

— Lo, — Lily respira, seus dedos enganchando no meu cinto novamente.

— Eu quero me desculpar pela maldade dela com você, mas eu não sei como.

— Você acabou de fazer isso, amor, — eu sussurro, beijando sua têmpora.

E então eu respiro fundo e a beijo nos lábios. É bom ter Lily tão perto. Eu pressiono seu pequeno corpo contra o meu peito duro. Suas costelas se

elevam e caem em um movimento esporádico e excitado. Eu tenho o cuidado de não excitá-la demais, mas eu realmente quero beijá-la aqui...

Meus lábios encontram os dela, conectando nossos corpos em outro nível.

Minha mão desaparece em seu cabelo e minha língua desliza contra a dela.

Ela geme e treme, e eu me contenho de forçar mais, de a levantar ao redor da minha cintura. Eu não posso agora.

Meus lábios se separam dos dela e depois escovam sua orelha. — Mais tarde.

Ela acena a cabeça, aceitando, e eu examino seu corpo em busca de sinais de que ela possa lidar em não ir mais longe. Ela está corada, mas ela não está cruzando os tornozelos.

— Estou bem, — ela me diz.

— Eu preciso checar? — Pergunto seriamente, meus olhos viajando para o zíper dela.

— Eu já estou molhada, mas não encharcada. — Ela acena com a cabeça novamente, dessa vez com firmeza. Embora ela fique ainda mais vermelha.

Eu sorrio. — Eu te amo, Lil. — Eu passo meu braço ao redor do seu ombro.

— Eu também te amo, Loren Hale.

Eu finjo surpresa. — Você me ama? Puta merda.

Ela dá um soco no meu braço, e eu a puxo para mais perto quando saímos do banheiro. No minuto em que saímos, nós dois paramos no mesmo lugar.

Na frente do sofá no carpete, Ryke está sentado ao lado do Maximoff, agitando uma *revista em quadrinhos* como se fosse um maldito chocalho.

Enquanto meu irmão brinca com ele, meu filho mastiga o canto de uma edição dos *Joven Vingadores*. Percebo Willow pegando pedaços de um muffin no sofá, abraçando o braço do sofá.

— Feche os olhos, — Lily sussurra e praticamente joga seu corpo em mim

para proteger minha visão do nosso filho profanando uma revista em quadrinhos.

— É tarde demais, Lil. Eu já vi.

Mas ela sobe nas minhas costas e eu a seguro pelas pernas. Seus dedos mal cobrem meus olhos. — Você não viu nada, — ela repete como se pudesse me hipnotizar.

E então eu *ouço* o som de papel rasgando. — Ryke, — eu gemo. — Eu te culpo por isso.

— Ele nem está chorando. Eu estou fazendo um trabalho fantástico pra caralho. — A tática de *palavrão-e-soco* para eliminar xingamentos não durou. Ryke apenas ficou mais irritado, e eu odiava socá-lo a cada dois segundos. No começo, foi divertido. Então ficou esgotante.

Mas se a primeira palavra da Janie ou do Moffy for “porra” - ele vai ser ver comigo e com o Connor.

— Você deu uma história em quadrinhos para ele e ele nem sabe ler ainda.

— Ele está começando cedo então, — Ryke diz. — Talvez você devesse ter me dado a bolsa de fraldas dele ou algo assim.

Lily abaixa a mão dela. — Estamos em uma loja com *vários* brinquedos nas paredes. Você poderia ter pegado um boneco de ação do Duende Verde.

Eu acrescento, — Ou do Wolverine, Viúva Negra, Hulk, Homem-Aranha...

— Puta que pariu, tudo bem. Eu entendi. — Ele pega a revista já gasta da mão do Moffy e depois levanta o bebê em seus braços. Moffy ri, como uma gargalhada. Meus lábios se levantam. Meu irmão não é tão ruim assim com o meu filho.

— Você deveria ser babá com mais frequência.

— Hilário pra caralho, — ele xinga, me dando o Maximoff enquanto Lily escorrega das minhas costas, seus pés batendo no chão.

É quando eu direciono minha mente para o assunto sério. Willow já terminou de comer, e ela se endireita assim que eu me concentro nela.

— Sua mãe vai voar para cá nesse fim de semana para conversar com você. Até lá, você pode ficar conosco em um quarto de hóspedes ou em um hotel. Eu pago pela despesa, sem problemas.

— Um hotel funciona, — diz ela. — Eu não quero... atrapalhar mais do que eu já atrapalhei.

Moffy se contorce e chuta, e Lily felizmente o pega do meu braço para que eu possa me concentrar. — Se você mudar de idéia, o convite estará sempre de pé. — Antes de ela intervir, pergunto, — Quantos anos você tem, a

propósito?

— Dezessete.

— É o que eu imaginei. — Eu penso sobre isso por um segundo. — Você sabe, você tem quase a idade da Daisy.

Ryke me lança um olhar como se dissesse *é melhor isso não ser uma indireta para mim.* Não foi.

Eu continuo, — Ela provavelmente adoraria lhe mostrar a cidade. É sua primeira vez aqui?

— Sim, mas… — Willow se levanta nervosamente já que estamos todos de pé. Ela segura a alça de sua mochila como se fosse sua única forma de segurança. — Eu não tenho certeza se ela vai gostar de mim. Quer dizer, eu não gosto de motos e... outras coisas assim. — Ela evita o olhar do Ryke.

Todos nós temos uma reputação que circula na mídia e, portanto, acredito que isso seja tudo o que ela sabe sobre nós.

— Nem eu, — Lily diz. — Elas são aterrorizantes.

— Você nem sequer subiu em uma, — retruca Ryke.

— *Porque* elas são aterrorizantes, — observa Lily.

Os ombros de Willow relaxam. — Sim, mesma coisa. Eu nunca estive em uma, mas tenho medo também.

Lily se ilumina quando Willow concorda com ela e então aponta um dedo para Ryke. — Ha! — Moffy balbucia como se estivesse tentando imitar esse som, mas é conversa incoerente de bebê.

Ryke diz para Willow, — Daisy não vai se importar se você não gosta de motos. Ela honestamente faria o que você quisesse.

— Eu vou tirar alguns dias de folga do trabalho também, — digo a Willow. É a única coisa boa em ser o CEO de uma empresa. Eu tenho o luxo de fazer minhas próprias horas, mas mesmo que eu negligencie a Halway Comics, eu não posso abandonar as reuniões da Hale Co. Eu ainda estou competindo pelo título contra meu irmão.

Após o evento de caridade, apenas três membros da diretoria pensaram que Daisy seria uma boa opção para o trabalho. Irene tem mais influência e convenceu todos de que Daisy era jovem demais.

— Ok, então, — Willow diz. — …por onde começamos?

— Que tal almoço? — Eu pergunto.

Todos expressam sua aprovação como se estivessem morrendo de fome e eu espero que Willow diga alguma coisa. Os óculos dela ficam embaçados com lágrimas novamente.

— Obrigada, — ela diz em voz baixa.

Ryke tem sido um grande irmão para mim. E se eu puder passar para frente e fazer o mesmo por ela, vou tentar o meu melhor. Eu posso não ser o melhor em nada, mas posso ser mais do que medíocre.

LILY CALLOWAY

Lo fica dentro de mim por um ou dois minutos, e eu nem precisei pedir. O

suor brilha na minha pele enquanto eu me deito abaixo do peso do seu corpo tonificado. Mesmo quando desço de um clímax épico, eu desejo por mais um.

Como sempre.

Mas aprendi a esperar até amanhã ou pela manhã. Lily, compulsiva e carente, é colocada para descansar, em algum lugar distante, longe. Em uma terra distópica antes desse lugar pacífico.

Eu olho para os lindos lábios rosados do Lo. O meu ainda arde, e é como se eu pudesse senti-lo em mim, apesar de estarmos separados.

Me beija. Eu percebo que eu realmente disse isso em voz alta quando seus lábios tocam os meus em um beijo gentil e terno. Quando ele puxa para longe, ele apoia seu corpo ao lado do meu e penteia meu cabelo úmido para longe da minha testa.

— Dez de outubro, — ele diz a data com um sorriso crescente.

Eu ainda não acredito que vamos nos casar em breve. Menos de um mês de hoje. — Tem certeza de que não quer adiar?

Seu sorriso desaparece instantaneamente, e me arrependo de ter perguntado.

Eu me sento e agarro o lençol vermelho no meu peito. — É só que os membros da diretoria estão escolhendo um CEO em primeiro de outubro, e…

— Eu paro com a visão de sua mandíbula afiada.

— Se você quiser escolher outro dia, tudo bem, Lil, mas eu não quero que sua razão seja minha estabilidade emocional. Eu estou pronto para casar com você desde que eu tinha sete anos de idade, no caso de você ter esquecido. —

Ele mostra aquele meio sorriso que de alguma forma me aproxima dele, não me distancia.

Eu facilmente subo em cima dele, colocando minhas pernas dos lados da sua cintura enquanto ele se senta e descansa contra a cabeceira da cama. Sem dizer nada, eu planto as duas palmas das mãos em seu abdômen definido, os observando subir e descer com seu corpo. — Eu amo o dia dez de outubro, —

eu sussurro. Nós escolhemos a data espontaneamente, enquanto estávamos fazendo tacos para a casa. Pareceu certo. Ainda parece, mas a dúvida gosta de entrar e destruir todas as coisas boas.

Ele segura meu rosto com uma mão reconfortante. — Esse dia não vai ser contaminado por nada, amor. Eu sei que você pode não acreditar nisso ainda, mas você vai ver.

Parece um sonho. Eu beijo sua mandíbula afiada rapidamente, e ele me beija de volta nos lábios ainda mais rápido. Eu sorrio, meu corpo se aquecendo outra vez. Eu roço contra ele, e um profundo ruído escapa de sua garganta.

Ele se afasta um pouco e diz, — *Você* tem certeza que quer lavanda e cranberry?

Essas são as cores que escolhemos para o nosso casamento no outono. Eu aceno com a cabeça, meus olhos em seus lábios. Ele inclina meu queixo para cima com dois dedos, e eu me derreto em suas intensas íris âmbar.

— Porque eu já enviei todos os detalhes para dama de honra, e ela pirou quando eu mudei o menu do jantar ontem.

Rose não gosta de mexer com o plano definido, mas ela tem estado muito relaxada ao oferecer sua opinião. Ela apenas sugere certas coisas. Como lisianthus como as flores, um buquê roxo escuro. Eu nem sabia como era aquela flor, muito menos como pronunciá-la. Ela me entregou um buquê delas há uma semana e eu sabia. Era perfeita.

— Não há mais mudanças, — digo a ele. — Eu gosto de tudo o que escolhemos. — No início, fomos formal com o cardápio da recepção:

entradas de cordeiro e vieiras de tamanho reduzido. Então percebemos que estamos apenas convidando a família e preferimos comer o que gostamos.

Então todos serão servidos frango, camarão e tacos de peixe, margaritas e taquitos.

É como se fosse para ser assim desde sempre, mas levou um tempo para chegar a esse lugar.

O sorriso de Lo retorna. — Eu também. — Ele se inclina para me beijar novamente, mas seu celular vibra no colchão. Ele franze a testa para o identificador de chamadas, linhas vincando sua testa.

— Quem é? — Eu tento esticar meu pescoço e dar uma olhada.

— O hospital. — Ah. Eles devem ter os resultados do seu exame. São apenas oito da noite, então não é tarde demais para eles ligarem. Lo lambe os lábios e, em seguida, pressiona o celular ao ouvido. — Alô?

Sua reação é como uma onda. Eu sei que vai bater contra mim. Eu apenas espero e espero por ela, imaginando quão forte será o impacto ou se a maré vai nos levar. Seus lábios se retraem e seu peito para de se abaixar enquanto ele segura a respiração.

Uma de suas mãos fica nas minhas costas, mesmo quando ele diz, — Eu entendo. Obrigado. — E então ele desliga o celular.

— E ai? — Eu pergunto. Mas eu leio seus olhos quando eles se levantaram para mim, a tristeza por trás deles. — Você não pode doar.

— Meu fígado não é saudável o suficiente. Meu pai estava certo. — Ele descansa a cabeça para trás e solta uma risada de dor. — Meu pai vai morrer, e não há nada que eu possa fazer. — Eu o abraço e ele me abraça com a mesma força. Eu gostaria de poder doar. Eu doaria, mas eu tive meu tipo sanguíneo testado. Eu não estou nem perto de ser compatível.

— Eu tenho que enviar uma mensagem para o Ryke, — Lo respira.

— O que você vai dizer? — Agarrada a ele, o vejo usar uma mão para digitar

uma mensagem.

É doce e as lágrimas começam a se acumular com cada palavra que ele envia ao irmão.

Acabei de receber a notícia. Eu não posso doar. Por favor, não se sinta obrigado a fazer isso. Eu te amo independentemente de qualquer coisa.

Ele aperta enviar. — Pronto, — ele sussurra. — Acabou. — Ele me segura.

— Você, eu e o Maximoff, vamos fazer novos começos.

Eu acrescento, — Sem finais tristes.

Seu sorriso ilumina seu rosto. Eu amo que ele voltou mais uma vez. —

Sem finais tristes, amor. Isso não é para nós.

Que bom. Estou pronta para um final feliz.

{ 61 }

LILY CALLOWAY

— Alguém precisa espancá-lo vinte e seis vezes - *não* eu, — esclareço rapidamente. — Eu não estou tocando na bunda do Ryke. — 19 de setembro é seu aniversário. Estamos todos no pátio dos fundos, grelhando churrasco, enquanto Ryke se senta ruidosamente em uma cadeira de ferro ao meu lado.

Ele disse quatro palavras durante todo o dia. Duas delas foram “foda” e as outras duas foram “se”. Ele está mal-humorado desde que Lo recebeu as notícias do hospital. Muita coisa pesa em sua mente.

— Eu faço isso, — ofereceu Lo. Ele acena ameaçadoramente uma espátula gordurosa de um lado para outro. — Vire-se, mano.

Ryke mostra o dedo do meio, sem achar graça. Lo franze a testa para o irmão e balança a cabeça. Ambos estão frustrados por diferentes razões.

O ar fresco da noite refresca minhas bochechas, o sol desapareceu durante a noite. Eu ajusto meu gorro branco do Wampa na minha cabeça, e puxo as abas de um mini-gorro do Wampa sobre as orelhas do Maximoff. Rose costurou esse do *Star Wars* para o Moffy, e sua fofura quebrou todas as escalas de fofura. Ele dorme em minhas coxas, todo embrulhado em um cobertor da Marvel vermelho.

Rose tem Jane aconchegada contra o peito, sob um casaco de pele preto, dormindo também. Ao lado da churrasqueira, Connor toma um gole de vinho e às vezes o pego observando sua esposa e filha com esse sorriso reverente, como se ele valorizasse esse momento e elas.

Daisy mexe as sobrancelhas. — Eu posso espancar Ryke mais tarde. —

Em uma frase rápida, ela desvia a atenção do mau humor do Ryke. Como eles estão juntos há pouco menos de um ano, o comentário não é tão estranho quanto poderia ser. Ela está sentada na mesa, atrás do Ryke, passando os dedos pelos cabelos grossos dele. Ele está com uma mão na perna dela que está sobre o peito dele.

A única vez que ele parece estar se divertindo é quando Daisy o distrai. Eu a vi inclinar e ele segurar a parte de trás do pescoço dela para um beijo de cabeça para baixo. Cinco minutos atrás, eu até mesmo twittei uma foto

daquele beijo (com a aprovação da Daisy) com a legenda: *#Raisy está vivo!*

Eu estou sempre esperando que vá para os assuntos mais comentados.

Connor usa um sorriso de um milhão de dólares quando diz, — Se não houver uma contusão, você não está batendo nele com força suficiente.

Lo finge surpresa. — Você gosta de contusões? Jesus Cristo, amor. Eu nem te conheço mais. — E então ele inclina a cabeça para Rose. — E você, Sra. Cobalt? Você sabia disso?

Os olhos verdes-amarelados da Rose o perfuram, jogando mil adagas para ele, e então ela vira a cabeça para *mim*. Eu permaneço forte contra o fogo dentro do olhar dela. — Diga a Loren que eu acho que suas piadas são inferiores e não fazem nem um palhaço rir.

Eu recuo. De jeito nenhum eu estou entrando no meio dessa briga deles.

Lo se vira para o Connor e diz, — Diga a Rose que suas respostas me fazem sentir pena dela *e* que ela tem um gosto horrível para nomes de empresa.

Connor bebe seu vinho, olhando entre seu melhor amigo e sua esposa como se fosse seu entretenimento noturno.

Eu só não quero que isso escale. Essa é sempre a minha prioridade número um.

— Eu tenho *muito bom* bom gosto, — Rose refuta. Se ela não estivesse segurando Jane, acho que ela iria ficar de pé agora. — E caso você não tenha notado, você *me* pediu para ser sócia em uma subdivisão da Hale Co. Eu ainda posso rejeitá-lo.

— Não estamos chamando a linha de roupas Blossom Babies, — retruca Lo. — Parece que estamos vendendo roupas para bonecas de pano.

Eles têm brigado pelo nome pela ultima semana e eu ainda estou alarmada por eles terem concordado em trabalhar juntos.

— Eu não estou chamando de Roupas de Bebê da Hale Co. *Eu* sou a designer.

— Você nem *gosta* de bebês, — diz Lo.

— Então por que você está pedindo a minha ajuda, Loren?

Porque ele precisa da Rose. E ela realmente quer fazer parte desse projeto.

Na semana passada, Rose desenhou roupas de bebês e crianças, muito excitada com a perspectiva de ter uma linha de roupas em uma loja de departamentos novamente.

Ele olha para ela sem expressão e então diz, — Vamos continuar procurando.

Rose fica ainda mais ereta como se ela tivesse ganhado um concurso de soletrar. Mesmo que eu ame muito o Lo e eu seja Team Loren Hale, eu também sou Team Irmãs Calloway e então meu sorriso ainda existe.

É preciso de muito para Ryke e Lo sorrirem, mas eu olho para o Ryke só para ver se ele está um pouco mais animado.

Pensamento positivo, suponho.

À minha esquerda, Ryke olha para o espaço, seu olhar assombrado e os lábios virados para baixo. É seu aniversário e ele está sendo atormentado por muitos pensamentos. Eu me inclino e sussurro, — Ryke.

Leva um segundo para ele registrar minha voz. Quando ele registra, ele vira a cabeça lentamente.

— Você quer abrir os presentes? — Eu pergunto. Normalmente, ele diz a todos para comprar equipamentos de escalada, mas esse ano, é como se ele tivesse esquecido que era o aniversário dele. Ele nunca mencionou escalada ou o equipamento de que precisava.

Lo e Connor até conseguiram uma foto do Ryke de papelão em tamanho real da sua campanha promocional para a Ziff. Nossos publicitários culparam intoxicação alimentar como a causa da festa de vômito do Ryke, então a bebida esportiva pode viver para ver a luz do dia. Nós íamos tocar “pin the harness” para ele, mas com seu péssimo humor, parecia uma má ideia. Acho que Lo empurrou o Ryke de papelão em um armário.

— Talvez mais tarde, — Ryke diz com tristeza.

A mandíbula do Lo se flexiona. — Ok, eu não aguento mais. — Ele passa a espátula para Connor.

Então Lo enfrenta seu irmão. Ryke se endireita em sua cadeira, as sobrancelhas franzidas em confusão enquanto ele observa Lo. Lo... o cara que costumava fugir de valentões, que gritava insultos até queimar a garganta, que sempre caía no final - ele fica de pé com uma confiança magnética que nos atrai.

Você não está morrendo hoje, — Lo diz a seu irmão, apontando inflexivelmente para o chão. — Estamos todos vivos *agora*, Ryke. Talvez em um ano, o nosso pai não esteja por perto, mas isso não significa que vamos parar de nos mover. De todos, *você* me ensinou isso. Não olhe para trás.

Apenas vá em frente, corra pela areia movediça. Então se anime, cara. Por um lado, é seu aniversário. Por outro lado, ninguém gosta de ver você *tão* irritado assim. É deprimente.

Enquanto Ryke medita sobre essas palavras, Lo procura por mim, talvez

por afirmação ou apenas porque sim. Seus olhos âmbar encontram os meus em segundos. E seus lábios começam a subir.

Nós fomos destruídos e nós estamos inteiros pela primeira vez. Nossas vidas são chuvas de meteoros em reverso. Acho que nem sabíamos o que seriamos quando nos recuperássemos.

Talvez pertencemos ao espaço com todas as estrelas estáveis e constantes.

Somos apenas as peças caóticas mais destrutivas, mais desastrosas, os cometas que se dirigem para a terra.

Depois de um longo momento, Ryke lentamente se levanta. Ele é alguns centímetros mais alto que o irmão dele. Mais forte. Mas Lo é mais severo.

Pedra x Gelo.

Dureza x Acidez.

Por um segundo, eu me pergunto se eles estão prestes a brigar. Mas então ele estende a mão e aperta a mão de Lo. Ryke se inclina para um abraço-tapinha nas costas do irmão. E meus ombros relaxam. Eles foram para o inferno e voltaram um para o outro, e eu acho que ambos estariam dispostos a fazer uma segunda viagem se fosse preciso.

Lo sempre zombou de mim por ter três irmãs, com todo o drama extra adicionado. Ele achava que ser filho único era mais fácil - melhor. Mas eu posso dizer que ele não trocaria Ryke por nada.

E agora ele tem uma irmã. Lo se importa com Willow, e ele não esconde esse fato de ninguém. Ele tem checado o celular dele todos os dias por mensagens dela, em parte responsável por ela enquanto ela está na Filadélfia.

Hoje à noite, Emily voou para cá e está jantando com a filha para discutir o futuro. Se Willow voltará ou não para o Maine, depende dela.

Enquanto Ryke e Lo se abraçam, o ar está silencioso e calmo.

Quase pacífico.

E então Daisy de repente fica tensa. — Vocês ouviram isso? — Sua voz aguda e em pânico estreita minha espinha.

LILY CALLOWAY

Daisy sai da mesa cautelosamente, a clavícula se projeta como se estivesse prendendo a respiração. E seus grandes olhos verdes se voltam para a porta de correr de vidro, nossa entrada para a casa.

Ryke e Lo se separam, e o rosto de Ryke se enche de preocupação. —

Dais… — Ela está ouvindo coisas? Meu rosto torce. Não. Minha irmã *não* está inventando coisas em sua mente. Ela está bem.

Um estrondo violento soa em algum lugar, como panelas e frigideiras ou uma estante de livros. Caindo no assoalho. Eu pulo no meu assento, quase assustando Moffy, enrolado no meu colo.

Parcialmente, fico feliz que minha irmã não tenha inventado o barulho.

Porém, não deve ser nada. Estamos todos a salvo aqui.

— Talvez seja um rato, — sugiro, mordendo minhas unhas. Eu solto minha mão rapidamente.

— Nem começa, — Rose estreita os olhos para mim. Ratos. Ela odeia ratos. Sadie costumava dar um fim neles e agora a gata está com Frederick.

— Shh, — diz Connor, levantando a mão. Todo mundo fica em silêncio novamente. Os caras estão mais próximos da porta dos fundos, e suas posturas rígidas me colocam no limite. Se não fosse nada, eles também estariam fazendo algumas piadas.

Eu solto um suspiro e protetoramente levanto Moffy para o meu peito, o gorro do Wampa seguramente em sua cabecinha. Eu dou um tapinha no meu.

Ainda está lá. Tudo está bem.

— EI FODIDOS! — Um grito abafado soa do alto.

Eu recuo e sigo o barulho para a janela do segundo andar. Duas máscaras de horror de gárgulas com chifres e dentes pontiagudos enfiam as cabeças e os braços para fora, as mãos com luvas. Meu coração dá cambalhotas e cai.

Eles estão no quarto do Maximoff, é meu primeiro pensamento.

Eu tenho que pegar o Moffy. Eu dou um passo em direção ao Lo, e então um bebê chora em meus braços, me lembrando de que nosso filho já está seguro comigo.

— Adivinha só? — Um deles grita. — Nós vamos entrar nas irmãs Calloway em setembro! — Então eles riem e fazem investidas pélvicas contra a janela.

— Eles estão dentro da casa, — diz Daisy em um sussurro assombrado.

Seu corpo inteiro está congelado, e o terror em seus olhos arregalados é palpável. Meu coração está afundando. Estou dividida entre correr para dentro da casa e correr para o outro lado com medo.

Ryke, Connor e Lo hesitam em nos deixar. Eu posso ver isso enquanto eles ficam entre a porta e nossos corpos, oscilando desconfortavelmente entre os dois. Segundos passam enquanto todos avaliam, mas vejo uma figura vestida de preto passando por um corredor, passando tranquilamente pela janela. *Eles são apenas adolescentes inofensivos,* eu me lembro. Alivia o medo no meu intestino.

Eu olho de volta para Daisy, talvez para confortá-la com esse sentimento.

Isso não é uma boa ideia. Para minha irmãzinha, os adolescentes não são apenas inofensivos. Eles são piores que cruéis.

Eu vou segurar a mão dela então. Eu estendo a mão para ser a irmã mais velha, a melhor que eu me esforcei para ser.

Mas Daisy não percebe minha mão estendida. Algo ruim acontece. Sua calça jeans começa a encharcar na virilha, a mancha escura florescendo.

Como se ela…

— Eu não posso… — ela engasga com a respiração.

— Ei, *ei*. — Ryke corre até ela, a examinando rapidamente, da cabeça aos pés. E ele a puxa para o peito, colocando uma mão na cabeça dela. — Eu estou aqui, Dais. — Ele a abraça com força, forçando seu corpo no dele para que ela possa se sentir protegida e segura. Mesmo que ela tenha feito xixi nas calças, Ryke consola Daisy da melhor maneira possível.

Começo a tremer quando a histeria tensiona o ar. Mais e mais janelas se abrem, e as gargalhadas dos adolescentes sacodem minhas defesas. Eu não sou imune ao medo. Ele tenta se agarrar a mim, e está assustando o Moffy, que ainda chora em meus braços. Eu balanço ele, e isso começou faz um minuto.

Parece uma vida inteira de incerteza.

— Lo? — Eu respiro.

Na distância, eu ouço o Connor ligando para a polícia. Eu sinto o cheiro do nosso churrasco queimando na grelha. E Rose continua repetindo: — Eu vou estrangulá-los. — Seus braços se apertam em volta de uma Jane gritando.

— Lily! — Lo grita.

Ele está segurando minhas bochechas entre suas mãos quentes. Seu corpo tão perto do meu quanto ele pode sem esmagar nosso filho.

Estou com medo, percebo. Estou apavorada agora. E não é um medo pelo meu bem-estar. É pelo Moffy e Lo. — Não vá, — eu digo primeiro.

Mas ele já está me dizendo, — Se tranque no carro da Rose e dirija até a casa de seus pais com suas irmãs.”

— Não. — Eu balanço minha cabeça ferozmente. Ele deixou ele de fora.

— Venha comigo.

— Temos que garantir que eles não escapem, Lil, — diz ele rapidamente.

— Isso termina hoje à noite.

Lágrimas fazem meus olhos arderem. — Eu não vou deixar você, — eu resmungo.

Lo sussurra rapidamente, — Eles não vão me matar, amor. Eles são apenas adolescentes.

Meu queixo treme. — Isso é o que eu achava, mas quanto mais eu penso sobre isso...

— Lily, — ele força meu nome para que eu entenda. — Eles são *como eu*.

Eu não sei dizer se Lo teria feito algo assim. Se empurrado para um ponto de ruptura, ele poderia ter feito. Se estivesse bêbado o suficiente, ele provavelmente teria feito também. — Você não é mais como eles, — digo a ele.

— Eu era como eles, — ele altera. — E eu não estou com medo de um nenhum deles. Mas você está.

— Eu não estou, — eu refuto. — Eu nunca tive medo de você.

— Lil, — ele sorri fracamente. Uma decisão precisa ser tomada em breve.

Antes que eles destruam todos os nossos objetos de valor.

— Se você não vai ir comigo, posso ir com você? — Pergunto, evitando todas as insinuações sexuais em favor do medo. — Moffy tem brinquedos lá dentro. Eu posso distraí-lo...

— Ok, — ele concorda antes mesmo de eu terminar. — Mas *só* porque eles são apenas adolescentes. Caso contrário, você estaria em um carro agora, entendeu?

Eu aceno com a cabeça. Ele não tem medo de que eles façam algo comigo ou com o Moffy, ele está dizendo. Ou então ele nem sequer arriscaria isso.

Ele aperta meu pulso e começa a me guiar por trás dele, protegendo meu

corpo, me mantendo muito perto de suas costas.

Eu olho uma vez por cima do meu ombro, e noto Rose e Connor seguindo, em uma formação similar, com Rose atrás do Connor para proteger a Jane. É

uma das poucas vezes em que a vi andando atrás do marido e não ao lado dele.

Ryke e Daisy são os únicos que não se juntam a nós. Ele levanta minha irmã petrificada em seus braços, a embalando com facilidade, e a carrega para a garagem, onde eles podem dirigir em um dos carros. Lo queria que todas as garotas fugissem, como nos filmes de terror, mas a realidade é um pouco diferente disso. Pode parecer estúpido, mas estar ao seu lado, não separado, parece certo.

Lo me agarra com força, talvez preocupado que eu vá embora. Mas eu quero ficar pressionada contra ele enquanto entramos pela porta de correr.

Quando nos aproximamos, um adolescente com máscara de gárgulas passa correndo mexendo os dedos na frente do rosto e dispara para o andar de cima.

Eu quase caio para trás, mas Lo me puxa para mais perto de seu corpo.

Isso acaba hoje à noite.

Eu realmente, realmente espero que sim.

LOREN HALE

Os gritos aflitos do meu filho são como unhas nos meus tímpanos. Eu não aguento. O som dispara minha resposta de voo ou luta e eleva meu pulso. Eu não estou fugindo. Eu quero correr na direção deles. Aonde quer que eles estejam se escondendo.

Depois de entrar na casa, eu guio Lily para a sala de estar. Puta que pariu -

eles cortaram o sofá com uma faca, espuma saindo das almofadas.

— Eles são idiotas, — diz Connor, sua voz firme.

— Idiotas com facas, — retruca Rose, suas sobrancelhas franzidas em ansiedade. Ela bate o salto repetidamente no chão.

Alguém grita, — BUU! — do topo da escada.

Tentando ser assustador, eles erguem a cabeça de gárgula, mascarados e de mãos vazias. A polícia deve chegar aqui em breve. Talvez em alguns minutos. Não temos tempo para bloquear todas as saídas, mas se eu pegar um, ele vai dedurar seus amigos.

— Eu tenho isso, — eu digo a eles. Eu mal posso encontrar o olhar de Lily sem que todos os meus músculos se enrolem - um instinto natural para protegê-la. Para garantir que *ninguém* vai tocar nela. Ou no meu filho. Mas tenho que fazer isso.

Enquanto me afasto do lado dela, Lily se aproxima de sua irmã.

Balançando Moffy em seus braços. Por alguma razão, espero que Connor desconfie de mim, intervenha. Assuma o controle da situação. Mas ele me dá um aceno de cabeça e depois sussurra para Rose em francês. Ele fecha o casaco de pele de Rose, escondendo a filha embaixo dele.

Eu tento exalar a rocha no meu peito. É quase impossível. Eu apenas vou para o corrimão da escada alta e larga, e um adolescente se eleva acima de

mim no topo das escadas. Seus Vans vermelhos combinam com os que eu uso. Eu examino seu corpo esguio, sua calça jeans cinza, camisa de manga longa preta e máscara de gárgula azul escura.

Com cerca de vinte degraus nos separando, o adolescente lentamente estende o braço e aponta para mim. Ele acha que pode me assustar.

Ele não pode. — Isso não vai acontecer, — lhe digo categoricamente. Eu nunca tive medo de filmes de terror. Nunca fiquei aterrorizado com o escuro.

Eu sempre me considerei um monstro maior do que todas as criaturas no Halloween.

Na minha vida, eu só senti que estava em perigo quando pensei que estava perdendo a Lily. Mentalmente, fisicamente, inteiramente. Mas esses adolescentes não vão machucar ela ou meu filho hoje à noite.

Eu não estou nem entretendo a ideia.

Sou só eu e ele agora.

Ele dá dois passos para baixo, diminuindo a distância entre nós. E então ele inclina a cabeça devagar. As batidas e as pancadas no andar de cima desaparecem repentinamente. E percebo que seus amigos se reuniram no topo da escada atrás dele. Eu conto cinco corpos.

Um dá um tapinha no ombro do amigo e gesticula para o corredor, ansioso para sair. O amigo acena e fica parado.

— Você quer saber o que eu vejo? — Eu digo, um gosto amargo subindo na minha garganta. Eu quero odiá-los. Mas eu simplesmente não posso. Eu odeio suas escolhas. Eu odeio que eles invadiram minha casa e aterrorizaram todo mundo. Mas eu não posso odiá-los.

— O que? — Pergunta o que está mais próximo, sua voz abafada atrás da máscara. Eu não sei dizer se ele é o Garrison, aquele que tem sido o mais vocal comigo. Ele estica o pescoço por cima do ombro e sussurra algo para seu amigo, seus dedos nervosamente se enrolando em um punho.

Eu me aproximo, minha mão deslizando pelo corrimão enquanto subo a escada. — Eu vejo cinco adolescentes que vão passar a vida toda se arrependendo dessa noite. — Assim que eu aumento o meu ritmo, eles xingam e o cara corre de volta para cima, se juntando a seus amigos enquanto eles correm pelo corredor.

Eu corro atrás deles.

— Vai, vai, vai! — Eles gritam um para o outro, passando pelos quartos da Jane e do Moffy.

— Vai para a escada dos fundos! — Grita outro, batendo em uma moldura na parede. Eles estão talvez a um metro na minha frente.

Antes de chegarem ao canto do corredor, o cara mais próximo tropeça em seus próprios pés, seus sapatos vermelhos, um tamanho grande demais.

Tenho um pequeno flashback, da última vez que persegui esses adolescentes na rua mal iluminada. Ele luta para ficar de pé, mas eu agarro sua camisa

preta. Enquanto ele se tenta ir para seus amigos, eu o puxo de volta para mim, enrolando a sua camisa em torno do meu punho.

— ME SOLTA! — Ele grita com mais alarme.

Seus amigos hesitam no canto do corredor. As sirenes da polícia estão audíveis à distância. Os policiais podem até estar estacionando na frente da casa.

— Eu avisei vocês, — eu grito. — Eu disse a vocês que nós iríamos prestar queixa dessa vez.

— Precisamos ir, — diz um dos outros rapazes. — Eu não vou para a prisão, cara.

— Nem eu, — diz outro.

O cara no meu aperto se debate. — NÃO ME DEIXEM! — Ele grita. —

VOCÊS NÃO PODEM ME DEIXAR! — O medo treme sua voz, e seus supostos amigos desaparecem no corredor, selando seu destino.

Ele é mais baixo que eu, mais magro. Eu o levanto facilmente pela cintura e o levo para a escada, mesmo quando ele luta contra mim. — Foi uma brincadeira do caralho! — Ele continua repetindo, *você não sabe brincar?!*

Meu estômago se revira e eu paro no topo da escada. Eu aperto firmemente seus pulsos atrás das costas. — Isso é engraçado, — eu digo secamente. —

Realmente, muito engraçado. Destruir a merda de alguém. Coisas hilárias. —

E então eu tiro sua máscara.

Minha boca cai um pouco.

O cabelo vermelho é familiar, um dos caras que eu conheci na Superheroes

& Scones. Mas ele não é o Garrison. Seu rosto está vermelho de raiva, e eu o empurro para frente, então ele desce as escadas. Quando nos voltamos para a sala de estar, meu pulso dispara.

Eu examino Lily, que se inclina no sofá. Sem o casaco dela, noto seu braço avermelhado, como se estivesse coçando. Droga, Lil. Náusea se agita, mas eu me concentro em Moffy em seu macacão azul. Seus olhos cheios de lágrimas parecem se conectar aos meus, e ele estica os braços, se contorcendo como se preferisse ser segurado por mim agora. Lily tenta consolá-lo, recolocando seu mini gorro do Wampa que ele tira da cabeça. Como Jane, ele está inconsolável.

— *Seu* pinto pequeno, — Rose amaldiçoa.

Por alguma razão, acho que ela está me insultando. Mas seus penetrantes olhos verdes-amarelados estão plantados no ruivo na minha frente.

— Onde estão seus amigos? — Rose quase grita com ele como se estivesse

sob um interrogatório.

O ruivo pressiona os finos lábios fechados.

Rose gira em seus calcanhares e começa a marchar para a porta de trás. —

Precisamos encontrar os amigos dele rapidamente. — Já que Connor está com Jane, ela deve se sentir livre para perseguir o resto dos adolescentes. O

problema: ela está de salto. E ela é Rose. Qualquer um com dois pés pode ultrapassá-la, incluindo sua sobrinha de sete anos.

— Sim, faça isso, — digo a Rose. — Voe em sua bolha mágica, Glinda.

— Cala. A. Boca. Loren. — Ela bufa quando fica a um metro do Connor.

E então ele alcança ela, e ele engancha o braço em volta da cintura dela.

— Eles se foram, querida. — Ele a puxa para seu corpo.

— Richard...

— Você não pode correr atrás deles, — diz Connor. — Mas ele vai dedurar os amigos.

O ruivo solta uma risada irritada. — Vou o *caralho,* seu idiota.

Os lábios de Connor se fecham, ele se endireita, um braço envolvendo os ombros da esposa enquanto ele segura Jane. Ela chora em sua camisa branca, a ensopando.

Em uma voz controlada, ele diz, — Arrombamento é crime. Caso a gravidade disso tenha escapado de você, eu vou esclarecer. Agora você terá *sérios* problemas para conseguir um emprego e se candidatar às faculdades.

Aquelas da liga Ivy que você sonhou agora estão riscando seu nome das listas deles. E dentro do seu círculo social, é melhor que você tenha amigos leais.

Porque aqueles que se importam com status vão te dispensar com a mesma rapidez que todos os outros. Você é uma carpa social, um oportunista. Você pega os escassos pedaços que a mão mais afortunada dá a você.

Rose abre a boca para falar, espero que não seja para chamá-lo de pinto pequeno novamente. Eu espero por sua réplica, mas seus lábios se fecham e seus ombros se contraem. Ela cautelosamente olha para Connor.

Eu franzo a testa e inspeciono o ruivo.

Ele está chorando.

Seus olhos ficam vermelhos quando as lágrimas riscam seu rosto. Se eu fosse mais insensível, me sentiria bem agora. Eu me sentiria justificado em sua dor. Ele fodeu com a gente por um tempo. Ele merece isso, certo? Mas a pena que aparece pertence a um cara que já esteve lá. Que odiava tudo e todos. Que só queria ir e se afogar.

Eu não queria que eles escolhessem isso. Mas eu *nunca* vou ter outra noite

como essa noite. Nunca haverá outra sombra passando pelo nosso corredor.

Nenhuma empatia vai mudar minha mente.

O comportamento de Connor suaviza quando ele diz para o ruivo, — Ou você pode fazer um acordo. Reduza suas acusações, tente transformar esse crime em um delito leve.

Eu vejo onde Connor está indo com esse aqui. — Você só tem que falar o nome dos seus amigos.

Ele ri fracamente, e então ele acena algumas vezes de acordo. Nesse momento, a polícia invade as portas da frente com armas nas mãos estendidas e coletes à prova de balas, gritando várias coisas ao mesmo tempo.

Acabou.

Eu libero meu aperto no cara, e ele cambaleia para frente com as mãos no ar. Eu imediatamente pego um bebê aterrorizado e se contorcendo dos braços desajeitados da Lily. Ele se segura no meu peito e eu pressiono a mão nas costas dele, esfregando enquanto ele se acalma.

Lily esconde os olhos atrás da toca do Wampa, como se estivesse se

escondendo de mim.

— Eu vou falar com a polícia primeiro, — eu mal ouço Connor dizer. Um dos policiais está prestes a me interrogar.

— Posso ter um minuto? — Eu pergunto a ele.

Com duas mãos autoritárias no cinto, ele acena uma vez e recua.

— Lil? — Eu sussurro, a observando cruzar os tornozelos com ansiedade.

Ela não está bem. Eu coloco dois dedos no cós da sua calça e a puxo para o meu peito.

Ela se arrasta para frente e funga alto.

Minhas costelas se apertam em volta dos meus pulmões. E eu levanto o gorro branco peludo mais alto na cabeça dela. Os olhos verdes de Lil estão inchados com lágrimas, seu rosto redondo e delicado tão manchado quanto o do nosso filho.

— Eu desapareci lá por um momento, não foi? — Eu percebo. Ela deve ter nos ouvido batendo nas paredes. Eles poderiam estar armados. A imaginação de Lily Calloway fode com ela diariamente, e aposto que construiu um final bem devastador.

Ela limpa o nariz com o braço.

Se eu os provocasse mais, acho que eles teriam tentado pular em mim, me empurrar escada abaixo. Mas eles tinham mais medo de mim do que eu deles.

Eu não alimentei o ódio deles com o meu próprio. Eu apenas deixei

descansar.

— Não faça isso de novo, ok? — Seu queixo estremece.

— Amor, — eu respiro, meu coração doendo. Eu a abraço mais perto, fundindo seu corpo pequeno e magro ao meu corpo. E meus lábios escovam

sua orelha. — Você e eu.

Ela engasga com uma risada. — Lily e Lo.

Meu peito incha. — Nós vamos conseguir fazer isso até o final. — Eu sorrio largo porque eu posso ver isso agora. Deus, eu posso ver isso.

Está mais perto do que eu já percebi.

*

Depois que a polícia anota nossas declarações, alguns deles vasculham nossa casa em busca de sinais dos outros quatro que escaparam. Eu acho que todos eles desceram a rua, para suas casas. E eu tenho mais do que um pressentimento de que os policiais vão bater nas portas deles dentro de uma hora.

O cara ruivo, Nathan Patrick, citou todos os amigos que estavam aqui hoje à noite. Os nomes queimam no meu cérebro enquanto eu varro o vidro do chão da cozinha, alguns vasos de flores quebrados.

Dillon, Kyle, John, e Hunter.

— Como era o nome daquele do capuz? — Lily me pergunta do balcão, seu laptop aberto na frente dela. Mencionei brevemente que o cara não estava aqui essa noite.

— Garrison. — Eu varro os vidros para uma pá e instintivamente olho para Moffy perto da geladeira. Ele está silenciosamente acordado em sua cadeirinha de balanço ao lado da Jane, ambos fascinados pelos móbiles pendurados. O dela: estrelas e planetas, um sistema solar. Os dele: relâmpagos e super-heróis empalhados tipo o Wolverine.

Eu sorrio enquanto ele se concentra no Homem-Aranha vermelho. Mesmo que meu filho tenha as cartas empilhadas contra ele com dois viciados como pais, acho que ele vai ficar bem.

— Você acha que ele planejou vir hoje à noite? — Lily me pergunta.

— Não tenho ideia. — Eu despejo o vidro no saco de lixo preto e verifico o meu celular para chamadas perdidas. Nenhuma. Eu liguei para Ryke umas cinco vezes e ele mandou uma mensagem de volta: *eu ligo para você em um segundo.* Já faz uma hora. Eu pego um presente embrulhado em papel verde

do chão, a caixa amassada.

Eu abro e inspeciono o dano.

A moldura de madeira está quebrada, uma fenda correndo ao longo do vidro. Eu cuidadosamente tiro a foto que eu emoldurei para o meu irmão.

Uma das poucas que realmente temos que é nossa, não tirada por paparazzi.

Desse verão, estamos sentados na beira da piscina do lado de fora. Daisy chamou nossos nomes e nós viramos nossas cabeças ao mesmo tempo em que ela tirou a foto.

Mesmo pegos de surpresa, parecemos felizes. Está nos nossos olhos, nos nossos fugazes e raros sorrisos. Nós até parecemos irmãos.

— Você já escolheu um? — A voz da Rose corta meus pensamentos. Eu coloco a foto em uma gaveta e jogo o resto do presente quebrado no lixo.

— Eu gosto desse de couro cinza escuro já que o de camurça creme fica sujo facilmente, — diz Lily.

Rose paira sobre o ombro da irmã, olhando para a tela do laptop. — É feio.

— É um sofá, — digo a ela. — Não é porcelana fina.

— Ainda tem que combinar, — Rose responde. — Qual é a sua segunda opção, Lily?

Lily morde as unhas e se mexe no banco. Meus músculos ficam tensos enquanto ando ao redor do balcão, e noto que ela tem o calcanhar pressionado contra a virilha. Pelo menos ela não está em uma banheira gelada, chorando. No nosso mundo fodido, ela está indo muito bem hoje à noite, considerando todas as coisas.

Eu posso dizer que isso é o nosso para sempre. Lily nunca ficará cem por cento. Eu também não. Mas essas pequenas lombadas são mais fáceis do que qualquer parede de tijolos que enfrentamos.

— Esse aqui, — Lily diz e estreita os olhos para a tela. — ...o sofá bege adornado.

— Eles podem enviar para cá amanhã de manhã? — Rose pergunta e, sem surpresa, desliza o computador na frente de si mesma, digitando enquanto descobre esses detalhes. Todos nós queremos arrumar nossa casa o máximo possível para Daisy.

E Rose tem colocado sua energia nesses preparativos, já que Daisy também não retornou suas ligações.

Foda-se.

Não estou esperando por mais uma hora. Eu ligo para o número do meu irmão pela sexta vez e pressiono contra o meu ouvido. Quase no último

toque, a linha clica.

— Ei, sinto muito por essa merda. Eu só estava... — Ele respira fundo como se estivesse expelindo a noite. — Você está bem? Está todo mundo...

— Estamos todos bem. — No minuto em que digo as palavras, Rose solta um suspiro surpreso.

— Você conseguiu falar com eles? Coloque no viva-voz.

Eu atiro um olhar para ela. — Sem *por favor*?

— Loren, — ela diz.

Eu falo com Ryke no celular, — A rainha Rose quer que eu coloque no viva-voz.

— Tudo bem, — diz ele.

Abaixo o celular e pressiono o botão do viva-voz. Connor até desliza para a cozinha, encostando um ombro no batente da porta. — Onde eles estão? —

Ele nos pergunta.

Ryke deve ouvir a declaração porque ele responde, — Estamos passando a noite em um hotel no centro da cidade. Voltaremos de manhã.

Eu aceno para isso. Isso é bom. Nós teremos tempo para consertar esse lugar antes que Daisy retorne.

— Como ela está? — Rose pergunta, sua voz mais alta que o normal.

Todos nós estamos morando juntos *pela* Daisy, para oferecermos a ela um tipo melhor de segurança. Isso me atinge de repente.

Nós falhamos com ela. Todo o nosso plano foi para a merda.

História da minha vida.

Você acha que descobriu tudo, a única peça na engrenagem que vai resolver seus problemas. E isso só faz uma bagunça de tudo.

A vida é um grande saco de tentativas e erros. E o erro sempre parece vir às custas de alguém.

— Ela ainda está sacudida pra caralho, — Ryke nos diz. — Eu a acalmei um pouco... mas acho que ela vai estar melhor de manhã.

Lily praticamente sussurra, — Ela vai se mudar daqui?

O sentimento mais estranho me invade. Demoro um segundo para processá-lo. Jesus. Eu não quero que Daisy saia. Não sozinha. Nem mesmo com meu irmão. Eu gosto de ter todos aqui. Em uma casa. Juntos.

Somos uma familia.

Ryke abaixa a voz. — Nós conversamos sobre isso, mas ainda não tomamos uma decisão.

— Nós podemos nos mudar para outra casa, — Rose sugere, a culpa

abaixando seus ombros.

Eu balanço minha cabeça para ela como se ela fosse louca. Passamos meses aguentando esses adolescentes e agora que acabou, vamos nos mudar?

Nós vamos lidar com a mesma merda mais uma vez. *De jeito nenhum.*

— Daisy não quer que vocês façam isso, — explica Ryke.

Lily limpa a garganta e fala mais alto. — Nós queremos vocês dois aqui.

Rose acena com a cabeça. — Eu concordo.

— Eu também, — diz Connor, seus lábios se levantando.

— Eu também, — acrescento.

Ryke soa sobrecarregado quando ele diz, — Obrigado, pessoal. Vejo vocês de manhã. — E ele desliga. Eu esqueci de lhe desejar feliz aniversário, então eu acabo mandando uma mensagem para ele.

Eu posso entender o que ele está passando. Ver uma pessoa que você ama oscilando na borda de suas ansiedades e medos. Sem uma maneira real de consertar isso. Nós só podemos estar aqui para ela. Cada garota Calloway luta uma batalha similar de maneiras diferentes. Enquanto eu seguro meu celular, eu vejo Lily arranhando seus braços e sei que a minha garota está indo em direção a essa borda familiar.

LILY CALLOWAY

Não consigo dormir. Me deito de lado, enrolada no lençol, e ouço os rangidos das paredes, abraçando a babá eletrônica no peito.

— Lil, — Lo murmura, suas mãos nos meus quadris enquanto ele está atrás de mim.

— Hum? — Uma dor pulsa entre as minhas pernas. *Ignore, ignore, ignore*, eu envio esses sinais para o meu cérebro. Mesmo que eles sejam incomputáveis. Eles devem ir para lá.

"— Você está roçando contra o meu pau, amor.

Merda. Eu fico parada, não querendo fugir dele. Eu gosto que ele tenha um forte apoio nos meus ossos do quadril e que seu peito quente está pressionado nas minhas costas. Minha bunda magra me traiu. E talvez a minha região inferior também.

— Eu não pretendia fazer isso. — Ansiedade deixa minha pele vermelha.

— Está tudo bem. — Ele apoia o cotovelo no travesseiro e beija minha bochecha. Oh Deus. Eu quero aqueles lábios bem nos meus.

— Lo, — eu lamento. Eu odeio minha voz carente. Viro meu rosto para o travesseiro e gemo angustiada. Eu gostaria de escapar da minha mente hoje à noite. E a melhor maneira e mais fácil de fazer isso é com sexo. O problema é: eu temo pela segurança de Moffy, e *por que* eu tenho que ser a garota esquisita que gostaria de afogar essas preocupações com um clímax?

Lo sobe em cima de mim, descansando os joelhos dele nos meus lados e ele me vira de costas. Eu olho para ele, sua mandíbula afiada que está visível no nosso quarto escuro.

Muito suavemente, eu digo, — Eu gostaria de ser normal hoje à noite.

Suas sobrancelhas franzem em preocupação. — Você é normal, Lil.

Eu balanço minha cabeça um pouco. — Eu quero foder você.

— Engraçado, eu quero foder você, — ele retruca.

Eu dou risada fracamente em um sorriso ainda mais fraco.

— É verdade, — ele diz em um tom brincalhão. — Minha melhor amiga,

— ele aperta minhas bochechas — me excita desde que atingi à puberdade.

Eu amo tudo sobre ela, e não há *um dia* que eu não pense, *eu gostaria de foder essa garota.* — Ele abaixa os lábios, aqueles belos lábios cor-de-rosa nos meus, um suspiro de distância, e sussurra, — Então pronto.

Eu tremo embaixo dele. — Lo. — *Me fode.* Eu apago o pedido sujo do meu cérebro e pressiono a babá eletrônica no meu ouvido, apenas no caso de eu ter perdido alguma coisa.

Lo me observa hesitante. — Ele está bem, Lil. — A seriedade inunda sua voz.

— Estou apenas me certificando.

Antes mesmo de terminar as palavras, Lo sai de cima de mim e da cama.

Ele acende as luzes.

— O que você está fazendo? — Eu pergunto, me sentando. Ele está vestindo cueca boxer preta e calça de moletom. Normalmente ele não teria feito isso, mas ele está tentando não balançar os produtos na frente de uma viciada. Ainda assim, eu olho para sua bunda e sua protuberância, dependendo de que lado ele se vira.

Hábito sujo.

— Eu já volto. — E então ele abre a porta e desaparece.

Eu estou usando uma das camisas pretas folgadas do Lo. Eu me pego mordendo minhas unhas que ardem. No momento em que eu solto minha

mão, Lo retorna, e eu me levanto quando vejo quem ele trouxe com ele.

Maximoff Hale. Nosso bebê, vestido com um macacão vermelho que diz: Vingador em Treinamento. Seus pequenos tufos de cabelos castanhos escuros estão alisados para baixo e ele dorme nos braços do Lo com a boca aberta.

Nós não cutucamos ele mais para garantir que ele esteja vivo.

Lo está segurando nosso filho. O bebê que criamos juntos. Metade dele e metade minha.

É a imagem mais linda que meu cérebro já recebeu. E tenho medo de transformá-la em algo mais sujo. Então eu rapidamente rolo de barriga para baixo e me escondo embaixo do edredom.

— Lily, — Lo repreende. A cama ondula sob seu peso e ele descansa ao meu lado. — Saia, amor.

— Eu não vou a lugar nenhum, — eu digo imediatamente, a onda vermelha de vergonha quente e cruel.

Lo puxa o edredom de cima de mim. — Você não vai se esconder no banheiro ou debaixo das cobertas. Você está com medo de que Moffy não esteja seguro no quarto dele hoje à noite. Então ele está dormindo entre nós.

Eu fico boquiaberta e me viro de lado, encontrando seus olhos âmbar estreitos. — Lo, eu… — *Estou com medo.* De mim mesma.

— Você vai ficar bem, amor. — Ele gentilmente descansa Moffy no colchão entre nossos corpos. E lágrimas picam meus olhos. Ele está contente, feliz e quieto. Como todos os bebês deveriam ficar.

Eu relaxo e toco sua pequena mão, seus dedos apertando meu mindinho em seu sono. Talvez eu possa fazer isso. Eu exalo e olho para Lo. Ele está me estudando, fazendo anotações mentais de todos os meus desejos. Eu me mexo um pouco e cruzo meus tornozelos. Mas eles estão começando a subjugar com a minha ansiedade.

A distração é legal.

Eu assisto Moffy dormir, e Lo descansa de volta em seu travesseiro. Ele vai ter as maçãs do rosto do Lo. Eu posso dizer. Além do cabelo escuro, ele parece muito com o Lo pelo que pude ver de suas fotos de bebê.

— E se eu o esmagar? — Eu pergunto.

— Vou colocá-lo no berço quando você cair no sono, — diz ele.

Concordo com esse plano.

— Feche seus olhos, amor.

Com apenas um pouquinho de relutância, fecho meus olhos. Minha mente rola enquanto penso em uma coisa: sempre terei dias ruins. É um fato que eu já aceitei. — Lo, — eu digo baixinho.

— Sim?

— Um viciado sempre será um viciado? — Não há como mudar isso, eu acho. Ele está tão quieto que acabo espiando com um olho.

Ele olha para mim com tanta intensidade, roubando minha respiração. —

Alguma vez você sonhou que estaríamos curados ou algo assim? — Pergunta ele.

Meu outro olho se abre. — Não, — eu sussurro. — Você sonhou?

Ele sacode a cabeça. — Eu sabia desde o começo que seríamos viciados no final de tudo. — Seus olhos âmbar me atravessaram. — Eu simplesmente não sabia se estaríamos em um lugar melhor do que antes.

Nós estamos. Eu nem preciso dizer as palavras. Ele também sabe a resposta. Estamos no melhor lugar que já estivemos, atingindo uma estagnação juntos. É lindo aqui em cima, e mesmo que eu tenha medo de cair, é bom saber que já passei por esse caminho antes. E eu sempre posso ir até o topo novamente.

Lo se inclina sobre o nosso filho para me beijar carinhosamente nos lábios,

um beijo casto, mas cheio de promessas ao longo da vida. Eu deixo isso me guiar para o meu sono.

{ 65 }

LILY CALLOWAY

Rose passa canecas de chocolate quente para mim e para Daisy antes de se acomodar na nova poltrona ao lado do Connor, Jane no colo dele. Ryke e Daisy reivindicaram o *sofá* bege tufado ao lado deles. Minhas irmãs e eu estamos todas enroladas em cobertores, uma frente fria apareceu essa manhã.

Eu pego minha caneca com uma mão, um cobertor roxo ao redor dos meus ombros. Eu me sento entre as pernas de Lo enquanto ele descansa as costas na lareira de pedra branca, uma mão na cadeira de balanço do Moffy.

Nenhum de nós dormiu muito bem, mas estamos menos focados em nossos bebês e mais focados em minha irmãzinha.

— O que aconteceu com o sofá? — Daisy finalmente pergunta enquanto ela cruza as pernas. Ryke tem um braço ao redor de sua cintura, círculos escuros sob os olhos. Ele tem que pegar a caneca de Daisy antes dela derramar o chocolate quente em seu colo.

Rose hesita, uma péssima mentirosa. — Não é importante.

Daisy torce uma mecha de seu cabelo castanho em volta do dedo. Ela parece mais jovem com sua cor natural, eu percebo. Ela parece mais sua idade, mais inocente. — Eu sei que todos vocês estão esperando por mim para fazer um grande discurso… — Ela gira os dedos, e meu estômago dói ao observar suas peculiaridades inquietas. Eu não tenho mais certeza se elas são partes saudáveis dela. Eu não tenho certeza se elas algum dia foram. — Mas eu não tenho um que realmente descreva o que senti ontem à noite.

— Dais, tudo bem, — diz Ryke. — Você não tem que falar porra nenhuma se você não quiser.

Ela descruza as pernas e depois as cruza novamente. — Eu preciso, eu acho. — Seus olhos verdes voam entre mim e Rose. — Esses últimos dez meses vivendo com vocês foram uns dos melhores da minha vida. Sendo a mais nova, sempre me senti excluída e vocês duas conseguiram me incluir, mesmo quando vocês estavam tendo bebês. — Ela sorri, um sorriso triste. —

Eu quero que vocês duas saibam que eu amo tanto vocês.

Eu limpo meus olhos e olho para Rose. Seu olhar está todo embaçado,

mesmo que ela não esteja chorando ainda. Isso parece um adeus muito triste.

Eu não estou pronta para isso. Eu pensei que todos nós estaríamos vivendo juntos muito mais tempo do que isso.

Eu gosto de acordar de manhã com a minha irmãzinha, andando tranquilamente ao redor da cozinha com mirtilos. Como uma bola de sol, ajudando Ryke a preparar panquecas para a casa. Eu amo quando ela anda de skate na sala de estar, recitando suas teorias sobre a vida e o amor. E quando ela propõe lutas de balão de água no calor do verão.

Houve uma época em que eu não fazia ideia de quem era Daisy Calloway.

Mas eu a conheço agora. Ela é minha exuberante irmãzinha e eu a amo mais do que pelo fato dela ser sangue do meu sangue. Eu a amo como amiga e egoisticamente não quero deixar ela ir.

Daisy continua, com lágrimas silenciosas rolando pelo rosto, — De certa forma, sinto que regredi. Mas então eu lembro de todas as horas que passei com vocês duas. — Ela olha diretamente para mim. — E eu acho que eu teria perdido todos esses momentos se eu estivesse em outro lugar. — Ela funga.

— Eu ganhei algo aqui. E não é algo que eu queira perder.

Eu uso a borda do meu cobertor para secar meus olhos. — Você não vai,

— eu digo, minha voz áspera. — Aconteça o que acontecer, você não vai.

— Nós sempre seremos suas irmãs, — Rose diz a ela. E é aí que as lágrimas dela caem. Ela revira os olhos ao senti-las.

Daisy acena algumas vezes. — Eu percebi que não importa onde eu vá, eu vou ter medo. Eu posso viajar todo o caminho para a Costa Rica e ainda ficar assustada.

Ryke fica rígido com isso. Ele descansa a mão na cabeça da Daisy em conforto.

— E mesmo que eu tenha ficado um pouco mais fora do que o normal, todos vocês me deixam mais feliz, — declara ela. — Então, eu vou ficar.

— Nós dois vamos, — Ryke anuncia, e ele bagunça o cabelo de Daisy com uma mão áspera. Ela sorri para ele.

Eu fico boquiaberta. — Sério? — Eu praticamente choro.

Ela ri, esfregando os olhos avermelhados. — Sério, sério.

— Essa é a melhor notícia. — Eu me viro para Rose, esperando uma reação semelhante.

Suas lágrimas secaram e ela agora está com os olhos *estreitos* para a nossa irmãzinha. — Você poderia ter me poupado dos olhos inchados, começando isso com *eu estou ficando*.

Lo corta, — Ela descongelou o seu coração com coisas sentimentais. Não seja uma vadia com ela por isso.

— Eu revogo essa palavra do seu vocabulário, — retruca Rose, cruzando os braços. Connor sorri em seu gole de café.

— Oh, olhe para isso, ela colocou um feitiço em mim, — diz Lo secamente. Ele acena para o Connor. — Como se sente quando ela te enfeitiça? Você fica morto por dentro?

— Na verdade, o oposto, — responde Connor, até mesmo entrando nas brincadeiras de *magia*, o que ele geralmente não faz. Meu sorriso faz minhas bochechas doerem.

Lo faz uma careta. — Cristo. Desculpa por ter perguntado.

— Falando em vocês dois, — Ryke fala, gesticulando entre Connor e Rose. — Eu recebi uma mensagem da Lily ontem à noite dizendo que ela convenceu vocês a criarem redes sociais. Que porra é essa?

— Eu já estava no Twitter, — lembra Connor. — Ela só teve que convencer a Rose.

Eu me animo com o novo assunto. — Todo mundo deveria fazer isso.

Ryke me lança um olhar sujo (o tipo sujo não-sexual). — Por favor, me diga que esse não era o seu fodido lema no ensino médio. — Esse é o Ryke protetivo entrando. (O tipo não-sexual de entrar.) Eu franzo meu nariz enquanto eu penso nisso. — Não, isso é mais a cara da Daisy. Ela é a única que tenta convencer as pessoas a fazerem coisas malucas. — Eu aponto para ela. — Como andar na borda do telhado de um prédio.

— Sim, irmão, — diz Lo com um sorriso. — Você está namorando essa aí.

Ryke levanta as sobrancelhas para sua namorada.

Daisy sorri tanto que ilumina toda a sala. Tensão extinta. — Eu acho que tenho cerca de trinta anos sobrando para fazer coisas malucas, então, ei, eu poderia muito bem fazê-las com o maior número de pessoas que eu puder. —

Ela cutuca o lado dele. — Mesmo que seja só você.

Ryke está prestes a beijar ela. Eu conheço o olhar sensual em seus olhos.

Eu uso ele em muitas ocasiões, eu acho. Ele acaba beijando a cabeça dela e se concentra em todos nós. — Eu pensei que nós tivéssemos concordado em nenhuma rede social?

— Isso foi até a noite passada, — diz Connor. — Lily twittou que todos estavam seguros após a invasão, e dezenas de sites e programas de notícias creditaram o tweet como uma fonte legítima.

Pela primeira vez, nossa voz foi verdadeiramente ouvida. Nenhuma torção

de nossas palavras. Nenhuma edição ruim ou citações equivocadas.

— Estamos recuperando o controle, — acrescenta Rose.

Lo é novo nessa situação como o Ryke e a Daisy. Linhas enrugam sua testa

enquanto ele digere essa informação. — E com que nome de usuário você está tomando o controle de volta? — Pergunta ele. — Arroba callobruxa, hashtag me espanque?

Eu bato no peito de Lo.

— O quê? — Ele sussurra para mim.

— Isso foi malvado.

Connor não está sorrindo, o que significa que isso definitivamente atingiu a Rose.

Ela inala fortemente. — Você acabou de insultar ambas as minhas irmãs, considerando que eu sou Rose *Cobalt.* E hashtag, eu *odeio* você.

Lo levanta as mãos. — Tudo o que estou dizendo, Rose *Cobalt*, é que não importa o quanto nós vamos nas redes sociais, ainda haverá pessoas nos criticando. Isso não vai mudar.

Eu olho para ele. — Eu sei disso, Lo. — Ele está preocupado comigo - que eu coloquei toda a minha fé nas redes sociais sendo uma grande solução. —

Sempre teremos inimigos. Mas nós também teremos fãs. E eu gostaria de mantê-los.

Os ombros de Lo relaxam e ele acena para mim. — Ok.

— O nome de usuário da Rose é RoseCCobalt, — digo a ele. — Foi o único disponivel.

— Então, eu estou supondo que Loren Hale já está sendo usado? — Ele me pergunta.

Eu concordo. — Sim.

— Espere, como alguém pode usar nossos nomes? — Ryke franze a testa.

Ah, caramba. Ele é o único que não sabe como o Twitter funciona. Daisy

mostra seu celular para ele. — Eu vou criar um para você.

— Estamos realmente fazendo isso? — Ele pergunta, hesitando.

— Apenas seja você mesmo, — diz Connor. — Eu sei que você provavelmente falha na escrita das palavras, mas pessoalmente, você geralmente é excelente em ser quem você é.

— Eu vou ignorar a parte em que você me insultou.

Connor sorri. — Por quê? Essas são as melhores partes.

Ryke mostra o dedo do meio para ele.

— Que tal 'rykefuckmeadows' como um nome de usuário? — Daisy

pergunta, digitando em seu celular. — Ah, espere... esse já está sendo usado também.

— Sério? — Ryke diz, parecendo impressionado. Ele se inclina sobre ela para verificar a tela.

— Apenas coloque de trás para frente, — diz Lo, — MeadowsRyke. Ele não vai se importar.

— Sim, tudo bem por mim, — concorda Ryke.

— Consegui, — Daisy nos diz. Nos próximos minutos, temos várias ideias para o nome de usuário da Daisy e do Lo. E roubo o celular do Lo para digitar as possibilidades.

— Qual é o seu? — Lo pergunta a Connor, esquecendo a conta verificada no Twitter do Connor.

— Meu nome, mais nada, — responde Connor.

@ConnorCobalt. Não é de surpreender que ele tenha conseguido esse nome de usuário. Ele tinha antes mesmo de nos conhecer.

Lo espreita por cima do meu ombro enquanto eu olho uma conversa no Twitter entre nossos fãs. — Oportunidade perdida, Connor, — diz Lo com um sorriso crescente.

— O que?

— Um de seus fãs tem o nome de usuário: ConnorCockbalt. — Lo inclina a cabeça para ele. — Odeio dizer isso, mas é melhor que o seu, amor.

O sorriso de Connor toma conta do seu rosto. — Eu não discordo de você.

Estou sendo sugada para a conversa no Twitter, meus olhos brilhando com os nomes de usuários. Meu coração se incha com cada um.

@lorenhale

@rykemeadows

@ConnorCockbalt

@lilycalloways

@rosescalloway

@runcalloway

@callowaysisters

@lilocalloway

@coballoway @cobaltscalloway As pessoas por trás deles significam algo para mim do jeito que todos os fandoms significam.

— Isso é muito legal, — Lo sussurra no meu ouvido. Ele voltou a olhar para a tela, olhando atrás de mim para o resto dos nomes de usuários.

— Sim, — eu digo com um sorriso maior. — É muito legal.

— Tente lorenhellion, — ele respira. Eu faço, e uma marca de verificação

verde mostra que está disponível. Daisy escolhe @daisyonmeadows, um trocadilho bobo que também é um pouco paquerador. Isso combina com ela.

— Então, o que nós entrarmos nessa porra de rede social significa, exatamente? — Ryke pergunta. Eu acho que ele sabe. Ele só quer alguém para dizer isso.

Eu falo primeiro. — Nós não podemos tentar nos esconder mais. — Eu aceno com a cabeça resolutamente. É irônico isso vir da garota que costumava ser uma eremita, que se esquivou da atenção e das câmeras. Ao usar as redes sociais, agora estamos cimentando um futuro aos olhos do público.

Não há como voltar atrás.

Mas se nós vamos ficar sob os holofotes, eu prefiro fazer isso do *meu* jeito do que de outra pessoa. Talvez então tenhamos a chance de lutar para proteger Maximoff e Jane à medida que eles crescem. Todos nós temos uma voz maior agora.

Ninguém pode roubar isso de nós.

LOREN HALE

Ryke coloca um bagel na torradeira. — Não diga nada, porra, — ele me diz.

Eu devo usar um sorriso zombeteiro. — Eu não ia dizer nada. — Enquanto as meninas conversam tranquilamente na sala de estar, nós enchemos nossas canecas de cafés na cozinha.

Connor examina a data de validade do leite. — Eu vou dizer então.

— Faça isso, — eu encorajo.

— Daisy Meadows, — Connor coloca lá fora. O nome de usuário que ela escolheu despertou velhas lembranças para nós. Nós brincamos com o Ryke o tempo todo sobre essa possibilidade. Se casar com ela. Antes, eu nem queria pensar nessa possibilidade. Agora, é divertido vê-lo revirar os olhos. E

me dizer para me foder.

Ryke parece irritado enquanto espera seu café da manhã. — Vocês dois são hilários pra caralho.

— Eu pensei que nós éramos mais previsíveis do que hilários, — diz Connor facilmente, jogando o leite no lixo. — Mas eu aceito os dois.

Eu me inclino contra o fogão. — Vocês vão nomear seus filhos Wild ou Pony?

— Cala a boca, — Ryke diz levemente, e ele até ri. — Pony Meadows, sério?

— É natureza. — Eu ofego teatralmente como Daisy sempre faz. — A natureza é incrível.

— Sua imitação dela é ruim pra caralho.

— Sim, isso foi fraco. — Eu assisto Connor colocar seu café em uma caneca. Ele passa a mão pelo cabelo ondulado, achatando alguns dos fios mais

grossos. — Ei… — Meu sangue congela, e eu hesito em dizer o que está na minha cabeça.

Mas ele se vira e coloca seus profundos olhos azuis em mim. Esperando que eu termine.

Eu não lhe perguntei sobre o artigo há algum tempo, aquele envolvendo

meu filho. Não apareceu na internet. Eu presumi que foi resolvido, mas eu dormiria mais fácil se ouvisse isso dele. Eu pergunto, — Você e meu pai resolveram as coisas?

— Não seremos melhores amigos tão cedo, mas deixamos de lado nossas diferenças por enquanto. — Ele toma um gole de café. — Acontece que temos algo em comum. — Eu leio o seu olhar que está mais aberto do que o habitual, a resposta clara.

Ambos me amam.

Essa nem é a parte mais estranha. O que é louco é que me sinto *digno* de amor.

— Então, como você enterrou o artigo? — Eu pergunto com a testa franzida. — O que tiver custado, eu posso fazer um cheque...

— Não se preocupe com isso, — diz ele, suas defesas subindo, suas emoções bloqueadas.

— Connor…

— Lo, — ele diz suavemente, — confie em mim quando eu lhe disser que está resolvido. Isso não faz mais parte da sua história.

Ryke pega seu bagel. — Apenas pegue a fodida vitória, Lo. Todos nós evitamos uma tempestade de merda.

Nem toda situação tem que ser uma batalha completa e se essa é mais fácil

- é, eu vou aceitar. — Obrigado, — eu digo ao Connor.

— Qualquer coisa por você.

Dessa vez, quando ele diz isso, eu reconheço a profundidade de suas palavras. Não tenho certeza do que ele fez por mim. Com alguém tão reservado quanto o Connor, duvido que eu descubra. Mas tenho certeza de que foi mais do que eu poderia dar.

LILY CALLOWAY

— A caixa registradora é bem simples, ou se você preferir cuidar do café e das cafeteiras, você é bem-vinda para fazer isso. Porém, eu pensei que os quadrinhos seriam mais sua cara. — Eu abro algumas das persianas nas vitrines da Superheroes & Scones. Estamos fechados por mais duas horas, mas eu estou guiando Willow, Maya logo atrás.

— Eu provavelmente não deveria ficar perto de líquidos quentes, —

Willow diz suavemente. — Eu posso ser desajeitada quando estou nervosa.

— Ela ajusta as alças de sua mochila jeans em seu braço. Ela ainda a carrega como um colete de segurança.

— É bom saber, — eu digo, a observando examinar a loja vazia, como se fosse sua primeira vez aqui. Talvez como uma futura empregada, é. — Se você não quer um emprego...

— Não, eu quero, — ela me diz rapidamente. — Eu realmente quero. Eu estou apenas absorvendo tudo. — Ela levanta os óculos. — É a minha primeira vez por conta própria...

— Lo mencionou isso para mim. — Eu nunca estive por conta própria. Eu sempre tive ele, e eu não posso imaginar ter dezessete anos e decidir partir para outro estado em busca da felicidade. É algo que Daisy teria feito, se ela tivesse coragem.

Willow diz que ela não é aventureira como minha irmãzinha, mas isso parece uma grande aventura para mim.

— Sua mãe disse que você sempre pode voltar para casa. Ela deixou a porta aberta para você, certo...? — Eu paro, distraída por uma revista *Celebrity Crush* no balcão. Um funcionário deve ter deixado isso para trás.

Normalmente, eu tentaria ler algumas manchetes.

Eu pego a revista e vou para jogar no lixo, fazendo a coisa sensata. Eu acho que Ryke seria o mais orgulhoso de todos.

— Sim, — Willow acena. — Está sempre aberta.

— Isso é bom, — eu digo, um pouco distraída enquanto atiro a revista no lixo. Ha! Tome isso Wendy Collins, escritora e minha arqui inimiga. Antes

de fechar a tampa, eu acidentalmente vejo uma manchete: *Lily Calloway & Loren Hale: Rumores de casamento!*

Não. Eu me recuso a acreditar que eles vazaram isso. Estamos mantendo tudo em sigilo e privacidade. Esse dia pacífico não pode ser arruinado. Eu fecho a tampa de lixo e ergo meu queixo como Rose faria. Eu me sinto confiante, mas tenho certeza que pareço boba.

Perto de mim, Maya desliza para trás do caixa, contando o dinheiro. —

Colega, venha. Deixe-me lhe ensinar, jovem sábia.

Willow sorri um pouco mais enquanto segue Maya, sua nova colega de quarto. Lo ofereceu nossa casa para sua meia-irmã. Temos muitos quartos extras, mas ela não queria incomodar. Eu acho que é esmagador. Há muitos de nós, e ela ainda está tentando se acostumar com um novo lugar.

Maya tem apenas vinte anos, e sua antiga colega de quarto acabou de se mudar para a Califórnia, então tudo deu certo. Agora Willow terminará seu último ano na escola aqui e suponho que começará a faculdade. Coisas normais. A vida não para quando você toma uma nova estrada. Sempre encontra um jeito de continuar.

Uma batida forte na porta de vidro me acorda. Especialmente quando Garth emerge da sala de descanso com o som. Meu guarda-costas de ossos grandes está do meu lado. Eu estreito os olhos, distinguindo o rosto atrás da porta de vidro, a placa de *fechado* pendurada perto dele.

Minha garganta se aperta.

É o cara do capuz, o que Lo disse que se chama Garrison. Eu mordo minha

unha, hesitando em deixá-lo entrar. Ele bate mais forte, e seus olhos estreitos encontram os meus. Eles não estão cheios de terror ou raiva. Ele apreensivamente muda seu peso corporal de um pé para o outro.

Eu olho para o Garth. — Talvez eu devesse apenas ouvi-lo?

Garth, um homem muito diplomático, acena e diz, — O que você quiser.

OK. Eu me arrasto para frente e destranco a porta, hesitante. Quando eu olho para fora, Garrison puxa o capuz para trás, revelando seu cabelo castanho e rosto de menino.

Ele hesitantemente olha por cima do meu ombro. — Loren está aqui?

— Não. — Eu não acrescento que ele está em nossa casa, se preparando para a reunião final da Hale Co. essa tarde. Onde a diretoria escolherá o novo CEO.

Garrison percebe meu guarda-costas e solta uma risada curta e dolorida. —

Esquece. Isso foi um erro. — Ele está prestes a se virar e ir embora.

— Espera, — eu digo rapidamente.

Ele congela perto da porta, meio virado.

— O que você quer?

Ele range os dentes como se tivesse dificuldade em produzir as palavras.

— Seu namorado... ele ofereceu a mim e aos meus amigos um trabalho. —

Garrison revira os olhos. — É estúpido de qualquer maneira. Tudo é.

— Lo me contou sobre isso, — eu digo, abrindo mais a porta mais. —

Você quer entrar? — Meu estômago faz essa coisa nervosa, mas para no minuto que seus olhos avermelhados e surpresos se fixam nos meus.

— O quê? — Ele diz, incrédulo.

— Se você quer um emprego, precisa entrar na loja, — digo a ele. —

Embora… — Uma lâmpada se acende no meu cérebro. — Seria legal se tivéssemos um mascote de super-herói na frente. Você quer ser um mascote?

— Não, — ele balança a cabeça como se eu fosse meio louca e meio uma dádiva de Deus. Ninguém nunca realmente me olhou assim - a metade da *dádiva de Deus*. Eu já fui muito louca antes.

Ele caminha lentamente para dentro, com as mãos nos bolsos do jeans, mais nervoso, eu acho.

Garth, porém, bloqueia ele. — Eu preciso te revistar.

Eu acho que Garrison vai discutir. Mas ele estica os braços, e Garth dá um tapinha nos bolsos e no capuz. Quando ele termina, Garth acena para mim como se dissesse *ele está tranquilo.*

— Então você quer um emprego? — Não acredito que ele esteja aceitando a oferta do Lo. Eu sinceramente não achei que qualquer um deles iria aceitar.

Garrison não consegue parar de me encarar, suas emoções surgindo, aquelas que ele provavelmente pretendia reprimir. — Você nem vai me perguntar onde eu estava naquela noite? Ou o que aconteceu?

Ah. Talvez eu devesse começar com isso. Eu só não queria assustá-lo, depois que eu vi o quanto ele lutou para vir aqui. — Onde você estava? — Eu pergunto, relutante em ouvir sua resposta.

Ele olha para o teto em pensamento, balançando a cabeça. — Eu não sou um cara bom. Eu nunca disse para eles pararem. Eu sabia que eles planejavam invadir e assustar todo mundo, e eu não fiz nada. Eu apenas deixei eles irem. — Ele engasga com outra risada. — E agora eles estão todos encarando um ano na prisão. E eu estou em liberdade.

Ele não parece em liberdade para mim. — O que fez você ficar para trás?

Seu olhar cai para o chão acarpetado. — Tudo o que seu namorado disse...

porra, eu não sei. Não parecia certo, assustar meninas e bebês... Eu sei que uma de vocês tem TEPT...

Eu fico rígida e minha boca cai. — O que…? — Isso tem sido um fato que todos nós mantemos em segredo do público.

— Eu não contei a ninguém, — diz ele rapidamente. — Eu prometo. Eu não consigo nem lembrar quem deixou escapar. Ou Ryke ou Loren gritou para mim. Ninguém mais estava por perto. — Ele abaixa a cabeça novamente. — Eu acho que... você deve saber que eu planejava ir com meus amigos.

Ele morde os lábios para manter mais emoções à distância. Um caroço se aloja na minha garganta. Eu vejo meu melhor amigo, um jovem Loren Hale que tem tantos sentimentos confusos girando em torno dele. A dor de viver.

Está nos olhos do Garrison.

— Eu literalmente não conseguia mexer meus estúpidos pés, — ele finalmente diz. — E há uma parte de mim que queria que eu estivesse com eles. Que eu fosse pego também.

É apenas culpa. Eu engulo em seco e digo, — Você fez a coisa certa.

— Eu fiz? — Ele pergunta e balança a cabeça novamente. — Eu não posso nem dizer que *sinto muito* porque parece estúpido pra caralho. Como... — Ele passa a mão pelo cabelo. — Como se não fosse o suficiente, sabe? Não é nem um pouco.

— Isso foi o suficiente, — eu digo a ele suavemente. — Eu prometo, foi.

— Eu não posso nem imaginar Lo encontrando seu caminho até aqui aos dezessete anos, dizendo essas coisas dolorosas e guturais para absolvê-lo.

Loren Hale ficou em agonia por mais meia década.

Ele vai ficar feliz em saber que ele salvou alguém disso hoje.

Garrison esfrega os olhos com a manga de seu moletom preto, e então ele exala profundamente e examina a loja como Willow havia feito anteriormente.

— Aqui, vou te apresentar a Maya, a gerente da loja. Ela vai ter uma ideia melhor de quais posições precisam ser preenchidas. — Eu o levo até o balcão onde a irmãzinha do Lo e Maya estão atrás do caixa.

— Ei, — Garrison cumprimenta as meninas com um aceno de cabeça.

Assim que Willow ouve a voz masculina, ela de alguma forma bate na bandeja de dinheiro. Ela vira e cai no chão.

— Eu sinto *muito*, — diz ela, sua pele pálida. O oposto do meu rubor vermelho envergonhado. Ela timidamente sorri para mim, evitando contato

visual direto com Garrison. Ela se abaixa para pegar o dinheiro enquanto Maya mexe no computador.

— Eu posso ajudar, — diz Garrison, se agachado para recolher notas de dólares e moedas.

Ai, Jesus. Eu vejo o jeito que ele olha furtivamente para Willow enquanto ela desajeitadamente pega o dinheiro. Eu conheço esse olhar. É um que diz *você é bonita e interessante e eu quero conhecer você* tudo em um.

Antes que qualquer flerte aconteça, eu faço o que o Lo gostaria que eu fizesse e deslizo entre eles. — Ok, agora você conheceu Willow, e Willow, você conheceu Garrison. As apresentações terminaram. — Vou ter que enviar uma mensagem para Lo para ver se eu deveria colocá-los em turnos diferentes.

Embora eu queira que a Superheroes & Scones seja um local nerd para fazer casais, Willow está fora dos limites. Lo disse para ficar de olho em qualquer "cara assustador" e mencionou que, se um fanático do Capitão América dar em cima dela, ele claramente não é bom o suficiente. Willow merece Scott Summers e adiante.

Foi a referência mais super protetora e mais fofa de super-heróis que ele já

usou há algum tempo.

— Você é nova aqui? — Garrison faz conversa fiada.

Nenhuma conversa fiada. Isso também está fora dos limites. — Sim. Sim, todo mundo é novo, — eu digo rapidamente. — Willow, você pode pegar minha bolsa na sala de descanso? — Eu não trouxe uma bolsa, então vai demorar algum tempo. Pensamento inteligente. Eu internamente me dou um tapinha no ombro.

— Claro. — Ela se esforça para encaixar a bandeja de dinheiro de volta no caixa.

— Eu posso fazer isso, — Maya diz a ela, assumindo.

Willow sai para a sala de descanso, mas ela para no meio do caminho como se tivesse perdido alguma coisa. — Minha mochila…

Garrison encontra no chão antes que eu procure. — Essa? — Ele pega a velha mochila jeans e leva para ela.

Seus dedos roçam quando ele passa para Willow. — Obrigada, — diz ela, pálida como um fantasma.

Desisto. Talvez em outra vida, eu tenha sido um cupido e tenha predito todo relacionamento que já existiu. Eu sorrio com esse pensamento. Eu profetizei todos eles, exceto o meu próprio.

LOREN HALE

— Você está pronto? — Pergunto a Ryke quando entramos nos elevadores da Hale Co. que nos levará à sala de reuniões. Seu cabelo desgrenhado mal está penteado, as mangas de sua camisa branca estão enroladas até os antebraços.

Ele até abandonou um paletó.

Eu pensei que com certeza eu iria encontrar alguém além do meu irmão hoje. Eu ficaria cara-a-cara com os Ryke Meadows que tem abotoado as camisas dele até o colarinho, usando gravatas, indo para o escritórios em um carro, não uma moto.

— Eu costumo te perguntar isso, — ele diz em voz baixa, quieto o suficiente para eu não comentar sobre isso.

Eu tento ignorar a tensão e aperto o botão. — Você se parece com você hoje. — Eu aponto para o cabelo dele. — Acabou de sair da cama, pegou a primeira coisa no chão. — Estou prestes a brincar mais, mas ele não está sorrindo ou rindo.

Seus ombros permanecem rígidos. Estamos prestes a cimentar um dos nossos futuros, e Ryke acredita que nenhum é bom. Eu não sei mais. Esse elevador não parece uma carona para o inferno ou para uma jaula. Em algum lugar do começo até agora, eu mudei.

— Ryke...

— Eu tentei ser diferente para poder vencer você, — ele diz de repente. —

Para ajudá-lo. E eu mal podia engolir isso.

— Pelo que vale a pena, — eu digo, — fico feliz que você tenha voltado a ser o que era.

Ele acena repetidamente, olhando para o chão enquanto estamos lado a lado. As portas do elevador já fecharam e começamos a subir. — Eu preciso te

dizer uma coisa, — ele respira. Ele vira a cabeça para mim. — Fiz o exame no hospital.

Minhas sobrancelhas se juntam. — Para ver se você pode doar?

— Sim. — Ele espera um segundo, lutando para se explicar. — Eu sou compatível.

Eu abro minha boca, não sei o que dizer.

— Loucura, certo? — Ele diz asperamente. — Quem teria imaginado que eu seria a única fodida chance do nosso pai viver?

— Você não tem que fazer nada, — eu lembro a ele, meu estômago nos meus joelhos.

Ryke passa os dedos pelo cabelo, não confuso ou incerto. —

Independentemente do que acontecer hoje, — diz ele, — tomei uma decisão sobre a cirurgia de transplante.

— É? — Eu franzo a testa. Eu não sei ao certo o que espero que ele diga.

Eu só quero que todos vivam, mas o custo do meu pai viver é alto.

Então ele olha diretamente para mim, com a teimosa autoconfiança que Ryke possui, e ele diz, — Eu não estou fazendo isso por ele. Eu estou fazendo essa porra por *mim*. — Ele aponta para seu peito. — Porque eu não posso viver comigo mesmo sabendo que eu poderia ter ajudado ele e não fiz *nada*.

Estou surpreso, mas não estou. Ele é a pessoa mais compassiva que já conheci. Sem perguntar, ele me ajudou a ficar sóbrio por anos a fio. Ele se tornou amigo de uma garota solitária que precisava de um. Ele cuidava dela quando ninguém mais fazia isso.

Ele sempre será o maior herói do meu mundo. — Eu estarei lá, — digo a ele. — Durante todo o processo.

Alívio inunda suas feições sombrias, sem briga entre nós. — Que bom, —

ele diz, — porque eu vou ficar entediado pra caralho quando estiver em recuperação.

Eu dou risada uma vez e, em seguida, estendo a mão, segurando a mão dele, o puxando para mais perto para um abraço. Eu dou tapinhas nas costas dele. Estou prestes a dizer *obrigado* ou talvez *você pode sempre desistir se precisar.* Mal me ocorre que nosso pai possa ver meu filho crescer. O do Ryke também, se ele tiver um.

Mas Ryke se afasta, sua mão firme no meu ombro quando ele diz, — É um processo longo, mas está acontecendo. Algum momento depois do seu casamento, estou pensando. — Seus lábios se levantam em uma fração de um sorriso. — Quando fiz essa escolha, me senti bem pra caralho. Então eu estou fazendo isso.

Eu não posso convencê-lo a desistir disso, é o que ele está dizendo. Não que eu possa convencer Ryke de qualquer coisa. — Devo comprar jogos de tabuleiro? Operando? — Eu mostro um sorriso irônico.

Ele bagunça o meu cabelo com um sorriso completo, me lembrando que sou o irmão mais novo.

E então o elevador para. As portas se abrem e nossos sorrisos desaparecem. Realidade apenas a um pé de distância. A sala de reuniões no final do corredor, à vista.

— Estou bem atrás de você, — Ryke me diz.

Eu dou o primeiro passo para o septuagésimo quinto andar da Hale Co.

É isso.

LOREN HALE

Ryke e eu sentamos em cada extremidade da longa mesa, sete membros da diretoria de um lado, sete do outro. Enquanto passaram sanduíches e café, eles têm falado sobre relatórios financeiros da Hale Co., relações comerciais, sem mencionar o título de CEO ainda.

Eles finalmente chegaram ao final de sua lista de tópicos. Concentrando no que está me assombrando.

Daniel Perth se levanta do banco e abotoa o terno. — Nós apreciamos o trabalho que vocês tem colocado para liderar essa empresa. — Ele olha para Ryke. — Como você aprendeu a nos respeitar, também aprendemos a respeitar você. Você é multilíngue, rápido para entender nossas abordagens e muito receptivo a novas ideias. Seu pai se gabou de você. Ele disse que você era esperto demais para o seu próprio bem.

Os membros da diretoria dão risada coletivamente. Daniel sorri, — Esse é um elogio decente de Jonathan Hale. Ele não dá muitos desses.

Ryke fica quieto, mas seus olhos piscam para mim mais de uma vez.

Estamos longe um do outro, separados pelo comprimento da longa mesa de madeira.

Meus músculos se tensionam quanto mais tempo fico aqui sem respostas.

Deus, eu quero isso. Por muitos motivos. Meu pé balança e eu esfrego meus lábios. Esperando.

Então Daniel se vira para mim. — Quando nos encontramos pela primeira vez, não tínhamos certeza se você gostaria de se envolver com essa empresa.

Mas com sua iniciativa, você nos provou que você quer. — Ele faz uma pausa. — Você é muito parecido com seu pai, mas você não é ele.

Eu cerro os dentes e posso sentir meu maxilar se afiando. Certo. Eu quebro o

contato visual, olhando para a janela que vai do chão ao teto. Aquela que tem vista para a Filadélfia em uma tarde abafada. No silêncio, eu digo, — O

que exatamente vocês estavam esperando?

— Vamos ver, — diz Daniel, — o filho de Jonathan Hale: o que ele chamaria de *merdinha.* O que Jonathan é. Alguém que jogue uma garrafa de

vinho em uma parede, jogue papéis ao redor, grite no rosto de um funcionário se o trabalho não sair como planejado. Degradar uma pessoa para que ele se sinta melhor.

Eu franzo a testa e encontro seu rosto novamente.

— Não pareça tão chocado. Nós conhecemos as partes terríveis do seu pai.

Nós estivemos perto dele tempo suficiente. E ficamos mais que impressionados ao ver que você não herdou os *hábitos* dele.

Porém, eu herdei. Eu herdei todas essas coisas.

Eu olho para a mesa. Meu terapeuta me disse uma coisa uma vez.

Ele disse, — *Às vezes, a pessoa que achamos que vamos nos tornar é a pessoa que já somos, e a pessoa que realmente nos tornamos é a pessoa que menos esperamos.*

Eu estava com medo de me tornar meu pai por anos. É por isso que eu nunca quis comandar a Hale Co. É por isso que eu lutava contra tudo o que ele jogava em mim.

E todo esse tempo, eu já era ele.

Mas eu não sou mais meu pai. Eu me tornei uma versão melhor da pessoa que eu já fui. Alguém que eu possa estar por perto, alguém com quem eu possa conviver.

Sim. *Demorou muito tempo.* — Vocês decidiram então? — Eu pergunto a Daniel.

— Nós votamos, mas no final percebemos que a decisão deveria ser deixada para vocês dois. Queremos alguém que realmente *queira* administrar essa empresa. Se for os dois, ficaremos felizes para caramba de ter os irmãos Hale como o rosto da Hale Co.

Irmãos Hale. A mandíbula de Ryke endurece. Ele se considera um Meadows, não um Hale.

— Você quer que sejamos CEOs juntos? — Eu pergunto.

— *Só* se for isso que vocês querem. — Daniel enfatiza.

Eu tranco meu olhar com o do Ryke e me inclino para frente, colocando minhas mãos sobre a mesa. Eu faria isso com ele, se ele quisesse. Mas eu ainda duvido que ele aproveite essa vida. Eu duvido que ele queira isso.

— Apenas me diga uma coisa, — Ryke diz para mim, a diretoria ouvindo tudo. Mas eu bloqueio suas expressões severas. É só eu e meu irmão. —

Você vai ser feliz?

Meu sorriso se estica no meu rosto. Eu não posso contê-lo. — Eu já sou.

— Eu provei para *mim mesmo* que eu poderia alcançar esse ponto da minha

vida sem uma muleta. Estou sóbrio. Estou saudável. Estou tão vivo.

Ryke sorri de volta, como se ele estivesse orgulhoso de mim. — É seu, irmãozinho. Eu acredito em você.

Durante meses, essas últimas quatro palavras foram tudo que eu sempre quis ouvir. De Ryke, elas significam tudo para mim.

LILY CALLOWAY

Enquanto estou sentada em frente a penteadeira de uma suíte de hotel, Rose prende as mechas da frente do meu cabelo com um grampo de cabelo de diamante. Minhas três irmãs e minha mãe se agitam ao meu redor como os pássaros azuis em Cinderela. Eu nunca pensei que seria uma princesa de qualquer conto de fadas. Eu sou mais como a abóbora que fica tristemente na calçada molhada.

— E se ele disser não? — De repente eu solto o meu bilionésimo medo da manhã.

— Eu vou arrancar o pênis dele, — Rose diz categoricamente enquanto eu me levanto do banco da penteadeira. Isso *não* é algo que eu gostaria. Eu amo o pau do Loren Hale, muito mesmo.

Nossa mãe revira os olhos e depois descansa a mão no meu ombro. — Não ouça sua irmã.

Eu nunca pensei que estaria falando com a minha mãe no dia do meu casamento, mas nós estamos. Nós realmente estamos.

— Ele vai dizer sim, — Poppy se envolve enquanto arruma minha saia de tule branco e top de seda. Não é um vestido de noiva tradicional. Eu experimentei quase todos os estilos: sereia, vestido de baile, linha A, império.

Não foi até que encontrei o combo saia e top curtos que eu me senti como eu mesma.

Daisy cutuca meu lado. — E não porque ele sabe que o membro dele está em jogo.

— Isso vai ser apenas dois por cento do motivo, — Rose se intromete. Ela arruma o resto do meu cabelo castanho liso nos meus ombros e olha para o relógio na mesa de cabeceira do hotel. — Devemos ir para o telhado.

Agora? Eu devo parecer um cervo em frente à faróis porque todo mundo

começa a falar encorajamentos de uma só vez. Minha mente gira em mil direções diferentes. Eu não vi Lo o dia todo, e talvez seja isso o que me assusta nessa cerimônia iminente. E se eu chegar e ele não estiver lá? E se começar a chover? E se um raio acertar um convidado?

— *Lily*. — Rose estala os dedos na frente do meu rosto. Ela está bem na minha frente. Minha madrinha de casamento. Ela levanta meu queixo para que eu encontre seus olhos e ela diz: — Ele está esperando por você. Não tenha medo.

Eu inalo uma respiração forte. Estou prestes a casar com o meu melhor amigo. Se eu repetir isso muitas vezes, começo a chorar. Então, guardo esse pensamento e sigo minhas irmãs para fora do quarto do hotel e para o elevador. Elas todas são minhas damas de honra, usando vestidos de lavanda de um ombro. O que Rose chamou de inspiração grega.

Enquanto subimos ao telhado, ela me passa o meu buquê de flores roxas, o nome chique delas escapou da minha mente.

Estou inundada com milhares e milhares de memórias que contêm Loren Hale. Em cada uma delas, alguma parte do nosso corpo se toca. Nossas mãos.

Nossas pernas. Nossos corações. Subconscientemente, ele me guia para o telhado, onde ele me espera.

*

Eu ouço os violinos pela porta do corredor. Poppy, a última dama de honra, acabou de passar, me deixando no arranha-céu da Filadélfia com meu pai.

— Maximoff está lá fora? — O pressiono por informações, talvez para prolongar o mistério por trás da porta.

Meu pai evita a resposta. — Nós somos os próximos. — Ele coloca a mão nas minhas costas. — Pronta, Lily?

Estou pronta para casar com o homem que tem minha alma inteira?

A ansiedade nervosa diminui. Eu estou. Mas é só quando meu pai abre a

porta que eu realmente acredito que estou casando com ele. Que esse é o dia do meu casamento. 10 de outubro.

Nos nossos termos.

Finalmente.

O horizonte brilha à luz do sol, o ar fresco e frio. E minhas irmãs, em seus vestidos roxos gregos, estão em linha diagonal do lado de um arco de hera.

Flores brancas crescendo em torno da estrutura. Seus sorrisos poderiam iluminar o sol.

Pétalas roxas decoram o corredor, e nossos poucos membros da família, sentados em cadeiras de madeira branca, viram a cabeça com a minha entrada. Minha mãe com a Jane. Willow. E Jonathan.

Os homens elegantes ao lado do arco estão altos e equilibrados: Sam, no final, e Ryke, que segura meu filho. Maximoff está vestido com uma capa vermelha de super-herói e macacão, a letra M bordada em preto. Lágrimas quase explodem, mas eu tento o meu melhor para reprimi-las.

Chegue até Loren Hale.

Chegue até Loren Hale.

Repito o mantra a cada passo em frente. Connor está atrás de Loren, oficiando o casamento, mas eu me concentro apenas no meu melhor amigo, bloqueando o ambiente por um longo momento.

Em um smoking perfeitamente ajustado, Lo espera no final do corredor por mim, as mãos em concha na frente de seu corpo. Aqueles olhos âmbar inebriantes nunca divergem dos meus, nunca me partem ou me abandonam.

Ele é gelo e whisky, afiado e vertiginoso - incrivelmente lindo. E quando ele olha para mim, vejo aquelas milhares de memórias percorrerem seu olhar.

Nós de sete anos de idade realizando uma cerimônia no quintal. Nós de nove anos de idade correndo ao redor da mansão do pai dele.

Nós de quinze anos folheando histórias em quadrinhos em sua cama.

Nós consumimos um ao outro desde o primeiro dia. E nunca nos separamos.

Apenas alguns passos até o Lo, meu pai beija minha bochecha, retorna ao seu lugar ao lado da minha mãe. Rose recolhe o buquê de mim e eu sou levada pelos meus próprios pés para o lado de Lo.

Magneticamente, nos juntamos, a mão dele deslizando na minha, nossas pernas se batendo enquanto se encontram. Ficamos tão perto, como se estivéssemos com medo de que alguém fosse nos separar. Eu subconscientemente bloqueio a música, e Lo segura meu rosto, seus olhos dançando através das minhas feições.

Os meus voam através das feições dele.

Eu gostaria de pular para a parte em que nos beijamos. Lo deve me ler bem. Seu sorriso de repente faz covinhas aparecerem em suas bochechas e ele sussurra: — Em breve.

Em breve. Eu gosto disso.

— Lily, Lo, — diz Connor, tentando mudar meu olhar para ele. Funciona depois que ele chama meu nome pela segunda vez. E eu os coloco no bem vestido e impecavelmente estilizado Connor Cobalt. Ele é um bilhão de dólares e o oficiante perfeito para o nosso casamento.

Lo disse para ele não falar nada formal para a cerimônia, algo curto e doce.

— Antes de vocês disserem algumas palavras uns aos outros, — diz Connor, — há algo que todos nós queremos dizer a vocês.

Minhas sobrancelhas franzem e olho para Lo. Ele balança a cabeça para mim como se não tivesse sido avisado sobre esse plano. Eu escaneio minha família na platéia e minha mãe já está enxugando os olhos com lenços.

Jonathan está radiante de orgulho e minhas irmãs ... Eu me volto para elas e sinceramente, elas já são um caso perdido. Daisy está passando uma caixa de lenços pela linha.

Elas estão chorando antes de eu estar.

O que está acontecendo?

Connor continua de onde parou. — Eu falo por todos aqui hoje, — ele nos diz, — quando eu digo que vocês dois - Lily e Loren - são as pessoas mais fortes que todos nós já tivemos a honra de conhecer.

Meus olhos se arregalam. *O que?* Lo aperta minha mão.

Connor permanece estoico, seu sorriso genuíno e de coração. — Vocês dois passaram anos elogiando a todos nós por nossos talentos e forças, mas vocês estavam muito cegos com suas próprias fraquezas para perceberem o quanto nós os reverenciamos. Durante anos, vimos vocês lutarem por esse futuro, um pelo outro, e conquistaram uma batalha maior na vida de vocês do que a maioria de nós jamais verá.

Eu sinto as lágrimas rolando pelas minhas bochechas, meu queixo tremendo. Eu nunca pensei que alguém pudesse dizer algo assim para nós.

Isso é um sonho, mas eu sei que não é. Porque Lo aperta minha mão de novo, seus olhos também estão cheio de lágrimas.

E Connor diz, — Vocês são nossos heróis e hoje somos gratos por celebrar o amor de vocês e sua vida juntos.

Lo enxuga os olhos com a manga. — Droga, Connor.

Todos soltam risadas chorosas e emocionais. Eu também, e Lo usa o polegar para secar o meu rosto.

— Vocês dois têm a palavra, — diz Connor, dando um passo para trás.

Nossa vez. Eu olho para Lo novamente, uma das mãos dele no meu quadril, a pele nua onde minha saia encontra meu top.

— Primeiro ou segundo? — Ele me pergunta.

Nós não escrevemos votos. Falamos um ao outro para apenas dizer o que nos atingir no momento. Eu sabia que se eu bloqueasse o público, seus padrinhos, minhas damas de honra - eu seria capaz de realizar a tarefa sem medo do palco. Já começou. A última coisa que vejo com minha visão

periférica é Maximoff Hale, meu filho sorridente e feliz vestido de super-herói.

— Primeiro, — eu sussurro. — Eu vou primeiro.

Seus dedos estão perdidos no meu cabelo, sua mão grande envolvendo minha bochecha. Eu penso em dias e dias com ele. E começo, — Se alguém perguntar quanto tempo passamos juntos, eu diria que até onde minha mente consegue se lembrar. Eu não posso te dizer o dia exato em que eu me apaixonei por você porque não houve um único dia que eu não me apaixonei.

— Minha voz treme com mais alegria do que eu já senti. — Você tem as partes mais puras do meu coração e tenho certeza de que, em todos os universos alternativos, sempre, sempre sou apaixonada por você.

Seu peito sobe com o meu, nossa respiração combinada. Expiração por expiração. Inspiração por inspiração. Ele se inclina como se estivesse ansioso para me beijar. Seus braços envolvem minha cintura. E em sua voz doce, ele me diz, — Quase todos os dias de nossas vidas você se perguntou uma coisa.

Sexo dispara no meu cérebro.

E seu sorriso ilumina seu rosto, conhecendo bem os caminhos sujos da minha mente. — Você se perguntou quando seus superpoderes iriam entrar em ação.

Suas palavras liberam meus pensamentos e me concentro em seu olhar intenso e apaixonado. — Eles entraram? — Eu pergunto baixinho.

— De acordo com sua linha do tempo, — ele diz, — eles estão presentes até onde sua mente consegue se lembrar. — Seus lábios se erguem. — Lily Calloway... todo esse tempo, seu superpoder tem sido me amar. — Lágrimas nublam meus olhos, e elas não param, especialmente quando ele acrescenta,

— E você ficará feliz em saber que eu não sou mortal.

— Você não é? — Eu engasgo.

— Não. — Ele balança a cabeça, afastando a umidade debaixo dos meus olhos. — Porque meu superpoder é o amor que tenho por você. É de outro mundo, o tipo de amor extraordinário e incompreensível. E ninguém e nada nessa Terra chega perto disso.

Meu coração está tão cheio que mal consigo respirar.

Nossos lábios se encontram no mesmo momento, expressando as palavras que falamos. Nossos corpos se atraem como ímãs que se encontraram por um tempo não quantificável.

No momento mais feliz da minha vida eu aprendi três coisas: Eu sou forte.

Eu tenho poderes.

E minha alma encontra a de Loren Hale em cada beijo. Quando as cortinas do meu universo se fecharem, ele ainda estará comigo. Disso eu tenho certeza.

{ Epílogo }

LOREN HALE

Fantasmas, bruxas e crianças zumbis pulam pela rua às 17h. na noite de Halloween. O sol ainda nem se pôs, e elas já estão loucas por doces. Eu entro no meu carro novo, outro Audi preto, com Connor no banco do passageiro e Ryke no banco de trás.

— Não acelere,— diz Ryke, abotoando sua camisa xadrez, seu traje simples de Halloween. Eu ainda não tenho ideia do que ele está vestido, além de si mesmo. — Há muitas crianças lá fora.

Connor verifica seu relógio Rolex. — Acelere pelo menos um pouco.

Eu olho para o meu espelho enquanto eu dirijo para a rua, ignorando os comentários da galeria do amendoim.

Ryke diz, — Seu pior pesadelo é estar atrasado para a porra da sua própria festa. Não é, Cobalt?

— Só se as pessoas que estiverem nela importarem, — responde Connor.

— Se a festa estiver cheia de cópias em carbono de você, eu estaria duas horas atrasado.

Ryke se inclina para trás no seu banco. — Você seria o único nessa porra de festa porque versões minhas nem sequer iriam.

— Isso é rude, — Connor diz. — Mas se estamos sendo realistas aqui, eu não convidaria nenhum de vocês para a minha festa. Eu gosto que meus convidados saibam pelo menos usar o penico.

Eles estão me dando uma enxaqueca. — Vocês dois se lembram quando eu perguntei: 'Ei, quem quer vir comigo comprar alguns sacos de gelo no posto de gasolina?' *Isso*… — Eu tiro a mão do volante e gesticulo entre os dois. —

...não é o que eu tinha em mente. — Eu poderia ter estado em minha lua de mel essa semana, mas Lily e eu decidimos não ter uma. Passamos anos

sozinhos juntos, e os momentos em que vivemos com nossos amigos, com as pessoas que amamos e com nosso filho - são aqueles que parecem especial.

Não precisamos estar em um país exótico ou no oceano para experimentar isso.

Nós só precisamos estar em casa.

— Eu queria sair da porra da casa, — Ryke me lembra. Planejar festas não é coisa dele. Vamos entreter alguns dos vizinhos mais gentis e seus filhos em nosso quintal, assim como nossas famílias hoje à noite. Lily recebeu toda uma lista de compras de Rose, e ela esqueceu o gelo.

Rose disse que a lista de convidados é de cerca de cinquenta pessoas. As decorações me lembram das festas que os Calloways faziam. Máquinas de neblina, abóboras, espantalhos, teias de aranha, pintura facial e procura de maçã com a boca.

Connor diz levemente, — Devemos cantar feliz aniversário em vez disso?

— Isso depende… — Eu troco de pista e viro para o posto de gasolina. —

Também vem com uma dança de colo?

Connor sorri. — Eu só dou uma dessas para as pessoas que eu realmente amo.

Eu estaciono o carro e me viro para ele. — Que bastardos sortudos.

Ele solta o cinto de segurança. — Apenas um bastardo, — ele corrige. —

Eu vou pegar o gelo. Vocês dois ficam aqui. — Ele deixa eu e meu irmão, fechando a porta do carro atrás dele.

Ryke passa do banco de trás para o banco do passageiro na frente, uma garrafa de plástico prata da Ziff: River Rush na mão. Ele bebe o resto do líquido verde translúcido em um só gole. É bebida esportiva que mais vende até hoje, um sabor que Ryke ajudou a escolher depois que Greg pediu.

Meu irmão me observa olhando para a garrafa. — Blue Squall está sendo retirado do mercado em novembro, — diz ele. — Ainda é estranho pra caralho que eu seja a face de alguma coisa.

— Você quer dizer depois que você foi para a cadeia? — Ele foi retirado de muitos patrocínios após os rumores de estupro de vulnerável, mas era tudo falso.

Ele acena, colocando a garrafa no porta-copos.

— Já faz um ano, — eu o lembro. — As pessoas esquecem.

— Mesmo se nós não esquecemos. — Seus olhos escuros se erguem para os meus. — Você pensa na noite em que nos conhecemos, a quatro anos atrás?

— A festa de Halloween? — Eu me lembro vagamente. A memória está embaçada, algumas apagadas por causa da bebida. Eu posso separar cenas, mas as que contêm Ryke estão praticamente todas sombreadas.

— Sim, a festa que o Connor convidou você.

— Às vezes. — Minha mão cai do volante. — Eu não me lembro de muita

coisa. — Eu sei que eu briguei com os caras do time de atletismo da Penn porque roubei o álcool da família deles. Alguém me deu um soco, e Ryke, vestido como o Arqueiro Verde, interveio em um ponto.

Ryke descansa a cabeça para trás. — Eu penso sobre ela quase todos os dias.

Minhas sobrancelhas se franzem. — Em quê?

Ele olha para mim de novo. — Eu penso sobre o que teria acontecido se eu tivesse te deixado lá.

— Eu vou te dizer, mano, então você pode parar de se torturar. — Eu não quebro o olhar dele. — Eu teria acordado na manhã seguinte, começado o dia com alguns Baileys, depois mudado para uísque e bourbon. Toda hora, todo maldito dia, eu levaria a única garota que amei para baixo comigo.

Seu nariz se inflama enquanto ele restringe sua emoção.

— Você me salvou, e do jeito que eu vejo, Rose salvou Lily. — Na reabilitação, os conselheiros me disseram que eu era um verdadeiro babaca -

que eu dizia coisas inconcebíveis para as pessoas, e que *ninguém* deveria estar perto de mim quando elas estavam em um lugar ruim. Mas eu precisava de alguém. Sem suporte, seria muito difícil ficar de pé e seria muito fácil cair.

A única decisão do Ryke mudou meu mundo.

— Quando penso naqueles dias, ou no que me lembro, — digo a Ryke, —

geralmente não penso sobre o fodido babaca que eu era. Eu sou apenas grato pelo tipo de cara que você era e o que você é agora. — Eu mostro para ele um meio sorriso. — Eu te amo, cara.

— Vai se foder, — diz ele levemente, seus lábios se levantando.

Connor bate na janela do passageiro, com dois sacos de gelo na mão. Eu abro o porta-malas e depois que ele coloca os sacos lá, ele volta para a janela do passageiro.

— Ele quer o lugar dele de volta, — digo a Ryke.

Ryke mostra o dedo do meio para o Connor e diz: — Se fode.

Dois segundos depois, ele abre a porta do banco de trás e desliza para dentro. — Eu pensei que você gostava do banco de trás, — diz Connor. —

Você tem duas janelas para colocar a cabeça para fora ao invés de uma.

— Você está confundindo ele com a Daisy, — eu me envolvo, lembrando de uma viagem com apenas nós três e ela. Toda vez que Connor e eu assumiamos o volante, nossa ansiedade atingia o teto e quase forçamos Ryke a dirigir por todo o caminho.

— E ela é mais legal do que vocês dois, — Ryke retruca enquanto eu volto

para casa.

A testa de Connor se franze. — Eu tomo sua opinião sobre o assunto com pouca consideração.

— Eu não sou um cachorro, Cobalt.

— Mas você está fodendo Daisy Calloway, — ele responde com facilidade. — Logicamente, você acredita que ela é um boquete ou dois mais legal do que nós.

Eu troco de pistas novamente. — É melhor você adicionar mais punhetas a isso, — digo a ele. — Lily disse que Daisy odeia chupar.

Ryke aperta os olhos com os dedos. — Eu odeio vocês dois pra caralho.

Eu olho para o meu irmão ao meu lado. — Vai passar, irmão. E se isso faz você se sentir melhor, Rose aparentemente também odeia boquetes.

— Porque ela não pode me colocar inteiro em sua boca e isso a agrava, —

esclarece Connor.

Ryke estreita os olhos para ele. — Pelo amor de Deus, você não podia deixar eu aproveitar isso por pelo menos dois segundos, não é?

"— Eu falo toda a verdade. Alguém tem que fazer isso. — Connor dá um dos seus sorrisos falsos que diz, *metade do que eu falo é besteira.* Ele procura algo em um saco plástico a seus pés e abre um pacote de dentes de vampiro.

Ele mencionou como ele não teve tempo de usar uma fantasia porque está trabalhando desde às cinco da manhã. Ele usa seu terno e gravata comuns.

Eu estou com um suéter de lã cinza. Embaixo dele, há uma camisa social branca de manga comprida e uma gravata verde. Um lenço verde e preto está no meu pescoço. Dirijo aos guardas do portão da vizinhança e me identifico.

Meio minuto depois, eu entro na garagem e estaciono o carro.

Nós nos separamos para encontrar as meninas, e eu carrego os dois sacos de gelo para dentro. — Onde está minha lufa?! — Eu grito quando eu chuto a porta aberta para a cozinha.

Lily olha para cima de uma tigela enorme de ponche, mexendo nos pedaços de frutas com uma espátula. Eu me vejo desacelerando meus passos, apenas para engolir essa imagem de Lily: suas bochechas rosadas enquanto ela faz um esforço extra, seus braços desajeitados escondidos sob um suéter preto e manto, sua gravata amarela espreitando pelo colarinho.

— Eu? — Ela pergunta, seu nariz se enrugando em confusão. Cristo, eu quero beijá-la. Envolver meus braços ao redor dela.

Eu me aproximo de Lil, colocando o gelo no balcão. Então, dou uma olhada por cima do ombro zombeteiramente. — Há outra lufa-lufa na casa,

amor?

— Maximoff pode ser da lufa-lufa algum dia, — ela aponta. — Ainda não sabemos.

Eu não tenho que procurar muito por ele. Ele está ao lado de Lily, em sua cadeirinha de descanso no chão. Ele dorme com seu manto preto de mago.

Nós pensamos em vesti-lo como Harry Potter com a cicatriz, mas ele odiou os óculos de plástico.

— Ou ele poderia ser da Sonserina, — ela observa, não deixando de fora a minha casa de Hogwarts. Ele poderia ser quase qualquer coisa, e eu ainda ficaria orgulhoso de chamá-lo de meu filho.

Há pequenos momentos em que ainda temo por ele. Lutas que ele pode enfrentar, erros que eu sei que ele vai fazer, mas eu simplesmente me lembro de algo que eu nunca considerei há um ano.

Eu me lembro de que ele nos tem. E naquela época, eu teria pena dele por ter conseguido um merda como eu. Mas eu não sou um merda. Eu não sou inútil ou patético. Se meu filho alguma vez tropeçar, não tenho dúvidas de que

posso carregá-lo até onde ele precisar ir. Eu amo meu filho incondicionalmente, do jeito que eu amo minha esposa, e eu vou elogiá-lo.

Eu vou apreciá-lo. E eu vou adorá-lo.

Eu vou dar a ele tudo o que não foi dado a nós.

— Se ele for da Grifinória, — Lily reflete, — isso significa que ele é mais legal que nós?

— De jeito nenhum, — eu digo a ela. — Ryke é dessa casa e somos um milhão de vezes mais legais que ele. Ele começou twittando tweets de uma palavra só por uma *semana* inteira. — Eu não consegui acreditar na quantidade de pessoas que retuitaram seu tweet que dizia: *Quarta-feira.* Só isso. Quarta-feira.

— Isso foi brega, — ela pondera, envolvendo os braços em volta da tigela.

Por que diabos ela está abraçando o ponche? — Mas ele escala pedras com as próprias mãos.

— É? E eu posso fazer você gozar uma dúzia de vezes em uma noite.

Quem é mais impressionante?

Suas bochechas ficam mais avermelhadas e os lábios ficam entreabertos, toda ofegante. — Você. — E então ela se concentra no ponche, e eu percebo que ela está tentando levantar a tigela gigante com seus braços finos.

— Lily Hale. — Eu lhe dou um olhar.

— É uma tigela temperamental.

— Use um dos seus feitiços para movê-la, lufazinha, — eu provoco.

Ela enruga o nariz novamente. — Eu não posso.

— Perdeu sua varinha?

Seus olhos voam para os meus lábios. E um sorriso toma conta do meu rosto. Ela fica excitada com piadas de bruxos. Deus, eu amo ela pra caralho.

Eu dou um passo para frente para ajudá-la, mas ela levanta a mão.

— Fique longe.

— Isso não é um feitiço.

— Você está muito atraente agora. — Ela cruza os tornozelos e, em seguida, olha para o relógio no forno.

Eu já ouço as pessoas chegando no quintal, então não é como se pudéssemos dar uma rapidinha no armário. E não é como se ela estivesse ansiando por uma foda de dois segundos de qualquer maneira.

— Bagunce o seu cabelo um pouco, — ela ordena.

Eu passo meus dedos pelos meus longos fios de cabelo no topo.

Seus olhos se arregalam comicamente. — Nãofaçaisso, — ela diz rapidamente, sua respiração pesada em necessidade.

— Que tal, — eu digo, pegando a tigela de ponche dos braços dela, — nós irmos lá para fora com o Moffy.

Ela acena repetidamente como se eu tivesse acabado de ler a Declaração da Independência.

— Você primeiro, — eu digo a ela. Ela pega o nosso filho de três meses e meio, coloca-o de lado e lidera o caminho.

A porta de vidro está aberta, as pessoas entram e saem. O quintal está cheio de crianças em trajes de Halloween, pais e decorações festivas. Maçãs ainda flutuam na banheira, a água laranja por causa da luz colorida. A festa para a vizinhança é um ramo de oliveira. Um começo para uma vida segura e normal aqui.

Eu coloco a tigela de ponche na longa mesa de guloseimas variadas de

Halloween, e pego um biscoito para Lily e duas Fizz Lifes. Ela se senta em um fardo de feno com Moffy, um assento perfeito para observar as pessoas.

Antes de eu chegar até a Lil, sua irmã mais velha me interrompe, estreitando os olhos para mim. — Você não poderia ter escolhido um traje mais apropriado, — eu digo a Rose, abrindo a minha lata.

— Você sabe o que eu sou? — Ela responde, suas mãos arrogantemente colocadas em seus quadris. Eu escaneio seu traje: um tutu preto, tinta preta sobre os olhos e o cabelo em um coque.

— Um diabo. Oh espere, essa não é sua fantasia. É só você. —

Claramente, ela está vestida como o Cisne Negro, imitando Natalie Portman.

— Se eu fosse um diabo, meu tridente estaria enfiado pela metade na sua bunda agora. — Ela cutuca meu peito com o dedo. — Eu te dei meus esboços na *semana passada* e eles ainda não foram abertos.

— Calloway Couture Babies vai sobreviver se eu demorar mais alguns dias para olhar eles, — eu a lembro. — E você não precisa da minha aprovação, de verdade.

— Sim, eu preciso, — ela responde. — Somos parceiros de négocios.

Eu dou risada. — Essa é a coisa mais assustadora que eu ouvi o dia todo.

Seus lábios se contorcem em um sorriso. — Basta dar uma olhada neles.

Eu concordo. — Eu vou.

Ela joga o cabelo por cima do ombro com a mão e seus olhos verde-amarelados pousam em seu marido, que está conversando com os vizinhos.

Ele usa um sorriso falso, mesmo com os dentes de vampiro. E ele segura sua filha em seus braços, que está vestida com um tutu branco e bandana.

Antes que ela possa marchar até ele, Connor percebe que ela se aproxima e se afasta de sua conversa com os vizinhos. Rose estreita os olhos para os dentes

falsos em sua boca. — Isso provavelmente faz você pronunciar tudo errado e mesmo assim você ainda está bajulando todo mundo.

— É no que eu sou bom, — diz Connor, *claramente*. Seus olhos se transformam em fogo e ele só sorri mais largo. Jesus. — E você não é boa em suposições, querida.

— Eu sou melhor em fazer elas do que você, e isso é tudo que importa. —

Ela estende as mãos para Jane. — Venha aqui, pequena gremlin. Estamos combinando. Você não precisa estar nas mãos de um vampiro egoísta.

Connor sorri e quando eles olham um para o outro é como se duas personalidades dominantes estivessem se equalizando. Impossível. Mas de alguma forma, certo. Eu balanço minha cabeça e saio do lado deles assim que eles trocam a conversa para o francês.

Eu finalmente volto para Lily, deslizando ao lado dela. Eu lhe entrego o biscoito e, em seguida, levanto Moffy em meus braços.

— Vocês viram a Daisy? — Ryke de repente nos pergunta, chegando com um prato de batatas fritas e molho de espinafre. — Eu não consigo encontrá-

la, porra.

— Verifique a lua, — digo a ele.

Ele me dá um olhar estranho.

Meus lábios puxam um sorriso seco. — É para lá que ela afirma que vai na mensagem da caixa postal.

— Hilário. — Ele coloca uma batata em sua boca.

Moffy se contorce, acordando de sua soneca. Ele tenta chupar meu dedo e antes que eu peça, Lil me passa a mamadeira. Eu a pressiono contra seus lábios e ele agarra os lados enquanto bebe.

Então Lily faz um som ofegante.

— O quê? — Eu rapidamente olho para ela, mas ela não está focada em Moff..

— Você não está vendo nada, — diz ela, tentando cobrir meus olhos. Os dela estão plantados em algo perto da banheira de maçã.

— Tarde demais, — eu digo a ela, meu olhar se estreitando em Garrison vestido como *nada.* Ele está usando tudo preto. E ele tira o cabelo molhado da minha irmã da testa dela, o traje dela: Chun-Li de *Street Fighter*. A mão dele roça no quadril dela e ela solta uma risada nervosa.

Eu gosto dele. Mas eu gosto mais dela. Willow é *minha* responsabilidade enquanto ela mora na Filadélfia, e o histórico dele é uma merda.

— Eles são fofos, — Lily me lembra.

Balanço a cabeça e faço uma careta quando vejo esse jovem romance se desdobrar. Eu me pergunto se nós éramos tão doentes de amor assim enquanto crescemos.

Ryke diz a Lily, — Ele é um adolescente hormonal com problemas de raiva. Não é fofo.

Lily engole um pedaço do biscoito. — Eu era uma adolescente hormonal.

Tirando a parte do adolescente, eu ainda meio que sou...

— E você é adorável, — digo a Lily, beijando sua testa.

— *Problemas de raiva*, — Ryke enfatiza, lambendo os dedos.

Garrison passa o braço pela cintura de Willow. Ótimo. Rapidamente, eu coloco a mão no ouvido do Moffy e grito, — Ei! Vocês dois!

As cabeças de Willow e Garrison se viram para os fardos de feno do outro lado do jardim. Só é preciso de um olhar mortal de Hale para eles se separarem como se uma bomba tivesse explodido em seus pés.

— Isso foi malvado, — Lily me diz.

Ryke se intromete, — Você não acharia que isso foi malvado se você soubesse da merda que ele disse sobre você.

— O quê? — Ela franze a testa.

Eu não estou perto o suficiente para bater na parte de trás da cabeça do

meu irmão, mas eu gostaria de fazer isso. — Ele não tem filtro, — eu a lembro. — Ele está trabalhando nisso. — Espero que esteja. Eu falei muito com ele na Superheroes & Scones. Ele ainda é um babaca, mas é menos de um babaca agora do que era antes.

Ryke tem dificuldades em perdoar qualquer cara que degrada as mulheres -

exceto, por talvez, eu. Eu chamei sua própria mãe de uma palavra que ele nem pode dizer... e na época, eu achava que ela era minha mãe. É fodido. *Eu* estava fodido. Então eu entendo esse cara. Mais do que qualquer um provavelmente irá.

— Ca-caw! — Alguém grita do alto. Todos nós seguimos o barulho até o telhado da casa. — Ca-caw! — Daisy, vestindo uma tiara de chifre e uma camisa marrom, se senta sobre as telhas. Seu olhar está preso no meu irmão.

— Me caça.

Ela poderia muito bem ter dito *me fode.* Eu tento desligá-los e alimentar meu filho, mas é difícil não ouvir.

— Cervos não fazem ca-caw, Calloway, — Ryke diz.

Ela suspira. — Como você sabe que eu sou um cervo? — Seu sorriso se ilumina quando ela balança as pernas para fora da borda. Seu cabelo está preso em uma trança, sua longa cicatriz visível no rosto.

Lily bate no meu braço repetidamente. — Alerta de estrela nerd, — ela me diz.

Jesus Cristo, eu não tenho estabilidade mental para assistir os dois casais ao mesmo tempo. Meu cérebro vai implodir com o impacto. Eu

propositadamente treino meu foco no meu irmão, se eu tiver que escolher um.

Eu perdi a sua resposta para a Daisy, mas ele joga o prato no lixo e se dirige a ela.

Ao invés de entrar na casa, ele sobe pelo cano, usando a força da parte superior do corpo. Fazendo parecer que ele está subindo a porra da escada para alcançar Daisy. Quando ele senta a bunda sobre as telhas e a beija, mais do que algumas pessoas aplaudem e assobiam.

Mas tudo que vejo é um cara que ficará de cama por um mês e meio depois de uma cirurgia de alto risco. E mesmo se ele ficar bem depois disso, eu vejo um cara que está disposto a escalar penhascos de mil metros sem corda para segura-lo.

A vida do meu irmão vai ser mais curta do que a minha. Eu sei isso. E eu odeio isso.

Ele merece viver mais do que eu e cada maldita pessoa aqui.

Nunca na minha vida achei que ter um irmão me mudaria. Me faria uma pessoa melhor. Mas há algo nos irmãos que te leva a prosperar de uma forma que os pais não conseguem.

— Ei, Lil, — eu respiro, colocando a mamadeira de Moffy para baixo.

— Hmm? — Ela está fixada em Connor e Rose, um sorriso tonto no rosto.

Sua irmã a salvou. Eu disse isso para Ryke antes, e é a porra da verdade.

Rose cuidou de Lily quando eu estava na reabilitação; ela estava lá quando eu deveria estar. Quando eu não *pude*.

E as palavras me deixam. — Algum dia, — eu digo, — eu quero outro filho.

Ela congela e muito lentamente se vira para mim, atordoada em descrença.

Eu nunca professei isso ou deixei que isso ficasse na cabeça dela por mais de um segundo. — O que…?

Eu lambo meus lábios. — *Acredito* que podemos criar mais de uma criança. Não precisa ser daqui a um ano ou dois ou até três. Mas algum dia eu quero conhecer a Luna e quem quer que seja. Eu não quero que Maximoff seja filho único como eu fui enquanto crescia.

Eu vivi as duas versões: sem irmãos, com irmãos. Para mim, não há dúvida qual eu escolheria novamente.

Eu espero pela resposta de Lily, mas a expressão facial dela não mudou do choque.

— A menos que... você não… — Eu paro, observando seu queixo tremer.

E então ela começa a sorrir, as lágrimas rolando pelas bochechas. Isso é um sim. Ela queria isso, percebo. Mas ela não pensou nisso - por mim.

— Você pensou que teríamos só um e pronto? — Eu pergunto com um sorriso crescente.

Ela acena com a cabeça, passando as mãos em suas bochechas, enxugando as lágrimas. — Eu sei que você o ama, — ela funga. — Muito. Mas você nunca falou sobre isso.

Eu coloco uma mecha do cabelo dela atrás da orelha. — Eu nunca te disse isso, mas ter um filho, isso me afetou. — Eu exalo esses sentimentos fortes que me impulsionam para a frente. — E não estou dizendo que tem sido fácil ou tem sido uma solução mágica para meus problemas. Às vezes piorou as coisas, me sobrecarregou, mas… me abalou. Isso me acordou. — Eu paro. —

E em algum lugar na minha cabeça, eu apertei as coisas que estavam se soltando. Eu sei que elas sempre podem desparafusar novamente. Eu sei que posso recair no futuro. Mas eu não estou mais olhando para as piores partes

da minha vida. Estou me concentrando nas melhores coisas que tenho. E tem muito mais desses.

Os olhos de Lily dizem *eu amo você.* Tantos deles que meu peito se eleva em sincronia com o dela. Moffy em meus braços, ela se aproxima de mim e

descansa sua bochecha no meu peito.

Eu a abraço contra mim e beijo o exterior de seus lábios. Ela não está cruzando as pernas ou se contorcendo. Ou implorando por sexo. Lágrimas caem dos seus olhos, um sorriso lindo e feliz brincando em seus lábios.

— Eu que deveria dar presentes para você no seu aniversário, — ela murmura, — não o contrário.

— Você me deu o suficiente para durar mais cem aniversários, amor. —

Aos vinte e cinco anos, estou desesperadamente apaixonado por uma garota que me ama de volta. Não há mais nada que eu queira do que experimentar a vida com ela.

Ela toca os dedos minúsculos do Moffy, e ela roça a bochecha dele com um toque gentil e cuidadoso de seu polegar.

Minha família. Minha esposa. Meu filho.

Nunca achei que receberia coisas tão frágeis e preciosas.

Cada parte de mim está viva hoje. E estará amanhã. Eu não estou mais morrendo no meu próprio corpo. Eu estou vivo de verdade. A paz passa por mim. É o silêncio que eu nunca pensei que existiria. E o paraíso que eu nunca acreditei ser para mim.

Lily e eu - podemos ter começado nosso relacionamento fingindo.

Mas desde que me lembro, nosso amor sempre foi real.

EM BREVE

DAMAGED LIKE US

O primeiro livro da série Like Us.

O que acontece quando as crianças de Addicted estão todas crescidas?

A série Like Us vai se passar em volta da próxima geração do mundo de Addicted enquanto eles passam pela faculdade, amor, família e fama.

AGRADECIMENTOS

Tantas pessoas tornaram a série Addicted especial para nós. De formas que não podemos articular com justiça. Tem sido um turbilhão e um sonho e saber que essa é uma realidade que podemos compartilhar com vocês - não há nada mais poderoso para nós e, por isso, queremos começar dizendo obrigada.

Para nossa mãe - nossa própria Rose Calloway. Obrigada pelo seu amor constante e inabalável. Você nos ensinou sobre família, lealdade e nos deu muita confiança, enquanto usava saltos. Você é um dos seres humanos mais generosos e só esperamos crescer com uma fração do seu coração. Aos 23

anos, temos um longo caminho a percorrer, mas estamos prontas, graças a você.

Para nosso pai e irmão - obrigada por sempre acreditar em nós. Fez ficar em pé e avançar depois de qualquer queda muito mais fácil. Nós amamos vocês dois.

E para a Fizzle Force, fãs da série Addicted, vocês significam muito mais para nós do que apenas fãs. Vocês todos são nossos amigos. Quer tenhamos conhecido você, quer você seja anônimo ou o máximo que você fez foi ler o nosso trabalho. Você nos mudou. Vocês nos tornaram melhores escritoras.

Vocês nos fez nos esforçar. E podemos nos afastar de Lily & Lo agora em paz.

Obrigada por ficar com a gente. Obrigada por ficar por trás desses personagens. Você é o gorro do Wampa para a nossa Lily. Os saltos altos para a nossa Rose. E o sol para a nossa Daisy. Sem vocês, essa série não seria o que é agora.

Tenha esperança. Mantenha-se forte. Nos vemos de novo, mesmo que isso seja um adeus da Lily & Lo.

Como Lily diria, *obrigadaobrigadaobrigada*.